

LEV GROSSMAN

O Rei Mago



“A sequência do visceral *Os Magos*...
Grossman expande seu mundo mágico
num universo sem fronteiras...”

The New Yorker



Amarilys

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

LEV GROSSMAN

O Rei Mago



"A sequência do visceral *Os Magos...*
Grossman expande seu mundo mágico
num universo sem fronteiras..."

The New Yorker


Amarilys

LEV GROSSMAN
O REI MAGO

Tradução de Otávio Albuquerque



Título original em inglês: *The Magician King*.
Copyright © 2011 by Lev Grossman.

Amarilys é um selo editorial Manole.

Este livro contempla as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil.

Capa

Marianne Lépine

Conversão para ePub

Papyrus Consulting

ISBN 978-85-204-3485-7

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, por qualquer processo, sem a permissão expressa dos editores. É proibida a reprodução por xerox.

A Editora Manole é filiada à ABDR – Associação Brasileira de Direitos Reprográficos.

1ª edição brasileira – 2012

Editora Manole Ltda.

Av. Ceci, 672 – Tamboré

06460-120 – Barueri – SP – Brasil

Tel. (11) 4196-6000 – Fax (11) 4196-6021

www.manole.com.br | www.amarilyseditora.com.br

info@amarilyseditora.com.br

PARA SOPHIE.

Partiremos agora em busca daquilo que nunca vamos encontrar.
— Sir Thomas Malory, *Le morte d'Arthur*

SUMÁRIO

Capa
Folha de rosto
Copyright
Dedicatória
Epígrafe

LIVRO I

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8

LIVRO II

Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

LIVRO III

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

LIVRO IV

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Sobre o autor

LIVRO I

CAPÍTULO 1

Quentin estava montado em uma égua cinza de patas brancas, chamada Intrépida. Ele usava botas de couro até os joelhos, meias de cores diferentes e um longo manto azul-marinho lindamente enfeitado com pequenas pérolas e fios de prata. Em sua cabeça, trazia uma coroa de platina. Uma espada reluzente pendurada em sua cintura batia contra sua perna – não era uma arma cerimonial, mas sim uma arma de verdade, uma arma que realmente seria útil em uma batalha. Eram dez da manhã de um dia quente e nublado no final de agosto. Ele era tudo o que um rei de Fillory deveria ser. Ele estava caçando um coelho mágico.

Ao lado do rei Quentin, vinha uma rainha: a rainha Julia. Mais adiante, estavam outra rainha e outro rei, Janet e Eliot – a terra de Fillory tinha quatro regentes ao todo. Eles estavam cavalgando entre árvores altas, ao longo de uma trilha coberta de folhas amarelas espalhadas em montinhos perfeitos que pareciam ter sido colocados ali por um florista. Avançavam em silêncio, devagar, juntos, mas perdidos em seus próprios pensamentos, enquanto olhavam para as profundezas verdes da floresta no final do verão.

O silêncio entre eles era tranquilo. Tudo era tranquilo. Nada era difícil. O sonho havia se tornado realidade.

— Parem! — disse Eliot, na frente.

Eles pararam. Menos a égua de Quentin – Intrépida desviou dos outros e saiu um pouco da trilha antes que ele conseguisse convencê-la de uma vez

por todas a parar por um minuto que fosse. Mesmo depois de dois anos como rei de Fillory, ele ainda era uma merda como cavaleiro.

— O que foi? — disse Quentin.

Eles ficaram mais um minuto sem sair do lugar. Não havia pressa. Intrépida bufou uma vez, quebrando o silêncio: aquele sublime desdém equino por seja lá qual empreitada humana eles imaginassem estar encampando.

— Achei que tinha visto alguma coisa.

— Estou começando a me perguntar se é mesmo possível seguir os rastros de um coelho — disse Quentin.

— É uma lebre — disse Eliot.

— Dá na mesma.

— Na verdade, não. Lebres são maiores. E não vivem em tocas, fazem ninhos a céu aberto.

— Não comece — disseram Julia e Janet juntas.

— A minha questão, na verdade, é a seguinte... — disse Quentin. — Se esse tal coelho pode mesmo prever o futuro, já não vai saber que estamos atrás dele?

— Ele pode prever o futuro — murmurou Julia, ao lado de Quentin. — Mas não pode alterá-lo. Vocês três discutiam tanto assim quando estavam em Brakebills?

Ela estava usando um vestido de montaria preto sepulcral e um capuz da mesma cor. Ela só andava de preto, como se estivesse de luto, ainda que Quentin não conseguisse imaginar por quem. Casualmente, como quem chama um garçom, Julia fez com que um passarinho pousasse em seu pulso e o levou até a orelha. Ele saltitou e trilou alguma coisa, ela concordou com a cabeça e a avezinha então foi embora voando.

Ninguém percebeu, exceto Quentin. Julia vivia trocando pequenas mensagens secretas com os animais falantes. Era como se ela tivesse acesso a uma rede sem fio indisponível a todos os outros.

— Você devia ter deixado a gente trazer Jollyby — disse Janet. Ela bocejou, pondo as costas da mão em frente à boca. Jollyby era o Mestre de Caça oficial do Castelo de Whitespire, onde todos eles viviam. Ele costumava supervisionar esse tipo de expedição.

— Jollyby é bom no que faz — disse Quentin. — Mas nem ele conseguiria seguir os rastros de uma lebre na floresta. Sem cães. Sem neve

no chão.

— Sim, mas ele tem as panturrilhas tão bem definidas. Gosto de ficar olhando pra elas. Ele usa aquelas malhas justinhas...

— Eu uso essas malhas justas — disse Quentin, como se estivesse ofendido. Eliot bufou.

— Acho que ele deve estar por aqui em algum lugar — disse Eliot, ainda olhando para as árvores. — A uma distância segura de nós e tudo mais. É impossível deixar aquele homem longe de uma caçada real.

— Cuidado com o que você caça, pois pode acabar encontrando — disse Julia.

Janet e Eliot se entreolharam: mais um obscuro provérbio de Julia. Mas Quentin franziu a testa. As coisas que Julia dizia faziam sentido à sua própria maneira.

Quentin nem sempre tinha sido um rei, de Fillory ou de qualquer outro lugar. Nenhum deles tinha. Quentin havia crescido como uma pessoa comum não mágica e não nobre no Brooklyn, no que ele apesar de tudo ainda via como sendo o mundo real. Por muito tempo, ele viu Fillory como uma ficção, uma terra encantada que era apenas o cenário de uma série fantástica de livros infantis. Mas ele tinha aprendido sobre a magia em uma faculdade secreta chamada Brakebills, e ele e seus amigos acabaram descobrindo que Fillory era real.

Fillory não era o que eles esperavam. Essa terra era um lugar mais sombrio e perigoso na realidade do que nos livros. Coisas ruins aconteceram lá, coisas terríveis. Pessoas se machucaram e morreram, ou tiveram destinos até piores. Quentin voltou para a Terra em angústia e desespero. Seu cabelo ficou branco.

No entanto, depois, ele e os outros se reergueram e voltaram a Fillory. Eles enfrentaram seus medos e suas perdas, assumiram os quatro tronos do Castelo de Whitespire e então se tornaram reis e rainhas. E foi maravilhoso. Às vezes, Quentin nem acreditava que ainda estava vivo depois de tudo aquilo, enquanto Alice, a garota que ele amava, havia morrido. Era difícil aceitar todas as coisas boas que ele tinha agora, sabendo que Alice nunca veria nada daquilo.

Mas ele precisava aceitar. Caso contrário, ela teria morrido em vão. Ele pegou seu arco e se ergueu sobre os estribos, olhando para os lados. Bolhas

de rigidez estalaram deliciosamente em seus joelhos. O silêncio era total, a não ser pelo sussurro das folhas que caíam, resvalando umas nas outras.

Um borrão marrom-acinzentado cruzou a trilha trinta metros mais à frente e depois sumiu em meio aos arbustos a toda velocidade. Com um movimento rápido e fluido aprendido à custa de muito treino, Quentin preparou a flecha e retesou o arco. Ele poderia estar usando uma flecha mágica, mas isso iria contra o espírito esportivo. Quentin mirou por um longo momento, esforçando-se para conter a força do arco tensionado, e então soltou a corda.

A flecha se fincou no solo argiloso até as penas do cabo, bem onde as ágeis patas da lebre estavam até cinco segundos atrás.

— Quase — disse Janet, inexpressiva.

Eles nunca iriam conseguir pegar aquele maldito bicho.

— Quer brincar comigo? — gritou Eliot. — Já!

Ele cravou as esporas em seu cavalo de guerra negro, que relinchou e se ergueu com toda obediência, batendo as patas pelo ar antes de sair da trilha, mergulhando floresta adentro atrás da lebre. O estardalhaço de seu galope entre as árvores se esvaiu quase que imediatamente. Os galhos sacudidos se aquietaram assim que ele passou, voltando a ficar inertes. Eliot era foda como cavaleiro.

Janet ficou olhando enquanto ele se afastava.

— Aiô, Silver... — disse ela. — Enfim, o que é que a gente está fazendo aqui?

Era uma pergunta válida. O objetivo na verdade nem era pegar a lebre. O objetivo era... qual era o objetivo mesmo? O que eles estavam procurando? No castelo, a vida dos quatro era um festim de prazeres. Eles tinham um exército de servos trabalhando para garantir que cada dia de suas vidas fosse absolutamente perfeito. Era como se eles fossem os únicos hóspedes de um hotel vinte estrelas do qual nunca precisariam ir embora. Eliot estava no paraíso. Aquilo era tudo o que ele adorava em Brakebills – o vinho, a comida, as cerimônias –, mas sem a parte chata. Eliot adorava ser rei.

Quentin também adorava, mas continuava inquieto. Ele estava procurando alguma outra coisa. Só não sabia o que era. No entanto, quando a Lebre Vidente foi avistada na grande região metropolitana de Whitespire, ele soube que iria querer tirar uma folga de todo aquele nada que fazia todos os dias. Ele queria tentar pegá-la.

A Lebre Vidente era uma das Criaturas Singulares de Fillory. Havia uma dúzia delas... a Criatura Errante, que já havia concedido três desejos a Quentin, era uma delas, assim como a Grande Ave da Paz, uma desengonçada ave terrestre parecida com um casuar que era capaz de encerrar uma batalha quando aparecia entre dois exércitos opostos. Havia apenas um espécime de cada uma delas, por isso o nome, e cada uma tinha um dom especial. O Monitor Oculto era um lagarto enorme que podia deixar você invisível durante um ano todo, se você assim quisesse.

As pessoas quase nunca as viam, muito menos as capturavam, então havia muitos boatos bobos sobre elas. Ninguém sabia de onde essas criaturas vinham, ou quais eram suas funções, se é que elas tinham alguma. Elas sempre haviam existido, eram elementos permanentes do cenário encantado filloriano. Ao que parecia, elas eram imortais. O dom da Lebre Vidente era prever o futuro de quem a capturasse, ou pelo menos era isso o que dizia a lenda. Ninguém a havia capturado durante séculos.

E não era como se o futuro fosse uma questão de grande urgência agora. Quentin já tinha uma boa ideia de o que esperar do futuro, e ele não seria muito distinto do presente. Sua vida era boa.

Eles haviam encontrado o rastro da lebre logo cedo, quando a manhã ainda estava ensolarada e as folhas, cobertas de orvalho, e seguiram caminho entoando em coro “Vamos caçar o toelho, caçar o toelho!” ao ritmo de *A cavalgada das Valquírias*, com suas melhores imitações de Hortelino Troca-Letras. Desde então, a lebre vinha escapando do grupo em ziguezague há quilômetros pela floresta, parando e avançando, andando em círculos e voltando, escondendo-se entre arbustos e depois cruzando como uma bala o caminho dos quatro de repente, várias e várias vezes.

— Acho que ele não irá voltar para cá — disse Julia.

Ela não estava falando muito ultimamente. E, por algum motivo, parecia ter desistido de usar contrações.

— Bom, se não temos como seguir os rastros da lebre, pelo menos podemos seguir os rastros de Eliot. — Janet guiou com gentileza seu animal para fora da trilha, embrenhando-se entre as árvores. Ela estava usando uma blusa decotada verde-floresta e perneiras masculinas. Esse seu gosto por se transvestir de vez em quando tinha sido o grande escândalo da corte na última temporada.

Julia não tinha um cavalo de fato, mas um enorme quadrúpede peludo que ela chamava de civeta, e que até se parecia mesmo com uma civeta comum, com um corpo longo de pelos marrons, vagamente felino, e um lânguido dorso curvado, só que do tamanho de um cavalo. Quentin desconfiava de que aquela criatura sabia falar – seus olhos reluziam com mais inteligência do que deviam, e ela sempre parecia acompanhar suas conversas com interesse demais.

Intrépida não queria acompanhar a civeta, que exalava um odor almiscarado não equino, mas obedeceu, ainda que com um trote contrariado de pernas rígidas.

— Ainda não vi nenhuma dríade — disse Janet. — Achei que veríamos dríades por aqui.

— Nem eu — disse Quentin. — Nunca mais vi nenhuma delas em Queenswood.

Era uma pena. Ele gostava das dríades, as misteriosas ninfas que ficavam à espreita no alto dos carvalhos. Era fácil perceber que você estava em um mundo fantástico de magia quando uma linda mulher com um vestidinho minúsculo de folhas pulava de repente de uma árvore.

— Achei que talvez elas pudessem nos ajudar com a lebre. Você não tem como chamar ou invocar uma delas, Julia?

— Não adiantaria em nada chamá-las. Elas não vão aparecer.

— Já estou com o saco cheio de ouvir essas dríades reclamando sobre a alocação de terras — disse Janet. — E, se não estão aqui, pra onde todas elas foram? Será que tem alguma floresta mais mágica, mais descolada, em algum lugar que elas decidiram ir assombrar?

— Elas não são fantasmas — disse Julia. — São espíritos.

Os cavalos cruzaram um rio, passando com cuidado sobre uma faixa de terra perfeita demais para ser natural. Uma antiga construção de alguma era ancestral indeterminável.

— Talvez a gente possa convencê-las a ficar — disse Janet. — Aprovando alguns incentivos. Ou só proibindo que cruzem a fronteira. Essa história de que as dríades sumiram de Queenswood é uma besteira.

— Boa sorte — disse Julia. — As dríades sabem lutar. Suas peles são brutas como madeira. E elas usam bastões.

— Nunca vi uma dríade numa briga — disse Quentin.

— Claro, porque ninguém é tolo o bastante para provocá-las.

Sabendo reconhecer uma boa deixa para sair por cima de uma discussão, a civeta escolheu esse momento para apressar o passo. Dois enormes carvalhos se curvaram, abrindo caminho para que Julia passasse. Em seguida, eles voltaram ao normal, forçando Janet e Quentin a contorná-los, pegando um caminho mais longo.

— Você ouviu isso? — disse Janet. — Ela agora acha que nasceu aqui! Já estou cheia dessa pose de “sou-mais-filloriana-do-que-vós”. Você viu ela falando com aquele passarinho idiota?

— Ah, deixa isso pra lá — disse Quentin. — Ela está bem.

No entanto, sendo sincero, Quentin tinha certeza de que a rainha Julia não estava nada bem.

Julia não tinha aprendido magia como eles, passando pelo método seguro e regrado de Brakebills. Ela e Quentin tinham estudado juntos no colégio, mas ela não havia conseguido entrar em Brakebills, e então acabou se tornando uma bruxa marginal: ela aprendeu tudo por conta própria, no mundo lá fora. O que ela conhecia não era a magia oficial, institucional. Ela tinha deixado de aprender muita teoria e suas técnicas eram tão desengonçadas e confusas que Quentin às vezes nem acreditava como aquilo podia funcionar.

Por outro lado, ela também sabia de coisas que Quentin e os outros não sabiam. Ela não tinha passado quatro anos com os professores de Brakebills em cima dela para evitar que saísse da linha. Havia conversado com pessoas com quem Quentin nunca falaria e mexido com coisas das quais seus professores nunca o deixariam nem chegar perto. A técnica de Julia tinha arestas afiadas e brutas que nunca haviam sido aparadas.

Tinha sido um tipo de educação diferente, e isso a tornava diferente. Ela falava de um jeito diferente. Brakebills havia lhes ensinado a encarar a magia com sagacidade e ironia, mas Julia levava esse assunto muito a sério. Ela tinha um estilo gótico, com seu vestido de noiva preto e delineador escuro nos olhos. Janet e Eliot achavam isso engraçado, mas Quentin gostava. Ele se sentia atraído por ela. Julia era estranha e sombria, enquanto Fillory havia dado uma leveza infernal a todos eles, inclusive a Quentin. Ele gostava de como ela deixava claro que não estava muito bem e não se importava que os outros percebessem.

Os habitantes de Fillory também gostavam disso. Julia tinha uma sintonia especial com eles, em especial com os mais exóticos, os espíritos,

elementais, gênios e entidades ainda mais estranhas e bizarras – criaturas marginais que existiam na nebulosa zona entre o reino biológico e o da pura magia. Ela era a rainha bruxa desses seres, e eles a veneravam.

No entanto, Julia havia pagado um preço por sua educação. Era difícil entender exatamente qual, mas isso havia deixado sua marca nela. Julia parecia não gostar mais, ou mesmo não precisar, de companhia humana. No meio de um jantar de gala, um baile real ou até mesmo de uma conversa qualquer, ela simplesmente perdia o interesse e ia embora. E isso vinha acontecendo cada vez mais e mais. Às vezes, Quentin ficava pensando em quão caro teria sido o preço daquela educação especial, e em como Julia teria pagado por ela, mas sempre que ele perguntava alguma coisa, ela desviava o assunto. Às vezes, ele até achava que poderia estar se apaixonando por ela. De novo.

Uma corneta ressoou ao longe – três lustrosas notas de prata esterlina, abafadas pelo pesado silêncio da floresta. Eliot estava tocando uma convocação, um chamado de caça.

Ele não era nenhum Jollyby, mas aquele tinha sido um chamado de caça impecável. Eliot não entendia muito sobre a preparação de leis, mas era meticuloso com toda a etiqueta real, o que incluía dominar o protocolo de caça filloriano com maestria (embora visse qualquer tipo de matança como algo de mau gosto e que em geral preferia evitar). Seu chamado foi bom o suficiente para despertar Intrépida. Ela estremeceu, eletrizada, esperando permissão para disparar. Quentin sorriu para Janet, e ela sorriu de volta. Ele gritou como um caubói, esporando sua égua, e eles avançaram.

Foi uma cavalgada absurdamente perigosa, como uma frenética perseguição a toda velocidade, mas com valas que se abriam no meio do caminho de repente e galhos baixos que despontavam do nada para arrancar sua cabeça (não literalmente, claro, mas era impossível saber do que algumas dessas árvores mais velhas e retorcidas eram capazes). Mas dane-se, era para isso que serviam os feitiços de regeneração. Intrépida era uma égua puro-sangue. Eles tinham passado a manhã toda avançando e parando em marcha lenta, e ela estava louca para correr de verdade.

Além disso, com que frequência ele tinha a oportunidade de pôr sua nobre figura em risco? Quando tinha sido a última vez que ele sequer havia usado um feitiço? Sua vida em Fillory não era lá muito cheia de perigos. Eles passavam o dia todo deitados em almofadas e toda noite comiam e bebiam até explodir. Ultimamente, sempre que se sentava, Quentin vinha

reparando em uma estranha interação entre sua barriga e a fivela de seu cinto. Ele devia ter ganhado quase sete quilos desde que assumiu o trono. Não era à toa que os reis pareciam tão gordos em seus retratos. Você começa como um belo Príncipe Valente e, quando menos percebe, já virou um Henrique VIII.

Janet desviou da trilha, guiada por mais algumas notas abafadas de trombeta. Os cascos dos cavalos açoitavam a argila batida no chão da floresta com deliciosas pancadas brutas. Todo o tédio da vida palaciana, toda a segurança e o inexorável conforto dessa vida esvaíram-se por um instante. Troncos, arbustos, valas e antigas muralhas de pedra passaram zunindo por eles como borrões. Eles entravam e saíam do calor do sol e do frio da sombra. A velocidade de seu galope parecia paralisar no ar as folhas amarelas que iam caindo. Quentin aproveitou o momento, e assim que chegaram a um campo aberto, virou com tudo à direita e, por um longo instante, todos eles ficaram lado a lado, avançando ensandecidos em paralelo, à caça da lebre.

Em seguida, Janet parou de repente. Quentin desacelerou Intrépida o mais rápido que pôde até um leve trote, e a fez dar meia-volta, toda ofegante. Ele torceu para que sua égua não tivesse estirado nenhum músculo com a parada abrupta, e ainda levou um tempinho para conseguir voltar até Janet.

Ela estava sentada imóvel e rígida em sua sela, estreitando os olhos sob a penumbra do meio-dia na floresta. Não havia mais sinal da trombeta.

— O que foi?

— Acho que vi alguma coisa — disse ela.

Quentin estreitou os olhos também. Havia alguma coisa ali. Formas.

— Aquele é Eliot?

— O que diabos eles estão fazendo? — disse Janet.

Quentin desceu de sua sela, pegou seu arco de novo e preparou outra flecha. Janet veio logo atrás, puxando os cavalos, enquanto ele seguia na frente. Ele podia ouvi-la preparando um pequeno feitiço defensivo, um encantamento leve de guarda e proteção, só para garantir. Ele podia sentir o zumbido de estática familiar que a magia emanava.

— Droga... — murmurou Quentin.

Ele soltou o arco e saiu correndo na direção deles. Julia estava de joelhos no chão, com a mão no peito, ofegante ou chorando, era difícil dizer. Eliot

estava arqueado, falando baixinho com Julia. Ele estava com sua jaqueta de brocados dourados caída para fora do ombro.

— Está tudo bem — disse ele, vendo o rosto pálido de Quentin. — Aquela maldita civeta a derrubou e saiu correndo. Tentei segurar aquele bicho, mas não consegui. Ela está bem, só perdeu o fôlego com o tombo.

— Está tudo bem. — Aquela frase de novo. Quentin passava a mão nas costas de Julia, enquanto ela arquejava com dificuldade. — Está tudo bem. Eu sempre disse que você devia ter um cavalo normal. Nunca gostei daquele bicho.

— Ela nunca gostou de você também — conseguiu dizer ela.

— Olhem lá — Eliot apontou para a frente em meio à penumbra. — Foi aquilo o que a fez sair correndo. A lebre entrou ali.

Alguns metros adiante, uma clareira arredondada se abria, um plácido gramado escondido no coração da floresta. As árvores cresciam exatamente até sua borda e então sumiam, como se alguém as tivesse cortado de propósito, delimitando aquela área com precisão. Ela parecia ter sido traçada com um compasso. Quentin foi até lá. Uma grama verde-esmeralda reluzente crescia viçosa ali sobre o solo escuro e lamacento. No centro da clareira, havia um enorme carvalho solitário com um relógio grande e redondo incrustado no tronco.

As árvores-relógio eram o legado da Relojoeira, a lendária – mas nem um pouco fictícia – bruxa filloriana que viajava no tempo. Elas eram uma extravagância mágica, benignas pelo que se sabia, e até bonitas de um jeito meio surreal. Não havia por que se livrar delas, se é que isso era possível. Elas pelo menos marcavam a hora com uma precisão impecável.

No entanto, Quentin nunca tinha visto uma como aquela. Ele só conseguiu avistar sua copa curvando a cabeça para trás. Aquela árvore devia ter uns trinta metros de altura e era absurdamente grossa, com mais de dez metros de diâmetro na base. Seu relógio era estupendo. Sua face de vidro era maior até do que Quentin. O tronco brotava em meio à grama verdejante e se erguia entre um emaranhado de galhos retorcidos, como um *kraken* esculpido em madeira.

E ela estava se mexendo. Seus galhos escuros quase sem folhas se contorciam e se debatiam contra o céu cinzento. A árvore parecia estar no meio de uma violenta tempestade, mas Quentin não sentia nem escutava qualquer sinal de vento. O dia a seu redor, que ele podia sentir com seus

cinco sentidos, estava tranquilo. Aquela era uma tempestade invisível, intangível, uma tormenta secreta. Tomada por essa agonia, a árvore havia estrangulado seu relógio, apertando-o com tanta força que a madeira tinha amassado o aro, estourando o vidro. As engrenagens internas de latão escorriam da face destruída do relógio, espalhando-se sobre a grama.

— Meu Deus... — disse Quentin. — Que monstro.

— É o Big Ben das árvores-relógio — disse Janet atrás dele.

— Nunca vi nada assim — disse Eliot. — Será que essa foi a primeira que ela fez?

Seja lá o que fosse aquilo, era uma maravilha filloriana, um espetáculo verdadeiro, selvagem, grandioso e estranho. Fazia muito tempo que ele não encontrava nada assim, ou talvez apenas muito tempo desde que tinha reparado nesse tipo de coisa. Quentin sentiu um arrepio de uma coisa que não experimentava desde que esteve na Tumba de Ember: medo, misturado com algo a mais. Espanto. Eles estavam encarando o mistério frente a frente. Essa era a matéria bruta, a essência de Fillory, uma magia muito, muito antiga que habitava aquele lugar.

Eles pararam juntos na borda do gramado. O ponteiro dos minutos despontava em um ângulo reto do tronco como um dedo quebrado. A um metro da base, uma arvorezinha estava crescendo no lugar onde as engrenagens tinham caído, como se fossem sementes, balançando de um lado para o outro sob aquela ventania etérea. Um relógio de bolso prateado fazia seu tique-taque entre um nó em seu tronco fino. Um típico toque de fofura filloriana.

Isso ia ser interessante.

— Eu vou primeiro.

Quentin deu um passo à frente, mas Eliot pôs a mão em seu braço.

— Eu não faria isso.

— Bom, eu faria. Por que não?

— Porque as árvores-relógio não se mexem assim. E nunca vi uma com o relógio quebrado antes. Eu nem sabia que isso era *possível*. Este lugar não é natural. A lebre deve ter nos trazido até aqui.

— Sim, eu sei! É perfeito!

Julia balançou a cabeça. Ela estava pálida e com uma folha morta presa no cabelo, mas já de pé.

— Vejam como essa clareira é regular — disse ela. — É um círculo perfeito. Ou pelo menos uma elipse. Há um poderoso feitiço de área irradiando a partir do centro. Ou do foco — completou ela baixinho —, no caso de uma elipse.

— Não dá pra saber o que pode acontecer se alguém entrar aí — disse Eliot.

— É claro que não dá. É justamente por isso que vou entrar.

Era disso mesmo que ele precisava. Esse era o grande objetivo – a coisa pela qual ele vinha esperando sem nem saber o que era. Deus, já fazia tanto tempo. Isso era uma aventura. Ele nem entendia por que os outros estavam hesitando. Atrás dele, Intrépida relinchou em meio ao silêncio.

Não era uma questão de coragem. Era como se eles já tivessem se esquecido de quem eram, onde estavam e por quê. Quentin pegou seu arco do chão e sacou outra flecha de sua aljava. Só para testar, ele se preparou, retesou o arco e disparou contra o tronco da árvore. Antes de atingir o alvo, a flecha desacelerou como se estivesse na água e não no ar. Eles ficaram vendo-a flutuar, curvando-se um pouco para trás, em câmera lenta, até que por fim perdeu o impulso por completo e parou, a um metro e meio do chão.

Em seguida, a flecha explodiu sem fazer nenhum barulho, soltando faíscas brancas.

— Nossa! — riu Quentin. Ele estava adorando aquilo. — Este lugar é mágico *pra caramba!*

Ele se virou para os outros.

— O que vocês acham? Acho que isso pode render uma boa aventura. Vocês se lembram do que é uma aventura? Igual nos livros, sabe?

— Claro, e você, se lembra? — disse Janet. Na verdade, ela parecia estar irritada. — Lembra do que aconteceu com Penny? Já faz um tempo que ele não aparece, não é? Não quero passar o resto do meu reinado dando comida na sua boca.

Ela poderia ter dito o mesmo sobre Alice. Ele se lembrava de Alice. Ela tinha morrido, mas eles ainda estavam vivos, e não era isso o que fazia a vida valer a pena? Quentin explodia de empolgação. Seus dedos suavam e formigavam dentro das botas, a quinze centímetros da borda perfeita daquele prado encantado.

Ele sabia que seus amigos tinham razão, aquele lugar praticamente fedia a encantos bizarros. Era uma armadilha, uma rede estendida no chão só esperando para agarrá-lo e capturá-lo. E era isso o que ele queria. Ele queria enfiar o dedo ali só para ver o que aconteceria. Alguma história, alguma jornada começava aqui, e ele queria embarcar nela. Tudo aquilo tinha um quê de novidade e perigo, diferente daquele aconchegante marasmo sem fim da vida palaciana. O plástico-bolha do pacote já havia sido arrancado. Era hora de abri-lo.

— Vocês não vão vir mesmo? — perguntou ele.

Julia apenas ficou olhando. Eliot balançou a cabeça.

— Prefiro ir devagar. Mas posso tentar te dar cobertura daqui.

Com habilidade, Eliot começou a preparar um pequeno feitiço de revelação usado para expor ameaças mágicas mais óbvias. A magia soltava estalos e faíscas em volta de suas mãos enquanto ele operava. Quentin sacou sua espada. Os outros tiravam sarro dele por carregá-la por aí, mas ele gostava de sentir seu peso nas mãos. Ela o fazia se sentir como um herói. Ou pelo menos se parecer com um.

Julia não via graça nisso. Se bem que ela já não ria de quase nada. De qualquer modo, se ele precisasse usar alguma magia, era só jogar a espada no chão.

— O que você vai fazer? — perguntou Janet, com as mãos na cintura. — Sério, o quê? Você vai subir nela?

— Quando chegar a hora, vou saber o que fazer — disse ele, encolhendo os ombros.

— Não estou gostando disso, Quentin — disse Julia. — Esse lugar. Essa árvore. Embarcar nessa aventura causará uma grande mudança em nossas vidas.

— Talvez alguma novidade venha mesmo a calhar.

— Fale só por você — disse Janet.

Eliot terminou de preparar o feitiço e formou um quadrado com seus polegares e indicadores. Ele fechou um olho e espiou com o outro através do quadrado, analisando a clareira de lado a lado.

— Não estou vendo *nada*...

Um lastimoso badalar irrompeu dos galhos lá no alto. Perto da copa, dois enormes sinos de bronze haviam brotado da árvore. Por que não? Onze batidas: ela ainda marcava as horas, pelo visto, apesar do relógio quebrado.

Em seguida, o silêncio voltou a reinar, como a água que volta a se acalmar após ser agitada.

Todos ficaram observando Quentin. Os galhos da árvore-relógio rangiam sob o vento invisível. Ele ficou imóvel. Pensou no aviso de Julia: uma grande mudança em nossas vidas. A verdade é que eles não tinham do que reclamar da vida agora. Ele simplesmente vivia em um castelo, cheio de pátios tranquilos e torres elegantes, inundado pela luz dourada do sol filloriano, como mel quente. De repente, ele percebeu que não sabia mais por que estava colocando tudo aquilo em risco. Ele poderia morrer ali. Como Alice tinha morrido.

E ele era um rei agora. Será que ele sequer tinha o direito de sair galopando atrás de qualquer coelhinho mágico que abanasse o rabo para ele? Essa não era mais sua função. Ele se sentiu egoísta de repente. A árvore-relógio estava bem à sua frente, balançando e se debatendo, cheia de energia e com a promessa de uma aventura. No entanto, sua empolgação estava diminuindo, contaminada pela dúvida. Talvez eles tivessem razão, seu lugar era no castelo. Talvez não fosse mesmo uma boa ideia.

O desejo de entrar no gramado começou a se esvaír, como o efeito de uma droga, deixando-o sóbrio de repente. Quem ele estava tentando enganar? Virar rei não era o início de nenhuma história, e sim o final. Ele não precisava de nenhum coelho mágico para prever seu futuro, ele já sabia como seu futuro seria porque já vivia nele. Era essa a parte do “e eles viveram felizes para sempre”. A hora de fechar o livro, guardar na estante e ir embora.

Quentin deu um passo para trás e guardou sua espada na bainha com um gesto fluido. Essa foi a primeira coisa que seu professor de esgrima havia lhe ensinado: duas semanas só treinando embainhar e desembainhar a espada antes de ensaiar golpes contra o ar. Ele agora agradeceu por isso. Nada deixava você com mais cara de babaca do que ficar tentando achar o buraco da bainha com a ponta da espada.

Ele sentiu a mão de alguém em seu ombro. Julia.

— Está tudo bem, Quentin — disse ela. — Essa aventura não é sua. Não a persiga mais.

Ele sentiu vontade de inclinar a cabeça de lado e esfregar a bochecha na mão dela feito um gato.

— Eu sei — disse Quentin. Ele tinha desistido. — Eu entendi.

— Você não vai mais mesmo? — Janet parecia estar quase decepcionada. Ela provavelmente também queria vê-lo explodir em uma nuvem de faíscas.

— Não vou, não.

Eles tinham razão. Outra pessoa que bancasse o herói. Ele já havia chegado a seu final feliz. Ele agora já nem sabia mais o que estava procurando ali. De qualquer jeito, não era nada que valesse a pena arriscar a própria vida.

— Vamos embora, já é quase hora do almoço — disse Eliot. — Podemos comer em alguma pradaria menos perigosa.

— Claro — disse Quentin. — Boa ideia.

Eles tinham trazido champanhe magicamente gelado em um dos cestos, ou pelo menos algo parecido com champanhe — eles ainda estavam trabalhando para chegar a um equivalente filloriano ideal. E esses cestos, com alças especiais de couro para carregar garrafas e taças, eram o tipo de coisa que ele se lembrava de ver em catálogos de quinquilharias caras e inúteis que ele nunca conseguiria comprar no mundo real. Mas veja só agora! Ele tinha todos os cestos que quisesse. E aquilo não era champanhe, mas era borbulhante e deixava bêbado. Quentin iria agora relaxar e encher a cara no almoço.

Eliot montou de volta em seu cavalo e ajudou Julia a subir na garupa. A civeta parecia ter sumido de vez. Julia ainda estava com uma mancha enorme de terra escura e úmida no traseiro por causa do tombo. Quentin já estava com um pé no estribo de Intrépida quando eles ouviram um grito.

— Olá! — Todos se viraram para olhar.

“Olá!” era o que os fillorianos diziam em vez de “oi”.

O filloriano dizendo isso era um homem robusto e bronzeado de trinta e poucos anos. Ele vinha na direção deles, atravessando a clareira circular, praticamente irradiando exuberância. Apertou a passada ao vê-los, ignorando por completo os galhos da imensa árvore-relógio que se debatiam com violência sobre sua cabeça; ele não estava nem aí. Era só mais uma bizarrice daquela floresta mágica. Ele tinha uma longa cabeleira loira, peito largo e havia deixado crescer uma barba loira comprida para cobrir seu queixo arredondado e um tanto retraído.

Era Jollyby, o Mestre de Caça. Ele vestia uma malha listrada roxa e amarela. Suas pernas eram realmente impressionantes, ainda mais levando em conta que ele vinha de um mundo onde não existiam academias,

aparelhos milagrosos de ginástica passiva, nem nada do tipo. Eliot tinha razão, ele devia estar os seguindo esse tempo todo.

— Olá! — respondeu Janet, toda feliz. — Agora virou uma festa — disse ela para os outros baixa e discretamente.

Em uma de suas enormes mãos, coberta por luva de couro, Jollyby trazia pelas orelhas uma grande lebre que não parava de se debater.

— Filho da mãe — disse Intrépida. — Ele a pegou.

Intrépida era uma égua falante. Ela só não falava muito.

— Pode crer — disse Quentin.

— Dei sorte! — exclamou Jollyby quando já estava mais perto. — Ela estava sentada em uma pedra, feliz da vida, a nem cem metros daqui. Aproveitei que ela estava distraída olhando para vocês e a encurralei. Consegui pegá-la só com as mãos mesmo. Dá para acreditar?

Quentin acreditava, sim. No entanto, ele ainda achava que isso não fazia sentido. Como você pega de surpresa um animal que pode prever o futuro? Talvez ela só pudesse ver o futuro das outras pessoas e não o seu próprio. Os olhos da lebre estavam se revirando loucamente.

— Pobrezinha — disse Eliot. — Olhem só como ela está pê da vida.

— Poxa, Jolly — disse Janet. Ela cruzou os braços, fingindo estar irritada. — Você devia ter deixado que a gente a pegasse! Agora ela só vai prever o *seu* futuro.

Ela não parecia estar nem um pouco chateada com isso, mas Jollyby – um incrível caçador da mais alta categoria, porém não muito sagaz – ficou acanhado e franziu a testa.

— E se a gente passar a lebre de mão em mão? — disse Quentin. — Talvez ela possa prever nosso futuro, um de cada vez.

— Ela não é um baseado, Quentin — disse Janet.

— Não — disse Julia. — Não perguntem nada a ela.

No entanto, Jollyby estava gostando de se ver no centro das atenções reais.

— Isso é verdade, seu animal inútil? — perguntou ele. Em seguida, inverteu a pegada nas orelhas da Lebre Vidente e a ergueu para ficar cara a cara com ela.

A lebre tinha desistido de se debater e agora estava mole, com seus olhos vidrados, cheios de pânico. Era uma criatura impressionante, com quase noventa centímetros desde o seu focinho inquieto até o rabo, e uma bela

pelagem marrom-acinzentada, da cor de grama seca no inverno. Ela não era nada fofinha. Não era uma lebre doméstica, um coelho que um mágico tiraria da cartola, mas sim um animal selvagem.

— O que você prevê então? — Jollyby a sacudiu, como se tudo aquilo tivesse sido ideia dela e, portanto, sua culpa também. — O que você prevê?

Os olhos da Lebre Vidente se focaram. Ela olhou diretamente para Quentin. Ela arreganhou seus enormes dentes incisivos alaranjados.

— Morte — rosnou ela.

Todos ficaram sem reação por um segundo. Aquilo tinha parecido mais inadequado do que assustador, como se alguém tivesse contado uma piada suja em uma festinha de criança.

Em seguida, Jollyby franziu a testa e lambeu os lábios, e Quentin viu sangue em seus dentes. Ele tossiu uma vez, ainda hesitante, como se estivesse apenas experimentando alguma coisa, e então sua cabeça tombou para a frente. A lebre caiu de seus dedos flácidos e disparou pela grama como um foguete.

O corpo de Jollyby desabou contra o gramado.

— Morte e destruição! — berrou a lebre enquanto corria, caso já não tivesse sido suficientemente clara. — Decepção e desespero!

CAPÍTULO 2

Havia uma sala especial no Castelo de Whitespire onde os reis e as rainhas se reuniam. Essa era outra peculiaridade que a nobreza garantia: tudo o que você tinha havia sido feito especialmente para você.

A sala era maravilhosa. Era quadrada e ficava no alto de uma torre quadrada, com quatro janelas, uma voltada para cada lado. A torre girava, muito lentamente, como algumas outras torres do castelo, que ficava sobre uma complexa fundação composta pelas enormes engrenagens de latão de um relógio projetado com maestria pelos anões, que eram grandes gênios desse ramo. A torre demorava um dia para completar cada rotação. O movimento era quase imperceptível.

No centro da sala, ficava uma mesa quadrada especial com quatro cadeiras: eram tronos, ou algo muito próximo, porém feitos por alguém capaz da façanha – muito rara, como Quentin poderia atestar – de fabricar cadeiras parecidas com tronos que também fossem razoavelmente confortáveis de se sentar. A mesa era pintada com um mapa de Fillory, selado sob várias camadas de verniz, e em cada uma das quatro cadeiras, entalhados na madeira, via-se os nomes dos governantes que se sentavam nelas, junto com certos itens específicos de cada nobre. Quentin tinha uma imagem do Cervo Branco, outra do desaparecido Martin Chatwin e de um baralho. A cadeira de Eliot era toda rebuscada, digna de um Grande Rei. A mesa podia ser quadrada, mas não era difícil perceber quem se sentava na ponta.

Hoje, no entanto, as cadeiras não pareciam tão confortáveis. A cena da morte de Jollyby ainda estava muito clara e presente na cabeça de Quentin; na verdade, ela não parava de se repetir várias e várias vezes em sua mente, com reprises a cada trinta segundos aproximadamente. Enquanto Jollyby tombava, Quentin deu um mergulho e o pegou para deitá-lo com cuidado sobre o chão. Ele ficou tateando em desespero o enorme peito de Jollyby, como se sua vida pudesse estar escondida em alguma parte de seu corpo, dentro de algum bolso secreto, e ser devolvida a ele caso Quentin a encontrasse. Janet gritou: um grito cortante e alucinado digno de um filme de terror que durou quinze segundos inteiros, até Eliot pegá-la pelos ombros e virá-la de costas para o cadáver.

Ao mesmo tempo, a clareira foi preenchida por uma luz verde fantasmagórica – um feitiço sombrio e obscuro de Julia do qual Quentin não sabia nenhum detalhe, ou qualquer outra coisa para falar a verdade, usado para revelar qualquer ente maligno que pudesse estar presente. O encanto deixou os olhos de Julia totalmente negros, sem suas íris ou qualquer parte branca. Ela foi a única que pensou em partir para o ataque. No entanto, não havia ninguém para ser atacado.

— Tudo bem — disse Eliot. — Vamos conversar. O que vocês acham que aconteceu hoje?

Eles se entreolharam, ainda tensos e chocados. Quentin queria fazer ou dizer alguma coisa, mas não sabia o quê.

A verdade era que ele não conhecia Jollyby tão bem assim.

— Ele parecia estar tão orgulhoso — disse ele por fim. — Ele estava se achando um herói.

— Só pode ter sido o coelho — disse Janet, com os olhos vermelhos de tanto chorar. Ela engoliu seco. — Não é? Ou lebre, sei lá. Foi ela quem o matou. O que mais poderia ter sido?

— Não temos como concluir isso. A lebre previu a morte de Jollyby, mas talvez não a tenha causado. *Post hoc ergo propter hoc*. É uma falácia lógica. — Se tivesse esperado ao menos mais um segundo, ele teria percebido que Janet não estava nem um pouco interessada no nome em latim do engano que talvez estivesse cometendo. — Desculpa... foi só minha síndrome de Asperger dando as caras de novo.

— Então foi só uma coincidência? — esbravejou ela. — Ele ter morrido assim, logo depois daquele bicho falar sobre morte? Talvez a gente tenha

entendido errado. Talvez a lebre não preveja, e sim controle o futuro.

— Talvez ela não goste de ser capturada — disse Julia.

— Acho meio difícil acreditar que a história do universo esteja sendo escrita por um coelho falante — disse Eliot. — Por mais que isso pudesse explicar muita coisa...

Eram cinco da tarde, o horário no qual eles sempre se reuniam. Durante os primeiros meses após a chegada dos quatro ao Castelo de Whitespire, Eliot deixou os outros à vontade, na esperança de que eles encontrariam naturalmente seus caminhos como governantes e assumiriam o comando daquilo que melhor se adequasse aos seus diversos talentos. Mas o resultado disso foi o mais puro caos. Ninguém fazia nada, e o pouco que se fazia era feito e refeito por duas pessoas diferentes de duas formas distintas. Eliot então instituiu uma reunião diária na qual os quatro juntos deveriam resolver seja lá quais fossem os assuntos mais importantes do reino. Essa reunião das cinco horas era tradicionalmente acompanhada pelo que devia ser a mais gloriosa e completa coleção de uísques já vista em qualquer um dos provavelmente infinitos mundos do multiverso.

— Eu avisei à família que nós cuidaríamos do funeral — disse Quentin.

— Ele só tinha os pais mesmo. Jollyby era filho único.

— Preciso dizer uma coisa — disse Eliot. — Foi ele quem me ensinou a tocar trombeta.

— Vocês sabiam que ele era um homem-leão? — disse Janet com um sorriso triste. — Sério. Tinha a ver com o calendário solar... ele só se transformava em leão nos equinócios e solstícios. Ele dizia que isso o ajudava a entender os animais. Ele era *todo* peludo.

— Por favor — disse Eliot. — Nem quero saber como você descobriu isso.

— Mas era útil pra muitas coisas.

— Eu tenho uma teoria — interrompeu Quentin. — Talvez tenham sido os Fenwicks. Eles estão putos com a gente desde que chegamos aqui.

Os Fenwicks eram a mais antiga das várias famílias que geriam o reino quando o quarteto de Brakebills voltou para Fillory. Eles não gostaram nada de serem expulsos do Castelo de Whitespire, mas como não tinham capital político para fazer muita coisa, se contentaram em apenas atormentar a vida da corte.

— Acho que um assassinato seria algo ousado demais pros Fenwicks — disse Eliot. — Eles não são grande coisa.

— E por que eles matariam Jollyby? — disse Janet. — Todo o mundo o adorava!

— Talvez eles estivessem atrás de um de nós, e não dele — disse Quentin. — Talvez fosse pra um de nós ter capturado a lebre. Sabiam que eles já estão tentando espalhar que fomos nós que matamos Jollyby?

— Mas como eles teriam feito isso? — perguntou Eliot. — Você está querendo dizer que eles contrataram um coelho assassino?

— Eles não teriam como coagir a Lebre Vidente — disse Julia. — As Criaturas Singulares não se envolvem nos assuntos dos homens.

— Talvez aquela nem fosse a Lebre Vidente, talvez fosse só uma pessoa em forma de lebre. Um lebresomem. Bom, sei lá!

Quentin esfregou as têmporas. Eles bem que poderiam ter ido caçar aquele lagarto idiota em vez dessa lebre. Ele estava bravo consigo mesmo por ter se esquecido de como Fillory era. Ele tinha se deixado enganar, achando que tudo havia se resolvido quando Alice matou Martin Chatwin, e que não haveria mais morte, desespero, desilusão e seja lá o que mais aquela lebre tinha dito. Mas havia sempre mais, sim. Não era como nos livros. Havia sempre mais. *Et in Arcadia ego.*

E mesmo sabendo que era uma loucura, com uma soberba infantil, ele não conseguia evitar a vaga sensação de que havia sido o culpado pela morte de Jollyby e que nada daquilo teria acontecido se ele não tivesse se deixado levar por aquela aventura. Ou será que ele apenas não se deixou levar o bastante? Quais eram as regras? Talvez ele devesse ter entrado, sim, naquela clareira. Talvez aquela morte estivesse destinada a ele, não a Jollyby. Ele devia ter entrado naquela pradaria para ser morto, mas como ficou parado, Jollyby acabou morrendo em seu lugar.

— Talvez não exista nenhuma explicação — disse ele, erguendo a voz. — Talvez seja só um mistério. Só mais uma bizarrice no circo de horrores fantástico de Fillory. Acho que aquilo não teve sentido nenhum, foi só uma coisa que aconteceu. Nada que dê pra explicar.

Eliot não ficou satisfeito com isso. Ele ainda era Eliot, o jovem *blasé* de Brakebills, mas ter se tornado um Grande Rei havia exposto uma faceta aterrorantemente rigorosa de sua personalidade.

— Não podemos ter mortes sem explicação no nosso reino — disse ele. — Não é aceitável. — Ele limpou a garganta. — O que vai acontecer é o seguinte: vou meter uma pressão digna da fúria de Ember nos Fenwicks só pra garantir. Não vai ser difícil. Eles são só um bando de dândis viadinhos. E digo isso como um dândi viadinho também.

— E se não der certo? — perguntou Janet.

— Se não der certo, Janet, você vai ter que falar com os lorianos. — Esses eram os vizinhos do norte de Fillory. Janet era a encarregada das relações exteriores. Quentin a chamava de “Fillory Clinton”. — Eles sempre estão por trás de tudo que acontece de ruim nos livros. Talvez eles estejam tentando atacar nossa liderança. Pseudovikings babacas. E agora, pelo amor de Deus, vamos mudar de assunto.

No entanto, eles não tinham mais o que discutir, então caíram em silêncio. Ninguém estava muito contente com o plano de Eliot, muito menos ele próprio, mas eles não tinham nenhuma ideia melhor, ou mesmo pior. Seis horas após o incidente, os olhos de Julia ainda estavam escuros por causa do feitiço que ela tinha usado na floresta. O efeito era desconcertante; ela estava sem pupilas. Eliot ficou se perguntando se ela poderia estar vendo alguma coisa que eles não enxergavam.

Ele folheou suas anotações, procurando outras pautas de trabalho, mas trabalho era algo que estava em falta naqueles dias.

— Está na hora — disse Julia. — Temos que ir até a janela.

Todos os dias, após a reunião da tarde, eles saíam na sacada e acenavam para seus súditos.

— Droga — resmungou Eliot. — Tudo bem.

— Talvez seja melhor não fazer isso hoje — disse Janet. — Não me parece certo.

Quentin concordava com ela. A ideia de sair naquela varanda estreita, com sorrisos estáticos nos rostos, e acenar com reverência para os fillorianos reunidos à espera do ritual diário parecia um tanto estranha. Ainda.

— Nós nem deveríamos fazer isso mesmo — disse ele. — Ainda mais hoje.

— Estamos aceitando parabéns por nada aqui.

— Estamos garantindo a ordem ao nosso povo em tempos de tragédia.

Eles se enfileiraram na sacada estreita. No pátio do castelo, a uma vertiginosa distância do alto da torre, estavam reunidas algumas centenas de fillorianos. Daquela altura, eles nem pareciam ser de verdade, e sim bonecos. Quentin acenou.

— Queria poder fazer algo a mais por eles — disse ele.

— O que você quer fazer? — disse Eliot. — Somos reis e rainhas de uma utopia mágica.

Gritos abafados de euforia chegaram a eles lá de baixo. O alarido parecia fraco e distante – com a qualidade de som de um cartão musical.

— Não sei, algumas reformas progressistas? Quero ajudar alguém com alguma coisa. Se eu fosse um filloriano, tentaria me derrubar por ser um parasita aristocrático.

Quando Quentin e os outros assumiram os tronos, eles não sabiam muito bem o que esperar. Os detalhes sobre o que esse cargo envolvia eram vagos – Quentin imaginou que eles teriam alguns deveres cerimoniais, e provavelmente um papel de liderança na formulação de políticas, e um pouco de responsabilidade pelo bem-estar da nação que governavam. No entanto, a grande verdade era que eles não tinham muito trabalho concreto para fazer.

O estranho era que Quentin sentia falta disso. Ele imaginava que Fillory seria meio como a Inglaterra medieval, porque o lugar se parecia com a Inglaterra medieval, ao menos à primeira vista. Ele pensou em usar o que sabia sobre a história da Europa, até onde se lembrava, como uma espécie de cola. Ele seguiria a cartilha humanitária e esclarecida padrão, nada muito ousado, só os maiores sucessos, e entraria para os anais como um grande homem.

No entanto, Fillory não era a Inglaterra. Primeiro porque sua população era minúscula – não devia haver mais de dez mil seres humanos no país todo, e aproximadamente esse mesmo tanto de animais falantes, anões, espíritos, gigantes e demais seres mágicos. Assim sendo, ele e os outros monarcas – ou tetrarcas, enfim – atuavam mais como prefeitos de uma cidadezinha. Além disso, por mais que a magia existisse na Terra, Fillory *era* mágica. Isso fazia toda a diferença. A magia era parte do ecossistema. Ela estava presente no clima, nos oceanos e até no solo, que era incrivelmente fértil. Era necessário se esforçar muito para que qualquer tipo de plantação não vingasse.

Fillory era uma terra de hiperabundância. Tudo o que precisasse ser produzido podia ser feito cedo ou tarde pelos anões, que não eram nenhum proletariado industrial oprimido, e até gostavam de fabricar as coisas. A menos que você fosse um tirano odioso, como Martin Chatwin tinha sido, havia simplesmente recursos demais e pessoas de menos para que surgisse qualquer tipo de atrito civil. A única escassez da qual a economia filloriana sofria era uma escassez crônica de escassezes.

Assim sendo, sempre que qualquer um dos Brakebills – como eles eram chamados ali, por mais que Julia nunca tivesse passado por Brakebills, coisa que ela fazia questão de deixar bem clara – tentava levar algo a sério, ficava óbvio que não havia muita coisa para ser levada a sério. Era tudo um mero ritual de pompa e circunstância. Até o dinheiro era só uma formalidade. As cédulas eram de brincadeira. Dinheiro de Banco Imobiliário. Os outros já haviam praticamente desistido de fazer qualquer coisa útil, mas Quentin ainda não conseguia se conformar. Talvez fosse isso o que o estava incomodando quando ele se viu parado na borda daquela clareira na floresta. Devia existir algo real em algum lugar lá fora que, por algum motivo, ele não estava conseguindo encontrar.

— Muito bem — disse ele. — E agora?

— Bom — respondeu Eliot, enquanto eles voltaram para dentro. — Temos uma situação na Ilha Distante pra resolver.

— Onde?

— Na Ilha Distante. — Ele pegou alguns documentos de aspecto oficial. — É o que diz aqui. Sou o rei desse lugar e nem sei onde isso fica.

— A Distante fica pra lá da costa leste — bufou Janet. — Bem longe daqui, a uns dois dias de barco. Meu Deus, nem sei como deixam você ser rei. É o ponto mais ao leste de todo o império filloriano. Eu acho.

Eliot olhou para o mapa pintado na mesa.

— Não estou achando.

Quentin analisou o mapa também. Durante sua primeira visita a Fillory, ele havia velejado até os confins do mar ocidental, no outro lado do continente filloriano, mas ele sabia muito pouco sobre os mares do leste.

— Esse mapa é pequeno demais. — Em seguida, ela apontou para o colo de Julia. — A ilha ficaria bem ali, se tivéssemos uma mesa maior.

Quentin tentou imaginar aquela ilha: uma pequena faixa de areia tropical branca, adornada com uma palmeira, incrustada na placidez azul-

esverdeada do oceano.

— Você já esteve lá? — perguntou Eliot.

— Ninguém nunca foi até lá. É só um pontinho no mapa, uma colônia pesqueira formada por alguns perdidos que encalharam nessa ilha há tipo um milhão de anos. Mas por que estamos falando da Ilha Distante?

Eliot voltou a analisar seus papéis.

— Parece que eles estão há uns dois anos sem pagar seus impostos.

— E daí? — disse Janet. — Provavelmente, porque eles não têm nenhum dinheiro.

— Vamos mandar um telegrama — sugeriu Quentin. — “QUERIDOS ILHÉUS DISTANTES PONTO MANDEM DINHEIRO PONTO CASO NÃO TENHAM DINHEIRO VÍRGULA NÃO MANDEM NADA PONTO.”

O foco da reunião se perdeu enquanto Eliot e Janet competiam para redigir o telegrama mais inútil possível para os ilhéus distantes.

— Tudo bem — disse Eliot. A torre giratória agora estava voltada para um ponto onde o flamejante pôr do sol filloriano iluminava o céu atrás dele. Faixas de nuvens rosadas se empilhavam sobre seus ombros. — Vou pressionar os Fenwicks pelo incidente com Jollyby. Janet vai falar com os lorianos. — Ele então acenou vagamente para o nada. — E alguém aí vai cuidar da Ilha Distante. Quem aceita um uísque?

— Eu — disse Quentin.

— A garrafa está bem ali na mesinha.

— Não, digo, sobre a Ilha Distante. Eu quero ir lá. Vou resolver o lance dos impostos.

— Como é? — Eliot pareceu se irritar com a ideia. — Por quê? Isso fica no rabo do mundo. E, enfim, é uma questão de tesouraria. Vamos mandar um emissário. É pra isso que eles servem.

— Não, eu posso ir.

Quentin não saberia dizer de onde tinha vindo esse impulso, ele só sabia que precisava fazer alguma coisa. Ele se lembrou do gramado circular e da árvore-relógio quebrada, e então o filme com a morte de Jollyby recomeçou em sua mente. Qual era o sentido de tudo aquilo se você de repente podia cair morto daquele jeito? Era isso o que ele queria saber. Qual era o sentido de tudo aquilo?

— Nós não vamos invadir aquele lugar — disse Janet. — Não temos por que mandar um rei pra Ilha Distante. Eles só não pagaram seus impostos, o

que, aliás, são tipo oito peixes. Não é como se eles fossem a locomotiva da nossa economia.

— Vai ser rapidinho. — Ele já sabia que tinha encontrado o que procurava. A tensão dentro de Quentin se dissolveu assim que ele disse isso. Uma onda de alívio estava inundando-o com algo que ele nem sabia o que era. — Sei lá, talvez eu possa aprender alguma coisa.

Essa seria sua missão: cobrar impostos de um bando de caiçaras no fim do mundo. Ele tinha deixado passar a aventura da árvore-relógio quebrada, mas tudo bem. Dessa vez, ele iria embarcar nessa.

— Poderia pegar mal, logo depois do lance com Jollyby — disse Eliot, acariciando seu nobre queixo. — Você sumir assim ao primeiro sinal de problemas...

— Eu sou um rei. Não é como se eu estivesse tentando me reeleger.

— Espere — disse Janet. — Você por acaso matou Jollyby? É por isso que você quer fugir?

— Janet! — esbravejou Eliot.

— Não, sério. Tudo se encaixaria...

— Eu não matei Jollyby — disse Quentin.

— Tudo bem. Ótimo. Maravilha. — Eliot ticou o último item de sua lista. — Ilha Distante, resolvido. Então é isso.

— Bom, espero que você não esteja pensando em ir sozinho — disse Janet. — Só Deus sabe como as coisas são por lá. Você nunca ouviu falar da história do capitão Cook?

— Não esquentem — disse Quentin. — Julia vai comigo. Não é, Julia?

Eliot e Janet ficaram olhando para ele, atônitos. Há quanto tempo ele não deixava esses dois surpresos? Ou qualquer outra pessoa, aliás? Ele devia estar no rumo certo. Quentin sorriu para Julia, que olhou de volta para ele, embora fosse difícil entender sua expressão com aqueles olhos escuros.

— Claro que vou — foi tudo o que ela disse.

Naquela noite, Eliot fez uma visita ao quarto de Quentin.

Quando eles chegaram ali pela primeira vez, o quarto estava entulhado com uma medonha coleção de horrendas tralhas semimedievais. Fazia literalmente séculos desde que todos os quatro tronos de Whitespire não eram preenchidos ao mesmo tempo e, durante esse período, as outras suítes reais vazias foram invadidas e ocupadas por vastos exércitos de candelabros

inúteis, lustres quebrados e caídos como águas-vivas petrificadas, instrumentos musicais intocáveis, presentes diplomáticos que não podiam ser devolvidos, cadeiras e mesas adornadas com tanto rebuscamento que quebravam só com uma olhada (ou nem isso), animais mortos cruelmente empalhados em suas poses como se estivessem implorando por suas vidas, urnas, vasos e outros receptáculos ainda menos identificáveis que podiam muito bem ser tanto jarras como penicos.

Quentin mandou esvaziarem o quarto todo. Levaram quase tudo. Ele deixou apenas a cama, uma mesa, duas cadeiras, alguns dos melhores tapetes, uma ou outra tapeçaria que fosse mais bonita e/ou interessante para compor sua figura real e só. Ele gostava de uma em especial que mostrava um belíssimo grifo pondo uma companhia de soldados de infantaria para correr. Essa peça supostamente simbolizava o triunfo de algum grupo de pessoas mortas há muito tempo sobre outro grupo de pessoas também mortas há muito tempo das quais ninguém gostava. No entanto, por algum motivo, o grifo aparecia com a cabeça virada no meio de todo esse caos, deixando seu universo de pano de lado e olhando diretamente para o observador, como quem diz “Pois é, eu sou bom nisto aqui. Mas será que eu não poderia estar aproveitando melhor o meu tempo?”.

Depois de esvaziado, o quarto ficou parecendo três vezes maior do que antes. O lugar voltou a ter espaço para respirar. Agora sim dava para se pensar ali. Na verdade, o quarto tinha o tamanho de uma quadra de basquete, com piso de pedra polida, pé direito altíssimo, um teto de madeira onde a luz se perdia nos confins mais altos, criando sombras interessantes, e imensas janelas góticas de cristal de chumbo, nas quais alguns pequenos painéis realmente se abriam. Era um lugar tão espetacular, silencioso e vazio que os passos no chão de pedra até faziam eco. Esse quarto exalava aquela calma tranquila que, na Terra, só podia ser apreciada à distância, isolada do outro lado de um cordão de proteção. Era a tranquilidade de um museu fechado, ou de uma catedral à noite.

Surgiram alguns comentários entre os servos do alto escalão de que um aposento tão simples não seria muito adequado para um rei de Fillory, mas Quentin havia decidido que uma das vantagens de ser um rei de Fillory era que você podia decidir o que era ou não adequado para um rei de Fillory.

Além disso, se eles quisessem alguém ao estilo da alta nobreza, que fossem atrás do Grande Rei. Eliot tinha um apetite insaciável por esse tipo de coisa. Seu quarto, sim, era um aposento cheio de ouro, diamantes e

rococós de pérolas, digno de um rei divino. Mas, apesar de tudo, aquele era um quarto muito adequado, sim.

— Você sabia que nos livros de Fillory era possível *entrar* nessas tapeçarias? — Já era tarde, depois da meia-noite, e Eliot estava de pé, encarando aquele grifo de pano nos olhos e bebendo de um copo com alguma coisa cor de âmbar.

— Sabia, sim. — Quentin estava deitado na cama, usando um pijama de seda. — Eu já tentei, acredite. Mas, se eles realmente conseguiram fazer isso, não sei como era. Pra mim, essas tapeçarias não têm nada demais. Elas nem se mexem, como as do Harry Potter.

Eliot tinha trazido um copo para Quentin também. Ele não tinha bebido ainda, mas não havia descartado essa opção. De qualquer maneira, ele não iria deixar que Eliot bebesse sua dose, o que inevitavelmente tentaria fazer após terminar sua própria. Quentin fez um ninho para o copo entre os lençóis a seu lado.

— Enfim, acho que eu não iria querer entrar nesta aqui mesmo — disse Eliot.

— Eu sei. Às vezes, parece até que ele está tentando sair.

— Já este sujeito aqui — disse ele, passando para o retrato de um cavaleiro de armadura. — Eu adoraria entrar na tapeçaria dele, se é que você me entende.

— Entendo, sim.

— Tirar essa espada da bainha dele.

— Eu entendi.

Eliot estava tentando chegar a algum lugar, mas seria inútil apres-sá-lo. Ainda assim, se ele continuasse enrolando, Quentin acabaria caindo no sono.

— Se eu conseguisse entrar, será que você veria uma versão em miniatura de mim correndo lá dentro? Não sei o que eu iria achar disso.

Quentin não disse nada. Desde que tinha tomado a decisão de ir à Ilha Distante, ele vinha se sentindo mais calmo do que nunca. As janelas estavam abertas, até onde era possível, pelo menos, e o ar morno da noite invadia o quarto trazendo um aroma de fim de verão, uma mistura de grama e cheiro do mar, que não ficava muito longe dali.

— Então, sobre essa sua viagem... — disse Eliot, por fim.

— O que tem?

— Não entendi por que você quer fazer isso.

— E precisa?

— Deve ter alguma coisa a ver com essa sua obsessão por jornadas, aventuras ou sei lá o quê. Por velejar rumo ao horizonte. Enfim, tanto faz. Não precisamos de você por aqui pra cuidar do lance de Jollyby. Na verdade, é bom mesmo que um de nós vá até lá, eles provavelmente nem sabem que têm reis e rainhas de novo. Apenas passe adiante qualquer detalhe mais picante como se fosse uma questão de segurança de Estado.

— Sim, senhor.

— Mas quero falar com você sobre a Julia.

— Ah... — Hora do uísque. Ao tentar beber deitado, Quentin acabou virando um gole maior do que esperava, o que incendiou seu estômago. Ele conteve uma tossida. — Olha, você pode ser o Grande Rei, mas não é meu pai — disse ele, engasgando. — Eu sei me virar.

— Não precisa ficar defensivo assim, só quero ter certeza de que você sabe o que está fazendo.

— E se eu não souber?

— Eu já contei... — disse Eliot, sentando-se em uma das duas cadeiras do quarto — ... como eu e Julia nos conhecemos?

— É claro. — Será que tinha mesmo? Quentin não se lembrava muito bem. — Digo, não nos mínimos detalhes, mas...

A verdade é que eles quase nunca falavam sobre aquela época. Eles evitavam o assunto. Não eram boas memórias para ninguém. Foi após o grande desastre na Tumba de Ember. Quentin ficou à beira da morte e precisou ser deixado aos cuidados de centauros irritantes, mas muito competentes como médicos, enquanto Eliot, Janet e os outros voltavam para o mundo real. Quentin ficou um ano em Fillory se recuperando, e então voltou para a Terra, onde desistiu da magia. Ele passou mais seis meses trabalhando em um escritório em Manhattan até Janet, Eliot e Julia por fim aparecerem para buscá-lo. Se eles não tivessem feito isso, ele provavelmente ainda estaria lá. Quentin era grato por isso, e sempre seria.

Eliot olhou pela janela a noite sem lua lá fora, como um soberano oriental naquele seu roupão, que parecia coberto de bordados demais para ser confortável.

— Você sabia que Janet e eu ficamos muito mal quando voltamos de Fillory?

— Sim. Mas pelo menos vocês não foram mastigados ao meio por Martin Chatwin.

— Não estou tentando competir, mas tudo bem, é verdade. Enfim, nós ficamos abalados. Nós adorávamos Alice também, sabe, do nosso jeito. Até Janet gostava dela. E fomos embora achando que tínhamos perdido não só ela, mas você também. Todos nós já estávamos mais do que cheios das aventuras e fantasias de Fillory, isso eu posso te garantir. Josh voltou pra casa dos pais dele em New Hampshire, e Richard e Anaïs foram pra algum lugar fazer seja lá o que eles faziam antes de vir pra Fillory. Eles não pareceram ficar muito chateados, aqueles dois. Eu não tinha como ficar em Nova York, muito menos voltar pro Oregon e ficar junto àquelas pessoas grotescas que dizem ser minha família, então fui com Janet pra casa dela em Los Angeles. O que acabou sendo uma ótima decisão. Você sabia que os pais dela são advogados? Advogados de Hollywood. Podres de ricos, com uma casa enorme em Brentwood. Eles viviam trabalhando e não tinham nenhum tipo de vida emocional. Enfim, nós ficamos uma ou duas semanas à toa em Brentwood até os pais dela se encherem de ver nossas caras pós-traumatizadas indo pra cama quando eles estavam acordando pra jogar uma partida de squash antes do sol nascer. Depois disso, eles nos mandaram passar umas duas semanas num *spa* todo chique em Wyoming. Coisa exclusiva, que ninguém conhece por aí. Desses impossíveis de conseguir uma reserva e estupidamente caros, mas dinheiro não é nada pra essa gente, e eu é que não ia reclamar. Janet praticamente cresceu por lá... todos os funcionários a conheciam desde menininha. Dá pra imaginar? Nossa Janet, ainda menininha? Eu e ela tínhamos um chalé só pra nós dois e uma legião de pessoas pra nos servir. Acho que Janet tinha uma manicure pra cada unha dela. E eles tinham um tratamento com lama e pedras quentes... juro pra você que tinha algum toque mágico naquilo lá. Não tem como alguma coisa ser tão gostosa daquele jeito sem magia no meio. Mas, claro, o segredo obscuro desses lugares é que eles te deixam com um tédio mortal. Você nem faz ideia do tipo de coisa que a gente chegou a fazer. Eu até joguei tênis. Eu! E eles ficaram *bem* irritadinhos quando me viram bebendo na quadra, vou te falar. Eu expliquei que era parte do meu estilo. Sabe como é, técnica é uma coisa difícil de reaprender, pelo menos na minha idade. Enfim, lá pelo terceiro dia, Janet e eu já estávamos pensando até em transar um com o outro só pra aliviar o tédio. Mas aí, como um anjo negro da misericórdia vindo pra resguardar minha virtude, Julia apareceu. Foi como num daqueles

mistérios do detetive Poirot numa mansão no meio do campo. Teve um acidente perto da piscina... nunca fiquei sabendo muito bem dos detalhes, mas foi um estardalhaço enorme. Acho que esse é um dos itens inclusos no pacote: estardalhaço de primeira classe. Enfim, na primeira vez que vi nossa Julia, ela estava sendo levada pelo saguão do lugar, amarrada numa tábua, ensopada, xingando meio mundo e insistindo que estava bem, totalmente bem. Foi uma cena tipo “tire suas patas fedorentas de cima de mim, seu maldito macaco nojento!”. No outro dia, desci pro bar lá pelas três ou quatro da tarde, e lá estava ela de novo, bebendo sozinha, toda de preto. Tomando *gimlets*, eu acho, um coquetel de vodka. Bancando a dama misteriosa. Totalmente um peixe fora d’água. O cabelo dela parecia um ninho de rato, você não tem como imaginar, sério mesmo. Pior até do que agora. Ela estava com as cutículas mordidas em carne viva. Os ombros encolhidos. Gaguejava de nervoso. E ela não tinha a mínima noção de como as coisas funcionavam por ali. Ela tentava dar gorjetas pros funcionários. Pronunciava os nomes dos vinhos franceses com sotaque francês de verdade. Então, claro, eu me interessei por ela logo de cara. Achei que ela devia ser russa. Filha de algum oligarca preso, alguma coisa assim. Só uma russa teria como bancar aquele spa e ter um cabelo tão feio. Janet achou que ela tinha cara de drogada, dessas que ficam entrando e saindo de programas de reabilitação o tempo todo. De qualquer jeito, nós dois fomos pra cima dela feito uns loucos. A abordagem foi sutil. O truque foi ir devagar, porque estava na cara que ela não era uma pessoa lá muito receptiva. E no final das contas, foi Janet, a rainha da sedução, quem conseguiu fazer contato pela primeira vez... foi só ela reclamar em voz alta no meio do saguão que estava tendo um problema todo complexo no computador dela. Deu pra ver o quanto nossa Julia se esforçou pra não dizer nada, mas não adiantou. Porque, enfim, você sabe como essas coisas são. E depois que você descobre o nome de uma pessoa num lugar desses, não consegue nunca mais escapar dela. A gente se trombava por toda parte. É estranho, um *spa* desses não tem muito a cara dela, né? Mas lá estava ela, sempre mergulhada em lama até o pescoço, com rodela de pepino nos olhos. Ela vivia entrando e saindo de banhos medicinais e coisas do tipo. Uma vez, Janet tentou entrar numa sauna junto com ela, mas ela deixou a temperatura tão alta que todo mundo acabou saindo. Parece que ela até fez um tratamento em que batiam nela com ramos de bétula. Era como se ela estivesse tentando se livrar de alguma sujeira que insistia em não sair. Descobrimos que ela tinha

uma queda por cartas, então começamos a passar horas só bebendo e jogando *bridge* a três. Sem falar nada. Ainda não sabíamos que ela era uma maga, claro. Como a gente ia adivinhar? Mas dava pra ver que ela estava escondendo algum segredo terrível. Além disso, ela tinha aquelas coisas que a gente adora ver em um mago: ela era um nojo de tão inteligente, um tanto melancólica e meio desconjuntada. Na verdade, acho que uma das coisas que a gente mais gostava era que ela nos lembrava de você. Mas, enfim, sabe como nos livros do Poirot, em que ele sempre sai de férias pra se esquecer de tudo, dos mistérios e de sei lá mais o quê, mas aí acaba acontecendo um assassinato bem na ilha pra qual ele viajou atrás de paz, tranquilidade e uma gastronomia refinada? Bom, foi exatamente assim, só que no nosso caso estávamos tentando fugir da magia. Um belo dia, eu fui até o chalé de Julia lá pelas dez ou onze da noite. Eu tinha brigado com Janet, e queria falar mal dela pra alguém. Quando passei pela janela de Julia, vi que ela estava preparando a lareira. Isso por si só já era estranho. As lareiras daqueles chalés eram enormes, mas a gente estava no meio do verão e ninguém em sã consciência pensaria em usar aquilo. Mas Julia não estava nem aí. Vi que ela preparava a lareira de um jeito muito metódico, colocando a lenha com todo cuidado. Ela marcou cada tora antes de pôr lá dentro... raspando parte do casco com uma faquinha de prata. Depois disso, enquanto eu olhava... não sei bem como explicar pra você entender, mas ela se ajoelhou na frente da lareira e começou a colocar coisas no fogo. Algumas obviamente eram de valor... uma concha rara, um livro antigo, um punhado de pó de ouro. Outras pareciam ser coisas importantes só pra ela. Uma joia personalizada. Uma fotografia antiga. Sempre que punha uma dessas coisas no fogo, ela parava e ficava um tempo esperando, mas não acontecia nada. As coisas que ela jogava lá só queimavam ou derretiam, soltando um fedor horrível. Não sei o que ela queria que acontecesse, mas seja lá o que fosse, não estava rolando. Enquanto isso, ela foi ficando cada vez mais agitada. Comecei a me sentir muito mal por estar ali espiando aquilo, mas não conseguia parar de olhar. Por fim, as coisas de valor que ela tinha acabaram, e Julia começou a chorar e depois se jogou ela mesma no fogo. Ela se arrastou lá pra dentro e desabou, com metade do corpo em cima das chamas, chorando de soluçar, coitadinha. As pernas dela ficaram pra fora. Foi uma cena horrível. Ela perdeu as roupas no fogo num instante, é claro, e ficou com o rosto todo preto de fuligem, mas da pele dela, as

labaredas nem chegavam perto. Ela chorava sem parar, de sacudir os ombros mesmo...

Eliot se levantou e foi até a janela. Ele ficou mexendo em um dos vitraizinhos por um tempo, mas depois deve ter encontrado alguma peça que Quentin nunca tinha visto antes, porque conseguiu abrir a janela inteira. Quentin não viu como ele tinha feito aquilo. Eliot deixou seu copo no batente.

— Não sei se você está se apaixonando por ela, ou se só acha que está, ou sei lá o quê... — disse ele. — No fundo, acho que nem posso te culpar, você sempre gostou de dificultar sua própria vida mesmo. Mas só escute o que estou dizendo... foi assim como tudo começou, como descobrimos que ela era uma de nós. Aquele feitiço era muito forte. Dava até pra ouvir o zumbido daquela magia por cima do barulho do fogo, e a luz do quarto ficou de uma cor estranha. Aliás, a maioria dos feitiços dela é impossível de entender. Percebi na mesma hora que ela nunca tinha estudado em Brakebills, porque aquele encanto não fazia nenhum sentido pra mim. Não tenho a mínima ideia de como aquilo funcionava, nem do que ela estava tentando fazer, e ela nunca me contou, e eu nunca perguntei. Mas, se eu tivesse que arriscar um chute, diria que ela estava tentando fazer uma invocação. Diria que ela estava tentando trazer de volta alguma coisa que perdeu, ou que foi tirada dela, alguma coisa que era realmente muito preciosa pra ela. E, se eu tivesse que arriscar outro chute, diria que não estava dando certo.

CAPÍTULO 3

Na manhã seguinte, Quentin foi até as docas em uma carruagem preta com cortinas e confortáveis bancos estofados de veludo. Por dentro, ela era aconchegante e fedida a mofo, como uma sala de estar sobre rodas. Sentada a seu lado, balançando levemente com os sacolejos da carruagem, estava Julia. De frente para os dois, com os joelhos praticamente encostados nos deles, vinha o almirante da Marinha filloriana.

Já que ia embarcar nessa jornada rumo àquela ilha no rabo do universo, Quentin decidiu que deveria fazer tudo do jeito certo. Ele teria que se preparar. Esse tipo de coisa tinha suas regras. Por exemplo: para embarcar em uma jornada, você precisa de um bom barco.

Em teoria, todos os barcos estavam à disposição da coroa, mas grande parte da frota que eles tinham era de navios de guerra, e essas embarcações eram simples demais por dentro, com apenas algumas fileiras de redes ou estrados duros de madeira. Nenhuma tinha uma cabine decente. Nada que pudesse ser adequado para a Viagem do Rei Kwentin, como Eliot gostava de escrever o nome de Quentin nos documentos oficiais. Assim sendo, eles agora estavam indo às docas para encontrar alguma embarcação adequada.

Quentin estava muito bem, cheio de energia e com uma determinação que ele não sentia há muito tempo. Era isso o que ele tanto vinha esperando. O almirante era um sujeito muito baixinho, talvez até demais, chamado Lacker, que tinha um rosto pálido e magro que parecia ter sido entalhado em xisto por cinquenta anos de ação do vento e do mar.

Não era como se Quentin não soubesse dizer o que estava procurando, ele só não queria fazer isso, pois se fizesse, seria embaraçoso demais. O que ele estava procurando era um barco de um dos livros de Fillory, o *Andorinha*, para ser mais específico, que tinha aparecido no quarto livro da série, *O mar secreto*. Enquanto estavam sendo perseguidos pela Relojoeira, Jane e Rupert – ele podia ter explicado isso para o almirante Lacker, mas achou melhor não – embarcaram como clandestinos no *Andorinha*, que depois descobriram ser comandado por piratas, só que na verdade nem eram piratas. Na realidade, eram apenas nobres fillorianos, acusados por crimes que não haviam cometido, juntos em uma jornada para limpar seus nomes. O livro não chegava a fazer uma descrição náutica lá muito rigorosa do *Andorinha*, mas ainda assim, você terminava a história com uma imagem bastante clara da embarcação: um pequeno barco aguerrido, mas acolhedor, elegante, mas também competente nas batalhas, com linhas arrojadas e reluzentes escotilhas amarelas, através das quais se viam aconchegantes cabines sempre muito bem-arrumadas.

Claro, se eles estivessem em um livro de Fillory, o barco que ele estava procurando já estaria amarrado nas docas, só esperando sua chegada, e pronto, acabou. Mas eles não estavam em um livro de Fillory. Eles estavam em Fillory. Então ele teria que se virar.

— Preciso de um barco nem muito grande, nem muito pequeno — disse ele. — Algo médio. E precisa ser confortável. E rápido. E resistente.

— Entendido. O senhor vai precisar de canhões?

— Não, sem canhões. Bom, talvez alguns. Sim, alguns canhões.

— Alguns canhões.

— Se possível, almirante, tente não ser tão babaca. Vou saber o que quero assim que achar, e se por algum motivo eu não souber, o senhor me avisa. Entendido?

O almirante Lacker inclinou sua cabeça com um gesto quase imperceptível para mostrar que havia entendido, sim. E que se esforçaria para ser o menos babaca possível.

Whitespire ficava às margens de uma baía larga e curva de um estranho mar verde-claro. O lugar era quase perfeito demais: a enseada parecia ter sido esculpida no litoral de propósito por algum ser divino que teve a benevolência de dar aos mortais um ponto para atracar seus barcos que não estivessem em uso. Até onde Quentin sabia, talvez fosse isso mesmo. Ele

pediu para que o cocheiro parasse em uma ponta da praia. Eles então desceram, os três, piscando muito contra o sol daquele comecinho de manhã depois de todo o caminho em meio à penumbra da carruagem.

O ar estava impregnado por um cheiro de sal, madeira e piche. Era inebriante, como respirar oxigênio puro.

— Muito bem. Vamos resolver isso — disse Quentin, batendo palmas.

Eles caminharam, lentamente, de uma ponta à outra das docas, passando por cima de cabos estirados e carcaças ressecadas de peixes pisoteados, e abrindo caminho em meio a enormes pilastras, cabrestantes e labirintos de caixas empilhadas. O porto abrigava uma impressionante variedade de embarcações de todos os cantos do Império Filloriano e além. Havia um gargantuesco encouraçado de madeira negra, com nove mastros e a estátua de uma pantera saltando para o ataque na proa, além de um veleiro em estilo chinês de bico quadrado com velas vermelho-tijolo, divididas em uma série de faixas por ripas de madeira. Eles também viram chalupas e cúteres, galeões e escunas, corvetas ameaçadoras e pequenas caravelas ágeis. Era como uma banheira cheia de brinquedinhos caros.

Eles levaram uma hora até chegar à outra ponta. Quentin se virou para o almirante Lacker.

— E então, o que o senhor acha?

— Acho que o *Hatchet*, o *Mayfly* ou o *Morgan Downs* seriam ideais.

— Pode ser. O senhor tem razão. Julia?

Julia não tinha dito quase nada esse tempo todo. Ela estava alheia, como uma sonâmbula. Quentin se lembrou do que Eliot havia dito ontem à noite. Ficou se perguntando se Julia já teria encontrado o que procurava. Talvez ela estivesse na esperança de encontrar seja lá o que isso fosse na Ilha Distante.

— Tanto faz. Qualquer um irá servir, Quentin. Não faz diferença.

Os dois tinham razão, é claro. Eles tinham visto vários barcos decentes. Alguns até bonitos. Mas nenhum deles era o *Andorinha*. Quentin cruzou os braços e olhou para o porto, estreitando os olhos sob o sol do final da manhã. Ele ficou olhando para os barcos espalhados pela baía.

— E aqueles lá?

Lacker juntou os lábios. Julia olhou para o mar também. Seus olhos ainda estavam escuros por causa do feitiço do dia anterior, e ela nem precisou protegê-los contra a claridade. Ela poderia olhar direto para o sol.

— Estão todos a seu dispor também, sua alteza — disse Lacker. — É claro.

Julia foi até o píer mais próximo, com as costas eretas e passadas firmes, onde um humilde veleiro de pesca estava atracado. Ela pulou para dentro do barco com facilidade e começou a desatar as cordas.

— Vamos — chamou ela.

Lacker fez um gesto para que Quentin fosse na frente.

— Certas vezes, você só precisa agir, Quentin — disse Julia, enquanto ele subia a bordo atrás dela. — Você perde tempo demais esperando.

Era bom se ver em alto mar, mas o vento estava fraco, e conforme o dia foi esquentando, o veleiro começou a cheirar mal. De repente, o dono do barco apareceu, saindo do convés inferior, onde devia estar dormindo. Era um homem de traços marcados pelo sol e pelo vento, de barba grisalha e usando um macacão obviamente sem mais nada por baixo. Lacker falou com ele em uma língua que Quentin não reconheceu. Ele não parecia estar incomodado, nem sequer surpreso, ao ver que seu barco havia sido confiscado por dois monarcas e um almirante.

Lacker, por sua vez, parecia confortável até demais sob o calor com seu uniforme completo, enquanto eles passavam por uma variedade ainda maior de embarcações inapropriadas. A maioria estava ali porque suas quilhas eram grandes demais para ancorar mais perto da praia: um imenso navio de guerra, um iate esporte de algum nobre e um enorme cargueiro cor de manteiga.

— Que tal aquele ali? — disse Quentin, apontando para um barco.

— Peço sua indulgência, alteza, meus olhos sofreram muito a serviço da nossa grande nação. O senhor não pode estar falando do...

— Estou sim. Chega dessa pompa toda. Quero aquele. Bem ali.

Um banco de areia chapado se projetava mar adentro a partir de um dos cabos da grande baía de Whitespire. Perto dali, havia um barco caído em meio à água rasa. A maré baixa havia tombado-o gentilmente de lado sobre o leito arenoso, com seu casco exposto como uma baleia encalhada.

— Aquele barco, sua alteza, está abandonado na baía há muito tempo.

— Tanto faz.

Ele estava fazendo aquilo em parte por perfeccionismo, mas também por um desejo perverso de punir o almirante por ter sido, quebrando sua

promessa, meio babaca. O dono do veleiro e Lacker trocaram um olhar demorado: esse homem, disse aquele olhar, não sabe mesmo o que faz.

— Vamos voltar para o *Morgan Downs*.

— Vamos, sim — disse Julia. — Mas o rei Quentin quer ver aquele barco antes.

Eles levaram dez minutos para chegar até lá, com as velas se debatendo enquanto o pescador avançava heroicamente contra o vento. Quentin prometeu não se esquecer de recompensar o homem por isso depois. Eles contornaram o barco encalhado com indiferença pelas águas rasas. Seu casco já tinha sido branco, mas a tinta havia descascado, expondo a madeira cinzenta. Havia algo de estranho em suas linhas – uma curiosa delicadeza. A proa terminava em um gurupés longo e fino que estava partido ao meio.

Quentin gostou daquilo. Não era nada bruto e angular como um navio de guerra, nem frágil e bonito demais como um iate. Elegante, mas imponente. Só era uma pena que fosse uma carcaça, não um barco. Se ele pelo menos tivesse chegado ali cinquenta anos antes.

— O que vocês acharam?

A quilha do veleiro raspava o leito arenoso, fazendo um estardalhaço em meio ao silêncio. O almirante Lacker olhou para o horizonte e limpou a garganta.

— Acho que esse barco já teve dias melhores — disse ele.

— O que será que ele era?

— Só um burro de carga — disse o pescador com uma voz rouca. — Classe Cervo. Ele fazia a rota entre este porto e o de Longfall.

Quentin nem tinha reparado que aquele homem falava sua língua.

— Ele é bonito — disse Quentin. — Ou pelo menos era.

— Esse foi um dos barcos mais bonitos já construídos — disse o almirante Lacker com um ar solene.

Quentin não entendeu se Lacker estava sendo irônico. Por outro lado, ele nunca era irônico.

— Sério? — perguntou Quentin.

— Nada se comparava à agilidade dos barcos da Classe Cervo — disse Lacker. — Eles eram feitos para trazer bergspato de Longfall e levar cheiro-frio de volta. Sempre velozes e robustos. Com eles, nunca havia mau tempo.

— Hm... e por que eles não são mais usados então?

— O bergspato de Longfall acabou — disse o pescador, que agora estava todo comunicativo. — Então paramos de mandar cheiro-frio pra eles. Foi o que acabou com a Classe Cervo. A maioria deles foi dsmanchada para aproveitar a madeira de árvores-relógio, vendida como sucata. Eram os lorianos que faziam esses barcos. Todos os estaleiros de Fillory tentaram copiar o modelo, mas eles tinham algum segredo. E esse segredo se perdeu.

— Meu primeiro destacamento — disse Lacker — foi em um barco piquete muito veloz que saía de Hartheim. Nenhuma outra embarcação da nossa frota conseguia nos alcançar, mas certa vez, vi um Classe Cervo que passou zunindo por nós rumo ao norte. Mesmo com velas auxiliares de cada lado do nosso barco, era como se estivéssemos parados em comparação a ele.

Quentin acenou a cabeça. Ele se levantou. Um bando de pequenas aves saiu voando do casco partido, pairou contra uma lufada de vento por um instante, e então se acomodou de volta. O veleiro havia contornado os destroços pelo outro lado, e eles puderam ver seu convés, que tinha pelo menos dois buracos enormes. O nome do barco estava pintado ao longo da popa: MUNTJAC.

Eles não estavam em um livro de Fillory. Mas, se estivessem, esse era o tipo de barco que ele escolheria.

— Bom, acho que é isso então — disse ele. — Leve-nos de volta até o *Morgan Downs*, por favor.

— Certo, o *Morgan Downs*, sua alteza.

— Chegando lá, mande o capitão do *Morgan Downs* trazer aquele pau velho aqui pra rebocar esse barco — disse ele, apontando para o *Muntjac* — até um dique seco. Vamos ficar com ele.

Quentin adorou fazer isso. Nunca era tarde demais para certas coisas.

Deixar o *Muntjac* – que eles depois descobriram ser o nome de um tipo de cervo – em condições minimamente aceitáveis de uso levaria pelo menos duas semanas, mesmo que Quentin usasse suas prerrogativas reais para recrutar todos os melhores construtores navais da cidade, o que ele de fato fez. Mas tudo bem. Isso lhe daria tempo para fazer mais preparativos.

Ele vinha acumulando essa ansiedade há tanto tempo que era bom finalmente ter como usá-la para alguma coisa, e ele estava descobrindo que tinha toneladas dessa energia guardada. O suficiente para abastecer toda

uma cidadezinha. No dia seguinte, Quentin mandou que cartazes fossem colados em todas as praças do país. Ele iria realizar um torneio.

Na verdade, Quentin tinha apenas uma vaga ideia de como torneios funcionavam, ou mesmo do que eles eram. Ele só sabia que isso era uma coisa que os reis costumavam fazer em algum momento entre a época de Jesus e a de Shakespeare, que era o máximo de precisão com o qual Quentin conseguia determinar quando a Idade Média tinha sido. Ele sabia que esses torneios precisavam ter justas, mas também sabia que nunca tinha se interessado por justas. Essa era uma atividade estranha e fática demais, além de machucar os cavalos.

Lutas com espada, no entanto, eram mais interessantes. Não esgrima, ou não apenas esgrima – ele não queria nada tão formal assim. Ele tinha pensado em alguma coisa mais na linha das artes marciais. UFC. Ele queria encontrar o melhor espadachim do reino: o grande campeão filloriano sem frescura e papo reto das lutas com espada. Assim sendo, ele espalhou a seguinte notícia: dentro de uma semana, qualquer um que se julgasse capaz nesse tipo de coisa deveria comparecer ao Castelo de Whitespire e partir para a briga até que não sobrasse mais ninguém com quem brigar. O vencedor ganharia um pequeno, mas distinto castelo no interior de Fillory e a honra de proteger a nobre figura do rei em sua futura jornada rumo a um destino não revelado.

Eliot chegou enquanto Quentin estava esvaziando o grande salão de banquetes. Uma coluna de soldados de infantaria estava saindo, cada um deles levando uma cadeira.

— Com licença, alteza — disse Eliot. — Mas o que diabos você está fazendo?

— Desculpa. É que essa era a única sala grande o bastante pras disputas.

— Então, agora é a hora que eu digo: “Disputas? Que disputas?”

— Do torneio. De luta com espadas. Você não viu os cartazes? A mesa vai sair também — disse Quentin para o encarregado que estava coordenando a arrumação. — Vocês podem deixá-la no saguão mesmo. Enfim, vou fazer um torneio para encontrar o melhor espadachim de Fillory.

— Tudo bem, mas você não pode fazer isso lá fora?

— E se chover?

— E se eu quiser comer alguma coisa?

— Pedi pra que o jantar fosse servido na sua sala de recepção. Ou seja, você vai ter que fazer suas recepções em algum outro lugar. Talvez lá fora.

Um homem estava de joelhos no chão, riscando a área de combate com um pedaço de giz.

— Quentin — disse Eliot. — Acabei de falar com um representante da guilda dos estaleiros. Você tem ideia de quanto aquele seu barco está nos custando? O *Lebrilope*, ou sei lá o quê?

— Não. O *Muntjac*.

— O equivalente a uns vinte anos de impostos da Ilha Distante, é isso o quanto ele está nos custando — disse Eliot, respondendo a sua própria pergunta. — Só caso você esteja querendo saber o quanto ele está nos custando.

— Eu não estava querendo muito, não.

— Mas você percebe a ironia?

Quentin pensou no assunto.

— Sim. Mas não é uma questão de dinheiro.

— É questão do que então?

— É questão de seguir o protocolo — disse Quentin. — Você deveria entender isso mais do que qualquer um.

Eliot suspirou.

— Sim, acho que entendo — disse ele.

— E eu preciso fazer isso. É só o que eu posso te dizer.

Eliot acenou a cabeça.

— Eu entendo isso também.

Alguns dias depois, pouco a pouco, os concorrentes começaram a chegar à cidade. Era um bando bastante bizarro: homens e mulheres, altos e baixos, sinistros e bestiais, cheios de cicatrizes e marcas, com cabeças raspadas e tatuagens. Um era um esqueleto ambulante e outro, uma armadura completa que andava sozinha. Eles traziam espadas que brilhavam e zumbiam e queimavam e cantavam. Dois belos gêmeos siameses tentaram se inscrever individualmente, afirmando com bravura que, caso ficassem entre os finalistas, estavam dispostos a se enfrentar. Uma espada viva apareceu, trazida em uma almofada de seda, dizendo que queria participar do torneio e só precisava de alguém para empunhá-la.

No primeiro dia do torneio, os concorrentes eram tantos que certas lutas acabaram tendo que ser realizadas na parte externa mesmo, em palcos de

madeira instalados nos pátios. Uma atmosfera de circo reinava. O tempo estava começando a virar – aquela foi a primeira manhã fria do ano – e a respiração dos lutadores se condensava em meio ao ar da alvorada, enquanto todos se alongavam e se aqueciam com todo tipo de exercícios bizarros sobre a grama úmida.

Aquilo era tudo o que Quentin esperava. Ele não conseguia assistir a nenhuma luta até o fim, porque sempre tinha alguma coisa imperdível acontecendo no ringue ao lado. Urros, baques, gritos de guerra extravagantes e barulhos ainda menos identificáveis quebraram a placidez da manhã. Era como participar de uma batalha, mas sem toda aquela coisa de morte e sofrimento.

Três dias inteiros se passaram até os concorrentes serem afunilados à última dupla finalista. Houve alguns incidentes e confusões ao longo do caminho, nos quais armas proibidas ou magias de grande porte derrubaram as medidas de proteção preparadas, mas ninguém teve nenhum ferimento grave, graças a Deus. No começo, Quentin chegou a cogitar a romântica ideia de também entrar no torneio, disfarçado, mas ele agora via o desastre que isso teria sido. Ele não teria durado nem trinta segundos no meio daquelas pessoas.

Quentin supervisionou pessoalmente a luta final. Eliot e Janet concordaram em assistir, mas atividades tão brutas e animais assim eram baixas demais para chamar a atenção de Julia. Vários barões, outros dignitários e parasitas da corte se sentaram enfileirados contra as paredes do salão de banquetes, que tinha um triste ar nada beligerante – Quentin percebeu que de fato seria melhor ter feito tudo na área externa. Os últimos dois lutadores chegaram juntos, lado a lado, mas sem se falar.

Depois de tudo aquilo, os dois estavam estranhamente parecidos: um homem e uma mulher, ambos magros, ambos de estatura média, sem nada de extraordinário por fora. Eles estavam calmos e sérios, sem demonstrar nenhuma animosidade um pelo outro. Os dois eram profissionais, membros de elite da guilda dos mercenários. Eles estavam ali apenas a trabalho. Toda a brutalidade que eles tinham guardada em seus corpos esguios e compactos ainda estava latente por enquanto, poderosa, mas inativa. A mulher se chamava Aral. O nome do homem, por mais absurdo que fosse, era Bingle.

Aral lutava usando véu e um traje justo, como uma ninja. Ela tinha reputação de ser uma lutadora elegante que primava pela técnica. Ninguém havia conseguido identificar seu estilo, ou sequer chegar perto dela. Sua

espada era estranha: com uma leve curva seguida por uma recurva, na forma de uma letra S alongada. Ela era bonita, mas devia ser um saco de carregar, pensou Quentin. Aquela espada nunca entraria em nenhuma bainha.

Bingle era um homem de pele bronzeada e olhos pesados que lhe davam uma expressão melancólica permanente. Ele usava o que algum dia podia ter sido um uniforme de oficial com suas barras e abas cortadas, e lutava com uma espada fina e flexível como um chicote com uma complexa cesta de proteção no cabo que não parecia ser filloriana. Apesar de ter vencido todas as suas lutas, os boatos eram de que ele na verdade havia conseguido isso sem grandes méritos. Um de seus infames duelos começou de manhã e durou até quase o fim do dia, com Bingle fazendo uma série de defesas e esquivas. Todo o torneio ficou parado, esperando o vencedor para preencher a chave seguinte.

Em outra disputa, o oponente de Bingle esperou até a sineta para o início da luta ser tocada e então deixou com toda calma a área riscada a giz no chão, sofrendo uma eliminação automática. Ao que parecia, eles já haviam se encontrado antes, e essa única vez já tinha sido o bastante para o seu adversário. Quentin estava ansioso para ver alguém forçar Bingle a realmente partir para a briga.

Quentin acenou a cabeça para que o Mestre Espadachim desse início à luta. Aral começou com uma sequência de movimentos altamente estilizados, traçando formas fluidas no ar com sua sinuosa espada, mas sem se aproximar do oponente. Ela parecia estar perdida em sua própria concentração, como se estivesse treinando alguma arte marcial ritualizada, quase abstrata. Bingle ficou observando por um instante, estalando com inquietação a ponta de sua espada de um lado para o outro.

Em seguida, ele entrou na dança. Bingle começou a fazer os mesmos movimentos que sua oponente – os dois se tornaram espelhos um do outro. Ao que parecia, eles eram adeptos do mesmo estilo e haviam decidido abrir a luta da mesma forma. Gargalhadas se espalharam pela plateia. E era engraçado mesmo, como um mímico imitando alguém na rua. Mas nenhum dos dois estava rindo.

Depois disso, Quentin não soube dizer ao certo quando foi que esse preâmbulo se encerrou e a luta de fato teve início. Os dois combatentes passaram perto demais um do outro, e então foi como se a chama de uma vela resvalasse por acidente em uma cortina. Uma fagulha incendiou o

combate, a simetria foi quebrada, o material volátil atingiu seu ponto crítico e, de repente, a sala foi tomada por um alarido frenético de aço se chocando contra aço.

A partir desse ponto, a ação ficou rápida demais para Quentin. Ninguém além dos próprios combatentes conseguia acompanhar os detalhes dos ataques, contra-ataques e intermediações. Com seu estilo de luta idêntico, eles traçavam arcos e rodopios em constante movimento, enquanto cada lado procurava aberturas e encontrava apenas becos sem saída. Era como se eles estivessem lendo os movimentos de cada átomo no corpo um do outro, registrando os minúsculos sinais de cada repuxão, impulso ou mudança de equilíbrio. As investidas começavam espetaculares, com sequências que às vezes incluíam até uma cambalhota ou um salto mortal, e então o fluxo era quebrado e tudo caía no caos até as espadas se engancharem, travadas uma contra a outra, e então eles se separavam e tudo começava de novo.

Meu Deus, pensou Quentin. E ele ainda ia entrar em um barco com uma dessas pessoas. Aquilo era tudo meio real demais. Mas eletrizante também: essas eram pessoas que sabiam exatamente para o que haviam nascido e nunca hesitavam em cumprir sua função, seja na vitória ou na derrota.

Até que então, de repente, tudo acabou: Aral se esticou demais com um violentíssimo golpe de cima para baixo, do qual Bingle conseguiu se esquivar por pouco rolando para o lado, e por mero acaso, sua espada se cravou no chão, em uma fenda entre duas lajotas. Ao se levantar do rolamento, Bingle chutou-a por reflexo, e a lâmina se partiu perfeitamente ao meio. Aral recuou, sem esconder sua frustração, e fez um sinal, concedendo a vitória ao oponente.

No entanto, Bingle balançou a cabeça. Pelo visto, ele não estava contente com as condições de sua vitória. Ele queria continuar lutando. Bingle olhou para Quentin, esperando uma decisão. E todos os outros presentes fizeram o mesmo.

Bom, se ele queria bancar o bom moço, ótimo. Quentin não se importaria em ver mais um pouco daquela luta. Ele sacou sua própria espada e a ofereceu a Aral, com o cabo voltado para ela. Aral sentiu o peso da arma, acenou a cabeça a contragosto, e então voltou à sua postura de batalha. E a luta recomeçou.

Cinco minutos depois, Bingle pulou para se esquivar de uma estocada baixa e tentou fazer um floreio no meio do ar, mas acabou se enganchando na indumentária ninja de Aral. Ele foi parar bem ao lado dela, dentro de sua

guarda, e ela o socou com violência nas costelas, três vezes. Bingle grunhiu e cambaleou para trás, indo em direção à risca de giz, e Quentin teve certeza de que ele iria sair do ringue, mas no último segundo, Bingle percebeu onde estava. Ele se virou e pulou com toda elegância contra a parede, pegou impulso, deu uma cambalhota no ar e caiu com leveza de pé bem sobre a risca.

A plateia ficou boquiaberta e aplaudiu. Foi uma acrobacia circense, teatral e exagerada. Aral tirou com irritação o lenço de sua cabeça e sacudiu para fora uma incrível juba de cabelos castanhos e ondulados antes de voltar à sua postura de batalha.

— Aposto que ela treinou isso na frente de um espelho — sussurrou Eliot.

A dinâmica da luta havia mudado agora. Bingle abandonou o estilo formal e acrobático que ambos vinham usando. Quentin estava achando que aquela era sua especialidade, mas logo ficou claro que ele era um monstro da técnica, porque parecia conseguir mudar de estilos à vontade. Ele partiu para cima dela como um animal, veloz e furioso, e então passou rapidamente de uma elegante postura de duelista para um estilo barulhento e agressivo de quendô. Aral foi ficando cada vez mais desnorteada, tentando se adaptar, o que provavelmente era o que Bingle queria.

Rompendo seu silêncio, ela soltou um grito e avançou com tudo. Bingle conteve seu ataque com uma defesa tão implausível que chegou a ser teatral: ele parou a espada dela – a de Quentin – com o bico da dele, fazendo com que as duas lâminas se chocassem ponta com ponta.

Com expressões sinistras, eles se curvaram, quase ao meio, por um insuportável instante de tensão – ao alarido de um assustador esmerilhar de metal fendido –, e então a espada de Bingle se partiu com um estalo alto e forte. Ele teve que jogar a cabeça para o lado para desviar de um estilhaço.

Jogou seu cabo inutilizado com nojo contra Aral. A ponta a acertou na têmpora, mas ela não se abalou. Hesitou, claramente pensando se deveria oferecer a mesma benesse que ele havia a concedido. Em seguida, após concluir algum cálculo interno que provavelmente envolvia variáveis como honra, princípios e castelos, ela ergueu sua espada para um ataque cortante contra o ombro de Bingle, o golpe de misericórdia.

Bingle fechou os olhos e caiu rapidamente com um dos joelhos no chão. Enquanto a espada descia, ele não se esquivou, apenas ergueu suas mãos

juntas com graça e determinação à sua frente. E então, o tempo parou.

A princípio, Quentin não entendeu bem o que tinha acontecido, mas a plateia irrompeu em um coro de espanto. Ele se levantou para ver melhor. Bingle tinha parado a espada entre as palmas de suas mãos, no meio do ataque, a pele exposta contra metal afiado. Esse movimento devia ter sido calculado até o último milímetro, grau e nanossegundo. Aral levou um instante para entender o que ele tinha feito, e Bingle não desperdiçou esse tempo. Aproveitando a distração, ele puxou a espada para si mesmo, tirando-a de sua oponente. Ele a girou com habilidade, pegando o cabo com firmeza na palma de sua mão, e então encostou a lâmina na garganta de Aral. E esse foi o fim da disputa.

— Meu Deus — disse Eliot. — Você viu isso? Meu Deus!

Os barões deixaram de lado sua nobre postura reservada. Eles se levantaram, extasiados, e foram para cima do vencedor. Quentin e Eliot comemoraram juntos. No entanto, Bingle parecia não estar vendo ninguém. Seus olhos pesados não mudaram de expressão. Ele abriu caminho entre a multidão até o trono de Quentin, onde se ajoelhou e ofereceu a espada de volta ao rei.

Quando Quentin voltou a visitar o porto, o *Muntjac* estava cercado de trabalhadores, como piranhas atacando um azarado explorador amazônico, só que ao contrário. Eles estavam remontando o barco – trazendo-o de volta à vida. Não havia nenhuma peça que não estivesse sendo lixada, envernizada, apertada, reforçada ou substituída. Eles tinham levado o barco para um dique seco, onde apoiaram-no sobre uma floresta de pilastras, consertaram as tábuas empenadas, vedaram as fendas, passaram uma camada de alcatrão e pintaram-no. Batidas dessincronizadas de martelo irrompiam de todos os pontos do casco.

Na verdade, os elementos estruturais do barco ainda estavam basicamente em bom estado, o que foi ótimo, porque os construtores navais concluíram que nunca conseguiriam reproduzir o que haviam encontrado. Nos confins do porão, encaixado entre algumas das complicadas juntas perto da proa, eles descobriram um complexo mecanismo de relógio composto de peças de madeira ligado a cordas esticadas que iam até diversas partes do barco. Como ninguém conseguiu entender para o que aquilo servia, Quentin mandou que eles não mexessem em nada.

O *Muntjac* agora tinha um casco escuro arrojado com uma reluzente faixa branca. Centenas de metros de velas novas ainda estavam sendo costurados por um exército de tecelões, um processo incrivelmente técnico que estava acontecendo em uma imensa velaria do tamanho de um hangar de aviões. Os aromas fortes e rústicos de serragem e tinta fresca impregnavam o ar. Quentin inalou-os com gosto. Era como se ele estivesse voltando à vida também. Não que ele tivesse passado todo esse tempo morto, só... não muito vivo. Ou alguma coisa assim.

Faltando apenas dois ou três dias para o *Muntjac* ficar pronto, Quentin foi à sala dos mapas no Castelo de Whitespire para ver o que poderia aprender sobre seu destino. A Ilha Distante era em si a parte menos empolgante de toda a sua jornada, mas ele precisava descobrir como chegar até lá. Após o clamor das docas, a sala dos mapas parecia um poço de tranquilidade. Uma parede inteira era composta só de janelas, e a outra era ocupada por um glorioso mapa de Fillory que ia do chão ao teto, desde Loria, no norte, até o Deserto Errante ao sul. A parede tinha uma escada de correr, para que se pudesse chegar perto da parte que queria analisar, e quanto mais perto se chegava, mais detalhes vinham à tona, a ponto de ser possível identificar cada uma das árvores de Queenswood. No entanto, não havia nenhuma dríade à vista.

O mapa era levemente animado por uma espécie de encanto cartográfico. Era possível seguir minúsculas ondas que quebravam na Costa Varrida, uma após a outra. Quentin se inclinou mais para perto: dava até para ouvi-las ao longe, como o barulho do mar dentro de uma concha. Uma linha de sombra avançava sobre o mapa, mostrando onde era noite e onde era dia em Fillory. Mais acima, no teto abaulado, pequeninas estrelas cintilavam em um mapa celestial aveludado com tons de preto e azul que mostrava as constelações fillorianas.

Esse era o reino de Quentin, a terra que ele governava. Tudo parecia tão bonito, verdejante e mágico aqui. Essa era a Fillory como ele a tinha imaginado quando criança, antes de ter ido para lá – algo parecido com os mapas impressos nas últimas páginas dos livros da série *Fillory e além*. Ele poderia passar o dia todo olhando para isso.

A sala dos mapas não era um lugar lá muito movimentado. O único funcionário à vista era um adolescente mal-humorado com uma franja preta grossa caída sobre os olhos. Ele estava curvado sobre uma mesa, e trabalhava freneticamente em algum cálculo usando uma coleção de

instrumentos cartográficos de aço. Ele levou um instante até erguer a cabeça e perceber que havia alguém ali.

O jovem se apresentou a contragosto como Benedict. Ele parecia ter uns dezesseis anos. Quentin teve a impressão de que a sala do mapa não era visitada muitas vezes, e menos vezes ainda por reis; de qualquer forma, Benedict parecia estar desacostumado a demonstrar a deferência adequada nesse tipo de situação. Por Quentin, tudo bem. Ele não se importava com toda aquela pompa mesmo. No entanto, ele ainda precisava de um mapa.

— Que mapas da Ilha Distante você tem por aqui?

Os olhos de Benedict ficaram vazios por um instante, enquanto ele acessava um banco de dados mental. Em seguida, ele se virou e foi a passos arrastados até uma parede cheia de pequenas gavetas quadradas. Puxou uma delas – que na verdade eram finas, mas muito compridas – e tirou o único pergaminho que havia ali dentro.

O centro da sala dos mapas era ocupado por uma pesada mesa de madeira com um complexo mecanismo de latão. Benedict encaixou o pergaminho habilmente no equipamento e girou uma manivela. Essa era a única coisa que ele parecia fazer com um leve quê de empolgação. O aparelho desenrolava o pergaminho, esticando-o para que você pudesse ver a seção desejada.

O mapa era muito maior do que Quentin esperava. Metros de papel quase em branco foram se abrindo enquanto Benedict girava a manivela, mostrando curvas e arcos de latitude e longitude, ou seja lá quais fossem os equivalentes fillorianos disso, percorrendo quilômetros de mar aberto. Por fim, ele parou em uma minúscula porção irregular de terra com o nome escrito embaixo em itálico: *A Ilha Distante*.

— Deve ser aí — disse Quentin com um tom seco.

Benedict não confirmou, nem discordou. Ele fugia desesperadamente de qualquer contato visual. Quentin ficou tentando entender com quem Benedict era parecido, até perceber que devia ser assim que os outros o viam quando ele tinha dezesseis anos. Um medo de tudo e de todos, escondido sob uma máscara de desprezo, com a maior parte desse desprezo direcionada a si próprio.

— Parece ser bem longe — disse Quentin. — A quantos dias de viagem isso fica daqui?

— Sei lá — disse Benedict, o que não era bem verdade, pois ele logo completou, claramente a contragosto: — Talvez uns três. São 477 milhas. Milhas náuticas.

— Qual é a diferença?

— As náuticas são maiores.

— Maiores quanto?

— 242 metros a mais — disse Benedict automaticamente. — E uns quebrados.

Quentin ficou impressionado. Alguém havia conseguido enfiar algumas informações naquele jovem. O aparelho leitor de mapas tinha diversos braços articulados que se estendiam languidamente para fora, todos com lentes móveis acopladas. Quentin puxou uma delas, e uma versão ampliada da Ilha Distante apareceu sob seus olhos. Ela tinha mais ou menos a forma de um amendoim, com uma estrela marcada em uma das pontas. Seus limites eram representados por uma linha grossa e escura, com um contorno mais suave à sua volta, similar ao anterior, como se indicando as ondas do mar ou talvez uma plataforma estendida de terra sob a água.

Era mais ou menos o que ele imaginava. Um fio escuro e fino, um riacho solitário, descia de seu interior até a costa. Ao lado da estrela, lia-se a palavra *Distante*, em letras pequenas. Pelo que se podia presumir, aquele era o nome da única cidade da ilha. A lupa não conseguiu revelar mais nada. Desse ponto em diante, a ampliação apenas expunha a textura irregular do pergaminho.

— Que tipo de gente mora lá?

— Pescadores. Eu acho. Tem um agente da coroa por lá. É por isso que ela tem essa estrela. — Os dois olharam juntos para a estrela. — Esse mapa é uma merda — admitiu Benedict. Ele se abaixou até quase encostar o nariz no papel. — Olhe só esse sombreamento. Enfim, por que você quer saber sobre esse lugar?

— Eu vou pra lá.

— Sério? Por quê?

— Essa é uma boa pergunta na verdade.

— Você está procurando a chave?

— Não, não estou procurando nenhuma chave. Que chave?

— É de um conto de fadas — disse Benedict, como se estivesse falando com uma criança do jardim da infância. — É lá onde fica a chave que dá

corda no mundo. Ou onde dizem que ela fica.

Quentin nunca se interessou muito pelo folclore filloriano.

— Por que você não vem comigo? — perguntou ele. — Você pode fazer um mapa novo, se este aqui é tão ruim assim.

Agora ele estava tentando ajudar um jovem problemático. Tinha alguma coisa naquele rapaz que fazia Quentin querer dar uma sacudida nele. Fazê-lo cair na vida e parar de olhar feio para quem já tinha caído. Fazê-lo pensar em alguma outra coisa além de suas próprias neuroses para variar um pouco. Isso era muito mais difícil do que parecia.

— Não tenho qualificação pra trabalhos de campo — resmungou Benedict, abaixando os olhos de novo. — Sou cartógrafo, não topógrafo. — Quentin ficou observando enquanto os olhos do jovem continuavam fixos no mapa, naquele amendoim irregular. Estava bem claro que era mesmo nos mapas, e não nos lugares por eles mostrados, onde Benedict preferia viver. — Os contornos são um... — Ele fez um barulho entre os dentes: *chhh* — ... Jesus Cristo.

“Jesus Cristo” era uma expressão que os fillorianos mais jovens haviam aprendido com seus novos governantes. Era impossível explicar a eles o que aquilo de fato significava, mas eles estavam convencidos de que era alguma expressão chula.

— Em nome da Coroa de Fillory... — entoou Quentin — ...eu o declaro de agora em diante qualificado para trabalhos de campo. Que tal?

Ele se arrependeu por não ter trazido sua espada. Benedict deu de ombros, envergonhado. Era exatamente isso o que Quentin teria feito dez anos atrás. Ele percebeu que estava quase se afeiçoando pelo garoto. Benedict devia achar que ninguém nunca entenderia como ele se sentia. Isso fez Quentin perceber o quanto havia crescido. Talvez ele pudesse ajudá-lo.

— Pense no assunto. Seria bom levar alguém pra atualizar os mapas — disse Quentin, por mais que não visse nada de errado no material já disponível. Ele começou a girar distraidamente a manivela do aparato de visualização de mapas. O aparelho era muito bacana: pequenas engrenagens semiencobertas giraram, e a Ilha Distante se afastou e então foi enrolada dentro do pergaminho. Ele continuou girando. Metros e metros de um delicado papel em branco foram passando, decorados aqui e ali com linhas pontilhadas e números minúsculos. A imensidão vazia do oceano.

Por fim, o pergaminho acabou, e a ponta solta se desprende, debatendo-se sobre a mesa.

— Não tem muita coisa lá — disse Quentin, só por achar que precisava dizer algo.

— Esse é o último mapa do catálogo — disse Benedict. — Ninguém nunca pediu pra vê-lo desde que entrei aqui.

— Posso levar ele comigo? — Benedict ficou sem reação. — Não tem problema. Eu sou um rei, sabe. Esse mapa já é meu de qualquer jeito, tecnicamente falando.

— Vou ter que dar baixa mesmo assim.

Benedict enrolou o pergaminho com cuidado, o colocou em uma caixa de couro e depois entregou a Quentin um papel que o permitia retirá-lo da sala dos mapas. Ele assinou o formulário: seu nome completo era Benedict Fenwick.

Benedict Fenwick. Jesus Cristo. Então não era à toa que ele era tão mal-humorado assim.

Agora, Quentin já tinha um barco a vela obsoleto ressuscitado dos mortos. E também um espadachim psicoticamente habilidoso e uma rainha-bruxa enigmática. Não era bem a Sociedade do Anel, mas ele não estava tentando salvar o mundo de Sauron, e sim fazer uma auditoria fiscal entre um bando de caiçaras. Então já estava mais do que bom. Eles deixaram o Castelo de Whitespire três semanas após a morte de Jollyby.

Uma forte brisa salgada castigava o porto. As velas do *Muntjac* pareciam prontas para serem abertas e disparar o barco rumo ao horizonte em busca do infinito. Elas eram de um branco glorioso, com o carneiro símbolo de Fillory pintado em um azul muito claro como uma marca d'água, e todas as suas bordas estalavam e vibravam com uma empolgação latente. Era um animal realmente maravilhoso.

Uma banda de metais tocava no porto. O maestro estava visivelmente forçando seus músicos a atingirem volumes cada vez mais altos, mas as notas eram levadas pelo vento assim que saíam dos instrumentos. Faltando meia hora para a partida, Benedict Fenwick apareceu apenas com a roupa do corpo e uma pequena mala cheia de equipamentos cartográficos tilintantes. O capitão – mais uma vez em cena, o inabalável almirante Lacker – o levou até a última cabine disponível.

Eliot foi com Quentin até a doca para se despedir.

— Bom... — disse ele.

— Bom...

Os dois pararam juntos em frente à prancha de embarque.

— Você vai mesmo fazer isso.

— Você achou que eu estava blefando?

— Um pouco, sim — disse Eliot. — Mande um abraço pra Julia. E não se esqueça do que eu contei a você sobre ela.

Julia já tinha se acomodado em sua cabine com uma cara de quem não estava planejando dar as caras de novo até eles chegarem a seu destino.

— Claro. Vai ficar tudo bem por aqui sem a gente?

— Até melhor.

— Se você descobrir o que aconteceu com Jollyby, pode arrancar o couro de seja lá quem for que fez aquilo — disse Quentin. — Não espere por mim.

— Obrigado. Aliás, não acho que foram os Fenwicks. Eles devem achar que somos uns babacas, mas só isso.

Quentin se lembrou de quando eles tinham se conhecido, de como tinha achado a mandíbula torta de Eliot estranha. Agora, ele já estava tão acostumado que nem reparava mais. Ela parecia algo natural, como a mandíbula de uma baleia-corcunda.

— Acho que eu poderia fazer um discurso — disse Eliot. — Mas ninguém ouviria.

— Tudo bem, vou só fazer de conta que você está me encorajando a buscar os interesses do povo filloriano e mostrar pra esses caiçaras renegados, que muito provavelmente só se esqueceram de pagar os impostos, se é que têm alguma coisa pela qual ou com a qual pagar esses impostos, que nós defendemos a justiça e a verdade, e que é bom eles se lembrarem disso.

— Você está empolgado mesmo com isso tudo, não está?

— Olha, você nem imagina o quanto está sendo difícil pra mim ficar parado aqui nesta doca.

— Tudo bem então — disse Eliot. — Pode ir. Ah, e sua tripulação está com um integrante a mais. Esqueci de avisar. Os animais falantes quiseram mandar alguém.

— Quê? Quem?

— Exatamente. Quem ou o que, eu nunca sei direito. Ele já está a bordo. Sinto muito, foi só uma questão política.

— Você podia ter me perguntado.

— Podia mesmo, mas achei que talvez você não fosse aceitar.

— Já estou com saudade. Até daqui a uma semana.

Empolgado, Quentin subiu pela prancha, que foi rapidamente retirada assim que ele chegou ao convés. Gritos navais incompreensíveis irromperam de todos os cantos. Quentin fez de tudo para não atrapalhar ninguém enquanto ia até o castelo de popa. O barco rangeu e avançou lenta e pesadamente, enquanto se inclinava, afastando-se do cais. O mundo ao redor de todos a bordo, antes fixo no lugar, agora parecia mais solto e oscilante.

Assim que deixaram o porto para trás, o mundo voltou a se transformar. O ar esfriou, o vento pegou força e as águas de repente ficaram revoltas, ganhando um tom cinza-chumbo. Ondas imensas quebravam contra o casco abaixo deles. As enormes velas do *Muntjac* acolheram o vento. A madeira recém-trabalhada rangeu e se acomodou confortavelmente ao esforço.

Quentin foi até a popa e olhou para o rastro deixado pelo barco no mar, aberto entre as ondas e transformado em espuma pelo peso da embarcação. Ele se sentiu bem e vivo de verdade. Ele deu um tapinha no surrado balaústre de popa do *Muntjac*: ao contrário de quase todas as coisas e pessoas de Fillory, o *Muntjac* precisava de Quentin, e Quentin não o desapontaria. Ele endireitou os ombros. Alguma coisa pesada e invisível havia soltado suas garras, finalmente saindo de suas costas, onde estava empoleirada há tanto tempo, e voado para longe com a forte brisa. Que ela pousasse nos ombros de outra pessoa agora, pensou ele. Esse fardo provavelmente estaria à sua espera quando ele voltasse. Mas, por enquanto, ele queria aproveitar.

Quando Quentin se virou para descer, deu de cara com Julia. Ele não a tinha ouvido chegar. O vento estava fazendo seus cabelos negros tremularem revoltosos em volta de seu rosto. Ela estava escandalosamente linda. Talvez tenha sido apenas por um truque de luz, mas sua pele parecia ter um quê prateado etéreo, como se ele pudesse tomar um choque se tocasse nela. Se algum dia eles ainda iriam se apaixonar um pelo outro, seria nesse barco.

Eles ficaram juntos, vendo Whitespire se afastar cada vez mais ao longe até, por fim, sumir no horizonte. Julia também tinha vindo do Brooklyn para cá como ele, pensou Quentin. Ela devia ser a única pessoa no mundo, em qualquer mundo, que realmente entendia como tudo aquilo era para ele.

— Nada mau, hein, Jules? — disse ele, inalando o ar frio do mar. — Digo, eu sei que essa viagem toda é uma babaquice, mas olha só isso! — Ele abriu os braços para mostrar tudo: o barco, o vento, o céu, a paisagem, eles dois. — A gente devia ter feito isso há muito tempo.

A expressão de Julia não se alterou. Seus olhos ainda não tinham voltado ao normal desde o incidente na floresta: eles continuavam escuros, e pareciam estranhos e ancestrais em meio às sardas em seu rosto jovem.

— Eu nem percebi que nós já tínhamos partido — disse ela.

CAPÍTULO 4

Seria preciso voltar ao começo, àquela melancólica tarde gelada no Brooklyn em que Quentin fez o exame de Brakebills, para entender o que aconteceu com Julia. Porque Julia fez esse mesmo exame naquele dia também. E, depois da prova, ela perdeu três anos de sua vida.

Sua história começou no mesmo dia em que a de Quentin, mas foi uma história de um tipo muito diferente. Naquele dia, no dia em que ele, James e Julia atravessaram a Quinta Avenida juntos, indo para as entrevistas que os dois rapazes fariam para entrar em Princeton, a vida de Quentin se partiu ao meio. A de Julia não. Mas acabou sofrendo uma rachadura.

No começo, essa rachadura era fina como um fio de cabelo. Nada de muito perceptível. Julia ficou com uma vida rachada, mas que ainda dava para usar, ainda estava boa. Ela não tinha por que jogar aquela vida fora. Não havia nada de errado com ela.

Ou talvez até houvesse, mas ela continuou funcionando por um tempo. Julia se despediu de James e Quentin em frente àquela casa de tijolos. Eles entraram. Ela foi embora. Tinha começado a chover. Ela foi para a biblioteca. Pelo menos isso ela sabia que era verdade. Pelo menos isso de fato devia ter acontecido.

Em seguida, aconteceu uma coisa que não aconteceu: ela sentou na biblioteca com seu *laptop* e uma pilha de livros, e fez seu trabalho para o sr. Karras. O trabalho ficou excelente. Era sobre uma comunidade socialista utópica experimental no Estado de Nova York no século XIX. A

comunidade tinha ideais nobres, mas também algumas práticas sexuais um tanto sinistras, até que por fim perdeu seu encanto e foi transformada em uma bem-sucedida fábrica de talheres. Julia tinha algumas ideias para explicar por que aquele esquema acabou funcionando melhor como uma fábrica de talheres do que como uma tentativa de fundar o reino de Cristo na Terra. Ela tinha certeza de que estava certa. Havia analisado todos os números, e sabia por experiência própria que analisar os números em geral trazia respostas muito boas.

James a encontrou na biblioteca. Ele contou a ela o que tinha acontecido na entrevista - uma coisa já muito estranha -, que eles tinham encontrado o entrevistador morto e tudo mais. Depois disso, ela voltou para casa, jantou, subiu até seu quarto, terminou o resto do trabalho, o que demorou até as quatro da manhã, dormiu umas três horas, acordou, matou as duas primeiras aulas para arrumar as notas bibliográficas e foi para a escola a tempo da aula de estudos sociais. Caos controlado.

Quando ela parou para pensar, viu que tudo aquilo parecia estranho e irreal, mas por outro lado, é normal ficar com a sensação de que tudo é estranho e irreal quando você fica acordado até as quatro e acorda às sete. As coisas só começaram vir abaixo uma semana depois, quando ela recebeu o trabalho corrigido.

O problema não era a nota. A nota foi boa. Ela tinha tirado nove, o que era raro para o sr. K. O problema era que... qual era o problema? Ela releu o trabalho e, por mais que estivesse bom, ela não reconheceu o texto todo. Mas ela tinha escrito tudo correndo mesmo. O que a incomodou foi o mesmo que incomodou o sr. K: ela tinha errado uma data.

Acontece é que essa comunidade utópica sobre a qual ela tinha escrito havia violado uma mudança nas leis federais sobre estupro – coisa sinistra, bizarra – feita em 1878. Ela sabia disso. No entanto, estava escrito 1881 no trabalho, coisa na qual o sr. K nunca teria reparado – por mais que, pensando bem, ele fosse mesmo um sujeito bastante sinistro, e não seria muito surpreendente se ele conhecesse os detalhes de uma ou duas leis sobre estupro –, a não ser que esse fosse um erro da Wikipédia, porque o sr. K adorava conferir esse tipo de coisa só para pegar os alunos que usavam a Wikipédia como fonte. Ele viu a data, conferiu o verbete na Wikipédia e fez um *X* vermelho enorme na borda do trabalho. E riscou o *10* que já tinha escrito e fez um *9* ao lado. Ele ficou muito surpreso com ela. Ficou mesmo.

Julia também ficou surpresa. Ela nunca tinha usado a Wikipédia, claro, em parte por saber que o sr. K checava tudo, mas principalmente porque, ao contrário de muitos dos seus colegas, ela gostava de ir a fundo em suas pesquisas. Ela voltou para o começo e releu o trabalho com cuidado. Ela achou um segundo erro, e um terceiro. Não havia outros, mas já era o bastante. Ela começou a rever as versões anteriores do trabalho, porque sempre salvava e fazia *backups* separados de seus rascunhos, porque a opção de controlar alterações do Word era um lixo, e ela queria saber exatamente em que ponto os erros tinham aparecido. Mas o estranho era que não havia nenhuma outra versão. Ela achou apenas o texto final.

Esse fato, por menor que fosse e ainda que tivesse diversas explicações plausíveis, acabou sendo o grande botão vermelho responsável por ativar o assento ejetor que disparou Julia para fora da confortável cabine de sua vida.

Ela se sentou na cama e ficou olhando para o arquivo, que mostrava um horário de criação no qual ela se lembrava de estar jantando, e ficou com medo. Porque quanto mais Julia pensava, mais parecia que ela tinha duas sequências distintas de memória daquela tarde. Uma delas era quase plausível demais para ser verdade. Era como uma cena de um romance escrito por um realista sisudo mais interessado em apresentar uma combinação de detalhes naturalistas que se encaixam de forma plausível do que em contar uma história que não matasse o pobre leitor de tédio. Era como um artigo de revista. Essa era a memória em que ela ia para a biblioteca, falava com James, jantava e depois escrevia o trabalho.

Por outro lado, a outra era completamente insana. Nessa outra memória, ela tinha ido à biblioteca e feito uma pesquisa simples em um dos computadores vagabundos nas bancadas de madeira clara ao lado da mesa da recepção. O resultado dessa busca foi um número de referência. Mas era um número estranho – segundo ele, esse livro estaria nas prateleiras do segundo subsolo. Julia podia jurar que a biblioteca não tinha nenhuma prateleira no segundo subsolo, porque o prédio não tinha um segundo subsolo.

Como se estivesse em um sonho, ela foi até o elevador de aço escovado. E, de fato, embaixo do botão redondo de plástico branco marcado como *S1*, agora havia outro botão redondo de plástico marcado como *S2*. Julia o apertou. Ele acendeu. A sensação de descida que ela teve no estômago foi uma sensação de descida normal, como a que se tem quando se está

descendo rapidamente para uma sala no segundo subsolo cheia de prateleiras toscas de metal, o zumbido de lâmpadas fluorescentes e tubulações expostas com válvulas pintadas de vermelho despontando em ângulos bizarros dos canos.

No entanto, não foi isso que ela viu quando as portas do elevador se abriram. Em vez disso, ela viu um terraço ensolarado nos fundos de uma casa de campo, com jardins verdes por toda parte a seu redor. Na verdade, conforme explicaram depois para ela, aquela não era uma casa, e sim uma faculdade chamada Brakebills, e as pessoas que estudavam lá eram magos. E eles achavam que ela poderia ser uma maga também. Ela só precisaria passar por um simples exame primeiro.

CAPÍTULO 5

Para Quentin, a única coisa comparável à sensação de acordar naquela primeira manhã a bordo do *Muntjac* foi a de acordar na primeira manhã em Brakebills. Sua cabine era comprida e estreita, com a cama de frente para uma fileira de janelas que ficavam a apenas alguns metros das ondas do lado de fora. A primeira coisa que ele viu ao abrir os olhos foram essas janelas, salpicadas com gotículas de água e iluminadas pela luz do sol refletida no mar, sobre o qual eles avançavam a uma velocidade inacreditável. Estantes de livros, armários e gavetas haviam sido instalados com grande perfeição ao longo das paredes e embaixo da cama. Era como estar dentro de um quebra-cabeça chinês.

Ele firmou seus pés descalços nas tábuas largas e frias de sua pequena cabine. Ele sentiu a leve arfagem e o ainda mais leve balanço do barco, e sua inclinação causada pelo vento. Era como estar na barriga de um imenso, mas tranquilo mamífero marinho cuja maior alegria na vida era nadar pela superfície das águas com Quentin dentro de suas entranhas. Ele era daquele tipo insuportável de pessoa que nunca fica enjoada em alto mar.

Ele pegou suas roupas na pequena cômoda embutida na parede, na amurada, no tabique, ou em seja lá qual fosse o nome da parede de um barco. Ficou admirando as fileiras bem arrumadas de livros na estante embutida sobre sua cama, com uma ripa estreita sustentando os tomos para não caírem durante uma tempestade. Ele não estava lá muito empolgado para descobrir o que eles iriam comer no café-da-manhã, e nem queria

pensar em como era o banheiro daquele lugar, mas fora isso, ele estava completamente em êxtase. Não se sentia tão bem assim há meses. Talvez anos.

No convés, ele era o único que não estava fazendo nada. A tripulação do *Muntjac* era pequena para o tamanho do barco, apenas oito homens, incluindo o capitão, e todos os tripulantes à vista estavam muito ocupados operando o leme, amarrando cordas, esfregando o convés e subindo e descendo pela embarcação. Não havia nem sinal de Julia, mas Lacker e Benedict estavam discutindo alguma minúcia náutica com um nível de empolgação que Quentin nunca havia imaginado ser capaz para nenhum dos dois.

Quentin achou que poderia ajudar com seus feitiços climáticos, caso fosse necessário, mas Julia era muito melhor nisso do que ele, e de qualquer forma, estava claro que nem Julia teria como melhorar o tempo que já estava fazendo: um céu azul aberto com um vento noroeste forte e gelado. Ele decidiu subir no mastro.

Foi até o último e menor dos três mastros do *Muntjac*, balançando seus braços para a frente e para trás, soltando os ombros. Essa provavelmente era uma ideia idiota. Mas, por outro lado, quem nunca quis subir no mastro de um veleiro cruzando os mares a toda velocidade? Isso sempre parecia tão fácil nos filmes. Na verdade, o mastro não havia sido feito para ser escalado – ele não tinha saliências, degraus ou pinos. Quentin apoiou o pé em um gancho de latão. O homem atrás do leme olhou para ele. *Seu rei está escalando um mastro, cidadão. E não, ele não sabe o que está fazendo. Mas e daí?*

Não foi fácil, mas também não foi tão difícil. Onde não havia ganchos ou traves, ele pelo menos encontrava cordas, e só precisava tomar cuidado para não puxar nada que não devesse. Ele esfolou um dedo, depois outro, e uma farpa grossa entrou bem na ponta de seu dedão e se partiu lá dentro. O mastro rangia com a tensão – Quentin podia senti-lo enraizado no fundo do porão, absorvendo a energia do vento e a contrabalanceando com a força das águas na quilha. Ele só não tinha contado com o frio, que logo apertou, como se ele estivesse entrando em outra zona climática, ou nos limites mais baixos do espaço sideral.

A outra coisa com a qual ele não tinha contado foi o ângulo do barco. Era algo que na maior parte do tempo ele mal notava, mas quanto mais se afastava da segurança do convés, mais o barco parecia estar perigosamente

inclinado. Foi preciso fazer um esforço para se convencer de que o barco não estava correndo nenhum risco iminente de tombar de fato, afogando todos a bordo. Provavelmente não.

Quando chegou ao topo, ele já não estava mais sobre o convés. Ele poderia descer um fio de prumo direto contra a água, que corria como uma torrente revolta de vidro esverdeado lá embaixo. Uma figura cinza-esbranquiçada de nariz achatado acompanhava o barco sob a superfície, uns quinze metros a estibordo. Era uma criatura imensa. Mas não era uma baleia – sua cauda era vertical, não horizontal. Devia ser um peixe gigantesco ou um tubarão. Enquanto Quentin olhava, o animal mergulhou, ficando cada vez mais distante e difuso, até por fim desaparecer sob a água. Quanto mais alto a pessoa sobe, mais percebe o quanto tudo é muito maior do que ela.

Descer foi mais fácil. Assim que chegou à segurança do convés, Quentin decidiu continuar na direção oposta e ir até o porão. O barulho do mundo claro e agitado lá fora ficou para trás assim que ele desceu pelo alçapão escuro no convés. Não havia muito para onde ir: três lances curtos de escada o levaram até o fundo do pequeno mundo oco do *Muntjac*.

Estava quente ali. Ele podia sentir a pressão do mar do outro lado da madeira úmida e suada. O porão estava tão abarrotado de mantimentos que mal havia espaço para se mexer. Aquele não era um lugar muito bonito. Quentin estava indo até a escada para voltar à realidade, ou ao que equivalia a isso em Fillory, quando um rosto estranho, peludo e invertido emergiu da escuridão contra ele.

Quentin deu um berro alto e não muito nobre de susto e bateu a cabeça em alguma coisa. O rosto ficou parado no meio do ar – enquanto seus olhos se ajustavam, ele viu que a criatura estava pendurada de ponta-cabeça em uma viga com tranquilidade, como se tivesse passado a vida inteira ali. Seu rosto tinha um aspecto estranho, meio derretido.

— Olá — disse ela.

Então um mistério estava resolvido. O animal falante a bordo era uma preguiça. Praticamente o mamífero mais feio que Quentin já tinha visto.

— Oi — disse Quentin. — Não sabia que você estava aqui.

— Parece que ninguém sabe — disse a preguiça com toda calma. — Espero que você venha me visitar. Sempre.

A viagem até a Ilha Distante levou três dias, que foram ficando cada vez mais quentes. Eles haviam saído das praias outonais e águas cinzentas de Whitespire, chegando agora a uma zona mais tropical. E isso enquanto avançavam rumo ao leste, e não ao norte ou sul, o que era estranho para quem vinha da Terra, mas nenhum dos fillorianos parecia surpreso. Isso fez Quentin se perguntar se aquele mundo sequer era esférico – Benedict sequer tinha ouvido falar sobre o conceito de equador. A tripulação trocou suas roupas por trajes brancos de verão.

Benedict estava ao lado do almirante Lacker no leme, com um livro de mapas que descrevia a rota de chegada à Ilha Distante: páginas e mais páginas repletas de pontilhados técnicos e manchas isobáricas globulares concêntricas. Juntos, os dois abriram caminho em meio a um labirinto formado por baixios e recifes que ninguém, exceto eles, conseguia ver, até a ilha por fim surgir ao longe: um pequeno monte de areia branca e mata verdejante no horizonte, com uma pequena montanha em seu centro, nada muito diferente do que Quentin tinha imaginado. Eles contornaram um cabo e entraram em uma baía de águas rasas.

Logo em seguida, o vento desapareceu. O *Muntjac* chegou ao centro do porto com o resto de impulso que tinha, cortando a tranquila superfície esverdeada da água em seu caminho. Suas velas pendiam frouxas em silêncio. O lugar até parecia um calmo vilarejo na Riviera Francesa. A praia era uma faixa estreita de areia coberta de algas secas e aqueles ramos fibrosos que as palmeiras sempre soltam, cozinhando sob o calor da tarde. Em uma das pontas, havia um cais e alguns prédios baixos, além de uma construção mais suntuosa que poderia ser um hotel ou um clube de campo. Não havia uma viva alma à vista.

Devia ser hora da sesta. Quentin sentiu uma onda de empolgação, mas se repreendeu. *Não seja idiota*. Aquilo era uma visita oficial. Eles estavam ali para cobrar impostos.

Eles abaixaram um bote em silêncio até a água. Quentin entrou a bordo, seguido por Bingle e Benedict, que, por um instante, deixou sua timidez emburrada de lado, todo ansioso para começar sua pesquisa. No último minuto, Julia emergiu de sua cabine e entrou no bote. A preguiça, pendurada com tranquilidade em sua viga no porão, preferiu ficar onde estava, mas pediu a eles, antes de fechar seus pesados olhos caídos, para que se lembrassem de que ela era onívora, caso encontrassem algum ramo mais suculento, ou até mesmo algum pequeno lagarto.

Um longo píer bambo e esquálido se estendia do cais até a água, com uma pequena e bizarra cúpula na ponta. Eles remaram até lá, cruzando a baía, que parecia uma tranquila lagoa. Durante toda essa operação, eles não tinham visto, nem ouvido, absolutamente ninguém.

— Que sinistro — disse Quentin em voz alta. — Espero que não esteja tudo deserto, como em Roanoke.

Ninguém disse nada. Ele sentiu falta de ter Eliot ou até Janet para conversar. Se Julia tinha achado graça, ou sequer entendido a referência, não deixou transparecer. Ela estava muito quieta desde que eles tinham deixado Whitespire. Ela não queria falar, nem tocar em ninguém – andava com as mãos em frente ao corpo e os cotovelos curvados para dentro.

Quentin analisou o litoral usando um telescópio dobrável que ele tinha encantado para poder identificar seres visíveis e invisíveis, ou a maioria deles, pelo menos. A praia estava mesmo genuína e autenticamente deserta. Usando outro ajuste – um disco de controle extra –, o telescópio voltava um pouco no tempo também. Ninguém havia passado pela praia na última hora.

O píer rangia em meio ao silêncio. O calor estava de matar. Quentin achou que seria melhor descer primeiro, por ser o rei, mas Bingle não deixou. Ele estava levando seu trabalho de guarda-costas real muito a sério. Ele não era nem de longe tão descontraído quanto seu nome sugeria, o que talvez fosse mesmo impossível, já que Bingle era um nome digno de um palhaço.

O prédio grande que eles tinham avistado antes era uma construção de madeira pintada de branco, com colunas jônicas na entrada e enormes portas de vidro. Tudo estava caindo aos pedaços. Parecia uma casa grande do período colonial. Bingle abriu a porta e entrou. Quentin veio logo atrás. Mesmo se aquilo não fosse render nenhuma grande aventura, ele queria pelo menos sentir a emoção de entrar em um lugar desconhecido, por mais efêmera que fosse. Depois do clarão da tarde lá fora, o interior do prédio estava totalmente escuro, com uma temperatura agradável.

— Cuidado, alteza — disse Bingle.

Enquanto seus olhos se adaptavam, Quentin viu uma sala velha, mas pomposa, com uma mesa no centro. Nessa mesa, estava sentada uma garotinha de cabelos loiros e lisos, colorindo uma folha de papel com todo afinco. Quando ela os viu, virou-se e gritou para o andar de cima:

— *Manhêêê!* Tem gente aqui!

Ela se virou de volta para eles.

— Tentem não trazer a areia da praia pra dentro da casa. — Ela voltou a colorir seu desenho. — Sejam bem-vindos a Fillory — completou ela, sem erguer os olhos.

O nome dessa garotinha era Eleanor. Ela tinha cinco anos e adorava desenhar coelhégasos, que eram como pégasos comuns, mas em vez de cavalos, eram coelhinhos alados. Quentin não sabia direito se eles existiam mesmo ou não; era difícil ter certeza sobre essas coisas em Fillory. A mãe da menina devia estar na casa dos quarenta anos e era linda, com lábios finos e uma pele clara nada tropical. Ela desceu elegantemente as escadas, usando salto alto e um conjunto de paletó e saia com um quê de uniforme oficial, e empurrou Eleanor para fora de sua cadeira, o que ela aceitou sem reclamar. A menina pegou seus desenhos e lápis de colorir e subiu as escadas correndo.

— Sejam bem-vindos ao reino de Fillory — disse a mulher com uma voz profunda. — Sou a agente alfandegária. Peço por gentileza que me digam seus nomes e países de origem.

Ela abriu um livro-caixa com um ar muito oficial e deixou a postos um grande carimbo besuntado de tinta roxa.

— Meu nome é Quentin Coldwater — disse Quentin. — Sou o rei de Fillory.

Ela hesitou, arqueando as sobrancelhas, com a mão erguida para bater o carimbo. Ela estava fazendo seu trabalho muito bem: pragmática, mas sensual, com algumas belas pitadas de ironia aqui e ali. Essa agente alfandegária tinha algo de muito sedutor.

— Você é o rei de Fillory?

— Sim, sou um dos reis de Fillory. Somos dois.

Ela guardou o carimbo. Na coluna OCUPAÇÃO, ela escreveu: *rei*.

— Nesse caso... de Fillory?

— Bom, sim.

Ela fez outra anotação.

— Hm, muito bem. — Ela suspirou e fechou o livro, frustrada por não ter usado seu carimbo. — Se você é de Fillory, não tem muita papelada. Achei que você tinha vindo de fora.

— Dirija-se à sua alteza com o devido respeito! — esbravejou Bingle. — Você está falando com o rei, não com um pescador qualquer.

— Eu sei que ele é o rei — disse ela. — Ele já me disse isso.

— Então se dirija a ele como “sua alteza”!

— Desculpe. — Ela se virou para Quentin, tentando, mas não muito, conter o riso. — Sua alteza. Não recebemos muitos reis por aqui. Não estou acostumada.

— Bom, tudo bem — aceitou Quentin. — E escuta, Bingle, pode deixar, eu mesmo cuido da minha dignidade, obrigado. — Em seguida, virando-se para a agente alfandegária, completou: — E você pode carimbar meu formulário mesmo assim, se quiser.

Bingle fuzilou Quentin com um olhar como quem diz “você não tem a menor ideia de como ser rei, literalmente nenhuma”.

A agente alfandegária se apresentou como Elaine e, assim que se deu por satisfeita com toda a parte burocrática, revelou-se muito hospitaleira. Como era de costume na Ilha Distante, haveria um coquetel dentro de uma hora, explicou ela. Em seguida, ela perguntou se eles gostariam de conhecer alguma parte da ilha antes disso. Mas é claro. Já que estamos aqui, por que não? Alguém só deveria ter avisado que algum deles acabaria tendo que levar Eleanor nos ombros. Ela era uma garotinha meiga, mas dispersa e muito preguiçosa.

— Ela é muito atrevida. Ela parte para cima dos homens do grupo, e se você tiver cara de alvo fácil, vai passar o resto do dia a carregando — comentou sua mãe.

Eles seguiram Elaine pela embaixada, que é o que aquele grandioso prédio na verdade era. O lugar ficava à meia luz e tinha uma elegância surpreendente, com várias poltronas e muita madeira escura, como um clube de cavalheiros inglês. Era difícil imaginar a opulenta época na qual todas aquelas coisas haviam chegado ali. A Ilha Distante deveria ter tido sua era de ouro. Eles saíram pelo portão dos fundos e seguiram uma trilha aberta em meio à vegetação tropical. Elaine pegou uma fruta agridoce muito cheirosa de um galho mais baixo e ofereceu para Quentin.

— Experimente isto — ronronou ela. A fruta tinha densos aglomerados de sementes que ele cuspiu no mato.

O forte aroma do mar foi substituído pelo denso ar impregnado de clorofila da selva. Aqui e ali, eles passavam por portões de ferro fundido,

pintados de branco, mas enferrujados, com trilhas que avançavam mata adentro. Elaine comentou sobre os diversos escândalos e histórias das famílias que moravam nas casas no final dessas trilhas. Ela era bonita e tinha um jeito alegre e cativante. No entanto, Quentin não entendia por que ela não era mais carinhosa com a filha, a pequena e prestativa Eleanor. Isso destoava de sua postura calorosa. Bingle andava na frente do grupo, com sua espada em punho, pronto para fatiar ou agarrar qualquer malfeitor que pudesse estar escondido no meio da selva com más intenções contra o rei. Quentin achou isso meio indelicado, mas Elaine não pareceu se importar.

Eles pararam para admirar uma árvore-relógio tropical, que era uma palmeira em vez de um carvalho. Quentin perguntou a Eleanor se ela sabia ler as horas, e ela disse que não e que também não queria aprender.

— Não banque a princesinha mimada com o rei — disse Elaine.

Benedict vinha desenhando com esmero enquanto eles andavam, tentando não borrar suas anotações com seu próprio suor. Julia parou para ver – ou talvez falar com – uma planta, e eles a deixaram para trás. Mas também, o que poderia acontecer? Quentin tinha pensado em flertar com Elaine, em uma tentativa de despertar o espírito competitivo de Julia, mas se ela tinha esse tipo de espírito, ele continuava adormecido.

Depois de quase um quilômetro, eles chegaram ao centro da cidade. A trilha fazia uma curva sinuosa e então voltava, formando um laço. Havia um mercado ali, ou pelo menos algumas barracas de mercado, fedendo a peixe e com algumas frutas pisadas no chão como as que eles tinham visto no caminho. Na ponta do laço, ficava um grandioso prédio oficial, ao estilo de uma prefeitura, com um relógio parado na fachada feito o olho cego de um ciclope, e uma bandeira filloriana desbotada, mas ainda identificável, que pendia esmaecida e exausta sob o escaldante ar úmido e parado.

No centro do laço, ficava um monumento de pedra, um obelisco de granito com a estátua de um homem em cima. Ela estava muito deteriorada pelas monções e ervas daninhas tropicais haviam conseguido rachar um canto da base, mas ainda era possível ver a postura heroica do homem, calmo diante do que parecia ser uma desgraça iminente.

— Esse é o capitão Banks — disse Elaine. — O povoado filloriano aqui na Ilha Distante foi fundado por ele. Ou seja, foi ele quem afundou com seu barco por aqui.

Quentin tentou pensar em algum bom trocadilho com “fundado” e “afundado”. Mas esse era o tipo de piada que provavelmente já devia ser muito batida por ali.

— Onde estão as pessoas?

— Ah, por aí — disse Elaine. — Somos um povo mais reservado, em geral.

Eleanor tentou chamar a atenção de Elaine, mas ganhou só um empurrão. Ela ergueu seus bracinhos para Quentin, e ele a colocou em seus ombros. Elaine revirou os olhos como quem diz, “não diga que não avisei”. O sol estava se pondo atrás das árvores, cobrindo o céu com um intenso banho de sangue luminoso, enquanto os insetos noturnos ficavam cada vez mais ousados.

Eleanor soltou um gritinho de alegria ao ver o quanto Quentin era mais alto do que os outros ombros que costumavam carregá-la. Ela cobriu os olhos dele com a barra da saia. Ele levantou a saia da garotinha com todo cuidado, e ela soltou outro gritinho e a abaixou de novo. Era uma brincadeira. Ela tinha uma força surpreendente. Quentin não viu nenhum grande problema em ser um alvo fácil.

Ele passou um longo instante ali, em meio à escuridão tropical que se espalhava sob a borda da saia de Eleanor. Aqui estou eu, o nobre líder da destemida expedição à Ilha Distante. Rei de tudo à minha volta. Então era isso, não haveria nenhuma grande revelação, nenhuma reviravolta surpreendente. Ele sentiu uma resignação quase agradável, um prazer tranquilo, entorpecente, como a primeira dose de uma bela bebida forte.

Quentin suspirou. O suspiro não foi melancólico, mas serviu para concluir seu pensamento: assim que eu receber aqueles impostos, vou é dar logo o fora daqui.

— Você tinha comentado antes sobre um coquetel... — disse ele.

O jantar na embaixada foi uma agradável surpresa: um peixe das águas locais com dentes horrendos, servido inteiro com um molho doce feito à base de alguma fruta local parecida com manga. Eleanor serviu os convidados com grande decoro, trazendo da cozinha à mesa saleiros, copos e outros itens do tipo com as costas eretas e cerimoniais passos lentos com as pontas dos pés, como se estivesse se equilibrando em uma barra de ginástica. Lá pelas oito e meia, ela derrubou uma taça de cristal.

— Pelo amor de Deus, Eleanor! — disse Elaine. — Vá já para a cama. Sem sobremesa, pode ir agora mesmo.

A acusada caiu no choro, exigindo um pedaço de bolo, mas Elaine não se abalou.

Depois, todos se sentaram em sofás e cadeiras de vime em uma varanda no andar de cima e ficaram tomando aos golinhos um licor local incrivelmente adocicado. A baía se estendia em meio à noite embaixo deles, com o *Muntjac* flutuando na água, iluminado por lanternas na popa, na proa e no alto dos mastros. Julia preparou um feitiço para afastar os insetos.

Quentin perguntou onde ficava o banheiro e então pediu licença. Era só uma desculpa: ele foi até a cozinha, onde encontrou o que havia sobrado do bolo sob uma redoma de vidro. Ele cortou um pedaço e o levou até o quarto de Eleanor.

— *Shhh* — disse ele, fechando a porta depois de entrar. Ela acenou a cabeça com um ar sério, como se ele fosse um espião trazendo uma mensagem militar secreta. Ele ficou esperando enquanto ela comia e depois levou as provas – um prato vazio e um garfo sujo – de volta à cozinha.

Quando ele voltou à varanda, Elaine estava sozinha. Julia já tinha ido dormir. Se ela sentia alguma coisa por Quentin, não era nada que fosse capaz de fazê-la lutar por ele. Ele estava começando a ver seu grandioso passeio marinho com Julia desandar. Tudo bem se não acontecesse nada – àquela altura, ele ficaria feliz só de conseguir fazer com que ela falasse com ele. Quentin estava preocupado com Julia.

— Desculpa pelo que eu disse antes — comentou Elaine. — Sua alteza. Sobre você ser rei.

— Não tem problema. — Ele reconcentrou sua atenção nela com certo esforço e sorriu. — Eu mesmo ainda estou me acostumando.

— Teria sido mais fácil se você estivesse usando uma coroa.

— Até usei por um tempo, mas era muito desconfortável. E ela sempre caía nas piores horas.

— Imagino.

— Batizados. Cargas de cavalaria.

Sob influência da bebida local, ele estava começando a se achar deveras charmoso. *Le roi s'amuse*.

— Era um estorvo real então.

— Ela era praticamente uma inimiga do Estado. Agora, eu só ando com uma postura nobre mesmo. Aposto que *nisso* você reparou.

Em meio à penumbra, foi difícil entender a expressão que ela fez. Uma multidão de estrelas orientais exóticas iluminava o céu negro.

— Ah, seria impossível não reparar.

Ela começou a enrolar um cigarro. Aquilo era um flerte? Ela devia ser pelo menos quinze anos mais velha do que Quentin. Ali estava ele, nos mágicos trópicos selvagens de Fillory, falando com a única quarentona boa pinta em um raio de 477 milhas náuticas dali. Quentin ficou curioso para saber quem era o pai de Eleanor.

— Você cresceu aqui? — perguntou ele.

— Ah, não. Meus pais eram do continente... lá perto do Pomar Sul. Nunca conheci meu pai. Sou funcionária diplomática desde sempre. Este aqui é só mais um posto para mim. Já trabalhei por todas as partes do império.

Quentin acenou a cabeça como se entendesse do assunto. Ele nem sabia que Fillory tinha um departamento diplomático. Ele teria que dar uma olhada nisso quando voltasse para casa.

— E tem muita gente que vem pra cá? Digo, de fora de Fillory? De outros lugares?

— Infelizmente, não. Na verdade, vou até contar um segredinho terrível para você: ninguém nunca passou por aqui, pelo menos não desde que cheguei à embaixada. Durante toda a história do nosso departamento, três séculos de registros, ninguém vindo do oceano Oriental jamais passou pela alfândega. Os livros estão todos em branco. Pelo menos nesse sentido, acho que meu cargo tem um quê de sinecura.

— Bom, claro, já que não tem nenhum trabalho por aqui.

— É uma pena. Você deveria ver os formulários da alfândega, eles são magníficos. Eles têm um cabeçalho lindo. Você deveria levar alguns. E o carimbo... vou carimbar alguma coisa para você ver amanhã cedo. O carimbo é praticamente uma obra de arte.

A ponta do cigarro brilhava em meio à penumbra. Quentin se lembrou da última vez em que tinha fumado, durante a breve, mas intensa fase hedonista que teve quando morou em Nova York, três anos atrás. O cigarro de Elaine soltava uma fumaça adocicada e cheirosa. Quentin pediu um. Ela teve que enrolar outro; ele tinha se esquecido de como fazer aquilo. Ou será

que nunca soube? Não, Eliot tinha um engenhoso aparelhinho de prata que fazia isso sozinho.

— Não queria tocar nesse assunto — comentou Quentin. — Mas estou aqui por um motivo.

— Imaginei mesmo. Tem a ver com a história daquela chave mágica?

— Quê? Ah... Não, não tem a ver com a chave mágica.

Elaine relaxou no sofá e apoiou os pés em um baú que ela usava como mesa.

— Tem a ver com o que então?

— Com dinheiro. Impostos. Vocês não pagaram nada ano passado. Vocês, digo, a ilha.

Ela caiu na gargalhada – uma gargalhada calorosa, de boca aberta. Ela jogou a cabeça para trás e até bateu uma palma.

— E eles mandaram você para cá? O próprio rei?

— Ninguém me mandou. Eu sou o rei. Eu mesmo decidi vir.

— Certo, certo... — Ela enxugou os olhos com as bases das mãos. — Você é meio centralizador, não é? Bom, você deve estar se perguntando onde está o dinheiro. Deveríamos ter pagado mesmo. E não teria nenhum problema, ninguém está passando fome aqui na Ilha Distante. Vou levar você para ver os besouros de ouro amanhã. Eles são incríveis; comem terra e cagam ouro. Até os ninhos deles são de ouro! — Ela chutou o baú onde estava apoiando os pés. — Leve isto aqui. Está cheio de ouro. E o baú vai de brinde.

— Ótimo — disse Quentin. — Obrigado. Negócio fechado então.

Missão cumprida. Ele deu uma tragada no cigarro e segurou uma tossida. Tinha sido uma fase muito curta, essa em que ele fumou. Talvez ele só tivesse bebido demais de seja lá o que fosse aquilo. Rum? Era doce, e eles estavam em uma ilha tropical, então devia ser rum.

— Não tínhamos notícias de vocês há anos. Parecia não ter por que pagar. Sabe, o que vocês fazem com tudo aquilo afinal?

Quentin poderia ter respondido, mas até ele sabia que a resposta não seria muito boa. Eles provavelmente só usariam o ouro para retocar o cetro de Eliot. Os contribuintes nunca veriam a cor daquele dinheiro de volta. Esse tipo de coisa poderia dar início a uma insurreição. Ela estava certa. Aquilo não fazia sentido.

— Mas, enfim, veja só o que aconteceu. Eles mandaram um rei para cá. Acho que temos até o direito de ficar um pouco orgulhosos. Mas qual é o verdadeiro motivo para você estar aqui? Não me diga que foi só por isso, porque seria muito, muito decepcionante. Você está em alguma jornada?

— Vou ter que decepcionar você. Não estou em nenhuma jornada.

— Eu tinha certeza de que você estava atrás da chave mágica — disse ela. — A que dá corda no mundo.

Era difícil entender se ela estava brincando ou não.

— Pra ser sincero, Elaine, não sei muita coisa sobre essa chave. Ela tem uma lenda, é isso? Muitas pessoas vêm aqui atrás dela?

— Não. Mas é praticamente a única coisa pela qual somos conhecidos. Fora os besouros.

Uma imensa lua alaranjada estava nascendo, brilhante como as pontas de seus cigarros. Era uma lua crescente, tão baixa no céu que parecia estar prestes a se enganchar no cordame do *Muntjac*. A lua de Fillory na verdade tinha uma forma de crescente, e não redonda. Uma vez por dia, bem ao meio-dia, ela passava entre Fillory e o sol, causando um eclipse. Todos os pássaros sempre paravam de cantar quando isso acontecia, como se tivessem sido pegos de surpresa. Mas Quentin estava tão acostumado que já nem reparava mais.

— Mas, enfim, ela não está aqui — disse ela.

— Imaginei mesmo. — Quentin se serviu mais um copo de rum. Não que ele precisasse, mas quem se importava? Ele ficou pensando se seus amigos já teriam solucionado a morte de Jollyby.

— Ela fica na Posterior. A próxima ilha mais ao leste.

— Desculpa — disse ele. — Não entendi. O que fica onde?

— Existe uma ilha mais ao leste daqui, chamada Posterior. Dois dias de barco, talvez três. Eu nunca fui até lá. Mas é lá onde essa chave fica.

— A chave? Você está brincando.

— Eu estou rindo? — Será que estava? Ela abriu um quase-sorriso estranho.

— Achei que fosse uma metáfora. Como a chave da vida. Um papelzinho escrito “a pressa é inimiga da perfeição”, ou “Deus ajuda quem cedo madruga”.

— Não, Quentin, é uma chave de verdade. Feita de ouro. Com dentes e tudo. Cheia de uma magia muito poderosa, ou pelo menos é o que dizem.

Quentin ficou olhando para o fundo de seu copo. Ele precisava estar conseguindo pensar direito agora, mas tinha feito tudo para desabilitar seu cérebro. Tarde demais. A pressa é inimiga da perfeição.

— Que tipo de pessoa faz uma chave com ouro? — diz ele. — Não faz sentido. É um metal mole demais. Ela ficaria dobrando o tempo todo.

— Você precisa mesmo ter cuidado com o lugar onde a enfia.

O rosto de Quentin estava quente. Graças a Deus, a noite finalmente estava esfriando, e uma brisa noturna balançava as árvores em volta da embaixada.

— Então quer dizer que há uma chave de ouro mágica a uns dois dias de viagem daqui? Por que você mesma nunca foi atrás dela?

— Não sei, Quentin. Talvez eu só não tenha nenhuma fechadura mágica para abrir.

— Nunca pensei que essa chave pudesse existir mesmo.

Era uma ideia tentadora. Mais do que isso: era uma enorme placa de néon reluzente no meio da escuridão que dizia TERRA DA AVENTURA. Ele podia sentir sua força o atraindo como um ímã, no horizonte ao longe. A Ilha Distante havia sido uma grande decepção, uma perda de tempo, mas isso só queria dizer que ele ainda não tinha ido longe o bastante.

Elaine se inclinou para a frente no sofá, parecendo estar mais sóbria e firme do que ele. Ela devia estar acostumada com esse rum. Quentin pensou em como seria beijá-la. Ele pensou em como seria dormir com ela. Eles estavam sozinhos ali sob o calor daquela noite tropical. A lua iluminava o céu. Mas, se ele realmente estivesse interessado nisso, deveria ter parado de beber um pouco antes. E, pensando agora, ele não sabia bem se queria mesmo beijar aqueles lábios finos e sorridentes dela.

— Posso te dizer uma coisa, Quentin? — perguntou ela. — Acho que você deveria pensar muito bem se quer mesmo procurar essa chave. Esta ilha aqui é um lugar muito seguro em relação às outras por aí, mas é um ponto de partida. Fillory acaba aqui, Quentin. Aquilo lá adiante... — disse ela, apontando para o mar, atrás das reluzentes lamparinas do *Muntjac*, atrás dos tênues contornos azuis das palmeiras contra a escuridão da noite na orla da baía, de onde vinha o distante murmúrio das ondas quebrando na praia — ...não é Fillory. O seu reino acaba aqui. Aqui, você é um rei, você é todo poderoso. Mas você não é rei de nada lá adiante. Lá, você é só o Quentin. Você tem certeza de que isso irá lhe bastar?

Assim que ela disse isso, Quentin entendeu o que ela estava querendo dizer. Eles estavam à beira de alguma coisa, no limite. Como a borda daquele gramado na floresta, onde Jollyby morreu. O beiral da janela em seu escritório em Manhattan, quando Eliot e os outros apareceram para buscá-lo na Terra. Aqui, ele era poderoso. Lá, ele não sabia o que poderia ser.

— É claro que não — disse ele. — É justamente por isso que você faz esse tipo de coisa. Pra descobrir se é o bastante ou não. Você só precisa ter certeza de que quer descobrir.

— Sim, claro, sua alteza — disse Elaine. — Claro.

Quentin foi o último a dormir naquela noite e o último a acordar pela manhã. Sua noção do tempo havia ganhado uma agradável elasticidade em Fillory, já que ele não vivia mais sendo atacado por relógios digitais como no mundo real, mas já era tarde o bastante para o sol estar escaldante no céu. Tarde o bastante para sentir aquela vergonha que surge ao ouvir as outras pessoas cuidando da vida enquanto ele ainda estava enrolado em seus lençóis suados. Seu quarto era grande e arejado, estava com as janelas abertas e tinha cortinas frescas de linho branco, mas o calor estava sufocante mesmo assim.

O rum, que tinha parecido tão delicioso na noite anterior, tão maravilhoso e necessário, agora estava revelando sua verdadeira natureza como uma toxina repugnante capaz de secar bocas e devastar cérebros. Ele amaldiçoou o Quentin da noite passada por ter bebido tanto. Em seguida, ele se levantou e saiu em busca de água. Isso era o que não faltava na ilha. Devia haver alguma linda ave canora em algum lugar por ali que cuspiam litros de água mineral cristalina todas as manhãs, junto com os besouros de ouro. Ele preparou um banho frio e ficou sentado na banheira, bebendo água até sua cabeça melhorar. Não há nada mais refrescante e purificador do que um belo banho com vista para o mar.

A maior parte da noite anterior agora era só um borrão, ou estava disponível apenas na forma das imagens de uma câmera de segurança mental, com silhuetas granuladas e vozes distorcidas. Mas uma coisa continuava clara, nítida e em alta definição: a chave de ouro. Elaine tinha dito que ela de fato existia. Ele ficou pensando em qual seria sua função mágica. O que ela abria? Será que ela tinha dito isso, e ele se esqueceu? Não, não devia ser isso. Mas ela chegou a dizer onde a chave estava: na Ilha

Posterior. Ele precisava saber mais sobre isso. Eles tinham que tomar uma decisão: ir em frente ou ir para casa.

No entanto, quando ele desceu para o café-da-manhã, Elaine já não estava mais lá. Ela tinha deixado um bilhete o lembrando de levar o baú, com o ouro dos impostos dentro, e lhe desejando boa sorte. Ela também havia deixado um livro cinza fino chamado *As sete chaves de ouro*. No entanto, não disse para onde tinha ido. *Acho que ela não vai mais me mostrar os tais besouros de ouro então*, pensou Quentin. Nem seu amado carimbo. Ainda bem que ele não tinha dado em cima dela.

Elaine havia deixado sua filha para trás também. Eleanor estava sentada na mesa de sua mãe, como eles tinham a encontrado quando chegaram, documentando com todo empenho os hábitos dos coelhégasos com reluzentes cores primárias em um papel timbrado da Embaixada da Ilha Distante. Parecia haver um estoque infinito desses papéis.

Quentin olhou por cima do ombro da menina. O cabeçalho era bonito mesmo.

— Bom dia, Eleanor. Você sabe pra onde sua mãe foi?

Quentin nunca tinha convivido muito com crianças pequenas. Ele em geral as tratava como adultos mesmo. Eleanor não parecia se importar.

— Não — disse ela, tranquila, sem erguer a cabeça, nem parar de colorir.

— Você sabe quando ela vai voltar?

Ela balançou a cabeça. Que tipo de mãe deixaria uma menina de cinco anos sozinha assim? Quentin ficou triste por Eleanor. Ela era uma garotinha tão meiga e carinhosa. Ela despertava nele um lado paternal, uma coisa com a qual ele não tinha muita experiência, mas da qual estava começando a descobrir que gostava. Ela claramente não recebia muita atenção, e o pouco que recebia não era bem um amor maternal.

— Tudo bem. Temos que ir embora logo, mas vamos esperar até que ela volte.

— Não precisa.

— Bom, meio que precisamos, sim. Você ainda está desenhando coelhégasos?

— Sim.

— Sabe, acho que na verdade eles deveriam se chamar lebrégasos. Lebres são muito maiores e mais ferozes.

— Não, são coelhinhos.

A eterna questão. Eleanor mudou de assunto.

— Eu fiz isto aqui pra vocês.

Com certo esforço, ela abriu uma gaveta da mesa – que estava enfiada pela umidade e, quando se soltou, saiu com tudo e caiu no chão. Eleanor a revirou e pegou algumas folhas de papel, umas quatro ou cinco, e as entregou para Quentin, todas cheias de rabiscos feitos com lápis de cor.

— São passaportes — disse ela, antecipando a pergunta. — Você vai precisar deles *se* quiser sair de Fillory.

— Quem disse que vou sair de Fillory?

— Você vai precisar deles se quiser sair de Fillory — disse ela. — Se não for sair, tudo bem. Eu fiz só pra *garantir*. — Então, com a voz mais baixa, completou: — Você só precisa dobrar cada um ao meio antes.

Ela devia ter copiado aqueles papéis de algum documento oficial, porque eles eram incríveis à sua própria maneira. Eles tinham o brasão de Fillory na frente, ou pelo menos alguns rabiscos de algo parecido. Dentro do passaporte de Quentin – depois de tê-lo dobrado ao meio –, havia um desenho dele, ou quase isso, com um grande sorriso vermelho aberto e uma coroa amarela na cabeça, e algumas linhas tortas representando algo escrito. Na parte de trás, ficava um brasão da Ilha Distante: com uma palmeira e uma borboleta. Ela tinha feito um passaporte para cada um deles, até mesmo para a preguiça, que Eleanor nunca tinha visto, mas pela qual demonstrava grande interesse. Ela devia estar morrendo de tédio sem nenhuma outra criança por perto, pensou Quentin. Devia estar crescendo praticamente sozinha.

Ele sabia como era isso. Ele também tinha sido filho único, e seus pais nunca lhe deram muita atenção. Eles tentaram ter uma postura meio esclarecida: não queriam ser aquele tipo de casal que vive em função do filho. Seus pais lhe davam bastante liberdade e nunca lhe cobravam muita coisa. No entanto, o estranho de nunca ser cobrado é que, depois de um tempo, você começa a achar que talvez não tenha mesmo nada para oferecer.

— Obrigado, Eleanor. Isso foi muito, muito gentil da sua parte. — Ele se abaixou e deu um beijo na cabecinha loira da menina.

— Foi por você ter me levado o bolo — disse ela, toda tímida.

— Eu sei.

Pobre menina. Talvez ele pudesse criar algum equivalente filloriano ao Juizado de Menores quando voltasse para Whitespire.

— Nós vamos esperar até sua mãe voltar pra ir embora.

— Não precisa.

Mas ele esperou, ou pelo menos o máximo que pôde. Eles passaram o dia à toa na embaixada e pescando no cais. Ele ensaiou outra tentativa de ensinar Eleanor a ler as horas na palmeira-relógio, mas foi rechaçado de novo. Lá pelas quatro da tarde, Quentin desistiu. Ele pediu para que Benedict levasse Eleanor até a cidade – sob os estridentes protestos da menina – e a deixasse com alguma pessoa responsável, e ordenou que todos os outros embarcassem de volta no *Muntjac*, agora recém-abastecido com água e mantimentos.

Benedict voltou uma hora depois, exausto, mas com sua missão cumprida. Eles levantaram âncora assim que as primeiras estrelas apareceram. Acabou a brincadeira. Eles içaram velas rumo ao Castelo de Whitespire.

CAPÍTULO 6

Uma coisa estranha aconteceu com Julia após o episódio com seu trabalho falso de estudos sociais. Um truque de mágica, por assim dizer: onde antes havia apenas uma Julia, agora havia duas Julias, uma para cada sequência de memórias. A Julia da primeira sequência, a sequência normal, onde ela fez o trabalho, voltou para casa e jantou, fazia as coisas normais da Julia de sempre. Ela ia à escola. Fazia lição de casa. Tocava oboé. E, por fim, dormiu com James, coisa que ela na verdade já estava mesmo querendo fazer, mas por algum motivo, vinha deixando para depois.

No entanto, havia uma segunda Julia mais estranha crescendo dentro da primeira Julia, como um parasita, ou um terrível tumor. No começo, ela era minúscula, do tamanho de uma bactéria, uma única célula de dúvida, mas que se dividiu e se dividiu e cresceu e cresceu. Essa segunda Julia não se interessava pela escola, por oboés, ou mesmo por James. James sustentava a história da primeira Julia; ele se lembrava de ter se encontrado com ela na biblioteca, mas o que isso queria dizer? Nada. Isso só provava que, além de eles terem escrito seu trabalho sobre comunidades alternativas em seu lugar, eles também tinham chegado a James.

E James tinha engolido a história inteira. Afinal, só havia um James.

O problema foi que Julia era esperta, e Julia dava muito valor à verdade. Ela não gostava de incoerências, e nunca se dava por contente até entendê-las, nunca. Quando tinha cinco anos, ela quis saber por que o Pateta falava e o Pluto, não. Como um cachorro podia ter outro cachorro como bicho de

estimação, e um deles ser inteligente e o outro não? Da mesma forma, ela também quis descobrir quem tinha sido o putinho desleixado que fez seu trabalho sobre comunidades alternativas em seu lugar e usou a Wikipédia como fonte. Claro, a resposta “os nefastos agentes de uma faculdade secreta de magos no norte de Nova York” não era uma das mais plausíveis para essa pergunta. Mas essa era a resposta que batia com suas memórias. Memórias que estavam ficando cada vez mais nítidas.

E, quanto mais nítidas elas se tornavam, mais e mais a segunda Julia se fortalecia, mas toda a força que ela ganhava era tirada da primeira Julia, que foi ficando cada vez mais e mais fraca e mais e mais magra, a ponto de ficar praticamente translúcida, com o parasita atrás da máscara de seu rosto quase visível.

O engraçado, ou melhor, uma das várias coisas engraçadas nessa história *hi-lá-ria*, foi que ninguém nem percebeu. Ninguém percebeu que ela tinha cada vez menos assunto com James, ou que, faltando três semanas para o concerto de final de ano, ela perdeu seu posto como a primeira oboísta na disputadíssima Orquestra Jovem do Conservatório de Extensão de Manhattan, entregando assim o cobiçado solo de *Pedro e o lobo* (o tema do pato) para a claramente inferior Evelyn Oh, cuja interpretação da obra, até que bastante adequada, parecia a porra dum grasnido de pato, aliás, como tudo o que saía grasnando da porra do oboé daquela menina.

A segunda Julia não se interessava muito por James, por oboés ou pela escola. Tamanho era seu desinteresse pela escola que ela acabou fazendo uma coisa muito, muito idiota: fingir que havia se inscrito para a faculdade, quando na verdade não tinha. Ela jogou fora todos os seus formulários. Ninguém percebeu isso também. No entanto, em abril, todos cedo ou tarde se dariam conta quando a brilhante e bem-sucedida Julia não fosse aceita em nenhuma faculdade. A segunda Julia tinha criado uma bomba-relógio que iria implodir a vida da primeira Julia.

Isso foi em dezembro. Em março, o namoro entre ela e James já estava por um fio. Ela tinha tingido os cabelos e pintado as unhas de preto, tudo só para ficar mais parecida com a segunda Julia. No começo, James achou esse novo estilo gótico até que bem interessante e passou a se dedicar mais no campo sexual da relação, o que não foi bem um efeito colateral muito agradável, mas assim ela pelo menos não precisava mais conversar com ele, coisa que vinha ficando cada vez mais e mais difícil. Na verdade, eles nunca tinham sido um casal tão bom quanto faziam parecer – ele não era

um *nerd* autêntico, só um simpatizante, alguém compatível, e chega uma hora que ficar explicando sempre as mesmas referências de *Gödel*, *Escher* e *Bach* virava um problema.

Em pouco tempo, ele iria descobrir que ela não vinha bancando uma gótica deprimida e gostosa, mas sim havia mesmo se tornado uma gótica deprimida e gostosa.

E ela estava adorando. Ela tinha posto a pontinha do pé na piscina do mau comportamento e visto que a água estava uma delícia. Era divertido ser problemática. Julia tinha passado muito, muito tempo sendo muito, muito boazinha, mas o engraçado é que se você for bonzinho demais por tempo demais, as pessoas começam a se esquecer de você. Como você não cria nenhum problema, elas não precisam se preocupar com você. É o que acontece quando você não causa nenhum estardalhaço. Só as meninas más causam estardalhaço. Com seu jeitinho calado, a segunda Julia estava criando um pequeno estardalhaço pela primeira vez na vida, e ela estava adorando.

Até que, então, Quentin voltou para visitá-los. Ela parecia ter uma dificuldade absurda em se concentrar na questão de para onde Quentin tinha ido depois do primeiro semestre, mas a névoa em volta desse assunto era uma névoa familiar. Ela já tinha sentido aquilo antes: era a mesma névoa que cercava sua tarde perdida. A história que Quentin contou, de que tinha saído do colégio antes para se matricular em uma faculdade experimental superexclusiva, cheirava a coisa da primeira Julia. Cheirava a coisa inventada.

Na verdade, ela sempre gostara de Quentin. Ele era sarcástico, muito inteligente e, até certo ponto, o tipo de pessoa que no fundo só precisava de anos de terapia e talvez alguns remédios de tarja preta. Alguma coisa para inibir seletivamente a voraz reabsorção de serotonina que sem dúvida alguma atormentava seu cérebro o tempo todo. Julia ficava chateada por ele ser apaixonado por ela, e ela o achar tão profundamente sem graça, por mais que não fosse de se jogar fora. Na verdade, ele até que era bonitinho, mais bonito do que ele mesmo imaginava, mas toda aquela criancice sobre os livros de Fillory a deixavam muito broxada, e ela era esperta o bastante para saber de quem era esse problema, e não era dela.

Mas, quando Quentin voltou em março, havia alguma coisa de diferente nele, alguma coisa etérea e encantadora. Ele não disse nada, mas nem precisou. Ele tinha *visto* coisas. Ela podia sentir um cheiro saindo de seus

dedos, aquele cheiro com o qual você fica depois de pôr as mãos em um daqueles geradores de Van de Graaff em um museu de ciências. Quentin era um homem que já tinha mexido com raios.

Os três foram ao cais no canal do Gowanus, e ela fumou um cigarro atrás do outro enquanto só olhava para ele. E ela percebeu: Quentin havia ido para o outro lado, e ela tinha ficado para trás.

Ela achava mesmo que o tinha visto lá, durante o exame de Brakebills, na sala com o relógio de giz, com os copos d'água e os candidatos que desapareciam do nada. Agora, ela sabia que aquilo tinha acontecido mesmo. Mas ela percebeu que tudo tinha sido muito diferente para ele. Assim que chegou ali, ele partiu para cima e destrinchou a prova, mesmo porque era uma escola de magia! Era exatamente com aquilo que ele vinha sonhando a vida toda. Ele praticamente já estava *esperando* por aquela merda. Ele não sabia quando aquilo iria acontecer, mas, quando acontecesse, estaria craque e preparado.

Julia, por sua vez, ficou perdida. Ela nunca esperou que nada especial acontecesse com ela assim sem mais nem menos. Seu plano para a vida era ir à luta e *fazer* coisas especiais acontecerem, o que era muito mais sensato em termos de probabilidade, levando-se em conta o quão improvável era a chance de que alguma coisa tão incrível quanto Brakebills simplesmente caísse no colo de alguém. Por isso mesmo, quando chegou lá, ela teve a sensatez de parar e perceber o quanto tudo aquilo era muito estranho. Os problemas de matemática não teriam sido nenhum problema para ela, claro. Ela vinha fazendo aulas de matemática com Quentin desde os dez anos de idade, e tudo o que ele sabia fazer, ela também sabia, e de trás para a frente e de salto alto se fosse preciso.

Mas ela passou tempo demais olhando para os lados, tentando pensar nas implicações do que estava acontecendo. Ela não encarou aquilo com o mesmo pragmatismo que Quentin. O pensamento predominante em sua cabeça era, “por que vocês estão sentados aqui fazendo questões de geometria diferencial, como se nada estivesse acontecendo, enquanto leis fundamentais da termodinâmica e da física newtoniana estão sendo quebradas pelos quatro cantos à sua volta?”. Aquilo não era café pequeno. A prova era o que menos importava para ela. A coisa menos interessante na sala. O que para ela ainda era a reação mais sensata e racional àquela situação.

No entanto, Quentin agora estava do outro lado, enquanto ela estava aqui, fumando um cigarro atrás do outro no cais do Gowanus com seu namorado semiogro. Quentin tinha passado na prova, e ela não. Ser sensata e racional parecia não ter adiantando muito. Na verdade, não havia adiantado nada.

Foi quando Quentin foi embora naquele dia que Julia realmente se jogou do precipício.

Seria justo dizer que ela entrou em depressão. Ela passava o tempo todo se sentindo péssima. Se isso era depressão, então era isso o que ela tinha. Devia ser contagioso, porque foi o mundo quem passou isso para ela.

O psiquiatra ao qual ela foi mandada a diagnosticou mais especificamente com distímia, que ele definiu como uma incapacidade de curtir as coisas que ela deveria estar curtindo. Ela até poderia entender isso, já não estava curtindo nada na vida, mas havia um abismo dentro desse “deveria” com o qual uma semiótica distímica poderia ter discutido, caso Julia tivesse tido energia. Porque havia uma coisa que ela de fato curtia, ou curtiria, devesse ela ou não. Julia só não tinha acesso a isso. Essa coisa era a magia.

O mundo à sua volta, o mundo real, o mundo concreto, havia se tornado um imenso deserto para ela. Um mundo vazio e pós-apocalíptico: cheio de lojas vazias, casas vazias, carros enguiçados com os bancos queimados e semáforos apagados balançando sobre ruas vazias. Aquela tarde perdida em novembro se transformou em um buraco negro que sugou todo o resto de sua vida. E, depois de cair por esse raio de Schwarzschild, para o fundo desse nada, seria muito difícil voltar à superfície.

Ela imprimiu o primeiro verso de um poema de John Donne e o colou na porta de seu quarto:

*O sol se esgotou, e agora seus frascos
Irradiam chispas de luz, nunca raios constantes;
A seiva do mundo inteiro se esvaiu;
O bálsamo universal a terra hidrópica sugou,
Para onde, como aos pés da cama, a vida encolheu,
Morto e enterrado; no entanto, o mundo parece rir
Comparado a mim, que sou seu epitáfio.*

Pelo visto, o ponto e vírgula era a sensação no século XVII.

Fora isso, esse era um verso que resumia bem seu estado de espírito. Hidrópica: isso significa sedenta. A terra sedenta. Toda a seiva havia sido sugada de um mundo sedento, deixando para trás apenas uma casca frágil, uma estrutura morta que desmoronaria ao mais leve toque.

Uma vez por semana, sua mãe lhe perguntava se ela tinha sido estuprada. Talvez tivesse sido mais fácil dizer que sim. Sua família nunca a havia entendido muito bem. Eles sempre viveram com medo de sua voraz inteligência. Sua irmã, uma moreninha tímida e ostensivamente anti-intelectual quatro anos mais nova, passava na ponta dos pés por Julia como se esta fosse um animal selvagem que pudesse atacá-la com uma mordida raivosa caso provocada. Não faça movimentos bruscos. Não enfie a mão na jaula.

Na verdade, ela chegou a considerar a insanidade como um diagnóstico possível. Não tinha outro jeito. Quem em sã (hah!) consciência discordaria? Ela com certeza parecia mais louca do que antes. Ela criou alguns maus hábitos, como roer as cutículas, não tomar banho e até parar de comer ou ficar vários dias seguidos sem sair de seu quarto. Ela claramente – explicou a doutora Julia para si mesma – estava tendo alguma espécie de alucinação induzida por uma overdose de *Harry Potter*, com toques de paranoia, provavelmente de origem esquizofrênica.

Mas acontece, doutora, que tudo se encaixava bem demais. Aquilo não tinha os traços típicos de uma alucinação; tudo era muito sólido e concreto. Primeiro, porque essa era sua única alucinação. Aquilo não contaminava mais nada à sua volta. Seus limites eram estáveis. E segundo, porque não era uma alucinação. Aquilo tinha, sim, acontecido.

Se aquilo fosse loucura, então era um tipo totalmente novo de loucura, ainda não catalogado no *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Ela tinha nerdofrenia. Ela era geekótica.

Julia terminou com James. Ou talvez só tenha parado de atender suas ligações ou de cumprimentá-lo quando eles se viam no corredor. Foi alguma coisa assim, ela só não se lembrava direito. Fez alguns cálculos cuidadosos com sua média ponderada, que até então vinha sendo invejável, e concluiu que poderia ir à aula só dois dias por semana, tirar cinco cravado em tudo, e ainda se formar. Era só uma questão de levar tudo ao limite, e era no limite que Julia vivia agora.

Enquanto isso, ela continuou indo regularmente ao psiquiatra. Ele era um profissional muito honesto, nada além de bem-intencionado, com um rosto

barbudo engraçado e ideias racionais sobre o que esperar da vida. No entanto, ela nunca lhe contou sobre a faculdade mágica secreta na qual não tinha entrado. Ela podia ser louca, mas não era burra. Ela já tinha visto *O exterminador do futuro 2*. E não queria ser a próxima Sarah Connor.

De tempos em tempos, Julia até perdia um pouco suas convicções. Ela tinha certeza do que sabia, mas não havia muito no que se apoiar, no dia a dia, para continuar acreditando no que tinha acontecido. O máximo que ela conseguia às vezes era encontrar um, talvez dois, resultados sobre Brakebills no Google, mas que depois de alguns minutos sumiam de novo. Como em um passe de mágica! Pelo visto, ela não era a única pessoa na internet com um alerta do Google programado para isso, e essa outra pessoa era esperta o bastante para apagar as páginas em cache quando o alerta era disparado. Mas isso pelo menos dava alguma coisa para Julia ruminar.

Até que, em abril, eles cometeram seu primeiro deslize. Eles realmente pisaram na bola. Pisaram na bola feio. Porque sete envelopes chegaram à casa de Julia: Harvard, Yale, Princeton, Columbia, Stanford, MIT e Caltech. Parabéns, estamos contentes em aceitá-la como uma aluna da *hahahaha só pode ser brincadeira!* Ela riu até não poder mais quando viu aquilo. Seus pais riram também. Eles riam de alívio. Mas Julia ria porque aquilo só podia ser uma piada. Ela continuou rindo enquanto rasgava as cartas ao meio, uma atrás da outra, e depois jogava todas no lixo.

Seus idiotas, pensou ela. Agora vocês colocaram os carros na frente dos bois. Não é à toa que vocês aceitaram Quentin, porque vocês são iguaizinhos a ele: sempre querendo bancar os espertos. Vocês acham que podem comprar minha vida assim? Com um monte de envelopes? Vocês estão achando que eu vou aceitar essa esmola no lugar do reino mágico que é meu por direito?

Ah, não. Não mesmo, querido. Isso é como o cerco de uma cidade, uma disputa de paciência; e eu tenho o dia todo. Vocês estão querendo dar um jeitinho para resolver o meu problema, mas esse jeitinho não existe. É melhor você se preparar, meu amigo, porque eu tenho uma estratégia de longo prazo.

CAPÍTULO 7

Durante a viagem de volta, Quentin assumiu como sua incumbência real ficar andando pelo *Muntjac* para supervisionar o trabalho de todo mundo uma ou duas vezes por dia. Na manhã após eles terem deixado a Ilha Distante, a primeira parada de Quentin foi com Benedict. O barco avançava sob o sol tropical, com todos os seus mastros e velas no mais perfeito estado, e Quentin já estava se sentindo meio bobo por ter equipado o *Muntjac* com tanto cuidado para o que acabou sendo só uma volta no quarteirão. Ele encontrou Benedict sentado em uma banquetta em sua cabine, debruçado sobre sua escrivaninha dobrável. Aberto sobre ela, estava um mapa naval feito à mão que mostrava algumas pequenas ilhas irregulares, e vários pequenos números que poderiam representar as profundidades do oceano. Alguém havia pintado as águas mais rasas com um tom azul-claro para deixá-las com uma aparência mais diluída.

Benedict não havia se aproximado mais de Quentin desde que eles deixaram o porto, mas ele continuava gostando do rapaz mesmo assim. Havia algo de saudável na consistência do desdém que esse jovem mostrava por Quentin, que era, no final das contas, seu rei. Era preciso ter certa coragem para sustentar essa posição. E, além de tudo, Benedict era basicamente o cara mais *nerd* que Quentin tinha conhecido em Fillory, e de um tipo que quase nem existia no mundo real: um *nerd* dos mapas.

— E aí, o que você anda fazendo? — perguntou ele.

Benedict encolheu os ombros.

— Passando mal do estômago, só.

Ele não tinha falado muito com Benedict, apesar de ter tentado ajudar o rapaz algumas vezes com suas contas. Benedict tinha um talento absurdo para fazer cálculos aritméticos de cabeça, mas a matemática filloriana não era lá muito avançada. Era incrível ver aonde ele tinha chegado sozinho.

— No que você está trabalhando?

— Um mapa antigo — disse Benedict, sem erguer a cabeça. — Bem antigo mesmo. De tipo duzentos anos atrás.

Quentin espiou por cima dos ombros do jovem, com as mãos atrás das costas.

— Você pegou isso da embaixada?

— Como se eu fosse fazer uma coisa dessas. Isto aqui estava na parede. Numa moldura.

— É que tem o brasão da Embaixada da Ilha Distante aí.

— Sim, eu copiei.

— Você copiou o brasão também?

— Eu copiei o mapa todo. O brasão estava no mapa.

Era um lindo mapa. Se estivesse sendo sincero, Benedict tinha mesmo um talento genuíno para a coisa. Aquela era uma reprodução detalhada, precisa, sem nenhuma linha trêmula ou rasura.

— Que fantástico. Você é bom mesmo nisso.

Benedict ficou com o rosto corado e voltou a desenhar com ainda mais afínco. Os elogios ou as críticas de Quentin eram igualmente desconcertantes para ele.

— O que achou do trabalho de campo? Deve ser bem diferente do que você está acostumado a fazer.

— Eu odiei — disse Benedict. — É uma zona. As coisas não são como deveriam no mundo real. As contas não fecham. — Aquela frustração o fez sair de sua casca um pouco. — Nada é exato, nunca. Não existem linhas retas! Sempre soube que os mapas são aproximações, só nunca imaginei o quanto eles deixavam de fora. É um caos. Não quero fazer isso nunca mais.

— Como assim? Então você vai desistir?

— Por que não? Olhe só pra aquilo... — Benedict apontou para a janela, mais ou menos na direção do mar lá fora. — E agora veja isto aqui. — Ele apontou para o mapa. — Isto aqui eu posso fazer ficar perfeito. Mas aquilo... — Ele encolheu os ombros. — Aquilo é só uma bagunça.

— Mas o mapa não é real. Então, claro, ele é perfeito. Do que isso adianta?

— Mapas não deixam ninguém enjoado.

A ironia não passou despercebida por Quentin. Foi ele mesmo quem tinha decidido dar meia volta rumo a Whitespire. Ele olhou para o mapa no qual Benedict estava trabalhando. De fato, uma das pequeninas ilhas na borda do papel, quase caindo para fora da margem, tinha a palavra *Posterior* escrita a seu lado em minúsculas letras caligráficas.

— A Ilha Posterior... — Lá estava ela, bem ali. Quentin a tocou de leve com o dedo. Ele quase achou que ia levar um choque. — Ela fica no nosso caminho?

— Ela fica ao leste daqui. Na direção totalmente oposta à que estamos indo.

— É muito longe?

— Uns dois, três dias de viagem. Como eu disse, este mapa é muito antigo, e essas são ilhas remotas.

Benedict explicou, revirando os olhos com desdém pela ignorância de Quentin, que aquelas ilhas mais distantes no oceano Oriental não ficavam paradas quando percebiam que tinham sido mapeadas. Elas não gostavam disso e, com uma espécie de magia tectônica, vagavam pelo mar para garantir que os mapas nunca fossem precisos demais. Mais caos.

Benedict murmurou alguns cálculos para si mesmo, velocidade e tempo, e então traçou com habilidade e precisão – o que não parecia ser possível com aquela franja preta cobrindo seus olhos – um círculo perfeito à mão livre em volta da Ilha Posterior com um lápis claro.

— Ela deve estar em algum ponto desse círculo.

Quentin olhou para a pequena ilha, perdida entre uma rede de linhas curvas de meridianos e paralelos. Uma rede que não o salvaria se ele caísse. Aquilo lá não era Fillory. Mas, em algum lugar em meio àquele abismo, reluzia uma chave, uma chave mágica. E ele poderia voltar para casa com ela na mão.

Uma imagem veio à sua mente, a capa de um disco dos anos setenta, com uma pintura de um barco à vela antigo bem na beira de uma catarata, da qual vertia um trovejante mar esverdeado. O barco estava começando a tombar, e a corrente era brutal, mas ainda assim, uma pungente manobra com um vento forte talvez pudesse salvá-lo. Uma mera ordem resoluta

vociferada pelo capitão seria o bastante para fazê-lo dar meia-volta e subir contra a corrente em segurança.

No entanto, para onde o barco iria? Para casa? Ainda não.

— Posso pegar isso emprestado? — disse ele. — Quero mostrar pro capitão.

Com a mudança de curso, eles deixaram o temperado oceano verde-azulado para trás e entraram em águas escuras e turbulentas. A temperatura caiu quase quinze graus. Pancadas de uma chuva gelada açoitavam o convés. Quentin não conseguiu identificar uma linha de transição, mas a água em volta deles agora parecia ser um elemento totalmente distinto daquele pelo qual eles vinham navegando até então, uma substância opaca e sólida que precisava ser partida e jogada de lado pela quilha, em vez de apenas atravessada com facilidade em silêncio como antes.

O *Muntjac* abriu caminho heroicamente entre as ondas com um forte vento salgado. O barco revelou uma surpresa: sob a superfície da água, ele parecia – era difícil ver direito sob as ondas – ter desdobrado um par de elegantes nadadeiras de madeira, que saíam de compartimentos no casco para pegar mais impulso. Quentin só não sabia se elas eram animadas por forças mágicas ou por algum outro aparato mecânico. De um jeito ou de outro, Quentin se sentiu invadido por uma calorosa onda de gratidão. O velho barco estava recompensando toda a sua generosidade.

Ele pensou que talvez a preguiça soubesse alguma coisa sobre aquilo, já que passava tanto tempo no porão, mas quando desceu para visitá-la, ele a encontrou em um sono profundo, pendurada com suas garras curvas como ganchos, balançando suavemente com a ondulação do barco. Aliás, ela agora parecia até mais serena em mares mais revoltos. O ar no porão era abafado, úmido e moroso, e uma salada líquida de cascas de frutas podres e restos menos identificáveis cobria o piso de madeira.

Quem sabe Julia, então. Talvez ela soubesse de alguma coisa. E ele queria falar sobre a chave mágica com ela. Julia era a única pessoa a bordo do *Muntjac* com quem ele conseguia conversar de verdade e tinha acesso a recursos mágicos que ele nem conhecia. E ele estava preocupado com ela.

Julia passou a sair ainda menos de sua cabine depois que o tempo piorou. Ela podia se sentir em casa em Fillory, mas a garoa gelada agora a perturbava mesmo em seus aposentos sob o convés. Quentin atravessou

cambaleando o estreito corredor até a cabine de Julia, sendo jogado pelas ondas errantes de uma parede contra a outra.

A porta estava fechada. Por um instante, enquanto o *Muntjac* parecia flutuar sem peso no alto de uma onda, Quentin sentiu um forte cheiro de romance no ar, e a velha paixão que sentia por Julia despertou em seu peito, abrindo suas asinhas de couro. Ele sabia que isso era, ao menos em partes, só uma fantasia. Julia era tão solitária, tão absorta em Fillory, que era difícil imaginá-la se interessando por ele ou por qualquer outra pessoa, ou pelo menos qualquer outro ser humano. Alguma coisa com certeza parecia estar faltando em sua vida, mas provavelmente não era um namorado.

Por outro lado, os dois estavam ali, no meio do mar, castigados pelo mau tempo, juntos em uma cabine quentinha em meio ao gélido deserto do oceano. Era libertador se ver longe dos olhares críticos e enxeridos de Eliot e Janet. Julia com certeza não devia estar tão morta para a vida a ponto de não ver o encanto de um casinho em alto mar. Era uma cena com roteiro praticamente já escrito. Afinal, ela ainda era uma mulher. E eles logo voltariam para casa. Ele bateu em sua porta.

No fundo de sua cabeça, nunca pronunciada, mas sempre presente, ele tinha a consciência de que Julia era alguém de outros tempos: de antes de Brakebills, antes de ele descobrir que a magia era real, antes de tudo. Ela nunca tinha conhecido Alice. Se ele pudesse se apaixonar de novo por Julia, seria como voltar no tempo, como um recomeço. Às vezes, ele não sabia se era mesmo apaixonado por Julia ou se apenas queria ser apaixonado por ela, porque seria tão bom, um alívio tão grande, ser apaixonado por ela. Parecia ser uma ideia tão boa. Será que fazia tanta diferença assim?

Julia abriu a porta. Ela estava nua.

Ou melhor, não, ela não estava nua. Ela estava usando um vestido, ou coisa do tipo, mas só até a cintura. A parte de cima estava pendurada para baixo, deixando seus seios à mostra. Eles eram pálidos e cônicos, nem fartos, nem mirrados. Simplesmente perfeitos. Quando tinha dezessete anos, Quentin havia dedicado meses inteiros de sua vida para formular uma imagem mental de como os peitos de Julia deviam ser com base em evidências forenses coletadas em furtivas análises de seu corpo vestido. No final das contas, ele parecia ter chegado bem perto. Apenas seus mamilos eram diferentes do que ele tinha imaginado. Mais claros, quase da mesma cor da pele alva à sua volta.

Ele fechou a porta de volta – ele não a bateu, mas a fechou com firmeza.

— Meu Deus, Julia! — murmurou ele, mais para si mesmo do que para ela.

Um longo minuto se passou. Quentin ficou esperando com as costas apoiadas na antepara ao lado da porta de Julia. Ele podia sentir seu coração batendo disparado contra a madeira dura. Claro, ele queria que alguma coisa acontecesse, mas não isso. Ou pelo menos não assim. O que ela estava querendo dizer, com os peitos para fora daquele jeito? Isso era uma piada para ela agora? Ele podia ouvi-la se mexendo dentro da cabine. Ele respirou fundo e bateu de novo, bem devagar. Quando ela abriu a porta de novo, já estava totalmente vestida.

— O que diabos você estava fazendo? — perguntou ele.

— Desculpa — disse ela, seca.

Ela se sentou em um banquinho na outra ponta do cômodo, virada para as janelas. Ela não o convidou, mas também não fechou a porta. Hesitante, ele entrou na cabine.

Os aposentos de Julia eram iguais aos de Quentin, mas por causa de uma irregularidade na planta do barco, uma escada inútil no lado dele, os de Julia eram maiores, com espaço o suficiente para que duas pessoas se sentassem se uma ficasse na cama. Quentin se sentou na cama. A iluminação vinha de uma bola azul brilhante que flutuava junto ao teto como uma bexiga de hélio, um estranho feitiço usado por Julia que parecia um fogo fátuo aprisionado.

— Desculpa — repetiu ela. — Eu me esqueci.

— Se esqueceu do quê? — disse ele, parecendo mais irritado do que queria. — Que os seus braços têm que entrar nas mangas? Olha, não é como se eu não... — Ele não soube como terminar a frase. — Enfim, deixa pra lá.

Ele olhou para ela de verdade pela primeira vez em muito tempo. Ela continuava linda, mas magra, magra demais. E seus olhos ainda estavam escuros. Ele ficou se perguntando se aquele seria um efeito permanente, e caso fosse, o que mais poderia ter mudado que ele não tinha percebido.

— Não sei — disse ela, olhando para as ondas. — Me esqueci do que tinha me esquecido.

— Bom, tudo bem, agora você já se lembrou.

— Escute, eu me esqueço de como as coisas funcionam certas vezes. Tudo bem? Ou melhor, não como, mas por quê. Por que as pessoas dizem

oi, por que tomam banho, por que usam roupas, leem livros, dão risada, conversam, comem. Todas essas coisas humanas — disse ela, repuxando a boca de lado.

— Eu não entendo isso, Julia. — A raiva dele já tinha passado. Quentin vivia tentando avaliar o quanto Julia tinha sofrido, mas sempre precisava revisar seus cálculos para cima. — Só me ajude a entender. Você é humana. Por que você se esqueceria dessas coisas? *Como* você se esqueceria?

— Eu sei lá. — Ela balançou a cabeça. Em seguida, Julia virou seus olhos negros para ele. — Estou me perdendo. Tudo aquilo está se perdendo de mim. Pra sempre.

— Tudo aquilo o quê? O que aconteceu com você, Julia? Você precisa voltar pra Terra?

— Não! — disse ela com firmeza. — Não vou voltar pra lá. Nunca! — Ela parecia assustada só de pensar nisso.

— Mas você se lembra do Brooklyn, não lembra? De onde nós viemos? Do James, da escola e tudo mais?

— Se eu lembro... — disse ela, repuxando sua delicada boca de novo com um ar amargo. Ela agora parecia estar falando com sua voz de antes, sem aquela pompa toda. — Esse sempre foi o meu problema, né? Lembrar de Brakebills. Nunca consegui me esquecer.

Quentin se lembrou do que ela lembrava. Ela não tinha passado no teste de seleção para Brakebills, no qual ele tinha sido aprovado, mas ela deveria ter se esquecido de tudo aquilo depois para que a existência da faculdade continuasse em segredo. Eles usavam feitiços para garantir isso. No entanto, esses feitiços não funcionaram direito com Julia, e ela nunca se esqueceu.

Mas isso a trouxe até aqui, lembrou-se ele. Até um lindo barco em um oceano mágico. Isso tinha a tornado uma rainha de um mundo secreto. O caminho foi tortuoso, mas acabou trazendo a um final feliz, certo? Quentin estava percebendo que Fillory era seu final feliz, mas talvez não o de Julia. Ela precisava de alguma outra coisa. Ela ainda continuava perdida em seu caminho tortuoso, e a noite estava caindo.

— Você preferia não se lembrar de Brakebills? Preferia ter ficado no Brooklyn?

— Às vezes. — Ela cruzou os braços e se encostou contra a parede da cabine de um jeito que não parecia ser muito confortável. — Quentin, por

que você não me ajudou? Por que você não me salvou quando pedi ajuda pra você naquele dia em Chesterton?

Era uma pergunta justa. Não era como se ele mesmo nunca tivesse se perguntado isso antes. Ele até tinha pensado em algumas boas respostas.

— Eu não podia, Julia. A escolha não era minha. Você sabe disso. Eu não tinha como levar você pra Brakebills, eu mesmo quase não entrei.

— Mas você podia ter vindo me visitar. Me mostrado o que sabia.

— Eu teria sido expulso.

— Depois de você ter se formado então...

— Por que você ainda está falando disso agora, Julia? — Percebendo que estava entrando em um terreno perigoso, Quentin decidiu contra-atacar. A melhor defesa é o ataque. — Olha, você me pediu pra falar de você pra eles. Eu fiz o que você me pediu. Eu falei pra eles. Achei que eles tinham encontrado você e apagado sua memória! É o que eles sempre fazem.

— Mas não fizeram. Eles não conseguiram me encontrar. Quando eles vieram atrás de mim, eu já tinha sumido há muito tempo. Simples assim. — Ela estalou os dedos. — Como num passe de mágica.

— E além do mais, Julia, o que você achou que ia acontecer? Que você ia virar uma aprendiz de feiticeiro, tipo o Mickey? E como você acha que eu me senti com tudo aquilo? Você nunca ligou pra mim, mas foi só eu virar o Senhor da Magia que você começou a se jogar pra cima de mim. Não é assim que funciona.

— É claro que eu ligava pra você, Quentin, eu só não queria dar pra você. Meu Deus! — Ela passou por ele naquele espaço estreito. Julia estava sentada no banquinho apoiado com só duas pernas no chão, e ele caiu de volta com as quatro assim que ela se levantou. — Aliás, pra sua informação, você até poderia ter me comido se tivesse me dado o que eu precisava.

— Bom, você conseguiu isso de qualquer jeito, não conseguiu?

— Ah, mas é claro. Consegui isso e muito mais. Você sabe disso mais do que qualquer um. Você me abandonou lá no mundo real, sem saber nada sobre a magia! Tudo o que aconteceu comigo começou com você! Quer saber como foi? Eu conto. Mas só depois que você me provar que merece.

Um silêncio pesado dominou a sala. Lá fora, a noite caía rapidamente sobre as ondas cinzentas, e a água do mar espirrava contra a janelinha da cabine.

— Eu nunca desejei nada disso pra você, Julia. Seja lá o que tenha acontecido. Desculpa.

Ele precisava ter dito isso, e era verdade. Mas essa não era a única verdade. Ele tinha outras verdades não tão atraentes escondidas. Como, por exemplo: ele havia guardado rancor de Julia. Ele tinha passado o colegial todo babando por ela, fazendo tudo o que ela queria, enquanto ela transava com seu melhor amigo, e ele no fundo gostou bastante quando o jogo virou. Foi por isso que ele não a salvou? Esse não era o único motivo. Mas era um deles.

— Eu voltei a me sentir eu mesma — disse ela, devagar. — Agorinha mesmo. Quando me irritei. — A janela estava ficando embaçada. Julia começou a desenhar uma forma no vidro, mas depois apagou tudo com um rabisco. — Mas agora já está acabando.

Dane-se a chave mágica. Era nisso que ele deveria estar concentrando sua atenção. Julia não precisava de seu amor. Ela precisava de sua ajuda.

— Me ajude a entender — disse Quentin, pegando os dedos frios dela nas mãos. — Me diga o que eu posso fazer. Eu quero ajudar. Quero ajudar você a se lembrar.

Havia alguma outra coisa brilhando na cabine, alguma coisa além do fogo fátuo azul. Ele não sabia bem quando aquilo tinha começado. Era Julia — bom, não ela em si, mas algo dentro dela. Seu coração estava brilhando: ele podia vê-lo através da pele, mesmo por trás do vestido.

— Eu já estou me lembrando, Quentin — disse ela. — Aqui, em alto-mar, longe de Fillory, tudo está voltando. — Ela agora estava sorrindo, contente, e foi pior para ele do que quando ela estava apenas com um olhar vazio. — Estou me lembrando de *várias* coisas que eu nem sabia antes!

Naquela noite, após um pesado jantar náutico, Quentin desceu até sua cabine, desdobrou sua cama embutida na parede e deitou. O frio, a escuridão, o mau tempo, sua conversa com Julia, tudo aquilo havia se combinado para acelerar o tempo a ponto de deixá-lo se sentindo como se estivesse há uma semana sem dormir. Não era o tempo, mas sim a distância. Ele ficou olhando para as vigas rústicas marrom-avermelhadas do teto lá no alto, sob a vacilante luz do lampião a óleo.

Ele estava com frio e grudento pela maresia. Ele poderia ter tomado um banho. Quentin sabia transformar água salgada em doce, mas o feitiço era

complicado e seus dedos estavam rígidos, então ele decidiu que seria melhor só aguentar a pele grudada mesmo. De qualquer modo, ele já estava se esquentando sob as cobertas. No começo da viagem, Quentin encontrou apenas um cobertor padrão da marinha na cama, um monstro espinhento que pesava uns cinco quilos e devia conseguir amortecer um tiro de canhão. Usar aquilo seria como dividir a cama com o cadáver de um javali selvagem. Ele o trocou por uma manta acolchoada de trinta centímetros de espessura que vivia sempre úmida e não tinha nada a ver com o ambiente náutico, mas era infinitamente mais confortável.

Quentin ficou esperando para ver se dormia. Quando o sono não apareceu e deixou claro que ainda ia demorar, ele se sentou na cama e olhou para os livros nas estantes. Em outros tempos, no ponto de junção entre sua vida antiga e a atual, ele teria recorrido a um romance de Fillory, mas tudo o que havia acontecido nos últimos anos havia minado esse seu prazer. No entanto, ele ainda tinha aquele livro que ganhara de Elaine. *As sete chaves de ouro*.

Sete. Eram chaves de ouro até dizer chega. Uma só já bastaria. No fim das contas, o livro não era bem um romance, apenas um conto de fadas escrito com letras grandes e xilogravuras. Um livro infantil. Elaine devia tê-lo surrupiado de Eleanor. Aquela mulher era uma figura mesmo. A contracapa tinha o selo da biblioteca da embaixada. Quentin ajeitou seu travesseiro para poder encostar a cabeça.

A história era sobre um homem, sua filha e uma bruxa. Esse homem era viúvo, e sua filha ainda era muito pequena quando a bruxa passou pela cidade. Invejando a beleza da garotinha, e por nunca ter tido seus próprios filhos, a bruxa a levou embora às gargalhadas, dizendo que a trancaria em um castelo de prata em uma ilha remota. O homem até poderia libertar sua filha, mas apenas se conseguisse encontrar a chave do castelo, coisa que nunca aconteceria, já que ela ficava no Fim do Mundo.

Sem se deixar abalar, o homem partiu em busca da chave. Estava calor, e ele tinha andado o dia todo, então enquanto o sol se punha, ele parou às margens de um rio para se refrescar. Quando se abaixou para beber água, ele ouviu uma voz baixinha dizendo “Me abra! Me abra!”. Ele olhou para os lados e logo percebeu que a voz vinha de uma ostra de água doce incrustada em uma pedra no rio. Ao lado dela, em meio à lama, havia uma minúscula chave de ouro.

O homem pegou a ostra e a chave, e então viu que havia uma pequenina fechadura na concha da ostra, bem na parte da frente. Ele encaixou a chave ali dentro e a girou, e a concha começou a se abrir. Ele a abriu ainda mais com sua faca. Ao fazer isso, a ostra morreu, como acontece com todas as ostras quando suas conchas são abertas. Dentro dela, no lugar onde deveria estar uma pérola, havia outra chave de ouro, um pouco maior do que a primeira.

O homem comeu a ostra, guardou a chave e seguiu em frente. Ele logo chegou a uma casa no meio de uma floresta e bateu na porta para ver se os moradores poderiam abrigá-lo naquela noite. Como a porta estava levemente entreaberta, ele decidiu entrar. Lá dentro, ele encontrou uma casa cheia de camas, cada um dos cômodos estava abarrotado delas, e em cada cama havia um homem ou uma mulher dormindo. Ele andou pela casa até, por fim, encontrar um leito vazio para se deitar. Havia um relógio na parede que estava parado. Como não achou outra opção, o homem usou a chave que tinha encontrado dentro da ostra para dar corda no relógio e então foi dormir.

De manhã, o relógio bateu às sete, ele acordou e os outros que estavam dormindo na casa também. Todos repetiram a mesma história: eles tinham chegado até ali por acaso e deitado em uma cama para passar a noite, mas pareciam ter dormido durante anos e anos, ou mesmo séculos, até que o relógio bateu. Enquanto pegava suas coisas, o homem encontrou outra chave de ouro embaixo de seu travesseiro, um pouco maior do que aquela que ele havia usado para dar corda no relógio.

O tempo foi esfriando conforme o homem andava. Talvez o mundo todo tivesse ficado mais frio desde que sua filha havia sido presa naquele castelo. Algum tempo depois, o homem encontrou uma linda mulher sentada dentro de uma tenda, chorando porque sua harpa estava desafinada. Ele deu a ela sua chave de ouro para afinar a harpa, e ela lhe deu outra maior em troca. Mais tarde, ele descobriu que essa chave abria um baú enterrado sob a raiz de uma árvore, dentro do qual achou outra chave ainda maior, com a qual ele entrou em um castelo – mas não naquele em que sua filha estava –, onde encontrou outra chave sobre uma mesa na sala mais alta da torre mais alta.

O homem andou mais e mais, durante semanas, meses ou anos, até perder a noção do tempo. Quando já não dava mais para andar, ele seguiu em frente de barco, e quando já não dava mais para seguir em frente de barco, ele chegou ao Fim do Mundo, onde encontrou um homem todo elegante de

smoking, sentado na borda com as pernas balançando para fora. Ele estava batendo a mão em suas lapelas, virando os bolsos do avesso e com uma expressão perplexa no rosto.

— Diabo — disse o homem bem-vestido. — Eu perdi a Chave do Mundo. Se eu não der corda para reativar o mecanismo, o sol, a lua e as estrelas não vão mais girar, e o mundo ficará mergulhado em uma terrível noite eterna de frio e trevas. *Diabo!*

O homem tinha aprendido que ser um herói era em grande parte uma questão de saber como aproveitar as deixas dos outros. Sem dizer nada, ele pegou a chave que tinha encontrado no castelo.

— Mas que diabos...?! — disse o homem. — Bom, diabo... Dê-me aqui então.

Ele pegou a chave e se deitou de comprido no chão, amarrotando seu belo *smoking*, esticou o braço sobre a Borda do Mundo e então começou a dar corda com vigor, fazendo um rangido alto.

— Ela está no meu bolso de trás — disse ele por cima de seu ombro enquanto dava corda. — Você mesmo vai ter que pegá-la.

Hesitante, o homem enfiou a mão no bolso do outro – sem que o sujeito de *smoking* parasse de dar corda – e pegou a última chave. Ele então foi até seu barco e voltou por onde tinha vindo.

Pouco tempo depois, muito pouco, aliás, ele chegou ao castelo mágico onde a bruxa havia aprisionado sua filha há sabe-se lá quantos anos. Era um lugar muito impressionante, com paredes reluzentes de prata que cintilavam sob o sol, flutuando um pouco acima do chão, o que forçava os visitantes a subirem por uma escadaria de prata estreita e sinuosa que se curvava perigosamente quando o vento soprava.

O portão era de ferro preto. O homem encaixou a última chave na fechadura e a girou.

Assim que ele terminou, as portas se abriram, revelando uma linda mulher logo atrás, como se ela estivesse ali à sua espera esse tempo todo. Ela tinha a mesma altura que ele, e devia ter passado muito tempo estudando com a bruxa enquanto ele esteve em sua jornada, porque agora brilhava com uma resplandecente aura mágica.

Mas ele ainda a reconheceu. Ela era sua filha.

— Minha linda menina — disse o homem. — Sou eu. Seu pai. Vim levá-la para casa.

— Meu pai? — disse ela. — Você não é meu pai. Meu pai não é um velho!

A linda mulher soltou uma gargalhada estranha.

— Mas eu sou seu pai, sim — disse ele. — Você não entende. Passei esse tempo todo à sua procura...

A mulher nem estava ouvindo mais.

— Enfim, obrigada por me libertar.

Ela deu-lhe um beijo na bochecha. Em seguida, entregou a ele uma chave de ouro e saiu voando com o vento.

— Espere! — gritou ele. Mas ela não esperou. Ele não conseguiu explicar. O homem ficou só olhando enquanto ela desaparecia no horizonte. Só então ele se sentou e começou a chorar.

O homem nunca mais viu sua filha, e também nunca usou essa última chave. Afinal, a chave de ouro que sua filha havia lhe dado valia muito mais do que qualquer lugar para o qual ele poderia ter ido, qualquer porta que ele poderia ter aberto ou qualquer tesouro que ele poderia ter encontrado.

CAPÍTULO 8

Quentin foi acordado logo cedo pelo grito de terra à vista do vigia no alto da gávea para o timoneiro, como um condutor de metrô anunciando a próxima parada. Ele vestiu um grosso manto preto sobre seu pijama e subiu até o convés.

Seus sonhos haviam sido povoados por aquele homem, sua filha, a bruxa e as chaves. Ele ficou incomodado com aquela história, especialmente por não entender como ela podia ter acabado daquele jeito. Por que o homem não conseguiu se explicar? Será que sua filha não entendeu mesmo o que ele disse? Não fazia sentido. Se eles tivessem conversado e resolvido as coisas, tudo poderia ter tido um final feliz. Nos contos de fadas, as pessoas nunca sentam para conversar e resolver as coisas.

As nuvens pairavam baixas, cinzentas e densas, apenas um pouco acima do mastro principal do *Muntjac*. Quentin estreitou os olhos, virado na direção para a qual o vigia estava apontando. Lá estava ela: a ilha prometida, quase invisível em meio à névoa. Ainda a horas de distância.

No convés do castelo de proa, Bingle estava fazendo seus exercícios matinais. A limitada interação entre eles vinha deixando Quentin receoso de que o maior espadachim de toda Fillory pudesse estar clinicamente deprimido. Ele nunca dava risada, ou sequer sorria. Bingle tinha duas espadas a seu lado, ainda em suas bainhas de couro, enquanto realizava uma série do que pareciam ser exercícios isométricos envolvendo apenas suas

mãos, algo não muito diferente dos exercícios de dedos que Quentin tinha aprendido em Brakebills.

Ele se perguntou o que seria preciso para ser um guerreiro tão bom quanto Bingle. Se quisesse mesmo se envolver mais nesse ramo das aventuras, pensou Quentin, seria bom dar uma olhada nisso. Ele gostou daquela ideia. Um mago espadachim: ameaça em dose dupla. Não precisava ficar tão bom quanto Bingle, só melhor do que estava, o que não era grande coisa.

— Bom dia — disse Quentin.

— Bom dia, sua alteza — disse Bingle. Ele nunca cometia o erro de chamar Quentin de “sua majestade”, forma usada para se dirigir apenas ao Grande Rei.

— Desculpe interromper.

Bingle não parou de fazer seus exercícios, o que Quentin entendeu como um sinal de que na verdade não o estava interrompendo. Ele subiu a pequena escada até onde Bingle estava. O guerreiro juntou suas duas mãos e então as inverteu de dentro para fora com um movimento que fez até Quentin estremecer.

— Eu estava pensando se você não poderia me dar algumas aulas. De luta com espada. Eu já treinei um pouco antes, mas não fui muito longe.

A expressão no rosto de Bingle não se alterou.

— Será mais fácil protegê-lo — disse ele —, caso o senhor já saiba se proteger.

— Foi o que eu pensei.

Bingle desenlaçou os dedos, o que exigiu certo cuidado, e então olhou para Quentin de cima a baixo. Ele esticou o braço e tirou a espada de Quentin de sua bainha. Bingle fez isso com um gesto rápido e fluido que Quentin achou que até conseguiria impedir – Bingle chegou muito perto dele –, mas não teria como dar certeza.

Bingle examinou a espada de Quentin, primeiro um lado, depois o outro, e sentiu seu fio e seu peso, juntando os lábios com uma expressão pensativa.

— Vou arrumar uma arma para o senhor.

— Eu já tenho uma — disse Quentin. — Essa espada.

— Ela é linda, mas não é adequada para um iniciante. — Por um instante, Quentin achou que Bingle até iria tomar alguma atitude drástica, como

jogá-la ao mar, mas ele apenas a deixou no convés ao lado das outras duas espadas.

Bingle desceu do convés e então voltou para entregar a Quentin a espada de treino que ele iria usar, uma arma curta e pesada de aço galvanizado, sem ponta, quase preta e sem qualquer tipo de adorno. A lâmina e o cabo eram compostos por um único pedaço contínuo de metal.

Era a coisa de aparência mais industrial que Quentin já tinha visto em Fillory. Ela tinha a metade do peso de sua outra espada. E nem vinha com uma bainha, então ele não teria mais como se exibir com suas rebuscadas técnicas de desembainhar.

— Estenda-a para a frente — disse Bingle. — Assim.

Ele endireitou o cotovelo de Quentin e ergueu seu braço em paralelo ao convés. Quentin ficou segurando a espada totalmente estendida. Ele já estava começando a sentir câimbras.

— Aponte bem para a frente. Continue segurando assim. O quanto o senhor conseguir.

Quentin ficou esperando novas instruções, mas Bingle apenas voltou tranquilamente a seus exercícios isométricos. Os braços de Quentin ficaram rígidos, depois arderam de dor, o que por fim se tornou insuportável. Ele aguentou dois minutos. Bingle o fez trocar a espada de braço.

— Como se chama este estilo? — perguntou Quentin.

— O grande erro das pessoas é achar que existem estilos diferentes — explicou Bingle.

— Certo.

— Força, equilíbrio, alavancas, impulso... esses princípios nunca mudam. Esse deve ser o seu estilo.

Quentin tinha bastante certeza de que seus conhecimentos de física superavam os de Bingle por algumas ordens de magnitude, mas nunca tinha pensado em usá-los dessa forma.

Bingle explicou que, em vez de treinar apenas uma técnica de luta, ele tentava dominar todas as técnicas e usá-las conforme as circunstâncias e o terreno exigissem, chegando a uma única grande metatécnica, por assim dizer. Ele havia passado anos vagando por Fillory e outras terras em busca de monges de artes marciais em mosteiros nas montanhas e lutadores de rua em grandes cidades para aprender seus segredos e se tornar o homem que Quentin estava vendo a sua frente: uma enciclopédia humana da guerra.

Era até melhor não falar sobre os juramentos que ele tinha feito e quebrado, ou das lindas mulheres que havia conquistado e traído para obter esses segredos.

Quentin trocou de braço de novo, e depois outra vez. Isso lembrou-lhe de seus dias de mágico de salão semiprofissional. A parte do começo, de aprender os fundamentos, era sempre a pior, o que ele imaginava ser o motivo pelo qual tão poucas pessoas faziam aquele tipo de coisa. Esse era o problema do mundo: não é que as coisas eram mais difíceis do que se pensava, elas só eram difíceis de jeitos que as pessoas não esperavam. Para tirar isso da cabeça, ele ficou observando Bingle, que agora estava caminhando pelo convés, com os olhos voltados para a frente e uma cara fechada, girando sua própria espada com movimentos complexos, traçando símbolos do infinito e nós de marinheiro no ar.

Uma névoa gelada e úmida soprava do oceano. Quentin já podia ver bem a Ilha Posterior; eles atracariam em breve. Ele decidiu encerrar o treino. Seria melhor pelo menos tirar o pijama antes de partir em busca da chave de ouro.

— Vou parar, Bingle — disse Quentin. Ele deixou sua espada de treinamento no convés, ao lado das outras duas de Bingle. Seus braços pareciam estar flutuando.

Bingle acenou com a cabeça, sem perder o ritmo.

— Volte quando estiver conseguindo aguentar meia hora — disse ele. — Com cada braço.

Bingle realizou uma cambalhota espetacular, como se fosse pular para fora do barco, mas de algum jeito deteve sua inércia bem a tempo para pousar no parapeito. Ele encerrou o exercício com uma estocada entre as costelas de um inimigo imaginário. Puxou a espada e limpou a lâmina na perna da calça.

Ainda deviam faltar algumas aulas para Quentin aprender esse tipo de coisa.

— Tome cuidado com o que aprender comigo — disse ele. — O que se escreve com uma espada não pode ser apagado.

— É por isso que eu trouxe você — disse Quentin. — Pra não ter de escrever nada. Com a minha espada, pelo menos.

— Às vezes, acho que sou a espada do destino. Ele me empunha com grande crueldade.

Quentin ficou pensando em como era a vida de alguém tão alheio e melodramático. Devia ser legal, provavelmente.

— Certo. Bom, não vai ter muita crueldade nesta viagem. Já vamos voltar pra Whitespire daqui a pouco. E aí você vai poder conhecer seu castelo.

Bingle se virou contra o vento. Ele parecia estar vivendo em sua própria história, na qual Quentin era apenas um personagem secundário, uma voz no meio de um coral, sem nem direito a nome nos créditos.

— Eu nunca mais voltarei a ver as terras de Fillory.

Quentin sentiu até um arrepio. Ele não gostou daquela sensação. Ele já estava com frio demais.

A Ilha Posterior era uma faixa achatada de rochas cinzentas e grama fina, cheia de ovelhas. Se a Ilha Distante era como um paraíso tropical, a Posterior poderia muito bem ser uma parte perdida das desoladas Ilhas Hébridas.

Eles a contornaram, junto à costa, até encontrar um porto, e então lançaram âncora. Havia dois barcos pesqueiros atracados ali debaixo da chuva, entre um punhado de boias de ancoragem vazias, o que sugeria que outros estavam em alto mar. Era um lugar um tanto lúgubre. Um rei mais empreendedor teria tentado anexar a ilha ao território de Fillory, pensou Quentin, mas nem valeria a pena na verdade. Aquela não era exatamente uma joia da coroa.

O porto não tinha cais, e a baía estava sendo açoitada por uma violenta arrebentação. Eles mal conseguiram chegar à costa sem que o bote fosse engolido pelas ondas. Quentin pulou para fora, molhando-se até a cintura, e se arrastou até a praia rochosa, sob os olhos de dois pescadores que estavam fumando e costurando uma imensa rede emaranhada, estendida em volta deles sobre as pedras. Eles tinham a pele vermelha curtida ao longo de uma vida toda ao ar livre, e também dividiam a mesma expressão imbecilizada. Quase não tinham testa – seus cabelos começavam a crescer perto demais das sobrancelhas. Para Quentin, eles poderiam ter de trinta a sessenta anos de idade, tranquilamente.

— Olá, marujos — disse ele.

Eles acenaram com a cabeça e apenas grunhiram. Um ergueu a mão até o boné. Após alguns minutos de conversa, o que era mais amigável foi

convencido a apontar mais ou menos para que lado ficava o mais próximo, e provavelmente único, vilarejo da ilha. Quentin, Bingle e Benedict agradeceram aos homens e seguiram adiante pela praia, caminhando sobre a gélida areia branca cortada pelas marcas escuras da maré. Julia os seguiu mais atrás, em silêncio. Quentin até tentou convencê-la a ficar a bordo do *Muntjac*, mas ela insistiu em ir. Apesar de seja lá qual fosse seu problema, ela pelo visto ainda não tinha se deixado abater.

— Sabe o que eu quero nesta viagem? — disse Quentin. — Não espero ver ninguém feliz ao dar de cara com a gente. Quero só encontrar alguém que fique surpreso ao nos ver.

O tempo piorou, e agora uma chuva fraca era cortada por ventos uivantes. As calças molhadas de Quentin estavam esfolando suas pernas. A areia foi substituída por dunas cheias de capim no alto e então desembocou em uma trilha: com areia coberta de grama, depois grama coberta de areia, e por fim apenas grama. Eles marcharam por campos revirados sem cercas e entre colinas baixas, passando por um poço esquecido no meio do nada. Quentin tentou dar um toque de heroísmo ao momento, mas o cenário não ajudava muito. Aquilo na verdade estava lembrando-lhe demais daquela caminhada pela Quinta Avenida debaixo de uma chuva gelada com James e Julia no dia em que ele fez o teste de Brakebills. *Tempos atrás, havia um garoto jovem, forte e valente...*

O vilarejo, quando eles o encontraram, era um lugar todo medieval com suas cabanas de pedra, telhados de palha e ruas lamacentas. Mas sua característica mais marcante era a total falta de interesse dos habitantes locais pelos forasteiros de roupas estranhas que haviam aparecido em meio à névoa. Uma meia dúzia de sujeitos estava sentada em volta de uma mesa em frente a uma taverna, comendo sanduíches e tomando cerveja em canecas de metal debaixo de um mau tempo que faria Quentin pensar em imediatamente sair correndo para casa.

— Oi — disse ele. Um coro de grunhidos lhe respondeu. — Eu sou Quentin. E venho de Fillory. Estamos aqui na sua ilha à procura de uma chave. — Ele olhou para os outros e deu uma tossida. Era praticamente impossível fazer aquilo sem ficar parecendo que ele estava imitando algum quadro de *Monty Python*. — Vocês sabem algo sobre isso? Da chave mágica? A de ouro?

Os homens se entreolharam e então acenaram a cabeça: sim, todos sabiam do que ele estava falando. Eles tinham todos uma cara meio

parecida, como se pudessem ser irmãos.

— Sim, sabemos dessa chave, sim — disse um deles, um homem grande e bruto com um imenso casaco de lã. Sua mão sobre seu joelho parecia um pedaço de granito rosado. — Ela fica no fim daquela estrada.

— No fim daquela estrada — repetiu Quentin.

Certo. É claro. A chave de ouro estava no fim daquela estrada. Onde mais poderia estar? Ele estranhou aquela sensação de que estava improvisando seu papel em uma peça na qual todos os outros pareciam ter um roteiro muito bem preparado.

— Sim, isso mesmo. — O homem repuxou a cabeça. — No fim da estrada.

— Tudo bem. No fim da estrada então. Bom, muito obrigado.

Quentin não sabia se chegava a fazer sol e calor por ali, ou se eles viviam naquele eterno equivalente à Nova Inglaterra no inverno. Será que aquelas pessoas sabiam que estavam a apenas três dias de viagem de uma zona tropical?

Os viajantes seguiram adiante pela estrada. Eles poderiam ter passado uma imagem mais nobre se estivessem a cavalo, em vez de estarem se arrastando pela lama feito camponeses, mas o *Muntjac* não comportava cavalos. Talvez eles pudessem alugar uns no vilarejo. Pôneis robustos e peludos resignados a viver sempre frios e úmidos, sem nunca serem ágeis e bonitos. Ele sentiu falta de sua égua Intrépida.

A rua passou a ser de pedra, com blocos arredondados que ficavam lisos por causa da garoa e viravam uma ameaça a qualquer tornozelo. Não era um cenário muito ideal para uma jornada ou aventura, ou mesmo para uma missão. Talvez Bingle tivesse razão, talvez eles só fossem personagens secundários em seu grande drama.

Benedict nem estava fazendo suas anotações, como em geral fazia.

— Eu consigo lembrar tudo de cabeça — disse ele.

Quem diria? Uma ilha que nem Benedict queria se dar ao trabalho de mapear.

O vilarejo não era grande, e a estrada não era longa. O último prédio era uma construção de pedra que lembrava uma igreja, mas não era uma igreja, apenas uma estrutura quadrada com dois andares, feita de pedras cinzentas chapadas da região, sem reboco. Sua fachada era rústica e parecia

inacabada, ou talvez seus ornamentos já tivessem sido destruídos pelo tempo.

Quentin se sentiu como o garotinho no começo de *O Lorax*, em frente à misteriosa torre do sombrio Once-ler. Eles deveriam estar enfrentando desafios vociferados por cavaleiros negros com escudos pesados, ou tentando resolver complexos dilemas teológicos propostos por eremitas sagrados. Ou pelo menos se esforçando para resistir às tentações diabólicas de lindas súcubos. Não lutando contra uma depressão de inverno.

Se precisasse ser específico, Quentin teria dito que, mais do que qualquer outra coisa, era o ritmo daquilo o que estava errado. Tudo estava acontecendo rápido demais. Eles não deveriam encontrar a chave tão cedo assim, nem conquistá-la sem uma luta.

Mas que se dane. Talvez ele só tivesse dado sorte. Talvez fosse o destino. Apesar de tudo, ele estava empolgado. Agora era a hora da verdade. As portas do prédio eram enormes, feitas de carvalho, mas havia outra menor, de tamanho comum, embutida em uma delas, provavelmente para os dias em que você não estava a fim de se dar ao trabalho de abrir um imenso portal duplo de madeira. A porta era ladeada por nichos para estátuas, que agora estavam vazios.

Eles pararam em frente à porta, como uma audaz companhia de cavaleiros reunida diante da Capela do Perigo. Qual deles iria desbravá-la? Quentin estava com o nariz escorrendo. Seus cabelos estavam molhados pela chuva; ele até tinha um chapéu, mas estava determinado a sofrer com seja lá qual intempérie conseguisse encontrar por ali, o que se resumia à garoa gelada. Ele e Julia fungaram ao mesmo tempo.

No final das contas, todos entraram na capela, nem que fosse só para sair da chuva. Não estava menos frio lá dentro. A atmosfera lembrava a de uma antiga igreja rural, abandonada por alguns minutos pelo seu sacristão. O ar cheirava a pó de pedra. Uma difusa luz cinzenta invadia o lugar por algumas janelas altas e estreitas. Em um canto, havia várias ferramentas enferrujadas de jardim; uma enxada, uma pá, um rastelo.

No centro do salão, ficava uma mesa de pedra, e sobre essa mesa de pedra havia uma almofada vermelha de veludo surrado, e sobre a almofada, uma chave de ouro com três dentes.

Ao lado dela, havia um pedaço de papel amarelado onde se lia em belas letras:

CHAVE DE OURO

A chave não era brilhante, mas também não era opaca. Ela tinha aquela grossa cobertura fosca de uma coisa genuinamente antiga. Sua nobreza não era maculada pelo humilde ambiente a sua volta – ela parecia emanar o silêncio que dominava a sala. Aqueles aldeões provavelmente só eram ignorantes demais para levá-la a sério. Igual a um daqueles vilarejos europeus que expõem um canhão antigo como monumento de guerra, e que ninguém imagina ainda ter uma bala dentro, até que um belo dia...

Bingle pegou a chave.

— Meu Deus! — disse Quentin. — Cuidado.

Aquele cara era maluco. Bingle virou-a, examinando seus dois lados. Nada aconteceu.

Quentin se deu conta do que estava acontecendo. Ele havia ganhado uma segunda chance. Ele estava de volta à beira daquele gramado na floresta, mas desta vez, ele assumiria o comando. A vida era mais do que viver todo gordo, seguro e quentinho em um *resort* medieval de luxo. Ou talvez nem fosse, mas ele queria descobrir. E como se descobre isso? Vivendo uma aventura. É assim que se faz. Pegando uma chave de ouro.

— Deixa eu ver — disse ele.

Satisfeito ao concluir que ela não tinha nada de letal, ou pelo menos nada de instantaneamente letal, Bingle a entregou a Quentin. Ela não zunia, não brilhava. Ela não ganhou vida em sua mão. Era fria e pesada, mas não mais fria, nem mais pesada do que ele imaginava que uma chave de ouro deveria ser.

— Quentin — disse Julia. — Essa chave tem muita magia ancestral. Muita. Posso sentir.

— Ótimo.

Ele sorriu para ela, todo empolgado.

— Você não precisa fazer isso.

— Eu sei. Mas eu quero.

— Quentin.

— O que foi?

Julia estendeu a mão para ele. Abençoada Julia. Apesar de seja lá o que tivesse perdido, ela ainda tinha muita bondade humana em seu coração. Ele

pegou a mão de Julia e mexeu a outra com a chave pelo ar. E se ele...? Sim. Ele sentiu-a tilintar contra alguma coisa dura, alguma coisa que não estava lá.

Quentin perdeu aquilo por um instante – ele continuou a mexer a chave, mas não estava mais achando. Até que aconteceu de novo, o estalo de metal contra metal. Ele parou com a chave no vazio e a empurrou. Ela entrou, rangendo ao passar por um ferrolho invisível até se encaixar com firmeza. Quentin a soltou para ver o que acontecia, e ela ficou parada: uma chave de ouro parada no meio do ar, paralela ao chão.

— Sim — sussurrou ele. — É isso.

Ele respirou fundo, mais nervoso do que queria demonstrar. Bingle fez uma coisa estranha, que foi pôr a ponta de sua espada no chão e se apoiar em um dos joelhos. Quentin pegou a chave de novo e a girou no sentido horário. Por instinto, ele procurou uma maçaneta e logo encontrou – ele podia imaginá-la com toda perfeição, feita de porcelana branca e fria. Ele a girou e puxou, e então um imenso rangido ecoou pela sala – não era nada que causasse medo, e sim satisfação, como abrir um selo que estava intacto há séculos, só esperando para ser rompido. Quentin sentiu a mão macia de Julia apertar a sua. A fenda que ele estava abrindo sugou o ar da sala, e Quentin foi banhado por uma luz quente.

Ele estava abrindo uma porta no meio do ar, alta o bastante para que passasse sem abaixar a cabeça. O lugar a sua frente era todo iluminado, quente, verde e cheio de sol. Ele tinha encontrado o que tanto procurava. O gélido cinza da Ilha Posterior já parecia coisa do passado. Era daquilo que ele precisava – uma aventura, ou seja lá como você quisesse chamar. Ele não sabia se aquele era outro lugar de Fillory ou uma terra totalmente diferente.

Ele entrou no gramado, puxando Julia logo atrás. A luz era intensa a sua volta. Ele piscou. Seus olhos começaram a se ajustar.

— Espera — disse ele. — Não pode ser.

Ele tentou pular de volta, mas a porta já havia sumido. Não havia por onde pular, nenhum caminho de volta, apenas o vazio. Ele perdeu o equilíbrio e caiu com as mãos no chão, ralando as palmas no concreto quente da calçada em frente à casa de seus pais em Chesterton, Massachusetts.

LIVRO II

CAPÍTULO 9

— Tudo bem — disse ele. — Tudo bem. É decepcionante.

Ele se sentou no meio-fio com os cotovelos apoiados nos joelhos, olhando para os cabos de força, e tentou raciocinar. Suas mãos esfoladas ainda ardiam e latejavam. A julgar pelo calor, eles pareciam estar no fim do verão. Por algum motivo, foram os cabos de força o que ele mais estranhou depois desses dois anos em Fillory.

Isso e os carros. Eles pareciam estranhos, como animais. Animais bizarros e enfurecidos. Julia estava sentada na grama, abraçada aos joelhos e balançando devagarzinho para a frente e para trás. Ela parecia estar pior do que ele.

Quentin sentiu seu ânimo cair até se enterrar no chão daquele maldito planeta inútil. Eu era um rei. Eu tinha um barco. Eu tinha um lindo barco, meu próprio barco!

Era como se alguém estivesse tentando mandar uma mensagem para ele. Se fosse isso, tudo bem. Mensagem recebida.

— Eu entendi — disse ele em voz alta. — Tudo bem. Eu já entendi.

Eu sou um rei, pensou ele. Mesmo no mundo real, eu ainda sou um rei. Nada pode tirar isso de mim.

— Está tudo bem — disse Quentin. — A gente vai dar um jeito nisso.

Isso no fundo foi uma tentativa de dizer uma coisa que ele queria que fosse verdade, só para ver se isso a tornaria mais verdadeira.

Julia estava de quatro no chão nesse momento. Ela tinha vomitado alguma substância rala e ácida na grama. Quentin se ajoelhou ao lado dela.

— Você vai ficar bem — disse ele.

— Não estou me sentindo muito bem.

— Nós vamos resolver isso. Você vai ficar bem.

— Pare de dizer isso. — Ela tossiu e depois cuspiu no jardim. — Você não entende. Eu não posso estar aqui. — Ela parou para reformular suas palavras. — Eu não deveria estar aqui. Preciso ir embora.

— Eu que o diga.

— Eu tenho que ir embora!

A chave achou que eles queriam voltar para casa? Essa não era sua casa. Quentin olhou para trás. Não havia sinal de vida na casa. Ele ficou aliviado; não estava a fim de falar com seus pais agora. O bairro era um subúrbio chique, com casas enormes que podiam até se dar ao luxo de ter um jardim em volta.

Uma vizinha estava os espiando pela janela de sua sala de estar.

— Oi! — disse ele, acenando. — Tudo bem? — O rosto desapareceu. A mulher fechou a cortina. — Venha... — disse ele para Julia. Ele bufou, determinado. Era hora de ser corajoso. — Vamos entrar, tomar um banho. Talvez trocar de roupa.

Os dois estavam usando seus trajes reais fillorianos. Nada discreto. Ela não respondeu.

Ele estava tentando não entrar em pânico. Meu Deus, ele tinha levado vinte e dois anos para chegar a Fillory da primeira vez. Como ele iria fazer isso de novo agora? Quentin se virou para onde Julia estava, mas ela tinha sumido. Estava cambaleando pela larga rua suburbana vazia na direção contrária à de Quentin. Ela parecia minúscula em meio a todo aquele asfalto.

Essa era outra coisa estranha. O asfalto era diferente de qualquer outra coisa na natureza.

— Ei, vamos entrar. — Ele se levantou e foi até ela. — Deve ter sorvete no congelador.

— Não posso ficar aqui.

— Nem eu. Só não sei o que vamos fazer ainda.

— Eu vou voltar.

— Como?

Ela não respondeu. Ele a alcançou, e os dois caminharam juntos sob o anoitecer. Tudo estava em silêncio. A luz multicolorida de TVs gigantes cintilava nas janelas das casas. Quando as TVs tinham ficado tão grandes assim?

— Eu só conhecia um jeito de ir pra Fillory, e era com o botão mágico que, até onde sei, ficou com Josh. Talvez a gente possa falar com ele. Ou talvez Ember tenha como nos invocar de volta. Mas se isso não funcionar, acho que estamos ferrados.

Julia estava suando. Ela estava andando de um jeito meio estranho. Seja lá o que tivesse de errado com ela, aquela situação só estava piorando tudo. Ele tomou uma decisão.

— Vamos pra Brakebills — disse ele. — Alguém lá vai nos ajudar.

Ela não reagiu.

— Eu sei que é complicado...

— Não quero ir para Brakebills.

— Eu sei — disse Quentin. — Não é como se eu estivesse muito a fim também. Mas é um lugar seguro, eles vão nos dar alguma coisa pra comer e alguém por lá vai ter alguma ideia de como a gente pode voltar pra Fillory.

No fundo, ele duvidava que qualquer um de seus professores tivesse alguma vaga noção de como acessar o multiverso, mas eles poderiam descobrir como encontrar Josh. Ou Lovelady, o vendedor de tralhas mágicas que encontrou o botão que começou tudo aquilo.

Julia estava olhando fixamente para o nada. Por um instante, Quentin chegou a achar que ela nem iria responder.

— Eu não quero ir — disse ela.

Mas depois ela parou. Um reluzente carrão azul estava parado sem ninguém no meio-fio, um veículo bicudo rebaixado com um turbo no capô e um aerofólio na traseira. Um presente que algum babaca devia ter ganhado de aniversário quando fez dezesseis. Julia olhou para os lados e então entrou no jardim, onde um paisagista havia disposto uma fileira de pedras do tamanho de cabeças humanas. Ela agarrou uma como se fosse uma bola de exercícios, erguendo-a com uma incrível facilidade entre seus braços finos num gesto que metade largou-a e metade arremessou-a contra a janela do motorista.

Quentin nem teve tempo para dar algum conselho ou opinião — provavelmente alguma coisa do tipo, “não jogue essa pedra no vidro desse

carrão”. Não adiantava. Já tinha acontecido.

Ela precisou de duas tentativas para arrebentar a janela toda – o vidro laminado rachou e afundou antes de ceder. O alarme disparou com um barulho ensurdecedor em meio ao silêncio suburbano, mas, por incrível que pareça, nenhuma luz se acendeu na casa. Julia enfiou a mão pelo buraco e habilmente abriu a porta, e então rolou a pedra para fora contra o asfalto e sentou-se no banco de vinil preto.

— Você está de brincadeira — disse Quentin.

Ela pegou um caco de vidro e espetou seu próprio polegar. Enquanto sussurrava alguma coisa, ela forçou a ponta ensanguentada de seu dedo contra a ignição.

O alarme parou. O carro roncou e o rádio ligou sozinho, tocando *Poundcake* do Van Halen. Ela levantou a bunda e jogou para fora o resto de vidro que havia em seu banco.

— Entre — disse ela.

Certas vezes, você só precisa agir. Quentin foi andando até o lado do passageiro – na verdade, para cumprir o protocolo corretamente, ele deveria ter deslizado por cima do capô –, e Julia arrancou antes mesmo que ele fechasse a porta. Os dois deixaram o quarteirão dos pais de Quentin em alta velocidade. Era difícil acreditar que ninguém houvesse chamado a polícia, mas eles não estavam ouvindo nenhuma sirene; Julia devia ser uma feiticeira muito boa, ou então sortuda demais. Ela não desligou o rádio, nem abaixou o volume. Eles avançaram a toda velocidade em meio àquela rua cinzenta. Pelo menos aquilo era melhor do que andar numa carruagem.

Julia abaixou o que havia sobrado da janela para não parecer tanto que estava quebrada.

— Como diabos você fez aquilo? — perguntou ele.

— Já ouviu falar em ligação direta? — disse ela. — Então, o que eu fiz foi uma “ligação indireta”. É assim que a gente falava nos velhos tempos.

— Em que velhos tempos você andou roubando carro? E quem é “a gente”?

Ela não respondeu, apenas fez uma curva acelerando tanto que o carro quase capotou com aquela sua suspensão ridiculamente alterada.

— Você não viu a placa de “pare”? — disse Quentin. — Ainda acho que a gente devia ir pra Brakebills.

— Nós estamos indo para Brakebills.

— Você mudou de ideia então?

— Acontece. — Julia ainda estava com o polegar sangrando. Ela chupou o dedo e o limpou na calça. — Você sabe dirigir?

— Não. Nunca aprendi.

Julia resmungou e então aumentou o volume do rádio.

A viagem levava quatro horas de Chesterton até Brakebills, ou pelo menos até o lugar mais perto de Brakebills que se podia chegar de carro. Julia fez a rota em três. Eles cruzaram Massachusetts de leste a oeste, zunindo pelas velhas estradas interestaduais da Nova Inglaterra, passando entre florestas de pinheiros e por dentro de pequenas colinas verdejantes, que tinham laterais de pedra bruta. A superfície dessas pedras estava lustrosa com a água vinda das fontes subterrâneas expostas durante a construção dos túneis.

O sol se pôs. O carro fedia à fumaça de cigarro de seu dono. Tudo ali dentro era tóxico, químico e artificial: o acabamento de plástico imitando nogueira, as luzes elétricas, o cheiro da gasolina sendo queimada para impulsioná-los adiante na estrada. Um mundo inteiro de subprodutos de petróleo. Julia passou a viagem toda ouvindo rock clássico no rádio. Seria um exagero dizer que ela conhecia todas as letras de todas as músicas que tocaram, mas não muito.

Eles cruzaram o rio Hudson na cidade de Beacon, em Nova York, e trocaram a estrada interestadual por uma local de duas pistas, sinuosa e acidentada, cheia de antigas deformações criadas ao longo dos invernos. A não ser pela cantoria de Julia, eles não se falaram. Quentin ainda estava tentando entender o que tinha acontecido com eles. Estava escuro demais para fazer a caminhada até Brakebills naquela noite, então Julia mostrou-lhe como sacar dinheiro de um caixa automático mesmo sem cartão em um posto de gasolina infestado de moscas. Eles compraram um par de óculos escuros para ela, para esconder seus olhos estranhos, e passaram a noite — em quartos separados — em um hotel de beira de estrada. Quentin desafiou o recepcionista só com os olhos a dizer alguma coisa sobre suas roupas, mas isso não aconteceu.

Pela manhã, Quentin tomou um banho quente em uma genuína banheira ocidental. Um a zero para a realidade. Ele ficou dentro d'água até todo aquele sal marinho finalmente sair de seus cabelos, por mais que a banheira

fosse de plástico e os cantos das paredes fossem cheios de teias de aranha e tudo ali fedesse a detergente e “odorizadores”. Depois que Quentin tomou seu banho, pagou pelo quarto e colheu uma autêntica garrafinha de seiscentos mL de Coca-Cola em uma máquina de moedas. Julia já estava a sua espera, encostada no capô do carro.

Ela não tinha tomado banho, mas dividiu a Coca. O carro cuspiu cascalho para trás ao sair do estacionamento.

— Achei que você não sabia onde Brakebills ficava — disse Julia. — Foi o que você me disse quando eu perguntei.

— Sim, porque é verdade — explicou Quentin. — Eu não sei onde Brakebills fica. Mas acho que tenho como encontrar. Ou pelo menos sei de uma pessoa que já conseguiu.

Ele estava falando de Alice. Ela tinha feito isso enquanto ainda estava no colégio, então eles também deveriam conseguir. Era estranho pensar nisso agora. Ele iria seguir seus passos.

— Vamos ter de andar uns três quilômetros pela floresta — disse ele.

— Por mim, tudo bem.

— Um feitiço visual deve ser o bastante pra revelar o campus. Ele fica invisível, mas só pra evitar que algum desavisado entre. Podemos usar um feitiço Anasazi. Ou de Mann. Talvez só uma revelação de Mann já resolva.

— Eu conheço o Anasazi.

— Beleza. Ótimo. Eu aviso quando for precisar.

Quentin tomou cuidado para usar um tom neutro. Nada deixava Julia mais irritada do que se sentir subestimada por um brakebilliano. Pelo menos ela não o estava culpando por eles terem voltado para a Terra. Ou talvez até estivesse, mas não em voz alta.

Era uma manhã quente de fim de agosto. O sol saturava o ar com uma luz cor de bronze. Um quilômetro e meio mais adiante, no fundo do vale, eles avistaram os lampejos azulados do imenso Rio Hudson. Pararam o carro em uma curva na estrada.

Ele sabia que ser arrastada de volta para Brakebills implorando por ajuda feria o orgulho de Julia, e talvez algo até mais vital. Mas isso não mudava o fato de que essa era a primeira, a melhor e possivelmente a única opção que eles tinham. Ele não iria ficar na Terra nem a pau. Ele não queria uma missão? Bom, agora ele tinha uma. A missão era voltar aonde ele estava

quando essa maldita missão começou. Isso lhe serviria como uma bela lição, mas tudo bem.

Antes de continuar, Julia passou quinze minutos fazendo um feitiço que disse servir para fazer o carro esperar uma hora e então voltar sozinho para sua garagem em Chesterton. Quentin não fazia ideia como isso sequer poderia ser remotamente possível, em diversos sentidos, mas guardou suas dúvidas para si mesmo. Se ela não tivesse jogado fora quase todos os cacos do vidro, ele ao menos poderia consertar a janela, mas agora já era tarde demais, então azar de seja lá quem fosse o dono daquele carro. Ele deixou duzentos dólares em notas de vinte no porta-luvas, e então eles tomaram o resto da Coca e pularam por cima da mureta metálica no acostamento.

Aquela não era uma floresta agradável, do tipo usado para trilhas ou piqueniques. Ela não havia sido desbravada por prestativos guardas florestais e adaptada ao público. A mata era densa, quase totalmente escura, e andar ali não era nada divertido. Quentin sempre desviava a cabeça tarde demais dos galhos e acabou levando vários arranhões no rosto. De cinco em cinco minutos, ele jurava ter passado por alguma teia, mas nunca conseguia encontrar a aranha.

E ele não sabia bem o que poderia acontecer se eles entrassem no perímetro de Brakebills sem perceber. Em teoria, nada, é claro, mas Quentin tinha visto a professora Sunderland preparar uma barreira após o ataque da Criatura. Ele tinha visto o tipo de coisa que ela havia colocado naqueles pós mágicos. Eles poderiam trombar contra aquilo a qualquer segundo. Quentin sentiu uma quentura no rosto só de pensar nisso. Depois de meia hora, ele parou de andar.

A floresta continuava inerte. Não havia nenhum sinal do campus, mas Quentin podia senti-lo por ali em algum lugar, como se estivesse escondido atrás de uma árvore, só esperando para atacar. E ele parecia estar sentindo rastros antigos pela mata também. Como o de Alice – a pobre jovem amaldiçoada que passou a noite toda andando pela floresta até chegar a Brakebills. Melhor seria se ela nunca tivesse achado o campus. Cuidado com o que você procura, pois pode acabar encontrando.

— Vamos tentar aqui — disse ele.

Julia fez o feitiço Anasazi com seu estilo rústico e bruto, limpando camadas invisíveis do ar a sua frente dentro de um quadrado, como se estivesse desembaçando um para-brisas. Quentin fez uma careta por dentro ao ver como Julia fazia certas posições manuais, mas isso não deixava seus

encantos menos potentes. Às vezes, o resultado parecia ser muito mais poderoso.

Quentin começou a preparar um feitiço de Mann. Esse era um encanto muito mais fácil, mas eles não estavam competindo. É sempre bom diversificar.

Ele nem chegou a terminar, pois logo ouviu a em geral imperturbável Julia soltar um grito, dando um passo para trás. Pairando no ar em frente a ela, entre o quadrado aberto pelo feitiço, havia agora um rosto. Era a face de um senhor de cavanhaque, usando uma gravata azul-marinho e um medonho blazer amarelo.

Era o reitor Fogg, o diretor de Brakebills. E seu rosto estava dentro do quadrado porque ele estava parado bem na frente de Julia.

— Muito beeeeeem... — disse o reitor, estendendo a vogal até praticamente começar a cantar. — O filho pródigo à casa torna.

Nem cinco minutos depois, eles já estavam atravessando o Mar, que continuava lindo, verdejante e imenso como sempre. O gramado se espalhava em volta deles, do tamanho de meia dúzia de campos de futebol. O sol do verão estava a pino. Ainda era junho em Brakebills, entre suas paredes mágicas.

Foi incrível. Quentin não voltava a Brakebills há três anos, desde que veio pedir a Fogg para se desligar do mundo mágico, mas nada havia mudado. Os cheiros, os jardins, as árvores, os alunos – aquele lugar era como Shangri-la, esquecido pelo tempo, em um eterno presente.

— Nós estávamos de olho em vocês desde que saíram da estrada. Nossas defesas agora vão muito além do que na sua época. Muito além. Temos barreiras duplas de energia... estamos com um jovem muito talentoso no nosso departamento teórico, eu mesmo não entendo metade das coisas que ele faz. Agora temos um mapa de toda a floresta, em tempo real, que mostra todo mundo dentro dela. Ele tem até um indicador cromático de acordo com as intenções e estados de espírito de cada pessoa. É impressionante.

— Impressionante — disse Quentin, espantado. A seu lado, Julia não disse nada. Só Deus sabia como ela estava se sentindo, e ele não tinha sequer como imaginar. A última vez em que ela esteve em Brakebills foi naquele dia em que não passou no exame, ainda no colégio. Ela não tinha

dito nada desde que Fogg apareceu, mas conseguiu apertar sua mão quando ele se apresentou.

Fogg matraqueou sobre a faculdade, o campus, os colegas dos tempos de Quentin e todas as coisas respeitáveis e impressionantes que eles andavam fazendo agora. Nenhum parecia ter se exilado por acidente em alguma dimensão estranha. Havia muitas novidades locais também. Brakebills havia se firmado como uma grande potência no circuito internacional de balbúrdia graças aos esforços de um jovem professor apaixonado por esportes. Um dos animais de topiaria, um filhote de elefante, havia fugido de sua cerca viva, espalhando caos por todo o campus, mas bem devagar, a coisa de um metro por dia. O grupo dos Naturalistas estava trabalhando com afinco para capturá-lo e levá-lo à justiça, mas sem muito sucesso até o momento.

A biblioteca continuava assolada pelos rebeldes livros voadores – três semanas atrás, um bando inteiro de atlas do Extremo Oriente havia levantado voo, tomos imensos como albatrozes, e destruído a sala de leitura, forçando os alunos a se esconderem embaixo das mesas. Eles chegaram a sair pela porta da frente e se empoleiraram em uma árvore ao lado do campo de balbúrdia, do alto da qual ficaram infernizando quem passasse por ali com grasnados em uma babel de línguas diferentes até tomarem uma forte chuva, quando então voltaram emburrados para suas prateleiras, onde agora estavam sendo fortemente amarrados.

Quentin só conseguia pensar no quanto era estranho que tudo aquilo ainda acontecesse. Não era possível, isso devia violar alguma lei da física. Havia alguns alunos na grama, meninas em maior parte, bronzando seus corpos pálidos até onde o uniforme da faculdade permitia. As aulas do semestre já tinham acabado, mas os veteranos ainda não haviam se formado. Se Quentin tivesse virado à esquerda ali e andado mais cinco minutos, passando pelo bosque de carvalhos vivos, chegaria à Cabana. E ela estaria cheia de estranhos, sentados nos sofás ao lado das janelas, bebendo vinho, lendo livros e transando uns com os outros nas camas de cima. Ele havia pensado se iria gostar de rever o lugar, mas agora que estava ali, percebeu que na verdade não.

Os alunos ficaram olhando enquanto os três passavam, apoiados sobre seus cotovelos, cheios de uma piedade prepotente por aqueles que tinham sido idiotas o bastante para se formar e envelhecer. Ele sabia como era isso.

Esses jovens se viam como reis e rainhas. Bom, aproveitem enquanto é tempo.

— Achei que nunca mais veríamos você, Quentin. — Fogg ainda estava falando. — Depois da sua... como podemos dizer? Aposentadoria. Poucos daqueles que fazem essa escolha voltam para cá, sabe. Quando os perdemos, é para sempre. Mas, no seu caso, imagino que você tenha visto o... como devo dizer? O erro que cometeu.

Estava claro que Fogg havia decidido fazer o caminho superior, e parecia estar gostando da vista lá de cima. Eles deixaram o escaldante gramado do Mar, chegando às sombras nas trilhas do Labirinto, que desembocavam em inesperados espaços quadrados e circulares abertos, onde ficavam fontes de pedra clara. As mesmas fontes junto às quais ele ficava com Alice, mas as trilhas agora estavam diferentes. O Labirinto havia se reformulado desde seus tempos – uma vez por ano, todo ano. Quentin seguiu os passos de Fogg.

— Eu mudei de ideia. — O caminho superior tinha espaço bastante para que duas pessoas andassem lado a lado. — Mas foi muito generoso da sua parte me receber de volta nesse meu... como vou dizer? Momento de necessidade.

— Claro, sem problema.

Fogg pegou um lenço do bolso interior do paletó e enxugou o suor de sua testa. Ele parecia mais velho mesmo. O cavanhaque era uma novidade, e estava em sua maior parte grisalho. Ele tinha passado todo aquele tempo ali, dia após dia, fazendo o que sempre fez, mas com outros estudantes, que depois se formaram e foram embora. Depois de cinco minutos, Quentin já estava se sentindo sufocado. Fogg ainda o via como o garoto que era antes, mas aquele garoto já não existia mais.

Eles entraram na Casa e subiram até o escritório de Fogg. Antes de entrar, Quentin se virou para Julia.

— Você quer esperar aqui fora?

— Tudo bem.

— Talvez seja melhor conversar com ele de homem pra homem.

Julia fez um melancólico sinal de “joia” com o dedão. Ótimo. Ela se sentou no banco em frente à porta de Fogg, que em geral era ocupado por graduandos problemáticos e/ou repetentes. Ela ficaria bem. Era o que ele esperava.

O reitor se sentou e juntou suas mãos em cima da mesa a sua frente. Aquele cheiro forte e familiar de couro atacou Quentin, tentando arrastá-lo de volta para o passado. Ele ficou pensando no que diria se pudesse falar com o garoto que ele tinha sido, sentado no que parecia ser aquela mesma cadeira, tantos anos atrás, usando as roupas amassadas do dia anterior, mexendo a perna todo nervoso e tentando entender se tudo aquilo era ou não uma piada. Tome cuidado? Escolha a pílula azul? Ou talvez algo mais prático. Não transe com Janet. Não mexa em chaves de ouro.

E o que sua versão mais jovem diria? Será que ela olharia para ele como Benedict olhou e diria, “Como se eu fosse fazer uma coisa dessas”?

— Muito bem — disse Fogg. — Como posso ajudar? O que o traz de volta a sua humilde *alma mater*?

O problema era como pedir ajuda sem falar mais do que deveria sobre Fillory. Sua existência – sua concretude – ainda era um segredo, e Fogg era a última pessoa para a qual ele queria revelar isso. Se ele descobrisse, logo todos ficariam sabendo, e Fillory acabaria virando um ponto turístico para a garotada de Brakebills nas férias de primavera, um parque de diversões do multiverso mágico.

Mas ele tinha que começar de algum lugar. Era só fingir não saber de nada, como ele.

— Reitor Fogg, o senhor entende alguma coisa sobre viagens entre mundos?

— Um pouco. Mais teoria do que prática, é claro. — Fogg riu. — Há alguns anos, tivemos um aluno aqui interessado mais ou menos nessa linha de trabalho. Penny, acho que era assim que ele se chamava. Mas devia ser só um apelido.

— Ele era do meu ano. O nome verdadeiro dele era William.

— Sim, ele e Melanie, a professora Van der Weghe, passaram um bom tempo estudando esse tema. Ela está aposentada agora, é claro. Mas qual seria seu interesse nisso exatamente?

— Bom, é que eu sempre gostei dele — disse Quentin, improvisando não muito bem. — Do Penny. Do William. E andei perguntando por aí, mas parece que ninguém tem notícia dele já faz um tempo. — Desde que suas mãos foram devoradas por um semideus ensandecido. — Então achei que talvez o senhor pudesse ter alguma ideia de onde ele está.

— Você acha que ele pode ter... ido para outra dimensão?

— Claro. — Por que não? — Isso.

— Bom... — disse Fogg. Ele acariciou seu cavanhaque com um ar pensativo, ou que pelo menos parecia pensativo. — Não, não, eu não posso repassar informações sobre os nossos alunos a torto e a direito assim, sem consentimento. Não seria correto.

— Não estou pedindo o celular dele. Só quero saber se o senhor por acaso ouviu alguma coisa sobre ele.

As molas na poltrona de Fogg rangeram enquanto ele se inclinava para a frente.

— Meu caro rapaz — disse ele. — Eu ouço todo o tipo de coisa, mas preciso guardar isso para mim. Quando preparei tudo para o seu exílio naquela empresa em Manhattan, você acha que eu saí por aí falando para onde você tinha ido?

— Acho que não.

— Mas, se você realmente tiver interesse no paradeiro de Penny, eu o aconselharia a começar sua busca nesta realidade... — Uma risada seca. — ...em vez de em alguma outra. Vocês vão ficar para o almoço?

Julia tinha razão. Eles não deviam ter vindo aqui. É claro que ele não sabia de nada, e revê-lo não estava sendo bom para Quentin. Ele podia se sentir regredindo rumo a um ataque de raiva adolescente – era como tentar conversar com seus pais. Ele tinha perdido totalmente a perspectiva de quem ele era e até onde havia chegado. Quentin nem conseguia mais acreditar na admiração que antes sentia por aquele homem. O imenso mago *à la* Gandalf que ele antes temia agora havia sido levado embora e substituído por um tacanho burocrata prepotente.

— Não vamos poder. Mas obrigado, reitor Fogg. — Quentin bateu as mãos no joelho. — Na verdade, acho que já vamos indo mesmo.

— Antes de você ir embora, Quentin — disse Fogg, sem sair do lugar. — Eu gostaria de estender esta conversa um pouco mais. Ouvi alguns boatos um tanto exóticos sobre o que você e seus amigos andaram fazendo nesses últimos anos. Os alunos comentam sobre isso. Você é uma grande lenda no campus, sabia?

Agora Quentin se levantou mesmo.

— Bom... — disse ele. — É coisa da molecada. Não dá pra acreditar em tudo que se ouve por aí.

— Com certeza, não. — De alguma forma, os olhos de Fogg haviam recuperado seu antigo brilho penetrante. — Mas eu gostaria de dar um pequeno conselho a você como seu antigo reitor, caso me permita. Apesar da minha lamentável ignorância sobre viagens interdimensionais, não imagino qual poderia ser seu interesse por Penny, pois sei muito bem que você nunca gostou dele. E ninguém tem notícias desse jovem há anos. Assim como ninguém tem notícias de Eliot Waugh ou Alice Quinn há anos também. Nem de Janet Pluchinsky. — Quentin notou que o nome de Josh tinha escapado à memória de Fogg. Ele devia ter perguntado primeiro sobre Josh. Mas é provável que ele acabasse recebendo a mesma resposta. — E agora você aparece aqui vestido de um jeito *muito* estranho, e trouxe com você uma civil, uma das reprovadas em nosso exame, se não me engano, o que... enfim, não é o tipo de coisa que nós em geral toleramos. Não sei no que você está metido, mas me arrisquei diversas vezes por você ao longo dos anos, e não foi pouco, e tenho que zelar pela reputação e segurança da faculdade.

Ahá! Esse era o Fogg que ele conhecia e respeitava. Ele não tinha sumido, estava apenas se fingindo de morto.

Mas Quentin não era mais o aluninho problemático de antes.

— Ah, eu sei disso, reitor Fogg. Acredite em mim.

— Bom, ótimo. Não se meta onde não deve, Quentin. Não. Revire. Essa. Merda. — Fogg proclamou o palavrão com firmeza. — Neste momento, você está com um ar de quem acha que sabe de tudo. A humildade é uma virtude muito útil para um mago, Quentin. A magia sabe de tudo, você não. Você se lembra do que eu disse a vocês naquela noite antes da sua formatura? A magia não é uma coisa nossa. Não sei a quem esse poder pertence, mas é algo que nós usamos apenas emprestado, no máximo emprestado. É como aquilo que o pobre professor March sempre dizia sobre as tartarugas. Não mexa com elas, Quentin. Um mundo só já deve ser o bastante para qualquer um.

Para você, é fácil falar. Você só conhece um.

— Obrigado. Vou tentar me lembrar disso.

Fogg soltou um suspiro trágico, como Cassandra ao avisar os troianos, destinada a nunca ser ouvida.

— Bom, tudo bem. A professora Geiger deve estar na sala de estudos do primeiro ano, caso vocês precisem de um portal. A menos que prefiram

voltar andando por onde vieram.

— Um portal seria ótimo. Obrigado — disse Quentin. — Aliás, sabe a “reprovada” que está lá fora no corredor? Ela é uma feiticeira mais competente do que a maioria dos seus alunos. E do que a maioria do seu corpo docente também.

Quentin desceu com Julia até a sala de estudos do primeiro ano. Ele precisava sair dali. Tudo era menor do que ele se lembrava – era como em *Alice no país das maravilhas*, depois de tomar a poção mágica. Era como se sua cabeça fosse sair pela chaminé e seu braço, pela janela.

— Você não perdeu muita coisa quando não veio para cá — disse ele.

— Sério? — disse Julia. — Porque você, sim.

CAPÍTULO 10

Julia tinha uma estratégia de longo prazo. No entanto, o problema do longo prazo, como ela viria a descobrir, era que ele era longo. Eles sabiam que ela estava por aí, e cedo ou tarde teriam de lidar com isso. Tudo o que ela precisava fazer era esperar. Mas, nesse meio tempo, semanas se passaram. As pessoas se formaram. Inclusive Julia, provavelmente, mas ela não foi à formatura.

O verão transformou seu quarto escuro em um imenso forno, cozinhando tudo ali dentro até formar uma crosta hidrópica, e então veio o outono e o tempo esfriou. A trepadeira que cobria a parede dos fundos de sua casa mudou de cor e ficou balançando com o vento, enquanto a chuva batia em sua janela. Ela notou a vizinhança se esvaziando conforme todos seus colegas iam para a faculdade. Menos ela. Julia estava com dezoito anos agora, uma adulta responsável. Sua saga rumo à maturidade havia acabado. Ninguém poderia mais forçá-la a fazer nada.

Ela pôde respirar mais tranquila com todos os seus velhos amigos, os amigos da Primeira Julia, fora da cidade, mas isso também a deixou nervosa. Ela agora estava sozinha. Muito sozinha. Depois de chegar ao fim do mundo, ela se pendurou pelas pontas dos dedos na beirada e se soltou em queda livre. Estaria ela condenada a continuar caindo para sempre?

Julia fazia de tudo para o tempo passar. Ela matava, assassinava, massacrava cada minuto e depois escondia os corpos. Ela jogava seus dias como se fossem gravetos em uma fogueira, com as duas mãos, e ficava

assistindo enquanto eles evaporavam em uma fumaça perfumada. Não era fácil. Às vezes, era como se o tempo simplesmente parasse. As horas passavam dolorosamente por ela, uma de cada vez, feito cocô duro. Partidas *on-line* de *Scrabble* ajudavam a aliviar essa angústia, e filmes também. Mas uma pessoa só consegue ver *Jovens bruxas* um certo número de vezes antes de ir à loucura, e Julia descobriu que esse número na verdade era, tipo, três.

E tá, tudo bem, ela passou seis meses em um sanatório. Pronto, falei. Foi horrível, mas ela já devia estar esperando mesmo, e ninguém poderia culpar os seus pais, no fundo, não. Eles lhe deram uma escolha: tentar fazer alguma faculdade ou ir para o hospício. E ela escolheu a porta de número dois. Mas fazer o quê? Julia achou que era só um blefe, e pagou para ver. Se ferrou.

Então ela foi mesmo internada. Por mais terríveis que fossem suas expectativas, foi ainda pior. Seis semanas aguentando cheiros horríveis, comida ruim e sua colega de quarto, que tinha os braços completamente riscados por cicatrizes de cortes dos pulsos até as axilas, se revirando na cama e falando sozinha, enquanto dormia, sobre *Transformers*, *Transformers*, que tudo era um *Transformer*, mas por que não se transformavam então?

Quem era a maluca agora? *Transformers* era muito pior do que *Jovens bruxas*.

Então ela só enrolou seus psiquiatras e tomou seus remédios, o que ajudou a acelerar um pouco o calendário. O tempo de fato voa quando você está se divertindo, e não há nada mais divertido do que uma dose de Nardil. Às vezes, ela chegava até a achar que seria melhor morrer mesmo, mas não queria dar essa satisfação àqueles desgraçados. Eles não iriam acabar com ela. Ah, não iriam. Não mesmo.

Ela por fim acabou sendo devolvida para seus remetentes. Os médicos não conseguiram mantê-la internada. Julia não oferecia perigo a ela mesma, ou aos outros. Ela simplesmente não era tão louca assim.

E essa foi a segunda instituição exclusiva da qual ela foi rejeitada. *Tu-dum-pah!* Valeu, galera, boa noite! Vou estar em cartaz aqui a semana toda, o mês todo, o ano todo, para sempre, até segunda ordem.

Como tinha algum tempo livre sobrando, ela acabou decidindo abrir uma nova frente de batalha. Se a magia era uma coisa real, seria lógico supor

que devia haver algumas informações genuínas em circulação sobre como usá-la. Os caras de Brakebills não podiam ter um monopólio disso. Era inevitável: qualquer um que entendesse um pouco sobre teoria da informação saberia disso. Seria simplesmente impossível garantir a contenção de um conjunto de dados tão grande assim. O volume era imenso, e o sistema devia ter muitas brechas para possíveis vazamentos. Então, era só questão de saber como procurar.

Ela deu início a uma pesquisa sistemática. Era bom dar a seu cérebro sempre fome alguma coisa para mastigar – mesmo que não ficasse feliz, isso o deixava pelo menos ocupado. Ela preparou uma lista das maiores correntes mágicas, e das menores também. Ela compilou uma bibliografia com os principais textos sobre elas. Em seguida, leu cada um, centrifugando as informações práticas e jogando todo o resto fora – a matriz de baboseiras místicas inúteis nas quais elas estavam mergulhadas. Isso exigiu algumas saídas de casa, algumas incursões furtivas no mundão lá fora. Por outro lado, um efeito colateral disso era acalmar os pais de Julia, então que se danasse, tanto melhor.

Julia moeu e ferveu. Ela cheirou e se sujou com suas descobertas. Era divertido, como uma caça ao tesouro. Passou a visitar lojas de fumo e de ervas orgânicas, fez contato com os fornecedores dos restaurantes de Bowery – uma excelente fonte de utensílios baratos – e achou sites que vendiam instrumentos de laboratório por encomenda. Era incrível o tipo de coisa que você conseguia comprar pelo correio só com uma identidade falsa, uma conta no PayPal e um endereço de caixa postal. Se esse esquema de feitiçaria não vingasse, terrorismo doméstico sempre seria uma segunda opção.

Uma vez, Julia passou uma semana inteira dando tipo mil nós em um cordão até ler mais um pouco e descobrir que o cordão precisava ter um fio de seu cabelo entrelaçado junto, e então teve que começar tudo de novo. Ela sempre foi meio *workaholic* – vivia enchendo a cara de coisa para fazer, era a piada que James sempre fazia –, mas até ela tinha seus limites. Em duas ocasiões, chegou a sacrificar animais pequenos, um rato e um sapo, no quintal sob o véu da noite, em silêncio. É o ciclo da vida, sabe como é. *Hakuna matata*. O que, aliás, é uma frase em suaíli de origem moderna e que não tem absolutamente efeito algum, por mais que alguém a entoe infinitas vezes.

Aliás, nada tinha efeito algum. Tudo continuou não fazendo diferença quando ela saiu da casa dos pais e foi morar em uma quitinete no andar de cima de uma confeitaria, o que a fez arrumar um trabalho temporário para pagar o aluguel, mas lhe deu mais espaço para desenhar seus pentagramas no chão, além de impedir que sua irmã roubasse seus amuletos ou batesse na porta e saísse correndo enquanto ela entoava algum encanto (infelizmente, ela havia perdido um pouco de seu medo). E não aconteceu porra nenhuma mesmo depois que ela bateu uma para um moleque de vinte e tantos anos com cara de macaco que achou ter tirado a sorte grande no banheiro de uma festa só porque disse que tinha como levá-la até o Zoológico de Prospect Park depois de fechar, porque o zoológico é tipo um hipermercado de ingredientes para vários feitiços africanos, você nem imagina. Além disso, ela precisava de sêmen para testar algumas magias, mas para a sorte do jovem vigia, nenhuma delas deu certo.

Uma vez, só uma vez, ela quase chegou perto de encontrar algo real. Não foi em um livro antigo mofado, mas sim na internet, ainda que em uma fonte ancestral para os padrões virtuais – o equivalente *on-line* a um livro antigo mofado e encapado com o mais fino couro de bezerro.

Ela estava dando uma olhada nos arquivos de um velho BBS do meio dos anos oitenta com servidor na Cidade do Kansas, fazendo buscas com as mesmas palavras-chave de sempre, e chegando à mesma montanha de lixo de sempre. Era como fazer um pente fino pela radiação estelar em busca de vida extraterrestre. Mas um dos resultados tinha uma cara suspeita de sinal, em vez de mero ruído.

Era um arquivo de imagem. Nos tempos difíceis dos modem de 2.400 baud, os arquivos de imagem precisavam ser postados como código hexadecimal em pacotes de dez ou vinte partes, porque o volume de dados de uma imagem era muitas vezes maior do que a extensão máxima permitida para uma única postagem. Você tinha de salvar todos os arquivos juntos em uma pasta e depois usar um programinha para compactar todos eles em um único documento e decodificá-los. Na metade das vezes, um ou dois caracteres se perdiam no meio desse processo, o arquivo todo ficava bagunçado e você acabava sem nada. Apenas ruído, estática, telas e telas de caracteres inúteis. Na outra metade, você dava sorte e abria uma foto de uma *stripper* meio gordinha de trinta e tantos anos com uma cicatriz de cesariana na barriga, só com a parte de baixo de um uniforme de *cheerleader*.

Mas, para invadir o mundo da magia, Julia sabia que cinquenta por cento de chance não seria o bastante.

Essa imagem, depois de descompactada e decodificada, revelou um documento escrito à mão escaneado. Era um verso – duas frases em uma língua que ela não reconheceu, transcritas foneticamente. Em cima de cada sílaba, havia uma pauta musical, indicando o ritmo e (em certos casos) a entonação, e embaixo, um desenho de uma mão humana realizando um gesto. Não havia nada que identificasse o documento, nenhum título ou explicação. Mas era interessante. Ele tinha um quê pragmático, técnico e preciso. Não parecia ser nada artístico, ou uma brincadeira. Aquilo tinha dado trabalho demais para fazer, e não tinha muita graça.

Ela treinou cada parte em separado primeiro, agradecendo a Deus pelos seus dez anos de aulas de oboé, onde aprendeu a ler partituras. As palavras eram simples, mas os gestos manuais eram bizarros. No meio do caminho, ela voltou a achar que era só uma brincadeira, mas Julia era teimosa demais para desistir. Ainda assim, já estava prestes a deixar aquilo para lá, mas então experimentou, só como um teste, entoar as primeiras sílabas, e percebeu que havia alguma coisa diferente ali. As pontas de seus dedos ficaram quentes, latejando como se ela tivesse tomado um leve choque. O ar agora parecia ter uma resistência estranha, como se tivesse ficado meio viscoso. Ela sentiu algo dentro de seu peito se revirar, algo que nunca havia se manifestado antes. Algo que esteve adormecido sua vida inteira, mas que agora, de algum jeito, ao fazer aquilo, ela havia cutucado e feito se revirar.

O efeito passou assim que ela parou. Eram duas da madrugada, e ela tinha um turno de digitação em um escritório de advogados em Manhattan às oito (digitação era só o que ela estava conseguindo arrumar àquela altura. Julia digitava feito uma metralhadora, mas sua aparência e seus modos ao telefone haviam se degenerado até o ponto de ser demitida logo de cara em seu último trabalho de recepcionista). Ela estava há dois dias sem tomar banho ou dormir, e há dois meses sem trocar os lençóis da cama. Seus olhos pareciam estar pesando uma tonelada. Ela se levantou em frente à mesa e tentou de novo.

Mais duas horas se passaram até que ela conseguisse chegar ao final pela primeira vez. Ela estava acertando as palavras, o tom e o ritmo. Os gestos da mão ainda pareciam piada, mas ela estava chegando a algum lugar. Aquilo não era só mais “porra nenhuma”. Quando parou, seus dedos deixaram rastros no ar. Parecia uma alucinação, o tipo de efeito óptico que

você tinha depois de uma cirurgia a *laser* malfeita nos olhos, ou talvez de duas noites seguidas sem dormir. Ela sacudiu a mão e deixou rastros da cor do arco-íris no ar: vermelho saindo do dedão, amarelo, verde, azul e depois roxo do mindinho.

Ela sentiu um cheiro de eletricidade. Era o cheiro de Quentin.

Julia subiu até o telhado. Ela não queria tocar em nada enquanto o feitiço estivesse ativo – era como estar com esmalte fresco nas unhas –, mas precisava ir para algum lugar, então ela subiu pela escada de metal do prédio, abriu o alçapão e chegou àquela selva de mantas térmicas e aparelhos de ar-condicionado. Ela ficou lá em cima, desenhando padrões coloridos com as mãos contra o céu cada vez mais azul da alvorada, até o efeito passar.

Era um feitiço. Um feitiço de verdade! E ela tinha feito aquilo! *Hakuna matata*, porra! Ou ela não era mesmo louca, ou finalmente tinha pirado de vez. De um jeito ou de outro, ela quase morreu de alegria.

Em seguida, desceu e dormiu por uma hora. Quando acordou, viu que seus dedos haviam deixado manchas multicoloridas nos lençóis. Seu peito estava todo dolorido, como se alguém a tivesse aberto e arrancado todos os seus órgãos com uma faca de cozinha, igual a uma daquelas abóboras de dia das bruxas. Foi só então que ela pensou em tentar descobrir quem tinha postado aquela imagem na BBS, mas quando acessou o arquivo de novo, a postagem já havia sumido.

Mas o feitiço ainda funcionava. Ela repetiu o processo, e conseguiu de novo. Em seguida, tomando cuidado para não tocar seu rosto com seus dedos da cor de confeitos coloridos, ela deitou a cabeça na mesa e chorou até soluçar feito uma criança depois de levar uma surra.

CAPÍTULO 11

Quentin pediu para que a professora Geiger os mandasse de volta a Chesterton. Eles se materializaram em um piscar de olhos no centro da cidade. Geiger – uma mulher de meia-idade, toda alegre e gordinha – se ofereceu para mandá-los direto até a casa de Quentin, mas ele não se lembrava mais do endereço de seus pais.

Já era meio da tarde. Quentin nem sabia que dia era. Eles se sentaram em um dos bancos de um parque histórico onde uma pequena batalha havia acontecido na Guerra da Independência. Turistas atordoados pelo sol forte passavam indiferentemente por eles. Não era hora para jovens saudáveis de vinte e tantos anos estarem por aí à toa. Ele deveria estar no trabalho, ou estudando para tirar um diploma, ou pelo menos jogando rúgbi chapado por aí. Quentin podia sentir o sol drenando a energia de seu corpo. *Meu Deus*, pensou ele, olhando para suas pernas. *Eu preciso trocar de roupa urgentemente.*

Por outro lado, Chesterton era uma das principais cidades da costa leste no circuito das feiras medievais. Isso deveria diminuir um pouco a estranheza causada por eles.

— Bom, até que foi divertido — disse ele. — Bora Starbucks?

Julia não riu.

Eles não tinham para onde ir. Os dois ficaram sentados sob os velhos carvalhos: o rei e a rainha de Fillory, sem nada para fazer. O ar estava tomado por estranhos zumbidos e roncoss modernos nos quais ele nunca

tinha reparado antes de morar em Fillory: carros, fios de energia, sirenes, sons distantes de construções, aviões deixando dois riscos brancos no céu azul. Aquilo não parava nunca.

Ele se lembrou de que já tinha se encontrado com Julia ali uma vez, ou não muito longe dali, naquele cemitério atrás da igreja. Quando ela contou para ele que ainda se lembrava de Brakebills.

— Você não tem nenhum plano, tem? — perguntou Julia, olhando para o nada.

— Não.

— Não sei nem por que perguntei mesmo. — Sua acidez prepotente tinha voltado. Ela estava ficando desperta de novo. — Você nunca esteve aqui de verdade. Aqui no mundo real.

— Bom, já fiz algumas visitas, sim.

— Você acha que magia é aquilo que você aprendeu em Brakebills. Você não tem a menor ideia de o que é magia.

— Tudo bem — disse ele. — Posso até não saber. O que é a magia então?

— Vou mostrar para você.

Julia se levantou. Ela olhou para os lados, como se estivesse farejando alguma coisa, e então cruzou a rua de repente em um ângulo bizarro. Um Passat prata buzinou e freou cantando os pneus para não a atropelar. Ela continuou andando. Quentin a seguiu, com mais cuidado.

Ela saiu da avenida principal de Chesterton, que não era grande coisa. A vizinhança logo se tornou mais residencial. O tumulto do trânsito e do comércio ficou para trás, e árvores e casas enormes começaram a aparecer de cada lado da rua. A calçada agora era esburacada e irregular. Julia por algum motivo estava prestando muita atenção nos postes de telefone. Sempre que eles passavam por um, ela parava e o analisava.

— Já faz algum tempo que não faço isso — disse ela, em maior parte para si mesma. — Deve ter um mais ou menos por aqui.

— Um o quê? O que você está procurando?

— Eu até poderia dizer, mas você não acreditaria.

Essa Julia era mesmo cheia de surpresas. Mas, bom, não era como se ele estivesse com pressa também. Outros cinco minutos se passaram até que ela parou na frente de um determinado poste com duas manchas de *spray* rosa

fluorescente, que poderiam ter sido deixadas ali por um funcionário de manutenção desleixado.

Ela olhou fixamente para as manchas, movendo seus lábios em silêncio. Ela estava vendo o mundo de uma forma que ele, Quentin, não conseguia.

— Não é o ideal — disse ela por fim. — Mas vai servir. Vamos.

Eles seguiram adiante.

— Estamos indo para um esconderijo — complementou ela.

Eles andaram literalmente três quilômetros sob a luz daquela tarde suburbana, cruzando nesse meio-tempo a divisa entre Chesterton e a menos opulenta, mas ainda cobiçada, cidade de Winston. As crianças que voltavam para casa da escola olhavam para eles com curiosidade. Às vezes, Julia parava e ficava analisando alguma marca de giz no meio-fio, ou um ramo isolado de flores ao lado da rua, e então seguia em frente. Quentin não sabia se deveria ter alguma esperança ou não, mas decidiu ver aonde o plano de Julia iria chegar, especialmente porque ele mesmo não tinha nenhuma ideia melhor. Mas seus pés estavam doendo, e ele estava prestes a sugerir que eles roubassem outro carro. Só que isso seria errado.

Como Chesterton, Winston era um antigo subúrbio de Massachusetts, e algumas das casas pelas quais eles passaram não eram apenas de estilo colonial, mas sim autenticamente coloniais. Era fácil perceber a diferença porque elas eram mais compactas do que as modernas, mais densas e afastadas da rua, em terrenos úmidos cheios de pinheiros antigos, onde os jardins malcuidados viviam em uma constante batalha contra a invasão dos ramos de pinheiros armados com suas folhas pontiagudas. As casas mais novas, por outro lado, as McMansões de inspiração colonial, eram modernas e enormes, e seus jardins haviam encampado uma violenta empreitada contra os pinheiros, dos quais agora só sobravam um ou no máximo dois exemplares, trêmulos e traumatizados, apenas para garantir certo equilíbrio à composição geral.

A casa em frente à qual eles pararam era do primeiro tipo, autenticamente colonial. Estava começando a escurecer. Julia havia encontrado duas outras manchas de tinta em postes de telefone, e até analisou uma delas bem de perto usando algum tipo de encanto visual que Quentin não entendeu só porque ela não queria que ele entendesse – ela até escondeu com uma das mãos enquanto o preparava com a outra.

A entrada da casa era uma ladeira íngreme que desembocava abruptamente dentro do terreno. Gerações de crianças deviam ter se matado com *skates* e mobiletes ali, tentando descer e parar antes de bater em cheio na porta da garagem. Alunos de autoescolas deviam ter se martirizado naquele lugar, treinando rampas inclinadas com carros de câmbio manual.

Eles desceram com todo o cuidado. Quentin se sentiu como uma testemunha de Jeová, ou uma criança velha demais pedindo doces de dia das bruxas. A princípio, as luzes pareciam estar apagadas, mas quando chegaram mais perto, viram que elas na verdade estavam todas acesas. As janelas eram cobertas de papel pardo para ficarem escuras.

— Eu desisto — disse Quentin. — Quem mora aí?

— Não sei — disse Julia, empolgada. — Vamos descobrir!

Ela tocou a campainha. O sujeito que abriu a porta tinha lá seus vinte e tantos anos, era gordo e alto, com cabelo tigelinha e uma cara avermelhada de homem das cavernas. Ele estava usando uma camiseta enfiada por dentro de uma calça de moletom.

Ele parecia tranquilo.

— E aí? — perguntou ele.

Julia respondeu de um jeito estranho: ela se virou e levantou seus longos cabelos escuros e ondulados com uma das mãos, mostrando de relance alguma coisa em sua nuca para o homem. Era uma tatuagem? Quentin não conseguiu ver nada.

— Tudo bem? — disse ela.

Pelo jeito, sim, porque o porteiro grunhiu e abriu passagem. Quando Quentin tentou segui-la, o homem estreitou seus olhos já pequenos ainda mais e pôs a mão no peito de Quentin.

— Espera aí.

Ele pegou um ridículo par de óculos de ópera minúsculos, como se fossem de brinquedo, que estavam pendurados em seu pescoço por uma tira de couro, e analisou Quentin com eles.

— Meu Deus — disse o homem para Julia, realmente ofendido. — Quem é esse cara?

— Quentin — disse Quentin. — Coldwater.

Quentin estendeu a mão. O homem – que usava uma camiseta onde estava escrito MESTRE FEITICEIRO – o ignorou.

— Ele é o seu mais novo namorado — disse Julia. Ela pegou a mão de Quentin e o arrastou para dentro.

Música vinha de algum lugar daquela casa, que devia ter sido muito bonita até alguém ter feito uma reforma profundamente tosca em seu interior e depois outra pessoa vir e cagar ainda mais em cima dessa reforma já tosca. Essa tal reforma devia ter acontecido nos anos oitenta, porque era essa a época ali retratada: paredes brancas, mobília preta e cromada, *spots* de trilho. O ar estava impregnado de fumaça velha de cigarro. As paredes eram cobertas de trincas e buracos na argamassa. Não era o tipo de lugar onde Quentin gostaria de passar muito tempo. Ele estava disposto a continuar otimista, mas seria difícil imaginar como aquilo poderia ajudá-los a voltar para Fillory.

Com cautela, Quentin subiu um pequeno lance de escada ao lado de Julia até a sala de estar, onde havia um bizarro grupo de pessoas. Aquele lugar poderia até se passar por uma casa de recuperação para adolescentes malucos se na verdade não fosse também uma casa de recuperação para malucos de vinte e poucos anos, meia-idade e idosos. Havia ali a fauna gótica padrão, magrelos de pele clara e cheios de cicatrizes sinistras, mas também um cara com a barba por fazer, usando um terno surrado de origem não desprezível, falando no celular, dizendo, “tá, tá, aham...” como se realmente tivesse alguém do outro lado da linha que se importasse se ele iria dizer “aham” ou “ã-ã”. Havia uma mulher de uns sessenta e tantos anos com um corte de cabelo curtinho à la Gertrude Stein branco feito neve. Um velho asiático estava sentado sozinho no chão sem camisa. A sua frente, no felpudo tapete branco, havia um sutiã queimado entre um círculo de cinzas. Pelo visto, a faxineira não tinha vindo hoje.

Quentin parou na entrada da sala.

— Julia — disse Quentin. — Me diga onde a gente está.

— Você ainda não adivinhou? — Ela estava praticamente brilhando de alegria, adorando ver todo o desconforto de Quentin. — Foi em um desses lugares que eu estudei. Esta é a minha Brakebills. A Antibrakebills.

— Essas pessoas mexem com magia?

— Elas tentam.

— Por favor, me diga que isso é uma brincadeira, Julia. — Ele a pegou pelo braço, mas ela se soltou. Ele a pegou de novo e a puxou de volta escada abaixo. — Sério, eu imploro.

— Mas eu não estou brincando.

Julia abriu um sorriso largo e predatório. A armadilha havia sido ativada e a presa estava se debatendo, sem ter como fugir.

— Essas pessoas não podem mexer com magia — disse ele. — Elas não... digo, não tem nenhuma medida de segurança aqui. Elas não são qualificadas. Quem está supervisionando esses caras?

— Ninguém. Um supervisiona o outro.

Ele precisou respirar fundo. Aquilo era errado – não um erro moral, apenas um erro por definição. A simples ideia de que qualquer um poderia meter o nariz no mundo da magia... bom, antes de tudo, aquilo era perigoso. Não era assim que as coisas funcionavam. E quem eram essas pessoas? A magia era uma coisa só dele, só ele e seus amigos eram magos. Esses caras eram estranhos, eles não eram ninguém. Quem disse que eles podiam mexer com magia? Assim que Brakebills ficasse sabendo daquele lugar, eles iam vir e fechar tudo com sangue nos olhos. Eles mandariam uma equipe da SWAT, um pelotão de choque com Fogg no comando.

— Você realmente conhece essas pessoas? — perguntou ele.

Ela revirou os olhos.

— Esses caras? — bufou ela. — Esses caras são só uns babacas.

Julia o levou de volta para a sala.

A única coisa que os habitantes do esconderijo tinham em comum, além da má aparência em geral, era que muitos tinham a mesma tatuagem: uma pequena estrela azul de sete pontas, do tamanho de uma moeda de dez centavos. Um heptagrama, mas sólido, todo colorido. Elas saltavam aos olhos de Quentin nas costas das mãos daquelas pessoas, em seus antebraços, ou na pele entre o polegar e o indicador. Um cara tinha duas, uma em cada lado do pescoço, como os parafusos no pescoço do Frankenstein. O asiático descamisado tinha quatro. Nesse meio-tempo, ele começou a preparar um feitiço complexo que Quentin não reconheceu, enquanto olhava com uma expressão vazia através da complexa rede formada por suas mãos em movimento. Quentin não conseguia nem olhar para aquilo.

Um homem ruivo e sardento, tipo um Denis, o Pimentinha, em versão adulta, estava sentado na bancada de pedra sobre a lareira, sozinho, monitorando os outros, mas quando os viu, pulou lá de cima e veio até os

dois. Ele estava com uma jaqueta militar enorme e uma prancheta velha na mão.

— Oi, pessoal! — disse ele. — Meu nome é Alex, bem-vindos ao meu *dojo*. Vocês são...?

— Eu sou Julia. Este é Quentin.

— Certo. Desculpa pela bagunça. Enfim, é a tragédia dos comuns. — Em comparação aos outros na sala, Alex era mais alegre e pé no chão. — Posso ver suas estrelas, por favor?

Julia fez aquele mesmo lance com o cabelo para mostrar sua nuca a ele.

— Certo. — As sobranceiras ruivas de Alex se ergueram. Seja lá o que foi que ele viu ali, o deixou impressionado. Em seguida, ele se virou para Quentin. — E você...?

— Ele não tem nenhuma — disse Julia.

— Eu não tenho nenhuma. — Ele podia falar por si mesmo.

— Então ele veio fazer o teste? Porque se não, ele não vai poder ficar aqui.

— Eu sei — disse Julia.

O mais incrível mesmo era que ela nem estava tentando botar banca naquele cara. Ela estava sendo gentil! Ela, a rainha de Fillory, respeitava o protocolo maluco daquele lugar.

— Quentin, ele quer que você faça um teste — explicou ela. — Para mostrar que você mexe com magia.

— Eu também quero um monte de coisas. Eu preciso mesmo?

— Precisa sim, porra — disse ela com toda calma. — Então faça logo. É só do primeiro nível, todo mundo tem que fazer isso na primeira vez que vem aqui. É só criar uma faísca. Você deve até ter algum nome metido a besta para isso.

— Me mostre então.

Julia fez três posições manuais bem ensaiadas, rápida como um raio, estalou os dedos e disse:

— *ışık!*

O estalo produziu um pequeno clarão, como o *flash* de uma câmera antiga.

— Entendeu?

— Calma aí — disse Quentin.— Essas posições manuais não são muito genéricas. Será que você pode...?

— E aí, gente? — disse Alex, agora já não tão alegre. — Vai rolar ou não?

Só então Quentin reparou que Alex tinha oito estrelas, quatro nas costas de cada mão. O que devia significar que ele era o rei daquela biboca.

— Vamos logo, Quentin.

— Tudo bem, tudo bem. Me mostre de novo.

Ela repetiu o feitiço. Quentin começou, tentando entortar os dedos como ela. Em Brakebills, você só aprendia a criar linhas retas, para chegar a algo próximo da geometria platônica com as mãos, mas aqueles gestos eram soltos e orgânicos. Nada se alinhava. E já fazia dois anos que ele não operava com as Circunstâncias do mundo real. Ele tentou uma vez, *plec*, e nada. Em seguida, nada de novo.

Isso rendeu a ele uma irônica salva de palmas. Os outros presentes estavam começando a se interessar pela situação.

— Sinto muito, só mais uma tentativa e chega — disse Alex. — Você pode voltar daqui a um mês.

Julia começou a mostrar como se fazia de novo, mas Alex pôs sua mão sobre as dela.

— Deixe ele mesmo tentar.

O porteiro, o Mestre Feiticeiro, tinha vindo lá da frente e agora estava assistindo com os braços cruzados. Quentin podia ouvir os outros dizendo “*işık!*”, e um *flash* estourava sempre que eles faziam isso. Bom, que se dane também. Ele não ia aprender um feitiço de bruxaria marginal em trinta segundos que provavelmente só iria bagunçar sua técnica. Ele tinha uma formação clássica e era um mago supremo, e um rei, além de tudo. Faça-se a luz.

— “וַיִּאמְרוּ אֱלֹהִים” — disse ele. — “וַיְהִי אֹרֶךְ יְהִי־אֹרֶךְ:”

Vamos ver quem aqui manja de aramaico. Ele fechou os olhos e bateu uma palma alta.

O clarão foi branco e ofuscante – um estouro de *flash* à queima roupa, bem na sua cara. Por um segundo, a sala inteira – o tapete vagabundo, as luminárias bregas, os rostos curiosos – ficou paralisada e perdeu toda a cor. Quentin precisou piscar para que sua visão voltasse ao normal, e ele tinha fechado os olhos.

Um instante de silêncio se seguiu.

— *Caraaaaalho...* — disse alguém. Em seguida, todos começaram a falar ao mesmo tempo. Alex não pareceu ficar contente, mas também não os expulsou.

— Tudo bem, pode se cadastrar — disse por fim. Ele piscou e esfregou a manga da camisa nos olhos. — Não sei onde você aprendeu isso, mas enfim, só tente acertar a faísca da próxima vez.

— Valeu — disse Quentin.

Alex tirou uma estrelinha azul de uma folha de adesivos e a colou nas costas da mão de Quentin. Em seguida, entregou a prancheta para Quentin. Onde estava escrito “Nome”, ele escreveu *Rei Quentin* e então passou-a para Julia.

Assim que ela assinou, Quentin a arrastou para fora pela cozinha, que tinha um piso de linóleo todo estufado, eletrodomésticos de quinze anos atrás que mais pareciam brinquedos de criança e bancadas cobertas com uma metrópole multicolorida de copos sujos. Tudo tem limite.

— Que porra a gente está fazendo aqui? — esbravejou ele.

— Venha comigo.

Ela o levou mais para dentro da casa, atravessando um corredor, que em outro universo mais lúcido daria acesso ao escritório do papai, uma sala de TV e uma lavanderia, até chegar a uma porta oca vagabunda que dava para a escada do porão.

Quentin a fechou depois de passar. O silêncio frio e bolorento dos porões suburbanos os engoliu. A escada se resumia a tábuas brutas de pinheiro, cobertas de teias de aranha.

— Não estou entendendo nada, Julia — disse ele. — Você é tão estranha a este lugar quanto eu. Você não é como aquelas pessoas. Você não aprendeu o que sabe com um bando de aventureiros toscos assim numa república nojenta dessas. Não pode ser.

Eles estavam sozinhos, a não ser por um amontoado de caixas de papelão, uma TV quebrada do tamanho de uma máquina de lavar e uma mesa de pingue-pongue pela metade.

— Talvez eu não seja quem você pensa. Talvez eu seja uma aventureira tosca também.

— Não é isso o que eu estou dizendo. — Será? Ele ainda estava tentando entender o que tinha visto ali. — Nem sei como eles ainda não botaram

fogo nesta casa inteira.

— Acho que o que você está tentando dizer é que não acha que eles são bons o bastante para fazer isso. Que eles não atendem a seus padrões.

— Isso não tem nada a ver com padrões! — disse Quentin, sentindo que pisava em areia movediça. — É só que... olha, eu fiz por merecer, é só isso. Você precisa conquistar esse tipo de poder. Não é o tipo de coisa que você simplesmente compra numa loja de conveniência junto com um refrigerante grande e figurinhas do Pokémon.

— E o que foi que eu fiz? Você acha que eu não fiz por merecer?

— Eu sei que você fez por merecer. — Ele respirou fundo. Calma. O problema não era aquele lugar. O problema era voltar para Fillory. — Do que aquele cara chamou esta casa? De “*dojo*”?

— *Dojo*, esconderijo, dá na mesma. São esconderijos. Ele é só um babaca.

— Existem muitos lugares assim?

— Neste país, talvez uns cem. A maioria fica no litoral.

Meu Deus. Era uma epidemia.

— Que teste foi aquele?

— Aquele em que você bombou? É o teste para ser um mago de nível um. É o que você precisa ser para entrar aqui. Se você passa no teste, ganha uma tatuagem de estrela e pode ficar. A maioria das pessoas faz nas mãos, em algum lugar bem óbvio. Quanto mais você passa nos testes, mais sobe de nível, e ganha mais estrelas.

— Quem comanda tudo isso? Aquele tal Alex?

— Ele é só um supervisor. Cuida da casa e tal. O sistema de ranqueamento é autopoliciado. Qualquer mago pode pedir a outro de nível igual ou inferior para realizar o teste correspondente a seu nível ou qualquer outro abaixo — recitou ela. — Para provar que manja das coisas. Se você não manja das coisas, acaba sendo pego rapidinho.

— Uhum. — Ele queria achar alguma falha nesse mecanismo, mas no calor do momento, não conseguiu. Ele arquivou o assunto para desacreditá-lo em uma análise posterior. — E qual é o seu nível?

Como resposta, ela se virou e mostrou a ele o que já tinha mostrado ao porteiro e a Alex: uma estrela azul de sete pontas tatuada na nuca. As pontas de cima se perdiam entre as raízes de seus cabelos; ela devia ter raspado a cabeça para fazer aquilo. Era como as que ele tinha visto na sala, só que

maior, do tamanho de uma moeda de um dólar, e tinha um círculo no meio. Dentro desse círculo, havia um número cinquenta.

— Nossa — disse ele, impressionado de verdade. — O Ferrugem lá atrás só tinha oito. Então você é uma feiticeira de nível cinquenta?

— Não.

Ela pegou a parte de baixo de sua blusa, como se fosse tirá-la.

— Calma, Julia...

— Relaxa, cara. — Ela ergueu a parte de trás da camiseta, mas só até a metade. Suas costas eram cobertas de estrelas azuis, dezenas delas em fileiras perfeitas. Ele contou dez colunas, mas Julia devia ter pelo menos umas cem. Ela abaixou a blusa e se virou de volta para Quentin. — Qual é o meu nível? Bom, eu sou a melhor que existe, esse é o meu nível, e foda-se por perguntar. Venha. Vou levar a gente de volta para Fillory.

Ela bateu em uma porta pesada antifogo, do tipo que na maioria dos porões dá para uma sala da caldeira. Alguém abriu a porta de lado, que corria sobre rodinhas. O homem que a abriu parecia ser um daqueles mauricinhos arrumadinhos de cabelo loiro curto com uma camisa polo salmão, mas que tinha só um metro e vinte de altura. Um bafo seco e ardido soprou para fora da sala.

— Como posso ajudá-la? — perguntou o sujeito, que tinha dentes claros e perfeitos.

— Precisamos ir para Richmond.

O homenzinho não era totalmente sólido também. Ele era translúcido nas bordas. Quentin não notou isso a princípio, até se dar conta de que estava vendo coisas atrás dos dedos do homem que não deveria estar enxergando. Eles realmente estavam do outro lado do espelho agora.

— Mas hoje o preço é cheio, infelizmente. É por causa do tempo. Sobrecarrega as linhas. — Ele tinha o jeitinho todo alegre de um antigo condutor de trem. Ele fez um gesto para que ela entrasse. — Só a senhorita, por favor — disse o mauricinho translúcido. — O senhor, não.

Apesar de todo seu respeito pela cena mágica *underground* de Julia, aquilo já era demais. O domínio de Quentin sobre as Circunstâncias terrenas estava enferrujado, mas nem tanto. Ele murmurou uma série de sílabas chinesas entrecortadas, e então uma mão invisível agarrou o homem pela nuca e o jogou contra a parede de blocos de concreto logo atrás, batendo sua cabeça contra ela.

Se Julia ficou surpresa com isso, não demonstrou. O homem apenas encolheu os ombros e ficou passando a mão na cabeça.

— Vou pegar o livro — disse ele. — Você tem crédito?

O lugar era mesmo uma sala da caldeira, quente e com paredes de blocos de cimento sem reboco. Havia até uma caldeira de verdade, com um balde cheio de areia para apagar o fogo logo ao lado, mas havia ali também dois espelhos antigos de corpo inteiro encostados contra uma das paredes. Pareciam tremós recuperados de alguma casa velha: embaçados em alguns pontos, com molduras de madeira.

Julia tinha crédito. O livro era um tomo com capa de couro no qual ela escreveu alguma coisa, parando no meio para fazer uma conta de cabeça. Quando terminou, o homem analisou o que ela tinha escrito e entregou a cada um deles uma fita com vários tíquetes de papel, como os que você ganha em um parque de diversões. Quentin contou quantos havia recebido: nove.

Julia pegou os seus e entrou no espelho. Ela desapareceu como se tivesse sido engolida por uma banheira cheia de mercúrio.

Ele já esperava por isso. É fácil encantar espelhos, por já serem meio etéreos por natureza mesmo. Agora que estava vendo mais de perto, ele encontrou um claro sinal disso: aqueles eram espelhos de verdade, que não invertiam o reflexo. Mesmo depois de ter visto Julia atravessar sem problemas, ele não conseguiu deixar de fechar os olhos e fazer uma careta como se fosse bater a testa no vidro. Mas em vez disso, ele atravessou para o outro lado sentindo um gelo no corpo.

Que tosco, pensou ele. Um portal bem feito não faz você sentir nada.

O que se seguiu teve um quê de videoclipe: uma série de despensas e porões maltrapilhos e anônimos, com um atendente em cada sala para pegar um dos tíquetes por vez, e outro portal a ser atravessado. Eles estavam passando por um sistema de transporte público mágico improvisado, de porão em porão. Aqueles amadores deviam ter montado esse caminho pouco a pouco. Quentin rezou para que houvesse alguém fazendo o controle de qualidade daquilo tudo de alguma outra forma que não fosse mero voluntariado, para que eles não acabassem surgindo três quilômetros acima do chão, ou bem na mesosfera, três quilômetros abaixo da terra. Isso sim seria uma maldita tragédia dos comuns.

Em alguns casos, os criadores dos portais eram bem engraçadinhos. Um deles ficava em uma típica cabine telefônica inglesa, estilo TARDIS. Outro tinha um mural na parede a sua volta: uma gigantesca mulher gorda de circo, curvada e erguendo o vestido, para que você entrasse bem pela sua bunda.

Uma parada se revelou totalmente diferente das outras: uma luxuosa suíte executiva no alto de um arranha-céu de alguma metrópole não identificável à noite. Daquela altura e àquela hora, eles poderiam estar em qualquer lugar, Chicago, Tóquio, Dubai. Através de um vidro fumê, que provavelmente era um espelho do outro lado, Quentin e Julia viram uma sala cheia de homens fazendo uma reunião. Não havia nenhum atendente ali. As coisas funcionavam na base da confiança naquela parada: você jogava seu tíquete dentro de uma pequena estátua de bronze com a boca aberta e depois atravessava o espelho.

— Há salas assim espalhadas pelo mundo inteiro — disse Julia enquanto eles andavam. — As pessoas criam esses portais e os mantêm abertos. A maioria funciona bem. Mas às vezes você encontra um não tão bom.

— Meu Deus. — Eles tinham feito tudo aquilo, e ninguém em Brakebills sabia de nada. Julia tinha razão, eles não acreditariam que aquilo era possível. — Quem era aquele mauricinho translúcido?

— Algum tipo de duende. Um duende inferior. Eles não podem sair dos porões.

— Que caminho é este que estamos fazendo?

— Estamos fazendo o meu caminho.

— Desculpa, mas só isso não basta. — Ele parou de andar. — Pra que lugar, exatamente, nós estamos indo, e o que vamos fazer chegando lá?

— Estamos indo para Richmond. Na Virgínia. Para falar com alguém. Melhorou?

Na verdade, sim. Mas só porque as coisas estavam tão, tão ruins que seria difícil piorar.

Um portal estava inativo, com sua sala vazia e escura, e seu espelho quebrado. Quentin e Julia voltaram e reclamaram com o atendente anterior, que os redirecionou para contornar o ponto morto. Eles entregaram seus últimos tíquetes para uma bela juvenzinha *hippie* de cabelos sujos repartidos ao meio. Julia assinou o livro de registros da mulher.

— Sejam bem-vindos a Virgínia — disse ela.

De alguma forma, eles tinham viajado não só pelo espaço, mas também pelo tempo. Quando saíram do porão, a primeira coisa que viram foi o sol da manhã entrando pelas janelas. Eles estavam em uma casa grande, bem decorada e impecavelmente limpa, de um quê vitoriano: muita madeira escura, tapetes orientais e um silêncio tranquilo. Sem dúvida, uma ótima troca desde a casa em Winston.

Julia parecia saber onde estava. Ele a seguiu enquanto ela atravessava os quartos vazios, indo até a porta de uma enorme sala de estar, onde eles encontraram outra imagem que Quentin arquivou em sua memória como parte da cena mágica *underground*. Um homem mais velho de jeans e gravata em um sofá enorme e macio, discursando para três jovens de estilinho universitário com calças de ioga que olhavam para ele com expressões de encanto e adoração.

Meu Deus, pensou ele. Aquelas pessoas estavam por toda parte. A magia estava à solta. O campo de contenção de antimatéria havia colapsado. Ou talvez nunca tivesse existido.

O homem estava demonstrando um feitiço para sua plateia: uma simples magia de frio. Ele estava com um copo d'água a sua frente, tentando congelá-lo. Quentin reconheceu o feitiço, que havia aprendido no primeiro ano em Brakebills. Depois de terminar, usando o que Quentin viu como um estilo basicamente correto, mas floreado demais, o homem pôs as mãos em volta do copo. Quando ele as afastou, o vidro estava coberto por uma fina camada de gelo. Ele havia conseguido não quebrar o copo, coisa que a expansão da água congelada muitas vezes fazia.

— Agora tentem vocês — disse ele.

As meninas tinham seus próprios copos d'água. Elas repetiram as palavras em uníssono e tentaram imitar as posições das mãos. Como era de se esperar, nada aconteceu. Elas não tinham a menor ideia do que estavam fazendo – seus dedos rosados e macios passavam longe da posição adequada. Elas nem mesmo haviam cortado as unhas.

Quando o homem percebeu Julia parada na porta, seu rosto mostrou espanto e horror por coisa de meio segundo antes que ele conseguisse conjurar algo quase próximo de uma agradável surpresa. Ele devia ter uns quarenta anos, cabelos castanhos cuidadosamente penteados com gel e uma barba fina. Ele parecia um besouro enorme, metido a bonitão.

— Julia! — disse ele. — Mas que surpresa incrível! Não acredito que você está aqui!

— Preciso falar com você, Warren.

— Mas é claro! — Warren estava se esforçando para parecer no controle da situação, para o bem dos ali presentes, mas ficou claro que Julia estava bem no fim da lista de pessoas das quais ele gostaria de receber uma visita surpresa. — Vocês podem esperar um minuto? — disse ele para suas pupilas. — Eu já volto.

Assim que deu as costas para as jovens, o sorriso de Warren sumiu. Eles seguiram-no pelo corredor até outra sala. Seus passos eram estranhos e vacilantes, como se tivesse um pé torto.

— O que você quer, Julia? Estou no meio de uma aula. — Em seguida, virou-se para Quentin, com um sorriso desconfiado. — Prazer, Warren — acrescentou, e eles apertaram as mãos.

— Preciso conversar com você — disse Julia, com um fio de voz.

— Tudo bem. — Antes que ela pudesse responder, ele sussurrou: — Mas não aqui. No meu escritório, pelo amor de Deus.

Ele levou Julia até uma porta do outro lado do corredor.

— Vou ficar esperando aqui fora — disse Quentin. — Me chame se...

Julia entrou e fechou a porta.

Ele pensou que era justo, já que tinha deixado Julia esperando em frente ao escritório de Fogg. Aquilo devia estar sendo tão estranho para ela quanto voltar a Brakebills tinha sido para ele. Quentin não conseguiu entender o que eles estavam dizendo, não sem encostar a orelha na porta, o que chamaria ainda mais a atenção das meninas na sala de estar, que o espiavam cheias de curiosidade, provavelmente porque ele ainda estava com sua indumentária real de Fillory.

— Oi — disse ele, mas então todas elas desviaram o olhar.

Ele ouviu vozes mais altas, mas ainda assim indistintas. Warren estava acalmando Julia, tentando ser sensato, mas ela por fim o irritou e ele acabou erguendo a voz também.

— ...tudo o que *eu ensinei* a você, tudo o que *eu dei* a você...

— Tudo o que *você* deu para *mim*? — gritou Julia de volta. — O que eu dei a você...

Quentin limpou a garganta. A mamãe e o papai estão brigando. Aquilo estava começando a parecer engraçado, um claro sinal de que ele estava se

afastando perigosamente da realidade. A porta se abriu e Warren apareceu. Seu rosto estava vermelho; o de Julia estava pálido.

— Peço que você se retire — disse ele. — Já lhe dei o que você queria. Agora quero você longe daqui.

— Você me deu o que você tinha — rebateu ela. — Não o que eu queria.

Ele arregalou os olhos e abriu os braços: *o que você quer que eu faça?!*

— Só prepare o portal — disse ela.

— Eu não tenho como — respondeu ele, rangendo os dentes.

— Meu Deus, como você é pa-té-ti-co!

Julia saiu batendo o pé pela casa, voltando para o porão, com Warren atrás dela. Quentin os alcançou já na sala dos espelhos. Julia estava assinando o livro, enfurecida, e Warren, ocupado com seus próprios problemas. Alguma coisa estranha estava acontecendo com ele. Um graveto longo estava rasgando sua camisa no cotovelo. Aquilo parecia estar ligado a ele.

Era como um sonho que simplesmente não acabava. Quentin ignorou aquilo. Parecia que eles já estavam indo embora mesmo.

— Viu só o que você faz comigo? — disse Warren, tentando torcer e arrancar o graveto, mas o ramo era verde e flexível, e outro galho parecia estar despontando de suas costelas, por baixo de sua camisa. — Só por aparecer aqui, viu o que você faz?

Ele finalmente conseguiu arrancar o graveto e o mostrou para ela, com um ar acusatório.

— Ei — disse Quentin, entrando na frente de Julia. — Calma aí. — Essas foram as primeiras palavras que Quentin dirigiu a ele.

Julia terminou de escrever e olhou para o espelho.

— Não vejo a hora de sair deste lugar — disse ela, sem olhar para Warren.

A jovem *hippie* de cabelo sujo testemunhou tudo, horrorizada. Era outra pupila de Warren, com certeza. Ela encolheu-se ainda mais em seu canto.

— Vamos, Quentin.

Ele sentiu o choque gelado de novo e, desta vez, ao atravessarem o espelho, a transição não foi instantânea. Eles foram para algum outro lugar, algum lugar escuro, um limbo. Sob seus pés, o chão era de blocos antigos de pedra. Quentin e Julia estavam sobre uma ponte estreita sem parapeitos. Atrás deles, havia o retângulo brilhante do espelho pelo qual eles tinham

vindo; a sua frente, seis metros adiante, ficava o outro. Embaixo deles, e aos lados, tudo era escuro.

— Às vezes, eles se distanciam assim — disse Julia. — Só tome cuidado para não perder o equilíbrio.

— O que tem lá embaixo? Debaixo da ponte?

— Trolls.

Era difícil saber se ela estava brincando ou não.

A sala à qual eles chegaram era escura, um depósito cheio de caixas. Mal havia espaço para sair do espelho. O ar tinha um cheiro gostoso, como de grãos de café. Não havia ninguém ali para recebê-los.

O cheiro de café foi explicado quando Quentin encontrou uma porta e a abriu, revelando a minúscula cozinha de um restaurante. Um cozinheiro gritou em italiano para que eles saíssem logo dali. Os dois se espremeram para passar por ele, tentando não se queimar em nada, e então chegaram ao salão de um café.

Abrindo caminho entre as mesas, eles desembocaram em uma enorme praça de pedra. Era uma praça linda, cercada por edifícios de pedra morosos de idade indeterminada.

— Se eu não soubesse, até diria que estamos em Fillory — disse Quentin. — Ou na Terra Nula.

— Estamos na Itália. Em Veneza.

— Quero tomar um café daqueles. Mas por que estamos em Veneza?

— Vamos tomar um café primeiro.

Sol forte sobre calçadas de pedra. Montes de turistas tirando fotos e folheando guias de viagem, com caras de encanto e tédio por tudo aquilo ao mesmo tempo. Havia duas igrejas em frente à praça; os outros prédios eram uma estranha mistura veneziana de pedra antiga e madeira antiga e janelas tortas. Quentin e Julia foram até outro café na praça, um que não tinha um portal mágico na cozinha.

O lugar era um oásis de guarda-sóis amarelos reluzentes. Quentin parecia estar flutuando. Ele nunca tinha atravessado tantos portais em um só dia, e aquilo foi desnorteante. Eles já tinham feito seus pedidos quando perceberam que não tinham nenhum euro no bolso.

— Que se dane — disse Quentin. — Eu acordei em Fillory hoje de manhã, ou ontem, sei lá, só sei que preciso de um *macchiato*. E por que estamos em Veneza?

— Warren me deu um endereço. Tem alguém aqui que talvez possa nos ajudar... é meio que um contrabandista. Ele arruma as coisas. Talvez ele possa nos arrumar um botão.

— Então esse é o seu plano? Ótimo. Gostei. — Ele estava disposto a aceitar qualquer coisa que incluísse um café.

— Ótimo. Se não der certo, nós podemos tentar o seu plano incrível que você nem tem.

Eles tomaram seus cafés em silêncio. Quentin analisou com deslumbre a superfície de seu *macchiato*. Eles não tinham desenhado uma folhinha na espuminha do leite como nos Estados Unidos. Pombos passeavam em meio às mesas, ciscando migalhas indescritivelmente imundas, e ele reparou como seus dedos com garrinhas eram de um rosa pálido assim de perto. A cena toda era banhada pelo sol. A luz em Veneza lembrava a luz de Fillory: uma luz maciça como pedra.

O mundo tinha mudado de novo. As coisas não tinham mais aquela separação clara entre o mágico e o não mágico como ele se lembrava. Havia agora toda uma zona intermediária suja e anárquica. Ele não gostou muito; aquilo era caótico, sem nenhum *glamour*, um esquema do qual ele não conhecia nenhuma regra. Julia provavelmente não devia gostar daquilo também, pensou ele, mas ela não teve como escolher, não como ele.

Bom, o mundo dele não os havia ajudado em nada, então eles podiam muito bem mofar um pouco no dela.

— E quem era aquele tal de Warren? — perguntou Quentin. — Pareceu que vocês já se conheciam bem.

— Ele é um ninguém. Ele sabe um pouco de magia, então fica lá na faculdade tentando impressionar as aluninhas ensinando uma ou outra coisa só para comer todas elas depois.

— Sério?

— Sério.

— O que aconteceu quando a gente estava saindo? No braço dele... o que era aquilo?

— Warren não é humano. Ele é outra coisa, um espírito da floresta ou algo assim. Ele só tem um fetiche por humanas. Mas, quando se irrita, não consegue manter o disfarce.

— Então esse Warren comeu você? — perguntou ele.

Quentin não sabia por que havia dito aquilo. Foi só uma coisa que veio do nada: um rompante de ciúme, amargo e morno como um refluxo ácido. Não foi por mal. Ele estava tendo que digerir muita coisa em um só dia, ou noite, tanto faz, e tudo estava acontecendo meio rápido demais. Ele simplesmente deixou escapar.

Julia se inclinou sobre a mesa e deu um tapa em Quentin. Foi só um, mas foi com força.

— Você não tem ideia de o que eu tive que fazer para conseguir o que deram de bandeja a você — rosnou ela. — E sim, eu dei para o Warren. E fiz coisas muito piores também.

Dava quase para ver as ondas de raiva irradiando dela, como vapores saindo de um galão de gasolina. Quentin pôs a mão na bochecha onde tinha levado o tapa.

— Sinto muito — disse ele.

— Não o bastante.

Algumas pessoas olharam, mas só algumas. Afinal, aquilo era a Itália. Todo mundo devia viver se estapeando por lá.

CAPÍTULO 12

Julia só voltou a ver Quentin um ano e meio depois.

Ele havia virado um rapaz difícil de encontrar. Ao que parecia, ele não tinha celular, nem telefone fixo, nem mesmo um e-mail. Seus pais eram vagos quanto a seu paradeiro. Julia desconfiava de que nem eles sabiam como encontrá-lo. No entanto, ela sabia onde encontrá-los, e ele teria de voltar para casa cedo ou tarde, como o cão que volta para comer o próprio vômito. Quentin não era muito próximo de seus pais, mas também não era do tipo que os cortaria de sua vida. Sinceramente, ele nunca teria os colhões para isso.

Julia, por outro lado... Julia tinha os colhões para isso, sim. Ela era uma meliante com risco de fuga, sem nenhuma integração na comunidade. Quando ficou sabendo que os Coldwater tinham vendido a casa e se mudado para Massachusetts, Julia aumentou suas apostas e foi atrás deles. Até uma pocilga cultural suburbana com Chesterton tinha internet e agências de empregos temporários – ou melhor, *especialmente* uma pocilga cultural suburbana como Chesterton –, e era só disso que ela precisava para se virar. Ela alugou um quarto em cima da garagem de um sujeito aposentado com um bigode de faxineiro, que provavelmente tinha uma *webcam* escondida no banheiro. Ela comprou um Honda Civic velho com um porta-malas que só fechava com arame.

Ela não odiava Quentin. Não era isso. Quentin era um cara legal, mas não era justo. Tudo tinha sido tão fácil para ele, e tão difícil para ela. E por quê?

Não havia nenhum bom motivo. Ele passou em uma prova, e ela não. Isso era culpa da prova, não dela, mas agora sua vida havia se transformado em um verdadeiro inferno, e ele tinha tudo o que sempre quisera. Quentin estava vivendo uma fantasia. Uma fantasia que era dela. E que ela queria de volta.

Ou nem isso. Ela não queria tirar nada dele. Ela só precisava que ele confirmasse que Brakebills existia e abrisse uma brechinha na parede do jardim secreto, grande o bastante para que ela pudesse entrar espremida. Ele era seu agente infiltrado. Ele só não sabia disso ainda.

Então ela começou a fazer o seguinte: toda manhã, antes de ir para o trabalho, ela passava pela casa dos Coldwater. Toda noite, lá pelas nove, ela voltava, descia e contornava em silêncio o perímetro do jardim, procurando os rastros de sua presa. À noite, uma McMansão daquelas, cheia de janelas enormes de vidro duplo, deixava à mostra tudo o que acontecia lá dentro como um filme em um *drive-in*. Já era verão de novo, e as noites eram tomadas pelo cheiro de grama mutilada e pelo alarido dos grilos trepando. No começo, tudo o que ela conseguiu descobrir foi que o sr. Coldwater era um previsível, mas até que competente artista amador com uma triste verve Pop Art ultrapassada, e que a sra. Coldwater curti ver pornografia e ter crises de choro.

Foi só em setembro que sua caça deu as caras.

Quentin tinha mudado: ele sempre tinha sido magro, mas agora estava parecendo um esqueleto. Suas bochechas estavam chupadas, com os ossos à mostra. As roupas que ele usava ficavam folgadas. Seu cabelo – corta logo a porra desse cabelo, quem você pensa que é, o Alan Rickman? – estava esquelético.

Ele estava péssimo. Pobrezinho. Na verdade, ele estava parecido com Julia.

Ela não foi falar com ele logo de cara. Ela tinha que se preparar para isso antes. Agora que ele estava onde ela queria, Julia de repente se viu com medo de chegar perto. Ela largou seus empregos temporários para se dedicar em tempo integral a Quentin. Mas continuou na moita.

Todo dia, lá pelas onze da manhã, ela o via sair de casa com um ar melancólico e ir para a cidade em uma ridícula bicicleta antiga de dez marchas. Ela então o seguia de longe. Ainda bem que ele era um cara totalmente alheio e autocentrado, senão teria percebido um Honda vermelho

caindo aos pedaços o seguindo para cima e para baixo. Lá estava ele, um vestígio forense em carne e osso de tudo o que ela sempre quis. Se ele não pudesse, ou não tivesse como ajudá-la, estaria tudo acabado. Ela teria jogado dois anos de sua vida fora. O medo de descobrir isso era paralisante, mas a cada dia que ela esperava, o risco de ele sumir de novo só crescia mais e mais. E ela então voltaria à estaca zero.

Julia transaria com ele se fosse preciso. Ela sabia que ele gostava dela. Ele faria qualquer coisa para transar com ela. Aquele era um último recurso, mas daria certo. Sem riscos. Ela tinha essa carta na manga. Ou em outro lugar.

Vai saber, talvez nem fosse tão ruim. Pelo menos seria diferente dos espetáculos atléticos com paradinhas estratégicas de James. Ela já nem sabia mais por que fazia tanta questão de não gostar de Quentin. Talvez ele estivesse certo, talvez no fundo ele fosse mesmo o cara certo para ela. Àquela altura já era muito difícil saber, com tantas coisas emboladas no meio de tudo, e ela mal se lembrava de como era sentir alguma coisa por alguém. Já fazia muito tempo que ninguém sequer encostava a mão nela. Não desde o vigia do zoológico no banheiro daquela festa, e foram só uns amassos desengonçados por cima da roupa mesmo, com um objetivo totalmente clínico. Só um paciente relutando na maca enquanto ela realizava uma operação. Ela se sentia distante de seu próprio corpo, de qualquer tipo de prazer. A doutora Julia se deu conta, apenas para efeito de nota, do quanto havia se tornado uma pessoa cheia de ódio, e odiável. Ela havia trancado toda a sua capacidade de amar e derretido a chave.

Foi em um cemitério atrás de uma igreja, onde Quentin tinha ido para curtir melhor sua fossa, que ela acionou sua armadilha. Pensando agora, ela tinha até motivos para se orgulhar. Poderia ter desistido, mas não desistiu. Ela pôs tudo para fora. Ela disse o que tinha para dizer, sem abaixar a cabeça, e mostrou que era tão boa quanto ele em tudo. Ela pôs as cartas na mesa. Ela até mostrou a ele seu feitiço, o dos rastros de luz coloridos, que havia maturado nos últimos seis meses. Julia tinha dominado com uma precisão absurda todas aquelas posições manuais, até aquela bizarra dos dedões. Ela nunca tinha mostrado aquilo para ninguém antes, e foi ótimo finalmente ter uma plateia. Ela invadiu aquela praia feito um fuzileiro no dia D.

E quando a opção nuclear foi colocada em pauta, quando o telefone vermelho tocou na sala de comando, Julia não deu para trás. Não mesmo.

Ela atendeu ao telefone. Se fosse mesmo necessário, ela partiria para a guerra, meu amigo.

Mas teve um problema: ele não quis. Ela não contava com aquilo. Ela se ofereceu, da forma mais clara que pôde. Julia se enganchou em um anzol, como uma minhoca rosada e succulenta, mas ele não mordeu a isca. Ela sabia que estava meio descuidada no visual, mas mesmo assim... Qual é? Não fazia sentido.

O problema não era ela, era ele. Alguma coisa ou alguém havia mexido com ele. Quentin não era mais o mesmo de que ela se lembrava. Engraçado: ela quase tinha se esquecido de que as pessoas podiam mudar. Para ela, o tempo havia parado desde aquele dia em que recebeu seu trabalho de estudos sociais corrigido pelo sr. Karras, mas, fora de seu quarto escuro e mofado, o mundo continuou girando. E nesse meio tempo, o novo Quentin Pacifistinha Coldwater havia conseguido ficar de pau duro por outra pessoa além de Julia.

Enfim, que bom para ele.

Quando ele foi embora, ela deitou na grama fria, úmida e macia do cemitério. Começou a chover e ela não saiu do lugar. Não que ela estivesse errada. Ela estava certa, sim. Quentin havia confirmado suas suspeitas sobre Brakebills e a magia e tudo mais. Aquilo tudo era real e extraordinário. Era tudo como ela queria que fosse. Julia havia feito um trabalho teórico de um rigor admirável, e foi recompensada com uma validação experimental perfeita.

O único problema era que ele não podia fazer nada por ela. Tudo aquilo era real – não tinha sido um sonho, ou uma alucinação psicótica –, mas ela continuaria sem nada mesmo assim. Ela agora sabia que tinha algum lugar lá fora tão perfeito e mágico onde até Quentin era feliz. Onde havia não apenas a magia, mas amor também. Quentin estava apaixonado. E Julia não. Ela estava perdida no escuro. Todas as vagas de Hogwarts já estavam preenchidas, ela tinha perdido o prazo de inscrição. Ela nunca ouviria a moto de Hagrid roncando em frente a sua porta. Nenhuma carta em envelopes antigos jamais cairia por sua chaminé.

Ela ficou lá deitada, na grama úmida e viçosa do cemitério, em frente à lápide de algum paroquiano qualquer – *Amado filho, marido e pai* – e pensou no seguinte: ela estava certa em relação a quase tudo. Ela tinha quase gabaritado aquela prova. Um nove e meio de novo. Só um pequeno detalhe errado.

Está aí algo em que eu errei mesmo, pensou ela. Eu achei que eles nunca conseguiriam me derrubar.

CAPÍTULO 13

Sair para roubar um mapa da cidade em uma lojinha de lembranças não era uma missão lá muito nobre – onde estava Benedict quando se precisava dele? – e o feitiço envolvido foi trivial. Mas pelo menos isso deu a Quentin tempo o bastante para se recompor. Ele queria não ter dito aquilo sobre Warren. Ele queria não estar tão cansado. Nem ser tão idiota. Ele queria conseguir se apaixonar de novo por Julia, ou se esquecer dela de uma vez por todas. Mas talvez ele estivesse condenado a ficar preso naquele limbo emocional para sempre, como o espaço entre os portais. À mercê dos trolls.

Quentin respirou fundo. Ele estava surpreso consigo mesmo. Sabia que estava sendo estranho e meio babaca. E daí se ela tivesse transado com Warren ou qualquer outra pessoa ou coisa por aí? Ela não lhe devia nada. Ele sabia muito bem que não tinha moral para julgá-la. Era em parte por sua própria culpa que ela precisou fazer o que fez.

Quentin precisava de alguém estável para lhe dar apoio, mas por mais que não fosse culpa dela, Julia não era uma pessoa capaz de oferecer qualquer tipo de apoio a ninguém. Ela precisava ter uma daquelas placas que eles punham em tapumes de obras: NÃO SE APOIE. Ele mesmo teria que ser essa pessoa, a pessoa forte e estável, no controle da situação, pelos dois. Eles poderiam resolver aquilo juntos ou separados, mas na verdade teria que ser juntos, porque ele já não sabia mais o que fazer e ela estava muito perto de ir à loucura. Não era um papel muito glamoroso – não como o de

Bingle –, mas seria o seu papel. E já era hora de ele aceitar isso. Por mais que ela tivesse sido muito mais útil do que ele até agora.

Quando ele voltou para a mesa do café, ela tinha passado por outra transformação inesperada: agora estava sorrindo.

— Você parece feliz. — Ele se sentou. — Acho que você devia me bater mais vezes.

— Pode ser mesmo — disse ela, e então tomou um gole de seu café. — Está tão gostoso.

— O café.

— Eu tinha me esquecido de o quanto isso podia ser gostoso. — Ela virou seu rosto pálido para o alto e fechou os olhos, como um gato tomando sol. — Você não sente falta? Da Terra?

— Sinceramente, não.

— Nem eu. Até agora. Eu tinha me esquecido.

Warren havia escrito o endereço em um *post-it* azul, que Julia vinha trazendo amassado dentro de sua mão desde Richmond. Eles então analisaram o mapa da cidade juntos, como todos os outros turistas na praça estavam fazendo, até descobrir onde estavam e para onde deveriam ir. O destino em questão ficava em um bairro chamado Dorsoduro, em uma rua a um quarteirão do Grande Canal. Não era longe. Bastaria atravessar uma ponte.

Quentin chutou que devia ser só umas nove ou dez da noite para os seus relógios internos, mas era meio da tarde em Veneza, e era como se ele estivesse há dias sem dormir. A praça estava quente, mas a ponte nem tanto, graças à brisa marinha que soprava pelo Grande Canal, então eles pararam por lá para se orientar. Não havia nenhum carro em Veneza, ou pelo menos não naquela parte da cidade. A ponte era uma passarela de madeira para pedestres, com um decepcionante ar moderno. Uma coisa que ainda levaria uns cem anos para começar a ter cara de Veneza.

Abaixo deles, reluzentes gôndolas pretas passavam, deixando redemoinhos espiralados em miniatura para trás, os típicos *vaporetti* atravessavam o canal com seus barulhentos motores a vapor, e lanchas longas e estreitas iam e vinham, formando um suave rastro de espuma leitosa na água esverdeada pelo caminho. Edifícios históricos degradados e tortos cercavam o canal, com suas coberturas de telha, seus terraços e colunatas. Veneza era a única cidade que, na vida real, era igual às fotos que

Quentin já tinha visto antes. Era reconfortante encontrar alguma coisa naquele mundo que atendesse a suas expectativas. O único factóide que Quentin sabia sobre o Grande Canal era que o lorde Byron, depois de trepar com suas amantes, gostava de voltar nadando para casa por essas águas, com uma tocha acesa na mão para não ser atropelado pelos barcos.

Quentin começou a se perguntar o que estaria acontecendo em Fillory. Será que os outros estavam esperando por eles na Ilha Distante? Investigando o caso? Massacrando os locais que os guiaram até a igreja? Ou será que só iriam voltar para Whitespire? Mas a verdade era que, seja lá o que fosse acontecer, provavelmente já tinha acontecido. Tudo aquilo podia ter acontecido já há semanas, ou até anos, era impossível saber como o tempo corria naquele mundo. Ele podia sentir Fillory escapando de suas mãos, rumo a seu próprio futuro, deixando-o para trás. Todos deviam ter entrado em pânico quando eles desapareceram, mas a vida continuaria, e as coisas voltariam ao normal. Janet e Eliot poderiam estar envelhecendo agora mesmo sem ele. Eles sentiriam sua falta, mas acabariam superando. Quentin, rei de Fillory, precisava de Fillory mais do que Fillory precisava dele.

As ruas de Dorsoduro eram estreitas e tranquilas. Era um lugar menos parecido com um cenário de teatro e mais com uma cidade real do que a parte de onde eles tinham acabado de sair – as pessoas realmente pareciam viver e trabalhar por ali, em vez de estarem só encenando um espetáculo para os turistas. Por mais que Quentin quisesse acabar logo com tudo aquilo e voltar de uma vez para Fillory, era impossível ignorar como Veneza era um lugar de uma beleza ímpar. Havia pessoas morando ali há tipo o que, mil anos? Ou mais? Só Deus sabe quem teve a ideia maluca de erguer uma cidade no meio de uma lagoa, mas ninguém poderia negar que o resultado ficou fantástico. Tudo era feito de tijolos e pedras antigos, com blocos entalhados de pedra ainda mais antigos incrustados nas paredes em intervalos aleatórios como ornamentos. Janelas antigas haviam sido tapadas com tijolos, e novas janelas abertas em outras partes, revelando relances de silenciosos pátios escondidos. Sempre que eles achavam ter deixado o mar para trás, acabavam o reencontrando logo em seguida – um veio anguloso de água escura que se ramificava entre os prédios, com barquinhos coloridos em ambas as margens.

Quentin se sentiu melhor só por estar ali. Era um lugar mais adequado para um rei e uma rainha do que os subúrbios de Boston. Ele ainda não

sabia se estava ou não chegando mais perto de Fillory, mas era como se estivesse.

Julia dava passos rápidos e tinha o olhar fixo à frente. A caminhada deveria ter sido curta, uns dez minutos no máximo, mas o emaranhado de ruas era tão caótico que os forçava a parar literalmente a cada esquina para se reorientar. Um tirava o mapa da mão do outro, até que se perdia, e o mapa voltava a ser arrancado de suas mãos. Apenas um a cada cinco prédios tinha numeração e, a bem da verdade, os números nem pareciam estar em ordem. Veneza era uma cidade feita para se perambular, o que até era interessante, a menos que você tivesse algum assunto urgente para resolver em algum lugar específico.

Eles por fim pararam em frente a uma porta de madeira, pintada de marrom, que mal chegava à altura deles. Ainda pairava dúvida se eles estavam mesmo na rua certa, mas pelo menos havia uma plaquinha de pedra com o número certo em cima da porta, que tinha uma janelinha no centro, com seu vidro pintado. Não havia maçaneta.

Quentin pôs a mão na pedra quente ao lado da porta. Ele sussurrou uma sequência rítmica e uma malha grossa de linhas brilhantes e alaranjadas como um filamento incandescente reluziu por um instante sobre a pedra antiga.

— Tem uma muralha de feitiços de proteção aqui — disse ele. — Se esta não for a casa do seu contrabandista, deve ser de alguém que sabe muito bem o que está fazendo.

Eles estavam prestes a fazer um avanço, ou um retrocesso significativo. Como não havia campainha, Quentin bateu na porta. A madeira não ressoou sob seus dedos – como se houvesse um quilômetro inteiro de rocha maciça bem atrás dela. Mas a janelinha se abriu logo em seguida.

— *Sí?* — Estava totalmente escuro lá dentro.

— Gostaríamos de falar com o seu chefe — disse Quentin.

A janela se fechou imediatamente. Ele olhou para Julia e encolheu os ombros. O que mais ele poderia ter dito? Ela o olhou com indiferença por trás dos óculos escuros. Quentin queria ir embora. Ele queria *voltar*, mas não tinha para onde. A única saída seria continuar adiante. Seguir em frente toda vida.

A rua estava vazia. Era uma ruela estreita, praticamente um beco, com prédios de quatro andares de cada lado. Não aconteceu mais nada. Depois

de cinco minutos, Quentin murmurou algumas palavras em islandês e ergueu a palma de sua mão a uns dois centímetros da porta. Ele sentiu a parede ali em volta, que estava na sombra, mas ainda assim quente.

— Vá pra trás — disse ele.

Seja lá quem tivesse preparado aqueles feitiços de proteção sabia o que estava fazendo. Mas não sabia tudo o que Quentin sabia. Ele redirecionou o calor da parede, toda a energia, para a janelinha de vidro, que se expandiu, como acontece quando um vidro é aquecido. Os feitiços de proteção eram bons o bastante para resistir à entrada do calor, mas Quentin tinha seus meios para contornar isso. Quando não tinha mais como se expandir, o vidro explodiu com um estalo, como uma lâmpada queimando. As aluninhas de Warren teriam ficado impressionadas.

— *Stronzo!* — gritou ele pela abertura agora vazia. — *Facci parlare con tuo direttore del cazzo!*

Um minuto se passou. O feitiço de transferência térmica usado por Quentin havia criado uma fina camada de gelo sobre a antiga parede de pedra. A porta se abriu. Estava tudo escuro lá dentro.

— Viu? — disse ele. — Eu aprendi algumas coisas na faculdade, sim.

Um homem baixinho e corpulento os recebeu no vestíbulo, uma saleta minúscula com as paredes cobertas por ladrilhos de cerâmica marrom. Para sua surpresa, ele foi muito gentil. Eles deviam estar acostumados a substituir aquela janelinha.

— *Prego.*

Ele os levou por um curto lance de escada até uma das salas mais lindas que Quentin já tinha visto.

Impressionado com a topografia bizarra de Veneza, ele imaginou que encontraria ali um apartamento vagabundo no pior estilo euro-lixo, com paredes brancas, sofás duros e minúsculas luminárias geométricas, mas a fachada do prédio era apenas uma camuflagem. Eles estavam em um dos grandes palácios do Grande Canal. Eles apenas tinham entrado pelos fundos.

A parede externa inteira era tomada por uma fileira de janelas altas de estilo mouro, todas voltadas para o canal. O objetivo disso claramente era embasbacar os visitantes, deixando-os em um estado de trêmula submissão, e Quentin sucumbiu na mesma hora. Era como uma pintura em tamanho natural, algo digno de Tintoretto, com uma belíssima água esverdeada e

barcos de todos os tamanhos e formatos, imagináveis e inimagináveis, indo e vindo pelo canal. A sala era iluminada por três medonhos lustres de Murano reluzentes, como polvos translúcidos pingando gotas de cristal. As paredes eram forradas com uma série de pinturas, paisagens clássicas e cenas de Veneza. O piso era de mármore, com seus calombos e talhos encobertos por tapetes orientais que se sobrepunham.

Tudo naquela sala era simplesmente perfeito, o tipo de lugar que fazia a pessoa querer passar anos e anos ali. Não era Fillory, mas as coisas com certeza estavam melhorando. Era como estar de volta ao Castelo de Whitepsire.

O homem foi embora e, por um instante, eles foram deixados sozinhos. Quentin e Julia se sentaram juntos em um sofá com pernas tão bem entalhadas que parecia até ser capaz de sair andando. Havia outras quatro ou cinco pessoas na sala, mas ela era tão grande que a sensação era de um lugar reservado e vazio. Três homens de camisa social estavam conversando em voz baixa em volta de uma pequena mesa, tomando alguma bebida transparente em copinhos. Uma senhora de ombros largos estava olhando para o canal de costas para eles. Havia um mordomo, ou seja lá como se chamava esse empregado na Itália, no pé da escada.

Todos ignoraram a presença dos dois. Julia se espremeu em um canto do sofá. Ela ergueu os pés e apoiou seus sapatos no belo estofado antigo.

— Será que precisamos pegar uma senha? — disse Quentin.

— Temos que esperar — disse Julia. — Ele vai nos chamar.

Ela tirou os óculos e fechou os olhos. Ela estava começando a ficar distante de novo. Ele podia perceber. Aquilo parecia ir e vir como uma maré. Talvez por se sentir segura ali, ela podia relaxar um pouco. Era o que Quentin esperava. Ele assumiria o comando dali em diante.

— Vou buscar uma água pra você.

— Água mineral — disse ela. — Com gás. E pergunte se ele tem uísque.

Se havia uma coisa que você aprendia sendo um rei era a falar com serviçais. O mordomo tinha água mineral – *frizzante* – e uísque. Quentin trouxe o uísque puro, que parecia ser como Julia queria. Ela ignorou a água. Isso o deixou preocupado. Ele também gostava de tomar umas e outras, é claro, mas Julia era capaz de consumir volumes épicos de álcool. Quentin se lembrou daquilo que Eliot havia lhe contado, sobre o que tinha visto no

spa. Era como se Julia estivesse tentando se anestesiá-la, ou cauterizar algum ferimento, ou preencher algum vazio.

— Esse contrabandista do Warren deve ser muito bom — disse Quentin.
— Este lugar é incrível até pros padrões mágicos.

— Não posso ficar aqui — foi tudo o que Julia respondeu.

Ela ficou ali sentada, tomando o uísque toda trêmula, segurando o copo entre as mãos como se fosse uma poção mágica de cura. Ela bebia sem abrir os olhos, como um bebê. Quentin pediu para o mordomo trazer um cobertor. Julia pediu-lhe para trazer outro uísque.

— Eu nem consigo mais ficar bêbada — disse ela com um ar amargo.

Depois disso, ela não falou mais nada. Quentin só queria que ela conseguisse descansar. Ele ficou na outra ponta do sofá, tomando um *spritz* veneziano (*prosecco*, Aperol, água com gás, um toque de limão e uma azeitona) enquanto olhava para o canal, sem pensar no que eles fariam se aquilo não desse certo. O palácio bem do outro lado da rua era rosa; o sol poente estava dando a sua fachada um tom salmão. Todas as suas janelas estavam fechadas. Com o passar dos anos, a estrutura foi ficando torta — com uma parte levemente mais afundada que a outra, criando uma rachadura bem no meio. Ela devia cruzar todo o prédio, todos os seus cômodos, pensou Quentin. As pessoas deviam viver tropeçando lá dentro. Postes listrados despontavam da água em ângulos bizarros em frente ao palácio rosado.

Era estranho estar em um lugar sem ser seu rei. Ele havia se desacostumado. Elaine tinha razão: ele não era especial ali. Ninguém reparava nele. De um jeito bizarro, ele precisava admitir que aquilo era relaxante. Uma hora depois, quando Quentin já estava desligado do mundo após o terceiro *spritz*, um jovem italiano baixinho e empolgado usando um terno claro sem gravata veio e os chamou até o andar de cima. Aquele era o tipo de roupa que só um italiano conseguiria usar sem parecer ridículo mesmo.

Ele os empurrou para dentro de uma pequena sala toda branca com três delicadas cadeiras de madeira em volta de uma mesa, sobre a qual havia uma tigela simples de prata.

A terceira cadeira estava vazia. Mas então, uma voz irrompeu do meio do ar — era uma voz de homem, mas fina e rouca, quase andrógina. Era difícil dizer de onde aquilo estava vindo.

— *Olá, Quentin. Olá, Julia.*

Aquilo era sinistro. Eles não tinham dado seus nomes a ninguém.

— Oi. — Ele não sabia para onde olhar. — Obrigado por nos receber.

— *Não há de quê* — disse a voz. — *Por que vocês estão aqui?*

Bom, parece que ele não sabe de tudo.

— Nós gostaríamos de pedir sua ajuda com uma coisa.

— *E com o que vocês gostariam que eu os ajudasse?*

Hora do show. Ele não sabia nem se o tal contrabandista era uma pessoa ou algum tipo de espírito, como Warren, ou até coisa pior. Julia continuava olhando para o nada, alheia a tudo.

— Bom, nós acabamos de vir de outro mundo. De Fillory. Que na verdade existe mesmo. Como você já deve saber. — Aham. Vamos começar de novo. — Nós não queríamos ter saído de lá... foi meio que um acidente... e nós queremos voltar.

— *Entendi.* — Seguiu-se uma pausa. — *E por que eu iria querer ajudar vocês com isso?*

— Talvez eu também possa ajudar você. Talvez nós possamos ajudar um ao outro.

— *Ah, eu duvido disso, Quentin.* — A voz baixou uma oitava. — *Duvido muito mesmo.*

— Tudo bem. — Quentin olhou para trás. — Bom, escuta, onde você está?

Quentin começou a ter uma desagradável noção do quanto eles estavam vulneráveis. Ele não tinha nenhuma estratégia de saída. E o contrabandista não deveria saber seus nomes. Talvez Warren tivesse ligado antes para ele. Esse não era um pensamento nada confortante.

— *Eu sei quem você é, Quentin. Você não é um sujeito muito popular em certos círculos. Alguns acham que você abandonou este mundo. O seu próprio mundo.*

— Tudo bem. Eu não diria que abandonei este mundo, mas entendo.

— *E depois Fillory abandonou você. Ah, pobre reizinho. Parece que ninguém quer saber de você mesmo, Quentin.*

— Bom, você pode pensar assim se quiser. Se a gente só conseguir voltar pra Fillory, vai ficar tudo bem. Mas de qualquer jeito, isso não é da sua conta, é?

— *Eu decido o que é ou não da minha conta.*

Quentin sentiu um arrepio na nuca. A conversa com o contrabandista não tinha começado muito bem. Ele ponderou as vantagens de preparar alguns feitiços defensivos básicos. Seria prudente, mas poderia levar o contrabandista a reagir com um ataque preventivo. Ele olhou para Julia, mas ela mal estava conseguindo acompanhar o assunto.

— Tudo bem. Eu só estou aqui pra fazer negócios.

— *Olhe dentro da tigela.*

Olhar dentro de uma tigela de prata naquela conjuntura parecia ser uma má ideia. Quentin se levantou.

— Olha. Se você não puder ajudar a gente, tudo bem. Nós vamos embora. Mas se puder, é só dizer o seu preço. Nós vamos pagar.

— *Ah, mas eu não tenho que dizer absolutamente nada a vocês. Eu não os convidei para entrar, e sou eu quem vai decidir quando vocês vão poder ir embora. Olhe dentro da tigela.* — Havia agora ainda mais firmeza naquela voz aguda e sussurrada. — *Olhe dentro da tigela.*

As coisas estavam indo de mal a pior. Tudo aquilo parecia muito errado. Ele pegou Julia pelo braço e a puxou para se levantar.

— Nós vamos embora — disse ele. — Agora.

Ele deu um tapa na tigela de prata, jogando-a para fora da mesa e contra a parede. Um pedaço de papel voou para fora. Por mais que não devesse, Quentin olhou para o papel. Havia certos feitiços que podiam ser ativados apenas ao serem lidos. O papel tinha as palavras EU TE DEVO UM BOTÃO MÁGICO escritas em garranchos com uma caneta piloto.

A porta se abriu atrás deles, e Quentin correu para sair logo com Julia daquela mesa.

— Ai, porra! Ele olhou dentro da tigela!

Essa voz era muito mais grossa do que a que vinha falando até então. Era uma voz que Quentin conhecia muito bem. Era a voz de Josh.

Quentin o abraçou.

— Meu Deus! — disse ele contra o ombro largo e amigo de Josh. — Como assim?

Ele nem conseguia entender como Josh podia estar ali, mas isso não importava. Ou talvez até importasse, mas não agora. Ele nem estava bravo por Josh ter dado aquele susto neles. O que importava agora é que eles não iam sofrer ainda mais um desastre. Que eles não iam se meter em uma

briga. Quentin estava com os joelhos bambos. Era como se ele tivesse se afastado tanto de seu mundo seguro e organizado, que acabou chegando de volta ao ponto de partida pelo outro lado, e lá estava Josh: uma ilha de conforto e familiaridade.

Josh se afastou com carinho.

— Mas enfim — disse ele. — Bem-vindo ao inferno, cara!

— O que diabos você está fazendo aqui?

— Eu? Esta casa é minha! O que *você* está fazendo aqui? Por que não está em Fillory?

Era o mesmo Josh de sempre: o gordinho sorridente de rosto largo. Ele continuava com aquela cara de monge cervejeiro, mas não parecia mais velho do que na última vez que Quentin o tinha visto, o que já fazia mais de três anos. Josh fechou a porta com todo cuidado atrás dele.

— Todo cuidado é pouco — disse Josh. — Tenho que zelar pela minha imagem. Sou tipo um mágico de Oz por aqui, se é que você me entende.

— Qual é o lance da tigela?

— Ah, eu não tive muito tempo. Só achei que seria sinistro. Sabe como é, “*Olhe dentro da tigela... olhe dentro da tigela...*” — disse ele, fazendo aquela mesma voz.

— Josh, Julia. Vocês já se conhecem.

Eles já tinham se encontrado antes, naquele interlúdio de caos antes do grande retorno a Fillory, antes de Josh ter se aventurado na Terra Nula por conta própria.

— Oi, Julia. — Josh deu-lhe um beijo em cada bochecha. Ele estava todo europeu agora.

— Oi.

Josh remexeu as duas sobrancelhas para Quentin com um olhar lascivo, de um jeito que não parecia ser fisicamente possível. Quentin estava começando a perceber o quanto aquilo tinha sido um colossal golpe de sorte. Josh estava com o botão mágico. Ele era sua passagem de volta para Fillory. Seus dias de perambulação estavam acabados.

— Mas escute... — disse ele. — Nós estamos com uns problemas.

— Sim, devem estar, se vieram até aqui.

— Nós nem sabemos direito o que é “aqui”.

— Vocês estão na minha casa, é isso que “aqui” é. — Josh abriu os braços com um gesto pomposo. — O grandioso palácio mágico do Grande

Canal.

Ele os levou para conhecer o palácio, que tinha quatro andares; nos dois primeiros, ficava a parte comercial, e nos dois últimos, o apartamento particular de Josh, para onde eles foram. O piso era coberto por enormes placas de mármore com espirais rosadas, e as paredes, por um reboco caindo aos pedaços. Todos os cômodos tinham tamanhos estranhos e pareciam ter sido erguidos conforme fora necessário, em uma excêntrica série de impulsos que hoje seria irreproduzível.

Apesar de toda a importância da missão filloriana, eles precisavam de um descanso. Julia pediu um banho quente, coisa de que ela sinceramente estava precisando mesmo. Quentin e Josh se acomodaram na belíssima sala de jantar, iluminada por um único lustre modesto e onde, enquanto comiam espaguete, Quentin explicou da melhor forma possível tudo o que tinha acontecido e por que eles estavam ali. Quando ele terminou, Josh explicou tudo o que tinha acontecido com ele.

Com Quentin, Eliot, Janet e Julia já instalados em segurança nos tronos de Fillory, Josh pegou o botão e embarcou em uma viagem exploratória pela Terra Nula. Ele já tinha visto mais do que queria de Fillory, não havia gostado muito e, de um jeito ou de outro, já estava cheio de viver à sombra dos outros. Ele não queria ser um co-rei de Fillory, ele queria fazer suas próprias coisas do seu próprio jeito. Ele queria encontrar sua própria Fillory. Ele queria trepar.

Josh não ligava para muita coisa – o que ele comia, vestia, fumava, dizia, fazia –, mas era impossível entrar em Brakebills sem ser algum tipo de gênio, e nas circunstâncias certas, ele era plenamente capaz de ser muito metódico, até meticuloso. E, naquele caso, as circunstâncias eram perfeitas. Ele deu início a uma cuidadosa expedição pela Terra Nula.

Aquilo não era uma coisa simples. Até onde qualquer um sabia, as praças e as fontes da Terra Nula se estendiam até o infinito em todas as direções, sem nunca se repetirem, e cada uma dava acesso a um mundo diferente, talvez até a outro universo. Não seria difícil se perder tanto a ponto de nunca mais conseguir achar o caminho de volta.

Josh estava determinado a encontrar a Terra Média, o mundo criado por Tolkien para *O senhor dos anéis*. Afinal, se Fillory existia, por que a Terra Média não existiria? E, se a Terra Média existisse, muitas outras coisas também deveriam existir: elfas, pão lembas, erva-de-fumo e só Eru Ilúvatar sabia lá mais o quê. No entanto, sendo pragmático, Josh já se contentaria

com qualquer lugar que fosse mais ou menos quente, habitável e povoado por seres que tivessem os órgãos necessários e estivessem dispostos a se oferecer a ele. O multiverso era sua grande lanchonete.

Ele havia planejado sair da fonte da Terra e seguir praça por praça, mapeando com todo cuidado os mundos enquanto avançava. Ele não precisaria de muita coisa. Quase não se sentia fome na Terra Nula. Ele levou um pacote de pão, uma garrafa de um bom vinho, roupas de frio, 170 gramas de ouro e uma arma de choque.

— O primeiro mundo foi um fracasso total — disse ele. — Era só um deserto imenso. As dunas eram incríveis, mas não consegui encontrar ninguém, então usei o botão pra pular fora de lá. O mundo seguinte foi de gelo. O outro, uma floresta de pinheiros. Esse era habitado... era um lance meio América pré-descobrimento. Fiquei umas duas semanas por lá. Não peguei ninguém, mas emagreci quase cinco quilos. Também ganhei uma porrada de colares de conchinhas.

— Calma, espera aí. Esses mundos eram inteiros assim? Digo, com um único clima e só?

— Bom, isso eu não sei. Eu nem sei se aqueles outros mundos são esféricos, saca? Ou se são em forma de disco, de anel, ou sei lá o quê. Talvez eles não funcionem do mesmo jeito que o nosso. Talvez eles não tenham latitudes. Mas eu não estava a fim de sair andando atrás de outra zona climática só pra descobrir. Era muito mais fácil só pular na próxima fonte. Cara, você não imagina as coisas que eu vi. Sério, você deveria tentar algum dia. Tinha dias que eu passava por uma dúzia de mundos. Era como mergulhar em queda livre pelo multiverso. Eu vi uma árvore gigante que não tinha começo, nem fim. Um mundo meio magnético, onde tudo grudava em você. Um era todo esticado. Outro só tinha escadas, escadas e mais escadas. Deixa eu lembrar o que mais... tinha um que era invertido. Outro que não tinha gravidade, onde você flutuava pelo espaço, só que o espaço era quente e úmido e tinha um cheiro de alecrim. Ah, e sabe o que mais existe de verdade? Os Teletubbies! Não é demais? Eles são muito, muito loucos, cara.

— Você não...

— Não, eu não comi nenhum. Mas bem que poderia. Enfim, nem tudo era tão exótico. Às vezes, eu encontrava um mundo que era idêntico ao nosso, com só uma coisinha diferente... tipo a economia ser toda baseada em estrôncio, ou os tubarões serem mamíferos, ou o ar conter tanto hélio

que todo mundo falava fininho. Depois disso, eu até conheci uma menina. Cara, ela era tão linda. Foi num mundo quase só de montanhas, tipo aquelas pinturas chinesas, com vários picos despontando entre a neblina, e todo mundo tinha meio cara de asiático também. Eles moravam numas cidades construídas em pagodes suspensos enfeitados. Mas não tinha mais quase ninguém por lá... eles viviam sempre metidos em guerras com outros povos de outras montanhas, sem nenhum motivo em especial. Além disso, eles caíam muito dos penhascos. Acho que eles nunca tinham visto ninguém tão gordo quanto eu antes, mas ninguém ligava. Parece que eles achavam isso bonito. Como se fosse porque eu era um bom caçador, ou alguma coisa assim. Eles também nunca tinham visto nenhuma magia, então também ganhei alguns pontos aí. Eu virei tipo uma celebridade por um tempo até. Comecei a andar com uma menina lá, uma chefe guerreira de uma das cidades. Ela curtia muito o lance da magia. Além disso, acho que os homens por lá não eram muito privilegiados com suas ferramentas de trabalho, se é que você me entende...

— Acho que captei a essência da mensagem, sim — disse Quentin.

— Enfim, aí ela morreu. Ela foi morta. Foi horrível. Muito triste mesmo. No começo, eu até quis ficar pra lutar e acabar com os caras que a mataram, mas depois vi que não ia conseguir. Era tudo tão idiota. Eu simplesmente não conseguia encarar o lance da guerra como eles, e isso era uma desonra pra eles, eu acho, então eles me expulsaram.

— Poxa, que droga.

Pobre Josh. Ele tinha aquele jeito tão falante que você às vezes até se esquecia de que ele tinha sentimentos. Mas eles estavam todos lá, bastava só ir fundo o bastante.

— Não, tudo bem, eu não liguei. Digo, até liguei, mas fazer o quê? Nunca iria dar certo mesmo. Acho que ela queria ter morrido daquele jeito. Aquelas pessoas não curtiam muito viver, ou talvez até curtissem e aquilo seja a vida mesmo. *Sei lá, cara*. Mas foi aí que tudo deu merda. Aquilo perdeu a graça pra mim. Fui pra um mundo meio grego, cheio de penhascos brancos, com um sol forte e mares de água escura. Eu comi uma harpia lá.

— Você comeu uma harpia pra esquecer da sua ex?

— Não sei se ela era bem uma harpia. Ela só tinha asas no lugar dos braços. E meio que umas garras nos pés também.

— Certo.

— Ela praticamente saiu voando no meio da coisa. Foi pena pra todo lado. Deu muito trabalho, nem valeu a pena. Ainda tenho uma cicatriz de uma unhada dela. Quer...?

— Não, eu não quero ver.

Josh suspirou. Seu rosto tinha perdido todo o bom humor, era só melancolia sob a barba rala. Agora Quentin estava vendo o que havia acontecido naqueles anos que tinha perdido.

— Porque sabe, eu só estava atrás de um esquema meio *Y: O último homem*, saca? Onde eu fosse o único cara num mundo cheio de mulher. Tenho certeza de que tem algum lugar assim por aí. Elas podiam até ser lésbicas, eu só ia ficar olhando. Qualquer coisa desse tipo já estaria legal. Enfim, depois disso, comecei a só passar direto pelos mundos. Mundos, mundos e mais mundos. Eu já não ligava mais. Foi tipo quando você vê pornografia demais na internet até que tudo perde a graça, mas você continua baixando mais e mais mesmo assim. Eu chegava num mundo e aí já começava a procurar alguma desculpa só pra ir embora logo pro próximo. Assim que eu via qualquer coisa errada... tipo, ah, este aqui tem moscas, ou o céu é de uma cor estranha, ou não tem cerveja, enfim, qualquer coisa que não fosse perfeita... eu pulava fora. Até que daí teve uma vez que eu voltei e a Terra Nula toda estava zoada.

— Quê? Como assim zoada?

— Quebrada. Fodida. Você ficou sabendo disso? Se eu não tivesse visto, não acreditaria.

Ele matou seu copo de vinho. Um homem veio para enchê-lo de novo, mas Josh recusou e pediu um uísque. E continuou sua história.

— No começo, achei que tinha sido eu, que eu tinha feito aquilo. Que eu tinha usado demais o lugar, alguma coisa assim. Quando ergui a cabeça da água naquela última vez, foi como tomar um soco do frio bem na cara. Senti o ar gelado, e um vento forte estava *enchendo* todas as praças com uma neve rala.

— Como isso é possível? — perguntou Quentin. — Eu nem sabia que a Terra Nula tinha algum tipo de clima.

Aquilo fez Quentin se lembrar da tempestade silenciosa sacudindo aquela imensa árvore-relógio em Fillory. Seria o mesmo tipo de vento?

— Aquele lugar está muito zoado, Quentin. Tem alguma coisa errada lá, alguma coisa muito básica. Sistêmica mesmo. Metade dos prédios estava

em ruínas. Como se alguém tivesse bombardeado o lugar. Todos aqueles prédios lindos de pedra estavam aos pedaços. Lembra que Penny disse uma vez que eles eram todos cheios de livros? Acho que ele tinha razão, porque eu vi páginas voando pra todos os lados, se espalhando pela cidade com o vento.

Josh balançou a cabeça e então continuou.

— Acho que eu devia ter pegado algumas, só pra ver o que estava escrito. Você teria feito isso. Mas eu só fui ter essa ideia depois. Porque, enfim, sabe no que eu estava pensando? Em não morrer. Eu estava bem longe da fonte da Terra naquela hora, acho que a mais de um quilômetro e meio. Eu até tinha levado roupas de frio, mas joguei tudo fora quando conheci a harpia. Fazia um calor infernal naquele mundo. E ela meio que tinha rasgado a maior parte das minhas roupas. Então eu estava basicamente pelado, e a maioria dos meus pontos de referência tinha sumido. Muitas fontes tinham sumido também. Algumas estavam destruídas, outras congeladas. E você lembra que nenhum feitiço funciona por lá? Teve umas horas que só fiquei agachado num canto, esperando a tempestade passar, mas eu só queria dormir. Eu não tinha forças pra continuar. Eu podia ter morrido muito fácil. Passei uma meia hora perdido. Foi um milagre eu ter encontrado a fonte da Terra. Eu realmente achei que não ia conseguir.

— Foi incrível mesmo.

Esse era o bom e velho Josh. Quando você achava que ele já estava pronto para desistir, ele partia para a luta, e quando partia, era realmente implacável. Como da vez em Fillory quando ele derrotou um gigante de ferro incandescente criando um buraco negro. Ele provavelmente ainda iria enterrar todos eles.

— Ainda não consegui entender — disse Josh. — Foi como se alguém tivesse atacado a Terra Nula, ou lhe lançado uma maldição. Mas quem faria isso? Nunca vi ninguém por lá. Aquele lugar estava vazio como sempre. Achei que talvez... sei que é bobeira... mas achei que talvez eu pudesse encontrar Penny.

— Pode crer.

— Sei lá, não é como se eu quisesse. Eu não aguentava aquele cara. Mas seria legal saber que ele não estava morto.

— Sim, seria.

Quentin já estava tentando calcular se aquilo queria dizer que ele e Julia não teriam como voltar a Fillory pela Terra Nula. Ainda seria possível, em teoria. Eles só precisariam se preparar para o frio. Levar uma picareta de gelo.

— Sempre achei que a Terra Nula fosse invulnerável — disse Quentin. — Era como se aquele lugar ficasse fora do tempo, como se nada nunca pudesse mudar. Mas, pelo que você está dizendo, parece que rolou um terremoto por lá. Um terremoto e uma nevasca ao mesmo tempo.

— Pois é, né? Quem iria imaginar?

— Você por acaso viu se a fonte de Fillory ainda estava inteira? — perguntou Quentin. — Eu estava pensando em talvez voltar por lá. Pra Fillory.

— Não vi, não. Mas então você vai voltar? Eu nem estava prestando atenção em muita coisa. Mas olha, de qualquer jeito, acho que não tem mais como voltar por lá.

— Por que não? Sei que o lugar deve estar em ruínas, mas vale a pena tentar. Você voltou pra Terra. E você parece estar muito bem aqui. Só precisamos do botão emprestado pra tentar.

— Pois é, então, esse é o problema.

Josh desviou os olhos do rosto de Quentin. Ele ficou olhando para uma pintura pendurada na parede descascada atrás de Quentin como se nunca a tivesse visto antes.

— Como assim?

— Eu não estou mais com o botão.

— Você não...?

— Sim, eu vendi o botão. Eu não sabia que você ainda iria precisar.

Quentin não acreditou no que estava ouvindo.

— Não, cara. Diz que você não fez isso.

— É claro que fiz! — disse Josh, indignado. — Como você acha que eu consegui comprar a porra deste palácio veneziano?

CAPÍTULO 14

Quentin sentiu a madeira fria da mesa antiga de Josh contra sua testa. Dali a alguns segundos, ele ergueria a cabeça de novo. Esse era o tempo que seu cérebro levaria para voltar ao estado em que estava antes de achar que seus problemas estavam resolvidos. Mas até isso acontecer, Quentin só queria aproveitar a fria solidez daquela mesa mais um segundo. Ele se deixou inundar pelo desespero. Josh não estava mais com o botão. Ele pensou em bater a cabeça na mesa algumas vezes, só de levezinho, mas isso já seria fazer drama demais.

Ele percebeu pela primeira vez o quanto a cidade estava quieta. Depois de escurecer, as ruas e os canais pareciam vazios. Como se, à noite, Veneza se sentisse menos na obrigação de fingir que fazia parte deste milênio e voltasse a sua versão medieval.

Tudo bem. Ele se endireitou. O sangue voltou a circular para além de seu rosto. De volta ao trabalho.

— Tudo bem. Então você vendeu o botão.

— Olha, você devia ter algum outro plano — disse Josh. — Sei lá, não venha me dizer que você realmente estava esperando me encontrar por acaso em Veneza pra pegar aquele botão de volta. Isso não é um plano.

— Bom, não — disse Quentin. — Não é um plano mesmo. O plano era não ser expulso de Fillory, mas agora já era, então estou tentando arrumar algum outro melhor. Pra quem diabos você foi vender aquele botão?

— Essa é uma boa história também! — Josh desatou a contar o caso, sem mais nenhum tipo de autocensura. Já que Quentin havia tocado sua vida adiante, Josh também tinha o mesmo direito, e aquela era obviamente uma história muito mais feliz do que a outra sobre seus tempos na Terra Nula. — Bom, eu percebi que não queria mais saber daquele botão. Eu não queria mais saber da Terra Nula, nem de Fillory, nem de mais nada daquelas coisas. Se eu fosse trepar com alguém, e eu precisava trepar com alguém, teria de ser aqui no mundo real mesmo. Então passei a procurar o que fazer aqui na Terra, e comecei a descobrir uma cena mágica *underground*. Com esconderijos e tudo mais. Você já ouviu falar dessas coisas?

— Julia andou me mostrando.

— Enfim, eu sempre soube que existiam bruxos marginais por aí, alguns pelo menos, mas esse esquema é enorme, cara. Eu não tinha ideia. Tem um monte desses caras por aí. E muitos vêm pra Veneza... eles acham que aqui é um lugar muito antigo, então, pô, deve ser mágico. Acham que podem conseguir captar alguma coisa aqui. É meio triste, na verdade. Mas alguns são mais sérios. Eles aprendem sozinhos muita coisa que a gente sabe, e até outras que nem a gente sabe, mas a maioria não tem a menor ideia do que está fazendo, e estão desesperados. Eles tentam fazer qualquer tipo de coisa. Você precisa tomar cuidado com esses malucos. Eles sabem muito pouco, a maioria pelo menos, então não são perigosos, mas atraem carniceiros. Fadas, demônios e coisas assim. Eles são feito hienas. E é aí onde dá problema. Os predadores não mexem com a gente, porque isso daria trabalho demais, mas esses pobres coitados, os bruxos marginais, eles só querem mais e mais poder e fazem de tudo pra conseguir. Já ouvi falar de alguns que fizeram péssimos negócios. Mas quer saber? Eu gosto deles. Você sabe que eu nunca me dei muito bem em Brakebills. Toda aquela forçação de barra, com as degustações de vinho, as roupas metidas a besta e tudo mais... aquilo sempre teve mais a ver com você, com você e com Eliot. E... e Janet. — Ele quase falou de Alice, mas conseguiu disfarçar no último segundo. — E era muito bacana, não me entenda mal. Só não fazia o meu estilo. Eu me dou melhor com o povo *underground*. As pessoas me achavam um mané em Brakebills, mas aqui eu sou foda. Acho que eu só cansei de ficar na base da cadeia alimentar. Ninguém gostava de mim lá... não, nem você, Quentin. Não de verdade. Mas aqui eu sou tipo um rei.

Quentin poderia ter negado – mas não, no fundo, não. Era verdade. Todos gostavam de Josh, mas ninguém o levava a sério. Ele tinha se convencido

de que era porque o próprio Josh não queria ser levado a sério, mas isso não era verdade, não para Josh, provavelmente para ninguém. Todo mundo quer ser o herói de sua própria história, e não só o palhaço da turma. Josh devia estar remoendo aquilo desde que Quentin o conheceu. Não foi à toa que ele fez tudo aquilo na outra sala com a tigela de prata.

— Então foi por isso que você vendeu o botão? Porque você achou que ninguém levava você a sério?

Josh pareceu ficar magoado.

— Eu vendi o botão porque me ofereceram uma porrada de dinheiro em troca. Mas e daí se tivesse sido? Olha, eu admito que guardei um certo rancor. Eles me tratam com respeito aqui. Eu nunca tinha sentido isso antes. Eu sou uma ponte entre os dois mundos. Tem certas coisas que você não tem na cena *underground*, mas que eu sei como conseguir, e vice-versa. Então as pessoas dos dois lados vêm me procurar com seus problemas. É bem louco, pra falar a verdade. Dá pra achar coisas no mercado negro de que nós nunca nem teríamos como chegar perto, mas eles não têm noção disso. Rolam umas feiras da barganha mágicas, e às vezes coisas realmente épicas aparecem, do nada mesmo, e eles nem têm noção. Uma vez, encontrei uma esfera de Cherenkov. Ninguém sabia o que era aquilo, e eu tive que mostrar pra eles como se segurava.

— Mas e o botão? Você o vendeu numa dessas feiras?

— Hah, claro, boa pergunta — disse Josh, sem se abalar. — Mas não, isso foi mais tipo uma negociação especial. Um acordo exclusivo. Com um cliente de primeira linha.

— Ah, aposto que sim. Talvez você possa me dar o contato desse seu cliente de primeira linha, então. Talvez ele queira fazer uma negociação especial comigo também.

— Não custa tentar, mas acho que você não teria muitas chances. — Josh estava sorrindo feito um maluco. Ele claramente tinha um segredo que estava louco para contar.

— Vamos, me conte logo.

— Beleza! — Josh ergueu as mãos, preparando o terreno. — Bom, então... depois que voltei da Terra Nula, passei um tempo em Nova York, só curtindo por ainda ter todos os meus membros, até que um dia um cara me ligou no celular e disse, “Me encontre amanhã em Veneza. Temos um negócio pra discutir, assunto confidencial”, sei lá mais o quê. Aí eu disse,

“Tá, tudo bem, mas estou meio sem grana, então como a gente faz?”. E tudo isso enquanto eu estava andando pela calçada. E aí, na mesma hora, uma limusine parou do meu lado e abriu a porta. Eu entrei feito um idiota, e eles me levaram pra LaGuardia, onde um jatinho particular estava me esperando. Enfim, como esse cara sabia quem eu era? Como ele sabia que eu não tinha nada de importante pra fazer naquele dia?

— Pois é, né? Como ele iria adivinhar? — É difícil se livrar de velhos hábitos. Por sorte, Josh não pescou a ironia.

— Não é? — Passou batido mesmo. — Além disso, lá dentro tinha uma mala pra mim, cheia de roupas e outras coisas. Roupas muito finas e bem do meu tamanho. E aquela pasta de dente que custa tipo dez contos. Enfim, aí era pra eu me encontrar com esse cara em tal e tal doca em tal e tal horário, e foi basicamente isso o que eu fiz, mas vou te falar... Quando este continente tiver placas de trânsito decentes nas ruas, eu vou até soltar rojão! Mas enfim, aí um sujeito encostou na doca com uma lancha toda chique. Nada a ver com essas velharias que andam por aqui peidando pela água. Coisa moderna mesmo. Tipo uma faca gigante de madeira. Totalmente silenciosa. O cara chegou até a doca e pulou pra fora. Ele nem atracou, a lancha só ficou esperando. E ele era um anão. Ou melhor, uma pessoa com nanismo, perdão, uma pessoa com nanismo. Mas era uma pessoa com nanismo e muita grana também. Ele estava tão bem-vestido que você nem reparava nisso. Ele era de uma família veneziana tradicional, um marquês de sei lá o quê. Ele leva tipo uma hora só pra dizer seu nome completo. Mas depois disso, tudo rolou muito rápido. Ele me disse que era representante de alguém que queria comprar o botão. Eu nem sabia como alguém poderia saber daquilo, mas perguntei quem era. E ele ficou todo “Ah, não posso dizer”. Aí eu disse, “Quanto você paga?”, e aí ele, “Cem milhões de dólares”. Aí mandei: “Duzentos. E. Cinquenta. Duzentos e cinquenta milhões. Sacou? Pode ir fazendo o cheque. E eu quero saber quem é o comprador, certo?” Eu não passei a infância inteira na frente da TV à toa. Esse tipo de coisa está no meu sangue... Aí o anão me entregou um envelope, e dentro do envelope tinha um cheque ao portador de 250 milhões. Como se ele já soubesse o que eu ia dizer. E aí eu falei, “Tá, e agora?”. E ele me chamou com os dedinhos gordos dele. Achei que ele ia dizer alguma coisa no meu ouvido, então me inclinei pra frente, mas ele disse apenas “Não”, e continuou me chamando pra borda da doca, e depois apontou pra água. E aí *um rosto* veio pra cima de mim. Ele saiu lá do fundo

de repente. Era enorme... parecia um caminhão vindo pra me atropelar. Eu praticamente caguei nas calças.

— E o que era?

— Era um dragão. Tem um dragão no Grande Canal! Foi ele quem comprou o botão de mim.

Quentin sabia um pouco sobre dragões, pelo menos em teoria. Não havia muitos deles, e a maioria vivia em rios, um em cada rio – todos eram muito territoriais. Eles quase nunca saíam das profundezas ou falavam com alguém. Na verdade, eles quase nunca faziam nada, e passavam a eternidade sonhando, mergulhados em um sono fluvial secreto. Mas parece que um deles tinha acordado por tempo o bastante para contratar um aristocrata com nanismo. E também aproveitou para mostrar seu rosto a Josh e comprar seu botão – que não era apenas dele, pra começo de conversa – por 250 milhões de dólares.

— Aí nós fomos ao banco, vimos que o cheque tinha fundos e depois voltamos pra doca. Aí eu peguei o botão e entreguei pro baixinho, e ele vestiu uma luva branca, tipo a do Michael Jackson. Ele analisou o botão com uma lupa de joalheiro, aí foi até a borda da doca e o jogou na água. Assim, de repente. Depois ele voltou pra lancha e foi embora.

— Que história incrível — disse Quentin. Era até difícil ficar irritado com aquilo. Mas não impossível.

— Dá pra acreditar que um dragão comprou o *nosso* botão? — exclamou Josh. — Ele sabe quem a gente é! Ou quem eu sou, pelo menos. Acho que ninguém sabia que tinha um dragão no Grande Canal. Porque, enfim, a água é salgada. Você sabia disso, não sabia? Aquilo lá não é um rio na verdade, é um estuário marinho ou alguma coisa assim. Acho que ninguém nem sabia que existiam dragões de água salgada!

— Josh, como eu posso falar com esse dragão?

Isso cortou a empolgação de Josh.

— Bom, não sei. Acho que não tem como.

— Mas você falou com ele.

— Foi ele quem veio atrás de mim.

— Bom, como você tentaria?

Josh soltou um suspiro exasperado.

— Bom, eu conheço uma menina que entende muito de dragões. Acho que eu perguntaria pra ela.

— Tudo bem, ótimo. Escute. Vamos fazer o seguinte. — Quentin concentrou sua atenção em Josh. *Agora escute aqui.* Ele olhou Josh nos olhos com firmeza. — Eu respeito o fato de você ser um rei aqui, mas eu e Julia também somos reis de Fillory, e nós temos de voltar pra lá. Pra todos os efeitos e propósitos, nós estamos em uma jornada aqui. E agora você faz parte do nosso grupo também. Estou nomeando você como nosso ajudante. Nós temos que voltar pra Fillory, e não sabemos como vamos fazer isso. Esse é o problema.

Josh parou para pensar.

— É um problemão.

— Sim, e você é o cara que dá um jeito nas coisas aqui, não é? Então dê um jeito nisso.

Quentin tinha de admitir: Josh podia até ter jogado fora a única chance que eles tinham de voltar para a terra mágica onde Quentin era rei, mas ele havia comprado um palácio muito bonito com aquele dinheiro. Uma gloriosa e grotesca pilha de mármore do século XV. A fachada para o lado do canal era branca, com sua própria doca toda ajeitadinha na frente. A decoração era toda cheia de ornamentos rebuscados de gesso. Pinturas antigas a óleo se espalhavam pelas paredes como se fossem musgo. Sem querer, Josh tinha comprado até um pequeno quadro de Canaletto junto com o imóvel.

Aquele era um palácio imenso, e devia ter precisado de uma reforma imensa para ficar de pé. Josh tinha trocado o encanamento, a fiação, instalado uma cozinha digna de um restaurante e mexido em muita coisa embaixo d'água, escorando a fundação para que o prédio todo não desmoronasse canal abaixo. Ele também tinha sido muito cuidadoso para que ninguém reparasse em todo esse trabalho, a menos que usasse o chuveiro.

O palácio em si tinha custado só 25 milhões, mais dez milhões para a reforma. Quentin não era nenhum gênio da matemática, mas concluiu que Josh ainda devia ter ficado com um belo pé de meia. O que, sem dúvida, seria um grande conforto para ele em seus anos dourados.

Aquilo tudo era um lembrete de que Josh de fato tinha um lado competente e determinado digno de respeito, ainda que, por motivos particulares, ele se esforçasse muito para manter esse lado escondido na

maior parte do tempo. Olhando agora, com mais cuidado, Quentin percebeu que alguma coisa havia mudado em Josh. Ele estava mais confiante. Sua postura estava diferente. Ele tinha perdido peso na Terra Nula, e não engordou de novo. As pessoas mudam. O tempo não ficou parado enquanto ele passava seus dias à toa em Fillory.

E Quentin poderia aprender algo com Josh. Ele era um cara que estava se divertindo. Ele estava fazendo o que queria e curtindo a vida. Josh tinha passado por todas as mesmas coisas que Quentin: ele perdeu a menina que amava e quase foi morto. Mas ele não ficou se lamentando por isso, nem filosofando demais sobre o assunto. Ele se reergueu e comprou um palácio.

Quentin dormiu feito uma pedra até o começo da tarde do dia seguinte, quando acordou para um café da manhã formal na sala de jantar. (Josh estava muito orgulhoso da mesa que havia montado. “Aqui eles usam colheres pra pegar a geleia. Não é incrível? Estas colherzinhas! Coisa digna de um rei!” Sacou, sacou?) Eles contaram com a companhia de Julia, que continuava de óculos escuros e só comeu Marmite, um extrato de levedura preto nojento, direto do pote, o que só serviu como mais uma prova de que ela estava mesmo dando adeus a sua humanidade.

Eles também contaram com a companhia de Poppy, uma amiga de Josh, a menina que supostamente entendia alguma coisa sobre dragões. Ela era um pau de virar tripa, alta e magrela, com olhos azuis grandes e cabelos loiros encaracolados. Por acaso, Poppy também tinha passado por Brakebills, mas só na pós-graduação, como pesquisadora. Ela tinha se formado como maga em uma faculdade na Austrália, sua terra natal.

Quentin tinha ouvido falar que os australianos eram divertidos e tranquilos, e se isso fosse verdade, era fácil entender porque Poppy havia ido embora de lá. Ela tinha um jeitinho todo esfuziante e incisivo, com uma voz fina rápida e muita autoconfiança. Ela parecia ser ainda mais confiante para apontar os erros dos outros. Não que ela fosse metida a sabe-tudo – não parecia ser uma questão de ego para ela. Poppy só achava que todo mundo era tão obcecado como ela por esclarecer tudo nos mínimos detalhes, e esperava que todos fizessem o mesmo. Ao que parecia, ela tinha sido a aluna estrelinha de sua turma em Esquith, a faculdade de magia australiana da Tasmânia. Foi Josh quem disse isso, mas Poppy não negou, o que ela faria se não fosse verdade, por causa da sua natureza anti-incongruências.

Poppy era uma acadêmica nata, mas não do tipo que se isolava em sua torre de marfim. Ela gostava do mundo real. Ela gostava de trabalho de campo. E, mais do que tudo, ela gostava de dragões.

Quentin imaginou que isso devia ser um desdobramento da preocupação australiana geral com animais perigosos. Começando com crocodilos marinhos e águas-vivas mortais, era fácil chegar com um pulinho na cadeia alimentar até os dragões. Poppy sabia tanto sobre eles quanto seria possível saber sem nunca ter visto um de verdade. Ela havia seguido as pistas dessas criaturas pelo mundo todo até chegar a Veneza. Josh vinha procurando um especialista no assunto, e ficou muito feliz ao encontrar uma especialista tão bonita quanto Poppy. Ela estava ali há três semanas, e por Josh, ainda ficaria muito mais.

Ele a apresentou como sua amiga, mas sendo Josh quem era, e dada a inegável beleza de Poppy, Quentin não achou nem um pouco ousado presumir que ele estava tentando ficar com ela, se é que já não tinha ficado. Ele podia ser uma versão nova e aprimorada, mas ainda era Josh.

Na verdade, Poppy dava um pouco nos nervos de Quentin, mas ela poderia ser muito útil. Josh ainda não tinha contado a ela a história sobre o dragão do Grande Canal. Ele comentou com Quentin que estava indo devagar, em uma tentativa de prolongar sua visita. Mas agora, a hora da verdade havia chegado. Eles precisavam dela. Nem é preciso dizer que Poppy entrou em êxtase. Seus olhos azuis arregalados se arregalaram ainda mais.

— Bom, tudo bem — disse ela, desatando a falar como uma metralhadora. — A maioria dos dragões tem um lugar em seu rio onde eles reparam se alguém aparecer. Eles monitoram esse ponto só para o caso de alguém digno de atenção querer falar com eles. Se quiserem falar com você, eles te levarão até as profundezas onde vivem. Mas esse é um processo muito pouco conhecido. É um assunto envolto em muitas lendas urbanas. Várias pessoas *dizem* já ter falado com dragões, mas é muito difícil confirmar esses relatos. Por exemplo, o dragão do Tâmis supostamente teria escrito a maior parte das músicas do Pink Floyd. Pelo menos depois que o Syd Barrett saiu da banda. Mas não há como provar. Tradicionalmente, o melhor ponto de abordagem é na primeira ponte corrente acima saindo do mar, o que neste caso seria a Ponte da Academia, eu acho. Vocês não sabiam de nada disso? Não acredito que vocês não

sabiam disso. Vá à meia-noite. Vá até o meio da ponte. Leve uma cópia do jornal de hoje e um belo filé. Vá bem vestido. E é só isso.

— É só isso?

— É só isso. E aí você pula na água. É tudo só uma tradição. Digo, sei lá eu se isso ajuda de algum jeito. Há muito pouca informação sobre isso, e a maioria não é confiável.

E aí você pula na água. Era só isso.

— Mas às vezes funciona? — perguntou Quentin.

— Claro! — Poppy acenou a cabeça com vigor. — *Arrã*. Alguns dragões gostam mais de falar do que outros. O orador da faculdade mágica de Calcutá visita o dragão do Ganges todo ano, e consegue falar com ele mais ou menos na metade das vezes. Mas isso de ter um dragão no Grande Canal... isso é novidade. Digo, novidade mesmo. Eu estava começando a achar que você estava só me enrolando — disse ela, reavaliando Josh com um olhar intenso.

— Começando? — cutucou Quentin.

— Mas então, quando você vai lá?

— Hoje à noite. Mas escute, me faça um favor. Não fale sobre isso com ninguém ainda.

Poppy franziu a testa de um jeito bonitinho, que parecia ser o único que ela conhecia.

— Por que não?

— Só espere uma semana — disse Quentin. — É só o que eu te peço. Não é como se o dragão fosse fugir, e eu preciso conversar direito com ele. Se essa notícia se espalhar, um monte de gente vai vir pra cá.

Ela pensou por um instante.

— Tudo bem — disse ela.

Alguma coisa na forma como ela disse aquilo sugeriu a Quentin que talvez ela realmente fosse cumprir essa promessa.

Logo em seguida, retomando sua empolgação, Poppy voltou suas atenções à torrada com geleia em seu prato. Magra como era, ela comia mais do que Josh, e devia queimar tudo aquilo na fôrnilha interna que a mantinha sempre naquele estado eterno de extrema empolgação.

Isso os deixou com o resto do dia livre. A vida no Palácio Josh (antigo Palácio Barberino, em homenagem à família do século XVI que o construiu e por fim o vendeu para um zilionário magnata da internet, que nunca nem

pisou lá e torrou seus zilhões em esquemas de pirâmide e uma viagem à Estação Espacial Internacional, e depois o vendeu para Josh) não era muito difícil. Quentin ficou até mal por pensar nisso, como se estivesse traindo Fillory, mas ele conseguiria se acostumar com aquela vida. Os confortos do palácio eram muitos. Você podia passar a manhã na cama, lendo e vendo o sol veneziano percorrer pouco a pouco seu caminho sobre um tapete oriental cheio de ornamentos tão rebuscados que praticamente cintilava no chão a sua frente. Além disso, você tinha toda a bela Veneza para conhecer – só os feitiços estruturais, os titânicos encantamentos que impediam tudo aquilo de afundar na água, já eram uma atração imperdível para qualquer turista interessado nas maravilhas mágicas do mundo.

Sem falar nos drinques diários no fim da tarde. Tudo isso junto foi o bastante para fazer com que Quentin se esquecesse por alguns minutos de que já havia sido rei de um mundo mágico.

Mas para Julia, não. Não mesmo. Ela o encontrou segurando seu drink no *piano nobile* do palácio, admirando a vista da cidade sobre seu robusto parapeito de pedra. Eles ficaram juntos observando o trânsito no canal, composto em maior parte de turistas em barcos que olhavam para eles, tentando descobrir quem eram aqueles dois e se eram famosos ou não.

— Você gostou daqui — disse Julia.

— É um lugar incrível. Nunca tinha vindo pra Itália. Eu não sabia que era assim.

— Eu morei na França um tempo — disse ela.

— Sério? Quando foi que você morou na França?

— Foi há muito tempo.

— Foi lá que aprendeu a roubar carros?

— Não. — Mesmo tendo puxado o assunto, ela não parecia querer falar sobre aquilo. — É bonito aqui — continuou ela.

— Você quer ficar aqui? — perguntou Quentin. — Ou ainda quer voltar pra Fillory?

Julia pôs seu copo no largo parapeito de mármore. Mais uísque, ainda puro. Ela sentiu um repuxão em sua mandíbula.

— Eu preciso voltar. Não posso ficar aqui. — Quando disse isso antes, ela parecia brava e desesperada. Agora, seu tom era melancólico. — Tenho que continuar. Você vai vir comigo?

Quentin sentiu uma pontada no peito com aquilo, ao ouvir Julia pedindo-lhe alguma coisa. Qualquer coisa. Ela precisava de sua ajuda. Ser necessário para os outros: essa era uma sensação nova para Quentin. E ele estava começando a gostar.

— Claro que vou. — Foi o que ela tinha dito quando Quentin lhe pediu para ir com ele à Ilha Distante.

Ela acenou a cabeça, sem tirar os olhos do horizonte.

— Obrigada.

Horas depois, às cinco para a meia-noite, Quentin estava se lembrando daquela conversa e tentando se manter fiel a sua promessa enquanto caminhava até a Ponte da Academia, levando cópias do *Il Gazzettino* e do *International Herald Tribune*, só para garantir, e um espetacular filé que tinha custado uma nota preta, fazendo sua melhor imitação de alguém que não estava prestes a pular no Grande Canal.

Após o calor escaldante e fedorento do dia, estava fazendo um frio surpreendente à noite. Do ponto de vista de alguém que estava prestes a mergulhar ali, as opacas águas esverdeadas do Grande Canal pareciam tão convidativas quanto um riacho glacial. Elas pareciam muito mais distantes do alto da ponte do que tinham parecido da margem. E também pareciam limpas, o que Quentin sabia que não era verdade.

Mas, em algum lugar embaixo de toda aquela água, havia um botão. E um dragão. Aquilo não parecia real. Ele no fundo desconfiava que Josh tinha perdido o botão dentro de algum sofá e inventado toda aquela história sobre o dragão só para não passar vergonha.

— Isso vai ser zoadado, cara — disse Josh. — Acho que você não vai se divertir aí.

— Não brinca. — Ele estava esperando que Josh fosse se oferecer para ir em seu lugar, ou junto com ele, mas não rolou.

— Você vai se acostumar — disse Poppy, abraçando-se contra o frio.

— Por que você veio mesmo? — perguntou Quentin.

— Interesse científico. E eu quero ver se você vai mesmo ter coragem de fazer isso.

Poppy tinha esse hábito de sempre ser sincera, mesmo em situações onde outras pessoas não seriam. Era algo indelicado ou admirável, dependendo do seu ponto de vista.

Quentin respirou fundo algumas vezes e se debruçou sobre o parapeito de madeira cheio de farpas, que ainda retinha um pouco do evanescente calor do sol. *Lembre-se do que está em jogo*. Julia não hesitaria. Ela teria pulado aquele parapeito feito uma atleta olímpica. A pedido de Quentin, eles não tinham dito nada a ela sobre o que iriam fazer aquela noite, e escaparam assim que ela foi para a cama. Ela teria insistido em ir junto.

— Eles quase nunca comem gente — disse Poppy. — Só tipo, duas vezes por século. Até onde se sabe, claro.

Quentin ignorou esse comentário.

— Qual será a profundidade? — perguntou Josh, tragando um cigarro. De todos os três, ele era o que parecia estar mais nervoso.

— Uns seis metros, acho — disse Quentin. — Eu vi na internet.

— Meu Deus. Bom, só não mergulhe de cabeça.

— Se eu quebrar o pescoço e ficar paraplégico, apenas deixem que eu me afogue.

— Dois minutos — disse Poppy. Um *vaporetto* vazio passou sob eles, já fora de serviço, com todas as luzes apagadas, a não ser na aconchegante cabine do capitão. Aquela água devia ser uns noventa por cento de *E. coli* e o resto de diesel queimado. Não era um lugar ideal para nadar.

Alguém havia entalhado o que poderia ser um dragão estilizado, ou só um *S* mais chique, no parapeito de madeira na parte mais alta da ponte.

— Você vai tirar a roupa? — perguntou Josh.

— Você não imagina há quanto tempo estou esperando pra você me fazer essa pergunta.

— Sério, você vai ou não?

— Não.

Poppy também disse não ao mesmo tempo.

— Não mesmo — complementou ela.

O pequeno grupo ficou em silêncio. Em algum lugar ao longe, algo de vidro se quebrou. Uma garrafa de cerveja contra uma parede. Quentin já não sabia mais se ia mesmo fazer aquilo.

Talvez ele pudesse só jogar um bilhete na água. Uma mensagem numa garrafa. Me liga.

— Escuta, lembra de quando aquele anão ligou no seu celular? — perguntou ele. — Você pegou o número dele? Talvez a gente possa só...

— Estava bloqueado.

— Meia-noite! — disse Poppy.

— Droga!

O jeito era não pensar em nada. Ele recuou até o meio da ponte, segurou firme os jornais e o saco com o filé em uma das mãos, correu até o parapeito e pulou por cima de lado. Ele ficou até surpreso com a habilidade com que fez aquilo. Devia ser a adrenalina. Mesmo assim, ele quase se enganchou em uma viga de suporte enquanto caía.

Algum instinto primitivo o fez sacudir os braços e soltar os jornais e o filé no meio do ar. Eles voaram para os lados e sumiram noite adentro. E lá se foi a tradição. A sua esquerda, ele viu de relance alguma coisa caindo em paralelo a ele. Alguém... e era Poppy!

Ela estava pulando também.

Quentin caiu com tudo na água, mais ou menos de pé, e afundou. Seu único pensamento enquanto submergia foi o de fechar ou expelir ar por todos os seus orifícios possíveis para evitar ser contaminado pela água ou qualquer outro fluido. A água do canal era gelada e impregnada de sal. Por um instante, ele sentiu até um alívio – não estava *tão* frio –, mas então suas roupas se encharcaram, virando um fardo de chumbo gelado, e o frio o atacou por todos os lados. Ele entrou em pânico e começou a se debater – suas roupas estavam pesadas demais. Elas iriam arrastá-lo para o fundo! Em seguida, ele ergueu a cabeça para fora da água.

Ele tinha perdido um sapato. Poppy apareceu ao mesmo tempo a alguns metros, cuspidando água e arfando, com seu rosto redondo e pálido reluzindo sob as lâmpadas de sódio dos postes de luz. Ele até poderia se irritar com ela, mas a bizarra alegria de estar nadando no Grande Canal no meio da noite apenas o fez soltar uma gargalhada ensandecida.

— O que diabos você está fazendo? — sussurrou ele.

O choque térmico pelo menos acalmou sua ira. Ele precisava admitir que ela tinha um grau de coragem física que ele não imaginava. Eles estavam naquilo juntos.

— Assim dobramos as chances, não é? Se formos nós dois juntos? — Ela também estava com um sorriso maluco no rosto. Ela pirava naquele tipo de coisa. — Eu falei besteira, acho que a gente devia ter tirado a roupa, sim.

Ele ficou boiando. Depois de uns trinta segundos, ele já estava exausto e tremendo sem parar. A corrente estava os levando para baixo da ponte – ou melhor, não a corrente, devia ser a maré, lembrou-se ele, já que o canal na

verdade não era um rio. Meu Deus, e se tivesse algum tubarão ali? Alguém gritou para eles da margem, em italiano. Ele torceu para não ser um policial.

Quentin mijou nas calças e se sentiu mais quente por uns dez segundos, mas depois o frio ficou ainda pior. Ele tentou não pensar em quais tipos de produtos químicos e outras toxinas industriais deviam estar se infiltrando em seu corpo. Da água, embaixo da ponte, o canal parecia enorme, e as margens, a quilômetros de distância. Como ele tinha chegado ali, tão longe de onde havia começado? Como ele havia desviado tanto do caminho? Ele teve a sensação de que nunca mais conseguiria voltar para o seu devido lugar, para o seu confortável trono. Uma pequena onda veio do nada e o acertou bem na cara. Quentin já estava pronto para ir embora. Bom, pelo menos ele tinha tentado.

— Quanto tempo a gente tem de esperar? — perguntou ele para Poppy.

Então, uma aljava de ferro se fechou em volta de seu calcanhar e puxou-o para baixo.

Ele poderia ter morrido ali mesmo. O susto o fez soltar todo o ar de uma só vez, e ele mergulhou com os pulmões totalmente vazios.

Mas um feitiço estava sendo usado para mantê-lo vivo. Era claramente algo que o dragão tinha desenvolvido ao longo de muitos anos para o conforto de seus visitantes humanos. Era um encanto poderoso. E muito simples. Uma magia maturada ao longo de séculos de uso e lançada por um mestre ancião com asas e um rabo. Quentin não ia morrer. Pelo menos não por acidente.

Na verdade, ele estava se sentindo quentinho pela primeira vez depois do que pareceu ter sido horas, e ele podia ver com toda clareza, apesar da penumbra, o que não devia ser possível. Ele estava respirando água. Não era como respirar na superfície – era mais trabalhoso e exigia mais esforço para encher e esvaziar o peito –, mas funcionava. O oxigênio continuava chegando a seu cérebro. Ele estava inspirando e expirando com todo gosto, em fartas lufadas de água. Ele relaxou. Alguém estava cuidando dele. Ele estava voando na primeira classe.

Quentin sempre teve reservas quanto aos dragões, aos de verdade pelo menos, aos que de fato existiam. Ele foi criado ouvindo histórias sobre dragões que voavam alto, acumulavam ouro e cuspiam fogo. Dragões de *Beowulf*, dragões de Tolkien, dragões de *Dungeons & Dragons*. E a notícia

de que os dragões de verdade viviam em rios, e não saíam por aí, voando pelos campos e incendiando árvores, tinha sido uma decepção para ele. Os dragões de rio pareciam ser criaturas mais frias e gosmentas e mais parecidas com salamandras do que ele esperava.

Por isso mesmo, ele ficou feliz ao ver que o dragão que havia pegado seu tornozelo com seu braço direito curto, mas forte, puxando-o para baixo e o colocando com gentileza no leito do canal como um cachorrinho para quem se diz “sentado”, tinha um aspecto totalmente draconiano, quase emblemático. Ele tinha uma aparência sinistra e calculista, como se pudesse devorá-lo sem aviso, mas sábia. Sua imensa cabeça reptiliana era do tamanho de um carro pequeno. Seus olhos reluziam com um brilho prateado quando você os via do ângulo certo. Suas escamas eram de um delicado tom verde-água. Depois de deixar Quentin na areia macia, o dragão do Grande Canal o soltou e se agachou em uma pose felina, repousando sua cabeça na ponta da cauda. Seu imenso corpo se estendia ondulante sob a penumbra mais atrás.

Quentin espirrou. Seus seios da face foram inundados pela água imunda quando o dragão o puxou para baixo, mas a parte a sua volta agora era limpa. Ele estava, junto com o dragão, dentro de um tranquilo domo de água verde-escura. O leito do canal, que deveria ser um pântano de lixo, ferro-velho e esgoto, era perfeitinho. O dragão cuidava bem do seu pedaço de areia.

Quentin se sentou de pernas cruzadas. Eles estavam sozinhos; o dragão não tinha pegado Poppy, ao que parecia. Quentin estava tendo um pouco de dificuldade para não sair boiando, mas depois encontrou uma coisa redonda e pesada a seu lado – uma antiga bala de canhão, talvez –, e a segurou em seu colo para ancorar-se.

Ele esperou um minuto se passar, mas o dragão não disse nada. Tudo bem. Vamos lá.

— Olá — disse Quentin. Sua voz saiu basicamente normal, apenas distante, como se ele estivesse tentando se escutar de outra sala. — Obrigado por me receber.

O enorme rosto não se mexeu. Ele continuava indecifrável, como um crânio, mas seus olhos haviam voltado a cintilar.

— Você provavelmente já sabe por que eu estou aqui. Quero conversar com você sobre o botão, o que você comprou do meu amigo Josh. — Ele se

sentiu como um garotinho pedindo seu dinheiro do lanche de volta para o valentão da escola. Endireitou os ombros. — Acontece que o botão não era só dele. Ele era meu também, e de algumas outras pessoas, e nós precisamos dele de volta. Eu preciso dele pra voltar pra minha casa, e minha amiga Julia também.

— **Eu sei.**

A voz do dragão soava como um imenso instrumento de corda dois níveis abaixo de um contrabaixo. Ou talvez como algo oito vezes mais grave, tocando uma quinta perfeita. Ele podia sentir as vibrações em suas costelas e em seu saco.

— Você pode nos ajudar? Pode nos devolver o botão? Ou nos vender de volta?

O resto do canal era como uma muralha maciça de escuridão em volta deles. Um ronco irrompeu ao longe, e Quentin arriscou olhar para cima: uma balsa estava trovejando pelas águas madrugada adentro na superfície. Era como se a água estivesse ficando mais fria, ou talvez fosse seu próprio corpo. Ele se achegou mais para perto do dragão, que estava emanando calor. Se ele quisesse devorá-lo, ele iria devorá-lo de qualquer jeito, então seria melhor morrer quentinho pelo menos.

— **Não** — veio a resposta.

O dragão fechou e então abriu seus olhos.

A porta para Fillory estava se fechando. Ele tinha que esticar o pé para ela não bater. Aquela terra, a terra de sua vida real, a vida que ele deveria estar vivendo, parecia cada vez mais longe dele, ou ele longe dela. As amarras haviam sido cortadas, e a maré estava forte. Eles nunca deviam ter ido à Ilha Posterior. Eles nunca deviam ter deixado o Castelo de Whitespire.

— Talvez você possa só me emprestar então? — perguntou ele, tentando disfarçar o desespero em sua voz. — Só pra uma viagem. Se tiver qualquer coisa que você queira, é só falar. Eu sou um rei, em Fillory pelo menos. Eu tenho muitos recursos por lá.

— **Eu não o trouxe aqui para ouvir você se gabar.**

— Eu não estou...

— **Eu vivo neste canal há dez séculos. Tudo o que cai aqui é meu. Eu tenho espadas e coroas. Tenho papas e santos, reis e rainhas. Tenho noivas prontas para casar e crianças à espera do dia de Natal. Tenho a**

Lança Sagrada e a corda com a qual Judas foi enforcado. Tenho tudo o que já foi perdido.

Então tá. Quentin ficou pensando se lorde Byron já havia passado por ali. Caso tivesse, provavelmente teria pensado em alguma coisa sagaz para dizer.

— Certo. Tudo bem. Mas ainda não entendi, por que você me trouxe aqui se não quer me vender o botão de volta?

As pupilas do dragão se arregalaram até ficarem com quase trinta centímetros de diâmetro, e ele pareceu despertar e vê-lo de verdade pela primeira vez. O animal ergueu a cabeça de cima de sua cauda. Quentin estava tão perto que forçou o dragão a ficar um pouco vesgo para conseguir se concentrar nele. Agora que os olhos de Quentin haviam se adaptado ao escuro, ele podia ver as enormes escamas no dorso do dragão. Elas eram grossas como enciclopédias antigas, e algumas tinham entalhes, símbolos e pictogramas que Quentin não soube identificar.

— **Não volte a abrir sua boca, humano, exceto para me agradecer** — disse o dragão. — **Você quer ser um herói, mas não sabe o que isso significa. Você acha que um herói é um vencedor. Mas um herói deve estar preparado para perder, Quentin. Você está preparado para isso? Está preparado para perder tudo?**

— Eu já perdi tudo — disse ele.

— **Ah, não. Você ainda tem muito mais para perder.**

O dragão era muito mais mal-humorado do que ele imaginava. E enigmático demais. Por algum motivo, ele chegou a achar que o dragão até poderia querer ser seu amigo, e eles voariam pelo mundo, resolvendo mistérios juntos. Mas as chances disso acontecer agora pareciam cada vez menores. Ele esperou. Talvez o dragão acabasse dizendo algo de útil.

— **Os antigos deuses estão voltando para retomar o que é deles. Eu farei o meu papel. E é melhor que você se prepare para fazer o seu.**

— Pode ser, mas como eu vou...

— **Cale-se. O botão é inútil para você. A Terra Nula está fechada. Mas a primeira porta ainda está aberta. Como sempre esteve.**

Quentin de repente sentiu seus joelhos rijos por estar sentado com as pernas cruzadas. Ele queria cuspir a água salgada de sua boca, mas só havia ainda mais água salgada do lado de fora. O dragão tirou sua cauda debaixo do queixo, lançando-a escuridão adentro e levantando uma nuvem de lama.

— **Você pode me agradecer agora.**

Espera, como assim? Quentin abriu a boca para falar – para agradecer ao Dragão do Grande Canal como um bom menino, ou perguntar o que ele queria dizer, ou mandá-lo à merda por ficar inventando todos aqueles enigmas, enfim, ele nem conseguiu se decidir, porque acabou engasgando. Ele não estava mais conseguindo respirar. O feitiço foi desfeito, e ele agora estava engolindo a água imunda e gelada do canal. Ele estava se afogando.

Ele deixou seu outro sapato atolado na lama e começou a se debater feito um louco até a superfície.

CAPÍTULO 15

Ah, o retorno da filha pródiga! Que espetacular foi o êxtase com o qual Julia foi recebida de volta ao seio familiar! Os rostos confusos e radiantes de seus pais se viraram para ela como um par de faróis embaçados de chuva, enquanto Julia se apresentava a eles como uma transgressora reabilitada. Ela os havia desapontado tantas vezes, de tantas formas diferentes, que eles mal ousavam ter esperanças. Eles já haviam passado por tantos estágios de sofrimento que já tinham até perdido a conta.

Mas agora, lá estava ela, voltando de Chesterton, com seu ânimo destruído, pronta para fazer parte daquela família de novo, e eles deixaram. Eles realmente deixaram. Com um carinho totalmente díspar de qualquer coisa que ela reconhecia em si mesma, eles a aceitaram de volta, por mais que ela pudesse não merecer. A carcaça do bom e velho navio *Julia*, que havia saído do Brooklyn levando uma preciosa carga de Amor Familiar, estava pronta para ser içada do Recife da Vida, pedindo para ser recuperada, e foi exatamente isso o que eles fizeram. Eles a aceitaram de volta sem nenhuma palavra de reprovação.

Agora era a vez de Julia sofrer, e eles a deixaram à vontade para isso, o que foi ainda outro presente. Ela chorou pela perda de sua vida, e pela morte da maga que nunca seria. Ela enterrou aquela poderosa feiticeira com todas as devidas honrarias. E junto com o sofrimento, de forma até espontânea, veio também seu espectral primo de ouro, o alívio. Ela vinha tentando há tanto tempo ser uma coisa que o mundo não queria que ela

fosse. E agora ela finalmente poderia parar. O mundo tinha vencido. Ela se entregou aos abraços de sua família, e agradeceu por isso. O que a magia tinha de tão bom assim, comparado ao amor? Sério, o quê?

Ah, o jeitinho medrado de sua irmã, a humanista! Àquela altura, ela também já estava no último ano do colégio. Ao vê-la preparando suas inscrições para a faculdade, Julia reativou seus próprios planos. Elas trabalharam juntas nas papeladas, lado a lado na mesa da cozinha, trocando dicas, com sua irmã a ajudando na redação, e Julia a arrastando à força pelas partes dos cálculos mais simples. Elas voltaram a se dar bem uma com a outra. Julia tinha se esquecido de como era fazer parte de uma família. Ela tinha se esquecido do quanto aquilo podia ser bom, e do quanto precisava daquilo.

De todas as lendárias sete aprovações de Julia, apenas a de Stanford pôde ser salva, mas já foi o bastante. Ela tinha uma ou três lacunas em seu currículo, claro, mas olhando de lado e com os olhos meio fechados, sua pesquisa mágica poderia até ser vista como um digno projeto etnográfico independente. Então a ensolarada Califórnia seria seu destino. Era bem isso o que ela precisava. Curtir um sol. Pegar um bronzeado. Ela decidiu passar um ano guardando dinheiro e se matricular no outono. Estava tudo pronto.

Porque Julia tinha desistido. Ela já estava farta. Ela não queria mais saber daqueles reinos etéreos que nunca quiseram saber dela. Julia iria seguir o exemplo daqueles socialistas utópicos estupradores de criancinhas sobre os quais tinha escrito naquele trabalho para o sr. Karras: quando sua comunidade alternativa sagrada entra em colapso, você aceita a derrota e começa a vender talheres.

Julia seguiria o exemplo de Jack Donne. No final daquele poema, ele não tinha ido para a Cabra (uma referência à constelação de Capricórnio, conforme explicava uma atenciosa nota de rodapé) em busca de um Novo Amor? Ou seria só algo carnal? Mas talvez fosse tarde demais para ele. Talvez fosse outra pessoa. Era impossível entender a porra daquele poema. Mas enfim, ele tinha um final feliz. Mais ou menos.

Ela ainda tinha seus dias ruins, é claro, quando o cão negro da depressão a farejava e se sentava com seu peso esmagador sobre o peito dela e arfava com fétido bafo canino contra sua cara. Nesses dias, ela ligava para o escritório de TI – onde, na maioria dos dias, ela desemaranhava redes emaranhadas por uma mixaria – dizendo que estava doente. Nesses dias, ela fechava suas cortinas e ficava sozinha no escuro por doze ou vinte e quatro

ou setenta e duas horas, ou seja lá quanto fosse necessário para que aquele cão negro fosse embora de volta para sua sombria casa.

Ela não tinha como voltar, e sabia disso. O reino mágico estava fechado para ela. Mas ela às vezes não conseguia vislumbrar nenhum caminho adiante também.

Mas ela sempre se endireitava no final, com a ajuda de sua classuda nova psiquiatra de olhar felino, de seus classudos 450 miligramas de Wellbutrin e trinta miligramas de Lexapro diários, e de seu classudo novo grupo de apoio *on-line* para depressivos.

Na verdade, esse grupo de apoio era mesmo muito classudo. Era especial. Ele tinha sido fundado por uma mulher que trabalhou na Apple, depois na Microsoft e depois no Google. Ela havia passado quatro ou cinco anos em cada empresa, deixando um brilhante rastro no firmamento de todas elas, e acumulando uma fortuna em bônus de ações, até que um dia tirou um grande azar neuroquímico na vida e sofreu um ataque de depressão clínica que a derrubou do céu. Quando saiu do Google, ela tinha 44 anos e dinheiro o bastante para mandar tudo à merda. Ela então decidiu se aposentar e fundou o Free Trader Beowulf.

Free Trader Beowulf – você precisaria ter pelo menos quarenta anos e ser um viciado em RPGs de mesa em reabilitação para entender a referência, mas tinha a ver, dê uma procurada no Google. O FTB era um grupo de apoio *on-line* para depressivos. Mas não para qualquer tipo de depressivo. Ah, não mesmo.

Para entrar, você antes precisava mostrar suas receitas médicas. Eles queriam credenciais, e de respeito. Eles eram *nerds* de verdade e não queriam ficar ouvindo seu chororô, nem ler seus poemas – sinto muito, Jack –, nem ver suas melancólicas aquarelas. Aquele não era um grupo qualquer. Se você era depressivo, então eles queriam ver a real, um diagnóstico de um psiquiatra de verdade e uma lista obscena de remédios tarja preta. E se sua lista fosse uma orgia química como a de Julia, melhor ainda.

Se desse tudo certo, eles mandavam um convite em vídeo para você. O que em si não era nada, só uma distração mesmo, um monte de generalidades de autoajuda vomitadas por um ator com cara de *hippie* bonzinho. Mas no meio disso, para quem prestasse atenção, havia uma pista: um único frame do que pareciam ser chuviscos, mas na verdade era um conjunto de dados. Os *pixels* em preto e branco representavam zeros e uns que, quando dispostos lado a lado, formavam um arquivo de som. O

áudio era alguém falando o número de uma antiga BBS discada, e quando você ligava para ele, era arrastado por uma absurda série de complexos problemas matemáticos que, se você conseguisse resolver em seis horas ou menos, resultava em uma sequência numérica que na verdade era uma espiral de Ulam, e Ulam era a senha para o site no endereço de IP que eles davam se você passasse no teste, onde havia um jogo em Flash que não fazia nenhum sentido, a não ser que você conseguisse pensar em quatro dimensões espaciais, mas que se você terminasse, mostrava um par de coordenadas de GPS em Dakota do Sul, que na verdade era um ponto de *geo-caching*, um esporte de caça ao tesouro global, no qual você encontrava um quebra-cabeça de madeira grotescamente complicado, dentro do qual tinha um etc. etc. etc.

Era tudo só uma diversão saudável, coisa que só uma quarentona sem filhos, clinicamente deprimida, aposentada, com um QI de gênio e uma conta bancária de oito dígitos e muito tempo livre nas mãos conseguiria fazer. Era bem prepotente, mas ninguém estava forçando Julia a nada, e ela também estava com tempo de sobra nas mãos. Julia levou três semanas para completar essa corrida de obstáculos intelectual – ela queria ver Quentin tentar –, mas no final de tudo e à custa de muitas moedas, acabou encontrando uma bola de plástico em uma daquelas máquinas de pegar bichinhos de pelúcia em um fliperama semiabandonado no litoral de Jersey. Dentro da bola, ela achou um *pen drive*. O *pen drive* continha o convite verdadeiro. Sem nenhum truque desta vez. Ela tinha entrado.

O Free Trader Beowulf tinha catorze membros, e Julia foi a décima quinta. O grupo era só um fórum virtual, mas aquilo era o mais próximo que ela já havia se sentido de um lar desde as duas horas que tinha passado em Brakebills quatro anos antes. O pessoal do FTB a entendia. Ela não precisava se explicar. Eles sacavam seu humor negro e suas referências de *Gödel, Escher, Bach*, seus ataques de raiva e seus longos silêncios. E ela se inteirou das misteriosas piadas internas e todos os memes do grupo muito rapidamente. Ela tinha passado a vida inteira se sentindo como a última integrante viva de uma tribo amazônica perdida, falando seu próprio dialeto extinto, mas, agora, ela finalmente havia encontrado seu grupo étnico. Eles podiam ser um bando de solitários depressivos supercultos, mas pareciam humanos para ela. Ou talvez não humanos, mas seja lá o que Julia fosse, eles eram também.

Fornecer muitos dados sobre sua vida real era tacitamente desencorajado no FTB. Ninguém usava seu nome verdadeiro. Na maioria das vezes, ela só tinha uma vaga ideia de onde os outros membros moravam ou o que faziam da vida, se eram casados ou mesmo quem era homem e quem era mulher. Até onde Julia sabia, eles nunca se viam pessoalmente. O FTB não tinha nada a ver com a vida real. Expor a identidade verdadeira de outro membro era uma afronta passível de expulsão, pelo menos em teoria, porque isso nunca aconteceu. Sejam bem-vindos ao Anônimos.com: uma rede antissocial.

Aquela primavera foi a época mais feliz da vida Julia desde o fim de sua antiga vida. Ela passava o dia todo, todo dia, papeando com os Free Traders. Eles a cercavam como uma multidão invisível, provocando e se intrometendo em seus projetos. Ela postava enquanto tomava café da manhã. Ela postava enquanto andava pela rua. A última coisa que ela via antes de dormir era o aplicativo do Free Trader em seu *smartphone*, no travesseiro a seu lado, e também a primeira ao acordar de manhã. Ela se abriu para aquelas pessoas como nunca tinha feito antes com ninguém: sem ironias, sem censura, sem arrependimentos. Ela entregou o seu coração partido para os Free Traders, que o pegaram, limpam, consertaram tudo e devolveram a ela novinho em folha, cheio de sangue e pulsando de novo.

Ela nunca disse nada sobre Brakebills – isso seria demais até para o FTB –, mas para o seu alívio, percebeu que na verdade nem precisava. Por mais que houvesse seja lá o que fosse de errado com ela, os detalhes não importavam. Para eles, bastava saber que havia uma peça imensa faltando no mundo de Julia, e eles sabiam como era isso, porque tinham peças faltando nos seus mundos também. E os formatos dessas peças não importavam. Julia não ficaria surpresa se descobrisse que alguns dos Free Traders também eram rejeitados de Brakebills. Mas ela nunca perguntou.

Ela tinha carinho por todos os Free Traders, mas inevitavelmente acabou formando laços mais fortes com alguns: uma pequena facção, um grupo dentro do grupo, composto por ela e três outros. Failstaff, um membro gentil que, por suas referências culturais, devia ser três ou quatro décadas mais velho do que Julia; Pouncy Silverkitten, dono de um sarcasmo ácido brutal demais até para o FTB, mas que escolhia bem seus alvos, pelo menos na maioria das vezes; e Asmodeus, que sempre entendeu Julia com uma sintonia telepática e tinha uma facilidade com física teórica tão extraordinária que parecia até que ela não estava postando da Terra.

Julia postava como ViciousCirce. Eles já eram um trio coeso antes de Julia aparecer, mas ficaram contentes em aceitá-la e passar a ter suas intermináveis conversas a oito mãos.

Criar tópicos fechados era tolerado no FTB, caso todas as partes concordassem, e de vez em quando, Julia, Asmo, Pouncy e Failstaff se recolhiam em seu mundinho altamente abstrato juntos. Nesses tópicos privados, eles trocavam informações um pouco mais concretas sobre suas vidas pessoais, embora ainda fosse considerado de mau tom entrar em detalhes geográficos mais específicos. Manter suas identidades em segredo se tornou parte do jogo, e outra parte desse jogo era construir complexos currículos e biografias ficcionais um do outro. Julia elaborou um perfil digno do FBI para cada um dos outros três, com até supostos retratos falados.

Outro jogo que eles inventaram se chamava Série. Era simples: alguém postava três palavras, ou três números, ou nomes, ou moléculas, ou formas, ou qualquer outra coisa. Esses eram os três primeiros termos da série. Depois, você tinha que descobrir qual era o próximo termo da série, e por quê. O objetivo era criar a série mais complicada possível, mas ainda assim teoricamente solucionável, e para a qual só houvesse uma solução possível, ou seja, apenas um princípio guia que pudesse ser inferido a partir dos três exemplos. Assim que alguém descobria a solução, o segundo prêmio ia para a primeira pessoa que conseguisse dar continuidade à série até o trigésimo termo.

O FTB tomou conta da vida de Julia, e ela não fez nada para impedir. Às vezes, mesmo quando não estava conectada, era como se o FTB estivesse aberto em sua cabeça – seu cérebro já tinha passado tanto tempo com aquelas personalidades invisíveis que elas acabaram criando pequenos clones de si mesmas entre seus neurônios, versões piratas de Asmo, Pouncy, Failstaff e todos os outros, rodando no *hardware* de Julia. Ela não estava louca – é claro que não! –, era só um teatrinho que ela encenava sozinha. Era um pouco insano, mas poxa, a gente se vira com o que tem, né? E todo o resto estava indo bem. Ela tinha ganhado peso, parado de se cortar e mal roía mais as cutículas. Ela já não fazia o feitiço do arco-íris há muito tempo. Julia sabia que estava obcecada, mas pelo visto, ela era uma daquelas pessoas que precisa estar sempre obcecada por alguma coisa, e ela poderia estar fazendo coisa muito pior. Como já havia feito antes.

A febre vai passar sozinha, pensou Julia. A temperatura iria baixar, e a paciente acordaria suada, mas com a cabeça limpa, e os pesadelos febris ficariam para trás. Ela iria para Stanford no outono, arrumar uma vida nova e alguns amigos de carne e osso, visíveis e analógicos. Começar do zero.

Mas até lá, ela não queria mudar nada, só deixar rolar um pouco. E foi assim que em um final de semana de março, Julia se pegou andando no fim da tarde por Prospect Heights até Bed-Stuy. Ela vinha fazendo muitas caminhadas nos últimos tempos, porque precisava de algum tipo de exercício, e tomar sol melhorava seu humor. E Julia podia levar os Free Traders com ela, não só suas versões espectrais em seu cérebro, mas suas presenças reais em seu *smartphone*, agora que Failstaff havia criado um aplicativozinho. (Nada de iPhone, claro, só para Android. Os Free Traders eram todos esnobes usuários de *open-source*.) Ela marchava pelo mundo protegida pela armadura invisível daqueles companheiros virtuais.

Julia digitava andando; ela tinha desenvolvido uma grande facilidade para isso, usando a visão periférica para desviar de hidrantes, minas terrestres de cocô de cachorro e outras pessoas. Ao que parecia, para conseguir ser quem ela era, um fator crucial era não estar nem aí se alguém a achasse estranha. Naquele dia, ela estava ouvindo meio distraída pela função de leitura de texto do aplicativo móvel do FTB enquanto Pouncy e Asmodeus debatiam a validade da teoria do *loop* estranho da consciência criada por Hofstadter com base nos números de Gödel, ou alguma coisa assim.

A outra metade de sua consciência, hofstadteriana ou não, estava focada em olhar para as portas da frente das casas pelas quais ela passava. Mais especificamente, ela estava reparando em como elas eram divididas em painéis quadrados e retangulares. Ou a maioria delas pelo menos. Por si só, isso não era uma atividade lá muito interessante; na verdade, ela nem saberia explicar por que estava fazendo aquilo. Só aconteceu de aquelas portas começarem a lembrá-la de um desafio de Série que eles tinham jogado outro dia.

Pouncy havia proposto um quebra-cabeça geométrico, meticulosamente projetado com caracteres ASCII, composto de padrões simples de quadrados em uma pequena grade. A solução – que Failstaff acertou na mosca – era que esses padrões podiam ser entendidos como estados sucessivos de um autômato celular muito simples, tão simples que eles

conseguiriam inferir suas regras de cabeça depois de pegar a ideia geral da coisa. Ou pelo menos Failstaff conseguiu.

O engraçado, pensou Julia enquanto andava, é que ela podia identificar sequências dessa série nas diferentes configurações das portas pelas quais estava passando. Parecia que se ela continuasse seguindo em frente o bastante, sempre conseguiria encontrar o próximo termo.

Era só um exercício mental bobo. Às vezes, o padrão aparecia em madeira, outras em vidro, ou em um portão de ferro fundido. Uma vez, o padrão estava nos blocos de concreto de uma janela murada, o que na verdade não valia, mas era estranho ver a frequência com a qual ela estava encontrando aquilo. Ela começou a criar regras para si mesma – ela pararia de caminhar se levasse mais do que uma quadra para encontrar o próximo termo da série, depois, que além de ser em uma só quadra, precisaria também ser do mesmo lado da rua, e assim por diante –, mas o padrão correto sempre acabava aparecendo bem a tempo. Ela não sabia muito bem se aquela era uma descoberta significativa ou não, mas sentiu uma compulsão por ver até onde conseguiria ir. Julia podia até imaginar a acidez do sarcasmo que Pouncy dispararia contra ela, se contasse aos outros o que estava fazendo. Coisa realmente corrosiva, sarcasmo de pH zero.

No entanto, tudo estava se encaixando perfeitamente. A única diferença entre o autômato celular de Julia e o de Pouncy era que o dela corria de frente para trás – as regras estavam sendo aplicadas ao inverso, retrocedendo até seu estado inicial. Esse era mais um motivo para continuar andando: a série era finita. De um jeito ou de outro, ela logo teria de acabar. Certa vez, ela não achou nada em uma quadra, mas então percebeu que tinha errado na transformação, e assim que resolveu isso, é claro, lá estava o próximo termo, em uma porta velha de madeira com painéis entalhados, três deles levemente mais claros, revelando a configuração certa. Aquilo era como a luz de um fogo-fátuo a levando adiante, cada vez mais para dentro do perigoso pântano de Bed-Stuy, mergulhando em um estado hipnagógico, como um sonho.

Um setor pequeno, mas vigilante, do cérebro de Julia não estava tão empolgado com o quanto ela estava se embrenhando em Bed-Stuy. As casinhas geminadas estavam dando espaço a terrenos baldios, desmanches de carro e prédios não terminados, vítimas natimortas da recessão. Ainda faltava mais ou menos uma hora para escurecer, e ela já não tinha mais como se enganar, dizendo que algumas daquelas casas estavam com as

janelas cobertas de tábuas porque estavam passando por ambiciosas reformas internas, porque aquelas casas não estavam em reforma, e sim sendo usadas como bocas de fumo. Mas não faltava muito para encontrar a porta correspondente à configuração inicial de Pouncy, a série chegaria ao fim – ou melhor dizendo, a seu início – e ela poderia dar meia-volta e ir para casa por Park Slope.

E é claro, logo depois da Throop Avenue (pronuncia-se “*trup*”), lá estava o que ela vinha procurando. Não era uma casa bonita, mas também não era uma boca de fumo. Era uma casa de dois andares de ripas de madeira verde-limão, com uma velha antena dipolo no telhado e uma medonha gangue de lixeiras de alumínio espalhada pelo pátio de cimento rachado. A porta da frente tinha oito painéis de vidro. Um deles, no canto superior esquerdo, havia sido quebrado e agora estava tampado com filme plástico, completando assim a série.

E então era isso. Ponto final. Ver aquele último padrão, o estado inicial, desfez o feitiço que vinha dominando Julia. A lógica do sonho havia se concluído. Ela olhou para os lados como uma sonâmbula ao ser acordada, sem saber onde diabos estava. Alguém ainda estava tagarelando em sua orelha com uma voz computadorizada sobre Hofstadter. A exaustão a inundou como uma onda. Ela devia ter andado quilômetros, e o sol estava se pondo. Ela se sentou em uma varanda.

Ela precisava de uma carona para casa. Pedir um táxi sairia muito caro, mas ser roubada e/ou atacada sairia ainda mais caro. Além disso, ela estava se sentindo como se fosse literalmente desmaiar se tivesse que dar mais um passo sequer. Ela fechou o aplicativo do FTB, tirou os fones do ouvido, e as vozes sumiram. Silêncio. Realidade.

Atrás dela, Julia ouviu uma porta se abrir. Ela se levantou de novo e ergueu a mão – tá, tudo bem, ela já estava de saída. Ela sabia que um desafio sobre autômatos celulares não poderia mesmo servir como uma desculpa para invadir o terreno de uma casa vagabunda verde-limão aleatória na Throop Avenue.

Mas o cara na porta não a estava expulsando. Era um cara branco, parecido com uma coruja, com talvez uns trinta anos, usando um blazer *vintage*, calça jeans e um irritante chapéu de feltro.

Ele só olhou para ela, como se estivesse a analisando. Atrás dele, ela viu que havia outras pessoas na casa, sentadas e de pé, conversando e andando, e fazendo coisas com as mãos. Só que elas não tinham nada nas mãos. Uma

estranha luz verde-ácida iluminou a porta por um instante, vindo de algum lugar que ela não conseguiu ver, como se estivessem usando um ferro de solda lá dentro. Alguém soltou um grito de viva irônico. O ar ali estava totalmente impregnado de magia. Mal dava para respirar de tão denso que era aquele fedor.

Julia se agachou na calçada, como uma criancinha, enterrou o rosto entre as mãos e riu e chorou ao mesmo tempo. Era como se ela fosse desmaiar, vomitar ou ficar louca. Ela tinha tentado se afastar do desastre, correr para bem longe daquilo, com todas as suas forças. Ela havia quebrado sua vara mágica, lançado seu grimório ao mar e renegado a magia para sempre. Julia tinha se mudado, sem deixar seu endereço novo para contato. Mas isso não foi o bastante. A magia havia lhe seguido. Ela não tinha corrido para longe ou rápido o bastante, nem se escondido bem o suficiente, e o desastre havia seguido seus passos e a encontrado. Ele não iria deixá-la escapar.

Ia começar tudo de novo.

CAPÍTULO 16

Durante tudo o que se seguiu, enquanto quase era atropelado por um *vaporetto* ao nadar de volta à margem, e subia encharcado alguns antigos degraus de pedra para fora da água (o Grande Canal era bem equipado com rotas de saída para aqueles que caíam ou se jogavam nele) e se arrastava sozinho de volta para o palácio de Josh – que estava bastante ocupado tentando tirar Poppy das mãos dos *carabinieri* que apareceram logo depois que ele afundou –, a mente de Quentin ardia com a única informação útil que o dragão havia lhe dado: que ainda havia um caminho de volta para Fillory. Eles não iam conseguir o botão, mas isso agora não importava mais, porque havia outro caminho. Eles só precisavam entender o significado do que o dragão tinha dito.

Quentin ficou pensando nisso enquanto tirava a mistura de sal, óleo, partículas de metais pesados e coisas piores de seu corpo com uma ducha de meia hora de água em alta temperatura e pressão, lavava o cabelo três vezes, pegava a toalha para se enxugar e, por fim, enquanto jogava suas roupas aos farrapos, suas amadas roupas fillorianas, suas roupas de rei, no lixo e se arrastava até a cama. A primeira porta, disse o dragão. A primeira porta. A primeira porta. O que isso queria dizer?

É claro que outras partes também mereciam certa atenção. Muita coisa poderia ser tirada daquela breve conversa. Os antigos deuses estavam voltando. Alguma coisa sobre ser um herói. Tudo isso com certeza era importante. De suprema importância. Mas a primeira porta: esse era o

elemento principal. Ele tinha farejado um rastro. E agora iria até o fim, ele iria seguir as pistas e levá-los de volta para casa. Ele iria agir como um herói de verdade, porra, independente de seja lá o que o dragão tivesse dito. Ele sacrificaria seja lá o que precisasse sacrificar, se fosse isso o que tivesse que fazer para vencer.

Poppy o acordou na manhã seguinte às sete. Para ela, era como se fosse dia de Natal. Ela estava muito empolgada e não conseguia mais esperar. Ela nem estava com inveja. Poppy já tinha tomado três *cappuccinos*, e trouxe um para Quentin. Australianos... Ele até achou que ela ia começar a pular em cima da cama.

Em seguida, eles discutiram a fundo as interpretações possíveis durante o café da manhã.

— A primeira porta — disse Josh. — Então é alguma coisa simples, tipo uma porta. Tipo Stonehenge.

— Stonehenge é um calendário — disse Poppy. — Não uma porta.

Durante a conversa, Poppy ficou sabendo quase que por acidente da existência de Fillory. De um jeito até irritante, ela não se abalou com isso, como não se abalava com nada mesmo. Seu interesse por aquilo era apenas intelectual. Ela assimilou a informação, mas não se empolgou loucamente como Quentin.

— Talvez seja algum tipo de trava especial. Como a de um cofre.

— Cara! — disse Quentin. — Esquece Stonehenge! Deve ser alguma coisa aqui em Veneza, tipo um portal submarino ou coisa assim.

— Veneza é um porto, então é uma entrada, tipo uma porta. Um portal. A cidade inteira é uma porta.

— Sim, mas qual seria a primeira?

— Ou talvez seja uma porta metafórica — disse Poppy. — Tipo uma passagem da bíblia ou coisa assim. Como nos livros do Dan Brown.

— Quer saber, aposto que tem alguma coisa a ver com pirâmides — disse Josh.

— Ele está falando sobre a casa dos Chatwins — disse Julia.

A conversa parou.

— Do que você está falando? — perguntou Poppy.

— Da casa da tia dos Chatwins. Na Cornualha. Onde eles descobriram Fillory. Aquela foi a primeira porta.

Foi legal ver Poppy levando uma na cara para variar.

— Mas como você sabe disso? — perguntou Poppy.

— Eu só sei — disse Julia. Quentin torceu para que ela não dissesse o que estava prestes a dizer, mas ela disse mesmo assim. — Eu posso sentir.

— Como assim, sentir? — insistiu Poppy.

— Por que você se importa? — rebateu Julia.

— Porque estou curiosa.

Quentin interveio. Julia parecia ter criado uma ácida antipatia instintiva por Poppy.

— Sim, faz sentido. Como as pessoas foram pra Fillory pela primeira vez? Pela casa dos Chatwins. Pelo relógio no corredor dos fundos.

— Não sei — disse Josh, coçando seu queixo redondo e barbudo. — Pelo que eu me lembro, não dava pra ir pra Fillory duas vezes pelo mesmo lugar. E, além disso, Martin Chatwin era só um menino. Pra ele, tudo bem, mas eu nunca conseguiria passar pela porta de um relógio de pêndulo. Nem você, aliás.

— Tudo bem — disse Quentin. — Claro, mas...

— Sem falar que aquilo foi um convite pessoal, específico pros Chatwins — continuou Josh. — Tipo, foi só porque aqueles moleques em particular eram particularmente especiais de algum jeito, então Ember os invocou pra usar suas qualidades especiais e dar um jeito nas tretas de Fillory.

— Nós temos qualidades especiais também — disse Quentin. — Acho que a gente devia tentar. É nossa melhor pista.

— Eu vou tentar — disse Julia.

— Vamos cair na estrada então! — disse Josh, mudando de ideia de repente.

— Legal. — Era bom ver alguma decisão sendo tomada de um jeito ou de outro, seja lá com base em quê. Era bom ver as coisas voltando a acontecer. — Vamos sair amanhã cedo. A menos que alguém tenha alguma ideia melhor até lá.

Estava ficando cada vez mais difícil não reparar que Poppy estava rindo.

— Desculpa! — disse ela. — Desculpa mesmo. É só que... digo, eu sei que Fillory é real, ou melhor, acho que é, mas vocês têm noção de que isso é uma coisa de criança? Fillory? Parece que vocês estão falando de ir pra Terra dos Doces! Ou sei lá, pra Vila dos Smurfs.

Julia se levantou e foi embora. Ela nem se deu ao trabalho de se irritar. Ela levava Fillory a sério, e não tinha paciência com, nem interesse por,

alguém que pensasse diferente. Quentin não tinha percebido até agora, mas Julia conseguia ser bastante desagradável quando queria.

— Você acha que a Terra dos Doces existe? — disse Josh. — Porque eu desencanaria de Fillory na mesma hora por aquele lugar! Com aqueles pântanos de chocolate e tudo mais. E você já *viu* a princesa Pirulita?

— Talvez Fillory não seja real pra você — disse Quentin, meio seco. — Mas é um lugar muito real pra nós. Ou pelo menos pra mim. É onde eu moro. É a minha casa.

— Eu sei, eu sei! Desculpa. Desculpa mesmo. — Poppy enxugou suas lágrimas de riso. — Desculpa. Talvez eu só tenha que ver esse lugar pra entender.

— Talvez.

No entanto, pensou Quentin, você provavelmente nunca verá.

No dia seguinte, os quatro foram para a Cornualha.

Era lá onde ficava a casa dos Chatwins: a casa onde, em 1917, os jovens Chatwins foram morar com sua tia Maude, conheceram Christopher Plover e depois encontraram uma passagem para Fillory, e toda aquela magnífica e desastrosa história começou. Era incrível que aquela casa ainda existisse, intacta depois de todo esse tempo, e que alguém simplesmente pudesse *ir* até lá.

Mas, de certa forma, também era incrível que ele nunca tivesse pensado em ir lá antes. A casa dos Chatwins não era aberta ao público, mas sua localização não era nenhum segredo. Era tudo uma questão de pesquisar nos registros históricos-barras-Wikipédia. Ninguém havia tentado demoli-la. Não era como se alguém fosse reclamar, a não ser os atuais donos e a polícia local. Já era hora de ele ir lá, nem que fosse apenas para conhecer o que era praticamente a área de testes de Trinity dos mitos fillorianos.

Quanto a como chegar até lá, Josh jurou de pé junto que vinha estudando com afinco a criação de portais nos últimos tempos, e tinha certeza de que poderia abrir um para a Cornualha. Quentin perguntou a Josh se ele sabia onde a Cornualha ficava, mas depois reformulou a questão na mesma hora e disse que daria a Josh cem dólares se ele conseguisse responder se a Cornualha ficava na Inglaterra, na Irlanda ou na Escócia. Farejando uma pegadinha, Josh tentou uma abordagem não linear e chutou que era no Canadá.

Mas quando Quentin mostrou a ele onde o lugar ficava no mapa, bem na ponta sudoeste da Inglaterra, Josh reafirmou suas juras – essa porra fica praticamente aqui do lado! Isso aí é na *Europa!* – e entrou em uma conversa técnica muito sofisticada sobre linhas de força magnética e dobramentos astrais. Já era hora mesmo de Quentin perder o hábito de subestimá-lo.

Poppy disse que queria ir também.

— Nunca fui pra Cornualha — disse ela. — Sempre quis conhecer algum falante nativo daquela língua.

— De inglês? — perguntou Josh. — Porque, sabe, talvez eu possa te apresentar alguns.

— De corno, seu besta. É uma língua celta. O que quer dizer que é uma língua nativa da Bretanha, como galês ou bretão. E picto. Antes de tudo ser poluído pelos anglo-saxões e pelos normandos. Essas línguas antigas são muito poderosas. O corno morreu coisa de duzentos anos atrás, mas está voltando com força agora. Pra onde nós vamos exatamente?

Eles ainda estavam sentados em volta da mesa do café, que ao longo da manhã tinha se tornado a mesa do almoço. Xícaras de *espresso* e torres sacolejantes de pratos e talheres foram postas no chão, abrindo espaço para um imenso atlas que Josh trouxe da biblioteca, junto com os livros de Fillory e uma biografia de Christopher Plover.

— É uma cidadezinha chamada Fowey — disse Quentin. — Fica no litoral sul.

— Hm... — disse Poppy, pondo um dedo no mapa. — Nós poderíamos ir por Penzance. Fica a umas duas horas de carro de lá, no máximo.

— Penzance? — perguntou Josh. — Igual naquela ópera, *Piratas de Penzance*? Desde quando esse lugar existe de verdade?

— Olha, gente, eu quero falar uma coisa — disse Poppy. Ela empurrou o atlas e se sentou de volta em sua cadeira. — Se vocês me derem a palavra por um instante... Sim, Penzance existe, sim. É uma cidade. Fica na Cornualha. E é um lugar real, que existe aqui na Terra mesmo. Vocês estão todos tão obcecados por esses mundos fantásticos e tão convencidos de que este aqui é um lixo e que todos os outros lugares são incríveis, mas vocês nunca se deram ao trabalho de ver o que tem por aqui! Porque sabe, Penzance que se dane, até Tintagel existe de verdade!

— Esse é... não era lá que o rei Arthur morava? — perguntou Quentin, hesitante.

— O rei Arthur *morava* em Camelot. Mas ele foi concebido em Tintagel, supostamente. É um castelo na Cornualha.

— Dane-se — disse Josh. — Poppy tem razão, vamos pra lá.

Aquilo era incrível. Quentin nunca havia conhecido uma feiticeira como Poppy. Como alguém com uma mente tão literal, sem absolutamente nenhum interesse por qualquer coisa além da realidade mundana, conseguia operar a magia?

— Sim, mas olha só... — disse Quentin. — A verdade é que o rei Arthur provavelmente não foi concebido em Tintagel. Porque ele provavelmente nunca existiu. Ou, se existiu, deve ter sido só um chefe guerreiro picto deprimente que vivia matando pessoas, torturando uns coitados naquelas rodas de madeira e estuprando as viúvas deles. Ele provavelmente morreu de peste aos trinta e dois anos. Sabe, esse é o meu problema com o mundo real, se você realmente quer saber. Tenho certeza de que quando você diz que o rei Arthur “existiu”, você não está falando do rei Arthur dos livros. Esse cara não foi o bom rei Arthur. Mas em Fillory – e você pode até achar isso hilário, Poppy, mas é verdade –, existem reis de verdade, que não são só uma farsa. E eu sou um deles. E lá também existem unicórnios, pégasos, elfos, anões e tudo mais.

Ele também poderia ter dito que algumas coisas muito ruins que não existem na Terra existiam em Fillory. Mas isso não reforçaria seu argumento.

— Não existem elfos em Fillory — disse Julia.

— Tanto faz! Isso não importa! O que importa é que eu poderia muito bem fingir que não tenho escolha e passar o resto da minha vida aqui mesmo. Eu poderia até ir pra Tintagel. Mas eu tenho escolha, sim, e só tenho uma vida, e se vocês não se importarem, eu quero viver essa vida em Fillory, no meu castelo, curtindo com os anões e dormindo em penas de pégasos.

— Porque é mais fácil — disse Poppy. — E por que não fazer o que é mais fácil? Essa é sempre a melhor escolha, não é?

— Sim, por que não? Por que não?

Quentin não tinha a mínima ideia de por que Poppy o irritava tanto e com tanta eficiência e tamanha precisão. Ele também não sabia por que agora estava soando tanto como Benedict.

— Tá bom, já chega — disse Josh. — Parem. Você fica aqui. Você vai pra Fillory. Todo o mundo fica feliz.

— Claro — entouou Poppy.

Meu Deus, pensou Quentin. Era como conhecer uma nova Janet.

Eles se reuniram duas horas depois na rua estreita atrás do palácio. O prédio tinha feitiços de proteção fortes demais para que um portal fosse aberto lá dentro.

— Pensei em tentar logo ali. — Josh olhou com um ar meio incerto para a rua. — Tem um daqueles microbecos venezianos ali na frente. Ninguém nunca passa por lá.

Nenhum deles tinha uma sugestão melhor. Quentin se sentiu estranho — como se eles estivessem procurando um lugar para tomar um pico, ou transar na rua. Josh os levou por vinte metros rua abaixo, que por si só também não era muito mais do que uma ruela, e então dobrou à esquerda em uma passagem entre os prédios. Mal havia espaço para duas pessoas andarem lado a lado ali. No final desse beco, ficava uma reluzente faixa ensolarada de água: o Grande Canal. O lugar estava deserto, mas Josh não teve tanta razão quando disse que ninguém passava por lá, porque alguém com certeza havia usado aquele canto como mictório não fazia muito tempo.

Aquilo lembrou Quentin de quando ele voltava por um portal para Brakebills no final do verão. Em geral, eles o mandavam para algum beco aleatório e punham o portal nos fundos. Essa memória incandesceu uma brasa de nostalgia em seu peito por uma época na qual ele ainda sabia de tão pouca coisa.

— Vamos ver se eu me lembro bem...

Josh tirou um papel amassado do bolso, onde ele tinha anotado em colunas perfeitas uma série de coordenadas e vetores. Poppy, que era mais alta do que ele, ficou espiando por cima de seu ombro.

— Então, não é uma rota direta — disse ele. — Mas tem uma conexão que a gente pode usar, fica lá no Canal da Mancha, em algum lugar.

— Por que você não vai por Belfast? — disse Poppy. — Todo o mundo faz assim. Depois você volta pelo sul. Na verdade, é um caminho até mais curto pela geometria astral.

— Não, não. — Josh analisou suas anotações, estreitando os olhos. — Desse jeito é muito mais elegante. Você vai ver.

— Só estou falando que se você perder a conexão, nós vamos acabar caindo na água, e não vai ser fácil nadar até Guernsey...

Josh guardou o papel de volta no bolso e assumiu uma postura para preparar o feitiço. Ele recitou as palavras com uma voz baixa e clara, sem ter pressa. Com muito mais confiança do que Quentin se lembrava de que ele tinha, Josh realizou uma série de movimentos simétricos com os braços, passando rapidamente por diversas posições com os dedos. Em seguida, ele endireitou os ombros, curvou os joelhos e enganchou os dedos com firmeza de baixo para cima no ar, como se estivesse se preparando para levantar uma porta de garagem especialmente pesada.

Faíscas voaram. Poppy soltou um gritinho de surpresa e deu um passo atrás de supetão.

Josh endireitou as costas e fez força para cima. A realidade se partiu, e essa fenda pouco a pouco foi sendo aberta, revelando alguma coisa do outro lado – um gramado verde e mais claro, sob um sol mais pálido. Quando metade do portal já estava aberta, Josh parou e sacudiu as mãos, que estavam fumegando. Ele traçou o contorno superior do portal com os dedos, depois os lados – um não saiu muito reto, e ele acabou cortando por acidente um pedaço da parede do beco. Em seguida, ele voltou para a parte de baixo e fez força para abrir o resto do portal.

Quentin ficou olhando para a entrada do beco o tempo todo enquanto isso acontecia. Ele ouviu vozes, mas ninguém apareceu. Josh parou para analisar sua obra. Agora, no meio daquela ensolarada tarde veneziana, havia um retângulo mais frio, de algum jeito até em maior resolução, mostrando um cenário inglês ao meio-dia. Josh puxou a manga da camisa e limpou uma última mancha de Veneza no portal.

— Que tal, hein? — disse ele. — Ficou bom, né? — Sua calça estava cheia de furinhos queimados pelas faíscas.

Todos precisavam admitir que aquele era um ótimo portal.

Eles atravessaram, um de cada vez, com toda cautela – a parte inferior da passagem não estava bem nivelada com o chão, e você podia perder os dedos na borda se não tomasse cuidado. Mas a conexão estava ótima, e ninguém sentiu nada durante a passagem. Aquele era um trabalho de outro nível, pensou Quentin cheio de satisfação, muito diferente dos portais toscos pelos quais eles tinham passado entre os esconderijos.

No final das contas, eles acabaram passando direto por Penzance, e por Belfast também: Josh os levou para um parque público não muito longe do centro de Fowey. Esse tipo de precisão a uma distância tão grande nunca teria sido possível até poucos anos atrás, mas o Google Street View foi uma incrível revolução para a arte e o ofício da criação de portais de longa distância. Josh foi o último a passar, e desfez o feitiço logo em seguida.

Quentin achou que nunca tinha visto nenhum lugar mais emblemático do estilo inglês do que Fowey. Ou talvez do estilo cônico, ele não sabia direito qual era a diferença. Poppy devia saber. De um jeito ou de outro, aquela era uma cidadezinha na boca de um rio também chamado Fowey, que parecia ter saído das ilustrações de Beatrix Potter. O ar estava mais frio e fresco, em comparação ao mormaço do verão em Veneza. As ruas eram estreitas, sinuosas e tão íngremes que ardiavam as canelas. O imenso volume de canteiros floridos nas janelas mais altas quase tampava o sol.

No pequeno gabinete de turismo no centro da cidadezinha, eles descobriram que Fowey na verdade se pronunciava “*Foi*”, e que além do próprio Christopher Plover, a cidade era repleta de ambientações usadas por outros escritores de ficção. A mansão Manderley, de *Rebecca*, o livro de Daphne du Maurier, supostamente ficava ali perto, assim como o Salão do Sapo, de *O vento nos Salgueiros*, de Kenneth Grahame. A casa de Plover ficava a alguns quilômetros da cidade, e agora era administrada pelo Patrimônio Nacional; ela era enorme, e em alguns dias ficava aberta a visitação. A casa dos Chatwins era uma propriedade particular, então não aparecia em nenhum mapa turístico, mas não devia ficar muito longe. Segundo a lenda, e todas as biografias, essa casa ficava logo ao lado da de Plover.

Eles se sentaram em um banco sob o fraco sol inglês, pálido como manteiga clarificada, enquanto Poppy foi alugar um carro – ela era a única deles equipada com identidades válidas e cartões de crédito. (Quando Julia comentou que poderia simplesmente ter roubado um, Poppy olhou para ela com um horror embasbacado.) Ela voltou com um reluzente Jaguar prata – “Quem diria que a gente ia achar um desses aqui na Vila dos Smurfs, hein?”, brincou ela. Eles bateram um rango em um pub e seguiram viagem.

Aquela era a primeira vez de Quentin na Inglaterra, e ele estava maravilhado. Assim que eles subiram a serra e saíram da cidade, alcançando os pastos revirados e irregulares salpicados de ovelhas e entrecortados por densas fileiras de árvores escuras, a paisagem ficou mais parecida com

Fillory do que ele imaginava que qualquer outro lugar na Terra pudesse ser. Até mais do que Veneza. Por que não tinham dito isso a ele? Mas não era verdade, já tinham, sim, ele só não havia acreditado. Poppy, no volante, sorriu para ele pelo retrovisor, como quem diz “Viu só?”.

Talvez ela tivesse razão, ele não tinha dado o devido crédito àquele mundo. Enquanto seguiam viagem pelas estradas estreitas e travessas cercadas de árvores do interior da Cornualha, era como se eles quatro pudessem ser pessoas normais, meros civis. E será que estariam menos felizes assim? Mesmo sem a magia, eles ainda teriam a grama, aquela abençoada solidão rural, a luz do sol passando entre os galhos e o consolo de um carrão caro pelo qual outra pessoa estava pagando. Que tipo de babaca não se contentaria com aquilo? Pela primeira vez na vida, Quentin chegou a considerar seriamente a ideia de que talvez pudesse ser feliz longe de Fillory – não apenas resignado, mas feliz mesmo.

Eles com certeza estavam o mais próximo de Fillory que alguém poderia chegar na Terra. Eles estavam chegando à casa dos Chatwins. Até os nomes dos lugares ali pareciam fillorianos: Tywardreath, Castle Dore, Lostwithiel. Era como se os campos verdejantes de Fillory estivessem escondidos logo atrás daquela paisagem, que era apenas uma fina camada, através da qual era possível vislumbrar outro mundo.

A Cornualha com certeza estava fazendo bem para Julia. Ela parecia quase alegre. Ela era a única com o dom de não enjoar enquanto lia no carro, então enquanto eles seguiam viagem, ela folheou os livros de Fillory, marcando certas passagens com adesivos e lendo outras em voz alta. Ela estava compilando uma lista de todas as diferentes formas com as quais os Chatwins tinham ido para Fillory: um guia prático de viagem para deixar aquele mundo para trás.

— Em *O mundo atrás das paredes*, Martin foi pelo relógio de pêndulo, e Fiona também. No segundo livro, Rupert foi pela escola onde estudava, então isso não nos adianta muito, e acho que Helen também, mas não estou achando essa parte. Em *A floresta voadora*, eles conseguiram ir subindo em uma árvore. Talvez essa seja nossa melhor chance.

— É, a gente não teria que invadir a casa — disse Quentin. — E não é nada apertado como o relógio.

— Exatamente. E em *O mar secreto*, eles usam uma bicicleta mágica, então vamos ficar de olho nisso também. Talvez tenha uma garagem ou um galpão lá com coisas antigas dentro.

— Vocês têm noção de que os fãs já devem ter limpado esse lugar há muito tempo, né? — disse Josh. — Com certeza não somos os primeiros a ter essa ideia.

— Depois, em *A duna errante*, Helen e Jane foram para Fillory enquanto pintavam em um campo em algum lugar aqui perto. Isso me parece um tiro no escuro, mas se precisarmos, podemos voltar a Fowey para comprar telas, tintas e tudo mais. E é isso.

— Na verdade, não. — Sinto muito, mas ninguém desbancava Quentin quando o assunto era Fillory, nem mesmo Julia. — Martin conseguiu voltar em *A floresta voadora*, no final, por mais que Plover nunca tenha explicado como. E tem um livro que você não leu, *Os magos*, que é a história de Jane, em que ela volta a Fillory pra procurar Martin. Ela usou os botões mágicos, que encontrou no poço, onde Helen jogou uma caixa inteira deles. Jane só usou um pra voltar, então pode ter mais deles por aí.

Julia se virou para ele.

— Como você sabe disso?

— Porque eu falei com ela. Com Jane Chatwin. Foi em Fillory. Quando ainda estava me recuperando depois que enfrentamos Martin. Depois que Alice morreu.

Um silêncio dominou o carro, quebrado apenas pelo barulhinho da seta enquanto Poppy virava em uma bifurcação na estrada. Julia encarou Quentin com seus olhos vazios indecifráveis.

— Às vezes eu me esqueço de todas as coisas pelas quais você passou — disse ela por fim, e então virou seu rosto para a frente.

Eles levaram apenas 45 minutos para encontrar a casa de Plover, também conhecida como Casa Darras, que provavelmente tinha sido construída longe de tudo, mas agora ficava ao lado de uma estrada de duas pistas muito bem cuidada. Poppy parou do outro lado. Não havia acostamento, e o Jaguar ficou inclinado em um ângulo perigoso.

Os quatro desceram e atravessaram a estrada. Não havia nenhum outro carro passando. Eram umas três e meia da tarde. A propriedade era cercada por uma imponente parede de pedra, e o portão emoldurava, com uma perfeição arquitetônica quase pedante, a vista para a majestosa casa de campo georgiana, instalada ao fundo em um terreno em perfeito estado de conservação. A Casa Darras era uma daquelas casas retangulares inglesas feitas de pedras cinzentas que devia ter sido construída conforme alguma

teoria maluca do século XVIII sobre simetrias e dimensões ideais e proporções perfeitas.

Quentin sabia que Plover era rico – ele já tinha feito uma fortuna nos Estados Unidos, vendendo produtos têxteis, seja lá quais fossem eles, antes de vir para a Cornualha e escrever os livros de Fillory –, mas a escala de tudo aquilo ainda era impressionante. Nem parecia uma casa, e sim um penhasco com um monte de janelas.

— Caramba — disse Josh.

— Pois é — concordou Poppy.

— É difícil imaginar alguém vivendo sozinho aí — comentou Quentin.

— Ele provavelmente tinha empregados.

— Será que ele era gay?

— Cara, totalmente — disse Josh.

Havia uma placa no portão, CASA DARRAS/FAZENDA PLOVER, junto com uma tabela de horários, passeios e preços de entrada. Outra plaquinha azul apresentava uma biografia resumida de Plover. Era quinta-feira, e a casa estava aberta. Um pássaro preto enorme arquejou alto entre os arbustos.

— E aí, vamos entrar? — perguntou Poppy.

Ele tinha pensado que sim, achando que poderiam encontrar alguma coisa interessante, só para depois dizer que tinham conhecido a casa. Mas agora que estavam ali, o lugar parecia vazio. Nada ali chamava sua atenção. Plover nunca tinha ido a Fillory. Ele só havia escrito os livros. A magia estava em outro lugar.

— Não — disse ele. — Acho que não.

Ninguém discordou. Eles poderiam voltar amanhã. Se ainda estivessem na Terra.

Eles cruzaram a estrada de volta e abriram o mapa sobre o capô do carro. A localização exata da casa onde os Chatwins ficaram perto de Fowey era um assunto controverso, mas não muito. Havia um número limitado de lugares onde ela poderia estar. Os livros de Plover eram repletos de encantadoras descrições de como os jovens Chatwins, sozinhos ou juntos, saíam correndo, pulando e pedalando da casa de sua tia Maude para visitar seu amado “tio” Christopher. Segundo relatos, Plover tinha até um pequeno portão especial na parede que separava uma casa da outra para que eles passassem.

Eles tinham trazido duas biografias de Plover, uma era uma branda hagiografia dos anos cinquenta, autorizada pela família, e a outra, uma contundente obra psicanalítica e reveladora do começo dos anos noventa que dissecava a complexa e “problemática” sexualidade de Plover, que era simbolicamente dramatizada nos diversos livros de Fillory. Eles decidiram se focar nessa. Ela tinha pistas geográficas melhores.

Eles sabiam que a casa dos Chatwins ficava na Darrowby Lane, o que já ajudava, mas os córnicos eram ainda mais avessos às placas de sinalização do que os venezianos. Por sorte, Poppy acabou revelando ter um grande talento para esse tipo de navegação especulativa pelo campo. No começo, eles até acharam que ela devia estar usando algum tipo de feitiço geográfico avançado, até Josh perceber que ela só estava com um iPhone no colo mesmo.

— Sim, mas eu usei um feitiço pra fazer o *jailbreak* — disse ela.

Era fim de tarde, e eles já tinham percorrido o que pareciam ser centenas de estradinhas rurais verdejantes ao melhor estilo de *Uma grande aventura*, enlouquecedoramente não demarcadas e indistinguíveis, e o céu estava ficando azulado quando por fim identificaram um terreno como o mais provável candidato, em uma rua estreita que com certeza não se chamava Darrowby, e que até onde eles podiam ver, não tinha nenhuma conexão com a enorme propriedade de Plover.

O terreno não tinha parede ou portão, apenas uma entrada de cascalho que se curvava até os fundos em meio às árvores do fim do verão. Um poste quadrado de pedra logo ao lado tinha uma placa onde estava escrito ENTRADA PROIBIDA. Não dava para ver a casa dali.

Julia então leu a seguinte passagem relevante de *O mundo por trás das paredes*:

A casa era imensa – com três andares, uma fachada feita de tijolos e pedras, enormes janelas e um sem-número de lareiras, sofás, escadarias curvas e outras vantagens que a casa dos Chatwins em Londres não tinha. Entre essas vantagens, estava o vasto terreno em volta da casa, que incluía longas ruelas retas, caminhos de cascalho branco e belos canteiros de grama verde-escura.

Tempos atrás, Quentin provavelmente poderia ter recitado esse trecho de memória junto com ela.

Quentin se sentou no carro e olhou para o outro lado da estrada. Ele não conseguia ver lá muitos sinais de nada tão fantástico assim por ali. Também não era como se aquele lugar tivesse uma cara de “portal para outro mundo”. Ele tentou imaginar os Chatwins chegando ali pela primeira vez, os cinco irmãos espremidos no banco de trás de algum protocolhambeque preto, algo mais próximo de uma carruagem do que de um carro, e com uma quantidade considerável de genes de locomotiva em seu DNA, com as bagagens amarradas no porta-malas por cordões e tiras vitorianas de couro. Eles deviam estar mergulhados em um silêncio funesto, resignados com seu exílio de Londres. A mais jovem, Jane, com seus cinco anos, a futura Relojoeira, deitada no colo de sua irmã mais velha como se fosse um sofá-cama, perdida em uma névoa de saudade do pai e da mãe, que estavam respectivamente lutando na Primeira Guerra Mundial e internada em uma pomposa casa de repouso. Martin – que cresceria para se tornar o monstro que matou Alice – mantendo sua compostura para o bem dos mais novos, com sua tenra mandíbula jovem repuxada com um amargo ar de determinação pré-adolescente.

Eles eram tão jovens, inocentes e cheios de esperança, e encontraram algo mais incrível do que poderiam sequer ter sonhado, e aquilo destruiu a vida de todos eles.

— Então, o que vocês acham? — perguntou ele. — Julia?

— É aqui.

— Tudo bem. Eu vou entrar. Vou dar uma olhada lá.

— Eu vou também — disse Poppy.

— Não — rebateu Quentin. — Quero ir sozinho.

Para sua surpresa, aquilo funcionou. Ela não saiu do lugar.

Ficar invisível parecia ser simples em teoria, mas na prática, era muito mais difícil do que você poderia imaginar. Alguns já tinham conseguido, mas era um feitiço que exigia anos de uma meticulosa autoanulação para ser dominado, e depois, era praticamente impossível ser desfeito; mais do que tudo, você nunca tinha como saber com certeza se havia reformulado sua forma visível com total precisão. Você acabava voltando como um mero retrato de si mesmo. A melhor alternativa que Quentin conhecia para isso era algo similar a uma camuflagem protetora animal. Se você parasse na frente de um arbusto, seu corpo ficava verde e cheio de folhas. Se você não saísse correndo ou pulando por aí, os olhos de um observador tendiam a

passar batido por você. Em tese. Se a luz não estivesse muito boa. Ele fechou a porta do carro com uma batida forte em meio ao silêncio e pôde sentir os olhos dos outros em suas costas enquanto atravessava a estrada.

Havia alguma coisa em cima do poste de pedra: botões. Havia outros espalhados ali em volta pela grama também. Botões grandes, pequenos, perolados, de casco de tartaruga. Devia ser um ritual dos fãs. Quem ia até lá deixava um botão, como aquelas pessoas que deixam baseados no túmulo do Jim Morrison.

Ainda assim, ele parou e tocou em cada um deles, um de cada vez, só para se garantir de que nenhum era genuíno.

O feitiço de camuflagem era incrivelmente rudimentar. Ele pegou uma folha de carvalho grande e lustrosa, tirou uma lasca do casco de uma árvore, arrancou uma folhinha da grama rala e apanhou um pedregulho de granito na borda da estrada. Ele entoou um encantamento rimado em francês sobre os itens, cuspiu em cima e – ah, a glamorosa vida de um feiticeiro moderno – depois guardou tudo no bolso.

Para o alto e avante! Ele ignorou a entrada de cascalho e seguiu em frente entre as árvores por cinco minutos, até deixá-las para trás e se ver de frente para a casa da tia Maude Chatwin.

Era como se ele estivesse olhando para o passado. A entrada de cascalho nada promissora era só uma distração, um desvio. A casa era mesmo imensa; provavelmente até digna do adjetivo magnífica, se eles não tivessem acabado de vir da mansão de Plover. Mais perto da casa, a trilha de cascalho se condensava, transformando-se em uma pista mais concisa, que se dividia em dois e formava um círculo com uma fonte modesta, mas ainda funcionando, no centro. Três fileiras de janelas adornavam a fachada, e o telhado de pedras cinzentas era tomado por uma linda profusão de chaminés e cumeeiras.

Até então, Quentin nem sabia o que esperar. Uma ruína, talvez, ou uma horrenda fachada, fruto de alguma reforma modernista. Mas a casa dos Chatwins estava perfeitamente conservada e restaurada, e os jardins pareciam ter sido podados naquela manhã mesmo. Aquela casa era tudo o que Quentin esperava, a não ser por uma única coisa. Ela não estava vazia.

Aquele jardim bem-cuidado estava cheio de carros. Eram belos carrões que faziam o Jaguar alugado parecer tosco. Uma luz amarelada emanava dos andares mais baixos, perdendo-se em meio ao suave crepúsculo, ao som

de uma seleção antiga bem escolhida e em um volume não exagerado dos Rolling Stones. Seja lá quem morasse naquela casa, estava dando uma festa.

Quentin ficou parado no jardim, olhando lá para dentro, enquanto um pequeno grupo de mosquitos noturnos começava a se reunir em volta de sua cabeça. Aquilo parecia um sacrilégio – ele queria entrar ali e pôr todo mundo para fora, como Jesus quando expulsou os vendilhões do templo. Aquele era o ponto zero da literatura fantástica do século XX, o lugar onde a Terra e Fillory se tocaram pela primeira vez como duas bolas cósmicas de bilhar. Em meio à conversa lá dentro, um alarido irrompeu, e uma mulher gritou e depois começou a rir sem parar.

Mas, vendo pelo lado positivo, aquilo seria uma bela vantagem tática. A festa estava tão agitada que eles poderiam se misturar sem problemas, especialmente as meninas. Eles não teriam de se infiltrar na casa, bastaria entrar pela porta da frente mesmo. Na cara dura. Depois, quando qualquer suspeita já tivesse sido dissipada, eles poderiam se aventurar nos andares de cima para ver o que poderiam achar. Ele voltou até o carro para chamar os outros.

Eles encontraram um espaço para o carro no jardim. Não seria muito difícil acreditar que eles eram mesmo um grupo de jovens indo a uma festa. Quentin tinha investido em roupas muito bacanas em Veneza, uma cortesia do cartão de crédito ilimitado de Josh.

— Se alguém perguntar, digam que vocês são amigos do John.

— Boa, boa. Cara, você não vai...? — Josh apontou para Quentin.

Ah, claro. Provavelmente seria melhor não chegar à festa parecendo uma pilha de esterco. Ele desfez o feitiço de camuflagem. Ao cruzar a soleira da porta, Quentin fechou os olhos só por um instante. Ele se lembrou da pequena Jane Chatwin, ainda viva e vagando pelo mundo. Talvez ela também estivesse naquela festa.

Josh foi direto até o bar.

— Cara! — resmungou Quentin baixinho. — Estamos numa missão.

— Somos agentes disfarçados. Só estou encarnando o personagem.

Por mais que fosse uma festa na casa de Maude Chatwin, aquela também era só uma festa como outra qualquer. Havia pessoas bonitas e pessoas não tão bonitas, pessoas bêbadas e pessoas sóbrias, pessoas que não estavam nem aí para o que os outros pensavam e outras encostadas nos cantos com medo de abrir a boca para não chamar a atenção.

Apesar do suposto disfarce, Josh se revelou um típico norte-americano pedindo ao garçom uma cerveja. Ele depois acabou pegando um coquetel de frutas, que tomou com um ar de surpresa e decepção. Mas ele e Poppy logo se enturmaram entre os outros convidados com tanta facilidade e maestria que Quentin ficou até espantado. Ele sempre se surpreendia ao ver pessoas assim, sociáveis de verdade. Seus cérebros pareciam gerar com toda naturalidade um repertório inesgotável de coisas para dizer, sem nenhum esforço, simplesmente do nada. Esse era um truque que Quentin nunca havia aprendido a fazer. Como um jovem norte-americano e solteiro entre estranhos britânicos, ele se sentiu intrinsecamente desconfiado. Ele fez o que pôde para se integrar em pequenos grupos e fingir interesse com toda educação enquanto ouvia pessoas que na verdade não estavam falando diretamente com ele.

Julia encontrou uma parede onde apoiar suas costas magras e assumiu um decoroso ar enigmático. Só um homem tentou abordá-la, um sujeito alto com cara de folgado e um projeto de barba, no qual ela deu um fora tão inequívoco que ele até precisou sair para remediar seu orgulho ferido comendo alguns sanduíches de pepino. Depois de meia hora disso, Quentin já se sentiu mais confortável para dar início a uma lenta caminhada até a escada – não a grandiosa escadaria de estilo antigo da frente, mas sim a escada mais discreta nos fundos da casa. Ele chamou a atenção de cada um dos outros, um a um, e acenou a cabeça. Eles estavam só procurando um banheiro? Todos os quatro? Era uma pena que eles não tivessem trazido nenhum tipo de droga; isso já renderia uma desculpa muito melhor.

A escada subia em um ziguezague estreito até o segundo andar, um labirinto silencioso e escuro de paredes brancas e pisos de madeira. O alarido da festa ainda continuava perfeitamente audível, mas abafado agora, como as ondas do mar quebrando ao longe. Havia alguns jovens por ali também, encostados pelos corredores e entrando e saindo dos quartos, rindo de um jeito meio histérico demais, metidos em algum jogo do qual ninguém sabia as regras, e se sentando em seus casacos quando se cansavam; os típicos grupos de amigos descartáveis forçados que existem nas margens de todas as festas de adultos.

O mundo por trás das paredes estava longe de ser um manual prático, e era irritante o quanto suas menções à exata localização do famoso relógio eram vagas. “Em um corredor dos fundos de um dos andares de cima” era o máximo de detalhe oferecido por Plover. Talvez eles devessem se separar,

mas isso violaria o ensinamento básico de qualquer filme já feito. Quentin ficaria com medo de que os outros acabassem indo para Fillory sem ele, deixando-o para trás no mundo real como em uma brincadeira de esconde-esconde onde todos já foram embora.

Seja lá quem morasse ali agora não usava o andar de cima, que não havia sido restaurado como o resto da casa. Outro golpe de sorte. Eles ainda nem tinham refeito o piso – que já havia perdido o verniz, e as paredes estavam cobertas de papel de parede velho, com pedaços de outro papel de parede ainda mais antigo aparecendo em alguns buracos. O pé direito era baixo. Os quartos estavam cheios de móveis quebrados e que não combinavam, cobertos com lençóis. Quanto mais se intensificava o silêncio, mais real Fillory começava a parecer. Aquele mundo mágico parecia estar escondido nas sombras, embaixo da cama, atrás do papel de parede, no canto de seu olho, só esperando para ser encontrado. Dali a dez minutos, eles poderiam estar de volta ao *Muntjac*.

Aquele era o lugar certo. Era ali onde os Chatwins brincavam, onde Martin desapareceu, onde Jane cresceu, onde toda aquela terrível fantasia tinha começado. E ali, naquele corredor, no corredor dos fundos – como estava escrito, como previsto pela profecia –, eles encontraram um relógio de pêndulo.

Era um relógio monstruoso, com uma face grande e robusta de latão orbitada por quatro discos menores que marcavam os meses, as fases da lua, os signos do zodíaco e sabe-se lá mais o que, tudo emoldurado em uma madeira escura simples e sem entalhes. Seus mecanismos deviam ser diabolicamente complexos, praticamente um supercomputador do século XVIII. Ele era feito com a madeira de uma árvore do pôr-do-sol filloriana, segundo o livro, que perdia sua reluzente folhagem alaranjada todo dia ao crepúsculo, enfrentava uma noite invernal sem folhas, e depois ganhava uma nova copa verdejante ao amanhecer.

Quentin, Julia, Josh e Poppy pararam ali em volta. Era como se eles estivessem em uma encenação de um livro de Fillory – não, eles estavam fazendo parte mesmo de um, de um novo volume, e eles estavam escrevendo aquela história juntos. O pêndulo estava parado. Quentin não sabia se a conexão ainda estava ativa, ou se teria se perdido depois de ser usada pelos Chatwins. Ele não estava sentindo nada. Mas tinha que funcionar, ele daria um jeito de fazer funcionar. Ele iria voltar para Fillory nem que precisasse se enfiar em cada móvel da porra daquela casa.

Ainda assim, a passagem era bem apertada. Talvez ele pudesse encolher bem a barriga e se espremer de lado. Não era bem assim que ele tinha planejado seu triunfante retorno a Fillory, mas àquela altura, ele aceitaria qualquer coisa que funcionasse.

— Quentin — disse Josh.

— Diga.

— Quentin, olhe pra mim. — Ele teve que se esforçar para tirar os olhos do relógio. Mas quando conseguiu, viu Josh o olhando com uma seriedade nada característica. Era uma seriedade daquele Novo Josh. — Você sabe que eu não vou com você, né?

Ele sabia, sim. Ele só tinha se deixado esquecer em meio a toda a empolgação. As coisas agora eram diferentes. Eles não eram mais moleques. Josh tinha sua própria história.

— Sim — disse Quentin. — Acho que sei, sim. Obrigado por ter vindo até aqui. E você, Poppy? É uma chance única.

— Obrigada por me convidar. — Ela parecia estar sendo sincera, para responder à altura da oferta. Ela até pôs a mão no peito. — Mas já tenho minha vida aqui. Não posso ir pra Fillory.

Quentin olhou para Julia, que tinha tirado os óculos escuros por causa da escuridão no andar de cima. *Só eu e você, menina*. Juntos, eles deram um passo à frente. Quentin ficou de joelho no chão. O clamor de sua iminente partida trovejou em seus ouvidos.

Assim que chegou mais perto, ele percebeu que aquilo não ia funcionar. O relógio estava parado, mas mais do que isso, ele parecia concreto demais. Era só um relógio e nada mais – um mero aglomerado bruto e mundano de madeira e metal. Quentin virou a pequena maçaneta, abriu a portinha de vidro e olhou para o impotente pêndulo lá dentro, entre sinetas e outras pecinhas de latão. No fundo, ele até já tinha desistido.

Estava escuro ali dentro. Ele esticou a mão e bateu com os nós dos dedos no fundo.

Nada. Ele fechou os olhos.

— Droga — disse ele.

Tudo bem. Ainda havia esperanças. Eles podiam tentar subir nas árvores. Ainda que subir em uma árvore naquele momento fosse literalmente a última coisa que ele queria fazer.

— Você está fazendo errado, sabe.

Todos se viraram ao mesmo tempo. Aquela era a voz de uma criança, de um garotinho. Ele estava na ponta do corredor, de pijama, olhando para eles.

Ele devia ter uns oito anos.

— O que eu estou fazendo de errado? — perguntou Quentin.

— Você tem que pôr o relógio pra funcionar antes — disse o menino. — É o que diz no livro. Mas ele está quebrado, eu já tentei.

Ele tinha belos cabelos castanhos desgrenhados e olhos azuis. Seria difícil encontrar um garotinho mais britânico do que aquele, até com aquele jeitinho empolado de falar. Ele parecia ter sido clonado a partir das lascas de unha do menino Cristóvão do Ursinho Puff.

— A mamãe vive dizendo que vai mandar pro conserto, mas nunca manda. Já subi nas árvores também. E pintei um quadro. Pintei vários na verdade. Cês querem ver?

Todos olharam para ele. Ao não ver nenhum sinal de rejeição, ele se aproximou com os pés descalços. Ele tinha aquele sinistro ar de jovial autocontrole que algumas crianças britânicas têm. Só de olhar, você já percebia o quanto ele estava precisando de alguém para brincar.

— Até já fiz a mamãe me empurrar por aí num carrinho antigo que a gente encontrou na garagem — e ele disse “garagem” daquele jeitinho todo inglês. — Não é a mesma coisa que uma bicicleta, mas eu tinha que tentar.

— Entendi — disse Quentin. — Digo, eu entendo por que você fez isso.

— Mas a gente pode continuar procurando — disse ele. — Eu acho legal. Meu nome é Thomas.

Ele até estendeu sua mãozinha para Quentin, como um pequenino embaixador alienígena. Pobre menino. Não era culpa dele. Ele devia ser tão cronicamente negligenciado pelos pais que precisava abordar convidados aleatórios nas festas em busca de atenção. Quentin se lembrou de Eleanor, a garotinha da Ilha Distante.

Mas o pior de tudo era que Quentin ia entrar na dele, e pelos motivos errados. Ele pegou a mãozinha do menino. Não era porque ele estava com dó de Thomas, embora até estivesse. Era só que Thomas seria um valioso aliado. Os adultos nunca iam para Fillory sozinhos, pelo menos não sem um botão mágico. Eram sempre as crianças. O que ele precisava, percebeu Quentin, era de um guia nativo para servir como isca. Talvez se ele deixasse o jovem Thomas andar na frente um pouco, como um cão pela floresta, ele

acabaria encontrando um ou outro portal. Ele iria usar Thomas só para agitar a água.

— Me arranja uma bebida — pediu Quentin a Josh, enquanto Thomas o puxava para longe dos outros. Enquanto passavam, Quentin pegou a mão de Poppy com firmeza. O trem da desgraça estava saindo da estação, e Quentin não queria seguir viagem sozinho.

Eles acabaram descobrindo, com bem pouco esforço por parte de Quentin ou Poppy, para sua surpresa, que os pais de Thomas tinham comprado aquela casa dois anos atrás dos filhos de Fiona Chatwin; por alguma conexão que Quentin não entendeu direito, o próprio Thomas e seus pais eram parentes distantes de Plover. Talvez isso explicasse de onde tinha vindo tanto dinheiro. Thomas disse que ficou muito empolgado quando soube da notícia. Todos os seus amiguinhos na escola morreram de inveja! Thomas agora tinha amigos totalmente novos, claro, porque antes ele morava em Londres, e agora estava na Cornualha. Mas seus amigos ali eram muito mais legais, e ele só sentia falta de Londres quando se lembrava do recinto de floresta tropical do zoológico da cidade. Você já foi ao zoológico de Londres, Quentin? Se você pudesse escolher, iria preferir ser um leão-asiático ou um tigre-de-sumatra? E você sabia que existe um macaco chamado macaco-do-peito-amarelo? Não tinha problema em falar “peito” assim, porque é uma raça de macaco de verdade. E você não concorda que, em certas circunstâncias extremas, o assassinato de crianças é totalmente justificável, eticamente falando?

Puxados pela Locomotiva Thomas, eles vasculharam o lugar. Juntos, os três fizeram uma revista íntima em todos os cantos do andar de cima, incluindo armários e sótãos. Eles deram sete ou oito voltas pelo enorme quintal atrás da casa, dedicando atenção especial a tocas de roedores, árvores sinistras e arbustos grandes o bastante para que algum adulto pudesse entrar. Enquanto isso, Josh providenciou uma linha de abastecimento de gim-tônica, entregando os drinques a Quentin sempre que ele passava por perto, como um torcedor de uma maratona dando Gatorade para um atleta.

Podia ter sido pior. A vista do terraço dos fundos era ainda mais grandiosa do que a da frente. Uma bela mansão inglesa havia sido entalhada à força em meio ao rústico interior da Cornualha, contando até com uma piscina retangular cheia de água parada que, graças aos artifícios de algum paisagista, não havia ficado totalmente anacrônica. Adiante, uma paisagem

digna dos quadros de John Constable se estendia ao longe, com colinas verdes, campos amarelados de feno e pequenos vilarejos, tudo se dissolvendo em meio à viscosa luz dourada de um pôr-do-sol britânico.

Thomas gostou de receber atenção. E Poppy – Quentin tinha que dar o braço a torcer – levou tudo heroicamente na boa. Ela não tinha nada a ver com aquilo, mas entrou na dança sem reclamar. Ninguém poderia acusá-la por falta de disposição. Além de tudo, ela era melhor do que ele com aquele tipo de coisa, calejada após anos nas trincheiras do árduo ofício de ser babá.

Tudo acabou, previsivelmente, no quarto de Thomas. Lá pelas dez e meia, até Thomas, com sua colossal jovem sede de viver, não estava aguentando mais nem um segundo de Caça a Fillory. Todos eles se sentaram ou se deitaram no tapete de lã com as cores do arco-íris no chão. O quarto era enorme, um pequeno reino só para Thomas. Havia até uma segunda cama, no formato de um foguete espacial, como um cruel lembrete de sua condição de filho único e das incríveis festinhas do pijama que ele não estava curtindo. Josh e Julia chegaram pouco depois. A bagunça continuava a todo vapor no andar de baixo, noite adentro, descambando agora de um simples coquetel para uma festa-*festa* mesmo.

Eles deviam ir embora, claro. Àquela altura, Thomas, que antes tinha sido o importunador, agora estava sendo o importunado. Talvez Josh tivesse razão, eles poderiam tentar ir a Stonehenge. Mas não antes de sugar aquela possibilidade até a última gota.

Então eles partiram para outros jogos. Eles disputaram partidas de jogo do mico, rouba-monte e Ligue 4. Depois, vieram os jogos de tabuleiro, Detetive, Banco Imobiliário e Jogo da Vida, até Thomas ficar cansado e eles, bêbados demais para seguir as regras. Eles reviraram ainda mais o armário de brinquedos de Thomas, voltando mais e mais na infância do menino, à procura de jogos matematicamente tão simples que mal podiam ser chamados de jogos, uma vez que não tinham quase nenhum elemento estratégico: Super Trunfo, Cobras e Escadas, Terra dos Doces e, por fim, Bê-A-Bá do Mar, um jogo de alfabeto muito simples que parecia ter como seu principal objetivo vencer a discussão pré-jogo para decidir quem iria ser o golfinho. Depois disso, todo o resto era só uma questão de sorte, e de andar pelas casas com peixes cartunescos.

Quentin tomou um gole de gim-tônica morna e choca. Aquilo tinha um gosto de derrota. Era assim que os sonhos morriam, em uma confusão de pecinhas plásticas coloridas de jogos de tabuleiro, no andar de cima de uma

festa ruim. Eles continuariam tentando, batendo em todas as portas que pudessem imaginar, mas pela primeira vez, sentado ali com suas pernas esticadas e as costas apoiadas no encosto da cama espaçonave, Quentin pensou seriamente na possibilidade de nunca mais voltar a Fillory. Provavelmente séculos já teriam se passado por lá mesmo. As ruínas de Whitespire deviam estar se dissolvendo sob a chuva, e suas pedras brancas amolecendo como cubos de açúcar, cobertos de musgo verde, em frente a uma baía agora sem nome. Os túmulos do rei Eliot e da rainha Janet já deviam estar perdidos entre ervas daninhas, com árvores-relógio crescendo sobre suas sepulturas gêmeas. Talvez ele fosse lembrado por lá como uma lenda, rei Quentin, o Desaparecido. O Antigo e Futuro Rei, como o rei Arthur. Só que, ao contrário do rei Arthur, ele nunca iria voltar de Avalon. E seria apenas o Antigo Rei.

Bom, pelo menos aquele era um lugar adequado para esse fim, a casa dos Chatwins, onde tudo havia começado. A primeira porta. O mais engraçado era que, mesmo estando no fundo do poço, ele sinceramente não poderia dizer que aquilo era de todo mau. Ele tinha seus amigos, ou pelo menos alguns. Eles tinham a fortuna de Josh. Eles ainda tinham a magia, e bebidas, sexo e comida. Eles tinham tudo. Ele se lembrou de Veneza, e do belo cenário verdejante da Cornualha pelo qual eles tinham acabado de passar. A Terra tinha muito mais a oferecer do que ele achava. Do que diabos ele poderia reclamar?

“Foda-se tudo” era a resposta. Um dia, ele ainda teria uma casa assim também, e um filho como Thomas, que dormiria profundamente com as luzes acesas e seus bracinhos erguidos sobre a cabeça no travesseiro, como um maratonista cruzando a faixa de chegada em seus sonhos. Ele e alguma bela e talentosa sra. Quentin (quem? Poppy? claramente não) se casariam, e Fillory se esvairia como o devaneio que no fundo era. E daí se ele não fosse mais um rei? Foi maravilhoso enquanto durou, mas aquilo era a vida real, e ele a aproveitaria ao máximo como qualquer outra pessoa. Que tipo de herói seria ele, se não conseguisse fazer isso?

Julia chutou o pé de Quentin. Por um acordo tácito, todos eles estavam levando a sério o projeto de terminar a partida de Bê-A-Bá do Mar, e era a vez dele. Ele girou a roda e andou duas casas, que eram ondinhas. Josh, que era a baleia, estava na frente, mas Julia (a lua) estava dando um gás, deixando Poppy (o peixinho) e Quentin (a água-viva) para trás em uma

distante luta pelo terceiro lugar. Agora era a vez de Josh. Ele caiu em uma casa onde precisava imitar um bicho para que os outros adivinhassem.

— Crá! — disse Josh. — Crá! Crá!

— Gaivota — disseram todos em uníssono. Era como a época em que eles tinham sido gansos. Josh girou a roda de novo. Julia arrotou.

Quentin se esparramou atrás das costas quentes de Poppy, sobre aqueles travesseiros de uma indescritível maciez perfumada. Daquele ponto de vista, era possível ver que Poppy estava usando um fio-dental. A cama não parecia totalmente estável. Toda a bebida estava começando a bater. Ele ainda não sabia se aqueles enjoos iriam passar sozinhos ou ganhar ainda mais força para castigá-lo por seus vários erros. Bom, isso o tempo com certeza iria dizer.

— Crá! — disse Josh.

— Chega, cara — disse Quentin.

— Crá! Crá!

— Uma gaivota! Eu já disse, uma gaivota!

A luz fez seus olhos arderem. Estava claro demais no quarto de Thomas. Bom, chega de beber por hoje. Quentin se levantou.

— Eu sei, cara — disse Josh. — Eu já ouvi.

— Crá!

O grasnado não parou, nem seus enjoos. A cama com certeza estava em movimento, não bem girando, mas balançando levemente. Todos eles ficaram paralisados.

Poppy foi a primeira a reagir.

— Não brinca! — Ela pulou para fora da cama e caiu na água. — Caramba! Não brinca!

O sol estava quente no alto do céu. Um albatroz curioso estava voando em círculos sobre eles, grasnando suas respeitosas indagações.

Quentin ficou de pé na cama.

— Meu Deus! Nós conseguimos. Nós conseguimos!

Eles tinham conseguido. Não era o fim, estava tudo prestes a começar de novo. Ele abriu bem os braços sob aquela claridade e deixou o calor do sol banhar seu rosto. Ele tinha nascido de novo. Julia estava olhando para os lados e chorando sem parar, como se seu coração fosse pular para fora da boca. Eles tinham voltado. O sonho era real de novo. Eles estavam à deriva em alto mar em Fillory.

LIVRO III

CAPÍTULO 17

— **T**homas vai ficar tão decepcionado — disse Poppy. — Ele não viu nada.

Ela estava sentada com um ar abatido em um paiol de velas no convés do *Muntjac*, enrolada em um cobertor rústico do barco. Seus cabelos encaracolados estavam escorridos, encharcados com a água do mar. Ela tinha tentado sair nadando, de volta para a Terra, de volta para o quarto do garotinho Thomas, mas quando viu que não tinha chance nenhuma, nadou de volta até a cama, e eles a puxaram do mar, toda ensopada, e ficaram esperando para ser resgatados. Poppy era uma ótima nadadora, muito desenvolta na água, o que por algum motivo não foi nenhuma surpresa.

A cama, mesmo sendo uma cama de alta qualidade, feita com porcentagem razoável de madeira maciça autêntica – os pais de Thomas não haviam poupado despesas –, funcionou mediocrementemente bem como uma balsa e começou a afundar com rapidez, conforme os lençóis e depois o colchão foram se encharcando e perdendo a flutuabilidade. Josh se sentou com todo o seu peso nela, resignado e de pernas cruzadas, como um Buda naufragando com seu barco, enquanto a cama submergia pouco a pouco, e a água fria do mar lambia seus joelhos.

Mas, àquela altura, o *Muntjac* já estava à vista, cruzando com leveza as ondas em direção a eles, enquanto a força de uma brisa fresca o inclinava em um ângulo arrojado. As velas – as velas dele, as velas de Quentin, com o cordeiro azul-claro de Fillory – estavam estufadas com majestosas curvas.

A potência daquela visão, a cor, a solidez e concretude de tudo aquilo, eram empolgantes quase até demais. Um pequenino marinheiro já estava no parapeito do barco como um bonequinho articulado, apontando para eles.

Quentin não duvidara nem por um segundo de que o *Muntjac* estaria lá. Ele parecia estar há anos sem ver aquele barco. Eles estavam chegando para levá-lo de volta para casa.

Enquanto a embarcação se aproximava, ele teve um instante de preocupação: e se de fato séculos já tivessem se passado, e se Eliot e Janet estivessem mesmo mortos, e o *Muntjac* fosse o último sobrevivente da dinastia dos Brakebills, e ele estivesse voltando para encontrar uma corte cheia de estranhos? Mas não, lá estava Bingle no parapeito, com a mesma cara de sempre, pronto para içar o corpo de sua majestade a bordo e voltar a protegê-lo.

Ainda assim, mesmo enquanto eles estavam se enxugando, trocando abraços, fazendo as devidas apresentações e pegando roupas secas e chá quente, Quentin percebeu que nem tudo a bordo do *Muntjac* estava exatamente como ele havia deixado. O barco parecia mais velho. Não em mau estado, apenas envelhecido, com mais personalidade. O que antes era lustroso – a tinta nos parapeitos, o verniz no convés –, agora já estava mais fosco. As cordas, antes grossas e cheias de fiapos, agora estavam lassas, macias, com uma cor mais mortiça, após terem passado tantas e tantas vezes pelo poleame.

Quentin também já não era mais o comandante do *Muntjac*. Eliot havia assumido o posto.

— Por onde vocês andaram?! — disse ele, quando terminou de abraçar Quentin. — Você é um ridículo, sabia? Eu estava começando a achar que vocês tinham morrido.

— Eu estava na Terra. Quanto tempo nós ficamos sumidos?

— Um ano e um dia.

— Meu Deus. Pra gente, foram só três dias.

— Então agora eu sou dois anos mais velho do que você. Imagine só como eu estou me sentindo! E como está a Terra?

— Como sempre. Não é Fillory.

— Você me trouxe alguma coisa?

— Uma cama. Josh. Uma australiana chamada Poppy. Não tive muito tempo. E você sabe como é difícil comprar presente pra você.

Quentin ainda estava eufórico, mas a adrenalina estava baixando, e seus olhos pareciam pesados, exaustos pela mudança de fuso. Até vinte minutos atrás, era meia-noite, no fim de uma festa longa e profundamente etílica, e agora já era de tarde de novo. Eles desceram até a cabine de Quentin, que agora era de Eliot, e ele se secou, trocou de roupa e amaldiçoou Ember por não ter pensado em abençoar Fillory com a milagrosa cultura dos grãos de café.

Em seguida, ele se deitou na cama de Eliot, ficou olhando para o teto baixo de madeira e contou tudo o que havia acontecido. Ele contou para Eliot sobre sua volta a Brakebills, sobre os esconderijos de Julia e sobre como Josh tinha vendido o botão. Ele contou a Eliot sobre como a Terra Nula estava em ruínas, sobre o dragão e sobre a casa dos Chatwins.

Eliot se sentou no pé da cama. Quando Quentin terminou, Eliot ficou só olhando para ele por um instante, batendo lentamente em seu lábio superior com a ponta do dedo indicador.

— Bom — disse ele, por fim. — Isso é interessante.

Sim, era mesmo, por mais que Quentin na verdade não estivesse lá muito interessado em nada naquele momento. Ele só queria cair no sono e, acima de tudo, estava bem confiante em sua habilidade de fazer isso com muita rapidez. A sensação de estar de volta em Fillory foi uma dose cavalariça de conforto, um imenso colchão inflável de alívio como aqueles que os dublês usam para se jogar de lugares altos sem perigo, onde ele agora poderia afundar.

No entanto, se absolutamente tudo pudesse ser exatamente como Quentin queria, ele só teria pedido mais uma única coisa: ele não queria mais estar em um barco. Ele queria voltar para casa, não só para Fillory, mas mais especificamente para o seu quarto no Castelo de Whitespire, com seu pé direito alto, sua cama enorme e todo aquele silêncio tranquilo tão especial. Quentin não se via como uma pessoa lá muito boa em interpretar grandes sinais e revelações, mas a lição deixada pela chave de ouro parecia estar muito clara. E era a seguinte: você já ganhou o jogo, então pare de jogar. Fique onde você está, no seu castelo, e tudo ficará bem. Não será exigida mais nenhuma ação da sua parte.

— Eliot... — disse ele. — Onde nós estamos?

— Estamos no leste. No extremo leste. Mais longe até do que você foi. Faz duas semanas que deixamos a Ilha Posterior pra trás.

— Ah, não.

— Estamos indo rumo ao horizonte.

— Não, não, não... — Quentin fechou os olhos. — Não pode ser. — Ele queria que estivesse escuro, mas a luz amarelada do fim da tarde continuava invadindo implacavelmente sua cabine, a de Eliot agora, pela janela. — Tudo bem. Não tem problema. Mas agora nós vamos voltar, não? Vocês já nos encontraram. Missão cumprida. Fim da história.

— Nós vamos voltar, sim. Só temos de fazer mais uma coisa antes.

— Eliot, pare. Estou falando sério. Dê meia-volta. Eu nunca mais vou sair de Fillory.

— É só uma coisa. Você vai gostar.

— Acho que não vou gostar, não.

Eliot abriu um largo sorriso, ou pelo menos tão largo quanto seus dentes tortos permitiam.

— Ah, você vai adorar — disse ele. — É uma aventura.

Era inacreditável. Thomas que se danasse: ele mesmo, o próprio Quentin, é quem não tinha visto nada. Tudo começou assim que ele partiu rumo à Ilha Distante.

Toda a história foi explicada naquela noite, durante um farto banquete no convés inferior. Àquela altura, Quentin já tinha quase aceitado a ideia de que alguns dias simplesmente acabavam durando umas 36 horas quando se está surfando pela grande divisa entre as dimensões, e que não havia nada a ser feito além de esperar que eles acabassem. Os recém-chegados comeram como lobos – toda aquela exaustão havia se transformado em uma fome voraz. Eles não tinham mesmo comido quase nada na noite anterior, só um ou outro canapezinho durante a festa. Apenas Julia ficou só cutucando sua comida, dando uma garfada aqui e ali, tratando seu corpo como um cão sarnento do qual ela estava sendo forçada a tomar conta.

— Eu sabia que alguma coisa tinha acontecido — disse Eliot, enquanto abria um caranguejo enorme com uma medonha carapaça vermelha. Como Julia, ele parecia nunca estar com fome, mas de algum jeito, devorava toneladas de comida mesmo assim, o que, é claro, nunca o deixava menos magro. — Primeiro, dois dias depois que vocês saíram de Whitespire, alguém tentou me matar no banho.

— Sério? — disse Josh, de boca cheia. — E você achou estranho?

Josh não levou muito tempo para se aclimatar a bordo do *Muntjac*. O desconforto parecia não fazer parte de sua natureza. Ele voltou a conversar com Eliot como se aqueles dois anos nem tivessem passado.

— Meu Deus — disse Quentin. — Que terrível.

— Foi mesmo! Eu estava relaxando na banheira uma noite, tranquilo e inocente feito um recém-nascido - que, olha, se vocês nunca viram um, são criaturinhas nojentas -, e um dos rapazes que trazem minhas toalhas veio se esgueirando por trás de mim com uma faca curva enorme na mão. Ele tentou cortar minha garganta. Não vou entrar em detalhes — disse Eliot, que era o que ele sempre falava quando estava prestes a contar uma história em todos os pormenores —, mas eu o peguei pelo braço, e ele caiu na água. Ele nunca tinha sido um empregado muito bom mesmo. Ele devia se achar bom demais pra fazer aquilo. Mas não foi grande coisa como assassino também, vou te falar. Ele passou a faca no meu pescoço, mas não chegou nem perto da artéria, e foi muito sem jeito também. Então ele caiu na água, eu pulei pra fora e o congelei.

— Encanto de Dixon?

Eliot acenou a cabeça.

— Não foi nenhuma grande perda. Eu já estava pra sair mesmo. E eu tinha usado muitos sais de banho, então achei que o encanto poderia até não pegar, mas a água congelou na mesma hora. Ele ficou parecendo o Han Solo, preso naquele bloco de carbonita. A semelhança foi bem incrível, aliás.

— Você e esses seus serviçais — disse Josh. — Mas é só eu pedir um harém que todo o mundo já começa a falar de moralidade, direitos humanos e blá blá blá.

— Bom, pelo menos eu poupei você de levar uma facada, né?

Eliot não se bronzeava, ele era pálido demais para isso, mas o sol e o vento tinham dado a sua imaculada alvura um tom diferente, e ele tinha cultivado uma bela barba curta de marinheiro. Ele tinha perdido um pouco daquele preciosismo de rei divino que impregnava sua personalidade em Whitespire, deixando para trás parte de toda aquela aura intocável. Estava tratando todos a bordo com um ar cheio de familiaridade e controle – até mesmo pessoas como Bingle, que ele nunca tinha visto antes de entrar naquele navio e que, na cabeça de Quentin, nem devia conhecer. Agora, ele

conhecia todos eles melhor do que Quentin. Estavam juntos no mar havia um ano.

— Eu o soltei, é claro. Não tive coragem de deixar que morresse sufocado. Mas você acredita que ele não quis me dizer nada depois? Acho que ele era algum tipo de fanático. Ou um maluco, talvez. Dá na mesma. Você imagina que alguns dos generais quiseram torturar o infeliz? Acho que Janet também, mas eu não. Mas eu também não podia deixar que ele fosse embora. Ele está preso agora. Eu fiquei abalado, claro, mas acho que você só pode se considerar um Grande Rei de verdade depois que alguém tenta te matar no banho. Aliás, se algum dia alguém me matar assim, me deixem na banheira e chamem alguém pra pintar um quadro de mim. Tipo o Marat. Eu queria deixar toda essa história pra lá, mas não tive como. Alguma coisa não me deixou. Eu não sabia o que era essa coisa. Talvez fosse Fillory. Enfim, foi depois disso que as maravilhas começaram. Esse foi o nome que as pessoas inventaram, e eu não consegui pensar em nenhum outro melhor. No começo, eram só umas sensações. Você olhava pra uma coisa, um tapete ou uma tigela de frutas, e as cores pareciam diferentes. Mais brilhantes, mais vivas, mais saturadas. De repente, você sentia ondas de angústia, empolgação ou amor. Nós vimos crises de choro nada viris entre os barões. Parecia coisa de drogado, mas eu não tinha tomado nada. Lembro de uma noite que eu passei deitado no meu quarto, só sentindo o cheiro de temperos no escuro, um atrás do outro. Canela, jasmim, cardamomo e alguma outra coisa... alguma coisa maravilhosa que eu não sabia direito o que era. As pinturas começaram a mudar quando eu passava por perto. Só os planos de fundo. As nuvens se mexiam, ou o céu ia do dia pra noite. Outro dia, eu vi uma corneta de caça flutuando bem na minha frente enquanto jantava. Algumas outras pessoas viram também. E uma noite, no meio da madrugada, eu fui ao banheiro, mas quando abri a porta, dei de cara com uma floresta. Como eu só queria mijar, nem liguei, mas mesmo assim, né? Aquilo me tirou o chão. Durante um tempo, achei que estava ficando maluco, literalmente maluco, até aquela tal árvore aparecer. Uma árvore-relógio cresceu no meio da sala do trono, arrebentou o carpete e tudo, em plena luz do dia. Foi de repente, de uma só vez, com toda a corte vendo. E depois ela só ficou lá, parada em silêncio, como uma alucinação, fazendo tique-taque e balançando de leve com aquela energia de quem acabou de nascer. Era como se ela estivesse dizendo, “Galera, cheguei. Esta aqui sou eu. E o que vocês vão fazer agora?”. Depois disso, percebi que não era eu

quem tinha ficado maluco, e sim Fillory. Não tenho vergonha de dizer que achei tudo isso bem irritante. Eu estava sendo convocado, sabe, mas não estava nem um pouco a fim de me envolver com aquilo. Eu até entendo a graça desse tipo de coisa pra você, essas aventuras, histórias do rei Arthur e tudo mais. Mas isso é você. Sem querer ofender, mas sempre achei isso meio coisa de menino demais pra mim. É tudo uma coisa muito cheia de suor e esforço, e enfim, sem nenhuma elegância, se é que você me entende. Eu não precisava ser convocado por ninguém pra me sentir especial, eu já estava me sentindo bem especial. Eu sou inteligente, rico e bonito. Eu estava perfeitamente feliz do jeito que estava, me dissolvendo, átomo por átomo, em meio àquele luxo sem fim.

— Falou bonito — disse Quentin. Eliot devia ter ensaiado tudo aquilo antes.

— Bom, e depois disso, aquela maldita Lebre Vidente apareceu pulando na nossa reunião da tarde. Derrubou várias garrafas de uísque e quase matou de susto um dos meus pupilos mais sensíveis. Todo mundo tem seu limite. Na manhã do outro dia, mandei trazerem minhas roupas de caça, selei um cavalo e fui sozinho até Queenswood. E você sabe que eu nunca vou pra lugar nenhum sozinho, não desde que nós viemos pra cá, mas essas coisas têm certos protocolos e nem mesmo o Grande Rei, ou talvez especialmente o Grande Rei, pode se isentar disso.

— O bosque de Queenswood? — disse Quentin. — Não me diga.

— Mas eu estou dizendo. — Eliot terminou seu vinho, e um jovem alto e magro de cabeça raspada encheu seu copo sem que ele nem precisasse pedir. — Eu voltei até aquele seu gramado ridículo, aquele redondo, perfeitinho. Sabe, você tinha razão de querer entrar lá. Aquele lugar de fato nos levaria à nossa grande aventura.

— Eu tinha razão — disse Quentin, melancólico, olhando para suas próprias mãos. — Eu não acredito. Eu tinha razão!

Se ele não estivesse tão exausto, e meio bêbado, aquilo provavelmente não o teria afetado tanto. Mas ele então começou a ser invadido por uma sensação de... como ele poderia explicar? Ele achou que tinha aprendido uma lição sobre o mundo, mas agora estava percebendo que podia ter aprendido a lição errada. A aventura certa esteve a seu alcance, e ele a deixou passar. Se ser um herói fosse uma questão de aproveitar as oportunidades certas, como dizia a história das chaves de ouro, ele tinha perdido as suas. Em vez disso, tinha passado três dias à toa na Terra a troco

de nada, e quase ficou preso lá para sempre, enquanto Eliot estava em uma aventura de verdade.

— É verdade — disse Eliot. — Em termos estatísticos, históricos e todos os outros, aliás, você quase nunca tem razão. Até um macaco tomando decisões usando um horóscopo de jornal acertaria mais vezes do que você. Mas nesse caso, sim, você tinha razão. Não estrague a graça.

— Era pra ter acontecido comigo, não com você!

— Você deveria ter entrado lá quando teve a chance.

— Você me disse pra não ir!

— Janet também. Não sei por que você a escutou. Mas, olha, eu sei. — Eliot pôs a mão no braço de Quentin. — Eu sei. Eu não tive escolha. Seja lá quem cria as nossas aventuras tem um senso de humor muito peculiar. Enfim, lá fui eu. E eu até senti uma coisa diferente mesmo, sabe, quando saí do castelo naquela manhã. A brisa fria no ar, o sol na minha armadura, eu como um cavaleiro galopando pela planície. Queria que você estivesse lá pra ver. Só que eu fiquei muito mais bonito do que você ficaria, é claro. Até mandei fazer uma armadura especial, só pra aquele dia, cheia de relevos e entalhes damascenos lindos. Não vou mentir pra você, Quentin, eu fiquei magnífico.

Quentin tentou pensar no que estava fazendo na Terra naquela hora. Pelo menos ele tinha bebido uma Coca-Cola. Já era alguma coisa. Ele queria poder tomar uma agora. Ele estava exausto.

— Levei três dias pra achar a porra daquele gramado, mas finalmente consegui. A Lebre Vidente estava lá, é claro, esperando por mim embaixo dos galhos daquela árvore sinistra enorme, que ainda estava se debatendo com aquela ventania invisível.

— Intangível — disse Poppy, baixinho. — Todo vento é invisível.

Era bom ver que ela estava voltando à ativa.

— A lebre não estava sozinha. A Ave da Paz estava lá também, e o Monitor Oculto, e a Salamandra Suprema, o Lobo Gentil, o Besouro Paralelo... ele tem um poder geométrico, é tão chato que não sei nem explicar. Todos eles estavam ali, todas as Criaturas Singulares, reunidas. Bom, menos aquelas duas aquáticas. A Criatura Errante te mandou um oi, aliás. Acho que ela gosta de você por algum motivo, por mais que você tenha dado aquela flechada nela. Mas, bom, quando vi todas aquelas criaturas ali em duas fileiras perfeitas, com as menores na frente, como se

estivessem posando pra uma foto de colégio, eu percebi que alguma coisa estava rolando. Foi a salamandra quem falou comigo. Ela me disse que o reino estava em perigo, e que só seria salvo se eu encontrasse as Sete Chaves de Ouro de Fillory. Eu perguntei por que e para o que serviam essas chaves, o que elas destrancavam. Ela não respondeu, ou não quis responder, e só disse que eu descobriria quando a hora chegasse. Eu conversei melhor um pouco antes, é claro. Eu queria saber, por exemplo, quanto tempo eu teria pra encontrar essas chaves. Pensei em talvez ir atrás de uma a cada alguns anos. Organizar meus feriados com base nisso. Se fosse assim, eu poderia até achar legal, é sempre melhor viajar quando você tem alguma coisa pra resolver. Mas, pelo visto, era um lance meio urgente. Elas insistiram muito nisso. E então me deram uma Argola de Ouro, onde todas as chaves deviam ficar, e fui embora. O que mais eu ia fazer? Quando voltei, Whitespire estava em pé de guerra. Várias coisas terríveis estavam acontecendo pelo reino todo. Aquela tempestade havia se espalhado... todas as árvores-relógio começaram a se debater como aquela do gramado. E sabe aquela cachoeira na Ruína Rubra? Aquela que corre pra cima? Ela começou a correr pra baixo. Sabe, do jeito normal. Essa foi a gota d'água. E aí o *Muntjac* chegou no porto com todos em pânico, e eles me disseram que você e Julia tinham desaparecido.

Encarnando seu papel de herói, Eliot assumiu o comando do *Muntjac*. Ele passou um dia inteiro fazendo reparos e reabastecendo o barco enquanto todo o reino fervilhava com ansiedade e empolgação. O Grande Rei Eliot estava embarcando em uma jornada! Antes de qualquer outra coisa, aquilo foi um sucesso de relações públicas. As docas foram invadidas por voluntários que se ofereceram para ajudar na busca pelas Sete Chaves. Os anões mandaram um baú entupido de chaves que eles vinham guardando em seus cofres, só para o caso de alguma delas ser uma das procuradas, mas a maioria acabou se mostrando completamente inútil.

Uma delas, no entanto, entrou na argola de ouro. Agora só faltavam seis. É engraçado como de vez em quando os anões traziam belas surpresas.

Eliot deixou Janet cuidando sozinha do castelo. Ele ficou mal por aumentar ainda mais o fardo de responsabilidades que ela já carregava, mas ela estava adorando tanto a ideia quando ele foi embora que provavelmente estaria no comando de uma ditadura fascista quando ele voltasse. Em seguida, ele partiu.

Eliot não tinha a menor ideia do que estava fazendo, mas já havia lido o bastante para saber que um estado de relativa ignorância não era necessariamente um obstáculo em uma jornada. As jornadas eram só uma coisa que um intrépido guerreiro devia aceitar e encarar sem medo. Você só precisava se aventurar pelos campos aleatoriamente, e se o seu estado de espírito, ou talvez até sua alma, estivesse na sintonia certa, a própria aventura viria a seu encontro pelo curso natural das coisas. Era como um exercício de livre associação – não havia nenhuma resposta certa ou errada. Para tudo dar certo, era só não se esforçar demais.

E, para Eliot, seria muito difícil se esforçar demais. O *Muntjac* avançou rapidamente com um vento úmido e morno, passando pela Ilha Distante, e pela Posterior, deixando para trás Fillory e todo o mundo conhecido.

Um silêncio dominou a mesa. Por um instante, o ranger das cordas e toras do barco foi tudo o que se ouviu, e Quentin percebeu pela primeira vez o quão fora do mapa eles estavam. Ele tentou imaginar como o *Muntjac* deveria parecer para alguém que os visse lá do alto: um pequenino barco iluminado, perdido em meio à imensidão noturna de um oceano inexplorado.

Eliot olhou para o teto. Ele realmente estava sem palavras. Isso era uma novidade para Quentin.

— Você não imagina, Q — disse ele, finalmente. Algo parecido com uma genuína expressão de espanto iluminou o rosto de Eliot. — Você não imagina mesmo. Nós cruzamos todo o oceano Oriental. E os lugares que nós vimos. Algumas das ilhas... nem sei por onde começar.

— Conte pra ele sobre o trem — disse o jovem de cabeça raspada. De repente, Quentin o reconheceu. Era Benedict. Mas um novo Benedict, renascido com pequenos músculos torneados e dentes brancos brilhantes. A franja caída e sua postura rabugenta tinham ficado há muito tempo para trás. Ele olhava para Eliot com um ar de respeito que Quentin nunca tinha visto ele mostrar a ninguém antes.

— Sim, o trem. No começo, achamos que era uma serpente marinha. Mal conseguimos desviar o barco a tempo. Mas era um trem, um daqueles trens cargueiros lentos que têm sempre um milhão de vagões, todos vagões-tanque ou de carga, só que esse não tinha fim. Ele emergiu na superfície, com a água do mar escorrendo pelas laterais dos vagões, seguiu viagem ao nosso lado por alguns quilômetros, e depois afundou de novo mar adentro.

— Assim, do nada?

— Assim, do nada. Bingle até pulou em cima dele um pouco, mas não conseguimos abrir nenhum dos vagões. E encontramos um castelo flutuando no oceano. No começo, só o ouvimos ao longe, com os sinos badalando no meio da noite. Na manhã seguinte, nós o encontramos: era um castelo de pedra, construído em cima de uma frota inteira de balsas de madeira. Não tinha ninguém lá dentro, só os sinos badalando em uma das torres com o sacolejo das ondas. E o que mais? Ah, encontramos uma ilha onde ninguém conseguia mentir. Meu Deus, que vergonha que foi. Nós lavamos muita roupa suja por lá, vou te falar.

Sorrisos amarelos se espalharam pela tripulação em volta da mesa.

— Teve outra também onde as pessoas eram ondas, ondas do mar mesmo, que eu vi, mas não sei explicar muito melhor do que isso. E vimos um lugar onde o oceano mergulhava em um enorme desfiladeiro e tinha só uma ponte estreita pra você passar. Uma ponte de água pela qual nós tivemos de passar.

— Tipo um aqueduto — comentou Benedict.

— Tipo um aqueduto. Foi tudo muito estranho. Acho que a magia fica mais forte aqui no meio do mar, mais bruta, e acaba criando sozinha vários tipos de lugares impossíveis. Passamos uma semana parados nas Calmarias. Não ventava lá e a água era lisinha, como vidro, e tinha até um Mar de Sargaço, uma ilha enorme de coisas flutuando no meio do oceano. Um pessoas até viviam lá, abrindo caminho entre as algas. Elas disseram que todas as coisas esquecidas acabam indo parar lá. Brinquedos, mesas, casas inteiras. Até pessoas acabam indo pra lá. As que também são esquecidas. Quase ficamos presos nesse lugar, mas o *Muntjac* criou um par de remos que nos ajudou a ir embora. Não foi, velharia? — Eliot deu um tapinha carinhoso na antepara. — Você até podia levar alguma coisa embora lá do Mar de Sargaço, mas tinha que deixar outra pra trás. Era esse o acordo. Bingle pegou uma espada mágica. Mostre sua espada pra eles, Bing.

Bingle, sentado na outra ponta da mesa, levantou-se e puxou sua espada só até a metade para fora da bainha, quase com vergonha. Era uma lâmina estreita de aço reluzente com entalhes prateados em padrões rodopiantes que resplandeciam com um brilho pálido.

— Ele nunca me disse o que deixou pra trás em troca. O que você deixou, Bing?

Bingle sorriu, batendo na lateral do nariz com o dedo, e não disse nada.

Quentin estava exausto. Ele tinha acordado em Veneza naquela manhã, passado o dia na Inglaterra e outra metade de um dia em Fillory. Ele tinha ficado bêbado e depois sóbrio de novo, e agora estava bebendo mais uma vez, sentado ali em um banco duro cheio de farpas na galé do *Muntjac*. Eliot provavelmente teria gostado de fazer uma visitinha de volta à Terra, pensou ele, onde o vinho e o café eram melhores. Mas, vai saber, talvez não tivesse dado certo se fosse com Quentin. Talvez ele não conseguisse fazer o que Eliot fez – ele poderia ter ficado preso no Mar de Sargaço. E Eliot poderia nunca ter encontrado Josh, falado com o dragão, nem brincado com Thomas. Ele poderia ter fracassado onde Quentin se saiu bem, e vice-versa. Talvez as coisas não tivessem como acontecer de outro jeito. Ninguém pode escolher sua jornada, você só passa por aquela que pode completar.

Essa era a parte mais difícil da coisa, aceitar que você não tinha como escolher o caminho que iria seguir. A não ser, é claro, pelo fato de que Quentin tinha, sim, escolhido o seu.

— Chega de suspense — disse ele. — Você achou as chaves?

Eliot assentiu.

— Encontramos algumas. Sempre tinha a ver com uma batalha ou um enigma, era uma das duas coisas. Uma delas foi com um monstro enorme que parecia uma lagosta espinhenta gigante. Ele estava com a chave dentro do coração. Depois, teve uma praia que era toda feita de chaves, milhões de chaves, e nós tivemos que revirar todas até achar a certa. Devia ter algum truque pra se resolver isso, mas ninguém conseguiu pensar em nada, então nós fomos na unha mesmo... dividimos todo o mundo em turnos e ficamos tentando colocar as chaves uma a uma na argola, dia e noite, sem parar. Depois de umas duas semanas, acabamos conseguindo. Mas, olha, sinto muito por ser tão direto assim, mas você precisa se lembrar de que nós estamos nisso há um ano inteiro, semana após semana, e pra ser sincero, toda essa história já está perdendo a graça. Então, é o seguinte: nós já temos cinco das sete chaves. Uma que os anões nos deram e as outras quatro que nós encontramos. Você por um acaso está com alguma? A da Ilha Posterior?

— Não — disse Quentin. — Julia e eu a deixamos pra trás quando passamos pelo portal. Ninguém a pegou? — Quentin olhou para Bingle e depois para Benedict, mas nenhum dos dois retribuiu o olhar. — Não? Bom, mas ela não está com a gente também.

— Droga — disse Eliot. — Era o que eu temia.

— Mas o que aconteceu? Ela não pode simplesmente ter sumido. Ela ainda deve estar em algum lugar na Ilha Posterior.

— Não está, não — disse Benedict. — Nós procuramos por toda parte.

— Bom, vamos ter que continuar procurando. — Eliot soltou um suspiro e ergueu o copo para ser enchido de novo. — Então parece que você vai poder curtir um pouco dessa aventura no final das contas.

CAPÍTULO 18

A casa em Bed-Stuy foi o primeiro esconderijo que Julia conheceu e marcou o fim do seu plano de ir para Stanford. Ela nunca mais iria para a faculdade agora. Os corações de seus pais se partiriam pela segunda e última vez. Seria terrível demais pensar nisso, então ela preferiu simplesmente não pensar no assunto.

Ela poderia ter recusado, claro. Ela poderia ter terminado de discar o número da empresa de táxi, dado as costas para o cara de chapéu, esperado até o carro chegar, entrado e repetido seu endereço para o guatemalteco atrás do volante até ele finalmente entender e levá-la para longe de tudo aquilo. Ou talvez na verdade nem pudesse, mas ela quis pensar que sim. Foi isso o que ela quis naquela época, e voltaria a querer várias vezes ao longo dos anos seguintes.

Mas ela não teve como ir embora porque seu sonho, seu sonho de ser uma feiticeira, não estava morto. Ela tentara matar aquele desejo, massacrá-lo com trabalho, drogas, terapia, a vida em família e até com os Free Traders, mas não conseguiu. Era mais forte do que ela.

O jovem carrancudo que estava cuidando da porta do esconderijo em Bed-Stuy naquela noite se chamava Jared. Ele devia ter uns trinta anos, não era alto e estava com um sorriso largo no rosto, uma grande barba escura e óculos pretos de aro grosso. Ele vinha trabalhando em um doutorado de linguística na Universidade de Nova York há nove anos, mas à noite e nos finais de semana, dedicava-se à magia.

Nem todos eram assim – *nerds*, acadêmicos, como você poderia esperar. Aquele era um grupo incrivelmente heterogêneo. Eles tinham um menino prodígio de doze anos que morava ali perto e até uma viúva de 65 anos que vinha de Westchester County com um utilitário BMW nos finais de semana. Ao todo, a casa tinha uma população rotativa de umas vinte e cinco pessoas: físicos, recepcionistas, encanadores, músicos, estudantes, investidores e alguns malucos sociopatas que mal conseguiam viver em sociedade. E agora, Julia era a mais nova integrante.

Alguns vinham só uma vez por mês para treinar os feitiços, mas outros chegavam às seis da manhã todo dia e ficavam até as dez da noite, ou dormiam lá, por mais que as regras da casa tentassem evitar isso ao máximo. Alguns tinham vidas cotidianas muito agitadas, com carreiras e famílias, sem nenhum sinal de excentricidade ou debilitação física. Mas lidar com magia junto com todo o resto era um exercício de equilíbrio bastante complexo, e quando você tropeçava e caía, o tombo não era pequeno. Ainda que conseguisse se levantar, saía mancando. E todo o mundo acabava levando seus tombos, mais cedo ou mais tarde.

O que acontece, no fundo, é que quando a magia faz parte da sua vida, quando você leva a vida dupla de um mago *underground* em segredo, você acaba pagando um preço por isso, que é o de sempre ser influenciado por essa sua outra vida secreta. O seu lado feiticeiro, o seu delirante sócia místico, andava sempre com você, puxando seu braço, sussurrando que a sua vida real era só uma farsa, um embuste grosseiro, indigno e inautêntico, que ninguém estava engolindo mesmo de qualquer forma. O seu lado verdadeiro, o que realmente importava, era o outro, o que passava horas mexendo as mãos e entoando encantamentos em algum dialeto eslavo morto, em um sofá surrado naquela casa feita com tábuas de madeira verde-limão na Throop Avenue.

Julia continuou trabalhando, mas começou a passar naquela casa a maioria das noites e o dia inteiro nos finais de semana. Aquele sede voraz tinha voltado, mas dessa vez, ela parecia ter como saciá-la. Ela tinha farejado sua presa e estava pronta para o ataque. Ela deu uma sumida do FTB. Os Free Traders podiam esperar. Eles estavam acostumados a ver membros que sumiam da rede de repente por meses ou até anos. Em uma comunidade de depressivos crônicos, algo assim não era nada fora dos padrões normais.

Já quanto a seus pais... Julia simplesmente se afastou. Ela sabia o que estava fazendo, e sabia o quanto aquilo seria difícil para eles, vê-la mergulhar de novo naquela obsessão e voltar a perder peso, ficar sem tomar banho e tudo mais, mas ela não hesitou mesmo assim. Era como se não tivesse outra escolha. Era um vício. Pensar nas consequências disso para sua família, mas pensar de verdade mesmo, a teria matado de remorso. Então ela só evitou o assunto. Na primeira vez em que ela se pegou com um ar distraído, quase sensual, arranhando o seu braço com a unha na mesa do café da manhã, deixando nele um risco vermelho, ou melhor, quando sua mãe a viu fazendo isso, nenhuma das duas disse nada. Mas ela viu parte de sua mãe morrer naquela manhã. E Julia não esboçou nenhum ato heroico para ressuscitá-la.

Julia poderia ter morrido naquela manhã também, ela sabia disso. E quase morreu. Mas se você deixa uma pessoa que está se afogando se agarrar a você, ela só acaba puxando os dois para baixo. Então do que adiantaria? Ou pelo menos foi disso que ela tentou se convencer. O que você precisa fazer é olhar para a pessoa nos olhos, arrancar os dedos dela do seu braço e vê-la afundar nas profundezas esverdeadas da água para nunca mais voltar. Se não for assim, os dois acabam morrendo. E qual é o sentido disso?

A irmã de Julia sabia disso. A decepção foi visível em seus ágeis e belos olhos castanhos, mas logo se transformou, cristalizando-se em uma carapaça translúcida, lisa e protetora. Ela era jovem o suficiente para ainda poder contornar aquele incidente e tocar sua vida adiante. Ela desistiu sem hesitar de Julia, a irmã com seus segredos obscuros. Menina esperta. Ela tomou uma decisão sensata. E Julia fez o mesmo.

E o que Julia ganhou com essa decisão? Quando você põe sua família, seu coração, sua vida e seu futuro na balança, quanto tudo isso vale? O que você leva em troca? Vamos ver o que ela ganhou, gente!

Muita coisa, na verdade. Uma caralhada de conhecimento obscuro é o que você ganha, só para começar.

Eles a testaram naquele primeiro dia. A partir do segundo em que você entrava pela porta – Jared até ligou o cronômetro em seu iPhone assim que ela chegou –, você tinha quinze minutos para aprender e realizar aquele feitiço de fâisca que Quentin não conseguiu fazer no esconderijo de Winston, senão tinha que ir embora e só podia voltar depois de um mês. Eles haviam batizado o encanto, sem nenhuma imaginação, de Fâisca

Fundamental. Você até podia tentar em outro esconderijo, é claro – eles não trocavam informações –, mas só havia dois em Nova York; assim sendo, se você quisesse entrar para o ramo da magia naquela área, o jeito era arrebentar de uma vez ou voltar quietinho para casa.

Mesmo exausta, Julia conseguiu em oito minutos cravados. Se ainda tivesse um pouco da prática de sua fase de bruxa do arco-íris, ela não teria levado nem isso.

Na verdade, eles nem conheciam o feitiço do arco-íris, então ela imprimiu aquele scan que tinha baixado tempos atrás, o que já fazia agora dois anos, e levou para eles. Jared, o linguista, com toda pompa e cerimônia, pôs a folha em um envelope plástico transparente, no qual fez três furos, e então a arquivou em um fichário maltrapilho de três argolas remendado com fita isolante onde eles guardavam a lista de feitiços do clube. Um fichário de três argolas: era isso o que eles usavam como grimório.

E eles chamavam aquilo de Fichário Mágico. Julia deveria ter visto isso como um sinal.

Ainda assim, aquelas páginas multiplicaram por vinte tudo o que ela sabia sobre a magia, o que foi um deleite inenarrável. Sob a tutela de Jared, ou de seja lá quem fosse o mago veterano cuidando da casa dependendo do dia, ela estudou o livro de cabo a rabo. Ela aprendeu a colar as coisas usando a magia. Ela aprendeu a criar uma chama à distância. Ela aprendeu um feitiço para adivinhar o resultado de um cara ou coroa, outro para impedir que um prego enferrujasse e ainda outro para tirar a carga magnética de um ímã. Eles competiam entre si para ver quem conseguia fazer mais tarefas cotidianas usando só a magia: abrir potes, amarrar os sapatos, abotoar a camisa.

Era tudo meio aleatório e, no fundo, nem era grande coisa, mas já era um começo. De prego em prego, de ímã em ímã, Julia começou a forçar o mundo a se encaixar nas especificações que ela queria. A magia era isso: o que acontecia quando a mente enfrentava o mundo e vencida, para variar um pouco.

Havia outro fichário, esse só de exercícios manuais, todo caindo aos pedaços de tanto ser jogado contra a parede por alunos frustrados, e ela começou a praticá-los também. Em pouco tempo, ela já sabia o livro todo de cor, e fazia os exercícios o tempo todo: no banho, por baixo da mesa durante as refeições, por baixo da mesa no trabalho, à noite deitada na

cama. E ela passou a estudar a sério várias línguas. A magia não era só uma disciplina matemática, descobriu ela.

Conforme aprendia novos feitiços, ela foi subindo de nível. Sim, nível: era assim que eles falavam. A babaquice do sistema de níveis, chupado na cara dura de *Dungeons & Dragons* (que os criadores do jogo deviam ter chupado da maçonaria, supôs ela), era inegável, mas pelo menos ajudava a organizar as coisas e a manter as hierarquias bem definidas, coisa da qual Julia passou a gostar cada vez mais conforme avançava. Ela começou a fazer suas tatuagens nas costas. E tomou o cuidado de deixar bastante espaço, porque ela estava avançando muito rápido.

Julia levou um mês para perceber que estava aprendendo mais depressa do que os outros frequentadores regulares do esconderijo, e outros três meses para entender o quão mais depressa. Àquela altura, ela já tinha sete estrelas, que era o mesmo tanto que Jared tinha, e ele já estava ali havia três anos. Em Brakebills, Julia provavelmente teria sido só mais uma; mas ela não estava em Brakebills, ela estava ali, e ali, ela se destacava. Os outros simplesmente não pareciam ter aquela mesma paixão pelo lado teórico da magia. Eles aprendiam seus feitiços maquinalmente, mas não se interessavam pelos padrões básicos que os regiam. Apenas alguns deles se davam ao trabalho de fazer algum estudo mais aprofundado de linguística, de gramática e dos sistemas de raiz. Eles preferiam só decorar todos os gestos e sílabas e ignorar o resto.

Eles estavam errados. Isso drenava o poder de suas magias e fazia com que eles sempre comessem do zero quando tentavam aprender um novo feitiço. Eles não entendiam as ligações entre cada encanto. E isso também inviabilizava qualquer trabalho autoral, coisa que Julia queria muito fazer. Ela criou com Jared um grupo de estudos de línguas antigas. Eles só tinham outros quatro membros, e a maioria deles só estava lá porque achava Julia gostosa. Mas ela os expulsou um por um quando eles começaram a aparecer sem a lição de casa feita.

Já quanto aos exercícios manuais, ela redobrou seus esforços, porque sabia que não tinha muito talento com aquilo. Mesmo assim, ninguém conseguia acompanhar o ritmo de Julia, nem mesmo Jared. Ninguém era tão masoquista.

Mesmo odiando Brakebills, com uma raiva incandescente que ela guardava acesa com todo cuidado em um braseiro interno, soprando-a

sempre que sua chama diminuía, ela conseguia entender por que eles eram tão elitistas. Muita gente tosca passava pelo esconderijo na Throop Avenue.

Julia sempre teve um espírito competitivo brutal. No passado, ela faria tudo para esconder isso. Mas, agora, ela havia invertido essa política. Sem ninguém para impedi-la, ela cultivou e deixou esse seu lado florescer. Assim como Brakebills a havia humilhado, ela também iria humilhar qualquer um que não conseguisse acompanhar seu ritmo. Ei, a magia não é nenhum concurso de popularidade. A casa na Throop Avenue seria sua própria Brakebills. Era bom que qualquer um que aparecesse naquela casa com um nível igual ou inferior ao de Julia fosse preparado. Ela estava pronta para meter o dedo na cara de seja lá quem tentasse cantar de galo por ali.

Ela não estava nem aí se alguém fosse negro ou branco, estivesse cansado ou doente ou só tivesse doze anos. Era fantástico, realmente incrível, quanta gente tentava se firmar no mundo da magia na base do blefe. Isso deixava Julia enfurecida. De quem essas pessoas tinham ganhado as suas estrelas? Bastava um empurrãozinho e a maioria daqueles outros esconderijos caía como um castelo de cartas. Isso era desanimador, isso sim. Ela finalmente tinha encontrado uma escola de magia, ou pelo menos quase isso, para chamar de sua, e aqueles lugares estavam vomitando um bando de farsantes e charlatões.

A postura confrontadora de Julia começou a render certa reputação ao esconderijo da Throop Avenue. Eles já não recebiam mais tantos paraquedistas, e os poucos que ainda apareciam por lá começaram a partir para a apelação. Fisicamente falando. Farsantes não gostam de ter suas farsas expostas, e havia uma intersecção considerável no diagrama de círculos entre pessoas que praticavam magia e pessoas que praticavam artes marciais.

Mas onde você acha que está, seu bosta? Em Connecticut? Você está em um esconderijo mágico em Bed-Stuy, na periferia do Brooklyn. Havia uma intersecção considerável no diagrama de círculos entre pessoas que moravam em Bed-Stuy e pessoas que tinham armas. Trouxa. Bem-vindo à cidade do Cala Sua Boca Aí.

Ainda assim, mesmo com a cruzada de Julia pelo rigor nas práticas mágicas dando o tom das coisas, o esconderijo de Bed-Stuy tinha um problema, que era o fichário de três argolas. O Fichário Mágico. De vez em quando, aparecia um ou outro visitante que entendia mesmo das coisas e

conhecia algum feitiço que não estava no livro, e então se o livro tivesse um feitiço que essa pessoa não conhecia, eles podiam fazer uma troca, e o livro crescia.

Mas chegava a ser frustrante o quanto essas transações eram raras. Julia precisava crescer mais rápido do que isso. E aquilo não fazia sentido: de onde aqueles feitiços tinham vindo? Qual era sua fonte? Ninguém sabia. A rotatividade era alta nos esconderijos, e a memória institucional era muito curta. Mas Julia começou a suspeitar cada vez mais de que alguém, em algum lugar, deveria estar operando em um nível muito acima do seu, e ela queria descobrir quem, onde e como, e não podia mais esperar.

Então Julia mudou de lado. Ela se tornou uma visitante. Ela pegou seu velho Honda Civic dos tempos de Chesterton, largou seu trabalho de suporte de redes e começou ir para cima e para baixo, às vezes sozinha, às vezes com Jared no banco do carona. Esses esconderijos não eram fáceis de encontrar – eles se escondiam do público em geral, mas também uns dos outros, porque alguns já tinham entrado em conflito antes, o que costumava resultar na destruição mútua de ambos. Mas, às vezes, você conseguia arrancar um endereço de algum visitante mais cordial na base da conversa. Ela ficou boa nisso. Quando tudo falhava, ela sempre podia recorrer a sua boa e velha punheta no banheiro, uma arma que ela empunhava com mão de ferro.

Além disso, certos esconderijos eram maiores do que os outros, e alguns eram grandes e protegidos o bastante para se darem ao luxo de até ganhar um pouco de fama, pelo menos dentro da cena, com base na ideia de que eram poderosos demais para que alguém se metesse com eles. O fichário que ela encontrou no prédio de um antigo banco reformado em Buffalo era tão grosso que Julia até caiu de joelhos no chão e começou a chorar. Ela ficou uma semana por lá, baixando aos terabytes todo aquele conhecimento mágico para dentro de seu cérebro faminto.

Ela passou aquele verão todo na estrada, indo ao norte até o Canadá, ao oeste até Chicago e ao sul, passando pelo Tennessee e pela Luisiana, até Key West, na Flórida, em uma viagem de arrebentar as costas, moer a embreagem e encharcar os bancos de suor, que lhe rendeu um grimório decepcionante com patéticas doze páginas encontrado em um bangalô infestado de gatos ao lado do Museu Hemingway. Essa foi a fase mochileira de Julia. Ela dormia em sofás, motéis de beira de estrada e no próprio carro. Quando o Honda Civic praticamente se desmanchou, ela passou a roubar

carros nas ruas, fazendo ligações indiretas. Ela conheceu muitas pessoas, e muitas pessoas que na verdade nem eram pessoas. Os esconderijos em áreas mais rurais às vezes abrigavam demônios inferiores, fadas menores, espíritos da natureza locais geoespecíficos e elementais que davam credibilidade ao lugar em troca de sabe-se lá Deus o que em termos de bens e serviços, e ela achou melhor não perguntar. Aquelas criaturas tinham um quê romântico; elas pareciam personificar a grande promessa da magia, que era de levar Julia para um mundo maior do que aquele em que ela tinha nascido. Quando alguém entra em uma sala e encontra um cara com um par de asas vermelhas de couro nas costas jogando sinuca e uma garota fumando na sacada com olhos de fogo líquido dourado, tudo muda – é possível achar que nunca mais se vai ficar triste, entediado ou solitário de novo.

Mas Julia acabou descobrindo a verdade sobre esses seres bem depressa e viu que eles no fundo estavam tão desesperados e confusos quanto ela. Foi assim que Julia se envolveu com Warren, e foi essa a lição que ela aprendeu.

De um jeito ou de outro, ela estava enchendo suas costas de estrelas de sete pontas. Ela precisou colocar a grandona com o número cinquenta no pescoço para economizar espaço. Não era nada muito convencional, mas as convenções só existiam para facilitar a vida dos farsantes e charlatões. Só quebrando essas convenções seria possível abrir espaço para alguém como Julia.

Mas ela estava perdendo o fôlego. Ela era um trem de carga da pedagogia mágica, mas seu motor era movido à base de informação, de novos conhecimentos, e esse combustível estava ficando cada vez mais escasso, e o pouco que havia sobrado não era da melhor qualidade. O café era pequeno demais. Ela sempre chegava aos novos esconderijos com grandes expectativas, mas elas eram destruídas na maioria das vezes. Era sempre assim: ela entrava pela porta, aceitava os olhares da população masculina local, mostrava suas estrelas, intimidava o oficial de ranqueamento até ele mostrar a ela o fichário da casa, que folheava com indiferença, esperando encontrar alguma coisa que já não soubesse, o que nunca acontecia, e ela então jogava o fichário no chão e ia embora, deixando que Jared se desculpasse por ela.

Era um comportamento reprovável, e ela sabia disso. Mas só fazia aquilo porque vivia irritada e porque se odiava. E quanto mais ela se odiava, mais

descontava nos outros, e quanto mais descontava nos outros, mais se odiava. Parabéns, aí está sua prova, sr. Hofstadter: eu sou um *loop* estranho.

Claro, ela poderia ter ido para a costa oeste, ou atravessado a fronteira mexicana, mas ela tinha a sensação de que já sabia o que iria encontrar por lá. No mundo dos espelhos da grandiosa cena mágica *underground*, a perspectiva parecia estar invertida: quanto mais perto você chegava das coisas, menores elas ficavam. Os objetos refletidos são menores do que aparentam. Ou então, vamos pensar assim: quantos lances de cara ou coroa uma menina pode prever? Quantos pregos ela conseguiria proteger da ferrugem? Não era como se o mundo estivesse sofrendo por falta de ímãs desmagnetizados. Ela estava trabalhando com magia, mas uma magia vagabunda. Era como entrar para um coral de renome internacional, mas só cantar *jingles* de comerciais. Ela havia investido sua vida inteira naquela coisa, e estava começando a achar que tinha levado um golpe.

Depois de tudo o que ela tinha passado, de todos os seus sacrifícios, aquilo foi demais até para Julia. Ela passou um tempo pensando se Jared não estava escondendo alguma coisa dela, se ele sabia de alguma coisa que se recusava a dizer, mas ela tinha bastante certeza de que esse não era o caso. Só para garantir, ela partiu para a opção nuclear. Mas não. Nada. Ah, que se dane.

Para falar a verdade, ela tinha usado a opção nuclear algumas vezes durante suas viagens, e já estava começando a se sentir feito um deserto nuclear também: radioativo e tóxico. Ela não gostava de pensar nisso. Ela nem identificava esses momentos: nuclear era a palavra-chave, e ela mantinha essas memórias em código, para nunca serem decifradas. Ela fez o que teve de fazer, e ponto final. Ela já nem tinha mais nenhuma fantasia sobre o amor verdadeiro. Ela não conseguia mais imaginar o que era isso, como ela e essa coisa poderiam existir no mesmo mundo. Ela tinha sacrificado isso em troca da magia.

Mas um inverno nuclear estava a caminho, e a magia não conseguia mais mantê-la aquecida. Estava esfriando, uma neve imunda caía, e a terra estava voltando a ficar sedenta, com sua sede de bálsamo. O cão negro estava à solta. Julia voltou a sentir tudo aquilo, a escuridão.

Ou nem isso, porque a escuridão teria sido um alívio, a escuridão teria sido um passeio no parque comparado ao que ela estava sentindo: desespero. Aquela coisa não tinha cor. Ela queria que aquilo fosse feito de escuridão, de uma doce escuridão aveludada, onde ela pudesse se enrolar e

dormir quietinha, mas aquilo era muito pior. Era mais ou menos como a diferença entre zero e o conjunto vazio, o conjunto que não contém nada, nem mesmo zero. Tudo isso é roupa e enfeite do infortúnio. *O mundo parece rir/Comparado a mim, que sou o seu epitáfio.*

Dezembro chegou, e os dias ficaram mais curtos. A neve aquietou o trânsito pela Throop Avenue. Até que certo dia, no dia de Santa Luzia, aliás, o mesmo do poema de Donne, tudo veio abaixo. E, quando isso aconteceu, foi ao estilo faroeste: uma estranha chegou à cidade.

Ela era bonita, essa estranha, com uma beleza meio universitária. Ela devia ter uns 29 anos, com um terno escuro e os cabelos para trás com palitinhos cruzados. Ela tinha o rosto arredondado, meio gordinha, óculos de *nerd*, mas cara de durona: ela poderia até ter sido fraca algum dia, mas esses tempos já tinham há muito ficado para trás. De acordo com o protocolo da Throop Avenue, assim que entrou pela porta, ela foi recebida pelo cão de guarda da casa, e esse cão de guarda era Julia.

Bom. A universitariazinha tirou o paletó e desabotoou as mangas. Seus dois braços eram cobertos de estrelas até os ombros. Ela os estendeu, como um redentor, para mostrar uma estrela com o número cem na lateral de cada pulso. A sala toda se calou. Julia mostrou suas estrelas para a universitariazinha. E então a universitariazinha lhe mandou provar que era tudo aquilo mesmo.

Aquilo nunca tinha acontecido com Julia antes, mas ela sabia o que fazer. Ela teria de mostrar todos os feitiços que conhecia, todos os testes pelos quais tinha passado, para convencer a universitariazinha de que merecia ter aquelas estrelas. Passo por passo, nível por nível, moedas, pregos, faíscas, ímãs, todo o seu cinto de utilidades, desde o nível um até o 77, que era até onde Julia tinha chegado. Isso levou quatro horas, enquanto o sol se punha e aqueles que não estavam nem aí ou que só estudavam de dia iam para casa.

Mas, claro, a vida de Julia era aquilo. Ela só tropeçou em uns dois exercícios, lá pelo nível cinquenta e tanto, mas o estatuto permitia algumas novas tentativas, e ela seguiu em frente, meio trêmula, mas ainda determinada. Ao fim do espetáculo, a universitariazinha acenou a cabeça com indiferença, desarregaçou as mangas, vestiu o paletó de volta e foi embora.

Julia precisou de todo seu orgulho para não sair atrás dela, gritando, “Me leve com você, estranha misteriosa!”. Julia já sabia quem ela devia ser. Aquela era uma dos Outros, pessoas que trabalhavam com a magia de

verdade, coisa pura mesmo. A universitariazinha devia ter acesso à fonte, de onde os feitiços vinham. Julia sabia que essas pessoas existiam só pela forma que elas perturbavam o universo, como um buraco negro; e ela estava certa. Eles finalmente tinham dado as caras para ela. Eles a tinham testado.

E, assim como Brakebills, eles não ficaram satisfeitos com o que viram. Ela devia ter algo de errado, alguma coisa que ela não conseguia enxergar, mas que era óbvia para quem estava olhando.

Foi só quando voltou para casa que ela encontrou o cartão em seu bolso. Ele estava em branco, mas um complexo feitiço revelou uma mensagem escrita em eslavo eclesiástico antigo: *Queime Isto*. Ela queimou o cartão em um cinzeiro, não com um feitiço simples de conflagração, mas com um de 43º nível, que fazia basicamente a mesma coisa, só que exigia catorze posições manuais e um encantamento em eslavo eclesiástico antigo.

A chama reluziu com tons de violeta e laranja ritmados. Os lampejos eram um código Morse. Esse código revelou um par de coordenadas de GPS, que correspondiam à localização de um minúsculo vilarejo no sul da França. Esse vilarejo se chamava Murs. Tudo aquilo tinha muito a cara do Free Trader Beowulf. Finalmente, Julia havia sido convocada. O tão esperado envelope tinha chegado. Desta vez, era para valer. Ela havia feito seus investimentos há muito tempo, e até que enfim, até que enfim, aquilo estava começando dar sinais de que iria render.

Como explicar tudo isso a seus pais, que àquela altura já não deviam estar ligando para mais nada? Ela já estava com 22 anos agora. Quantas vezes essas pessoas aguentariam ter seus corações partidos? Mas, por mais que ela temesse essa conversa, tudo saiu melhor do que ela imaginava. Ela escondeu muito dos pais, mas uma coisa que ela não conseguiu esconder foi que ela agora estava até otimista. Ela acreditava que tinha uma chance de ser feliz agora, e não ia deixá-la passar. Parecia fazer anos – ou melhor, fazia mesmo – que ela não se sentia daquele jeito. Seus pais entenderam isso, de algum jeito, e não se incomodaram. Eles ficaram felizes por ela. E a deixaram ir embora.

E, falando em despedidas, ela deu um pé na bunda pálida e ossuda do carrancudo Jared, o não tão talentoso linguista. Me ligue quando você terminar essa sua dissertação, mané.

Um belo dia em abril, Julia entrou em um avião, deixando para trás tudo o que tinha, e foi para Marselha, às margens do esplendoroso azul do mar

Mediterrâneo. Ela estava se sentindo tão leve e livre que poderia ter ido voando até lá com suas próprias forças.

Ela alugou um Peugeot que nunca iria devolver e seguiu durante uma hora rumo ao norte, contornando rotatórias tipicamente francesas a cada cem metros, dobrou à direita em Cavaillon e se perdeu umas oitenta vezes perto de Gordes, um lindo vilarejo empoleirado no alto da vertiginosa encosta de uma montanha do vale do Luberon, como se tivesse sido entalhado na própria pedra. Ela chegou à tranquila e minúscula vila de Murs às três da tarde, no coração da fotogênica região de Provença.

Para sua surpresa, o lugar era uma pequena joia, um aglomerado de casas antigas, em grande parte desconhecido pelos turistas, todas elas feitas com pedras do sul da França que emitiam um estranho brilho. O vilarejo tinha uma igreja, um castelo e um hotel. As ruas tinham um ar medieval e eram tão estreitas que riscavam toda a lataria do carro. Julia parou na praça no centro da vila e se deparou com um desolador memorial da Primeira Guerra. Metade dos mortos tinha o mesmo sobrenome.

O ponto indicado pelas coordenadas de GPS ficava a dez minutos de caminhada da praça. Elas correspondiam a uma belíssima casa de campo ilhada no meio de um mar de feno e campos de lavanda. A casa tinha persianas azul-claras e uma entrada de cascalho branco, onde ela parou seu Peugeot riscado. Um homem distinto só um pouco mais velho do que Julia abriu a porta. Ele era bonito – ele passava uma impressão de que nem sempre tinha sido tão distinto assim, de que tinha perdido muito peso em algum ponto da vida. Isso havia deixado traços muito interessantes em seu rosto.

— Olá, Circe — disse ele. — Eu sou Pouncy Silverkitten. Seja bem-vinda a sua casa.

CAPÍTULO 19

Ao lado de Eliot na manhã seguinte, os dois reis de Fillory avançando para o leste, em direção ao desconhecido, rumo ao sol nascente, sem saber o que Deus, o Destino ou a Magia poderiam estar reservando a eles no horizonte, tudo se encaixou: as coisas finalmente estavam acontecendo. Era aquilo o que ele queria.

No começo, foi difícil admitir, alterar os planos de novo e simplesmente aceitar aquela situação, mas depois, de repente, parou de ser. Tudo ficou mais fácil com o sol da manhã batendo em seu rosto e com o *Muntjac* galopando sobre as ondas a seus pés. Ele tinha perdido muita coisa até então, mas agora estava decidido a não perder mais nada. A Terra, sim, era um mero sonho, não Fillory, e ela seria relegada àquela parte do seu cérebro para onde os sonhos iam – aqueles sonhos febris diabolicamente cheios de detalhes que pareciam durar anos, com infinitos pontos de virada sem sentido, e que no final de tudo levavam você a um destino que não era nem a morte, mas sim só um estado de vergonha eterna. Fillory o havia recebido de volta. Seja bem-vindo à Jornada das Sete Chaves. Sua aventura já começou.

Bingle estava no alto castelo de proa, como de costume, como em sua época, mas agora no meio de um árduo treino com outro espadachim. Era Benedict, sem camisa, magro e bronzeado, que recuou fazendo uma careta e então, surpreendentemente, forçou Bingle para trás e ganhou terreno. Ele lutava sem tirar a mão da cintura em nenhum momento, como se fosse um

pirata. Choques estridentes de metal contra metal ecoavam pelo ar, como o rangido de uma imensa tesoura abrindo e fechando suas lâminas.

Eles travaram suas espadas. Um empate. Em seguida, eles se separaram, dando tapinhas um no ombro do outro e rindo – rindo! – de alguma questão técnica do combate. Era como ver uma versão de si mesmo em uma linha do tempo alternativa, uma linha do tempo onde ele havia ficado em Fillory e aprendido como segurar sua espada com o braço esticado por mais de dois minutos. Benedict percebeu que Quentin estava ali e o saudou, sorrindo com seus dentes brancos brilhantes. Quentin o saudou de volta. Em seguida, Benedict e Bingle voltaram a se enfrentar.

Bingle havia encontrado seu discípulo.

— Esses caras são demais! — Ele não tinha ouvido Poppy chegar. Ela estava assistindo ao treino também. — Você sabe fazer isso? — perguntou ela.

— Você está brincando? — rebateu Quentin, mas Poppy balançou a cabeça. Ela não estava brincando. — Eu bem que queria. Sabe o cara da direita, o mais velho? Ele é o melhor espadachim de Fillory. Nós fizemos um torneio.

— Tudo isso ainda me parece muito coisa de filme. Ainda não consigo acreditar que isto aqui é real. Nossa! — Bingle deu uma de suas típicas cambalhotas acrobáticas. — Meu Deus! Achei até que ele ia cair pra fora do barco!

— Eu sei. Eu ia treinar com ele.

— Que legal. E por que não treinou?

— Acabei voltando sem querer pro mundo real. E um ano se passou aqui durante os três dias que fiquei lá.

— Bom, agora eu entendo por que você queria tanto voltar. Aqui é tão lindo! Desculpa por não ter levado isso a sério antes. Eu estava errada.

Quentin achou que Poppy estaria detestando sua viagem a bordo do *Muntjac*. Afinal, ela tinha sido arrancada do mundo que conhecia e amava e levada para lá. Aquilo era uma afronta a todos os princípios pelos quais ela vivia.

Era tudo verdade, e ela tinha passado um dia revoltada com isso. Bom, metade de um dia. Poppy tinha ficado a tarde inteira do dia anterior mal-humorada, mas depois apareceu para o café naquela manhã com uma postura otimista novinha em folha. Ela era temperamental demais para ficar

mal-humorada por muito tempo. Claro, tudo bem, ela tinha sido levada por acidente para um mundo mágico que até pouco tempo ela via apenas como um conto de fadas. A situação não era ideal, mas era o que ela tinha nas mãos, e ela não ia reclamar. Poppy era mesmo uma menina durona.

— Eu falei com aquele outro ontem à noite — disse ela. — O rapazinho, Benedict. Ele é um grande fã seu.

— Benedict? Sério?

— Você não percebeu como ele ficou empolgado quando viu que você estava olhando agora há pouco? Olhe lá, ele está se matando só pra impressionar você. Você é tipo uma figura paterna pra ele.

Quentin não tinha percebido. Como Poppy tinha percebido tudo isso em só um dia ali?

— Pra falar a verdade, sempre achei que ele me odiasse.

— Ele deve ter ficado péssimo por não ter ido pra Terra com você.

— Como assim? E perder todas as aventuras daqui?

Agora Poppy estava dirigindo seus inocentes olhos azuis para Quentin e não mais para a luta de espadas.

— Por que você acha que o que aconteceu com você na Terra não foi uma aventura?

Quentin tentou começar a responder, mas parou com a boca aberta. Porque percebeu que na verdade não tinha nada para dizer.

Outros cinco dias se passaram até eles avistarem terra.

Eles estavam tomando café da manhã ao ar livre no convés: Quentin, Eliot, Josh e Poppy. Era um costume que Eliot havia instituído: a tripulação preparava uma mesa no castelo de popa, com uma toalha de uma alvura ofuscante, e presa para não ser levada pelo vento. Ele não desistia da ideia mesmo sob as mais adversas condições meteorológicas. Certa vez, Quentin o viu lá em cima sozinho debaixo de uma forte ventania, mordiscando uma torrada com geleia que com certeza estava encharcada pela densa maresia. Era uma questão de princípios para ele.

Mas aquele dia estava bonito. O clima era quase tropical de novo. A luz do sol reluzia nos talheres, e o céu era um perfeito domo azul. A comida em si, no entanto, já não era das melhores, resumida a mantimentos imperecíveis que saíam do fundo do compartimento de carga no final de uma viagem longa como aquela: biscoitos de água e sal e pedaços de carne

seca tão salgados que tinham mais sal do que carne. A única coisa que ainda estava boa era a geleia, que Quentin vinha usando aos montes.

— Então é assim que isso funciona? — perguntou ele. — A jornada? Vamos só continuar indo pro leste até encontrar alguma coisa?

— A menos que você tenha alguma ideia melhor, sim — disse Eliot.

— Não. Só me explique por que você acha que isso vai funcionar.

— Porque é assim que as jornadas são — disse Eliot. — Não que eu entenda a mecânica da coisa, mas o que eu aprendi é que não adianta você forçar nada com grandes empreitadas detetivescas. É um desperdício de energia. Quem sai por aí batendo de porta em porta e caçando pistas nunca encontra o que está procurando, o Graal, ou sei lá o quê. É mais uma questão de ter a postura certa.

— E que postura é essa?

Eliot encolheu os ombros.

— Não faço ideia. Acho que só precisamos ter fé.

— Nunca vi você como um cara de muita fé — disse Quentin.

— Nem eu. Mas tem dado certo até agora. Já achamos cinco das sete chaves. Não dá pra se discutir com os resultados.

— Não mesmo — disse Quentin. — Mas isso não é a mesma coisa que ter fé.

— Por que você sempre tenta estragar tudo?

— Não estou estragando nada. Só estou querendo entender.

— Se você tivesse fé, não precisaria entender.

— E por que exatamente você está procurando essas chaves? — perguntou Poppy com um ar alegre. — Ou melhor, por que nós estamos procurando essas chaves?

— Pois é, por quê? — disse Josh. — Digo, não me entenda mal, achei essa história muito legal. Essas chaves parecem ser interessantes. Posso ver alguma?

— Nós na verdade não sabemos bem o porquê — disse Eliot. — As Criaturas Singulares só queriam que nós as encontrássemos.

— Mas pra fazer o que com elas? — perguntou Poppy.

— Acho que assim que encontrarmos todas, as criaturas vão nos dizer. Ou talvez a gente mesmo acabe descobrindo. Ou talvez a gente nunca vá saber. Elas podem só pegar as chaves, dar um tapinha nas nossas costas e mandar a gente embora. Sei lá. Nunca estive numa jornada antes.

— Então... isso é tipo aquela história de que o que importa é a jornada e não o destino? — disse Josh. — Odeio esses papos. Sou um cara à moda antiga, pra mim o destino é o destino e pronto, acabou.

— Bom, se serve pra alguma coisa, elas me falaram que o reino estava em perigo — disse Eliot. — Então pelo menos tem isso. Mas também não é como se o Santo Graal fosse útil pra alguma coisa de verdade, nem nada.

— Eu já contei pra vocês que a Terra Nula foi destruída, né? — disse Josh.

— Você acha que isso tem a ver com as chaves? — perguntou Quentin. — Que essas coisas têm alguma ligação?

— Não. Bom, talvez. — Josh acariciou seu queixo com o dedão e o indicador. — Mas como?

— A Terra Nula foi destruída — começou a enumerar Quentin. — Jollyby foi morto. O reino está supostamente em perigo. Sete Chaves de Ouro. Um dragão colecionador de botões. Se é que tem algum fio condutor interligando todas essas coisas, não estou conseguindo enxergar.

Talvez ele não quisesse enxergar. Seria um fio condutor e tanto. Era melhor pensar duas vezes antes de puxar um fio desses.

Em seguida, alguém no alto do mastro gritou que tinha avistado uma ilha.

A quilha do bote afundou quase sem som na areia branca e molhada da praia. Quentin pulou por cima da proa aproveitando o último resto de impulso e caiu de pé na areia macia e clara com suas botas ainda secas. Ele se virou de volta para o bote, fez uma reverência e recebeu uma leve salva de palmas de seus passageiros.

Ele pegou o cabo de atracação e o puxou enquanto os outros – Eliot, Josh, Poppy, Julia, Bingle e Benedict – desciam pelos dois lados. O ar estava tranquilo e parado. Era estranho estar em terra firme de novo.

— Mas que equipe de descida vagabunda. Nenhum camisa vermelha pra morrer primeiro — reclamou Josh, com suas referências de *Jornada nas Estrelas*, enquanto se arrastava pela praia.

Bonita: essa foi a impressão que aquela ilha causou a princípio. Penhascos de giz que se partiam, revelando uma pequena baía com uma linda praia. Contra o horizonte, despontava uma única fileira de árvores, todas tão perfeitas, tranquilas e verdes contra aquele céu azul que até pareciam entalhadas em jade. Um paraíso de férias.

Era fim da tarde; eles tinham passado a maior parte do dia tentando chegar à terra. Eles pararam juntos na praia. A areia era tão limpa que parecia ter sido peneirada. Quentin subiu pela praia até o topo da primeira duna que encontrou para tentar ver o que havia mais adiante. A duna era íngreme e, assim que chegou perto do topo, ele se sentou na areia e olhou por cima do cume. Quentin se sentiu como uma criança na praia. Mais adiante, ele avistou mais dunas, cobertas de mato, depois um gramado, depois uma fileira de árvores e depois só Ember sabia mais o quê. Até aqui, tudo bem. Que bonito.

— Bom... — disse Quentin. — Hora da aventura.

Mas eles tinham assuntos mais mundanos para resolver primeiro. Quentin, Poppy e Josh estavam em Veneza até três dias atrás, mas era a primeira vez que a tripulação via terra firme há coisa de três semanas. Eles chegaram à praia em grupos de dois ou três e outros apenas saltaram do *Muntjac* para o mar verdejante. Após um merecido intervalo para desanuviar, Eliot os reuniu na praia e os despachou em grupos para encontrar água doce, trazer madeira para fazer fogo e novos mastros, armar barracas, colher frutas locais e caçar.

— Parece que caímos de pé — disse Eliot, assim que todos já tinham um trabalho a fazer. — Não acham? Por enquanto, eu qualificaria esta ilha como acima da média.

— Este lugar é tão lindo! — disse Poppy. — Será que alguém vive aqui? Eliot balançou a cabeça.

— Não sei. Já estamos viajando há dois meses. Nunca ouvi falar de ninguém que tenha chegado tão longe assim. Nós podemos ser as primeiras pessoas a pisar nesta ilha.

— Imagine só — disse Quentin. — Então você quer...?

— O quê?

— Você sabe. Reclamar a terra. Em nome de Fillory.

— Ah! — Eliot pensou no assunto. — Ainda não fizemos isso nenhuma vez. Me parece meio imperialista. Não sei bem se seria de bom gosto.

— Mas você nunca quis fazer isso?

— Bom, sim — disse Eliot. — Tudo bem. Qualquer coisa, a gente sempre pode devolver a posse. — Ele ergueu a voz, assumindo o tom que usava para pôr ordem nas reuniões no Castelo de Whitespire. — Eu, o Grande Rei Eliot, declaro esta ilha como parte do grande e glorioso reino de

Fillory! A partir de agora, ela será conhecida como... — Ele fez uma pausa. — ...como o Novo Havaí!

Todos acenaram com a cabeça com um ar vago.

— Novo Havaí? — disse Quentin. — Sério?

— O clima aqui não é bem tropical — disse Poppy. — Está mais pra temperado.

— Que tal Ilha Benlonge? — disse Quentin. — Tipo uma palavra só: Benlonge.

— Ilha do Alívio — sugeriu Poppy, entrando no espírito. — Ilha da Areia Branca. Ilha Verdejante!

— Ilha da Caveira — disse Josh. — Não, espera, Ilha da Caveira Aranha!

— Tudo bem, a Ilha a Ser Batizada Depois — disse Eliot. — Enfim. Vamos descobrir o que tem por aqui antes de inventar algum nome.

Mas, àquela altura, o sol já estava baixo no céu, então, em vez disso, eles só começaram a trazer gravetos e grama seca do campo que havia ali adiante para a praia. Com cinco magos bem treinados no grupo, acender uma fogueira não foi difícil. Eles poderiam ter criado fogo só com a areia mesmo. Mas o cheiro não seria tão bom.

O grupo que saiu para caçar voltou cheio de orgulho, trazendo dois cabritos selvagens nas costas, e um dos outros coletores encontrou um campinho de algo muito parecido com cenouras crescendo na entrada da floresta, que claramente pareciam ser seguras para se comer. Todos eles se sentaram em círculos na areia morna, sentindo a brisa fria do mar nas costas e o calor do fogo em seus rostos, e ficaram saboreando a sensação de estar em terra firme de novo, com espaço o bastante para esticar os braços e as pernas sem esbarrar em nada. A praia agora já estava coberta de pegadas e, conforme o sol descia, a luz criava sombras em padrões entrecruzados sobre elas. Eles estavam muito longe de casa.

O sol poente se escondeu atrás de uma nuvem, iluminando-a por trás como uma mortalha de fumaça, com alguns raios vazando pelas bordas. Estrelas estranhas começaram a invadir o céu cada vez mais escuro. Ninguém queria voltar para o *Muntjac* tão cedo, então, quando a noite caiu, os viajantes apenas se enrolaram em cobertores e caíram no sono ali mesmo na areia.

Na manhã seguinte, tudo já parecia menos urgente do que no dia anterior. Sim, o reino estava em perigo, mas será que esse perigo era tão imediato assim mesmo? Seria difícil imaginar um lugar menos em perigo do que a Ilha a Ser Batizada Depois. Aquela terra tinha um quê de Shangri-la. Além disso, de um jeito ou de outro, a aventura viria até eles quando a hora certa chegasse, pelo menos em teoria. Não adiantava forçar nada. Era só uma questão de manter a postura certa. Por enquanto, eles iriam só saborear essa antecipação, aproveitando o tempo para descansar.

Até Julia não estava com pressa.

— Eu estava com medo de que a gente não fosse voltar — disse ela. — Agora, estou com medo do que vai acontecer se a gente continuar seguindo em frente.

Eles escalaram os penhascos de um lado da baía e, lá do alto, puderam ver mais da ilha verdejante, com colinas rochosas amontoadas no centro. Havia aves empoleiradas aos bandos no alto dos penhascos – elas tinham penas cinzentas opacas nas costas e nas asas, mas às vezes se viravam no meio do ar em uníssono, mostrando de repente seus peitos rosados de uma só vez. Quentin estava prestes a batizá-las de maritaca-do-peito-rosado, ou alguma coisa mais ou menos assim, quando Poppy comentou que elas já tinham nome. Elas eram galahs, um tipo de cacatua. Elas existiam na Austrália também.

O cozinheiro era um grande pescador e conseguiu fregar do mar vários peixes rajados enormes, um atrás do outro. À tarde, Quentin ficou vendo Benedict e Bingle treinando luta de florete – com rolhas fincadas nas pontas, por segurança. Ele passou uma hora deitado, com os cotovelos apoiados no chão, só olhando para as ondas. Elas não se pareciam nada com as ondas geladas e tímidas da costa leste de sua juventude, que o desmotivaram completamente a se aventurar em atividades tão frívolas como surfar ou brincar na água. Aquelas ondas vinham suaves, formando cristas de espuma borbulhante e cremosa, erguiam-se por um instante, verde-menta e finas como papel sob a luz do sol, e então quebravam em uma longa linha, com um barulho que parecia o de tecido se rasgando.

Ele afundou os dedos dos pés na areia quente e ficou vendo o estranho efeito ótico moiré que as avalanches de areia em miniatura criavam ao cair. Eles foram dormir naquela noite sem ter explorado muito mais do que o pequeno litoral da ilha que já tinham conhecido. No dia seguinte, eles se aventurariam pelo interior, pela floresta e pelas colinas.

Quentin acordou cedo. O sol ainda nem tinha nascido, mas um borrão cinzento já podia ser visto ao leste. Ele ficou pensando em como seriam as coisas lá adiante, no extremo leste. As regras eram diferentes em Fillory. Até onde ele sabia, aquele mundo poderia ser chato, com o sol correndo sobre um trilho.

Tudo estava cinzento: a areia, as árvores, o mar. Brasas vermelhas reluzentes ardiam sob as cinzas das fogueiras. Estava esquentando. As pessoas dormindo na praia pareciam ter caído ali de uma grande altura. Poppy tinha até chutado seu cobertor de lado – ela dormia com os braços cruzados sobre o peito, como um cavaleiro em sua tumba.

Ele teria voltado a dormir, mas estava morrendo de vontade de fazer xixi. Ele se levantou, correu até uma duna e desceu do outro lado. Aquilo não parecia ser longe o bastante, por questões de higiene, então ele passou por cima de mais uma, e então chegou à conclusão de que agora que já estava ali, poderia ir até o campo e mijar por lá mesmo.

A sensação de vulnerabilidade foi inevitável enquanto ele se aliviava na grama alta, mas a manhã estava tranquila como uma pintura, e eles não tinham sido tão idiotas assim. Qualquer um que conhecesse alguns bons feitiços de revelação – ou seja, quase ninguém – poderia ver uma linha azul-clara de energia mágica fina como uma teia de aranha que se estendia ao longo da borda da floresta como uma armadilha. Eles tinham preparado o encanto no dia anterior. Nada que pudesse machucar alguém que invadisse o perímetro, não de forma permanente pelo menos, mas os magos seriam alertados, e seja lá quem fosse o invasor, não conseguiria mais andar. E só com muita sorte continuaria consciente. Eles já tinham pegado um porco selvagem assim.

Até os insetos estavam calados. Quentin espirrou – ele era um pouco alérgico a algumas das plantas locais – e esfregou os olhos. Do outro lado do campo, um vulto de repente entrou na floresta. Aquilo sumiu assim que os olhos de Quentin se deram conta de sua presença – seja lá o que fosse, devia estar parado ali, totalmente imóvel, observando enquanto ele fazia xixi. Ele teve a impressão de que era alguma coisa grande, do tamanho de um javali, talvez.

Quentin amarrou as calças – não existiam zíperes em Fillory e, até agora, ninguém havia conseguido recriá-los por lá; era simplesmente impossível explicar como eles funcionavam para os anões – e atravessou o campo em direção ao lugar onde ele tinha visto o animal. Chegando bem em frente à

linha azulada, ele espiou em meio às árvores. A floresta era densa o suficiente para que ainda estivesse totalmente escuro lá dentro. Ainda assim, ele conseguiu avistar a tênue sombra das ancas de algum animal enorme se embrenhando em meio à mata.

Era aquilo? Estava começando? Com todo cuidado, como se estivesse pulando uma cerca elétrica, ele passou uma perna por cima da linha azul invisível, e depois a outra, e então entrou na floresta. Quentin já tinha quase certeza de Quem estava ali antes de Ele aparecer por inteiro.

— Oi, Ember — disse ele. — Ember! Espere! — O deus olhou para trás sobre Seu ombro com um ar impassível, e então seguiu trotando em frente. — Ah, qual é?

O deus-carneiro não era visto em Fillory desde que os Brakebills haviam assumido os tronos, ou pelo menos até onde Quentin sabia. Ele parecia estar totalmente recuperado da surra que tinha levado de Martin Chatwin. Até Sua perna traseira, que havia sido quebrada na última vez em que Quentin o viu, estava em perfeito estado, aguentando todo o Seu peso sem nenhum problema.

A opinião de Quentin sobre Ember era controversa. Ele não era como o Ember dos livros. Quentin ainda estava irritado por Ele não ter conseguido salvá-los – especialmente Alice – na luta contra Martin. Ele sabia que a culpa não era de Ember, mas mesmo assim. Que tipo de deus não se garantia no topo da cadeia alimentar de Seu próprio mundo?

Bom, do tipo grande, coberto de lã e chifrudo, pelo visto. Quentin não tinha nada pessoal contra Ember, ele só não queria se curvar a Seus pés como Ele parecia esperar que todo mundo fizesse. Se Ember fosse tão poderoso assim, Ele deveria ter salvado Alice, e se Ele não fosse tão poderoso assim, Quentin não tinha por que se curvar. C.Q.D.

Ainda assim, se Ember estava ali, era porque eles estavam no caminho certo. A aventura estava prestes a se tornar real muito em breve, ou pelo menos “real” no sentido filloriano. Ele só não sabia que tipo de realidade filloriana iria ser – a Fillory linda e mágica, ou o seu lado mais sombrio e assustador. Mas, de um jeito ou de outro, aquela seria uma boa hora para receber uma nova carga de sabedoria sagrada. Conselhos divinos. Um pilar de fogo, uma árvore de fumaça.

Ember levou Quentin colina acima, para o interior da ilha. Quentin já estava começando a perder o fôlego. Depois de cinco minutos, Ember

finalmente desacelerou o suficiente para que ele o alcançasse. Àquela altura, eles já estavam na metade da encosta, e o sol finalmente já tinha se erguido como uma reluzente faixa rosada sobre o horizonte. Eles agora estavam em um ponto alto o bastante para que Quentin pudesse ver as copas das árvores da floresta.

— Obrigado — disse Quentin, ainda ofegante. — Jesus! — Ele se apoiou nas costelas de Ember por um instante antes de perceber que talvez aquilo fosse intimidade demais entre um mortal e um deus. — Oi, Ember. Como o Senhor está?

— Olá, meu filho.

Aquela voz grave e ressoante levou Quentin de volta na mesma hora para a caverna sob a Tumba de Ember. Ele não ouvia aquela voz desde aqueles tempos, e até sentiu um embrulho no estômago. Aquela não era uma situação que ele gostaria de reviver.

Ele decidiu manter um tom leve para a conversa.

— Que surpresa encontrar o Senhor por aqui.

— Nós não nos encontramos por acaso. Nada acontece por acaso.

Esse era o bom e velho Ember. Sem papo-furado. O carneiro começou a subir a colina de novo. Quentin ficou pensando se Ele sabia que ele e os outros o chamavam de Rocambode pelas costas. E às vezes, em momentos menos elogiosos, de Chifrudo.

— Não, acho que não — disse Quentin, mesmo sem saber bem se concordava. — Mas então. Como o Senhor veio parar aqui?

— Fillory é o meu reino, filho. Eu estou em toda parte e, assim sendo, estou aqui.

— Entendi. Mas o Senhor não poderia só ter nos teletransportado pra cá, em vez de nos fazer cruzar o oceano inteiro até aqui?

— Poderia. Mas não o fiz.

Deixa pra lá. Olhando para trás, Quentin agora podia ver o *Muntjac* ancorado, todo bonito e perfeito, como uma daquelas miniaturas montadas dentro de uma garrafa. Ele podia até ver o acampamento na praia, as fogueiras e os cobertores. Mas não havia tempo para admirar a vista, porque o carneiro estava subindo a encosta rochosa da colina a passos largos. O que para Ele não era nenhum problema, Ele nascera para aquilo. Afinal, ele era um carneiro. Todo ofegante, Quentin viu a cobertura de lã dourada clara e

fofinha nas costas Dele, e ficou se perguntando se Ember permitiria que alguém o montasse. Provavelmente não.

— Sabe — disse Quentin. — Eu até entendo, mas andei pensando. Sobre as Sete Chaves. Se o Senhor é onipresente, e deve ser onisciente também, não poderia só sair por aí e achar todas essas chaves sozinho? Enfim, se elas são tão importantes assim pro nosso reino. Digo, acho que o Senhor levaria uma meia hora pra encontrar todas elas, no máximo.

— Há Magias Maiores em ação aqui, meu filho. Até os deuses precisam se curvar perante isso. É assim que deve ser.

— Ah, sim. As Magias Maiores. Tinha me esquecido disso.

As Magias Maiores pareciam estar em ação sempre que Ember não estava a fim de fazer alguma coisa, ou precisava tapar algum buraco na história.

— Acho que você ainda não entendeu, meu filho. Há coisas que um homem precisa fazer e que não podem ser feitas por um deus. Completar uma jornada não implica em achar algo, mas sim em se transformar em algo.

Quentin parou de subir, bufando, com as mãos na cintura. O horizonte ao leste já estava coberto por uma sólida faixa alaranjada agora. As estrelas estavam se apagando.

— Como assim? Se transformar no quê?

— Em um herói, Quentin.

O carneiro continuou andando, e ele o seguiu.

— Fillory precisa de deuses, e de reis e rainhas, e isso esta terra já tem. Mas ela também precisa de um herói. E ela precisa das Sete Chaves.

— Parece que Fillory não tem muito a pedir, não é?

— Fillory tem apenas tudo a pedir.

Com um salto desajeitado, mas poderoso, Ember se lançou adiante, passando por cima de um domo rochoso que na verdade era o pico da colina. De lá, Ele virou Sua cabeça para Quentin, encarando-o com Seus estranhos olhos amendoados. Os ovinos supostamente evoluíram de uma determinada forma para conseguir avistar lobos se aproximando pelos cantos dos olhos. Para ter uma melhor visão periférica. Mas o efeito disso era desconcertante.

— Bom, não é pouca coisa, então.

— Fillory só pede aquilo de que precisa. E você, Quentin? Do que você precisa? O que você pede?

A pergunta o pegou de surpresa. Quentin estava acostumado aos questionamentos repreensivos e pseudossocráticos de Ember, mas aquela era uma joia rara: uma boa pergunta. O que ele queria? Até poucos dias, ele queria voltar para Fillory, e conseguiu isso. Ele achou que queria voltar para o Castelo de Whitespire, mas agora já não tinha tanta certeza assim. O medo de quase perder Fillory foi intenso, mas ele acabou achando o caminho de volta. Ele agora queria encontrar as chaves. Ele queria terminar aquela jornada. Ele queria uma vida empolgante e cheia de importância e significado. E ele queria ajudar Julia a ficar melhor. Ele pensava estar disposto a fazer o que fosse preciso para ajudá-la, se pelo menos soubesse o quê.

— Acho que é isso que o Senhor disse — respondeu Quentin. — Eu quero ser um herói.

Ember virou Sua cabeça de volta para o sol nascente.

— Então você terá sua chance — disse Ele.

Quentin se arrastou até o pico rochoso e ficou vendo o sol nascer ao lado do carneiro. Ele queria perguntar a Ember sobre aquilo, sobre o sol, e do que ele era feito, e o que acontecia lá na borda do mundo, ou se Fillory sequer tinha uma borda. Mas quando ele se virou para falar, viu que estava sozinho no alto da colina. Ember já não estava mais ali.

Justo agora que as coisas estavam ficando interessantes. Ele se virou devagar, e deu uma volta completa, mas não havia mais nenhum sinal Dele. Ember havia desaparecido por completo. Ah, enfim. Agora que o carneiro tinha ido embora, Quentin quase sentiu Sua falta. Havia algo de especial em se ver diante de uma presença divina, mesmo quando essa divindade era Ember.

Ele se espreguiçou, ali no cume da ilha, e então pulou com todo o cuidado do alto das pedras e começou a descer até a praia. Ele não via a hora de contar aos outros o que havia acontecido, por mais que tudo aquilo parecesse ter sido só um sonho, como aqueles que acontecem no começo da manhã, quando você só está meio dormindo, enrolado entre lençóis e travesseiros, e a luz do sol nascente ilumina o quarto através das cortinas fechadas, aqueles dos quais você só se lembra por acaso horas depois, só

por alguns segundos, quando está voltando para a cama no fim do dia. Será que alguém já tinha acordado? Talvez ele ainda pudesse voltar a dormir.

Quentin deveria ter percebido que algo estava diferente, mas ele estava distraído demais durante a subida. Ele tinha subido a montanha praticamente correndo enquanto falava com um deus. Além disso, ele também nunca foi um grande observador da natureza. Ele nunca teria reparado em uma bela faia, ou em um olmo estranho, ou mesmo sequer saberia identificar a diferença entre os dois tipos de árvores, se é que havia alguma.

Ainda assim, depois de alguns minutos, ele começou a se perguntar se estava descendo pelo mesmo caminho que havia subido, porque todo o ambiente parecia um pouco mais rochoso do que ele se lembrava – a proporção entre rochas, plantas, terra e grama não parecia mais ser a mesma. Quentin preferiu não se preocupar demais com isso, porque caso se preocupasse demais, acabaria tendo de subir a colina de volta para encontrar uma nova trilha de descida, e esse era o tipo de coisa que ele queria evitar. Além do mais, ele vinha tentando manter o sol nascente a sua direita, e é assim que você se orienta ao ar livre, não é? Se tudo desse errado, ele poderia descer até a praia e voltar pela areia. Ele não teria como não ver o acampamento assim. Ele ainda estava esperando conseguir voltar à praia a tempo para o café da manhã.

No entanto, uma coisa que ele não teve como ignorar, por mais que tenha tentado até quando foi possível, era que as sombras das coisas não estavam mais diminuindo, como acontece quando o sol está nascendo. Elas estavam ficando maiores. Isso significaria então que o caldo vermelho-alaranjado borbulhando no horizonte de alguma forma já não era mais uma alvorada, e sim um crepúsculo.

Isso também significaria que ele estava do lado errado da ilha. Mas isso seria impossível. O mais estranho mesmo foi que ele só percebeu que alguém o havia acertado com uma espada depois de já ter sido atingido.

No começo, ele só notou que tinha perdido o equilíbrio e que seu braço esquerdo estava dormente.

— Porra! — disse ele.

Quentin cambaleou e se apoiou com sua mão direita ainda boa na grama fria. Havia um homem atrás dele, um jovem grande com um rosto redondo pálido e um cavanhaque. De algum jeito, os dois estavam grudados um no

outro. Eles estavam interligados por uma espada curta de lâmina larga, cravada na clavícula de Quentin, e o homem estava tentando arrancá-la.

O que o salvou foi o seguinte: metade da clavícula de Quentin era feita de madeira de lei, enxertada pelos centauros para substituir as partes devoradas por Martin Chatwin. O homem com a espada, sem saber disso, por azar havia escolhido justo esse lado quando tentou cortar Quentin ao meio por trás.

— Filho da mãe! — esbravejou Quentin. Ele não estava se referindo àquele homem em específico; Quentin nem sabia com quem, ou Quem, estava falando.

Se estivesse conseguindo pensar direito, Quentin talvez até pudesse tentar vencer aquele cabo-de-guerra da espada, mas naquele momento, ele só queria tirar aquilo de seu corpo, e logo. Aliás, os dois queriam – os interesses de ambos confluíram temporariamente. Em um estado de medo quase extracorpóreo, Quentin ergueu o braço e pegou a espada com a outra mão. A lâmina cortou sua palma. O homem apoiou sua bota nas costas de Quentin e arrancou a espada, soltando um grunhido.

Eles ficaram cara a cara, ambos ofegantes. O silêncio da situação era estranho: lutas de verdade não tinham trilha sonora. O homem estava com uma armadura leve, usando uma espécie de farda azul, e não tinha nem a idade de Quentin. Aquela disputa tinha um estranho quê pessoal – sozinhos ali no meio de uma clareira naquela ilha silenciosa, sob a luz baixa da manhã (noite), Quentin se sentiu como se aquele homem tivesse algo específico contra ele. Durante um segundo interminável, eles se entreolharam, enquanto Quentin, como qualquer um que já tenha enfrentado de mãos vazias alguém com uma espada, ficou insinuando leves fintas de um lado para o outro, como se fosse um zagueiro e o homem com a espada estivesse tentando passar por ele rumo ao gol. Só para se garantir, caso perdesse aquele embate, Quentin murmurou as primeiras palavras de um encanto, um feitiço persa de desfalecimento, que ele tinha como fazer com apenas uma das mãos, o que era muito bom, porque ele ainda não estava conseguindo sentir seu braço esquerdo...

Sem educação alguma, o homem nem esperou que ele acabasse. Ele avançou, cercando Quentin, e então pulou com uma velocidade estarrecedora, atacando-o com uma estocada dessa vez. Quentin girou em desespero para a direita, tentando se esquivar, mas não conseguiu, porque a espada o acertou. Era incrível que ele não tivesse conseguido, porque em

sua cabeça, não tinha como dar errado, mas na verdade a lâmina acabou entrando com tudo entre suas costelas direitas, rasgando suas roupas e atravessando seu corpo.

Quentin tinha se virado tanto que a espada entrou por trás. No começo, a sensação foi só estranha, com aquela presença rígida e inesperada tomando um espaço que seu corpo costumava ocupar, raspando contra os ossos de sua costela. Em seguida, ele sentiu um calor, um calor quase gostoso, que praticamente na mesma hora se tornou insuportável, um ardor infernal, como se a espada não fosse só afiada, mas também estivesse incandescente, recém-saída de um forno.

— Ahhhh... — grunhiu Quentin, e então sugou o ar entre os dentes fechados, exatamente como faria se tivesse se cortado picando uma cebola.

Estava claro que aquele homem era um soldado, mas Quentin nunca tinha pensado sobre as verdadeiras implicações disso. Ele era um matador profissional, eficiente e pragmático. Ele não tinha a elegância de Bingle. Ele era como um padeiro, mas que em vez de fazer pães, fazia cadáveres, e ele queria transformar Quentin em um. Ele não estava nem ofegante. Ele puxou sua espada de volta para poder atacar de novo, logo de cara, desta vez visando a algo mais vital. Hora de fazer umas rosquinhas. Quentin não estava conseguindo pensar.

— *ışık!* — gritou ele, estalando os dedos.

Foi só um estalo que veio de repente; ele estava com aquilo na cabeça desde sua visita ao esconderijo. Mas, desta vez, ele acertou: uma faísca se acendeu entre eles na clareira. Surpreso, o homem deu um passo atrás. Ele provavelmente achou que Quentin o tinha machucado de algum jeito. O homem não levou muito tempo para perceber que estava bem, mas Quentin também não levou muito tempo para entoar o feitiço persa de desfalecimento.

O homem soltou sua espada e tombou de cara contra a grama fina. Quentin ficou parado, ofegante, com as mãos nas costelas. Sua camisa estava encharcada de sangue. Essa passou perto demais. Ele quase morreu. A dor era incrível, como uma centelha pulsando em meio à suave luz do crepúsculo, uma Estrela Dalva naquele fim de tarde. Sem olhar, ele nem saberia dizer ao certo se aquela dor estava vindo mesmo de dentro dele. Quando já não tinha mais como ficar pior, ele vomitou. Peixe em conserva do jantar da noite passada. Depois, tudo piorou ainda mais.

Ele tirou a camisa com cuidado, desgrudando-a de uma só vez de cima da ferida, e então rasgou uma das mangas. Ele a dobrou como um pedaço de gaze para pôr sobre o corte, e tentou amarrar do melhor jeito que pôde o resto da camisa em volta para prender o curativo no lugar. Quando terminou, Quentin ficou um minuto só rangendo os dentes e tentando não desmaiar.

Seu coração estava se debatendo dentro do peito feito um pardal engaiolado. Ele ficou o tempo todo murmurando redução de danos, redução de danos. Isso por algum motivo o ajudou.

Quando conseguiu olhar de novo, ele percebeu que a ferida estava sangrando, mas pelo menos não vertendo sangue. Parecia haver um limite bem claro para a profundidade dos fôlegos que ele conseguia tomar sem que sua visão ficasse turva pela dor. Ele tentou imaginar como o seu corpo estava por dentro. Pela dor quando ele se mexia, a espada devia ter cortado um músculo, mas provavelmente não tinha chegado ao pulmão. Ou será que sim? O que mais ficava ali? Ela devia ter rasgado só a carne entre as costelas.

A adrenalina estava inundando seu corpo, abafando aquela centelha pulsante de dor, cortando seu oxigênio. A dor continuava lá, mas ele começou a conseguir suportá-la. E só então ele entendeu o que estava acontecendo. Tudo ficou terrivelmente claro. Ele estava vivendo uma aventura. Uma aventura de verdade desta vez. Era isso o que aquela dor significava.

Quentin olhou para suas mãos. Ele estava conseguindo sentir a mão esquerda de novo. Sua clavícula de madeira estava com um talho enorme, mas sem nenhum dano estrutural mais grave. O tipo de coisa que alguém taparia com Durepox. Ele balançou a cabeça. Seu cérebro parecia estar melhor. Pelo menos um pouco.

Ele olhou para o homem roncando de cara contra a grama curta e grossa da ilha.

Ele pegou sua espada e começou a andar na direção pela qual o homem tinha vindo.

O castelo era uma estrutura pequena com três partes: uma fortaleza retangular atarracada entre duas torres de vigia, feitas de pedras cinzentas, com árvores enormes crescendo a sua volta. Ele podia ver seu contorno inteiro de onde estava na encosta rochosa. O castelo ficava em uma área

gramada aos sopés das colinas que, como Quentin podia ver, dominavam um lado inteiro do litoral da ilha, encobrendo o castelo de outros pontos de vista. Não era à toa que ele e os outros não o tinham visto ainda.

Quentin seguiu em frente de rocha em rocha, escondendo-se de qualquer um que pudesse estar vigiando a encosta, descendo a colina em ziguezague até o castelo. Ele não queria trombar com mais nenhum soldado. Talvez ele só tivesse dado azar. Para não abusar da sorte, ele desceu por um desfiladeiro rochoso até a costa. Seria melhor se aproximar pela praia.

Naquela parte, a praia se resumia a uma estreita faixa pedregosa, que mal bastava para que ele não molhasse os pés. O mar avançava forte contra as rochas com marolas rápidas e escuras. Quentin nem pensou no que estava fazendo. Se tivesse que explicar aquilo a alguém, que estava prestes a lançar um ataque mágico solitário *à la Duro de matar* contra um castelo, teria sido bem difícil se justificar. Ele poderia dizer que estava em uma missão crucial de reconhecimento, para investigar as defesas inimigas, mas isso tudo era só uma desculpa para ele poder sair correndo se ficasse com medo demais. Na verdade, ele achou que devia ser disso que Ember falara, o que Ember havia dado a ele. Sua chance. Havia algo dentro daquele castelo, algo a ver com as chaves, ou Jollyby, ou Julia, ou todos eles até, e Quentin iria entrar lá e pegar aquilo de volta.

Em seguida, ele parou. Havia um barco na praia estreita e pedregosa, um barco a remo velho e cinzento, com os remos dentro, guardados com todo cuidado, como as asas dobradas de uma libélula. O barco parecia em bom estado. Seu cabo de atracação estava amarrado a um galho mais alto logo ao lado.

De repente, Quentin travou, sua mente travou. Era como se nada no mundo pudesse fazê-lo passar por ali sem entrar naquele barco. Ele iria subir no barco e recuar. Ele iria remar de volta até o outro lado da ilha, onde seus amigos estavam. Seus ferimentos seriam um problema na hora de remar, mas nada insuperável. Aquela sensação repentina de inércia era arrebatadora. Ninguém poderia acusá-lo de covardia; na verdade, seguir em frente seria imprudente, até egoísta.

Ele já estava até desamarrando o cabo do galho da árvore – precisou fazer isso com a mão esquerda, porque não estava conseguindo erguer seu braço direito muito bem –, quando um rosto pálido apareceu ao longe da praia. Outro soldado.

Foi sinistro o quanto os dois demoraram até reagir. Quentin não queria acreditar que o homem o tinha visto, ou que ele o reconheceria como um invasor. No entanto, por mais que a luz estivesse cada vez mais fraca, as duas coisas na verdade eram impossíveis. Uma marola gelada quebrou aos pés de Quentin.

Se o homem saísse correndo para alertar os outros, estaria tudo acabado. Mas não foi o que ele fez. Em vez disso, ele avançou – ele veio pela praia até Quentin, enquanto sacava uma espada curta atarracada, igual à que estava na mão de Quentin. Pelo visto, todo o mundo queria ser um herói. Para Quentin, o soldado não parecia lá muito ameaçador.

Mas as aparências enganam. Quentin cravou sua espada com a ponta para baixo na areia e se preparou para atacar.

Feitiços cinéticos: ele era bom com aquilo. Ele era um Cara da Física. Murmurando rápido, tentando se lembrar de um seminário em Brakebills – no qual ele não pensava há tipo o quê, uns cinco anos? –, Quentin ergueu suas duas mãos com as palmas para cima e as agitou na direção do soldado como se estivesse espantando um bando de pombos. E, como tal, os pedregulhos escuros da praia avançaram contra o homem em uma onda negra, como um enxame de abelhas enfurecidas, acertando-o no peito e na cara com um barulho violento como um caminhão de brita despejando sua carga. Confuso, o homem se virou para fugir, mas caiu depois de apenas alguns passos, e as pedras o soterraram até desmaiar.

Pronto. De repente, o medo se esvaiu de novo, e a dor também, e aquela inércia. Quentin estava livre para seguir adiante. Ele agora conseguiria passar pelo barco. Ele esteve livre sua vida toda, só nunca teve consciência disso.

Ele foi até onde o homem estava semienterrado entre as pedras. Um vento morno e úmido soprava do mar. Com o pé, Quentin tirou algumas pedras de cima do rosto do soldado: um rosto fino, queimado de sol e todo marcado por cicatrizes de acne. Pelo menos por enquanto, sua história havia chegado ao fim. Quentin pegou sua espada e a jogou o mais longe que pôde na água. Ela quicou uma, duas vezes e então afundou.

Ele pegou uma pequena pedra achatada e a guardou no bolso.

Uma trilha estreita e sinuosa na ponta da praia seguia entre as árvores até a torre de vigia mais próxima. O caminho era íngreme, e ele subiu arqueado; isso ajudava suas costelas a doerem menos. Seu único medo

agora era o de perder o embalo. Ele ensaiou alguns feitiços, murmurando baixinho sem invocá-los de verdade, sentindo sua energia se acumular e deixando-a se esvaír de volta logo em seguida.

A torre era arredondada e ficava em uma encosta íngreme, então até o piso térreo estava acima dele quando se aproximou. Quentin apoiou a mão na antiga fundação exposta. Quem a teria construído? Os tijolos estavam frios, com um ar inabalável. Quem os teria posto ali com tanto cuidado e elegância, formando um círculo perfeito com aqueles blocos retangulares? Quem estaria ali dentro? Seria o mero fato de o destino, Ember, ou seja lá quem, ter colocado aquelas pessoas em seu caminho o bastante para que ele agora entrasse ali querendo machucar ou matar todas elas? Porque, enfim, ele não teria como continuar naquela onda não letal a noite toda. Seria o bastante o fato de que um, ou na verdade dois deles o tivessem atacado? Aliás, um deles tinha até cravado uma espada em suas costelas.

Mas chega de pensar. Às vezes, era como se a vida dele se resumisse a pensar, enquanto a de todos os outros se resumia a agir. Ele queria variar um pouco agora. Só para ver como era.

Ele perdeu cinco minutos com um ritual silencioso que supostamente servia para aguçar seus sentidos, pelo menos em teoria, por mais que ele não o usasse desde sua época de faculdade, e mesmo naqueles tempos, ele nunca tinha feito aquilo sóbrio. Sua melhor estratégia seria subir voando por fora e pegar seja lá quem estivesse lá dentro de surpresa por cima. Na verdade, voar exigia um feitiço incrivelmente complexo, muito mais do que se poderia imaginar, e ele ficou com medo de que isso o deixasse fraco demais para uma possível batalha depois. Mas, por outro lado, pelo menos seria uma chegada de estilo. Nada fazia alguém se sentir mais um feiticeiro fodão do que levitar por aí a seu bel-prazer. Chupem essa, seus trouxas.

Então lá subiu ele em meio ao ar do crepúsculo. Os tijolos antigos passaram voando pelo seu rosto sob a penumbra, sem fazer som algum. Ele sentiu seu peito se esvaziar um pouco com o esforço. Não era bem uma sensação de leveza, mas de estar sendo puxado por mãos invisíveis mais ou menos pelos ombros. Era como ser um bebê, sendo pego por um pai gigante. Guti-guti.

As longas pernas de Quentin ficaram balançando pelo ar quando ele ultrapassou as copas das árvores. Ele queria que os outros estivessem ali para ver. Ele voou sobre a borda da torre, com os braços abertos: uma das mãos empunhando a espada roubada, e a outra reluzindo com faíscas

violetas de um feitiço em meio à penumbra. No último segundo, ele ergueu um joelho, como os super-heróis fazem nos quadrinhos.

O homem no alto da torre teve o tempo de parar e virar sua cabeça para trás, em choque, fazendo uma careta, todo loiro e dentuço, antes de Quentin estender a mão contra ele, apontando com dois de seus dedos. Eles dispararam dois pulsos de um tom índigo profundo que acertaram o homem bem na testa, derrubando-o; os pulsos ricochetearam no escuro sabe-se lá para onde. Quentin tinha tido bastante tempo para aprimorar o antigo Míssil Mágico criado por Penny, que agora saía sempre lisinho e preciso, e com um efeito especial reluzente ainda por cima. A cabeça do homem sacolejou para trás e depois para a frente, e ele caiu de quatro no chão. Um segundo disparo, contra suas costelas, o estatelou de lado no chão.

Três a menos. Quentin pousou suavemente na cobertura de pedra, que tinha uma mureta em volta. Ele voltou a sentir muita falta de uma trilha sonora. Havia uma arma ali em cima, um canhão preto atarracado com uma pirâmide de balas logo ao lado. Ele sacou de seu bolso a pedrinha achatada que tinha pegado na praia. Tirando uma adaga do cinto do vigia desmaiado – essa era a única arma do homem –, ele começou a entalhar uma runa no pedregulho. Aquela era uma coisa complicada, mas ele tinha a imagem da runa perfeita em sua cabeça – ele se lembrava da página onde tinha lido sobre o assunto, uma página do lado esquerdo no livro. Não precisava ser nada perfeito, com linhas e ângulos retos, mas a estrutura tinha que estar correta. Era só você não fazer a topologia nas coxas.

Quando ficou pronto, quando ele ligou a última linha à primeira, Quentin sentiu a junção em suas entranhas. Sim, ia dar para o gasto. O poder estava preso ali. A pedra começou a zumbir e pular em sua mão como se estivesse viva.

Ele parou um pouco no alto da escada. Depois que ele jogasse aquela pedra, não haveria mais volta, não daria mais para se esconder nas sombras. A brisa morna do mar o banhava sob o céu cada vez mais escuro. O tempo estava fechando, e o mar todo coberto de longas ondas. Uma tempestade estava a caminho. Ele ficou preocupado de repente com o homem que tinha deixado na praia. E se a maré subisse? Quentin se acalmou pensando que a água o acordaria antes que ele se afogasse.

Um lampejo azulado rápido e silencioso chamou a atenção de Quentin, com sua visão periférica. Aquilo tinha vindo da outra torre de vigia, do outro lado da fortaleza, entre as árvores – foi exatamente como se alguém

tivesse tirado uma foto com flash lá dentro. Ele estreitou os olhos em meio à penumbra. Ele tinha sido avistado? Ou será que só tinha imaginado aquilo? Um longo instante se passou. Dez segundos. Vinte. Ele se acalmou de novo.

A outra torre explodiu. Alguma coisa quente, brilhante e branca eclodiu lá dentro. A parte de cima inteira saiu voando, e arcos de energia relampejaram para todos os lados, ateando fogo nas copas das árvores ali em volta. Pedras desabaram entre os arbustos. A cobertura da torre caiu como uma panqueca no chão.

Em seguida, no mar, os contornos brutos e robustos do *Muntjac* surgiram, contornando a ponta da ilha em silêncio. O barco apareceu como um enorme cachorro de estimação que ele não via há muitas semanas, vindo correndo na sua direção. Os outros o tinham encontrado. As coisas estavam acontecendo.

Sorrindo feito um idiota, Quentin jogou sua pedra escada abaixo e saiu de perto.

Um *whump* estrondoso fez o chão sob seus pés ressoar feito um tambor, enquanto a pedra liberava de uma só vez toda a energia que ele havia injetado, com uma grande explosão. Fios de poeira escorreram das juntas entre as telhas, e uma lufada de ar quente saiu pela porta da escada. Por instinto, Quentin se agachou um pouco, e por um instante, pensou que poderia ter exagerado na dose, mas a torre aguentou o impacto. Ele desceu a escada correndo, preparando outro feitiço, riscando a parede com a ponta de sua espada. O lugar estava escuro – ele só conseguiu ver dois homens, um caído de bruços embaixo de uma mesa quebrada, e outro tentando se levantar.

Quentin continuou correndo. Ele estava tranquilo e explodindo de empolgação. Enquanto corria, soprou em sua mão e a balançou para carregar outra magia. E foi em boa hora, porque outro homem vinha subindo a passos largos pela escada, vestindo suas luvas às pressas. Quentin esticou seu braço e acertou o homem bem no peito, o que poderia ou não ter funcionado, mas a mão de Quentin estava eletrificada como uma arma de choque, e a descarga jogou o homem de volta escada abaixo.

Ele pulou por cima do corpo do homem ainda gemendo e continuou correndo, saindo para uma praça em frente ao castelo.

Ela tinha quatro lados: a fortaleza à esquerda, as torres de vigia em cada ponta e o mar à direita. Havia um pequeno obelisco no centro. Pouco depois, Poppy chegou à praça pelo outro lado. Ele nem havia se dado conta de como devia estar, sem camisa e todo ensanguentado, até que ela o viu, e ele viu a expressão em sua cara. Quentin acenou com o que esperava ser um gesto alegre e não moribundo. Ele já estava prestes a correr até ela, quando uma vareta tilintou pelas pedras no chão a seu lado. Ele olhou com um ar curioso para ver o que era, e então cambaleou freneticamente para trás, saindo do pátio, ao perceber que era uma flecha.

Poppy também viu isso ao mesmo tempo. Ela correu para trás do pedestal do obelisco, entoando como uma metralhadora um feitiço em polonês, e então um feixe verde apareceu no ar, como um laser esverdeado, ligando a flecha até a cobertura do castelo. Ela havia identificado a trajetória da flecha no ar.

Ela não se deixava abalar facilmente. Devia ser uma coisa dos australianos. Ela provavelmente tinha crescido enfrentando cobras, cães selvagens e sei lá mais o quê. Ele nunca a tinha visto usar nenhuma magia antes, e foi espetacular. Ele nunca na vida tinha conhecido alguém tão ágil com as mãos como ela.

— Ei! — gritou ela, atrás do obelisco de pedra. — Tudo bem com você?

— Tudo, sim!

— Eliot e Benedict já estão terminando lá na torre! — gritou ela.

— Eu vou entrar! — disse ele, apontando para a fortaleza.

— Calma! Não! Bingle já está vindo também!

— Eu vou entrar!

Ele não ouviu o que ela disse depois. Ele estava extasiado ao vê-los ali, especialmente Poppy, por algum motivo estranho, a boa e velha Poppy, mas também sentiu uma onda de melancolia ao mesmo tempo. Aquela era sua chance. Se ele não corresse, se não entrasse lá primeiro, ele a perderia. E Quentin não queria ser egoísta, mas se os outros não se importassem, ele queria que aquela fosse a sua vez de comandar o show. Quentin sussurrou algumas palavras para sua espada e bateu-a duas vezes no chão. Ela ganhou um brilho dourado. Poppy estava concentrada na ponta do rastro verde junto à flecha agora. A ponta se transformou em uma faísca e subiu zunindo de volta como um pavio aceso. A luz sumiu sobre a amurada, e então o estrondo de um trovão irrompeu.

Quentin correu para a entrada da fortaleza. A sensação era absolutamente incrível. Ele não tinha ideia de como sabia o que fazer, mas foi lá e fez. Com os outros agora ali para apoiá-lo, ele deu adeus a suas últimas incertezas.

As portas eram feitas de toras reforçadas com ferro de trinta centímetros de espessura. Ele deu um pulinho, erguendo a espada, e atacou-as com um golpe por cima da cabeça. O feitiço que ele havia preparado não afetou a pegada da arma em sua mão, mas afetou todo o resto a sua volta como se ela pesasse uma tonelada. A estrutura inteira estremeceu, e a madeira rangeu e se partiu. Mais poeira. O estrondo ecoou noite afora. Outro golpe afundou as portas pela metade, e ainda outro as derrubou de vez.

Ao entrar no castelo, Quentin estava se sentindo tão poderoso que quase doía. Era como se ele fosse explodir. Ele não sabia de onde aquilo estava vindo – seu peito parecia enorme, com seus órgãos sob uma imensa pressão. Ele era uma bomba ambulante. Cinco homens estavam no saguão atrás das portas agora aos pedaços, apontando espadas e lanças contra ele, mas então uma lufada de vento saiu das mãos de Quentin e os soprou para trás. Ele os cegou com um clarão e os jogou para trás pelo saguão principal da fortaleza. Era tudo tão óbvio.

Ele se virou e encostou a mão nos destroços das portas que tinha acabado de derrubar, e eles pegaram fogo. Parecia ser uma boa ideia, além de bastante dramático, mas só para o caso de isso causar algum problema depois, ele reforçou sua pele contra o fogo.

Ele estava descobrindo, de certa forma pela primeira vez, como era ser um Rei Mago de verdade. Aquele palerma que ele vinha sendo, à toa no Castelo de Whitespire, brincando com espadas e enchendo a cara toda noite? Aquilo não era ser rei. Mas isto aqui, sim. Ser mestre e comandante da situação. Este momento agora era o ápice de tudo o que havia começado no dia em que ele entrou naquele jardim esquelético no Brooklyn, tantos anos atrás. Ele finalmente estava recebendo o que merecia. Talvez ele no fundo só precisasse da permissão de Ember. Só precisava ter fé.

O ritual que ele havia feito para aguçar os sentidos tinha funcionado mesmo: ele estava tão pilhado que conseguia sentir onde as pessoas estavam através das paredes – podia sentir as cargas elétricas de seus corpos, como um tubarão. O tempo, aquele maçante mecanismo que em geral martelava um segundo após o outro com tanta eficiência como os dentes de uma engrenagem, irrompeu em uma gloriosa melodia. Ele estava

recuperando tudo agora, tudo o que havia perdido e muito mais. Poppy estava certa, aqueles dias na Terra tinham sido mesmo uma aventura. Não tinha sido só perda de tempo, mas sim uma escalada para este momento. E isso sim era viver. Ele iria viver assim de agora em diante.

— Eu sou isso aqui — murmurou ele. — Eu sou isso aqui.

Ele subiu trotando a escada da frente e passou por uma série de enormes salões. Quando algum soldado se aproximava, objetos voavam e o nocauteavam – cadeiras, mesas, urnas, baús e seja lá mais o que ele conseguisse dominar com um feitiço. Ele usou raios para atordoá-los. Calmamente, ele deteve um machado no meio do ar apenas erguendo a mão, e o arremessou de volta contra seu agressor. Ao respirar, ele sugava todo o oxigênio das salas, até as pessoas dentro delas desmaiarem, engasgando, com seus lábios azuis e os olhos arregalados. Em pouco tempo, todos começaram a simplesmente sair correndo quando o viam chegando.

Ele estava se sentindo alterado, como se tivesse se transformado fisicamente em um gigante. Isso não o impediu de continuar disparando sua torrente de feitiços, um após o outro, sem esforço algum. As tropas inimigas eram uma miscelânea, humanos, fadas e alguns seres exóticos: algum tipo de golem de pedra, um elemental da água, um anão de barba ruiva e uma pantera toda maltrapilha e falante. Mas não importava, ele era um herói que dava oportunidades iguais a todos. Seu ânimo jorrava como um poço de petróleo recém-aberto, como uma mangueira de bombeiro. Ele já mal estava sentindo o ferimento em suas costelas. Ele jogou sua espada fora. Que se danem. Um mago não precisa de espada nenhuma. Um mago não precisa de nada a não ser do que ele tem dentro de si mesmo. Ele só precisava ser quem ele realmente era: um Rei Mago.

Ele não sabia para onde estava indo, só foi seguindo em frente de sala em sala, limpando a fortaleza. Ele ouviu os canhões do *Muntjac* serem disparados duas vezes ao longe. Certa vez, ele abriu uma porta e deu de cara com Bingle e Julia enfrentando uma multidão de soldados em meio aos destroços de uma sala de estar cheia de móveis rebuscados. A espada mágica de Bingle tremeluzia a sua frente, rápida e precisa como uma máquina industrial, com seu brilho deixando rastros hipnóticos de néon pelo ar. Ele parecia absorto em um estado de êxtase marcial, com sua túnica ensopada de suor, mas seu rosto estava calmo e seus olhos de pálpebras grossas, estreitos, quase fechados.

Mas o verdadeiro monstro era Julia. Ela havia conjurado um feitiço transformador que Quentin não conhecia, ou talvez seja lá o que não fosse humano dentro dela tivesse vindo à tona em meio à luta. Ele mal conseguiu reconhecê-la. Sua pele estava reluzindo com aquele tom prata fosforescente, e ela tinha crescido pelo menos quinze centímetros. Ela lutava só com as próprias mãos – avançou contra os soldados até um deles ser idiota o bastante para atacá-la com uma lança, mas ela apenas a agarrou como se estivesse em câmera lenta e começou a sorrir o sujeito e todos os seus colegas com ela. Sua força parecia absurda, e as espadas apenas resvalavam contra sua pele.

Ela não parecia estar precisando de ajuda. Quentin encontrou uma escada que dava para o último andar. Ele arrombou com um chute a primeira porta que viu e quase morreu quando uma imensa bola de fogo veio para cima dele.

Aquela foi uma magia colossal. Alguém tinha passado um bom tempo preparando-a e carregando-a com energia. As labaredas o engoliram por inteiro, e ele sentiu as chamas lambendo sua pele, ardendo geladas contra o feitiço à prova de fogo. Mas a proteção aguentou. Quando o fogo se dissipou, seus membros estavam fumegantes, mas intactos.

Ele se viu na porta de uma biblioteca escura. Lá dentro, sentado em uma mesa com dois lampiões em cima, havia um esqueleto com um belo terno marrom. Ou melhor, não era bem um esqueleto, era um homem, mas um homem claramente morto. Ele ainda tinha um pouco de carne no corpo, mas que já estava toda atrofiada e grossa como couro.

Estava tudo muito tranquilo na biblioteca. As estantes de livros fumegavam e estalavam em silêncio aos lados de Quentin, danificadas pela bola de fogo. O cadáver o encarou com seus olhos duros como nozes secas.

— Não? — disse ele, por fim. Sua voz era uma mistura de chiados e gorgolejos, como um alto-falante estourado. Obviamente não havia sobrado muita coisa de suas cordas vocais. Algum tipo de força sobrenatural estava mantendo-o ainda vivo, mesmo muito tempo após a sua data de validade expirar. — Bom. Esse era o único feitiço que eu sabia.

Quentin ficou parado. O rosto da criatura era estático, indecifrável. Seus lábios secos não cobriam seus dentes por completo. Não era uma bela visão, mas por algum motivo, Quentin não sentiu raiva daquele esqueleto. Por que eles estavam lutando mesmo? Por um momento, Quentin nem conseguiu se lembrar. Ele pensou que talvez devesse esperar pelos outros. Mas não, era

ele quem iria resolver aquilo. Ele tinha começado tudo. E aquele era o chefão da fase.

O cadáver voltou a se mexer em convulsão e arremessou uma faca contra ele com um de seus braços raquíticos de juntas frouxas. Quentin se abaixou, por puro instinto, mas o arremesso foi péssimo e nem chegou perto do alvo. A faca passou direto pela porta aberta atrás de Quentin e tilintou pelas pedras no chão.

— Tudo bem — disse o esqueleto. — Agora eu não tenho mais nada mesmo.

Talvez o cadáver tivesse até suspirado.

— Onde está a chave? — perguntou Quentin. — Você tem uma chave, não tem? — Por um angustiante segundo, ele ficou até com medo de a resposta ser não.

— Eu já nem sei mais o que estou fazendo — disse o cadáver, ofegante. Ele empurrou uma caixinha de madeira para Quentin com sua mão enrugada. Alguns nós dos seus dedos já não tinham mais pele, como os rasgos nos braços de uma poltrona velha. — Ela era da minha filha.

— Da sua filha? — repetiu Quentin. — Quem é você?

— Você não conhece a minha história? — Ele suspirou de novo. Ele parecia muito mais resignado com seu destino do que Quentin esperava. Era difícil saber se aquele esqueleto precisava respirar, mas pelo visto ele ainda conseguia puxar e expelir lufadas de ar com seu peito ressecado como um fole quando queria. — Achei que todo o mundo a conhecesse.

Agora que tinha parado de correr, Quentin percebeu que estava molhado de suor. Fazia frio à noite naquela ilha.

— Espera. Não me diga que você é aquele cara. O homem do conto de fadas. Do *As sete chaves de ouro*.

— É disso que eles a chamam? De conto de fadas? — Um sopro de ar escapou sibilando pelos seus dentes. Teria sido uma risada? — Acho que é um pouco tarde para me importar com detalhes assim.

— Mas eu não entendo. Achei que você fosse o mocinho da história.

— Nem todo o mundo pode ser um herói. Se fosse assim, quem os heróis iriam enfrentar? É tudo uma questão numérica, na verdade. É só fazer as contas.

— Mas essa não é a chave que sua filha deu pra você? — Quentin ficou com uma terrível sensação de que tinha feito alguma coisa errada. — É o

que a história dizia. Que você a libertou, daquela bruxa, e que ela não se lembrou de você, mas te deu essa chave.

— Não era uma bruxa, era a mãe dela. — Mais uma risada sibilante. Só a parte inferior de sua mandíbula se mexia quando ele falava. Era como conversar com um boneco de ventríloquo. — Eu saí de casa para procurar as Sete Chaves. Acho que eu queria ser um herói. Elas nunca me perdoaram por isso. Quando eu finalmente voltei, minha filha não me reconheceu. Minha mulher havia dito a ela que eu tinha morrido. A chave me manteve vivo. Por mim, tudo bem você levá-la embora assim. É terrível viver com um corpo desse jeito, eu não consigo sentir nada. Você devia ver como os outros olham para mim.

Quentin abriu a caixa de madeira. Havia uma chave de ouro ali dentro. Ele se deu conta de que ele mesmo agora era parte de um conto de fadas. Saindo de sua história paralela, ele tinha invadido aquela narrativa. E agora lá estava ele, o Rei Mago.

— Só me diga uma coisa — pediu o cadáver. — Para o que ela serve? Eu nunca soube.

— Eu também não sei. Desculpa.

Ele ouviu passos perto da entrada. Quentin arriscou olhar para trás. Era apenas Bingle, finalmente o alcançando.

— Não se preocupe. Você pagou por ela. Você pagou o preço. — Sua vida começou a se esvaír assim que ele soltou a caixa. Ele tombou para a frente, e sua cabeça bateu na mesa com um baque surdo. Ele murmurou suas últimas palavras direto contra a madeira. — Como eu. Você só não sabe disso ainda.

Ele não se mexeu mais.

Quentin fechou a caixa. Ele ouviu Bingle chegar a seu lado. Eles ficaram juntos olhando para o crânio do cadáver, que era careca e cheio de manchas, como um globo terrestre.

— Bom trabalho — disse Bingle.

— Acho que não fui eu quem o matou — disse Quentin. — Acho que ele só morreu sozinho.

— Tá tudo bem. — Ele devia ter aprendido aquilo com Josh.

A sobrecarga energética de Quentin estava se esvaindo rapidamente, deixando-o exaurido e trêmulo. Ele começou a ter uma leve noção de que

estava exalando um fedor horrível de cabelo queimado. O feitiço de proteção contra o fogo não tinha sido perfeito.

— Era aquele homem — disse Quentin. — O cara do conto de fadas. Mas a versão dele da história era diferente. Como vocês descobriram onde eu estava?

— O cozinheiro pescou um peixe falante. Ele nos disse o que fazer. Ele tinha uma garrafa na barriga, com um mapa dentro. O que aconteceu com você?

— Eu encontrei Ember.

Essa explicação já bastaria por enquanto. Juntos, eles voltaram pelo corredor até a escada, com Bingle olhando para cada porta e alcova, alerta contra qualquer inimigo retardatário.

Eles tinham conseguido: mais uma chave encontrada. Só faltava mais uma. Quentin tinha mexido no placar. Eles encontraram Poppy toda falante, empolgada com sua primeira aventura em Fillory – “Nós conseguimos!” – e Julia calada, ainda fluorescente, ambas vagando pelos corredores. Quentin mostrou a elas a chave e as abraçou, mas Julia sem muito jeito, porque ela na verdade não o abraçou de volta, e também porque ainda estava com os quinze centímetros a mais que tinha ganhado durante a batalha. Poppy tinha razão, eles haviam conseguido, e com Quentin no comando. Ele se agarrou àquela sensação de triunfo, sentindo sua textura nas mãos, seu calor e seu peso, para nunca mais se esquecer. Bingle arrancou um último soldado de trás de uma cortina, mas ele já havia largado suas armas. Ele não parecia muito interessado pela ideia de morrer por causas perdidas.

Do lado de fora, o *Muntjac* havia chegado ao cais – despontando abruptamente sobre a praça de pedra. As águas da baía deviam ser mais profundas do que pareciam. Alguém – Eliot, provavelmente – havia conjurado algumas lanternas flutuantes, globos do tamanho de bolas de basquete que agora pairavam sobre o pátio, banhando-o com uma luz rosa-amarelada e criando uma atmosfera de quermesse. O vento estava ainda mais forte, e as esferas reluzentes tremiam e balançavam, tentando não sair no lugar.

E lá estava Eliot, ao lado de Josh no píer, com o imenso corpo do *Muntjac* logo atrás. Por que eles estavam parados ali? Toda a empolgação já havia baixado por completo, e os joelhos de Quentin estavam bambos. Ser herói era cansativo. Ele se sentiu vazio, como uma simples carapaça de si

mesmo. A dor em suas costelas estava piorando de novo. Pensar em sua cama aconchegante a bordo lhe trouxe um conforto arrebatador. Agora que eles estavam com a chave, ele poderia deitar encolhidinho lá, e aquela colossal embarcação o levaria embora. Exausto, ele ergueu a mão para saudá-los. Agora seria a hora das conversas, e das explicações e dos parabéns – a recepção de um herói. Mas, por enquanto, ele só queria passar por eles e subir de volta a bordo.

Eliot e Josh não o cumprimentaram. Suas caras eram sérias. Eles estavam olhando para baixo, vendo alguma coisa no píer. Josh disse algo, mas o vento pegou suas palavras e as levou para longe enquanto se perdiam em meio à escuridão do oceano. Os dois estavam esperando que Quentin visse Benedict caído ali, sobre a madeira molhada.

Havia uma flecha atravessando sua garganta. Ele estava morto. Ele mal tinha conseguido descer do barco. Ele estava encolhido no chão, com o rosto escuro. Ele não tinha morrido no ato. Ao que parecia, tinha tentado arrancar a flecha primeiro, antes de morrer engasgado com seu próprio sangue.

CAPÍTULO 20

A casa em Murs foi a melhor coisa que já havia acontecido na vida inteira de Julia. Em qualquer uma de suas vidas inteiras, aliás.

Pouncy tinha razão, ela estava em casa. Sua vida até então havia sido apenas uma brutal, enfadonha e interminável brincadeira de pega-pega, onde todo o mundo corria atrás de todo o mundo e você nunca podia parar de correr. Só agora ela finalmente havia encontrado uma raia. Ela pôde descansar. Ao contrário dos esconderijos, aquela casa era realmente escondida. Aquela seria sua Brakebills, desta vez para valer. Ela havia chegado a um acordo de paz separado com o mundo.

Havia dez pessoas na casa de Murs, contando com Julia. Algumas eram do Free Trader Beowulf, outras não. Pouncy estava lá, além de Asmodeus e Failstaff. E também Gummidgy e Fiberpunk: dois membros tímidos que postavam pouco e eram as últimas pessoas que Julia imaginaria ter alguma ligação com a magia. Ela só então se deu conta de que eles deviam passar a maior parte do tempo trocando feitiços naqueles tópicos fechados.

Asmodeus, Failstaff e Pouncy não eram como ela esperava também, nem um pouco. Ela sempre achou que Pouncy fosse uma menina, ou um cara gay, mas não sentiu nada de gay nele ao vivo e, de qualquer jeito, ela não imaginava que ele fosse tão bonito. Na internet, ele passava a imagem de alguém muito revoltado, sempre à beira de perder a cabeça por alguma indignação insuportável contra si mesmo, e que só não enlouquecia graças a um imenso esforço pessoal. A teoria favorita de Julia era a de que ele devia

ter sido vítima de algum tipo de acidente, talvez um paraplégico, ou alguém com dores crônicas tentando encarar sua condição por um viés filosófico.

Ela nunca o teria imaginado daquele jeito, todo bonitão e usando Abercrombie & Fitch.

Failstaff não era bonito. Na cabeça de Julia, ele era um aposentado de cabelo branco, um cavalheiro à moda antiga. Na verdade, ele tinha só uns trinta anos e podia até ser um cavalheiro, mas se fosse, era um dos maiores cavalheiros que ela já tinha visto, com quase 1,95 m de altura e o físico de uma montanha. Ele não era gordo, não exatamente, mas era imenso. Ele devia pesar uns 180 quilos. Quando falava, sua voz saía como um grunhido subsônico.

Asmodeus era ainda mais nova do que Julia, uns dezessete anos no máximo, uma jovem que falava rápido, com um sorriso largo e sobrancelhas grossas em V que davam a ela um ar de colegial safada. Ela tinha uma pegada meio Fairuza Balk. Um estilinho *Jovens bruxas*. Aqueles eram seus melhores amigos, e Julia nem conseguiu reconhecê-los.

Eles também eram magos, e dos bons, até melhores do que ela. E moravam em uma casa enorme no sul da França. Ela iria precisar de algum tempo para se acostumar com eles.

E para perdoá-los.

— Quando vocês iam me contar? — reclamou ela, enquanto todos estavam sentados em volta de alguns copos grandes cheios de um vinho tinto local em uma estilosa mesa de madeira reutilizada no pátio de pedra atrás da casa. Uma piscina azul reluzia sob o sol do fim da tarde. Parecia até um daqueles comerciais antigos de cigarro. — É sério! Eu gostaria de saber! Vocês estavam aqui esse tempo todo, mexendo com magia, se entupindo de *foie gras* artesanal e fazendo sei lá mais o quê, e nunca nem me disseram nada? Em vez disso, vocês até me testaram. Mais uma vez! Como se eu já não tivesse sido testada o bastante na vida!

Para a irritação de Julia, uma lágrima escorreu por sua bochecha. Ela pôs a mão sobre o rosto como se tivesse levado uma picada de abelha.

— Julia. — Dava quase para sentir quando Failstaff falava, com aquela voz tão profunda. Aquilo praticamente fazia os talheres tremerem.

— Nós sentimos muito — disse Asmodeus, cheia de compaixão. — Todos nós passamos por isso também.

— Acredite, nenhum de nós gostava de pensar em você naquele esconderijo em Bed-Stuy. — Pouncy pôs seu copo de vinho na mesa. — Mas tente entender. Quando você parou de postar no FTB, não foi muito difícil imaginar que você tinha se envolvido na cena mágica. Então nós só esperamos. Nós demos um tempo para você firmar os pés no chão, passar logo pelo básico e toda aquela palhaçada de nível baixo. Decorar as posições dos dedos, dominar os principais grupos de línguas. Só para ver se aquilo tinha mesmo a ver com você ou não.

— Bom, valeu mesmo então. Foi realmente muito gentil da sua parte. — Ela passara tanto tempo vagando pelo escuro, tentando descobrir se existia vida inteligente lá fora em algum lugar, enquanto eles estavam ali o tempo todo, só observando. — Vocês não sabem pelo que eu passei.

— Sabemos, sim — disse Failstaff.

Ela olhou para eles, todos tomando seus vinhos, um fino tinto Rhône tão escuro que era quase preto, relaxando sob aquele sol dourado de raios pálidos como marfim. A casa era cercada por campos de feno abandonados que pareciam absorver os sons, isolando-os em um oceano de silêncio.

— Você só estava fazendo por merecer — disse Pouncy. — Tente ver como um rito de passagem.

— Não, vamos ver como o que realmente foi — disse Julia. — Vocês estavam me testando. Quem vocês pensam que são? Pra me testar?

— Tá, nós testamos você, sim, porra! — Pouncy estava exasperado, mas com decoro e um jeito até cordial. — Você teria feito a mesma coisa com qualquer um de nós! Nós testamos você, sim. Não para ver se você era inteligente. Nós sabemos que você é inteligente. Você é um gênio, droga, por mais que Iris tenha achado o seu eslavo eclesiástico antigo um lixo. Mas nós tínhamos de saber por que você estava envolvida nisso. Não daria certo se você só quisesse brincar com a gente. Não bastava você gostar da gente. Você precisava ser apaixonada pela magia.

— Todos nós passamos por isso, Julia — repetiu Asmodeus. — Todo o mundo aqui passou pelo teste, e todos nós ficamos putos quando descobrimos a verdade, e todos nós superamos isso.

Julia bufou.

— Você tem o quê, dezessete anos? Você vai me dizer que fez por merecer?

— Fiz sim, Julia — disse ela sem titubear. Desafiadora.

— E, respondendo a sua pergunta — disse Pouncy. — Quem nós achamos que somos? Nós somos nós. E você é uma de nós agora, e estamos muito felizes por você estar aqui. Mas nós não nos arriscamos trazendo qualquer um para cá. — Ele esperou um momento para que ela digerisse tudo. — Há muita coisa em jogo.

Julia cruzou os braços com firmeza, ou pelos menos com toda firmeza que conseguiu demonstrar, só para não dar a impressão de que os tinha perdoado por completo. Mas para o Hades com tudo aquilo também, ela estava curiosa. Ela queria saber que diabo era aquele lugar, e o que eles faziam por lá. Ela queria saber qual era aquela brincadeira, para poder brincar também.

— De quem é esta casa? — perguntou ela. — Quem pagou por tudo isto aqui?

Obviamente, aquilo ali envolvia muita lavagem de dinheiro. Ela ficou espantada quando Pouncy ligou para a locadora de carros e, com um francês fluente, simplesmente comprou o seu Peugeot riscado com um cartão de crédito.

— Foi Pouncy — disse Asmodeus. — Em grande parte, pelo menos. Ele trabalhou como *day trader* por um tempo. Ele entendia bastante de bolsa.

— Eu “entendia bastante”? — rebateu Pouncy, erguendo suas finas sobrancelhas.

Asmo balançou a cabeça.

— Se você tivesse estudado os cálculos só um pouco mais a fundo, teria ganhado muito mais dinheiro. Eu vivo te falando, se você encarasse o mercado como um sistema caótico...

— Enfim, tanto faz. Não era nada muito interessante. Era só um meio para um fim.

— Se você só tivesse me ouvido...

— Todos nós demos dinheiro quando viemos para cá — disse Failstaff. — Eu dei tudo o que eu tinha. Para que mais eu iria continuar poupando? Do que serve o dinheiro se não for para viver assim, com eles, em um lugar feito Murs?

— Com todo o respeito, isso me parece meio que um papinho de seita religiosa.

— Mas é isso mesmo! — disse Asmodeus, batendo uma palma. — O Culto do Pouncy!

— Eu tento ver mais como um centro de pesquisas ultra-avançado, tipo o CERN — disse Pouncy. — Como um instituto para estudos mágicos de alta energia.

Julia ainda não tinha tocado em seu copo. Naquele momento, mais do que vinho, o que ela queria era ter controle, uma coisa não muito compatível com a bebida.

— Então o que eu estou vendo aqui é tipo um Grande Colisor de Hádrons, ou pelo menos um equivalente mágico disso?

— Calma lá, calma lá — disse Pouncy. — Um passo de cada vez. Primeiro vamos fazer um intensivão para você chegar ao nível 250. Depois a gente vê o que acontece.

Julia descobriu que a casa em Murs era, de certa forma, uma ramificação natural da cena dos esconderijos. Aquela ceninha era um filtro: ela pegava algumas pessoas não muito comuns e as recolhia do mundo cotidiano para dentro dos esconderijos, dando-lhes um pouco de magia para mordiscar. Murs fazia uma segunda filtragem, uma dupla destilação. A maioria das pessoas na cena mágica se dava por contente em ficar nos esconderijos, só brincando com seus fichários de três argolas. Para elas, era só uma coisa social. Elas gostavam daquela coisa de vida dupla. Era como espiar atrás da cortina. Elas gostavam de saber que tinham um segredo. Era disso que elas precisavam, mas só disso também.

Por outro lado, algumas pessoas, muito poucas pessoas, eram diferentes. A magia significava outra coisa para elas, uma coisa mais primitiva e urgente. Elas não possuíam esse segredo, era esse segredo que as possuía. Elas queriam mais. Elas queriam abrir a cortina atrás da cortina. Elas não brincavam, elas aprendiam. E quando chegavam ao teto do que podiam aprender na cena dos esconderijos, continuavam batendo até alguém lá no sótão abrir um alçapão para elas poderem entrar.

Era assim que elas iam parar em Murs. Pouncy e sua turma selecionavam a nata de todos os esconderijos e levavam essas pessoas para lá.

A vida em Murs era fácil, pelo menos no começo. Havia uma ala de convivência, e uma ala de trabalho. Julia ganhou um lindo quarto com pé direito alto, piso de tábuas largas e janelas grandes com cortinas listradas que deixavam entrar toda aquela luz francesa cor-de-champanhe. Todo mundo cozinhava e todo mundo fazia faxina, mas eles haviam preparado diversos feitiços para facilitar o trabalho — era incrível ver o chão repelir a

poeira e juntá-la em belos montinhos, como limalha de ferro em um campo magnético. E a produção da horta era espetacular.

Os outros não a receberam exatamente de braços abertos. Eles não eram do tipo de gente que receberia qualquer pessoa de braços abertos. Mas todos se respeitavam ali. Ela estava pronta para provar seu valor mais uma vez, já que por sua própria experiência até então, ela estava bem acostumada a ter de provar seu valor para um novo bando de babacas a cada seis meses mais ou menos. E ela teria feito tudo de novo, teria mesmo. Mas eles não pediram. A época de provar as coisas já tinha passado. A jornada havia sido seu teste, e ela tinha chegado lá. Ela já estava onde devia estar.

Murs não era Brakebills. Era melhor. Ela finalmente sentiu um gostinho de vitória – ela não tinha jogado bonito, mas levou o título mesmo assim.

Eles sabiam sobre Brakebills em Murs. Não muito, mas sabiam. A postura do grupo em relação à escola era deveras esnobe. Eles pensavam em Brakebills – isso quando se davam ao trabalho de fazê-lo – como um lugar bonitinho: um playground limpo e seguro para quem não tinha os colhões e a força de vontade para se virar sozinho no mundo lá fora. Eles a chamavam de Bostabills e Brakebestas. Em Brakebills, você só ficava trancado na sala de aula e seguia as regras. O que não tinha nada de errado se você gostasse desse tipo de coisa, mas aqui em Murs, era você quem fazia suas próprias regras, sem a supervisão de adultos. Brakebills era os Beatles, Murs era os Rolling Stones. Brakebills era para quem gostava de esgrima. Murs era mais para quem curti uma boa briga de rua.

Como ela, a maioria deles até tinha feito o exame para Brakebills, mas ao contrário dela, eles não sabiam disso até chegar a Murs e Failstaff, que tinha um talento especial para magias de memória, desfazer o feitiço que vinha nublando seus cérebros. Eles nutriam certo orgulho disso, como dissidentes. Gummidgy (Julia nunca entendeu de onde ela tinha tirado aquele nome) dizia até ter passado na prova e depois – com um ineditismo histórico – recusado a oferta de Fogg para se matricular, simplesmente indo embora. Ela preferiu levar a vida de uma bruxa marginal.

No fundo, Julia achava aquilo uma loucura absurda e que o pessoal de Brakebills devia ser pelo menos um pouco mais esperto do que os outros ali imaginavam. Mas ela entrou nessa onda esnobe do mesmo jeito. Ela merecia.

Murs era lar de um grupinho pitoresco. Era uma miscelânea exótica – você precisava ter um QI de gênio para chegar até Murs, mas a

excentricidade não era nenhum impedimento, e era muito difícil passar pelo corredor polonês dos esconderijos sem sair meio maluco no fim. Muitos dos seus feitiços eram de criação própria e, como resultado, a gama de estilos e técnicas diferentes à mostra por lá era atordoante. Alguns magos eram graciosos e cheios de gestos complexos, e outros eram tão minimalistas que mal se mexiam. Um deles usava movimentos tão truncados que praticamente parecia estar dançando *break*. Aquele sim era um cara que requebrava até o chão.

Havia especialistas também. Um cara trabalhava mais com a fabricação de artefatos mágicos. Gummidgy era uma médium muito dedicada. Fiberpunk – um sujeito baixinho e atarracado, quase tão largo quanto alto – se autodenominava um metamago: ele lidava com feitiços que agiam sobre outros feitiços, ou sobre si mesmos. Ele falava pouco e passava bastante tempo desenhando. Na única vez em que Julia deu uma espiada por cima de seu ombro, ele explicou aos sussurros que estava desenhando representações bidimensionais de sombras tridimensionais projetadas por objetos quadridimensionais.

A vida era fácil em Murs, mas o trabalho, não. Eles deram a ela um dia para se adaptar ao fuso horário e desfazer as malas, mas depois, Pouncy disse para ela se apresentar na Ala Leste logo cedo na manhã seguinte. Julia não gostou de receber uma ordem para se apresentar seja lá onde fosse de Pouncy Silverkitten, que Julia estava acostumada a ver como um amigo e alguém igual a ela. Mas ele só desabotoou a camisa e lhe mostrou suas estrelas (e também seu irritante peitoral lisinho e musculoso). Ele tinha várias delas. Eles poderiam até ser iguais, mas só em um sentido abstrato puramente filosófico. Na prática, ele ainda poderia dar uma surra mágica nela.

Foi por isso que, engolindo seu orgulho, e talvez até alguns outros sentimentos, ela obedeceu Pouncy e se apresentou no andar de cima da Ala Leste, em um lugar conhecido por ali como a Sala Comprida, às oito da manhã do dia seguinte.

A Sala Comprida era uma sala de estudos estreita com várias janelas de um lado – na verdade, o lugar parecia mais uma galeria. Não havia nada de muito óbvio para se estudar por ali. Não havia nenhum livro, mesa, nem qualquer tipo de móvel na Sala Comprida. Tudo o que ela encontrou lá foi Iris.

Iris era a universitariazinha com rosto de bebê e palitinhos no cabelo que tinha sido vista pela última vez desmontando Julia peça por peça no esconderijo de Bed-Stuy. Foi quase como reencontrar uma velha amiga. Agora em seu próprio território, Iris estava com um estilo mais casual: jeans e uma camiseta branca que deixava suas estrelas à mostra.

— Oi — disse Julia. O cumprimento saiu meio rabugento. Ela limpou a garganta e tentou de novo. — Como vai?

— Vamos fazer tudo de novo — disse Iris. — Desde o início. Começando com a faísca.

— A faísca?

— Vamos revisar os seus níveis. Comece com a faísca. Se você errar algum, volta para o início. Passe por todos os níveis, do um até o 77, sem cometer nenhum erro, três vezes seguidas, e aí começamos a trabalhar.

— Pra eu subir de nível, você diz?

— Comece com a faísca.

Para Iris, ver Julia não foi como reencontrar uma velha amiga. Para Iris, ver Julia foi mais como quando um sargento veterano em um daqueles filmes do Vietnã encontra um soldado raso novato recém-chegado ao campo de batalha. Claro, cedo ou tarde o soldado vai acabar perdendo o cabaço e virando homem, mas antes, o sargento iria ter de arrastar o infeliz pela selva até essa hora chegar, até o soldado finalmente aprender a desdobrar sua pá de cavar trincheiras sem cortar o saco fora.

É claro que Iris tinha todo o direito de estar naquela posição. Era assim que o sistema funcionava. Aliás, ela estava até fazendo a porra de um favor para Julia. Servir de babá para uma novata claramente não era visto como uma tarefa muito nobre em Murs, e Iris não iria fingir que estava gostando. O que não era nenhum problema, mas também não obrigava Julia a fingir que estava agradecida. Aliás, seria até bom ser meio relaxada às vezes, pensou ela, só para irritar Iris. Só para mostrar a ela que Julia não precisava provar nada. Para ver o quanto ela aguentava antes de perder a paciência. Ela e aquela faísca que se *ışık!*

Mas, na verdade, Julia nem precisou se esforçar. Ela pisou na bola à moda antiga mesmo, sem querer, quatro vezes, antes de chegar ao nível 77 pela primeira vez. Ela errou duas vezes o mesmo feitiço, o do nível 56, um encanto de trincar os dedos, entoadado em um galês cheio de “//s” que servia para reforçar vidro contra rachaduras. Mesmo levando em média dois

minutos para cada nível, o que já era uma eficiência maquinal, elas estavam ali havia duas horas e meia quando Julia completou o ciclo pela segunda vez. Iris se sentou com as pernas cruzadas no chão.

Mas Julia tinha decidido que não iria soltar nenhum palavrão, tremer ou bufar na frente de Iris, mesmo errando o nível 56 duas ou duzentas vezes. Ela iria ser um docinho de pessoa até o fim. Você vai ter que me engolir, menina.

Às duas da tarde, Julia melou o feitiço número 68 no meio de uma série até então perfeita. Iris revirou os olhos, soltou um grunhido, se esparramou no chão de madeira e ficou encarando o teto. Ela já não conseguia mais nem olhar para Julia. Julia não parou, apenas voltou ao começo, até errar de novo no nível catorze, um encanto muito baba que até Jared sabia de cor.

— Meu Deus! — berrou Iris para o teto. — Preste atenção!

Quando Julia conseguiu completar duas séries perfeitas, direto do nível um até o 77, já eram seis e meia da tarde. Elas não tinham parado para almoçar. Julia tinha passado esse tempo todo de pé. O sol poente, descendo no horizonte ao oeste, pintava a parede comprida da sala com um tom rosa-claro. Julia estava morrendo de dor nos pés.

— Tudo bem — disse Iris. — Já chega. Volte amanhã, no mesmo horário.

— Mas a gente ainda não terminou.

Iris levantou do chão.

— Não, já chega. Amanhã a gente termina.

— A gente ainda não terminou.

Iris ficou parada, encarando Julia por trás de seus óculos vermelhos de *nerd*. Iris podia até estar irritada por ter de cuidar da novata, mas Julia tinha muito mais ódio no coração do que ela. Ela estava fazendo um resgate de suas reservas agora, pegando um pouco do valor principal, mas nada que fosse sequer arranhar seu capital. Ela foi andando até uma janela e deu um soco no vidro, que teria quebrado se ela já não tivesse usado o feitiço do nível 56 ali três vezes só naquele dia.

— Tudo bem, Julia, eu entendo. Eu fui grossa com você. Sinto muito. Mas, por favor, vamos jantar.

— Isto aqui só vai acabar quando eu disser que acabou.

Julia usou um feitiço de trancamento na porta (o do nível 72). Foi só um gesto simbólico, já que a Sala Comprida na verdade tinha duas portas, e Iris provavelmente teria como desfazer aquele encanto em alguns minutos se

quisesse. Mas não importava. O que importava era que Julia estava esperando havia quatro anos para chegar a Murs. Iris que ficasse sem jantar.

Iris se sentou de volta no chão e pôs as mãos atrás da cabeça.

— Você que sabe.

Não faria mal Iris ficar um pouco sem comer, pensou Julia. Ela estava com umas gordurinhas transbordando para fora do jeans mesmo.

Julia começou de novo, indo mais devagar agora, e quando terminou, já estava escuro. Eram quase nove da noite. Iris se levantou. Ela tentou abrir a porta que Julia tinha trancado, soltou um palavrão, e atravessou a Sala Comprida inteira até a outra porta sem olhar para trás ou dizer uma só palavra. Julia ficou só observando-a ir embora.

Não houve nenhum momento emocionante de amizade entre as duas. O sargento veterano não deu nenhum tapinha no ombro do novato, admitindo a contragosto que algum dia talvez ele até pudesse ser um grande soldado. Ainda assim, quando ela se apresentou na Sala Comprida às oito da manhã no dia seguinte, já estava tacitamente estabelecido que elas podiam deixar de lado aquela baboseira de fêmea alfa.

Que começasse o intensivão. Agora era a hora dos grandes segredos. Pelo menos ela não precisou dar para ninguém desta vez.

Ela não precisou ficar de pé também: pelo visto, agora já merecia ter alguns móveis a sua disposição. Ela e Iris se sentaram em cadeiras, uma de frente para a outra, sobre uma mesa de verdade, uma placa robusta de madeira antiga. Em cima da mesa havia, sim, um fichário de três argolas, mas era o fichário de três argolas mais lindo que Julia já tinha visto: com capa de couro, argolas grossas de aço – não feito aquelas vagabundas de alumínio dos esconderijos – e acima de tudo, com muitas, muitas e muitas páginas. O fichário estava abarrotado de feitiços transcritos com toda perfeição.

Sob o olhar firme de Iris, Julia subiu dois níveis naquele dia. No dia seguinte, cinco. Cada nível que ela subia apagava um pouquinho daquilo pelo que ela havia passado no Brooklyn. Julia tinha uma mente voraz, sempre teve, aliás, e vinha vivendo à base de migalhas havia mais tempo do que ela conseguia se lembrar. Ela até ficou com medo de que seu cérebro pudesse estar morrendo de inanição, perdendo a maleabilidade depois de tanto tempo rodando na reserva, e já não tivesse mais o tônus mental para absorver grandes porções de informação assim. Mas ela logo percebeu que

não. Na verdade, ter passado todo esse tempo em privação de conhecimento a havia deixado ainda mais forte e eficiente. Ela estava acostumada a fazer muito com pouco. E, agora que tinha muito, ela poderia fazer coisas espetaculares. E foi o que ela fez.

Era frustrante ter de ficar ali, subindo de nível enquanto os outros estavam fazendo sabe-se lá o que lá fora. Ela estava cruzando novos campos de poder, voando por eles, mas já se sentia ansiosa para se envolver com o que fosse que os outros estavam fazendo. Ela ficava tentando pular estágios, e Iris tinha de arrastá-la de volta e fazê-la passar pelos níveis na devida ordem. Porque, enfim, era tão óbvio que se você pegasse os elementos cinéticos do nível 112 e as partes reflexivas do feitiço de autoaquecimento do nível 44, você podia criar um modelo funcional básico para flutuar a alguns palmos do chão. Mas isso era só no nível 166, e ainda faltavam 54 níveis até lá.

Enquanto isso, ela estava sendo tratada feito uma criança, diante da qual todo o mundo tinha que tomar cuidado com o que dizia. Sempre que ela olhava pelas janelas da Sala Comprida, parecia que Pouncy e Asmodeus estavam passando por ali, mergulhados com toda paixão no que claramente era a conversa mais instigante de toda a história da comunicação falada. Ou eles estavam transando – se bem que até na França Asmodeus ainda fosse considerada ninfeta demais para isso, então sei lá –, ou estava acontecendo alguma coisa por ali que Julia ainda não tinha cacife para saber. As conversas morriam sempre que ela aparecia na sala de jantar. Não era como se eles não gostassem dela, mas Julia parecia ter desenvolvido uma habilidade de fazer as pessoas se esquecerem do que estavam falando, o que as levava a soltar algum comentário sobre o tempo, o café ou as sobancelhas de Asmo.

Certa noite, ela acordou de um sono profundo às duas da manhã – ela estava tão cansada do intensivão com Iris que tinha ido direto para o seu quarto e dormido sem jantar. No começo, ela achou que devia ter algum celular vibrando no modo silencioso em seu quarto, mas ela não tinha celular. Mas então as vibrações foram ficando mais fortes, cada vez mais e mais, até chegar a um ponto em que a casa toda estava pulsando de cinco em cinco segundos. Era como quando um carro passava pela casa dela no Brooklyn com o som alto, tocando funk com o grave no talo. As coisas estavam começando a chacoalhar. Pareciam passos, como se alguma coisa

gigantesca estivesse se aproximando da casa, passando pelos tranquilos campos de Murs.

A coisa toda deve ter levado uns dois minutos talvez. Os pulsos foram ficando mais e mais fortes até seja lá o que fosse aquilo estar bem em cima dela. As janelas estremeceram até ela achar que o vidro antigo fosse se estilhaçar. Com o último baque, a cama de Julia pulou um palmo para a direita, e ela pôde sentir a poeira do reboco de trezentos anos do teto caindo sobre seu rosto. Em algum lugar da casa, uma coisa de fato se quebrou, uma janela ou um prato. Uma luz explodiu sem fazer som algum nos andares de baixo da casa, iluminando a fileira de ciprestes no jardim.

Em seguida, tudo parou de repente, deixando para trás apenas um silêncio desconcertante. Mais tarde, talvez uma hora depois, ela ouviu os outros subindo para dormir. Asmo disse alguma coisa aos sussurros, enfurecida, que eles estavam só perdendo tempo ou algo assim, e alguém lhe pediu para ficar quieta.

Na manhã seguinte, tudo estava como antes. Todos estavam agindo como se nada tivesse acontecido. Mas Fiberpunk agora estava com um hematoma roxo na têmpora. Hmmmmmmmm.

Quando chegou ao nível duzentos, Julia até ganhou um bolo. Duas semanas depois, seis semanas após sua chegada a Murs, ela foi dormir tendo chegado ao nível 248, e sabendo que o dia seguinte seria seu grande dia. E foi mesmo: às três da tarde, Iris a ensinou um feitiço complexo que, quando feito corretamente, revertia por cinco segundos a entropia de uma determinada área. O efeito era bastante localizado, resumindo-se a um círculo com um metro de diâmetro, mas não menos espetacular por causa disso.

A teoria por trás do encanto era um confuso emaranhado de efeitos interligados. Ela mal conseguia acreditar que algo tão desengonçado sequer funcionasse, mas Iris sabia como preparar a magia com perfeição e, algumas horas depois, Julia também aprendeu. Ela derrubou uma pilha de blocos e então usou o feitiço. Os blocos voltaram a se empilhar. E esse foi o nível 250. Quando ela abaixou as mãos, Iris deu-lhe um beijo em cada bochecha – tão à francesa – e disse que aquilo era tudo. Julia mal estava conseguindo acreditar. Só para garantir, ela se ofereceu para refazer a série toda, do nível um até o 250, mas Iris falou que não seria preciso. Ela já estava satisfeita.

Julia passou o resto da tarde só andando pelas sombras das alamedas que se estendiam em confortantes ângulos retos entre os campos banhados pelo sol que cercavam a casa. Seu cérebro parecia estar inchado e satisfeito, como depois de um banquete – era a primeira vez, até onde ela se lembrava, que se sentia sem aquela fome voraz. Ela ficou uma hora brincando com joguinhos de computador e, mais à noite, Fiberpunk preparou para eles um delicioso ensopado de peixe com tamboril e açafão, e eles abriram uma garrafa de Châteauneuf-du-Pape, coberta de poeira e com um rótulo muito chato que não tinha nem um rabisco sequer desenhado, uma marca característica dos vinhos absurdamente caros. Antes de irem dormir, Pouncy disse a ela para ir até a Biblioteca na manhã seguinte. Não para a Sala Comprida, para a Biblioteca.

Ela acordou cedo. Eles estavam no meio do verão, mas ainda não estava calor. Ela vagou pelos jardins descuidados cheios de tufo de grama por uma hora, espantando insetos franceses bizarros que apareciam em seu caminho, observando de perto os minúsculos caramujos brancos que se espalhavam por toda parte, molhando seus sapatos com orvalho e esperando que todos os outros acordassem. Era como se fosse a manhã de seu aniversário. Só por superstição, ela evitou a sala de jantar enquanto os outros tomavam café da manhã. Às cinco para as oito, Julia pegou um pãozinho na cozinha e o devorou, toda nervosa, enquanto ia até a biblioteca.

No dia em que entrou naquele elevador na biblioteca do Brooklyn, Julia caiu em um abismo. Poderia muito bem ter sido um fosso vazio. Ela vinha caindo desde então. Mas agora já faltava pouco. Ela estava prestes a pôr os pés no chão de novo. Ela mal se lembrava de como era se sentir em seu devido lugar, no mesmo lado do espelho que todos os outros.

Julia já tinha tentado abrir a porta da biblioteca uma vez antes, mas não conseguiu, e nem se deu ao trabalho de tentar desfazer o feitiço que a trancava. Ela estava cansada de tentar entrar à força nos lugares. Ficou só parada em frente à porta por um instante, remexendo na barra de seu vestido, acompanhando o ponteiro mais longo do relógio no corredor.

Na hora marcada, a porta se abriu sozinha. Julia abaixou o queixo e entrou.

Eles estavam todos ali dentro, sentados em volta de uma longa bancada. A Biblioteca era claramente o maior orgulho de seja lá quem tivesse reformado aquela casa. Eles tinham aberto um espaço enorme entre três andares, expondo as vigas no teto, criando uma sala com dez metros de

altura. O sol da manhã entrava pelas janelas altas e estreitas. Estantes repletas de livros se erguiam junto às paredes até o teto, o que seria muito pouco prático, se não fosse por algumas belas plataformas de carvalho encantadas que pairavam logo ao lado, prontas para levar você até o nível desejado.

Eles se calaram assim que ela entrou. Nove rostos se viraram para ela. Alguns estavam com livros e cadernos de anotações. Aquilo poderia até ser uma reunião de diretores de alguma empresa, isso se a empresa em questão fosse a Gênios Caóticos Aleatórios Ltda. Pouncy estava sentado na ponta da mesa. Havia um lugar vago na outra ponta.

Ela puxou a cadeira e se sentou, quase com medo. Por que eles estavam tão calados? Eles estavam só olhando com toda calma para ela, como uma comissão para aprovar sua condicional.

Bom. Ela tinha atendido às expectativas de todos eles. Agora era a hora de eles atenderem às dela. Hora de pôr as cartas na mesa. Pode descer. Truco, marreco.

— Bom... — disse ela. — O que nós vamos fazer então?

— O que você gostaria de fazer?

Não foi Pouncy quem falou, foi Gummidgy. Bom, me diga você, Julia quis dizer. Você é a médium aqui. Gummidgy tinha um corpo de modelo, alta e magra, mas seu rosto era comprido e sério demais para ser bonito de verdade. Julia nunca conseguiu identificar sua origem. Persa?

— Seja lá o que vier agora. O que vier depois do nível 250. O 251. Eu estou pronta.

— Por que você acha que existe um nível 251?

Ela estreitou os olhos.

— O fato de existirem níveis desde o um até o 250?

— Não existe nenhum nível 251.

Julia olhou para Pouncy, Failstaff e Asmodeus. Eles olharam para ela de volta, pacientes. Asmo acenou a cabeça.

— Como assim não existe nenhum nível 251?

— Não há nada depois do 250 — disse Pouncy. — Claro, você ainda pode criar novos feitiços. Nós fazemos isso o tempo todo. Mas agora, você já tem todas as peças, todos os componentes básicos de que vai precisar. O resto agora é só de permutações. Depois do 250, você só reorganiza os pares de bases da hélice dupla. É o platô dos níveis de poder.

Julia se sentiu sem peso, como se estivesse flutuando. Não era uma sensação ruim, ela apenas parecia estar meio à deriva.

Então era isso. Em se tratando de mistério, aquela revelação não era lá muito espetacular.

— Então é isso? Não tem mais nada?

— É isso. Você já chegou ao nível máximo.

Bom. Dava para fazer muita coisa com o que ela sabia. Ela até já tinha algumas ideias para feitiços novos envolvendo temperaturas extremas, estados extremos da matéria. Plasmas, condensados de Bose-Einstein, esse tipo de coisa. Ela achava que ninguém nunca tinha tentado nada assim antes. Talvez Pouncy pudesse lhe emprestar algum dinheiro adiantado para comprar os equipamentos.

— Então é isso o que vocês estão fazendo aqui. Explorando as permutações.

— Não. Não é isso o que nós estamos fazendo aqui.

— Por mais que a gente explore, sim, uma porrada de permutações — disse Asmo. Ela assumiu a palavra. — Quando a gente viu que o caminho pro nosso progresso era composto por uma série indefinida de avanços sucessivos, começamos a pensar se não existia uma alternativa pra isso. Um jeito de quebrar esse ciclo. De fazer a curva de acumulação ser não linear.

— Não linear — repetiu Julia devagar. — Vocês querem encontrar uma singularidade mágica, uma coisa assim.

— Isso! — Asmodeus abriu um sorriso largo como o do Gato de Cheshire para Pouncy, como quem diz, “Está vendo? Eu disse que ela iria entender”. — Sim, uma singularidade. Um avanço tão radical que levaria a gente pra outro nível em termos de poder. Com energias exponencialmente maiores.

— Nós achamos que existe mais magia por aí do que já vimos até agora — disse Pouncy. — Muito mais. Nós achamos que podemos estar só brincando com miudezas até agora, enquanto em algum lugar lá fora existem fontes de poder que nos levariam para onde as coisas de verdade acontecem. Nós só precisamos conseguir acesso à rede de poder certa.

— Então é isso o que vocês estão fazendo aqui. Tentando acessar a grande rede de poder.

Ela percebeu que estava só repetindo as palavras dos outros enquanto sua mente tentava assimilar seu significado. Então havia, sim, muito mais em

jogo. Engraçado, ela tinha quase se sentindo aliviada agora há pouco, quando achou que era só aquilo mesmo, e que não havia mais nada a ser feito.

Ela havia espremido uma vida inteira de estudos mágicos em seus últimos quatro anos, e o que havia sobrado da antiga Julia, suas partes não mágicas, agora estavam se sentindo meio abandonadas. Vazias. Ela não acharia ruim passar algum tempo preenchendo aquelas lacunas em uma enorme casa de campo francesa entre bons amigos. As grandes energias podiam esperar. Ou, pelo menos bem que poderiam. Mas seus bons amigos não queriam esperar. E Julia iria embarcar nessa empreitada com eles, porque – e seria de uma ternura tão dolorosa dizer isso, ainda que só para si mesma, que ela não ousou dizer, nem para si mesma – os amava. Eles eram a coisa mais próxima que ela tinha de uma família. Que bonito. Para o alto e avante!

— É isso o que nós estamos fazendo aqui. — Pouncy encostou-se à cadeira e cruzou as mãos atrás da cabeça. Ainda era cedo, mas ele já estava com manchas escuras de suor embaixo dos braços. — A menos que você tenha alguma ideia melhor.

Julia balançou a cabeça. Todos estavam olhando para ela.

— Certo — disse ela. — Bom, então me mostrem o que vocês já conseguiram até agora.

Truco, marreco.

CAPÍTULO 21

Eles subiram com o corpo de Benedict pela prancha de embarque, todos juntos, Quentin, Josh e Eliot, ofegantes e desengonçados, tentando controlar os pesados membros do rapaz, flácidos como uma boneca de pano. A morte parecia ter deixado seu corpo jovem e magro estranhamente mais denso. Escorregando na madeira molhada, era difícil demonstrar a compostura que seria adequada para a situação. Ninguém havia tido coragem para tirar a flecha de sua garganta, que balançava de um lado para o outro enquanto ele era carregado.

Assim que Benedict foi posto no convés, Quentin desceu para buscar um cobertor de sua cabine e estendeu-o sobre o corpo. Suas costelas não paravam de latejar, em sincronia com sua pulsação. Ótimo. Era isso o que ele queria. Ele queria sentir dor.

Foi Bingle quem com toda a destreza retirou a flecha da garganta de Benedict; ele precisou quebrar a haste ao meio antes, porque uma das pontas era serrilhada, e a outra tinha penas. A chuva começou a apertar; as gotas caíam e respingavam no convés e no pálido rosto inerte de Benedict. Eles levaram o corpo para dentro, até a sala de cirurgia, por mais que não houvesse nenhuma cirurgia a ser feita.

— Vamos zarpar — declarou Quentin, para ninguém e todo mundo ao mesmo tempo.

— Quentin — disse Eliot. — Estamos no meio da noite.

— Não quero ficar aqui. O vento está bom. É melhor a gente ir.

Oficialmente, era Eliot quem estava no comando, mas Quentin não se importava. Aquele barco já tinha sido seu e ele não queria passar nem mais uma noite naquela ilha. A brincadeira perde a graça quando alguém leva uma flechada na garganta.

— O que vamos fazer com os prisioneiros? — perguntou alguém.

— Tanto faz. Deixem todo mundo aqui mesmo.

— Mas pra onde nós vamos? — rebateu Eliot, sendo racional.

— Sei lá! Eu só não quero mais ficar aqui! Você quer?

Eliot precisou admitir que também não estava muito a fim de ficar por ali.

Quentin não tinha como dormir. Agora que Benedict não estava mais entre eles, como ele poderia descansar? Ele iria preparar o barco. Enquanto olhava para o rosto vazio e inexpressivo de Benedict, Quentin quase se irritou com ele por ter morrido. As coisas estavam indo tão bem. Mas aquilo fazia parte de ser um herói, não fazia? Para cada herói, legiões de soldados rasos não precisavam morrer no plano de fundo da batalha? Era uma questão numérica, como o esqueleto havia dito no castelo. Era só fazer as contas.

Em seguida, Quentin, o Rei Mago, líder dos homens, ajudou a cercar o resto dos inimigos derrotados e ordenou que a tripulação abastecesse o *Muntjac* com água e provisões, por mais que eles estivessem no meio da noite e debaixo de uma chuva torrencial. Alguma outra pessoa teria que traçar uma nova rota, agora que Benedict estava morto, mas isso não era nenhum problema, porque eles não sabiam para onde estavam indo mesmo. Não importava. Ele já não sabia mais o que eles estavam fazendo. Aquela era claramente uma estratégia muito eficaz para se encontrar chaves mágicas, mas como aquilo poderia ajudar Julia? Ou reconstruir a Terra Nula? Ou acalmar as árvores-relógio? Para o que tanto aquelas chaves poderiam servir que justificasse tudo aquilo – como, por exemplo, ver Benedict encolhido no cais feito um garotinho com frio?

Todos eles trabalharam juntos noite adentro, abatidos, mas determinados. Julia se sentou ao lado do corpo, voltando pouco a pouco a sua forma humana, com seu vestido de luto, dessa vez bem apropriado para a ocasião. Outro que estava incorporando seu personagem por completo era Bingle, com sua postura taciturna agora ainda mais sombria. Ele passou a noite

vagando pela proa do barco sozinho, arqueado e envolto em seu manto como uma ave ferida.

Certa hora, Quentin foi até lá para ver se ele estava bem, mas ouviu Bingle murmurando para si mesmo:

— De novo não. Preciso ir para um lugar onde eu não possa mais causar nenhum mal.

Quentin achou que seria melhor deixar que ele resolvesse aquilo sozinho.

O céu já estava clareando em meio às nuvens de chuva quando Quentin foi sozinho até a praça em frente ao castelo para terminar o trabalho. Ele estava morrendo de frio e exausto. Como aquele esqueleto vivo da biblioteca. Ele não era a melhor pessoa para aquele trabalho, mas aquilo era sua obrigação. Ele se apoiou com um joelho no chão em frente ao obelisco com um martelo e um cinzel, que tinha emprestado do carpinteiro do barco.

Aquilo provavelmente poderia ser feito com um feitiço, mas ele não se lembrava como, e também não queria usar nenhuma magia de qualquer jeito. Ele queria sentir aquilo. Ele encostou a ponta do cinzel na pedra e começou a entalhar. Quando terminou, havia três palavras gravadas ali, irregulares, mas legíveis:

ILHA DE BENEDICT

De volta ao barco, ele deu a ordem – içar velas rumo ao leste –, por mais que todos já estivessem esperando por isso. Em seguida, ele desceu para sua cabine. Quentin ouviu a âncora sendo levantada. O mundo se inclinou, desprendendo-se do lugar, e ele finalmente apagou.

O *Muntjac* disparou adiante com uma ventania gelada. O barco os levou através de vastas porções do oceano sem nenhuma ilha à vista, surrando suas velas, que aceitaram docilmente a truculência e o fizeram avançar ainda mais rápido. Imensas ondas verde-esmeralda os lançaram adiante, vindo por baixo, erguendo-se sob o casco e os empurrando para a frente, como se até o mar já estivesse farto deles e não visse a hora de tudo aquilo acabar. Eliot tinha feito a viagem até ali parecer um desfile interminável de riquezas, encantos e ilhas misteriosas 24 horas por dia, sete dias por semana, 365 dias por ano, mas agora o oceano estava totalmente deserto,

piedosamente eviscerado de qualquer elemento remotamente fantástico. Um vazio perfeito.

Talvez as ilhas estivessem saindo do seu caminho. Eles agora pareciam intocáveis. Em nenhum momento foi visto qualquer sinal de terra firme – era como se eles estivessem dando um grande salto rumo ao nada.

O único milagre que aconteceu, aconteceu a bordo. Foi um milagre pequeno, mas verdadeiro. Duas noites após a morte de Benedict, Poppy foi à cabine de Quentin para dizer que sentia muito pelo que havia acontecido e ver como ele estava. E ela só saiu de lá na manhã seguinte.

Era um momento estranho para uma coisa boa acontecer. Era um momento errado, nada oportuno, mas talvez o único em que aquilo pudesse acontecer. As emoções deles estavam inflamadas e à flor da pele. Quentin ficou no mínimo surpreso, e uma das primeiras coisas que o surpreenderam foi perceber o quanto ele a desejava. Poppy era bonita, e Poppy era inteligente, pelo menos tão inteligente quanto Quentin, talvez até mais. E era meiga e engraçada quando relaxava um pouco, e suas longas pernas eram absolutamente maravilhosas, mais do que tudo que Quentin já tinha visto naquele ou em qualquer outro mundo.

No entanto, além disso, Poppy tinha uma coisa que Quentin queria quase tanto quanto o alívio físico do sexo – o que já seria ótimo, só Deus sabia o quanto, seria mesmo. Poppy tinha uma perspectiva melhor das coisas. Ela não vivia absorta naquele mundo de grandes mitos sobre jornadas e aventuras, nem nada assim. No fundo, ela não dava a mínima para Fillory. Ela era só uma turista ali. Fillory não era sua casa, ou a concretização de todos os seus desejos e sonhos de infância. Para ela, aquele era só um lugar, e pelo qual ela estava de passagem. Era um alívio não levar Fillory tão a sério por algum tempo. Até então, sempre que ele tinha imaginado algo assim acontecendo, era com Julia. Mas Julia não precisava dele, não daquele jeito. E no final das contas, a pessoa de quem ele precisava também não era Julia.

Quentin não estava celibatário desde a morte de Alice, mas não era como se tivesse feito a farra também. O problema de transar com outras pessoas era o fato de que, de algum jeito, isso parecia deixar a lembrança de Alice ainda mais distante. Isso implicava em reconhecer e admitir de verdade e de uma vez por todas que ela nunca mais iria voltar. Com Poppy, ele se permitiu ter consciência disso um pouco mais, o que deveria tê-lo feito sofrer mais, mas por algum motivo, o fez sofrer um pouco menos.

— Por que você não fica? — disse ele certo dia, enquanto os dois estavam almoçando na cabine de Quentin, de pernas cruzadas em cima da cama. Peixe de novo. — Você pode vir morar um tempo no castelo. Eu sei que você nunca foi pirada por Fillory como eu, mas você nunca quis viver num castelo? Nunca quis ser uma rainha?

Se ou quando eles por fim voltassem ao Castelo de Whitespire, com ou sem aquela última chave, a chegada daquela expedição não seria muito triunfal. Seria bom ter Poppy a seu lado na hora de voltar para aquele porto. Para dar um apoio moral. E imoral também.

— Hmmm... — Poppy cobriu seu peixe de sal e depois o encharcou com limão. Parecia não existir sabor forte o bastante para ela. — Você falando assim, tudo parece tão romântico.

— Mas é romântico mesmo. Não só por mim. Morar num castelo é realmente romântico.

— Então, isso é só porque você não cresceu num país monarquista. A Austrália ainda tem uma rainha. Meu país tem muita história. Me lembre de contar pra você da crise constitucional de 1975 algum dia. Não foi nada romântico.

— Prometo que você não vai ver nenhuma crise constitucional se voltar comigo pra Whitespire. Nós nem temos constituição. Ou se temos, ninguém nunca a leu, tenho certeza.

— Eu sei, Quentin. — Ela franziu os lábios. — Mas acho melhor não. Não sei mais quanto tempo vou conseguir ficar aqui.

— Por que não? O que você tem de tão importante na Terra?

— Minha vida? As pessoas que eu conheço? O mundo real?

— Este mundo é real. — Ele chegou mais perto para se encostar nela. — Olha só. Sinta como isto aqui é real.

— Não é disso que eu estou falando.

Poppy pôs seu prato no chão e se deitou de volta na cama. Ela bateu a cabeça na parede. A cama não tinha sido feita para uma pessoa alta, quanto mais para duas.

— Eu sei. — Quentin não sabia por que estava discutindo com ela sobre aquilo. Ele sabia que ela não iria ficar. Talvez fosse por isso que as coisas estavam sendo tão fáceis entre eles, por ele já saber como tudo iria terminar. Não havia nenhum risco de eles ficarem íntimos demais. Ele estava jogando para perder. — Mas sério, o que você tem de tão importante lá? Sua

dissertação? Sua dragonologia, ou sei lá como se fala? Não me diga que você tem namorado...

Ele pegou o pé de Poppy no colo para fazer uma massagem. Ela estava com alguns calos novos por andar pelo barco descalça, e ele começou a apertar um. Ela puxou o pé de volta.

— Namorado, não. Mas sim, tenho minha dissertação e a dracologia. Sinto muito se isso parece chato pra você, mas é o que eu faço, e gosto muito, aliás.

— Existem dragões aqui em Fillory. Eu acho. Bom, talvez não. Eu nunca vi nenhum.

— Você não sabe?

— Você poderia descobrir. Você pode pedir uma bolsa de pesquisa real. Prometo que o seu projeto será analisado com uma atenção muito especial.

— Eu teria que começar tudo do zero. Não quero jogar fora quatro capítulos da minha dissertação.

— Tudo bem, mas qual o problema da fantasia pra você? — perguntou Quentin. — A fantasia é subestimada. Você sabe quantas pessoas fariam de tudo só pra estar no seu lugar?

— O que, na cama com você?

Ele ergueu a camisa de Poppy e a beijou na barriga, que era lisa e coberta por uma fina penugem.

— Estou falando daqui de Fillory — disse ele.

— Eu sei. — Ela suspirou com um ar meigo e sincero. — Eu queria muito ser como elas.

O fato de Poppy querer voltar para o mundo real não era nenhum problema – ou talvez até fosse, mas tudo bem também –, no entanto, a forma como eles iriam levá-la de volta para lá ainda era uma questão em aberto. Ember com certeza acabaria aparecendo mais cedo ou mais tarde para expulsá-la de Fillory, como sempre fazia com qualquer outro visitante. Mas isso poderia levar semanas, ou meses, era difícil saber, e ela não queria esperar. Quentin podia estar no paraíso, mas Poppy estava no exílio.

No fim, eles decidiram tentar com as chaves. Eles não tinham mais a da Ilha Posterior, que havia levado Quentin e Julia com tanta eficiência de volta para a Terra, mas todas elas eram mais ou menos parecidas, a não ser pelo tamanho. Eles começaram com a última, a maior, a que eles haviam encontrado na Ilha de Benedict. Ela estava guardada na cabine de Quentin,

ainda na caixinha de madeira em que veio. Eles a levaram até o convés. Poppy tinha vindo só com a roupa do corpo, então não precisou arrumar nenhuma mala. Quentin achou que Josh iria querer voltar o quanto antes também, mas ele não parecia estar com pressa. Ele já estava querendo saber em que quarto iria ficar em Whitespire. Além disso, Quentin preferia ter uma despedida mais particular com Poppy mesmo.

A chave estava há muito tempo naquela caixa; seus três dentes na ponta tinham deixado uma marca sobre o veludo vermelho. Ele a ofereceu para ela, como se fosse um charuto caro. Ela a pegou.

— Cuidado.

— Que pesado. — Poppy a virou sobre seus dedos, sentindo seu peso. — Nossa. Não é só pelo ouro, é pela magia. Os feitiços desta coisa são muito potentes. Densos.

Eles olharam para a chave, e depois um para o outro.

— Eu meio que tateei pelo ar com ela — disse Quentin. — Você precisa encontrar uma fechadura invisível. É difícil explicar, é mais uma coisa que você só entende fazendo mesmo.

Ela acenou a cabeça. Tudo bem.

— Bom...

— Espera. — Ele pegou as duas mãos de Poppy. — Eu não pedi direito antes. Fique aqui. Por favor, fique. Eu quero muito.

Ela balançou a cabeça e o deu um leve beijo nos lábios.

— Não posso. Ligue pra mim da próxima vez que você for pro mundo real.

Ele sabia que ela iria dizer aquilo. Mas ele ficou melhor, sabendo que tinha pedido de verdade.

Poppy deu algumas cutucadas experimentais e hesitantes pelo ar com a chave. Distraído, Quentin ficou se perguntando se a chave tinha como entender que eles estavam em um barco em movimento. E se ela abrisse uma porta, mas que fosse fixa no lugar e acabasse ficando para trás? A chave poderia escapar da mão de Poppy, e a porta ficaria perdida para trás no meio do ar e do oceano. Ele até ficou torcendo um pouco para isso acontecesse.

Mas não teve sorte. A maior parte dos defeitos e falhas mais óbvias dos feitiços antigos já havia sido resolvida há muito tempo. Quentin não ouviu nenhum clique, mas percebeu quando a mão de Poppy encontrou certa

resistência no ar. A chave entrou na fechadura. Ainda segurando-a com uma das mãos, Poppy lhe deu mais um beijo, desta vez com mais intensidade, e então girou a chave. Com sua outra mão, ela encontrou a maçaneta.

Um vão se abriu com um *puf*, enquanto a pressão do ar se equilibrava. O sol não estava brilhando do outro lado como antes. Estava escuro. Foi estranho ver um paralelogramo de noite suspenso no ar daquele jeito, sobre o convés de um barco em plena luz do dia. Quentin foi para trás de Poppy e tentou olhar lá dentro. Ele sentiu uma brisa fria. Ar de inverno. Ela olhou para ele: tudo bem até aqui?

Ele não sabia qual mês era na Terra, ou mesmo qual ano. Os fluxos temporais podiam ter ficado malucos, e ela voltaria para uma Terra de um futuro distante, uma Terra pós-apocalíptica, um planeta gelado e moribundo orbitando em volta de um sol apagado. Os pelos de seu braço se arrepiaram, e alguns flocos de neve errantes caíram e derreteram na madeira quente do convés do *Muntjac*. *Eu tive um sonho que não era em tudo um sonho*. Ah, o bom e velho Byron. Ele sempre tinha alguma coisa para qualquer ocasião.

Poppy soltou a chave, abaixou a cabeça – o portal era um pouco baixo demais para o seu tamanho – e atravessou para o outro lado. Ele viu Poppy olhando os lados, tremendo de frio em seu vestido de verão, e um relance do que havia a sua frente. Uma praça de pedra. A porta começou a se fechar. A chave devia tê-la enviado para seu último endereço de residência fixa, ou seja, Veneza. Fazia sentido. Poppy poderia passar um tempo na casa de Josh. Ela conhecia várias pessoas por lá. Ela iria ficar bem.

Ou melhor, não iria não. Aquilo não era Veneza, e ela estava sozinha. Quentin pulou para a frente, atravessando a porta já quase fechada.

— Poppy!

Ela tinha parado bem depois da porta, e ele trombou contra ela por trás. Poppy soltou um gritinho, e ele a pegou pelos ombros para que os dois não caíssem. Em seguida, ele esticou a mão para tentar impedir que a porta se fechasse, mas já era tarde. O ar estava gelado, e o céu cheio de estrelas estranhas. Era de noite, e eles não estavam na Terra. Eles estavam na Terra Nula.

Por um instante, Quentin quase ficou feliz por estar ali. Ele não visitava a Terra Nula há dois anos, desde que os outros tinham ido para Fillory. Isso o deixou nostálgico. Em sua primeira passagem pela Terra Nula, ele sentiu, talvez pela última vez na vida, uma alegria realmente pura: aquele tipo de

alegria calorosa e arrebatadora digna dos melhores tarjas-pretas que você sentia ao acreditar, ou melhor, não só acreditar, mas saber que tudo iria ficar bem, não só naquela hora, ou pelas próximas duas semanas, mas para sempre.

Ele estava errado, é claro. Na verdade, aquela certeza durou uns cinco segundos – só até ele levar um soco de Alice na cara por tê-la traído com Janet. Ao que parecia, nem tudo iria ficar bem. As coisas estavam à mercê do acaso, nada era perfeito e a magia não deixava ninguém mais feliz, mas Quentin aprendeu a conviver com isso, coisa que na verdade a maioria das pessoas que ele conhecia já estava fazendo de qualquer jeito, e era hora de ele fazer o mesmo. Mas esse tipo de alegria não se esquece. Uma coisa tão brilhante assim acaba deixando uma imagem marcada para sempre no seu cérebro.

Por outro lado, a Terra Nula que ele conhecia sempre foi um lugar quentinho, tranquilo e iluminado por uma leve penumbra. Esta nova Terra Nula era um breu gelado, e estava até nevando. A neve havia se acumulado nos cantos da praça em enormes pilhas esbranquiçadas.

E o cenário estava diferente. Dos prédios em volta da praça, os de um lado continuavam exatamente iguais a antes, mas os do outro estavam semidestruídos. Suas silhuetas escuras despontavam irregulares contra o céu azul-profundo, e a neve em frente a eles se misturava com enormes blocos de pedra caídos. Era possível ver a praça do outro lado e, através de ainda mais escombros, a próxima mais adiante.

— Quentin — disse Poppy. Ela se virou para onde a porta antes estava também, tentando assimilar a presença de Quentin e o ambiente a sua volta. — Eu não entendo. O que você... onde a gente está?

Ela se abraçou contra o frio. Eles não estavam vestidos para aguentar aquela temperatura. Mas ela não estava entrando em pânico.

— Aqui não é a Terra — disse Quentin. — Aqui é a Terra Nula. Este é o mundo entre a Terra e Fillory, e todos os outros mundos.

— Entendi. — Ele já tinha contado a ela sobre a Terra Nula. — Tudo bem. Bom, é um lugar legal e tudo mais, mas está frio pra caramba. Vamos embora daqui.

— Não sei muito bem como vamos fazer isso. O certo seria chegar aqui pelas fontes, mas você precisa de um botão pra isso.

— Tudo bem. — Suas palavras se esvaíam em meio ao ar gelado assim que eles falavam. — Bom, mas então use um feitiço ou alguma coisa assim. Por que a chave nos trouxe pra cá?

— Sei lá. Essas chaves têm um senso de humor meio cruel. — Era difícil pensar com aquele frio todo. Ele analisou o ar vazio através do qual eles tinham acabado de chegar, enquanto seu hálito se condensava. Não havia mesmo mais nenhum sinal da porta. Poppy saiu andando com as pernas duras até a fonte. Eles estavam na praça de Fillory; a fonte tinha uma estátua de Atlas no meio, arqueado sob o peso esmagador de um globo de mármore.

A água da fonte estava congelada. O nível do gelo estava até acima da borda. Ela o sentiu com a mão.

— Mas que porra — murmurou ela, soando como alguém diferente.

Quentin estava percebendo o tamanho da encrenca em que eles tinham se metido. Estava frio ali, muito frio. Talvez uns cinco ou dez graus negativos. Não havia gravetos, nem nada para fazer uma fogueira ali, apenas pedra. Quentin se lembrou de Penny lhes avisando para não usar nenhum feitiço na Terra Nula. Talvez eles não tivessem outra escolha.

— Vamos até a fonte da Terra — disse ele. — Ela fica a umas duas praças daqui.

— Por quê? Do que isso adiantaria sem um botão?

— Sei lá. Talvez a gente encontre alguém. Não sei mais o que fazer, e é melhor a gente começar a se mexer, ou vamos acabar morrendo congelados.

Poppy acenou a cabeça e deu uma fungada. Seu nariz estava escorrendo. Ela parecia mais assustada agora do que naquela ilha, durante a batalha pela chave.

Eles começaram a andar, mas logo aceleraram o ritmo para esquentar o corpo. A não ser pelo som de seus passos, o silêncio era total. A única luz era das estrelas, mas seus olhos estavam se ajustando rápido. Quentin só conseguia pensar que aquilo não ia dar certo, e que depois de não dar certo, tudo iria piorar ainda mais. Ele tentou fazer alguns cálculos termodinâmicos de cabeça. Havia variáveis demais por ali, mas a hipotermia logo daria as caras. Dentro de algumas horas no máximo, ou talvez nem isso.

Eles trotaram pelo cenário devastado. Nada se mexia. Eles atravessaram uma ponte sobre um canal congelado. O ar tinha cheiro de neve. Mas que estupidez, agora nós dois vamos morrer, pensou ele, atordoado.

A praça da Terra era maior do que a de Fillory, mas não estava em melhor estado. Um de seus prédios estava resumido a uma fileira de janelas vazias, através das quais era possível ver as estrelas. A fachada havia sobrevivido à catástrofe, mas o prédio atrás estava em ruínas.

Sua fonte estava congelada também. O gelo havia coberto sua grande lótus de bronze, e rachado a escultura até a base em um dos lados. Eles pararam ali em frente, mas Poppy escorregou na lama embaixo da neve e por pouco não caiu no chão. Ela logo se levantou, agitando as mãos para secá-las.

— Tudo igual — disse ela. — Enfim, precisamos achar uma saída. Ou então um abrigo e alguma coisa pra fazer fogo.

Ela estava abalada, mas segurando as pontas. A boa e velha Poppy. Ela estava sendo um bom exemplo, o que acordou Quentin um pouco.

— As portas de alguns desses prédios parecem ser de madeira — disse ele. — E está cheio de livros dentro deles. Eu acho. Talvez a gente possa pegar alguns pra fazer uma fogueira.

Eles andaram juntos pela praça até achar uma porta quebrada, uma monstruosidade gótica com um arco em cima, caída no chão. Quentin se abaixou e arrancou uma lasca. Aquilo parecia ser madeira comum. Eles precisariam experimentar um feitiço de fogo. Ele explicou para ela como a magia funcionava na Terra Nula: tudo era potencializado, explosivo. Penny havia dito a eles para nunca usar nenhum feitiço por lá. Mas eles estavam no desespero.

— A que distância você consegue lançar um feitiço de fogo? — perguntou ele. — Porque é melhor a gente estar o mais longe possível quando a chama acender.

A parte do “quando a chama acender” saiu de seus lábios dormentes soando mais como “quanbo a chamba acember”. Ele repetiu a frase, pronunciando as palavras com um pouco mais de clareza, mas só um pouco. As coisas estavam piorando muito mais depressa do que ele havia imaginado. Eles não teriam muito tempo. Talvez só uns quinze minutos para tentar qualquer tipo de feitiço.

— Vamos descobrir — disse ela.

Ela começou a se afastar da porta, andando para trás, voltando para o centro da praça. Ele não conseguiu evitar a sensação de que aquilo era só uma perda de tempo, apenas uma parada na viagem rumo ao inevitável.

Depois de descobrir como fazer uma fogueira, eles teriam que achar um abrigo. Depois de achar um abrigo, eles iriam precisar de comida, e não havia comida por ali. Seu cérebro estava se revirando a mil por hora. Eles poderiam derreter a neve para beber. Talvez houvesse peixes embaixo do gelo nos canais. Ainda assim, mesmo que eles pudessem sobreviver por um tempo indefinido ali – o que seria improvável –, seja lá o que tivesse destruído a Terra Nula cedo ou tarde acabaria voltando para destruí-los.

— Tudo bem! — berrou Poppy. — Pra trás, Quentin!

Ele encostou a palma de sua mão na madeira, se é que aquilo fosse mesmo madeira. Se não desse certo, será que eles poderiam fazer um botão do zero? Não em quinze minutos. Nem em quinze anos.

Um estalo irrompeu entre as portas duplas. Uma tênue luzinha azul cintilou entre elas. A luz de uma estrela. Mas não era a luz de uma estrela. Ela tremeluziu.

— Aguenta aí! — disse ele.

— Quentin! — Ele pôde sentir um toque de desespero na voz de Poppy. Ela estava com as mãos enfiadas debaixo das axilas. — Nós não temos muito tempo!

— Acho que eu vi uma coisa. Tem alguma coisa aqui.

Ele enfiou o rosto entre a madeira gelada, mas não conseguiu ver mais nada. Ele foi de janela em janela, mas todas estavam escuras. Talvez do outro lado. Ele gritou para Poppy voltar e passou correndo por uma arcada, indo até a praça seguinte.

O prédio era um imenso palácio em estilo italiano com janelas lado a lado. Ele chegou a pensar por um instante na possibilidade de que talvez fosse até pior se o que estivesse criando aquela luz azul saísse dali. Mas parecia pouco provável que aquilo pudesse lhes proporcionar uma morte mais lenta e desagradável do que aquela que eles já estavam prestes a enfrentar de qualquer forma. Ele ficou pensando se, antes de morrer, chegaria tão ao fundo do poço a ponto de rezar a Ember para salvá-lo. E concluiu que provavelmente sim.

Não havia nenhuma porta daquele lado do palácio, mas a fachada estava em ruínas: ela acabava entre escombros de pedra sobre a segunda fileira de janelas. Ele provavelmente teria como passar por lá se precisasse, e ele precisava, sim. Um vento gelado estava soprando. O que havia acontecido ali? A Terra Nula sempre tinha sido tão tranquila e segura, um mundo sob

uma redoma de vidro. Alguém havia cortado a força, quebrado as janelas e deixado os elementos invadirem o lugar.

Com um pulo, ele alcançou a borda da primeira janela, e agradeceu a Deus, a Ember, ou a seja lá quem fosse pelo exagerado estilo barroco do arquiteto da Terra Nula. Quentin sabia que a pedra rústica estava arrancando a pele de seus dedos congelados, mas ele não sentia nada.

— Vá até ali — disse ele, enquanto apontava. Ele colocou um pé no ombro de Poppy, o que ela aceitou de bom grado. A partir dali, ele conseguiu apoiar um dos pés no friso superior, e uma das mãos na borda da janela acima, que não era grande o bastante para ele se segurar, mas teria que servir. Em seguida, ele pulou e se agarrou no topo da parede quebrada. Ele teve que torcer para que seus dedos se dobrassem.

Com sua bochecha colada à pedra fria, Quentin arriscou olhar para baixo. Poppy estava observando-o, ansiosa. Seu rostinho bonito estava pálido e sério sob a luz das estrelas. Lentamente, ele se ergueu até apoiar seu antebraço sobre a parede, e então, sem muito jeito, fez o mesmo com o joelho. Ele olhou pela primeira vez para a Terra Nula lá embaixo.

Aquilo o lembrou das fotos de Londres após os ataques alemães. O prédio tinha perdido o teto, e a maior parte do que antes era o segundo andar havia desabado e estava em ruínas sobre o primeiro. O chão estava coberto de papéis, que rodopiavam em lânguidos redemoinhos com o vento. Havia livros grandes e pequenos espalhados em diversos estados de conservação, alguns inteiros, alguns abertos e eviscerados.

Na ponta oposta, onde os restos do andar de cima formavam um certo abrigo, alguém havia organizado alguns dos livros mais intactos em pilhas altas e bem arrumadas. O homem que poderia ter feito aquilo estava parado de pé entre elas. Ou não, ele não estava de pé, ele estava flutuando sobre o chão, com os braços abertos.

Era de lá que aquela luz azul vinha. Um tênue brilho emanava de runas no chão embaixo do homem. Ou ele era outro refugiado de toda aquela destruição, ou o seu autor. Aquele parecia ser um bom momento para se ter uma má ideia.

— Tem alguém lá dentro! — disse ele para Poppy lá embaixo. Ele ergueu a voz: — Oi!

O homem não olhou para ele.

— Oi! — gritou Quentin de novo. — Oi!

Talvez ele fosse filloriano.

— Quentin — disse Poppy.

— Espera aí. Oi! Oi!

— Quentin, as portas estão se abrindo.

Ele olhou para baixo. Estavam mesmo. As portas estavam se abrindo para fora, sozinhas.

— Tudo bem. Vou descer.

Descer não foi muito mais fácil do que subir; ele tinha perdido toda a sensibilidade dos dedos. Ele pegou a mão dormente de Poppy. Aquela era realmente sua última chance.

— Vamos lá? — disse ele. Sua voz saiu mais fina do que ele gostaria.

CAPÍTULO 22

Eles atravessaram os destroços, tentando, por educação, pisar no mínimo possível de páginas no chão. Quentin quase torceu o tornozelo quando uma pedra rolou sob seu pé.

A luz azul das runas parecia estar sustentando o homem. Seus pés descalços pendiam no ar a quase um metro do chão. Ele tinha cabelos loiros e um rosto largo arredondado – era quase como se fosse aquela sua cabeça enorme o que estava mantendo-o no ar, como um balão. A sua volta, formando uma nuvem, pairavam uma dúzia de livros e mais algumas folhas avulsas, todas voltadas em sua direção, provavelmente para que ele pudesse consultá-las ao mesmo tempo. As páginas de dois desses livros estavam se virando sozinhas lentamente.

Ele não os cumprimentou, sequer olhou para os dois enquanto se aproximavam. Ele estava usando mangas compridas que caíam sobre suas mãos, mas havia algo de estranho na forma como o tecido pendia para baixo. Quando Quentin chegou mais perto, ficou claro por que: o homem não tinha mãos. Era Penny quem estava ali.

Quentin não o tinha reconhecido sem o moicano, com seu cabelo agora crescido. Ele nunca soube qual era a cor natural dos cabelos de Penny, mas provavelmente não devia ser verde metalizado. Penny girou no lugar, virando-se para eles, mas olhando para baixo enquanto pairava no meio do ar. Ele estava mais magro do que antes, muito mais. Seu rosto agora estava chupado, com os ossos salientes.

Quentin parou em frente às sinistras letras azuis entalhadas no chão. Ele estava morrendo de frio. Seus ombros não paravam de tremer.

— Penny — disse ele, sem jeito. — É você.

Penny olhou calmamente para ele.

— Esta aqui é a minha amiga Poppy — disse Quentin. — Que bom ver você aqui, Penny. Fico feliz em saber que está tudo bem.

— Olá, Quentin.

— O que aconteceu com você? O que aconteceu aqui?

— Eu entrei para a Ordem.

Seu tom era suave e tranquilo. Penny não parecia estar sentindo frio nenhum.

— Como assim, Penny? Que Ordem é essa?

— Nós cuidamos da Terra Nula. A Terra Nula não é um fenômeno natural, e sim uma criação. Um artefato. Ela foi construída muito tempo atrás por magos com uma compreensão da magia muito, muito mais profunda do que a sua.

Mas não do que a minha, claro. Só do que a sua. Esse era o bom e velho Penny. O fato de ele ter perdido as mãos daquela forma era uma catástrofe que Quentin nunca conseguiria superar, mas se tinha alguém no mundo que nasceu para ser um monge místico flutuante e maneta, era Penny. Eles iam acabar morrendo de frio antes que Penny terminasse seu discurso dramático.

— Desde então, homens e mulheres como eu estão aqui para protegê-la. Nós a reparamos e a defendemos.

— Penny, desculpa, mas a gente está com muito frio — disse Quentin. — Você pode nos ajudar?

— Claro.

Quentin achou que Penny nunca mais conseguiria fazer nenhuma magia depois de perder as mãos. Pelo visto, subestimar Penny era um erro que ele cometia bastante. Enquanto pairava diante deles, Penny juntou seus pulsos decepados em frente ao peito e começou a recitar palavras ritmadas em alguma língua que Quentin não reconheceu. Ele parecia estar fazendo algum tipo de esforço físico por baixo de seu manto, mas Quentin não conseguiu entender qual.

De repente, o ar frio em volta deles esquentou. Quentin foi tomado por uma tremedeira ainda mais violenta enquanto se aquecia. Foi um alívio

imenso. Ele não conseguiu aguentar e se abaixou, e sentiu sua boca se enchendo de saliva. Ele achou que ia vomitar, e isso lhe pareceu tão engraçado que começou a rir. A seu lado, ele ouviu Poppy gemendo enquanto seu corpo se recuperava do frio.

Ele não vomitou. Mas os dois levaram um tempo até conseguir falar de novo.

— O que aconteceu aqui? — perguntou Poppy, por fim. — Quem destruiu este lugar?

— A Terra Nula não foi destruída — corrigiu Penny com um toque de seu antigo jeito rabugento. — Mas foi gravemente avariada. Talvez de forma até irreparável. E o pior ainda está por vir.

Os livros e papéis em volta de Penny se fecharam e voltaram sozinhos para seus lugares entre as diversas pilhas. Penny começou a pairar na direção das portas abertas do palácio. Pelo visto, não eram só aquelas runas azuis que estavam o sustentando no ar. A Ordem parecia seguir o princípio de que andar era para os trouxas: quem era fodão mesmo só flutuava.

— É melhor eu mostrar para vocês — disse Penny.

Quentin pegou a mão de Poppy, e eles o seguiram até a praça. Quentin estava chapado de endorfina. Ele não iria morrer – provavelmente – e, depois disso, qualquer notícia só podia ser boa. Penny continuou a falar enquanto pairava. Sua cabeça ainda estava alguns palmos acima das de Quentin e Poppy. Era como falar com alguém andando em um daqueles Segway que os seguranças de shopping usam.

— Você nunca se perguntou de onde vem a magia? — perguntou Penny.

— Sim, Penny — disse Quentin, paciente. — Já me perguntei, sim.

— Henry tinha uma teoria. Ele a explicou para mim quando estávamos em Brakebills. — Ele estava falando do reitor Fogg. Penny apenas se referia ao corpo docente de Brakebills pelos seus primeiros nomes, para mostrar que os via de igual para igual. — Para ele, parecia ser errado que os humanos tivessem acesso à magia. Ou talvez não errado, mas estranho. Não fazia sentido. Ele achava tudo isso bom demais para ser verdade. Como magos, nós apenas aproveitamos uma brecha cósmica para usar um poder que, por direito, nunca deveria ter sido nosso. Como detentos de um manicômio que acharam as chaves da farmácia e estão fazendo a festa. Ou então, pense no universo como um imenso computador. Nós somos usuários finais que conseguiram acesso de administrador no sistema, e estamos

manipulando-o sem autorização. Henry tem uma cabeça estranha. Ele não é um teórico rigoroso, nem de longe, mas tem seus momentos de brilhantismo. E esse foi um deles.

Eles saíram da praça, com Poppy e Quentin andando abraçados agora, para acumular seu calor. A zona de ar quente ficava em volta de Penny e pairava junto com ele, então o frio voltava a atacá-los se eles ficassem muito para trás, o que lhe garantia uma audiência cativa. Até ouvir um sermão de Penny era melhor do que morrer de frio.

— Agora vamos levar a teoria de Henry um pouco mais adiante. Se os magos são *hackers* que invadiram um sistema, quem seriam seus administradores originais? Quem criou o sistema, o universo, que nós invadimos?

— Deus? — arriscou Poppy.

Era bom ter Poppy ali para lidar com Penny. Penny não a irritava. Ele não mexia com ela como mexia com Quentin. Ela só queria aprender o que ele sabia.

— Exatamente. Ou, mais exatamente, os deuses. O que não é nenhum debate teológico: qualquer mago capaz de operar a magia em uma escala tão fundamental é, quase por definição, um deus. Mas onde eles estariam? E por que ainda não nos encontraram e nos expulsaram de seu sistema? Eles deviam usar feitiços em uma escala de energia hoje inconcebível para nós. O poder desses deuses ofuscaria até o dos magos que construíram a Terra Nula. Você deveria ver, Quentin. Digo, ver a Terra Nula de verdade, como eu vi. Ela não é infinita, sabe, mas se estende por milhares de quilômetros em todas as direções. É uma coisa maravilhosa. Quando você entra para a Ordem, eles mostram tudo a você.

Isso era o engraçado em Penny. Ele era um babaca arrogante – haja vista a forma como ele vinha ignorando Poppy – e tinha passado por coisas terríveis, mas no fundo, ainda era muito inocente, e de vez em quando, sua inocência superava sua arrogância. Quentin nunca conseguiria gostar de Penny, mas achava que o entendia. Penny era a única pessoa que ele já tinha conhecido que era tão apaixonada, apaixonada de verdade, pela magia como ele: com uma paixão inocente, romântica e incondicional.

— Depois de um tempo, você aprende a ler as praças, como uma língua. Você percebe que cada praça é uma expressão dos mundos aos quais elas dão acesso, quando passa a entender sua gramática. Não existem duas

iguais. Há uma praça, só uma, que tem um quilômetro e meio de cada lado e uma fonte de ouro no meio. Dizem que o mundo para o qual ela dá acesso é como o paraíso. Eles ainda não me deixaram entrar nela.

Quentin ficou pensando no que seria o paraíso para Penny. Provavelmente um lugar onde você sempre tinha razão e nunca precisava calar a boca. Nossa, como Quentin era babaca quando o assunto era Penny. O paraíso para ele poderia muito bem ser voltar a ter mãos.

Eles ficaram um tempo em silêncio, enquanto atravessavam uma ponte de pedra sobre um canal congelado. Pequenos redemoinhos de neve corriam um atrás do outro sobre o gelo.

— Para onde esses deuses foram? — perguntou Poppy.

— Não sei. Talvez eles estivessem no paraíso. Mas agora voltaram. Voltaram para fechar a brecha que tinham deixado. Para retomar a magia, Quentin. Eles vão levar embora tudo o que nós temos.

Eles tinham chegado a uma praça que não parecia diferente das outras, a não ser pelo fato de que a fonte em seu centro estava fechada com uma tampa de bronze esverdeado, coberta de complexas inscrições, e presa no lugar por uma tranca simples. Penny foi até a fonte, a ponta dos pés descalços deslizando na neve enquanto flutuava. Ele se deixou descer suavemente até o chão.

Quentin estava tentando assimilar o que Penny havia dito. Devia ser sobre aquilo que o dragão estava falando, em Veneza. Devia ser esse o mistério por trás de tudo. Mas não podia ser verdade. Tinha que ser algum engano. O fim da magia: isso significaria o fim de Brakebills, de Fillory, de tudo o que tinha acontecido com ele desde que saiu do Brooklyn. Ele deixaria de ser um mago, e todos os outros também. Suas vidas duplas voltariam a ser vidas simples e comuns. A faísca de esperança se apagaria. Ele tentou entender como eles tinham chegado até ali. Uma viagem até a Ilha Distante, era só isso o que deveria ter sido. Ele tinha puxado um fio, e agora o mundo todo estava se desatando. Ele queria voltar atrás, devolver o fio no lugar e costurar tudo de volta.

Penny estava esperando alguma coisa.

— Abra isso para mim, por favor — disse ele. — Você precisa puxar a tranca.

Claro. Ele não tinha as mãos. Entorpecido, mas não pelo frio, Quentin tirou o gancho de bronze que prendia a tampa no lugar e depois enfiou as

pontas dos dedos entre o metal e a pedra. Aquela chapa era pesada – com mais de dois centímetros de espessura –, mas com a ajuda de Poppy, ele a ergueu e a empurrou até a metade para o outro lado. Eles olharam lá para dentro.

Seus olhos levaram um instante para assimilar a perspectiva, mas assim que entenderam o que estavam vendo, os dois se afastaram por instinto. A profundidade do fosso era abissal.

Não havia água naquela fonte, apenas uma vasta e ressoante escuridão. Era como se eles estivessem olhando para baixo através da abertura no alto de um imenso domo. Devia ser isso o que havia nos subterrâneos da Terra Nula. Lá embaixo, a talvez mais de um quilômetro de meio, calculou Quentin, havia um padrão plano de linhas brancas brilhantes, como um diagrama de um circuito, ou um labirinto sem saída. Entre as linhas, afundada até a cintura entre elas, via-se uma figura prateada. Era um ser careca e musculoso, e que devia ser enorme. Estava escuro lá embaixo, mas o gigante emanava sua própria luz. Ele brilhava com uma linda e constante luminescência prateada.

O gigante estava ocupado. Ele estava trabalhando. Alterando o padrão. Ele pegava uma linha, desconectava-a e então a dobrava e a religava a outra linha. Como elas eram grandes feito guindastes, os braços do gigante se moviam lentamente, cruzando distâncias enormes, mas nunca paravam de se mexer. Seu rosto não mostrava nenhuma expressão.

— Penny? O que é isso?

— Ele é Deus? — perguntou Poppy.

— Ele é um deus — corrigiu Penny. — Mas isso na verdade é só uma palavra para descrever um mago operando em uma escala titânica de energia. Nós já vimos pelo menos uma dúzia deles; é difícil diferenciar um do outro. Há um deles em cada um desses pontos de acesso. Mas nós sabemos o que eles estão fazendo. São consertos. Eles estão reconfigurando o mundo.

Quentin ficou olhando para o circuito exposto da criação junto a seu mestre lá embaixo. Ele lembrava um pouco o Surfista Prateado.

— Acho que... — disse Quentin devagar — ...agora você vai me dizer que esse é um ser dotado de uma beleza e poderes sublimes, e que só me parece um gigante prateado porque meus olhos mundanos são incapazes de captar sua verdadeira magnificência, é isso?

— Não. Nós achamos que eles são mais ou menos isso aí mesmo.

— Ah, por favor! — disse Poppy. Ela inclinou a cabeça de lado. — Ele é bem impressionante. Ele é enorme. E prateado.

— É um zelador prateado gigante. Penny, não pode ser assim que o universo funciona.

— Na Ordem, nós chamamos isso de “profundidade inversa”. Nós já constatamos isso em diversos casos. Quanto mais a fundo você analisa os mistérios cósmicos, menos interessantes as coisas são.

Então era ele. O cara mais fodão do universo, o topo da cadeia alimentar. A origem de toda a magia. Será que ele sequer entendia o que tinha feito? O quanto aquilo era lindo? O quanto as pessoas amavam sua criação? Ele não parecia amar nada. Ele simplesmente existia. Mas como alguém poderia criar uma coisa tão linda como a magia e não amá-la?

— Imagino como será que ele descobriu. — disse Poppy. — Que nós estávamos usando a magia, digo. Quem será que nos dedurou?

— Talvez a gente deva falar com ele — sugeriu Quentin. — Talvez ele mude de ideia. A gente poderia, sei lá, provar que é digno da magia ou coisa assim. Talvez passando por um teste.

Penny balançou a cabeça.

— Acho que eles não podem mudar de ideia. Quando você chega a esse nível de energia, conhecimento e perfeição, o encadeamento das suas ações se torna cada vez mais óbvio. Tudo passa a ser regido por diretrizes muito rígidas. Em qualquer situação, você só é capaz de agir da forma mais gloriosamente perfeita possível, que é apenas uma. Até chegar a certo ponto onde as opções deixam de existir.

— Então você está me dizendo que os deuses não têm livre arbítrio.

— O poder de cometer erros — disse Penny. — Só nós temos isso. Os mortais.

Eles passaram um tempo em silêncio, observando o deus trabalhar. Ele nunca parava ou hesitava. Suas mãos se mexiam o tempo todo, dobrando linhas, rompendo uma conexão, criando outra. Quentin não conseguia entender como um padrão poderia ser melhor que outro, mas achou que isso devia ser só um reflexo da sua natureza mortal imperfeita. Ele sentiu um pouco de pena daquele deus. Ele parecia ser feliz, livre de dúvidas, livre de hesitações, eternamente certo de sua virtude absoluta. Mas por outro lado, ele era como um robô divino gigante.

— Vamos tampar a fonte — disse ele. — Não quero mais ver isso.

A tampa de bronze rangeu contra a pedra e então se assentou de volta no lugar com um baque. Quentin recolocou o gancho. Mas era difícil saber quem estava sendo trancado para dentro ou para fora ali. Os três ficaram parados em volta da fonte como se ela fosse um túmulo que tinham acabado de cobrir.

— Por que isso está acontecendo agora? — perguntou Quentin.

Penny balançou a cabeça.

— Alguma coisa chamou a atenção deles. Alguém em algum lugar deve ter ativado um alarme que os invocou de volta de seja lá onde eles estavam. Talvez a pessoa nem tenha percebido o que estava fazendo. Nós mesmos só nos demos conta de que eles estavam aqui quando o frio começou. Depois, o sol se apagou, e então vieram a neve e os ventos. Os prédios começaram a ruir. Está tudo acabando.

— Josh passou um tempo aqui — disse Quentin. — Ele nos contou.

— Eu sei — disse Penny. Ele se ajeitou de um jeito desengonçado por baixo do manto. Ele deixou sua postura transcendente de lado e voltou a falar com sua voz antiga: — O frio faz meus tocos doerem.

— O que vai acontecer? — perguntou Poppy.

— A Terra Nula será destruída. Ela nunca fez parte do plano divino. Meus antecessores a construíram no espaço entre os universos. Os deuses irão se livrar dela, como um ninho de vespa em uma parede antiga. Se ainda estivermos aqui, vamos morrer junto. Mas isso não vai parar por aqui. Não é nem com a Terra Nula que eles estão preocupados, mas com o que a alimenta.

Se tinha uma coisa que você podia dizer sobre Penny, era que ele conseguia enfrentar a dura realidade de frente. Ele tinha uma estranha integridade para lidar com esse tipo de coisa. Ele era calmo e controlado. Penny não se deixava abalar. Isso nunca passaria por sua cabeça.

— O problema é a magia. Nós não deveríamos ter acesso a ela. Eles vão fechar seja lá qual for a brecha que deixaram aberta e que nos permite usá-la. Quando eles terminarem, a magia irá desaparecer, não só aqui, mas em todo lugar, em todos os mundos. Esse poder voltará a pertencer apenas aos deuses. A maioria dos mundos apenas perderá sua magia. Mas talvez Fillory entre em colapso e desapareça por completo. Fillory é um mundo um tanto especial nesse sentido... tudo o que há nele é mágico. Tenho uma teoria de

que talvez Fillory seja a própria brecha, a rachadura pela qual o vazamento da magia começou. Como um buraco em uma represa. A mudança já deve ter se iniciado. Talvez você tenha visto os sinais.

As árvores-relógio se debatendo. Elas deviam ser como um sistema de alerta para Fillory, sensíveis aos primeiros sinais de problemas. A morte de Jollyby: talvez os fillorianos não possam sobreviver sem a magia. Ember e as Criaturas Singulares em pé de guerra.

Eles estavam consertando o mundo. Mas Quentin o preferia quebrado mesmo. Quanto tempo aquilo iria levar? Talvez anos – talvez ele pudesse até voltar para casa e se esquecer do assunto, e tudo só aconteceria depois que ele já estivesse morto. Mas não era bem o que parecia. Quentin ficou pensando no que iria fazer se a magia desaparecesse. Ele não sabia como iria viver naquele mundo. A maioria das pessoas nem perceberia a diferença, é claro, mas se você soubesse de tudo, se soubesse o que tinha perdido, seria devastador. Ele não conseguiria explicar isso para alguém que não fosse um mago. Todas as coisas simplesmente seriam apenas o que eram, e nada mais. O mundo se resumiria ao que é visível aos olhos. Tudo o que você sente e pensa, todos os desejos e anseios no seu coração e na sua mente não serviriam para absolutamente mais nada. Com a magia, você podia transformar esses sentimentos em realidade. Eles podiam mudar o mundo. Mas sem aquele poder, eles ficariam presos dentro de você para sempre, como simples criações da sua própria imaginação.

E Veneza. Veneza afundaria. Seu peso esmagaria aquelas colunas de madeira, e a cidade toda desapareceria mar adentro.

A posição dos deuses era compreensível. Eles criaram a magia. Por que eles iriam querer que um inseto insignificante como Quentin brincasse com esse poder? Mas ele não podia aceitar isso. Ele não iria aceitar isso. Por que só os deuses podiam ter direito à magia? Eles não davam nenhum valor especial a ela. Eles nem desfrutavam dela. Eles não eram mais felizes por causa dela. Ela apenas pertencia a eles, mas eles não a amavam, não como ele, Quentin, amava. Os deuses eram grandiosos, mas do que serve a grandeza quando não se ama?

— Então é isso o que vai acontecer? — perguntou Quentin. Por ora, ele seria inabalável como Penny. — Existe algum jeito de impedir isso?

Ele estava quente de novo, mas o frio continuava se infiltrando pelas solas de suas botas.

— Provavelmente não. — Penny começou a andar, como um simples mortal, usando seus pés de verdade. A neve não parecia incomodá-lo. Quentin e Poppy o acompanharam. — Mas há uma chance. Nós sempre soubemos que isso poderia acontecer, então nos preparamos para isso. Escute, qual é a primeira coisa que um *hacker* faz quando invade um sistema?

— Sei lá — disse Quentin. — Rouba um monte de números de cartão de crédito e assina uma porrada de sites de putaria?

— Ele cria uma porta dos fundos. — Era bom saber que mesmo após chegar à iluminação, Penny ainda não tinha o menor senso de humor. — Para que ele possa voltar, caso seja expulso.

— A Ordem fez isso?

— É o que dizem. Metaforicamente falando, foi criada uma porta dos fundos no sistema que traria a magia de volta para o universo, mesmo se os deuses algum dia a retomassem. Ela só precisaria ser aberta.

— Minha nossa. — Quentin nem sabia se devia ousar ter alguma esperança ou não. Seria quase insuportável se aquilo não fosse verdade. — Então vocês podem resolver isso? Vocês vão resolver isso?

— Essa “porta dos fundos” existe — disse Penny, tentando fazer aspas com os dedos, o que na verdade era impossível para ele. — Mas suas chaves foram escondidas muito tempo atrás. Há tanto tempo que nem nós sabemos mais onde elas estão.

Quentin e Poppy se entreolharam. Não podia ser algo tão simples assim, seria impossível. Eles não tinham como ser tão sortudos.

— Penny, essas chaves por acaso são sete? — arriscou Quentin.

— Sim, sete. Sete chaves de ouro.

— Penny. Meu Deus do céu, Penny, acho que nós estamos com elas. Ou pelo menos seis delas. Elas estão em Fillory. Só podem ser elas!

Quentin precisou se sentar em um bloco de pedra, mesmo ficando um pouco fora do círculo de calor de Penny. Ele enfiou a cabeça entre as mãos. Aquela era a jornada. Não era uma farsa, e não era um jogo, era algo real. Aquilo era importante, sim. Eles estavam lutando pela magia esse tempo todo. Eles só não sabiam.

Penny encarou aquilo sem grande empolgação, é claro. Ele era descolado demais para dar a Quentin algum crédito por salvar o universo ou qualquer coisa assim.

— Isso é muito bom. Excelente. Mas vocês precisam encontrar a sétima chave.

— Certo. Isso eu sei. Nós vamos encontrar a sétima chave. Mas e depois?

— Depois, vamos levar todas elas para o Fim do Mundo. É onde a porta fica.

Então era isso. Ele sabia o que fazer agora. Aquela era sua deixa. Ele estava tendo aquela mesma sensação que teve na ilha, no castelo, mas com mais tranquilidade agora. Deve ser assim que os deuses se sentem, pensou ele. Uma certeza absoluta. Eles voltaram ao prédio de Penny, de onde tinham saído.

— Penny, nós temos que voltar a Fillory, ao nosso barco, pra terminar essa jornada. Você pode nos mandar de volta? Digo, mesmo com as fontes congeladas?

— Claro. A Ordem me ensinou todos os segredos das viagens interdimensionais. Se você pensar na Terra Nula como um computador, as fontes são apenas...

— Bacana. Valeu, cara. — Ele se virou para Poppy. — Você vem comigo? Ou ainda quer voltar pro mundo real?

— Você está brincando? — Ela abriu um sorriso e colou seu corpo no dele. — Foda-se a realidade, gato. Vamos salvar o universo.

— Vou preparar o feitiço para mandar vocês de volta — disse Penny.

Estava nevando mais forte, com flocos pairando de lado através daquele pequeno domo de calor, mas Quentin estava se sentindo invulnerável agora. Eles iriam enfrentar a situação, e iriam vencer. Penny começou a entoar um encanto na mesma língua incompreensível que tinha usado antes. Ela tinha sons de vogais que Quentin mal reconhecia como qualquer coisa humana.

— Esse feitiço leva um tempo até fazer efeito — disse ele assim que terminou. — Claro, a partir de agora, a jornada ficará sob o comando de membros da Ordem.

Espera aí.

— Como assim?

— Meus colegas e eu vamos assumir o comando do seu barco para completar a jornada. Vocês poderão nos acompanhar, é claro. — Penny lhes deu um momento para assimilar aquilo. — Vocês não acharam mesmo que nós delegaríamos uma missão dessa importância a um grupo de amadores, acharam? Estamos gratos pelo trabalho que vocês fizeram até agora,

estamos mesmo, mas isso agora está fora das suas mãos. É hora dos profissionais entrarem em ação.

— Desculpa, mas não — disse Quentin. — Não é, não.

Ele não ia abrir mão daquilo. E com certeza não estava convidando Penny para ir junto.

— Acho que você pode voltar sozinho para Fillory então — disse Penny. Ele cruzou seus braços sem mãos. — Vou desfazer o feitiço.

— Desfazer o feitiço? — esbravejou Poppy. — Você tem o quê, nove anos? Penny!

Ele finalmente tinha conseguido irritar Poppy.

— Você não entendeu — disse Quentin, mesmo sem saber direito se ele mesmo entendia. — Essa missão é nossa. Ninguém pode resolver isso no nosso lugar. Não é assim que funciona. Você tem que nos mandar de volta pra Fillory.

— Eu tenho? Você vai me obrigar?

— Meu Deus! Você é inacreditável, Penny! Literalmente inacreditável! Sabe, eu até achei que você tinha mudado, achei mesmo. Você não percebe que isso não tem a ver com você?

— Isso não tem a ver comigo? — Penny perdeu de novo o controle sobre sua voz de monge interdimensional e voltou a falar com sua antiga voz mais fina que ele usava quando se sentia especialmente ofendido e cheio de si. — Ah, me poupe, Quentin. Você não me poupou de muita coisa durante nosso longo tempo juntos, mas me poupe pelo menos disso. Eu encontrei a Terra Nula. Eu encontrei o botão. Eu levei vocês para Fillory. Você não fez nada disso, Quentin, fui eu. E eu tive as mãos devoradas pela Criatura. E eu vim para cá. E agora eu vou terminar essa história, porque fui eu quem começou com tudo isso.

Quentin imaginou a cena: Penny e seus colegas do culto fanático aparecendo no *Muntjac*, querendo dar ordens em todo mundo – em Eliot! Eles provavelmente eram magos melhores do que ele, tecnicamente falando. Mas ainda assim, não, ele não tinha como fazer uma coisa dessas. Seria impossível.

Eles ficaram se encarando. Era um impasse.

— Penny, posso te perguntar uma coisa? — disse Quentin. — Como é que você faz seus feitiços agora? Digo, sem as mãos.

O engraçado em Penny era que perguntas como essa nunca o deixavam desconfortável, e não deixou mesmo. Na verdade, seu humor até melhorou na mesma hora.

— No começo, achei que nunca mais conseguiria fazer nada — explicou Penny. — Mas quando a Ordem me acolheu, eles me ensinaram outra técnica que não depende dos movimentos das mãos. Pense assim, o que as mãos têm de tão especial? E se você usasse outros músculos do seu corpo para preparar os feitiços? Foi o que a Ordem me ensinou. Agora eu vejo o quanto isso era limitante. Para ser sincero, fico até surpreso em ver que você ainda faz tudo à moda antiga.

Penny enxugou o queixo com a manga. Ele sempre cuspiu um pouco quando se animava demais. Quentin respirou fundo.

— Penny, eu não acho que você ou a Ordem possam terminar essa jornada. Sinto muito. Ember delegou essa missão a nós, e Ele deve ter Seus motivos. Acho que é só assim que a coisa funciona. É a vontade Dele. Acho que ninguém mais além de nós mesmos poderia resolver isso.

Penny ponderou a questão por um minuto.

— Tudo bem — disse ele, por fim. — Tudo bem. Isso tem uma certa lógica mesmo. E a Ordem tem muito trabalho a fazer na Terra Nula. Na verdade, em vários aspectos, o esforço mais crucial irá acontecer aqui, enquanto você encontra as chaves.

Quentin sentiu que isso era o melhor que ele conseguiria arrancar de Penny.

— Ótimo. Muito obrigado. Aliás, se você quiser, pode até aproveitar esta oportunidade pra pedir desculpa por ter comido a minha namorada.

— Vocês estavam dando um tempo.

— Tudo bem, olha, só nos leve de volta pra Fillory, nós temos que salvar a magia. — Se eles não fossem embora logo, Quentin acabaria condenando o universo de novo, matando Penny com suas próprias mãos. Mas quase valeria a pena. — O que você vai fazer enquanto isso?

— Nós, a Ordem e eu, vamos enfrentar os deuses diretamente. Assim vamos ganhar mais um pouco de tempo enquanto vocês encontram a última chave.

— Mas o que vocês podem fazer? — perguntou Poppy. — Eles não são onipotentes? Ou quase, pelo menos?

— Ah, a Ordem é capaz de fazer coisas que você nem acreditaria. Nós passamos milênios estudando na biblioteca da Terra Nula. Nós desvendamos segredos com os quais você nunca nem sonharia. Segredos que levariam você à loucura se eu apenas os sussurrasse no seu ouvido. E nós não estamos sozinhos. Vamos ter uma ajuda.

Um baque forte e abafado ecoou pela praça, emanando da fonte que dava acesso à Terra. A pancada estremeceu o ar – eles caíram de joelhos. Uma pedra desabou em algum lugar. Outro baque irrompeu, e depois outro, como se alguma coisa estivesse batendo no chão, tentando invadir aquele mundo à força, vindo de algum lugar lá embaixo. Seriam os deuses? Talvez já fosse tarde demais.

Eles ouviram um último baque e, de repente, o gelo na fonte explodiu para cima. Quentin e Poppy se abaixaram enquanto os estilhaços voavam em todas as direções e se espalhavam pelas pedras do chão. Com um rangido metálico, a enorme lótus de bronze sobre a fonte se abriu. Suas pétalas se curvaram para todos os lados, como se estivesse desabrochando, e uma imensa criatura ondulada emergiu lá de dentro, contorcendo-se. Ela se lançou violentamente para o alto, abrindo suas asas, sacudindo o corpo para se livrar da água, e saiu voando noite afora pelo céu, agitando a neve que caía em grandes redemoinhos e círculos a sua volta.

Uma segunda surgiu logo em seguida, e uma terceira.

— São os dragões! — gritou Poppy. Ela começou a bater palma feito uma menininha. — Quentin, são os dragões! Nossa, olha só!

— São os dragões — disse Penny. — Os dragões vão nos ajudar.

Poppy deu-lhe um beijo na bochecha, e Penny sorriu pela primeira vez. Dava para ver que ele não queria sorrir, mas não conseguiu evitar.

Os dragões continuaram saindo, um após o outro. Eles deviam ter esvaziado todos os rios do mundo. A praça se iluminou toda quando um deles soltou uma baforada de fogo contra o céu enevoadado.

Como ele sabia que aquilo iria acontecer justo naquela hora?

— Você planejou isso, não planejou? — disse ele, ou tentou dizer, mas na mesma hora, o feitiço de Penny fez efeito, e Quentin deixou de estar no mesmo mundo que a pessoa com quem estava falando.

LIVRO IV

CAPÍTULO 23

Naquela manhã em Murs, sentados em volta da mesa na biblioteca, eles contaram tudo a Julia.

De certa forma, ela tinha sorte por só estar chegando agora. Ela havia perdido o começo, quando eles passaram um tempo enorme só descartando hipóteses. Por exemplo: eles perderam seis meses com uma teoria de que os feitiços ficavam mais potentes quanto mais perto do centro da Terra você estivesse. O efeito era tênue, quase imperceptível, mas se fosse confirmado, abriria campos imensos e férteis para novas teorias. E mudaria tudo.

Isso deu início a uma expedição itinerante por minas abandonadas, domos de sal e outras formações topográficas subterrâneas profundas, o que incluiu uma caríssima viagem envolvendo um barco a vapor alugado e uma batisfera de segunda mão. Mas após meio ano de trabalho duro de espeleologia e mergulhos de alta profundidade, tudo o que eles descobriram foi que as magias de Asmodeus funcionavam um pouco melhor a coisa de oitocentos metros abaixo da superfície, e que a explicação mais provável para isso era o fato de Asmodeus simplesmente se empolgar com a ideia de explorar cavernas.

Depois, eles estudaram astrologia, as magias oceânicas e até oniromancia – a magia dos sonhos. Eles descobriram que você pode criar coisas realmente incríveis nos sonhos. Mas depois que você acorda, tudo soa meio sem sentido e no fundo ninguém quer ouvir sua história.

Eles trabalharam com o campo magnético da Terra, usando um aparato desenvolvido com base em alguns desenhos de Nikola Tesla, até uma noite em que Failstaff quase inverteu os polos magnéticos do planeta, o que os fez abandonar essa linha de investigação por completo e dar um cauteloso passo para trás. Gummidgy passou uma semana inteira sem dormir, desenvolvendo uma hipótese completamente abstrata relacionada aos raios cósmicos, efeitos quânticos e bóson de Higgs que, no final das contas, nem ela mesma conseguiu entender direito. Ela jurava que seria possível comprovar tudo matematicamente, mas os cálculos necessários eram tão complexos que exigiriam um computador do tamanho do universo, e rodando por tanto tempo que só terminaria após o desaquecimento total do universo, para resolvê-los. Um exemplo perfeito de inutilidade.

Foi aí que eles se voltaram para a religião.

Ao ouvir isso, Julia afastou sua cadeira da mesa. Uma ânsia de vômito intelectual trancou por reflexo sua garganta.

— Eu sei — disse Pouncy. — Mas não é o que você está pensando. Só escute.

Failstaff começou a desenrolar um imenso diagrama coberto de anotações que era quase tão grande quanto aquela própria mesa.

A religião nunca foi um assunto pelo qual Julia se interessou. Ela se achava inteligente demais para acreditar em coisas que não podiam ser provadas e se comportavam de uma forma que violava todos os princípios já observados ou compreendidos como plausíveis por ela. E ela também se achava cabeça-dura demais para acreditar em qualquer coisa só para se sentir melhor.

Acreditar na magia era uma coisa. Com a magia, você pelo menos lidava com resultados reproduzíveis. Mas e a religião? Isso tinha a ver com fé. Suposições tacanhas criadas por mentes fracas. Até onde ela sabia, ou achava que sabia, suas opiniões sobre o tema eram compartilhadas pelos outros Free Traders.

— Estava faltando alguma peça — continuou Pouncy. — Na nossa cabeça, nós tínhamos voltado aos princípios mais básicos da magia. Mas e se não tivéssemos? E se existissem outros princípios ainda anteriores a esses? Nossa hipótese, até que fosse provado o contrário, era de que existiam energias maiores por aí, muito maiores, e que devia haver uma técnica por meio da qual essas energias poderiam ser manipuladas. Os seres

humanos, até onde sabemos, nunca conseguiram ter acesso a essas energias na era moderna. Mas vamos supor que exista alguma outra classe de seres que tenham. Que talvez nem sejam humanos.

— Outra classe de seres — disse Julia, seca. — Você está falando de Deus.

— Deuses. Eu queria descobrir mais sobre eles.

— Isso é loucura. Deuses não existem. Nem Deus. Sabe, Pouncy, uma das coisas que eu mais gosto de nunca ter ido pra faculdade é o fato de nunca ter passado uma noite sentada numa roda, fumando maconha e discutindo coisas desse tipo.

Mas Pouncy não se abalou com o desdém de Julia.

— “Depois de eliminar o possível, aquilo que sobra, mesmo parecendo impossível, deve ser a verdade.” Sherlock Holmes.

— A citação não é bem assim. E isso não quer dizer que deuses existam, Pouncy. Só que vocês precisam voltar atrás e revisar sua pesquisa, porque erraram em algum lugar.

— Nós revisamos tudo.

— Então talvez seja melhor desistir — disse Julia.

— Mas eu não desisto — disse Pouncy. Seus olhos tinham aquele sombrio toque invernal típico de alguém que jamais usaria Abercrombie & Fitch. — E nem eles. — Pouncy apontou para os outros sentados em volta da mesa. — E nem você. Não é verdade, Julia?

Julia piscou e não desviou os olhos, para indicar que estava disposta a continuar ouvindo, mas não podia prometer nada. Pouncy continuou.

— Nós não estamos falando de monoteísmo. Ou pelo menos não em sua forma moderna. Estamos falando de uma religião ancestral. Do paganismo, ou mais precisamente, do politeísmo. Esqueça tudo o que você em geral associaria ao estudo da religião. Jogue fora toda a reverência, submissão, arte e filosofia da coisa. Analise o assunto com frieza. Tente se imaginar como uma teóloga, mas um tipo especial de teóloga, que estuda os deuses como um entomólogo estudaria os insetos. Encare toda a mitologia do mundo como seu conjunto de dados e trate isso como uma série de observações de campo e estatísticas sobre uma espécie hipotética: os deuses. E comece a pensar a partir disso.

Reticentes a princípio, com luvas de borracha, pinças e uma repulsa prepotente, como se estivessem lidando com o equivalente intelectual do

lixo hospitalar, Pouncy e os outros passaram a se dedicar a estudos de religião comparada. De uma forma bem parecida com a qual Julia havia trabalhado com a magia em sua quitinete em cima da confeitaria, eles começaram a esmiuçar as narrativas e tradições religiosas do mundo à procura de informações pragmáticas. Eles batizaram o estudo de Projeto Ganimedes.

— O que diabos você estava esperando encontrar? — perguntou Julia.

— Eu queria descobrir as técnicas que eles usavam. Eu queria ser capaz de fazer o que os deuses faziam. No fundo, eu não vejo nenhuma diferença entre religião e magia ou, aliás, entre deuses e magos. Acho que o poder divino é só outra forma das técnicas mágicas. Você já ouviu o que Arthur C. Clarke disse sobre a tecnologia e a magia, não? Que qualquer tecnologia avançada o bastante é indistinguível da magia. Agora inverta os termos. Do que uma magia avançada seria indistinguível? Qualquer magia avançada o bastante é indistinguível de um milagre.

— O fogo dos deuses — resmungou Failstaff. Meu Deus, ele também era crente.

No entanto, por mais que não quisesse – e ela tomou cuidado para deixar isso claro –, Julia sentiu sua curiosidade crescer. Ela tentou se lembrar de que conhecia aquelas pessoas muito bem. Todos ali eram tão inteligentes quanto ela, e pelo menos tão pedantes também. Seria difícil lançar alguma objeção na qual eles já não tivessem pensado.

— Olha, Pouncy — disse ela. — Eu entendo de religião o bastante pra saber que, mesmo se os deuses existissem, eles não sairiam por aí distribuindo seu fogo sagrado como se fosse bala. Isso tudo só tem um único jeito de acabar. É a velha história de Prometeu. De Faetonte. De Ícaro. De todos esses babacas. Se você chegar perto demais do sol, a energia térmica vai desmanchar as reles forças atrativas que mantêm a cera das suas asas em estado sólido, e você vai cair com tudo no meio do mar. Sem fogo nenhum. E isso se você tiver sorte. Porque se não tiver, vai acabar como Prometeu. Com um corvo bicando seu fígado pelo resto da eternidade.

— Geralmente, sim — disse Failstaff. — Mas existem exceções.

— Por exemplo, nem todo mundo seria idiota o bastante pra fazer um par de asas usando cera — disse Asmodeus.

Failstaff apresentou a Julia rapidamente o enorme diagrama aberto sobre a mesa, traçando arcos e conexões com seus grossos dedos macios. O diagrama mostrava as narrativas básicas das maiores e menores tradições religiosas, todas em ordem e com referências cruzadas – e códigos de cores! – para realçar os pontos onde elas se sobrepunham e confirmavam os argumentos uma da outra. Pelo visto, se você fosse *nerd* o bastante, não havia nada no mundo que não pudesse ser transformado em um fluxograma.

— O cenário da confrontação, da prepotência daquele que desafia os deuses e o leva a sua morte, é apenas um dos inúmeros cenários possíveis. E em geral, o resultado negativo pode ser explicado pelo despreparo dos desafiantes. Isso não implica de forma alguma que é categoricamente impossível para um mortal conseguir acesso ao poder divino.

— Hmm... — disse Julia. — Teoricamente.

— Não, não só teoricamente — rebateu Asmodeus. — Praticamente. Historicamente. Em termos técnicos, esse processo é chamado de ascensão, ou às vezes de concepção, ou translação, a minha palavra favorita pra isso. Mas todas significam a mesma coisa: o processo através do qual um ser humano chega fisicamente ao paraíso, sem morrer, e recebe um certo status divino. E há também a apoteose, um processo correlato, onde um ser humano se transforma em um deus. Isso já foi feito, e várias vezes.

— Me dê exemplos.

— Maria — disse ela, contando no dedo. — A mãe de Jesus. Ela nasceu mortal e acabou se tornando divina. Galahad. O herói arturiano. Ele era filho de Lancelot. Ele encontrou o Santo Graal e foi levado diretamente ao paraíso. Assim como Enoque... um dos primeiros descendentes de Adão.

— Igual a dois generais chineses também — disse Gummidge. — Guan Yu. Fan Kuai. E os Oito Imortais do taoísmo.

— Dido, a rainha de Cartago, Buda, Simão Mago — entou Pouncy. — A lista é enorme.

— Ou mesmo Ganimedes — disse Asmo. — Da mitologia grega. Ele era mortal, mas tão bonito que Zeus o levou ao Olimpo pra ser seu copeiro. É dele que veio o nome do projeto.

— Nós achamos que copeiro é só um eufemismo — completou Failstaff.

— Não brinca — disse Julia. — Tudo bem, eu já entendi. Nem todo mundo acaba como Ícaro. Mas essas são só histórias. *Highlander* também fala de imortais, mas isso não significa que eles sejam reais.

— Aquilo não são deuses — disse Failstaff. — Meu Deus, você viu mesmo aquele filme?

— Além disso, você não está falando de mortais comuns. Eles eram especiais de algum jeito ou outro. Como você mesmo disse, Enoque era um descendente de Adão.

— E você não é? — rebateu Asmo.

— Galahad tinha uma virtude sobre-humana. Ganimedes tinha uma beleza sobre-humana. Mas acho que ninguém aqui se encaixa em nenhum dos casos. Todos vocês me parecem ser bem humanos.

— É bem verdade — disse Pouncy. — É bem verdade. Isso é um problema. Mas escute, por enquanto, estamos só discutindo a comprovação do conceito. Estamos fazendo testes iniciais. Não estamos nem perto de chegar a qualquer conclusão definitiva ainda. Só não queremos descartar nenhuma possibilidade.

Como um professor mostrando a faculdade a um aluno aspirante, Pouncy levou Julia para um passeio pelas partes da Ala Leste às quais ela até então nunca havia tido acesso. Julia passou por salas e mais salas abarrotadas com as parafernalias de centenas de igrejas e templos. Ela viu batinas e mantos. Altares, tochas, incensórios e mitras. Milhares de tipos de incenso.

Ela pegou um fardo de bastões sagrados amarrado com um cordão — e reconheceu um bastão episcopal entre eles, e um cajado druídico. Essas eram ferramentas de um tipo no mínimo diferente daquelas que ela estava acostumada a usar. Aquilo parecia inútil para ela. Mas como ela poderia ter certeza sem antes tentar? Talvez aquilo fosse o maquinário industrial da magia, o *mainframe* da coisa toda, o equivalente mágico do Grande Colisor de Hádrons. Não se deve eliminar uma hipótese não testada. Certo?

Então Julia entrou para o Projeto Ganimedes. Ela se juntou aos outros, fazendo o que os *nerds* fazem de melhor: ela esmiuçou dados, organizou informações e criou planilhas, preparou listas de checagem e depois checou todos os itens até cansar. Os magos de Murs entoaram hinos, beberam, fizeram sacrifícios, jejuaram, tomaram banhos sagrados, pintaram o rosto, consultaram as estrelas e inalaram gases estranhos de líquidos borbulhantes.

Foi difícil assimilar a cena da solene Gummidge, toda desajeitada, ululando e chapada de peiete, com os peitos para fora e o rosto inteiro pintado, mas como Pouncy disse, no contexto do campo de estudos atual daquele projeto, aquilo era um exemplo de rigor científico. (Asmodeus

comentou, aos sussurros, transbordando de uma animação suprimida, que Pouncy e Gummidgy estavam fazendo bacanais ritualísticos às escondidas. No entanto, se ela tinha alguma prova disso, não a revelou a Julia.) Eles precisavam descobrir se havia alguma técnica mágica real por trás daquela zona toda e, se houvesse – vai saber? –, talvez aquilo pudesse deixar as coisas de todos os fichários de três argolas parecendo truques de mágica de um *bar mitzvah*.

Quanto Julia entrou para o Projeto Ganimedes, Pouncy não tinha muito para mostrar em termos de resultados, mas já havia visto coisas o bastante para continuar acreditando que aquilo não era uma completa perda de tempo, só encheção sem nenhuma linguagem. Ao que parecia, Iris vinha testando uma nova transcrição de um cântico sumério até certa noite, quando uma espécie de enxame de insetos surgiu – não havia outra palavra realmente adequada – de sua boca. Eles ficaram pairando no meio da sala por um instante, zumbindo furiosamente, e então arreventaram uma janela e sumiram noite adentro. Iris ficou dois dias sem conseguir falar depois disso. Aquilo tinha deixado sua garganta toda ferida.

Houve outros sinais também, manifestações dispersas de alguma coisa que ninguém tinha sequer uma teoria para explicar o que era. Objetos que se mexiam sozinhos. Copos e potes que se quebravam. Os passos daquele gigante fantasma que acordaram Julia. Fiberpunk – o metamago baixinho – passou três dias de jejum, meditando, e na quarta manhã, jurou ter visto uma espécie de mão em um raio de sol, que desceu e acariciou seu rosto rechonchudo com dedos quentes.

Mas ninguém conseguiu reproduzir aquilo. Essa era a coisa mais frustrante. A magia não era nem de longe um sistema linear perfeito, mas a religião era um caos total, uma pilha inútil de lixo. Claro, a religião era cheia de rituais, formalizações e códigos, mas esses rituais não traziam resultados consistentes e reproduzíveis. A interessante da magia real era que, depois de aprender um feitiço, se você não estivesse cansado demais, fizesse tudo certo e nenhuma Circunstância tivesse mudado enquanto você estava distraído, ele sempre funcionava, pelo menos em linhas gerais. Mas a religião não oferecia dados utilizáveis. Pouncy estava convencido de que se eles estudassem aquilo a fundo o bastante, organizando a gramática por trás de tudo, chegariam à base de uma técnica mágica totalmente nova e radicalmente mais poderosa, mas quanto mais eles se aprofundavam, mais caótica e menos gramatical as coisas ficavam. Às vezes, era até como se

houvesse alguma presença caprichosa e diabólica do outro lado, apertando botões e puxando alavancas aleatoriamente, só para irritá-los.

Pouncy tinha paciência para isso, para sentar e analisar aqueles dados desconexos até os padrões aparecerem, mas Pouncy era um indivíduo singular. Então, enquanto ele e seus acólitos se debruçavam sobre escrituras sagradas, enchendo HDs e mais HDs com pseudodados caóticos, Asmodeus foi a campo com um grupo menor à procura de um atalho. Ela estava procurando um espécime vivo.

Pouncy não ficou contente ao saber que Asmo estava liderando um movimento paralelo, mas ela o enfrentou com toda a obstinada firmeza de uma vice-presidente executiva de dezessete anos. Ela lhe explicou, embora todos já soubessem, que havia uma população de seres mágicos na Terra. Essa população era modesta, dado que a Terra não oferecia um ambiente muito favorável a eles. Em termos mágicos, seu solo era pedregoso e pobre, o ar, rarefeito e os invernos, rigorosos demais. A vida na Terra para uma fada era similar à vida no Ártico para um ser humano. Eles até sobreviviam, mas não conseguiam prosperar. Ainda assim, alguns resistiam – como inuítes do universo mágico.

Entre esses poucos, havia uma hierarquia. Alguns eram mais poderosos, outros menos. Na base da pirâmide, ficavam os vampiros, assassinos em série medíocres que tiveram os não sociopatas eliminados de sua população há centenas de gerações pela seleção natural. A empatia não era um traço evolutivo muito disseminado entre os *strigoi*. Eles não eram bem quistos.

No entanto, acima deles, havia inúmeras ordens de fadas, elementais, licantropos e outras bizarrices conforme a cadeia alimentar se afunilava. Foi aí que Asmodeus viu sua oportunidade: se ela subisse essa escada, com toda a paciência, degrau por degrau, sabe-se lá onde ela poderia chegar. Ela poderia não conseguir chegar aos deuses em si, mas talvez pudesse encontrar alguém que conhecesse outro alguém que tivesse o número de fax dos deuses. Era melhor do que jejuar.

Para começar, eles não foram muito longe: excursões diurnas até pontos mágicos “quentes” nas redondezas. Provença ainda tinha campos e florestas o bastante para que eles pudessem desentocar espíritos indígenas, sereias inferiores de rio e até uma ou outra serpe sem muita dificuldade. Mas aquilo era tudo peixe pequeno. Quando julho se transformou em agosto, e as colinas ao redor de Murs se iluminaram com uma linda cobertura de flores de lavanda tão idílicas que pareciam ter saído do calendário de algum

consultório de dentista, Asmodeus e sua equipe escolhida a dedo, que agora também incluía Failstaff, começaram a passar dias a fio embrenhados em campo.

No começo, seus esforços não foram muito bem sucedidos. Asmo sempre acabava indo bater na porta da Julia às três da manhã, cheia de folhas secas no cabelo e segurando uma garrafa pela metade de *prosecco*, e as duas passavam a madrugada sentadas na cama de Julia, enquanto Asmo descrevia uma noite de conversas inúteis em provençal antigo com um bando de lutins – o equivalente francês dos leprechauns comuns – que tinham ficado tentando se enfiar por baixo de sua saia (que ela admitia ser convidativamente curta).

Mas houve avanços. Failstaff preparou uma sala especial, toda limpinha, com uma toalha de mesa branca no chão, coberta de comida fresca, que funcionava como uma isca para espíritos locais conhecidos como fadas, que traziam boa sorte na mão direita, e má na esquerda. Certa vez, Asmo acordou gritando que tinha conseguido marcar uma audiência com o Bode Dourado, um ser em geral visto apenas por pastores e de longe.

Mas nem tudo se resumia a boa sorte e Bodes Dourados. Uma noite, Asmo voltou com o cabelo molhado, tremendo sob o frio do começo do outono, depois que um drac, no meio de uma entrevista até então perfeitamente cordial, arrastou-a de repente para dentro do rio Rhone. No dia seguinte, ela encontrou a criatura no supermercado, sob uma forma humana, lotando seu carrinho com vidros de anchovas. O drac só piscou para ela com um ar contente.

Além disso, alguém vinha roubando as calotas dos seus carros. Asmo achou que devia ser uma deidade zombeteira local chamada Raposo Reynard. Ele era supostamente um herói dos camponeses que combatia a nobreza e o clero, mas para Asmo, Ele era só um cara chato.

Certa manhã, Julia encontrou Failstaff na mesa do café, todo sério, como ela nunca o tinha visto antes. Enquanto tomava um *espresso* e comia granola, ele jurou que tinha visto um cavalo preto com o dorso longo como um ônibus escolar, com trinta crianças chorando em cima, que os acompanhou na noite passada enquanto eles voltavam para casa na van. O animal passou dois minutos inteiros correndo ao lado deles, às vezes trotando pelo chão e outras galopando em cima dos fios de energia ou das copas das árvores. Depois disso, ele pulou direto para dentro de um rio, com as crianças em cima e tudo, e não apareceu mais. Teria sido real, ou só

uma ilusão? Eles procuraram matérias sobre crianças desaparecidas nos jornais, mas nunca encontraram nada.

Quase sempre, os dois grupos se reuniam ao meio-dia, durante o almoço para a equipe de Pouncy e o café da manhã para a de Asmo, que passava a maioria das noites inteiras em campo e acordava tarde. Cada lado apresentava seus dados e levava de volta as descobertas do outro para a próxima fase de suas investigações. Havia uma certa dose de competitividade saudável entre os dois lados. E outra nem tanto assim também.

— Vá se ferrar, Asmo — esbravejou Pouncy em um dia de setembro, interrompendo-a no meio de seu relatório. Os campos de feno ao redor da casa estavam ganhando um tom marrom escuro. — Aonde isso vai nos levar? Se eu tiver que ouvir mais uma palavra sequer sobre aquele maldito Bode Dourado, vou ficar louco. Completamente louco. Esse Bode não sabe de nada. Não tem nada que preste nesta região! Eu quero é alguma coisa grega. Qualquer coisa. Um deus, um semideus, um espírito, um monstro, tanto faz. Um ciclope. Ainda devem ter alguns deles por aí. Nós estamos praticamente no mediterrâneo mesmo!

Asmodeus o encarou cheia de ódio do outro lado da mesa coberta de migalhas de baguete e manchas de geleia francesa. Seus olhos pareciam vazios. Ela estava exausta pela falta de sono. Enquanto isso, uma vespa enorme, com suas pernas pendendo soltas pelo ar, pousava de mancha em mancha na mesa.

— Um ciclope, não — disse ela. — Talvez sereias. Eu posso arrumar uma sereia.

— Sereias? — Pouncy se animou. Ele bateu na mesa com a palma da mão. — Por que você não me disse antes? Isso é ótimo!

— Mas as sereias não são gregas. São francesas. Elas são metade cobra, da cintura pra baixo.

— Como uma górgona, então — disse Pouncy, franzindo a testa.

— Não. Górgonas têm cobras no lugar dos cabelos. Só que, enfim, acho que as górgonas não existem.

— Uma mulher metade cobra na verdade seria uma lâmia — comentou Julia.

— Seria — esbravejou Asmodeus. — Se ela estivesse na Grécia. Mas nós estamos na França, então ela é uma sereia.

— Tudo bem, mas talvez ela conheça uma lâmia — disse Pouncy. — Talvez elas sejam parentes. Tipo primas. Todas essas mulheres com corpo de cobra devem ter alguma ligação...

— Elas não vão conhecer nenhuma lâmia. — Asmodeus encostou a testa na mesa. — Meu Deus, você não tem a menor ideia do que está me pedindo.

— Eu não estou pedindo nada, eu estou dizendo que você precisa ampliar o escopo da sua pesquisa. Já estou de saco cheio dessas fofurices francesinhas. Você já parou para pensar por que ninguém nunca fez um filme tipo Fúria de lutins? Os níveis de poder mágico daqui são ínfimos! Nós podemos mandar você para a Grécia, dinheiro não é problema. Todos nós podemos ir para a Grécia. Mas você está num beco sem saída e é teimosa demais para admitir!

— Você não sabe do que está falando! — Asmodeus se endireitou, com os olhos cheios de fúria. — Você não entende o que eu estou fazendo! Você não pode simplesmente sair por aí batendo de porta em porta como se estivesse fazendo um censo! Você precisa ganhar confiança. Eu agora tenho toda uma rede de agentes por aqui. Algumas dessas criaturas nem falavam com seres humanos há séculos. O Bode Dourado...

— Meu Deus! — Ele meteu o dedo na cara de Asmodeus. — Chega desse Bode!

— Asmo tem razão, Pouncy.

Todos os olhos se voltaram para Julia. Ela percebeu que Pouncy estava contando com seu apoio. Bom, ela não estava ali para fazer joguinhos de poder. Uma coisa importante que ela tinha aprendido com a magia era que o poder não é um joguinho.

— Você está pensando nisso do jeito errado. A resposta não está em ser mais amplo, mas sim em ir mais fundo. Se nós começarmos a rodar pelo planeta atrás de mitos e lendas, vamos só perder tempo e dinheiro e acabar sem nada.

— Bom, até agora, nós só conseguimos a porra de um queijo de Cabra Dourada.

— Calma lá — disse Failstaff. — Aquilo até que era gostoso.

— Você não está entendendo. Se você sair por aí procurando uma coisa específica, nunca vamos achar nada. Mas se nós nos concentrarmos em algum lugar com potencial e formos bem a fundo mesmo, esmiuçando tudo

pelo caminho, vamos acabar encontrando alguma coisa digna de atenção cedo ou tarde. Se é que existe alguma coisa digna de atenção pra ser encontrada.

— Um lugar com potencial. Tipo a Grécia. É como eu estava dizendo...

— Nós não precisamos ir pra Grécia — disse Julia. — Nós não precisamos ir pra lugar nenhum. Tudo isso deve estar interligado pela raiz. Todo mundo passou por Provença: os celtas viveram aqui, os romanos, os bascos. Os budistas mandaram missionários para cá. Os egípcios tiveram colônias aqui, e os gregos também, Pouncy, se é só com isso que você fica de pau duro. Até os judeus passaram por estas terras. Claro, tudo isso foi desbancado pelo cristianismo, mas o potencial mitológico é imenso. Se nós não conseguirmos achar um deus no meio de tudo isso, é porque não existem deuses pra ser achados.

— O que você está dizendo então? — Pouncy a encarou com um ar cético, nada contente com sua demonstração de deslealdade. — Que nós deveríamos deixar de lado todas as religiões do mundo para nos concentrar só nos mitos e lendas locais?

— É isso o que eu estou falando. Porque é aí onde estão as nossas fontes. Vamos analisar o que nós temos e ver até onde isso nos leva.

Pouncy juntou os lábios, pensativo. Todos estavam olhando para ele.

— Tudo bem. — Ele ergueu as mãos. — Tudo bem! Tá certo. Vamos passar um mês só estudando coisas provençais e ver no que dá. — Ele olhou feio para todos em volta da mesa. — Mas chega de mexer com leprechauns. Vamos logo para o topo da cadeia alimentar, Asmo. Eu quero saber quem manda nesta área. Descubra de quem esses pivetes têm medo e me arrume o contato de seja lá quem for esse cara. É com ele que nós queremos falar.

Asmodeus soltou um suspiro. Ela agora parecia vários anos mais velha do que em junho.

— Vou tentar — disse ela. — Juro que vou, Pouncy. Mas você não sabe o que está me pedindo.

Pouncy nunca admitiria, mas Julia tinha razão. Foi só quando eles concentraram seu foco apenas na mitologia local que o Projeto Ganimedes pegou embalo. Assim que eles começaram a analisar apenas uma parte do

quebra-cabeça – e guardaram o resto das peças de volta na caixa – tudo começou a se encaixar.

Analisando as obras de Gregório de Tours e outros cronistas medievais anônimos, Julia começou a se familiarizar com a magia local. Como seu vinho, a magia provençal também tinha seu próprio *terroir* distinto. Seus feitiços eram complexos, caóticos e românticos. Era uma magia noturna, criada a partir de luas e prata, vinho e sangue, cavaleiros e fadas, ventos, rios e florestas. Ela lidava com o bem e o mal, mas também com o vasto reino intermediário entre os dois polos, o reino dos espíritos zombeteiros.

Era também uma magia maternal. Pouco a pouco, Julia começou a perceber a presença de alguma coisa, ou de alguém, por trás das antigas páginas daquelas lendas mortas, esgueirando-se entre as sombras. Julia não conseguia vê-la, ou mesmo saber como chamá-la, mas podia senti-la. Ela devia ser velha, muito velha. Ela provavelmente tinha chegado ali eras atrás, muito antes dos romanos. Nada daquilo que Julia lia falava diretamente sobre ela – não era possível encará-la de frente, mas você sabia que ela estava lá por causa de todas as suas sutis perturbações no universo a sua volta. Julia a encontrava apenas com triangulações de dados, através de rastros minúsculos, pequenos lampejos, como as curiosas estátuas de Madonas Negras que podiam ser encontradas em toda a Europa, e especialmente em Provença. As Madonas Negras eram imagens da Virgem Maria como quaisquer outras, mas com um inexplicável tom escuro de pele.

No entanto, aquela presença era mais antiga do que a Virgem Maria, e mais selvagem. Julia achou que ela devia ser algum tipo de deusa da fertilidade, escondida nas trevas do passado ancestral e dos tempos pré-escrita daquela região, antes de os conquistadores cosmopolitas terem chegado e posto abaixo tudo o que havia ali e depois cimentado por cima com o seu cristianismo oficial homogeneizante. Uma prima distante de Diana ou Cibele ou Ísis, em termos etnográficos. Quando os cristãos chegaram, ela provavelmente foi fundida com Maria, mas Julia acreditava que ela ainda poderia existir de forma independente em algum lugar. Ela podia sentir a deusa a encarando por trás da máscara dos dogmas cristãos, como a Segunda Julia a encarava por trás da máscara da Primeira Julia.

A deusa clamava por Julia – a mesma Julia que tinha deixado sua própria mãe para trás em uma tentativa de se salvar e que agora só tinha notícias dela por e-mails secos e infrequentes de sua irmã, enviados da confortável segurança de uma pequena e bem conceituada faculdade de artes no oeste

de Massachusetts. Julia se lembrava de todo o carinho e clemência com os quais foi recebida de volta a sua casa, quando chegou rastejando de Chesterton. Ela nunca tinha visto nada igual, nem antes, nem depois daquele dia. Aquela experiência foi a coisa mais próxima do divino que ela já tinha vivido.

Quanto mais Julia lia, averiguava, deduzia e estudava, mais se convencida de que aquela deusa era real. Nada que ela desejasse com tanto ardor poderia não existir – era como se a deusa fosse apenas o outro lado de todas aquelas palavras inúteis, tentando encontrar Julia, assim como Julia estava tentando encontrá-la. Ela não era uma deusa grandiosa, dominadora de mundos, uma Hera ou uma Frigga. Ela estava mais para um peso-médio, apenas uma integrante de um enorme panteão. Ela não era uma deusa dos grãos como Ceres – Provença era uma região pedregosa e mediterrânea, nada muito favorável ao trigo. A deusa de Julia trabalhava com uvas e azeitonas, frutos escuros e resistentes de árvores e trepadeiras brutas e retorcidas. E ela tinha filhas também: as dríades, ferrenhas defensoras das florestas.

A deusa era gentil, até bem-humorada e carinhosa, mas tinha uma segunda face, terrível e sombria: uma face sinistra que ela assumia no inverno, quando descia ao submundo, para longe da luz. Existiam versões diferentes de sua história. Algumas diziam que ela havia se irritado com a humanidade e agora passava metade do ano escondida nas profundezas da terra por desgosto. Já outras falavam que ela tinha perdido uma de suas filhas dríades e se retirado para o Hades em luto. Outras ainda relatavam que a deusa foi enganada por um deus trapaceiro ao estilo de Loki e condenada a passar metade do ano escondendo seu calor e fertilidade no submundo, contra sua vontade. Mas em todas as versões, sua natureza dual ficava clara. Ela era uma deusa tanto das trevas quanto da luz. Uma Madona Negra: dotada do tom escuro da morte, mas também do solo fértil, enegrecido por ser cheio de matéria morta, que nutre a vida.

Julia não foi a única a ouvir o clamor da deusa. Os outros falavam sobre ela também. Os antigos membros do Free Trader, que em geral não tinham sido beneficiados por um tratamento maternal de grande qualidade quando crianças, sentiam-se particularmente atraídos por ela. Na cripta sob a Catedral de Chartres, havia um antigo poço druídico, e ali perto, uma famosa estátua da Madona Negra conhecida como Notre Dame Sous Terre. E então foi assim, por falta de um nome de verdade, que eles passaram a

chamá-la: Nossa Senhora Subterrânea. Ou às vezes, para serem mais íntimos, apenas N.S.S.

Asmo começou a levar Julia com ela em algumas de suas expedições noturnas, que eram conduzidas com o antigo Peugeot alugado de Julia, ou então, quando estavam com a intenção de pegar e transportar alguém ou alguma coisa, com um velho furgão Renault Trafic surrado. Certa noite, elas seguiram uma pista que as levou às profundezas de Camargue, o vasto delta pantanoso onde o rio Rhone desembocava no Mediterrâneo: quase oitocentos quilômetros quadrados de lamaçais salgados e lagoas.

A viagem levou duas horas. O Camargue era, supostamente, onde morava uma criatura chamada tarasque. Quando Julia pediu mais detalhes a Asmodeus, ela simplesmente disse:

— Você não acreditaria se eu explicasse.

E ela tinha razão. Depois de atravessar quilômetros daquele lodaçal putrefato que quase engoliu suas botas, eles finalmente encontraram a criatura e a desentocaram de seu esconderijo em uma clareira cercada de pinheiros tortos e quebrados. Ela as encarou sob o luar, fazendo um deplorável ruído arquejante, como se estivesse com uma forte gripe.

— Mas... — disse Julia — ...que porra.

— Puta merda — disse Failstaff.

— Isso está superando minhas expectativas — disse Asmo.

O tarasque era uma criatura mais ou menos do tamanho de um hipopótamo, mas com seis pernas. Ele tinha uma cauda de escorpião, uma cabeça estranha com traços humanos e leoninos e longos cabelos escorridos, e um casco de tartaruga com espinhos nas costas. O casco de tartaruga era o toque final. Ele parecia o Bowser do Super Mario Bros.

O tarasque estava meio agachado no chão, ofegando, com seu queixo apoiado em um toco de árvore úmido, olhando para eles com uma cara incrivelmente feia. Sua postura era mais resignada do que defensiva.

— Só os franceses mesmo pra terem o dragão mais zoadado da história — disse Asmodeus.

Quando percebeu que eles não iriam atacá-lo, o tarasque começou a falar. Na verdade, ele não calou mais a boca depois disso. Aquela coisa não precisava de uma equipe errante de magos-folcloristas, e sim de um psicólogo. Eles passaram a noite inteira sentados em tocos de árvore, só ouvindo o monstro reclamar do quanto estava solitário e que o pântano não

era úmido o bastante. Foi só quando o sol já estava para nascer que ele se arrastou de volta para sua toca.

Mas a visita ao tarasque acabou valendo a pena. Ele era um chorão de primeira, e se eles queriam descobrir de quem as pessoas por ali tinham medo, bom, ele tinha medo de praticamente todo mundo. Eles se esbaldaram. O tarasque era grande demais para ser incomodado pelos peixes pequenos, mas lendo nas entrelinhas, ficou claro que ele era um alvo recorrente para os escalões mais altos da sociedade mitológica. Ao que parecia, o Raposo Reynard implicava muito com ele, mas o tarasque implorou para que eles não comentassem nada com Reynard, temendo represálias. Mas o mais interessante era que o tarasque era sujeitado a surras frequentes por algum tipo de homem santo que vinha assolando as encostas do monte Ventoux há mais ou menos um milênio.

Era a aparência medonha do tarasque, sabe, o que o levava a ser tão incompreendido. Um ser dotado de uma imponência tão feroz como ele era muitas vezes julgado como maligno, e ele era malvisto e demonizado só por vez ou outra devorar uns seis ou sete aldeões! Foi por isso que ele começou a passar seus dias chafurdando nos pântanos de sal do Camargue, comendo um ou outro cavalo selvagem que ainda existia por ali. Vocês não querem ficar? Aqui é fresquinho e seguro. E sabe, é tão difícil encontrar alguém legal para conversar. Alguém diferente daquele terrível homem santo. Vocês são muito mais gentis do que ele.

Durante a viagem de volta pelas estradas vazias antes do amanhecer, contemplando as planícies pantanosas com seus olhos estreitos e pesados, todos eles concordaram que o eremita santo parecia ser um sujeito bastante desagradável mesmo. Exatamente o tipo de sujeito bastante desagradável que eles queriam conhecer melhor.

A casa em Murs ganhou uma nova atmosfera. Por sempre terem sido uma coisa tão básica por lá, luxo e conforto se tornaram partes integrais do estilo de vida mágico, não só pelo bem-estar, mas por uma questão de princípios. Como magos – magos de Murs, aliás! –, eles eram a aristocracia secreta do mundo, e porra, eles tinham que viver como tal.

Mas agora isso estava mudando. Ninguém disse nada, e com certeza nenhuma ordem foi dada por Pouncy para tanto, mas uma atmosfera de simplicidade se instalou. A natureza séria das investigações do projeto estava arrefecendo e temperando o clima coletivo. Os jantares passaram a

ter menos, ou às vezes nenhum vinho. A comida se tornou mais frugal. As conversas aconteciam aos sussurros, como nos corredores de um monastério. Uma postura circunspecta e austera estava se enraizando entre eles. Julia suspeitou de que alguns deles estariam jejuando. De um centro para pesquisas mágicas de alta energia, Murs estava se transformando em algo mais parecido com um retiro religioso.

Julia foi afetada também. Ela passou a acordar com o nascer do sol. Falava apenas quando era necessário. Sua mente estava atenta e aguçada, com seus pensamentos ágeis como pássaros, trilando uns para os outros em um céu limpo. À noite, ela dormia pesado – um sono profundo como o oceano, calmo e escuro, à deriva entre silenciosas criaturas estranhas e luminosas.

Certa noite, ela sonhou com uma visita da Nossa Senhora Subterrânea a seu quarto. Ela apareceu na forma de uma estátua de si mesma, a que ficava na cripta de Chartres, rígida e fria. A estátua deu a Julia um cálice de madeira. Sentada, Julia o levou aos lábios e bebeu como uma criança febril tomando um remédio na cama. O líquido era gelado e doce, e ela se lembrou do poema de Donne sobre a sede da Terra. Em seguida, ela abaixou o cálice, e a deusa se inclinou para beijá-la com seus lábios duros de imagem sagrada.

Depois disso, a estátua se partiu, rachando por fora como uma casca de ovo, e então, lá de dentro, emergiu a deusa de verdade, finalmente à mostra. Ela emanava um ar sério e uma doçura quase insustentável, e trazia seus símbolos nas mãos: um cajado retorcido de oliveira na direita, e um ninho de passarinhos com três ovos dentro na esquerda. Metade do seu rosto era coberto por sombras, pelo fato de passar seis meses do ano no submundo. Seus olhos eram cheios de amor e perdão.

— Você é minha filha — disse ela. — Minha verdadeira filha. Eu virei em seu auxílio.

Julia acordou com o barulho de Pouncy batendo na porta.

— Venha ver — sussurrou ele quando Julia a abriu. — Você precisa ver isso.

Ainda grogue e de camisola, Julia o seguiu em meio à casa escura. Era como se ela ainda estivesse sonhando. O piso rangia alto, como acontece quando alguém tenta se esgueirar por uma casa à noite. Eles desceram a

escada de pedra até uma sala do porão reservada para experimentos de alto impacto. Pouncy saiu praticamente correndo na frente de Julia.

As luzes estavam apagadas. Um único feixe coeso de luar entrava na sala através de uma janela, que ficava no nível do chão do lado de fora. Julia esfregou os olhos, tentando se livrar do resto de sono.

— Vamos lá então — disse Pouncy. — Antes que a gente perca a luz.

Havia uma mesa na sala, com uma toalha branca e um pequeno espelho redondo em cima. Pouncy desenhou um símbolo sobre o vidro três vezes com o dedo.

— Fique com as suas mãos assim — disse ele, fazendo uma cuia com as mãos.

Quando Julia juntou suas mãos, ele ergueu o espelho para refletir o luar contra elas. Julia ficou espantada. Ela sentiu na mesma hora suas mãos se enchendo com alguma coisa fria e dura. Moedas. Elas começaram a cair, fazendo um barulho de chuva.

— Elas são de prata — disse Pouncy. — Acho que são de verdade.

Uma das moedas caiu no chão e rolou para longe. Era uma magia poderosa. Aquilo não se parecia com nada que ela já tivesse visto antes.

— Deixa eu tentar — sussurrou ela.

Ela reproduziu o símbolo que ele tinha feito sobre o espelho. Agora, em vez de prata, o raio de luar se transformou em algo branco e líquido que se empoçou sobre a mesa, encharcando a toalha. Ela passou o dedo na substância e a experimentou. Era leite.

— Como você fez isso? — perguntou ela.

— Não sei bem — disse Pouncy. — Mas acho que eu rezei.

— Meu Deus! — Ela precisou suprimir uma risadinha histérica. — Pra quem você rezou?

— Encontrei isso num daqueles livros provençais antigos. Os de língua occitana. Parecia um encantamento, mas eu estranhei não ter nenhum gesto manual para acompanhar. Então só me ajoelhei, juntei as mãos e recitei as palavras. — Pouncy ficou vermelho. — Eu pensei... bom... eu pensei na N.S.S.

— Vamos dar uma olhada melhor.

Existiam feitiços simples para tornar uma magia visível: eles mostravam a forma como a energia entrava e atuava em um objeto encantado. Mas o que Julia viu quando usou um deles no espelho desafiava qualquer

explicação. Era a onda mágica mais densa que ela já tinha visto: uma malha de linhas finas formando um padrão ornamentado como o de uma tapeçaria, tão densa que quase cobria o espelho abaixo. Um grupo inteiro de magos teria levado pelo menos um ano para encadear todos aqueles canais. Mas Pouncy havia feito aquilo sozinho, em uma única noite, com uma simples oração. Julia nunca tinha ouvido falar de nada parecido.

— Você fez isso? Tipo agora?

— Não sei — disse ele. — Acho que não. Eu recitei as palavras, mas acho que outra pessoa deve ter feito o trabalho de verdade.

Julia sentiu suas mãos e seu corpo estranhamente leves. Havia um cheiro adocicado no ar. Agindo por impulso, ela passou um pouco do leite em suas pálpebras. Na mesma hora, sua visão ficou mais clara e aguçada, como quando o oculista troca as lentes em um exame oftalmológico.

— Estamos chegando perto, Julia — disse Pouncy. — Estamos chegando perto da técnica divina. Estou sentindo.

— Não gosto de sentir nada — disse ela. — Gosto de saber das coisas.

Mas Julia precisava admitir, ela estava sentindo aquilo também. A única forma que ela encontrou para descrever aquele tipo de magia foi coisa séria. Não havia nada de leve ou lúdico naquilo: aquela porra era preocupante. Grave feito um ataque cardíaco. Qual era a diferença entre um feitiço e um milagre? Transformar um raio de luar em moedas de prata não era bem como dividir o mar Vermelho, mas a facilidade com que algo tão complexo havia sido feito suscitava oportunidades muito maiores. Aquele era apenas um pequeno efeito emanando de uma imensa fonte de energia.

Na manhã seguinte, Asmodeus apareceu para o café. Para o café de verdade, não seu café na hora do almoço de sempre. Ela estava praticamente reluzindo de empolgação. Ela nem sequer tocou na comida.

— Eu o encontrei — disse ela cheia de determinação.

— Quem? — perguntou Julia. Era um pouco cedo para ver Asmodeus tão animada assim. — Quem você encontrou?

— O eremita. O homem santo do tarasque. Ele é um santo mesmo. Ou talvez não bem um santo, não no sentido cristão exato. Mas ele se apresenta como um.

— Explique — disse Pouncy, mastigando um pedaço do pão integral que eles vinham comendo quase como uma penitência.

— Bom... — E com isso, Asmodeus deixou de lado sua brutal exaustão por um instante e assumiu uma postura metódica. — Até onde consegui entender, esse cara tem uns dois mil anos de idade. Certo? Ele se chama de Amador... ele diz que era um santo, mas foi destituído. Eu o encontrei morando numa caverna. Ele é ruivo, tem uma barba até aqui e diz que serve à deusa, a antiga, aquela de quem a gente sempre fala, a N.S.S. Ele me disse que se passou por um santo cristão durante um tempo, falando que adorava a Virgem Maria, mas acabou sendo exposto como um pagão e quase foi crucificado. Ele está vivendo numa caverna desde então. E no começo eu fiquei toda, ah, claro, meu amigo, santo ou mendigo maluco, a diferença é bem sutil. Mas ele me mostrou umas coisas. Coisas estranhas, gente, coisas que nós não sabemos fazer. Ele consegue moldar uma pedra com as mãos. Ele cura animais. Ele sabia de coisas sobre mim, coisas que ninguém sabe. Ele... ele curou uma cicatriz que eu tenho. Tinha. Ele a fez sumir do nada.

Sua voz falhou. Julia nunca tinha visto Asmodeus tão séria. Ela encarou todos na mesa, incomodada como se tivesse deixado um segredo escapar sem querer. Julia também nunca tinha visto a cicatriz de Asmodeus. Ela ficou pensando se seria uma cicatriz física ou de algum outro tipo.

— Você pode nos levar até ele? — perguntou Pouncy com uma voz gentil. Ele pareceu entender o quanto ela estava no limite.

Ela sacudiu a cabeça, tentando se recompor, mas sem conseguir.

— Eu só o vi uma vez — disse ela. — Você poderia tentar ir até lá sozinho, talvez, mas eu não tenho como dizer onde a caverna fica. Digo, eu até me lembro, mas não consigo te dizer. Literalmente... eu acabei de tentar. — Ela encolheu os ombros, desamparada. — Não saiu nada.

Todos se entreolharam sobre as migalhas duras e do café frio sobre a mesa.

— Eu quase me esqueci — disse ela. — Ele me deu uma coisa. — Ela abriu sua mochila e a revirou até encontrar uma folha de papel antigo, cheia de frases escritas. — É um palimpsesto. Dá pra acreditar? É tão *old-school*. Eu o vi tirar a tinta de um hinário antigo de valor incalculável ou coisa assim pra fazer isto aqui. Devia ser um Manuscrito do Mar Morto. Ele escreveu explicando como invocar a deusa. A Nossa Senhora Subterrânea.

Pouncy pegou o papel dela. Seus dedos estavam levemente trêmulos.

— Uma invocação — disse ele.

— Então é isso — disse Julia. — O número de telefone da Nossa Senhora.

— Exatamente. Está em fénicio, eu acho. Acredita? Ele não sabe se ela vai aparecer ou não, mas... — Asmo pegou a ponta do pão que estava em cima na mesa e começou a mordiscar, aparentemente sem saber o que estava fazendo. Ela fechou os olhos. — Que merda — disse ela. — Eu preciso dormir.

— Pode ir — Pouncy nem tirou os olhos do papel. — Pode ir. Nós conversamos melhor quando você acordar.

CAPÍTULO 24

O *Muntjac* estava estagnado em meio a uma calmaria, oscilando sobre as suaves marolas com o ar impaciente e ansioso característico dos barcos construídos para grandes velocidades, mas que não conseguem seguir em frente. Suas cordas frouxas e polias soltas balançavam e batiam contra os mastros. Ele não gostava de ficar parado.

A chuva turvava a superfície do mar, formando um nebuloso borrão cinzento. Todos estavam calados. Fazia uma semana desde que Quentin e Poppy tinham voltado da Terra Nula, trazendo notícias sobre o iminente apocalipse mágico e a verdadeira natureza das chaves. A cabine comprida de teto baixo onde eles faziam as refeições estava dominada pelo barulho da chuva caindo no convés acima, então eles teriam que praticamente gritar uns com os outros para serem ouvidos de qualquer jeito.

Eles iriam encontrar a última chave. Com certeza. Eles só não sabiam ainda muito bem como.

— Vamos revisar — disse Eliot, erguendo a voz para ser ouvido sob o alarido da chuva. — Essas coisas sempre têm suas regras, a gente só precisa descobrir quais são elas. Você foi pra Terra com Julia. — Ele apontou para Quentin. — Mas não levou a chave com você.

— Não.

— Será que ela poderia ter caído antes da porta se fechar? Será que ela poderia estar no jardim da casa dos seus pais?

— Não. Impossível. — Ele tinha quase certeza. Ou melhor, ele tinha certeza, sim. Aquele gramado era perfeito como um campo de golfe, ele a teria visto.

— Mas depois você — disse ele, virando-se para Bingle — procurou pela sala toda e não encontrou nenhuma chave.

— Nenhuma chave.

— Mas na segunda vez, quando vocês dois, Quentin e Poppy, foram pra Terra Nula, a chave ficou pra trás, aqui no barco, deste lado.

— Exato — disse Poppy. — Não me diga que ela sumiu também.

— Não, nós estamos com ela.

— O que aconteceu quando a porta se fechou? — perguntou Quentin. — Ela ficou presa no meio do ar?

— Não, ela caiu no convés quando a porta se fechou. Bingle ouviu o barulho e a pegou.

A conversa morreu, e o tamborilar da chuva preencheu o silêncio. O clima na sala não era bom, nem ruim. O convés acima deles era impermeável, mas a umidade no ar era tão grande que Quentin estava se sentindo totalmente ensofado. Todas as superfícies estavam grudadas. Tudo o que era feito de madeira estava inchado. Até sua maldita clavícula estava inchada. Um rangido melancólico irrompia quando as pessoas se ajeitavam em suas cadeiras. Acima de sua cabeça, Quentin podia ouvir os passos de seja lá quem fosse o pobre coitado de vigia no convés.

— Talvez haja um espaço intermediário — disse Quentin. — Um daqueles espaços entre as dimensões. Talvez ela tenha caído lá.

— Achei que a Terra Nula fosse o espaço entre as dimensões — disse Poppy.

— Sim, mas existe um outro tipo de espaço também. Quando as duas pontas de um portal estão distantes uma da outra. Mas a gente teria visto isso.

O *Muntjac* grunhia suavemente enquanto balançava parado no lugar. Quentin queria que Julia estivesse ali, mas ela estava no andar de baixo, com uma febre que poderia ou não ter a ver com seja lá o que estivesse acontecendo com ela. Ela não saía de sua cabine desde a batalha pela última chave. Ela ficava na cama, com os olhos fechados, mas acordada, respirando com fôlegos rápidos e curtos. Quentin descia até lá algumas vezes por dia para ler um pouco para ela, segurar sua mão, ou fazê-la beber

um pouco de água. Ela não parecia se importar muito, mas Quentin continuou indo lá mesmo assim. Nunca se sabe o que pode fazer alguma diferença.

— Então vocês já procuraram em toda a Ilha Posterior — disse Quentin.

— Sim — disse Eliot. — Olha, talvez a gente deva falar com Ember.

— Pode falar! — exclamou Quentin com mais veemência do que queria.

— Duvido que vá adiantar muita coisa. Se aquele maldito ruminante tivesse como encontrar a chave, Ele mesmo faria isso e nem perderia tempo com a gente.

— Será mesmo? — perguntou Josh.

— Provavelmente. Ele também vai morrer se Fillory for destruída.

— O que é esse tal Ember, afinal? — perguntou Poppy. — Digo, achei que Ele fosse um deus, mas Ele não é como aqueles caras prateados.

— Acho que Ele é um deus neste mundo, mas não em outros lugares — disse Quentin. — Essa é a minha teoria. Ele é só um deus local. Os caras prateados são deuses de todos os mundos.

Embora Quentin ainda estivesse em contato próximo com a empolgação com a qual tinha voltado da Terra Nula, sua conexão com ela havia ficado mais tênue. A urgência ainda estava lá: toda manhã, ele acordava na expectativa de encontrar a magia fora do ar, como se alguém tivesse se esquecido de pagar a conta de luz, e ver Fillory desabando a sua volta por todos os lados como nos últimos dias de Pompeia. E eles estavam seguindo viagem muito bem, pelo menos até aquela manhã. O almirante Lacker havia encontrado uma vela incrível, guardada em um armário secreto de madeira, que captava a luz, além do vento. Quentin a reconheceu: os Chatwins tinham uma a bordo do *Andorinha*. Ela passava a maior parte da noite frouxa, oscilando com as réstias do luar e das estrelas, mas durante o dia, ganhava corpo como uma vela triangular em uma ventania, e lançava o barco à frente quase sozinha, precisando apenas ser ajustada de acordo com o ângulo do sol.

Tudo ia muito bem, mas Fillory não estava colaborando. A chave insistia em não dar as caras. Todas as maravilhas pareciam estar se escondendo. Durante a semana anterior, eles tinham encontrado ilhas até então desconhecidas, pisado em praias virgens, adentrado mangues fechados e até escalado um iceberg à deriva, mas sem nunca encontrar chave alguma. Eles não estavam conseguindo firmar os pés no chão. Não estava funcionando.

Faltava alguma coisa. Era quase como se algo tivesse sumido do ar: uma rigidez que havia se afrouxado, uma carga elétrica que tinha se dissipado. Quentin revirou seu cérebro, tentando entender o que seria.

Fora isso, também não parava de chover.

Após a reunião, Quentin se forçou a fazer uma pausa. Ele se deitou em sua cama úmida e ficou esperando até que o calor do seu corpo se propagasse por suas pegajosas roupas mornas de cama. Já era muito tarde para tirar uma soneca, mas cedo demais para dormir. Do lado de fora de sua janela, o sol estava afundando sobre a borda do mundo, ou deveria estar, mas era impossível saber. O céu e o oceano pareciam indistinguíveis um do outro, com o mundo tomado por um tom de cinza uniforme como a tela de um daqueles brinquedinhos de Traço Mágico na qual ninguém ainda tinha desenhado nada.

Ele ficou olhando para fora, roendo a ponta de seu dedão, uma mania de infância que ele ainda não tinha perdido, e deixou sua mente à deriva em meio ao vazio.

Alguém falou com ele.

— Quentin.

Ele abriu os olhos. Ele devia ter caído no sono. A janela estava escura agora.

— Quentin — repetiu a voz. Ele não tinha sonhado. A voz era abafada, sem uma origem distinta. Ele se sentou na cama. Era uma voz gentil, suave, andrógina e vagamente familiar. Ela não soava totalmente humana. Quentin olhou para os lados, mas viu que estava sozinho.

— Quem é você? — perguntou ele.

— Eu estou aqui embaixo, Quentin. Você está me ouvindo através de uma grade no chão. Eu estou aqui no porão.

Quentin reconheceu aquela voz. Ele até tinha se esquecido de que ela estava a bordo.

— Preguiça? É você? — Será que ela tinha algum outro nome além de Preguiça?

— Achei que talvez você pudesse estar querendo me fazer uma visita.

Quentin não conseguia imaginar o que teria levado a preguiça a ter essa ideia. O porão do *Muntjac* era escuro e tinha um cheiro de mofo, podridão e lugar fechado, coisa que, aliás, era um cheiro de preguiça. Na verdade, ele preferiria falar com a preguiça de onde estava. Ou nem isso.

E meu Deus, se ele podia ouvir a preguiça tão bem dali, ela devia ter escutado tudo o que aconteceu naquela cabine desde que eles saíram de Whitespire.

Mas ele no fundo se sentia mal pela preguiça. Ele não vinha dando muita atenção a ela. Na verdade, ela era meio chata. Mas ele lhe devia certo respeito, com a representante dos animais falantes a bordo, e o porão era um lugar mais quente, e não era como se ele tivesse nada de urgente para fazer mesmo. Ele soltou um suspiro, desgrudou os lençóis de seu corpo, pegou uma vela e encontrou a escada que levava lá para baixo.

O porão estava mais vazio do que ele se lembrava. Um ano em alto mar causava esse tipo de efeito. Uma água escura escorria de um lado para o outro dentro de um canal que se estendia pelo chão. A preguiça era uma criatura bizarra, com talvez um metro e vinte de comprimento e uma densa pelagem cinza-esverdeada. Ela estava pendurada de ponta-cabeça pelos seus longos braços mais ou menos à altura dos olhos de Quentin, com suas grossas garras curvas enganchadas em uma viga de madeira. Sua aparência passava a ideia de que a evolução às vezes podia ir longe demais. A mistura de sempre de cascas de frutas e cocô de preguiça se espalhava sob ela em uma pilha imunda.

— Oi — disse Quentin.

— Olá.

A preguiça ergueu sua pequena cabeça estranha e achatada para encarar Quentin com seu lado direito voltado para cima. A posição parecia desconfortável, mas seu pescoço aparentava ser bem adaptado para esse tipo de coisa. Ela tinha tufo pretos de pelos sobre os olhos que lhe davam o ar sonolento de um guaxinim.

Ela estreitou os olhos contra a luz da vela na mão de Quentin.

— Desculpa por descer tão pouco aqui pra ver você — arriscou Quentin.

— Tudo bem, eu não me importo. Não sou um animal muito sociável mesmo.

— Eu nem sei seu nome.

— É Abigail.

Então ela era uma preguiça fêmea. Quentin não tinha percebido. Uma cadeira dura havia sido trazida até o porão, possivelmente para o caso de alguém gostar tanto de suas conversas com a preguiça a ponto de até querer se sentar para papear um pouco mais.

— E você anda muito ocupado — completou ela, gentilmente.

Um longo silêncio se seguiu. De vez em quando, a preguiça mastigava alguma coisa, mas Quentin não sabia bem o que, com seus dentes cegos e amarelos. Alguém devia ser encarregado de descer ali para alimentar aquele bicho. Digo, Abigail.

— Você se importaria se eu perguntasse — disse Quentin, finalmente — por que você veio nesta viagem? Eu sempre quis saber.

— Não me importaria, não — respondeu Abigail, a Preguiça, com toda calma. — Eu vim porque ninguém mais quis, e achamos que seria bom mandar alguém. O Conselho dos Animais decidiu que eu seria quem menos se incomodaria. Eu durmo bastante, e não me mexo muito. Eu gosto de ficar sozinha. De certa forma, é quase como se eu nem vivesse neste mundo, então não faz muita diferença onde eu estou.

— Ah. Nós achamos que os animais falantes queriam ter um representante nesta viagem. Achamos que vocês ficariam ofendidos se não aceitássemos um de vocês a bordo.

— Nós achamos que vocês ficariam ofendidos se não mandássemos ninguém. Engraçado como o mundo é cheio de mal-entendidos, não é mesmo?

Com certeza era.

A preguiça não se incomodava com os longos silêncios. Talvez os animais não ficassem incomodados como os seres humanos ficavam.

— Quando uma preguiça morre, ela continua pendurada na árvore onde estava — disse a preguiça, sem motivo algum. — Muitas vezes até estágios avançados de decomposição.

Quentin acenou a cabeça com um ar interessado.

— Eu não sabia.

Não era um comentário fácil de responder.

— Digo isso para explicar a você a forma como as preguiças vivem. É diferente de como os seres humanos vivem, e até de como os outros animais vivem. Você até poderia dizer que nós passamos nossas vidas entre mundos. Nós ficamos suspensos entre a terra e o céu, sem tocar em nenhum dos dois. Nossas mentes estão sempre à deriva entre o mundo do sono e o do alerta. De certa forma, nós vivemos no limite entre a vida e a morte.

— É muito diferente de como os humanos vivem.

— Deve parecer estranho para vocês, mas é como ficamos mais confortáveis.

A preguiça parecia ser alguém que não exigia muitos rodeios.

— Por que você está me dizendo isso? — perguntou ele. — Enfim, sei que você deve ter um motivo, mas não estou entendendo a ligação. Tem a ver com a chave? Você tem alguma ideia de como encontrá-la?

Ele não sabia até onde a preguiça estava a par do que vinha acontecendo no convés lá em cima. Talvez ela nem mesmo soubesse que eles estavam em uma jornada.

— Não tem a ver com a chave — disse Abigail com sua voz lânguida e morosa. — Tem a ver com Benedict Fenwick.

— Benedict? O que tem ele?

— Você gostaria de falar com ele?

— Bom, claro. É claro que sim. Mas ele está morto. Ele morreu faz duas semanas.

Essa ideia ainda parecia impensável, quase indizível, como naquela primeira noite.

— Existem certos caminhos fechados para a maioria dos seres que estão abertos para uma preguiça.

Quentin concluiu que ter paciência era claramente um fator crucial para se conversar com uma preguiça.

— Não entendi. Você vai fazer uma sessão espírita pra eu poder falar com o fantasma do Benedict?

— Benedict está no submundo. Ele não é um fantasma. Ele é só uma sombra.

A preguiça voltou sua cabeça à posição invertida, uma manobra que ela realizou sem tirar os olhos de Quentin.

— No submundo. — Meu Deus. Ele nem sabia que Fillory tinha um submundo. — Então ele está no inferno?

— Ele está no submundo, para onde as almas dos mortos vão.

— E ele está bem lá? Digo, eu sei que ele está morto, mas ele está em paz? Ou algo assim?

— Isso eu não sei dizer. Minha compreensão do temperamento humano é imprecisa. Nós, as preguiças, só conhecemos a paz, e nada além disso.

Devia ser bom ser uma preguiça. Quentin ficou inquieto com a ideia de Benedict estar no submundo. Era perturbador pensar que Benedict poderia

estar morto, mas ainda... bom, não vivo, mas o que então? Consciente? Acordado? Era como ser enterrado vivo. Parecia horrível.

— Mas ele não está sendo torturado, está? Por caras vermelhos com chifres e tridentes? — Afinal, nada era impossível em Fillory.

— Não. Ele não está sendo castigado.

— Mas ele também não está no céu.

— Não sei o que “céu” quer dizer. Fillory tem apenas um submundo.

— Então como eu posso falar com ele? Você tem como... não sei, fazer uma chamada? Uma ligação espiritual, sei lá?

— Não, Quentin. Eu não sou uma médium. Sou uma psicopompa, uma condutora. Eu não falo com os mortos, mas posso mostrar a você o caminho para o submundo.

Quentin não sabia bem se queria isso. Ele analisou o rosto invertido da preguiça. Sua expressão era vazia.

— Fisicamente, você diz? Eu poderia ir fisicamente até lá?

— Sim.

Calma, respire fundo.

— Tudo bem. Eu realmente adoraria ajudar Benedict, mas não quero deixar o mundo dos vivos.

— Não vou forçar você. Na verdade, eu nem teria como.

O ambiente do porão era sinistro, totalmente escuro a não ser pela chama da vela na mão de Quentin, que ficava sempre reta enquanto o barco oscilava para a frente e para trás. A preguiça pendurada também – ela balançava levemente, como um pêndulo. Quentin não conseguia parar de desviar os olhos para a escuridão. Aquele lugar tinha um quê sobrenatural. As laterais curvas do barco lembravam as costelas de um imenso animal que os havia engolido. Onde ficaria esse submundo? Embaixo da terra? Embaixo d’água?

A preguiça escolheu aquele momento para arrumar seus pelos, coisa que ela fez com seu jeito lento e minucioso de sempre, primeiro com a língua, depois com uma garra grossa feito um pedaço de pau, que ela desenganchou lenta e laboriosamente da viga no teto.

— De certa forma... — disse ela, enquanto se lambia e se penteava com sua garra — ... nós preguiças somos como... pequenos mundos... dentro de nós mesmas.

Ninguém sabia fazer pausas como uma preguiça. Ou se importar menos com os outros em uma conversa. Ele ficou pensando se a preguiça via o mundo humano passar em uma velocidade brutal e atordoante – se as pessoas pareciam aceleradas e com movimentos bruscos para ela, da mesma forma que a preguiça parecia vagarosa para Quentin.

— Existe uma espécie de alga... — disse ela — ...que cresce apenas... nos pelos das preguiças. É o que dá o nosso singular... tom esverdeado. As algas nos ajudam a nos camuflar entre as folhas. Mas também serve... para sustentar um ecossistema inteiro. Existe uma espécie de mariposa que vive apenas... na grossa pelagem rica em algas... das preguiças. Assim que uma dessas mariposas pousa em sua preguiça escolhida... — aqui ela parou por um longo minuto para desfazer um nó especialmente emaranhado em seus pelos antes de continuar — ...ela perde suas asas. Porque não precisa mais delas. Ela nunca mais sairá dali.

Quando finalmente terminou, ela enganchou suas garras de volta na viga e voltou a seu tranquilo estado invertido original.

— Elas são chamadas de mariposas-preguiça.

— Olha — disse Quentin. — Vou ser bem claro. Não tenho tempo pra ir ao submundo agora. Se fosse qualquer outra hora, ajudar Benedict seria a coisa mais importante da minha vida, mas o universo está em crise. Estamos procurando uma chave, e há muita coisa em jogo que depende disso. Muita coisa. Fillory pode até ser destruída se ela não for encontrada. Isso vai ter que ficar pra depois.

— O tempo não irá passar enquanto você estiver nesse outro reino. Para os mortos, nada nunca muda, então o tempo não existe.

Ele não podia se distrair naquele momento.

— Mesmo que não leve nenhum tempo, agora não é uma boa hora. Além do mais, do que isso adiantaria? Eu não posso trazê-lo de volta.

— Não.

— Então, olhe, odeio ser tão direto assim, mas por que eu faria isso?

— Você poderia dar algum conforto a ele. Às vezes, os vivos podem dar certas coisas aos mortos. E talvez ele possa dar algo a você também. Minha compreensão das emoções humanas é...

A preguiça fez uma pausa para pensar em qual palavra escolher.

— Imprecisa? — sugeriu Quentin.

— Precisamente. Imprecisa. Mas enfim, não acho que Benedict tenha gostado de morrer.

— Foi uma morte terrível. Ele não deve ter gostado mesmo.

— Acho que talvez ele queira dizer isso a você. — Quentin não tinha pensado nisso. — E acho que talvez ele possa dar alguma coisa para você também.

A preguiça o encarou com seus olhos reluzentes e gelatinosos que pareciam refletir a luz de algum outro lugar que não era aquele porão escuro. Em seguida, ela os fechou.

O barco rangia sem pressa enquanto as ondas quebravam contra seu casco, uma atrás da outra, em uma monótona sucessão. Quentin ficou olhando para a preguiça. Àquela altura, ele já tinha aprendido que quando estava ficando irritado com alguém, em geral era porque havia algo que deveria estar fazendo, mas não estava. Ele imaginou Benedict, preso e melancólico em um submundo cartunesco mal-desenhado. Será que ele gostaria de ser visitado? Era bem provável que sim.

Quentin se sentia responsável por ele. Isso fazia parte de ser rei. E Benedict tinha morrido antes de descobrir para o que as chaves serviam. Ele devia estar achando que tinha morrido à toa. Imagine como seria ruminar isso eternidade afora.

Uma das coisas que Quentin se lembrava de ler sobre o rei Arthur era que os cavaleiros que tinham pecados na consciência nunca se davam muito bem na busca do Graal. O lance era se confessar antes de seguir viagem. Você tinha que se enfrentar a sério e resolver as suas tretas, só assim as coisas iam para a frente. Na época, Quentin achou isso muito óbvio, e nunca entendeu por que Gauvain e os outros cavaleiros mais brutos simplesmente não largavam mão de besteira e se confessavam de uma vez para tocar a vida adiante. Em vez disso, eles ficavam lesmando por aí, entrando em brigas e sucumbindo à tentação, e acabavam não chegando nem perto do Graal.

Mas agora que era com ele, isso não parecia tão óbvio assim. Talvez a morte de Benedict fosse, por mais que não um pecado em sua consciência, uma questão não resolvida. A preguiça tinha razão. Aquilo estava pesando em sua alma e atrasando todos eles. Talvez essa fosse uma daquelas horas em que ser um herói não tinha a ver com mostrar grande bravura, mas só fazer o que era preciso.

Bom, no final das contas, não é como se tivesse algum momento melhor ou pior para se visitar os mortos no submundo. E se o que a preguiça tinha dito fosse verdade, ele poderia voltar antes que qualquer um sequer notasse sua ausência.

— Então eu posso fazer isso sem perder tempo nenhum? — perguntou ele. — Digo, literalmente sem nenhum tempo passar por aqui?

— Talvez eu tenha exagerado. O tempo não passará enquanto você estiver no submundo. Mas você terá que fazer certos preparativos antes de ir.

— E eu posso voltar.

— Sim, você pode voltar.

— Certo. Tudo bem então. — A menos que se trocasse, ele estaria indo visitar o submundo de pijama. — Vamos lá. O que eu preciso fazer?

— Eu me esqueci de dizer, o ritual precisa ser realizado em terra.

— Ah, tudo bem. — Graças a Deus, ele ainda poderia voltar para a cama. O inferno podia esperar. — Achei que a gente fosse agora já. Bom, então eu desço aqui da próxima vez que...

Um retumbar de botas irrompeu no convés ao longe, e um sino foi tocado.

— Nós acabamos de avistar terra, não é? — disse Quentin.

A preguiça fechou seus olhos com um ar sério e então os abriu de novo: sim, acabamos de avistar terra. Quentin pensou em perguntar como ela tinha feito aquilo, mas desistiu, sabendo que isso implicaria em ter que aguentar uma resposta, e ele já havia ouvido aquela sábia preguiça o bastante por enquanto.

Não mais do que uma hora depois, Quentin já estava em uma praia chapada e cinzenta no meio da noite. Ele queria ir para o submundo e voltar sozinho, sem que o resto dos outros ficasse sabendo de nada. Talvez ele até comentasse sobre aquilo depois, casualmente, no meio de uma conversa qualquer, ah, eu fui para o inferno e voltei, mas não foi nada demais, por quê? Ah, sim, Benedict mandou um oi. Ele não tinha planejado fazer aquilo diante de uma plateia.

No entanto, uma plateia acabou aparecendo: Eliot, Josh, Poppy e até Julia, que saiu de seu estupor para assistir. Bingle e um dos marinheiros estavam ali também, com um longo remo apoiado sobre os ombros e a

preguiça pendurada no meio. Os dois a tinham trazido à praia assim, como uma peça de carne. Esse tinha parecido ser o jeito mais fácil.

De todos, apenas Poppy não parecia estar convencida de que ele deveria mesmo ir.

— Não sei, Quentin — disse ela. — Só estou tentando imaginar. Isso não é como visitar alguém num hospital. Não dá pra você só dizer, melhora, e deixar uma cesta de frutas. Imagine como seria se você estivesse morto. Você iria querer ser visitado pelos vivos, sabendo que não poderia voltar com eles? Não tenho lá mil por cento de certeza se eu iria gostar. É meio como se você estivesse esfregando isso na cara dele. Talvez seja melhor deixar que ele descanse em paz.

Mas ele já havia se decidido. Qual era a pior coisa que podia acontecer? Benedict poderia mandá-lo embora se quisesse. Os outros ficaram se abraçando com seus mantos e sobretudos sob o ar gelado. A ilha não era muito mais do que uma faixa grande de areia, plana e vazia. A maré estava baixa, e o mar parecia mais debilitado do que calmo. De tempos em tempos, as águas só conseguiam juntar força o bastante para erguer uma onda de uns quinze centímetros que depois quebrava na praia com um baque repentino, como se para lembrar a todos que ainda estavam ali.

— Eu estou pronto — disse Quentin. — O que eu preciso fazer?

A preguiça havia pedido a eles para trazer uma escada e uma tábua comprida do barco. Agora na praia, ela os instruiu a erguê-las e apoiar uma contra a outra para formar um triângulo. A escada e a tábua não queriam ficar assim, e o triângulo não parava de cair, então Josh e Eliot tiveram que segurá-las. Como um velho Cara da Física, Quentin estava acostumado a preparar encantos com materiais brutos e pouco promissores, mas aquilo era rústico demais até para os seus padrões. A lua crescente de Fillory os observava lá do alto, inundando a cena com uma luz prateada. Ela estava girando com uma rapidez sinistra, a cada dez minutos mais ou menos, então suas pontas estavam sempre voltadas para direções diferentes.

— Agora suba na escada.

Quentin obedeceu. Eliot soltou um grunhido de esforço para mantê-la erguida. Quentin chegou ao topo.

— Agora desça pelo escorregador.

Estava claro o que a preguiça quis dizer. Ele teria que descer pela tábua como se fosse um escorregador de parquinho. Mas aquilo não era um

escorregador de parquinho, e você precisava ser meio que um malabarista de circo para se posicionar ali em cima sem nenhuma barra para se segurar. A tábua balançou, e uma das pontas quase caiu, mas Josh e Eliot conseguiram segurá-la.

Quentin se sentou no alto do triângulo. Ele não imaginava que sua jornada ao submundo seria tão ridícula. Na verdade, ele estava esperando que aquilo fosse envolver símbolos profanos desenhados na areia em letras de fogo com três metros de altura e a abertura de um portal para o inferno. Mas nem tudo é perfeito.

— Desça pelo escorregador — repetiu a preguiça.

Aquela era uma tábua bruta de pinheiro, então ele precisou se arrastar no começo, mas depois conseguiu escorregar pelo resto do caminho até o fim. Ele estava só vendo a hora em que uma farpa ia entrar em sua bunda, mas isso não aconteceu. Seus pés descalços se plantaram com firmeza na areia fria. Ele parou.

— E agora? — gritou ele.

— Tenha paciência — disse a preguiça.

Todos esperaram. Uma onda quebrou. Uma rajada de vento agitou o tecido do pijama de Quentin.

— Será que eu...?

— Tente remexer os dedos dos seus pés um pouco.

Quentin os afundou um pouco mais na areia fria e úmida. Ele já estava quase levantando para desistir quando sentiu seus dedos chegando a um vazio, e então a areia cedeu, e ele desceu escorregando através da praia.

Assim que ele entrou embaixo da areia, o escorregador se transformou em um escorrega de verdade, feito de metal, com corrimões metálicos. Um escorregador de parquinho. Ele desceu deslizando em meio à completa escuridão, sem nada a sua volta até onde ele podia ver. Não era um sistema perfeito – sempre que ganhava uma velocidade decente, ele ficava preso e tinha que se arrastar um pouco de novo, com sua bunda rangendo alto contra o metal em meio ao breu.

Uma luz surgiu ao longe e abaixo dele. Como não estava descendo muito rápido, ele teve tempo de sobra para observá-la durante caminho. Era uma lâmpada elétrica simples exposta, em uma parede de tijolos. A parede era velha, irregular e estava precisando de um tapa nos rejunes. Abaixo dessa luz, havia uma porta dupla de metal pintada de marrom-acinzentado. Eram

portas totalmente comuns, do tipo que poderia encontrado na entrada de um auditório escolar.

Em frente a elas, havia alguém que parecia pequeno demais para estar vigiando a entrada do inferno. Ele tinha talvez uns oito anos. Era um garotinho bonito, com cabelos escuros curtos e um rosto estreito. Ele estava usando um terninho infantil cinza com uma camisa branca, mas sem gravata. Ele parecia uma daquelas crianças que ficam impacientes no meio de uma missa e saem para desanuviar um pouco.

Como não tinha nem um banquinho para se sentar, ele estava de pé ali, do melhor jeito que um garotinho de oito anos poderia ficar. Ele tentava assoviar, mas não conseguia, enquanto dava chutes à toa no ar.

Quentin achou que seria prudente desacelerar o ritmo e parar alguns metros antes do fim do escorregador. O garotinho olhou para ele.

— Oi — disse o menino. Sua voz soou alta em meio ao silêncio.

— Oi — disse Quentin.

Ele terminou de descer e então se levantou com toda a elegância que conseguiu.

— Você não está morto — disse o menino.

— Não, eu estou vivo — disse Quentin. — Mas essa é a entrada pro submundo?

— Sabe como eu percebi que você está vivo? — O menino apontou para trás de Quentin. — Pelo escorregador. Ele funciona muito melhor com quem está morto.

— Ah, pois é, eu encalhei algumas vezes.

Quentin podia sentir sua pele formigando só de estar ali. Ele não sabia se aquele menino estava vivo ou não. Ele não parecia morto.

— As pessoas mortas são mais leves — disse o menino. — E quando você morre, eles te dão um manto. É melhor pra escorregar do que calças normais assim.

A lâmpada criava uma bolha de luz em meio à escuridão. Quentin sentiu a imensidão das trevas a sua volta. Não havia céu, ou teto. A parede de tijolos parecia se erguer até o infinito – e se erguia mesmo, até onde ele podia ver. Ele estava no segundo subsolo do mundo.

Quentin apontou para a porta dupla atrás do menino.

— Tudo bem se eu entrar?

— Você só pode entrar se estiver morto. Essa é a regra.

— Ah.

Aquilo era um problema. Abigail, a Preguiça, bem que poderia tê-lo avisado sobre isso. Ele não estava empolgado com a ideia de tentar escalar aquele imenso escorregador de volta, se é que era assim que se voltava ao mundo dos vivos. Uma memória de infância parecia lhe dizer que aquilo até era possível, mais ou menos, mas aquele escorregador devia ter uns oitocentos metros de altura. E se ele caísse? Ou pior, e se alguém morresse e viesse deslizando enquanto ele tentava subir?

Mas também seria um alívio. Ele poderia voltar ao trabalho. Voltar à busca pela chave.

— É que o meu amigo, Benedict, está aí dentro. E eu preciso dizer uma coisa pra ele.

O menino pensou por um instante.

— Bom, você pode só falar pra mim, e aí eu digo pra ele.

— Acho que é melhor eu falar com ele pessoalmente.

O menino mordeu o lábio.

— Você tem um passaporte?

— Um passaporte? Acho que não.

— Sim, tem sim. Olha aqui.

O menino esticou a mão e pegou uma coisa no bolso da camisa no pijama de Quentin. Era um pedaço de papel dobrado ao meio. Quentin levou um segundo para reconhecer o que era aquilo: era o passaporte que aquela menininha tinha feito para ele, qual era o nome dela mesmo?, Eleanor, muito tempo atrás, na Ilha Distante. Como ele tinha esquecido aquilo no bolso?

O menino analisou o papel com o intenso escrutínio burocrático de um garotinho de oito anos.

Ele olhou para o rosto de Quentin, comparando-o com a foto no documento.

— É assim que se escreve o seu nome?

O menino apontou para o papel. Embaixo da foto, Eleanor tinha escrito com lápis de cor e tudo em maiúsculo: KENG. O K estava ao contrário.

— Sim.

O menino soltou um suspiro, como se Quentin tivesse acabado de vencê-lo em uma partida de damas chinesas.

— Tudo bem. Pode entrar.

Ele revirou os olhos para deixar claro que na verdade não se importava se Quentin iria ou não entrar.

Quentin abriu uma das portas. Ela não estava trancada. Ele ficou se perguntando o que o menino teria feito se ele simplesmente tivesse tentado passar batido por elas. Ele provavelmente teria se transformado em algum demônio medonho tipo *O exorcista* e o devorado vivo. A porta se abriu para um vasto espaço aberto mal iluminado por fileiras de lâmpadas fluorescentes que zumbiam acima dele.

Estava cheio de gente ali. Ele sentiu uma lufada de ar abafado e o alvoroço de milhares de conversas murmuradas. O lugar era um ginásio, ou pelo menos foi essa a melhor analogia que ele conseguiu arrumar. Um centro de recreação. As pessoas ali dentro estavam de pé, sentadas ou andando, mas a maioria na verdade estava entretida com jogos.

Bem na frente de Quentin, quatro pessoas estavam jogando sem muito ânimo uma peteca de um lado para o outro por cima de uma rede de *badminton*. Mais adiante, ele avistou uma rede de vôlei que ninguém estava usando, e algumas mesas de pingue-pongue. O piso era de tábuas de madeira bem envernizadas e marcado com linhas curvas sobrepostas, delimitando as quadras de vários esportes *indoor*, pintadas umas sobre as outras em ângulos estranhos, com cores estranhas, como no ginásio de uma escola. O ambiente todo tinha aquele ar vazio e ressoante de um imenso estádio, onde o som atravessa rápido uma longa distância, mas não tem muito onde rebater, então se perde e fica difuso e indistinto.

As pessoas – as sombras, lembrou-se ele – pareciam sólidas, mas a luz artificial tirava toda a sua coloração. Todos estavam usando roupas de exercícios brancas e folgadas. Seu pijama acabou não o deixando tão deslocado assim no final das contas.

A pressão do ar seco invadiu seus ouvidos. Quentin resolveu encarar tudo numa boa, sem pensar demais, sem tentar entender nada, concentrando-se apenas em encontrar Benedict. Era por isso que ele estava ali. Aquela era uma situação onde você realmente precisaria de um Virgílio para se situar melhor. Ele olhou para trás, mas as portas já haviam sido fechadas. Elas tinham até aquelas longas barras de metal que você precisava apertar para abrir em vez de uma maçaneta.

Logo depois, uma das portas se abriu, e Julia se espremeu para dentro. Ela olhou para os lados, como Quentin tinha feito, mas sem seu ar totalmente perplexo. A capacidade de Julia para encarar as coisas com

calma era simplesmente espetacular. Sua febre e todo aquele seu desânimo pareciam ter passado. A porta se fechou atrás dela com um baque metálico.

Por um instante, Quentin achou que ela estava morta, e seu coração parou.

— Relaxe — disse ela. — Eu só achei que você poderia querer uma companhia.

— Obrigado. — Seu coração voltou a bater. — Você tem razão. Eu queria sim. Estou tão feliz por você estar aqui.

As sombras não pareciam lá muito felizes por estarem no submundo. A maioria estava com cara de tédio. Ninguém corria para salvar nenhuma jogada na quadra de *badminton*. Elas só rebatiam a peteca com o pulso frouxo, e quando alguém acertava a rede, seu parceiro não parecia ficar muito incomodado. Um pouco decepcionado, talvez. No máximo. Elas não se importavam. Havia um placar ao lado da quadra, mas ninguém estava contando os pontos. O resultado ali era do jogo anterior, ou talvez de outro ainda antes.

Na verdade, muitas nem estavam no meio de nenhum jogo, e ficavam só conversando ou deitadas de costas mesmo, olhando para as luzes fluorescentes que zumbiam lá no alto, sem dizer nada. Aquelas lâmpadas não faziam sentido. Não havia eletricidade em Fillory.

— Ele pegou seu passaporte? — perguntou Quentin.

— Não. Ele não me disse nada. Ele nem olhou para mim.

Quentin franziu a testa ao ouvir isso. Que estranho.

— É melhor a gente começar a procurar — disse ele.

— Não se separe de mim.

Quentin precisou de certo esforço para sair do lugar. Quanto mais eles se embrenhavam na multidão, maior parecia ser o risco de eles ficarem presos ali para sempre, apesar de seja lá o que a preguiça tinha dito. Eles abriram caminho entre diferentes grupos, às vezes passando por cima de pernas, tentando não pisar em mãos, como se estivessem atravessando um piquenique lotado. Quentin ficou com medo de atrair atenção por estar vivo, mas as pessoas simplesmente olhavam para ele e depois se viravam para o outro lado. Aquele não era um submundo como o de Homero ou de Dante, onde todo mundo estava louco para falar com você.

Na verdade, aquele era um lugar mais deprimente do que sinistro. Era como visitar um acampamento de verão, ou um asilo, ou o trabalho de outra

pessoa: era tudo muito bacana, mas a simples ideia de que você não precisa ficar ali, que você pode ir para casa no final do dia e nunca mais voltar, é um alívio tão grande que você fica até atordoado. Nem todos os equipamentos por ali eram novinhos em folha. Alguns na verdade estavam bem surrados – os tabuleiros dos jogos tinham vincos rachados e grossos no centro onde dobravam ao meio, e algumas das raquetes de *badminton* tinham um ou dois fios soltos. Quentin teve seu primeiro choque de verdade quando avistou Fen.

Seria de se esperar. Ela tinha sido um de seus guias durante a viagem até a Tumba de Ember. Fen era a boazinha, a que não os havia traído. Quentin mal a conheceu em vida, mas ela era inconfundível, com seus lábios carnudos e seu corte de cabelo curtinho meio de sapatona. Da última vez que ele a tinha visto, ela estava sendo esmagada e incinerada ao mesmo tempo por um gigante feito de ferro incandescente. Agora, ela parecia estar melhor do que nunca, talvez só um pouco pálida, disputando uma tranquila partida amistosa de pingue-pongue. Se ela o reconheceu, não demonstrou.

Nesse momento, ele se permitiu pensar na coisa em que vinha tentando não pensar desde que a preguiça tinha levantado aquele assunto: se Alice estava ali também. Uma parte sua estava louca para vê-la e daria qualquer coisa para que um daqueles rostos na multidão fosse o dela. Já outra estava torcendo para que ela não estivesse lá. Ela era um nifo agora. Talvez fosse como se ela ainda estivesse viva.

Havia enormes pilares de metal aqui e ali, sustentando o teto, e Benedict estava sentado com as costas apoiadas em um deles, olhando com uma expressão distante para o pálido vazio. Um jogo de paciência pela metade estava a sua frente, mas ele tinha perdido o interesse, por mais que claramente não estivesse sem opções de jogadas. Ele poderia pôr um cinco de ouros em cima do seis de paus.

Ele estava mais parecido com o Benedict que Quentin tinha encontrado pela primeira vez na sala dos mapas do que com o valente marinheiro bronzeado que ele havia se tornado a bordo do *Muntjac*. Ele agora parecia pálido, com os braços finos e sua velha franja escura caindo sobre os olhos. Seu cabelo havia crescido de volta. Ele lembrava um daqueles jovens melancólicos das pinturas de Caravaggio. A morte o havia deixado mais jovem.

Quentin parou.

— Oi, Benedict.

— Oi — disse Julia.

Os olhos de Benedict dardejaram na direção de Quentin, e então se voltaram para o nada.

— Eu sei que você não pode me levar de volta — disse ele baixinho.

Os mortos não faziam rodeios.

— Você tem razão — concordou Quentin. — Eu não posso. Foi o que a preguiça disse.

— Então por que você veio aqui?

Ele agora estava olhando para Quentin com um ar acusatório. Quentin estava com medo de encontrá-lo com um talho aberto no pescoço, mas sua pele estava lisinha e intacta. Ele não era um zumbi, ele era só um fantasma, lembrou-se Quentin. Ou melhor, uma sombra.

— Eu queria rever você.

Quentin se sentou ao lado dele e apoiou-se no pilar também. Julia se sentou do outro lado. Juntos, os três ficaram observando a multidão de mortos indo e vindo.

Algum tempo se passou, talvez cinco minutos, talvez uma hora. Era difícil saber ao certo no submundo. Quentin teria que tomar cuidado com isso.

— Como você está, Benedict? — perguntou Julia.

Benedict não respondeu.

— Você viu o que aconteceu comigo? — disse ele. — Eu não acreditei. Bingle me disse pra ficar no barco, mas eu achei que... — Ele não terminou a frase, apenas franziu a testa com um ar resignado e balançou a cabeça. — Eu queria tentar fazer algumas das coisas que a gente vinha treinando. De verdade, em uma batalha de verdade. Mas assim que eu desci do barco, *vuuuush!* Levei aquela flechada bem na garganta. Bem na parte oca. — Ele pôs seu dedo indicador na parte macia de seu pescoço abaixo do pomo-de-adão, onde a flecha tinha entrado. — Nem doeu tanto. O engraçado foi isso. Achei que daria pra tirar. Eu me virei, tentando voltar pro barco. Mas aí percebi que não estava conseguindo respirar, então me sentei. Minha boca se encheu de sangue. Minha espada caiu na água. Acredita que eu fiquei preocupado com isso? Eu fiquei pensando se a gente teria como mergulhar lá depois pra pegar de volta. Será que alguém a pegou? — Quentin balançou a cabeça. — Acho que não faz diferença. Era só uma espada de treino mesmo.

— O que aconteceu depois? Você desceu pelo escorregador?

Benedict assentiu.

Quentin estava desenvolvendo uma teoria sobre isso. O escorregador era humilhante, essa era a ideia. Uma coisa deliberadamente vergonhosa. Era isso o que a morte fazia, ele tratava você feito uma criança, como se tudo aquilo você tivesse pensado, feito e amado na vida não passasse de uma brincadeira de criança, algo que podia ser amassado e jogado fora quando tudo chegava ao fim. Como se nada importasse. A morte não respeitava ninguém. A morte achava você um idiota, e queria que você soubesse disso.

— Mas enfim, vocês acharam a chave? — perguntou Benedict.

— Eu queria mesmo falar disso com você — disse Quentin. — Nós achamos, sim. Teve uma batalha enorme, nós achamos a chave, e era uma coisa muito importante, sim. Eu queria que você soubesse disso.

— Mas ninguém mais foi morto. Só eu.

— Ninguém mais morreu. Eu levei um ferimento nas costelas. — Nada de que ele pudesse se gabar naquelas circunstâncias. — Mas o que eu queria dizer é que aquilo era importante, o que nós estávamos fazendo. Você não morreu à toa. Aquelas chaves... nós vamos usar aquelas chaves pra salvar Fillory. Tudo aquilo tinha um sentido. Sem elas, a magia vai acabar, e o mundo inteiro vai entrar em colapso. Mas nós podemos usar aquelas chaves pra impedir isso.

A expressão de Benedict não se alterou.

— Mas eu não fiz nada — disse ele. — Minha morte não fez diferença nenhuma. Eu poderia só ter ficado no barco.

— Nós não sabemos o que poderia ter acontecido — disse Julia. Benedict a ignorou de novo. — Ele não está me ouvindo — disse Julia para Quentin. — Alguma coisa estranha está acontecendo. Ninguém aqui pode me ver, nem me ouvir. Ele não sabe que eu estou aqui.

— Benedict? Você está vendo Julia? Ela está sentada bem aí do seu lado.

— Não. — Benedict franziu a testa como costumava fazer, como se Quentin estivesse fazendo-o passar vergonha. — Não estou vendo ninguém. Só você.

— Eu sou um fantasma aqui — disse ela. — Um fantasma entre fantasmas. Um fantasma invertido.

O que havia de diferente em Julia para que os mortos não pudessem vê-la? Essa era uma questão preocupante, mas que eles não teriam como

analisar agora. Em vez disso, eles ficaram observando a multidão um pouco mais e ouvindo o tec-tac tec-tac dos jogos de pingue-pongue. Apesar de todo o tempo que tinham para treinar, os mortos não pareciam ser muito bons naquilo. Ninguém nem tentava dar uma cortada, ou fazer um saque mais ousado, e as jogadas só duravam algumas rebatidas até a bola bater na rede ou escapar quicando em meio à multidão.

— Este lugar aqui... — disse Benedict. — É como se alguém quase tivesse tentado fazer uma coisa legal, com esses jogos e tudo mais, mas depois não se deu ao trabalho de pensar muito bem até o fim. Sabe? Porque enfim, quem se importa? Quem quer passar a eternidade com jogos assim? Já estou de saco cheio de tudo, e nem estou aqui há muito tempo. — “Alguém”. Aqueles deuses prateados, provavelmente. Benedict chutou as cartas do seu jogo de paciência, desfazendo todas as fileirinhas organizadas. — A gente não tem nenhum poder. A gente nem pode voar. Eu não sou nem transparente. — Ele ergueu a mão para demonstrar sua opacidade, e então a abaixou de novo. — Porque enfim, aí já seria legal demais, né...

— O que mais vocês têm pra fazer aqui? Além desses jogos e tal?

— Não muita coisa. — Benedict enfiou as mãos entre os cabelos e olhou para o teto. — Conversar com as outras sombras. Não tem nada pra comer, mas você também não sente fome. Algumas pessoas brigam, ou transam ou fazem sei lá mais o quê. Você pode até ficar olhando se quiser, sem erro. Mas depois de um tempo, enfim, pra que tudo isso, né? São só as pessoas novas que fazem essas coisas. Uma vez, eles fizeram uma pirâmide humana pra tentar alcançar aquelas lâmpadas. Mas é impossível. Elas ficam alto demais. Eu nunca transei — complementou ele. — No mundo real, digo. Aqui, eu nem tenho vontade.

Depois, Quentin falou um pouco, contando a Benedict tudo o que vinha acontecendo.

— Você já comeu aquela tal de Poppy? — perguntou Benedict, interrompendo-o.

— Sim.

— Pois é, tudo mundo dizia mesmo que ia rolar.

Sério? Julia, a fantasma-fantasma, abriu um sorriso.

Pelo canto do olho, Quentin não teve como não reparar que eles estavam atraindo certa atenção. Nada muito óbvio, mas algumas pessoas estavam

apontando para eles. Um garoto – de uns treze anos – estava olhando fixamente para eles. Quentin ficou pensando em como ele teria morrido.

— Estou começando a entender — disse Julia. — Eu perdi tudo mesmo. A última parte de mim que era humana, a parte de mim que podia morrer... ela se perdeu, Quentin. Eu a perdi para sempre. É por isso que eles não conseguem me ver. — Ela estava falando com ele, mas seus olhos escuros estavam fixos no vazio. — Eu nunca mais vou voltar a ser humana. Eu não tinha entendido isso até agora. Eu perdi minha sombra. Acho que no fundo eu até já sabia. Eu só não queria acreditar.

Ele começou a responder, querendo dizer que sentia muito pelo que ela tinha perdido, que sentia muito por não ter como ajudar mais, que sentia muito pelo que havia e pelo que não havia acontecido, fosse o que fosse. Mas tinha tanta coisa que ele ainda não entendia. Como assim, ela perdeu a sombra? Como isso havia acontecido? Como ela estava se sentindo? Ela agora era menos do que humana, ou mais? Mas ela ergueu a mão, e Benedict voltou a falar.

— Espero que vocês não consigam — disse ele de repente, como se tivesse acabado de se decidir quanto àquilo. — Espero que vocês nunca encontrem a chave, e que todo mundo morra e o mundo acabe. Quer saber por quê? Porque talvez aí este lugar aqui acabe também.

Benedict caiu no choro. Ele estava soluçando tanto que mal fazia qualquer outro barulho. Ele parou para recuperar o fôlego e depois chorou ainda mais.

Quentin pôs as mãos nas costas de Benedict. Diga alguma coisa. Qualquer coisa.

— Sinto muito, Benedict. Você morreu muito cedo. Você não teve sua chance.

Benedict balançou a cabeça.

— Foi bom eu ter morrido. — Ele respirou fundo, estremeendo. — Eu era inútil. Ainda bem que fui eu e não outra pessoa. — Sua voz se esvaiu com um gaiteio no final.

— Não — disse Quentin com firmeza. — Nada a ver. Você era um ótimo cartógrafo e você ia ser um grande espadachim, foi uma puta tragédia você ter morrido.

Benedict acenou a cabeça para isso também.

— Você pode... você pode mandar um oi pra ela por mim? E dizer que eu gostava dela?

— De quem você está falando?

Mesmo todo vermelho de choro e banhado de lágrimas, o rosto de Benedict ainda tinha toda aquela sua prepotência adolescente de antes.

— Poppy. Ela era legal comigo. Será que ela poderia vir me visitar? Digo, aqui embaixo?

— Acho que ela não tem um passaporte. Sinto muito, Benedict.

Benedict acenou a cabeça. Havia mais sombras em volta deles agora. Um grupo estava se formando ali, sem dúvida alguma, e não era muito claro se suas intenções eram amistosas.

— Eu prometo voltar mais vezes — disse Quentin.

— Você não pode. É a regra. Você só pode descer aqui uma vez. Eles não pegaram o seu passaporte? Você não o pegou de volta, pegou?

— Não. Acho que não mesmo.

Benedict respirou todo trêmulo de novo e enxugou seus olhos com sua manga branca.

— Eu queria ter ficado no barco. Não consigo parar de pensar nisso. Foi tão idiota! Se eu só tivesse esperado no barco, ainda estaria lá em cima. Eu olhei pra aquela flecha e pensei, essa varetinha, esse pedacinho de madeira, está me matando. É só isso o que a minha vida vale. Um gravetinho besta conseguiu acabar com tudo. Essa foi a última coisa que eu pensei. — Ele olhou bem nos olhos de Quentin. Foi o único momento em que ele não pareceu estar com medo, nem envergonhado. — Eu sinto tanta falta da vida. Você não entende o quanto eu sinto falta.

— Sinto muito, Benedict. Nós sentimos sua falta também.

— Escute, é melhor você ir. Acho que eles não querem você aqui.

Havia uma multidão inteira em volta deles agora, em silêncio, formando um semicírculo a sua volta. Talvez fosse pelo pijama estranho de Quentin. Talvez eles tivessem como ver que ele ainda estava vivo de alguma maneira. Aquele garoto estava entre eles, o que estava os encarando antes. Quentin só queria que aquelas sombras não parecessem tão sólidas.

Quentin e Benedict se levantaram, de costas para o pilar. Julia fez o mesmo.

— Eu estou com uma coisa aqui — disse Benedict, de repente tímido de novo. — Eu ia devolver.

Ele tirou uma coisa do bolso e a enfiou na mão de Quentin. Seus dedos estavam frios, e a coisa era dura e fria também. Era a chave de ouro.

— Ah. Meu. Deus. — Era a última. Quentin a segurou com suas duas mãos. — Benedict, onde você achou isto?

— Quentin — disse Julia. — Essa é a última?

— Ela estava comigo o tempo todo — disse Benedict. — Depois que você e a rainha Julia passaram pela porta, eu a peguei quando ninguém estava olhando. Não sei por quê. Eu não sabia como devolver. Estava pensando em fingir que tinha encontrado do nada. Desculpa. Eu só queria ser um herói.

— Imagina, não tem por quê. — O coração de Quentin estava martelando no peito. Eles finalmente iriam triunfar. — Não tem por que mesmo. Não tem importância.

— Mas aí ela veio pra cá comigo quando eu morri. Eu não sabia o que fazer.

— Você fez a coisa certa, Benedict. — Ele percebeu o quanto estava entendendo tudo tão errado. No final das contas, ele não tinha que matar um monstro, ou resolver um enigma. Ele só tinha que descer até ali e ver como Benedict estava. — Obrigado. Você é um herói. Você é um herói de verdade. E sempre vai ser.

Quentin riu alto e deu um tapa no ombro do pobre Benedict. Benedict deu risada também, meio hesitante, e depois já não tanto. Quentin se perguntou quando teria sido a última vez que alguém tinha dado risada ali embaixo.

— Chegou a hora — disse Julia. — Já estou pronta.

Chegou mesmo. Era hora de ir voltar, se era disso que ela estava falando. Mas as sombras não pareciam querer que eles fossem embora. Elas estavam em volta deles, em um semicírculo, talvez uns cem, bloqueando o caminho até a porta. Ele não teria como abrir espaço entre eles, que eram muitos. Ele deu um passo atrás, na esperança de deixar a pilastra entre ele e a multidão, tentando pensar. Seu coração pulou no peito por um segundo quando ele avistou Jollyby sentado no chão, a talvez uns quinze metros dali, com suas pernas fortes e sua barba grossa. Mas ele estava só olhando, debilitado demais para sequer levantar. Ele não iria fazer nada.

A chave. Ele poderia abrir um portal. Quentin cutucou o ar freneticamente com ela, mas não sentiu nada. Ele não conseguiu encontrar

nenhuma fechadura. Ele começou a cutucar o vazio com ainda mais força e pânico. Só Deus sabia para onde aquilo iria levá-los, mas qualquer lugar seria melhor do que aquele.

— Isso não vai funcionar aqui — disse alguém, com um sotaque de garotinho inglês. — A magia não funciona no submundo. — Era aquele menino, e Quentin o reconheceu agora. Era o próprio Martin Chatwin. Só que mais jovem... sua sombra parecia ter uns treze anos. Devia ser assim que ele era antes de virar um monstro, antes de morrer pela primeira vez.

— Não estou vendo sua namoradinha — provocou Martin. — Ela não vai salvar você desta vez.

Talvez fosse porque Quentin ainda podia morrer – foi isso o que os atraiu. Ao matá-lo, eles poderiam mudar alguma coisa, fazer algo, por mais terrível que fosse, capaz de ter algum impacto no mundo lá em cima.

Duas sombras da fileira da frente avançaram, a primeira onda do inevitável levante, mas Benedict deu um passo adiante, com um ar decidido e elas hesitaram. Ele pegou uma raquete de *badminton* da mão de alguém e a empunhou contra elas como uma espada.

— Podem vir, seus desgraçados! — Lá estava ele: o guerreiro que Benedict deveria ter sido. Ele assumiu uma postura perfeita de duelo que tinha aprendido com Bingle e apontou sua raquete contra Martin Chatwin. — E aí, quem vai ser o primeiro? — gritou ele. — Você? Pode vir então!

Quentin se posicionou ao lado dele, mas com as mãos vazias e sem poder usar nenhum feitiço, ele sabia dolorosamente bem que não devia estar parecendo muito ameaçador. Era uma pena ele não ter trazido uma espada. Ele firmou os pés no chão e ergueu os punhos, tentando da melhor forma que pôde passar a ideia de que tinha pelo menos alguma ideia de o que fazer com eles.

— Eu estou me transformando — disse Julia com um ar sério atrás dele. Em seguida, ela voltou a dizer: — Chegou a hora.

Agora não. Por favor, agora não. Agora não é hora disso. Quentin se virou de relance para Julia, e então parou e ficou olhando. Todos os outros também estavam com os olhos fixos nela. Julia parecia mais alta, e seus olhos agora tinham se tornado de um verde brilhante. Alguma coisa estava acontecendo. Ela estava olhando para os próprios braços com uma leve e deliberada expressão de surpresa no rosto enquanto os via ficar cada vez maiores, e mais fortes, e sua pele ganhava uma luminescência perolada

lustrosa. Era assim que ela tinha ficado durante a batalha no castelo, mas com ainda mais intensidade agora. Ela estava se transformando em alguma outra coisa.

Ela então começou a sorrir, a sorrir de verdade. Ela olhou para as sombras reunidas a sua frente, que recuaram como se tivessem sido atacadas por uma violenta rajada de vento. Benedict ficou boquiaberto.

— Você está me vendo agora? — perguntou ela.

Ele acenou a cabeça, com os olhos arregalados.

Ela havia se transformado em alguma outra coisa agora, alguma coisa que já não era mais humana. Um espírito? Julia era bonita, mas agora estava magnífica. Algo naquele lugar devia ter feito, ou permitido, que ela terminasse de se transformar naquilo em que estava se transformando esse tempo todo. Ela estava tão alta quanto Quentin agora, mas parecia já ter parado de crescer. Com um ar de curiosidade, ela pegou um taco do chão, um taco de hóquei, ao que parecia. Assim que ela o pegou, ele ficou maior. O taco ganhou vida e se transformou em um longo cajado com uma ponta protuberante. Ela o ergueu, e todas as sombras, inclusive Martin Chatwin, cambalearam ainda mais para trás.

— Venha — disse ela a Martin. Aquela era a voz de Julia, mas amplificadas, reverberantes. — Vamos lutar.

Martin não saiu do lugar. E nem precisou, porque Julia foi para cima dele. Num piscar de olhos, mais rápido do que uma pessoa conseguiria se mover, como um peixe-leão atacando, ela o pegou pelo colarinho da camisa. Ela o ergueu e o arremessou contra a multidão, com seus braços e pernas esticados como uma estrela-do-mar. Sua força era surreal. Quentin não sabia bem se ela tinha como machucar Martin – não era como se ele pudesse morrer pela terceira vez –, mas ele com toda certeza não devia estar gostando muito daquilo.

A multidão parecia uma turba descontrolada: as fileiras da frente tentaram recuar, mas atrás delas, outras sombras estavam chegando de todas as direções, empurrando-as de volta. Suas vozes e as batidas de seus pés contra o chão ecoavam alto naquele salão imenso. A notícia havia se espalhado. Alguma coisa estava acontecendo. A multidão parecia não ter fim. Julia talvez até pudesse abrir caminho até a porta, mas Quentin não achou que ela teria como salvar todos eles.

Julia percebeu isso também.

— Não se preocupe — disse ela. — Você vai ficar bem.

Quentin tinha dito aquilo a ela no jardim de seus pais em Chesterton. Ele ficou pensando se ela também se lembrava disso. Aquilo com certeza soava bem melhor vindo dela agora.

Julia bateu a ponta de seu cajado no chão, e então Quentin teve que desviar os olhos. O clarão foi forte demais. Ele não conseguiu enxergar nada, mas ouviu as sombras aglomeradas do submundo de Fillory perdendo o fôlego em uníssono. Aquela luz era diferente – não era aquela coisa rala e fluorescente que eles tinham ali embaixo, mas sim uma luz de verdade, clara como o sol, com um brilho dourado-pálido e toda a sua extensão de onda intacta. Era como se as nuvens tivessem se aberto em um céu escuro.

Uma voz se pronunciou.

— Chega — disse ela. Sim, ela, era uma voz de mulher. Era uma voz emocionante que se harmonizava com si mesma.

Quando voltou a enxergar, Quentin viu uma mulher na frente de Julia, onde seu cajado havia batido no chão. Ela era uma personificação de poder. Seu rosto era lindo, terno, carinhoso, imponente e aguerrido, tudo ao mesmo tempo. Era o rosto de uma deusa. E havia outro detalhe – metade de seu rosto era coberto por sombras. Seus olhos tinham um quê circunspecto, como se entendessem bem o que era sofrer. Vai dar tudo certo, Ela parecia dizer, e por tudo o que não der, iremos sofrer em paz.

Em uma de Suas mãos, Ela carregava um cajado retorcido como o de Julia. Na outra, Ela trazia, estranhamente, um ninho de passarinhos com três ovos azuis dentro.

— Chega — repetiu Ela.

As sombras obedeceram e ficaram paradas. Julia se ajoelhou em frente à deusa, com seu rosto enterrado entre as mãos.

— Minha filha — disse a deusa. — Você está a salvo agora. Acabou.

Julia acenou a cabeça e olhou para Ela. Seu rosto estava lavado de lágrimas.

— Você é Ela — disse Julia. — A Nossa Senhora.

— Eu vim levar vocês para casa.

A deusa olhou para Quentin. Ela não estava exatamente brilhando, mas era difícil olhar para Ela, como é difícil olhar para o sol – Ela emanava intensidade. Foi só então que Quentin realmente compreendeu a escala da deusa. Ela devia ter uns três metros de altura.

Os mortos ficaram os observando em silêncio. Sem nenhum tec-tac ao fundo. Por um instante, o submundo inteiro se calou.

Julia se levantou, enxugando suas lágrimas.

— O que aconteceu com você? — perguntou Quentin. — Você se transformou.

— Acabou — disse Julia. — Eu sou uma filha da deusa agora. Uma dríade. Eu agora sou parcialmente divina — completou ela, com um ar quase tímido.

Ele olhou para Julia. Ela estava magnífica. Ela ia ficar bem.

— É bem a sua cara — disse ele.

— Obrigada. Precisamos ir agora.

— Tudo bem, você é quem manda.

A deusa pegou os dois com um de Seus imensos braços. Ela os segurou e, juntos, eles começaram a levitar. Alguém gritou, e Quentin sentiu a mão de Benedict agarrando seu calcanhar, segurando-se nele.

— Não me deixe aqui! Por favor!

Eles eram como o último helicóptero saindo de Saigon. Quentin esticou a mão para pegar o pulso de Benedict e, por um instante, até o segurou.

— Peguei você! — gritou ele.

Ele não sabia o que estava fazendo, mas sabia que iria segurar Benedict com toda a força que tinha. Eles já estavam a três metros do chão, e depois seis. Ia dar certo. Eles iriam levar uma alma de volta para o mundo dos vivos, reverter a entropia. A morte iria ganhar a guerra, mas não aquela batalha.

— Segure firme!

Mas Benedict não tinha como se segurar. Seu braço escapou da mão de Quentin, e ele caiu de volta entre as sombras em silêncio.

Pouco depois, eles já estavam passando pelas luzes fluorescentes, e depois, por onde o teto deveria estar. Ele não podia fazer mais nada. Sem Benedict para segurar, Quentin apertou a chave com tanta força em sua mão que até ardeu. Ele tinha perdido Benedict, mas não iria perder aquilo. Eles continuaram subindo em meio à escuridão, passando pelo fogo, pela terra e pela água, até por fim chegarem à luz de novo.

CAPÍTULO 25

Antes de continuar, eles tiraram uma folga. Levaria uma semana para encomendar alguns dos materiais necessários: ramos de visco, mais espelhos, certas ferramentas de ferro, água destilada, alguns pós exóticos. O ritual era bastante complexo, mais do que Julia tinha imaginado, dada sua origem. Ela estava esperando uma coisa rústica e pagã, de pura força bruta, mas a realidade era mais complicada e técnica do que isso. Eles teriam que abrir muito espaço para trabalhar.

Então, enquanto esperavam o caminhão da FedEx chegar, e alguns feitiços preparatórios mais demorados maturarem, os magos de Murs, os gênios secretos aspirantes a conhecedores dos mistérios sagrados do divino, resolveram sair de férias. Afinal, aqueles seriam seus últimos dias de licença antes de embarcar para o combate – um breve descanso de última hora. Eles foram à Abadia de Sénanque que, mesmo parecendo familiar por suas fotos em um milhão de anúncios, revistas de avião e quebra-cabeças de quinhentas peças, era absolutamente linda, o lugar mais antigo e tranquilo que Julia já tinha visto. Eles visitaram o Châteauneuf-du-Pape, que de fato tinha sido o novo castelo do papa durante certa época, mas tudo o que havia sobrado agora era um único pedaço da muralha com algumas janelas vazadas, que despontava sobre a planície de vinhedos a sua volta como um dente velho e podre. Eles também foram para Cassis.

Era outubro, bem no rabicho da temporada de turismo, e Cassis era o rabicho da Riviera Francesa, mal fazendo parte da região, uma cidadezinha

simples e tomada por bandos de jovens turistas de Marselha. Mas o sol estava quente, e o mar, mesmo sendo mais gelado do que Julia achava que a água pudesse ser ainda em estado líquido, era de um azul legítimo e espetacular. Havia um pequeno hotel por lá, não longe da praia, em uma enseada cheia de pinheiros-mansos e cigarras invisíveis que trilavam sem parar com um alarido ensurdecidor. Quando estavam na varanda, eles mal conseguiam ouvir uns aos outros.

Eles tomaram o rosé local, que supostamente perdia seu sabor se fosse bebido em qualquer lugar fora de Cassis, e fizeram um passeio de barco pelos calanques, espinhaços brutos de calcário que despontavam do mar ao longo de toda a costa. Ninguém deu atenção aos magos. Ninguém olhou duas vezes para eles. Julia se sentiu maravilhosamente normal. As praias eram pedregosas, sem areia, mas eles estendiam suas toalhas no chão e faziam de tudo para ficar mais à vontade, alternando entre longos banhos de sol e rápidos mergulhos hilários e aterrorizantes no mar. A água era tão gelada que parecia ser capaz de causar uma parada cardíaca.

Todos eles pareciam pálidos com suas roupas de banho. Aderindo ao costume local, Asmodeus tirou a parte de cima do biquíni, e Julia achou que Failstaff iria ter um infarto só de olhar. Não só pelos peitos de Asmodeus, que de fato eram pequenos, empinados e saltitantes. Failstaff estava claramente apaixonado por Asmodeus. Depois de seis meses naquela casa junto com eles, como diabos Julia não tinha percebido? Eles eram os seus amigos, a coisa mais próxima que ela tinha de uma família agora. Toda aquela história de se transformar em deuses estava minando a capacidade que Julia tinha de pensar como um ser humano. Que nunca havia sido lá muito grande, para começo de conversa. Ela precisava tomar cuidado com isso. Alguma coisa estava se perdendo naquele processo de tradução.

Julia ficou vendo a espuma branca desenhar teias e letras hebraicas na superfície da água e depois apagar tudo de novo. Ela balançou a cabeça e fechou os olhos contra o ofuscante sol do Mediterrâneo. Ela estava feliz e contente, como uma foca descansando em uma pedra, com sua família de focas a sua volta. Ela estava saindo de um sonho, e todos os seus amigos estavam ali com ela – era como no final de O mágico de Oz. Mas ela tinha medo porque sabia que estava prestes a mergulhar naquele mesmo sonho de novo. Ainda não tinha acabado. Aquilo era só um breve intervalo de lucidez. Os anestésicos voltariam a fazer efeito a qualquer momento, e o sonho a dominaria, e ela não sabia se voltaria a acordar.

Foi por isso que, naquela noite no hotel, enquanto todos os outros estavam dormindo, ela saiu andando pelos corredores. Ela queria alguma coisa – ela queria Pouncy. Ela bateu em sua porta. Quando ele atendeu, ela o beijou. E depois desse beijo, eles dormiram juntos. Ela queria se sentir como uma pessoa, como uma criatura de emoções confusas e tempestuosas mais uma vez. Mesmo que essa pessoa fosse um pouquinho fácil.

Ela já tinha transado com outras pessoas antes por achar que era o certo – como com James –, ou para conseguir alguma coisa de que ela precisava – Jared, Warren, e tantos outros exemplos. Mas parecia que ela nunca antes tinha transado com ninguém só porque bateu vontade. E foi ótimo. Não, foi fantástico. Era assim que as coisas deviam ser.

Ela parecia estar mais a fim do que Pouncy. Quando ela o viu pela primeira vez, naquele primeiro dia, ela pensou: ahá! Sim, claro, não vamos nos apressar aqui, mas sem dúvida, bem que poderia rolar. Ela sempre gostou de caras mais arrumadinhos, tipo James, e Pouncy se encaixava muito bem nos parâmetros aceitáveis. Mas sempre que ela olhava para os olhos pétreos e vazios de Pouncy, e se preparava para a queda que poderia sentir por ele, aquela faísca a mais nunca se acendeu. Ele simplesmente nunca parecia se mostrar por inteiro.

Havia outra pessoa ali dentro, ela sabia que sim. Ela podia ver isso com toda clareza quando eles conversavam pela internet. Mas quando estavam juntos, cara a cara, Pouncy se escondia em algum lugar muito abaixo da superfície, nas profundezas sob o gelo. Seu sistema de segurança era complexo demais para ser invadido, mesmo para uma *hacker* veterana feito ela.

Ela disse tudo isso a Pouncy depois, deitada com ele na cama, com o alarido das cigarras ainda escoando lá fora, mas felizmente abafado pelas cortinas. Ele demorou até responder.

— Eu sei — disse ele, cauteloso. — Desculpa.

Aquela era a resposta mais fácil. Mas pelo menos ele tinha tentado.

— Tudo bem. Não tem importância. — E não tinha mesmo. Eles ficaram olhando para o teto e ouvindo as cigarras mais um pouco. Ela estava adorando se sentir tão viva. Com sua mente e seu corpo unidos para variar. — Mas só pra eu saber, é por isso que você quer tanto que a gente consiga? — perguntou ela, sentando-se na cama. — O poder, sabe? Digo, é por achar

que sendo tão forte assim, você poderia se sentir seguro o bastante pra mostrar o resto de você?

— Talvez. — Ele fez uma careta, expondo por acidente as belas linhas em volta de sua boca. Ela passou o dedo por cima de uma. — Não sei.

— Não sabe, ou não quer falar?

Nada. Só a tela azul da morte: ela tinha travado seu sistema. Pois é. Os homens são instáveis mesmo, cheios de *bugs*, linhas de programação autocontraditórias e um nível patético de otimização. Ela se estatelou de volta no travesseiro barato do hotel.

— Bom, como você classificaria as chances de sucesso pro Projeto Ganimedes? — disse ela, só para puxar assunto agora. — Em termos de porcentagem.

— Ah, eu estou otimista — disse Pouncy, reiniciando sua personalidade, a mesma de sempre, agora que estava em território conhecido. — Eu diria que uns setenta por cento ao nosso favor. E você?

— Estou mais pra meio a meio. Uns cinquenta. O que você vai fazer se não der certo?

— Tentar de novo em algum outro lugar. Eu ainda acho que a Grécia é o ponto zero desse tipo de coisa. Você iria comigo se eu fosse para lá?

— Talvez. — Ela não queria reconfortá-lo só para agradar. — Mas o vinho aqui é melhor, sabe. Não sou do tipo de menina que curte uzo.

— É isso o que eu gosto em você. — Ele começou a brincar com os dedos dela por cima do cobertor áspero do hotel, analisando-os. — Escuta, na verdade eu menti — disse ele. — Acho que eu sei, sim, por que estou fazendo isto. O que eu quero. Em partes, pelo menos. No fundo, não é pelo poder.

— Tudo bem. É pelo que então?

Essa eu quero ouvir. Julia se apoiou com um cotovelo na cama, e o lençol caiu dos seus ombros. Era estranho ficar pelada na frente de Pouncy depois de todo o tempo que eles já tinham passado juntos vestidos. Era estranho ficar pelada na frente de qualquer um. Era como mergulhar na água gelada da baía: assustador no começo, como se não desse para aguentar, mas aí você pulava e logo se acostumava. Ela já estava cansada de se esconder. Às vezes, só é preciso mostrar seus peitos para alguém.

— Eu já era do Free Trader antes de você. Você ainda não estava lá quando eu entrei.

— E daí?

— Então, só para resumir, você nunca viu minhas receitas. — Pouncy abriu um sorriso melancólico, diferente dos seus sorrisos de sempre. — Em termos de dosagem bruta, eu sou o recordista oficial de todos os tempos do Free Trader Beowulf. No começo, eles nem acreditaram que era verdade.

— E elas eram pra... depressão?

Ele assentiu.

— Você já reparou que eu nunca tomo café? Nem como chocolate? Eu não posso. Não com o tanto de Nardil que eu tenho no meu sistema. Já passei por meia dúzia de tratamentos de eletrochoque. Tentei me matar aos doze. A química do meu cérebro é simplesmente uma zona. É uma coisa inviável a longo prazo.

Agora era Julia quem estava apavorada. Ela não era muito boa com momentos assim, e sabia disso. Hesitante, ela colocou a mão sobre o peito liso de Pouncy. Essa foi a melhor coisa na qual ela conseguiu pensar. Mas pareceu funcionar bem o bastante. Meu Deus, será que ele se depilava?

— Então você acha que a Nossa Senhora Subterrânea pode curar você? Como fez com Asmo e aquela cicatriz dela, seja lá o que aquilo fosse?

Julia estava começando a entender o que ele estava dizendo. Aquilo não era um exercício intelectual para ele, nem fruto de uma obsessão por poder.

— Não sei — disse ele, seco, como se não se importasse. — Não sei mesmo. Seria um milagre, e acho que os milagres são o ramo de trabalho da N.S.S. Mas para ser sincero, não era bem nisso que eu estava pensando.

— Era no quê, então?

— Se você der risada, eu juro por Deus que te mato.

— Cuidado, Ela pode estar escutando.

— Eu vou alegar insanidade. Eu tenho como comprovar.

O rosto de Pouncy não era muito expressivo por natureza. Seus traços retos seriam ótimos para um modelo, se ele fosse um pouco mais alto, mas nunca para um ator. Ainda assim, por um instante, ela conseguiu ver de verdade o que ele estava sentindo naquela hora.

— Eu quero que Ela me leve para casa — disse ele. — Quero que Ela me leve de volta com Ela para o céu.

Julia não deu risada. Ela entendeu que estava olhando para outra pessoa igual a ela, uma pessoa em ruínas, mas o estado de Pouncy era ainda pior do que o dela. Ela estava acostumada a sentir pena de si mesma e raiva dos

outros. Ela estava menos acostumada a sentir pena de outra pessoa, mas foi o que ela sentiu. Ela nunca conseguiria se apaixonar por Pouncy, mas sentia um grande amor por ele.

— Espero que dê certo, Pouncy — disse ela. — Se é isso o que você quer, espero mesmo que sim. Mas nós vamos sentir sua falta se você for embora.

Quando voltou a Murs, Julia fez uma coisa que não fazia desde que tinha chegado ali em junho. Ela entrou na internet.

Nenhum deles entrava no Free Trader Beowulf há eras, e eles levaram algum tempo para decifrar o novo processo de login, que mudava a cada dois meses. Eles fizeram uma disputa para ver quem entraria primeiro, todos sozinhos em seus quartos, mas se provocando aos berros. (Menos Failstaff, que fazia o estilo gentil gigante demais para provocar, o que talvez tenha contribuído para sua vitória no final. Asmo desistiu logo no começo e ficou só tentando hackear o roteador, para poder derrubar Pouncy quando quisesse.) Assim que conseguiu, Julia não anunciou sua presença – o que não era preciso, a pessoa podia entrar sem que o sistema avisasse todo o mundo – pois não queria uma enxurrada de mensagens dos outros Free Traders curiosos com sua longa ausência. Ela passou algumas horas só se esgueirando, passando por tópicos antigos e outros novos que haviam sido abertos enquanto ela esteve fora. Os frequentadores do fórum tinham mudado um pouco – havia alguns novatos na área, e alguns veteranos tinham saído, ou estavam escondidos.

Parecia que ela não entrava ali há anos. Ela se sentia muito mais velha agora. Era possível customizar a interface do Free Trader das mais diversas maneiras, mas Julia sempre preferiu um estilo mais simples, só com caracteres ASCII, que tinha um visual e uma pegada mais parecidos com os de um antigo sistema Unix. Seus olhos se encheram de lágrimas só de ver os *usernames* de todo mundo, em letras verdes sobre um fundo preto. Tanta coisa tinha mudado desde aqueles tempos, tempos em que ela levava uma vida de desespero silencioso em um universo mundano, trabalhando na empresa de TI, só matando o tempo até ir para Stanford. Tanta coisa nunca mais voltaria a ser como antes. Mas pouca coisa parecia ter mudado por ali.

Pouncy, Asmo e Failstaff estavam conversando em um chat fechado como nos velhos tempos. Ela entrou na sala.

[ViciousCirce entrou na sala!]

PouncySilverkitten: eae VC!

Asmodeus: eae

Failstaff: eae

ViciousCirce: eae

Seguiu-se um minuto de silêncio eletrônico. E em seguida:

Asmodeus: e ae showzão amanhã então?

ViciousCirce: pode ser

Failstaff: vai ser foda

Asmodeus: como assim pode ser?

ViciousCirce: vai ser showzão se a NSS aparecer né

Asmodeus: pq ela não apareceria?

ViciousCirce: ...

ViciousCirce: pq ela pode não existir? a invocação pode dar errado? ela pode estar de chico? tem tipo 10 mil motivos pra ela não aparecer. só tô falando.

PouncySilverkitten: tá mas e o lance do espelho/moedas de prata/leite/etc???

Asmodeus: e ela tirou minha cicatriz

ViciousCirce: eu sei eu sei, olha não quero dar de cuzona, é só q até agora eu já vi várias magias de arregaçar, mas nenhum deus ainda.

PouncySilverkitten: mas vc acredita q existe uma energia maior

ViciousCirce: acredito q possa existir = motivo pq ainda estou aqui

ViciousCirce: e enfim

ViciousCirce: e se a NSS aparecer. e se ela for real. e aí? como vai ser? e se ela não quiser ensinar nada pra gente? sei lá, vcs só querem invocar um deus ou querem ser deuses tbm?

PouncySilverkitten: ser. mas isso = primeiro passo

Failstaff: mas tudo bem, vc tem razão. talvez a NSS não esteja procurando estagiários msm

ViciousCirce: tá, e se ela aparecer amanhã. como vai ser a conversa pouncy?

Era estranho que eles não tivessem tido uma conversa aberta sobre isso antes: o que eles diriam se ela de fato aparecesse? Talvez fosse mais fácil discutir isso pela internet do que cara a cara. A pressão era menor. Tudo parecia mais simples. Como se não fosse nada de mais.

PouncySilverkitten: já q vc perguntou, andei pensando mto sobre isso

Asmodeus: é bom msm

PouncySilverkitten: então. aham. um deus padrão age de acordo com dois tipos de protocolo, certo?

Failstaff: hm. explique melhor.

PouncySilverkitten: protocolo #1 = oração, o q é mais tipo uma deidade cristã moderna. vc reza por uma coisa X. deus te escuta e depois te julga. se vc for digno/bom/sei lá o q, sua oração é atendida. vc consegue essa coisa X. ou se não, não.

Asmodeus: OOOOOPS me esqueci de ser boazinha

PouncySilverkitten: mas uma deidade ancestral pagã segue o protocolo #2. q é como uma relação de troca mais simples. exige um sacrifício em troca de bens e serviços.

Failstaff: bons tempos

PouncySilverkitten: depois, a natureza do próprio sacrifício também tem dois protocolos possíveis. o simbólico e o real.

Asmodeus: aleluia irmão!!!

PouncySilverkitten: #1 simbólico = uma coisa da qual vc não precisa de verdade, mas q representa sua devoção à deidade, tipo um bezerro gordo ou sei lá o q etc. #2 real = alguma coisa da qual vc precisa, q prova sua devoção à deidade. Tipo, sua mão, seu pé, seu sangue, uma criança etc

ViciousCirce: tipo abraão e isaque. às vezes Deus quer seu filho. e às vezes se contenta com um cordeiro.

PouncySilverkitten: exatamente, minha ideia é essa a grosso modo

ViciousCirce: blz, então fazendo as contas, vc tem 3 cenários diferentes e a gente se fode em 2 de 3.

ViciousCirce: deidade moderna: a gente se fode pq presumivelmente não somos dignos de q nossas preces sejam ouvidas

ViciousCirce: deidade pagã #2: se ela exigir um sacrifício real, a gente se fode pq né? eu não quero perder meu pé ou seja lá o q for

ViciousCirce: a deidade pagã #1 é nossa única chance. um sacrifício simbólico. um bezerro gordo em troca da prática divina, 1 chance em 3, essa é minha ideia. a grosso modo

Failstaff: E DESCULPA MAS E SE EU NÃO QUISER PERDER MEU BEZERRO GORDO HEIN POUNCY :P COMO FAZ

Asmodeus: desculpa pouncy mas será q eu vou ter mesmo q dizer q ves não têm a MÍNIMA ideia do q estão falando?

Asmodeus: literalmente nenhuma

PouncySilverkitten: serião?

Failstaff: ?

ViciousCirce: ...

Asmodeus: vc acha q está lidando com um deus homem como outros tantos. errado. a NSS é uma deusa. uma mulher divina. isso não tem NADA a ver com PROTOCOLOS

Asmodeus: eu acredito na Nossa Senhora Subterrânea e acredito q ela vai nos ajudar não pq isso é do interesse dela e não pq ela quer comer seu pé ou sei lá o q, mas só pq ela é

BOA. pouncy seu trouxa

Asmodeus: isso não é uma transação seus bestas, é um lance de misericórdia, é um lance de perdão. é um lance de graça divina. se a Nossa Senhora aparecer, é isso o q vai nos salvar.

Um longo silêncio. Transmissão interrompida. A mensagem seguinte veio apenas depois de dois minutos inteiros.

PouncySilverkitten: mas e aí VC? tá dentro ou tá fora, qual vai ser?

[ViciousCirce deixou a sala]

Eles decidiram usar a Biblioteca. Era a única sala grande o bastante. Eles tiveram que tirar todos os livros e empilhá-los na Sala Comprida e outros lugares – os corredores ficaram abarrotados –, e desmontar aquelas lindas prateleiras flutuantes. As paredes ficaram à mostra, do jeito que deveriam ficar quando aquela ainda era só uma casa de campo. As janelas foram abertas para o ar frio e tranquilo do fim de outono. Ao cair da noite, o céu foi tomado por um tom azul incrível, sobrenatural, quase azul-marinho.

Tudo foi preparado à risca de acordo com a invocação fenícia do ex-Santo Amadour. O chão foi transformado em um labirinto de runas e padrões feitos a giz. Gummidgy assumiria os papéis de mestre de cerimônias e alta sacerdotisa. Qualquer um ali seria capaz de cuidar da parte técnica, mas precisava ser uma mulher, e das mulheres, a circumspecta Gummidgy com toda a sua altura era vista como a integrante menos propensa a vacilar em um momento crucial. Ela estava usando um vestido branco simples e folgado. Assim como todos os outros. Gummidgy também estava com uma coroa feita com ramos de visco.

Coisa básica de antropologia da religião, pensou Julia. Maldito visco. Ela nunca tinha entendido qual era o lance daquele negócio. Claro, era bonitinho, mas no final das contas, era só um parasita botânico que estrangulava seu hospedeiro.

Todos os móveis antigos foram exilados para fora da sala. Em seu lugar, havia agora só uma grossa mesa de teixo, feita sob medida, e um enorme altar de pedra talhada que teria feito o chão rachar se não houvesse um suporte por baixo, com inclusive alguns feitiços estruturais para reforçá-lo. A sala toda havia sido purificada de uma meia dúzia de maneiras diferentes, assim como eles mesmos – eles jejuaram, depois tomaram uns chás

horríveis que deixaram suas urinas com outra cor e um cheiro estranho, e queimaram ervas em potes de argila.

Eles tinham feito praticamente de tudo, menos tomar banho de verdade. A purificação era apenas simbólica, não higiênica. A assepsia de verdade não parecia ser de grande interesse para a deusa.

— Isto aqui não é uma daquelas palhaçadas patriarcais do velho testamento — repetia Asmodeus com firmeza quando alguém reclamava. — Sacou? A sujeira não contamina nada, ela apenas gera. A N.S.S. não está nem aí se a gente estiver menstruada. Ela aceita o corpo.

O que era seguido por piadinhas sujas dos homens, dizendo que estavam dispostos a se oferecer como maridos simbólicos à deusa. Pega no meu sacrifício ctônico aqui, etc. etc. Mas o famoso senso de humor de Asmodeus estava temporariamente fora do ar naquela ocasião. Talvez fosse pelo nervosismo. Asmodeus não levava muito jeito para alta sacerdotisa, mas parecia ter assumido por conta própria o cargo de diretora oficial de normatização divina. Ela chegou até a argumentar que todos eles deveriam cortar suas medicações para o ritual, uma sugestão que foi universalmente ridicularizada.

Sobre a mesa de teixo, foram colocadas três velas de cera de abelha e uma tigela grande de prata cheia de água da chuva; tigela essa que tinha custado quase tanto quanto a piscina da casa. Sobre o altar, um imenso bloco de mármore local, não havia nada. Na verdade, eles nem sabiam direito para o que servia aquilo. Gummidgy assumiu seu lugar em frente à mesa, enquanto os outros se enfileiravam junto às paredes, quatro de um lado e cinco do outro. Era uma formação assimétrica, mas não havia nada de específico contra isso no palimpsesto de Amadour, que de resto era bastante claro para um documento preparado por um cara que vivia entocado em uma caverna e estava no mundo há pelo menos dois milênios.

A cabeça de Julia era uma fumegante e caótica mistura de empolgação e nervosismo, que ela não deixava ferver, jogando baldes e mais baldes de ceticismo frio. Mas ela ainda se lembrava do beijo áspero e rígido que havia recebido da estátua em seu sonho. Por mais bizarro e freudiano que pudesse parecer, ela havia se sentido muito amada. Na noite anterior, ela tinha ido dormir torcendo para sonhar com aquilo de novo, mas não teve nenhum sonho. Só um sono vazio.

Pouncy estava a sua esquerda. Asmodeus e Failstaff estavam do outro lado, de frente para eles, mas ela evitou seus olhos. Eles precisavam de uma

hora inteira de silêncio antes de começar a invocação e evitar ao máximo qualquer tipo de risadinha nervosa. Lá fora, eles podiam ouvir os mugidos e balidos dos animais que tinham trazido para um possível sacrifício: duas ovelhas, dois bodes e dois bezerros, um preto e um branco de cada, todos minuciosamente lavados centímetro por centímetro de seus corpos em iminente risco de morte. Se eles precisassem de um sacrifício simbólico, era melhor não estar com a despensa vazia.

Às sete da noite, o sol já havia se posto e a lua estava subindo no céu, despontando sobre as colinas e os campos atrás de Murs. Assim que ela chegou acima das árvores, como um imenso arco de luz branca que parecia voltado apenas para aquela casa, Gummidgy saiu de seu posto no centro da sala e acendeu as velas nas mãos de cada um deles com a ponta do dedo. Julia inclinou a sua para que a cera não escorresse em sua mão. Uma gotinha quente caiu em seu pé descalço.

Gummidgy voltou para a mesa e começou a invocação. De algum modo, as velas na mesa haviam se acendido nesse meio-tempo, sem que ninguém percebesse.

Julia ficou feliz por não estar no lugar dela. Primeiro, porque a invocação era longa, e sabe-se lá o que poderia acontecer se você errasse alguma coisa. Talvez só não desse certo, mas talvez aquilo pudesse explodir na cara dela. Algumas magias faziam isso.

Além disso, aquilo não era bem um encanto. Havia muitas súplicas naquele ritual, e para Julia, um mago não suplicava, e sim mandava. A gramática da coisa era muito estranha também. Os termos se repetiam e se sobrepunham, usando as mesmas frases várias e várias vezes. Para ser sincera, Julia achava aquilo uma grande baboseira. Não havia nenhuma estrutura concreta ali, só um monte de palavras sobre mães e filhas, grãos e terra, mel e vinho, e todas aquelas besteiras da Canção de Salomão.

Mas não era palhaçada, isso era o mais maluco de tudo. Gummidgy estava conseguindo fazer aquela porra funcionar. Julia não podia ver nada, não havia nenhuma manifestação visual, mas nem era preciso. Era absolutamente óbvio que uma magia poderosa estava em ação. A voz de Gummidgy começou a ficar mais profunda, cheia de eco. Certas palavras faziam o ar vibrar, ou provocavam rajadas de vento repentinas.

A chama da vela na mão de Julia começou a crescer feito uma tocha. Ela não gostou nada disso – e precisou segurá-la com os braços esticados para não queimar seu cabelo, que ela tinha deixado solto, porque ficava mais

feminino assim e talvez mais ao estilo da N.S.S. Alguma coisa estava acontecendo. Alguma coisa estava a caminho. Ela podia sentir aquilo chegando como um trem de carga.

Foi só então que Julia percebeu uma coisa, uma coisa absolutamente terrível e que teria sido difícil de admitir para Pouncy ou para os outros mesmo se já não fosse tarde demais: ela não queria que desse certo. Ela queria que o feitiço falhasse. Ela havia cometido um grave erro – ela não tinha compreendido uma coisa sobre si mesma, uma coisa tão básica que era difícil entender como ela não tinha percebido antes. Ela não precisava daquilo, e ela não queria nada daquilo. Ela não queria que a deusa aparecesse.

Pouncy havia lhe dito assim que ela chegou a Murs que não bastaria que ela amasse a ele e aos outros, ela precisava amar a magia acima de tudo. Mas ela não era assim. Ela tinha vindo até Murs à procura da magia, mas também à procura de um novo lar, de uma nova família, e então encontrou tudo, todos os três, e isso era o bastante. Ela estava contente; ela não precisava de mais nada, muito menos de mais poder. Sua jornada havia acabado, e ela nem tinha percebido isso até aquele momento. Ela não queria ser tornar uma deusa. Ela só queria se tornar humana, e, ali em Murs, isso finalmente havia acontecido.

Agora era tarde demais. Ela não tinha como deter o que estava acontecendo. A deusa estava a caminho. Ela quis jogar sua vela no chão e sair correndo pela sala, gritando com eles, cortando o fluxo, dizendo que estava tudo bem, que eles não tinham por que fazer aquilo, que eles já tinham tudo de que precisavam ali mesmo, era só olhar e ver. A Nossa Senhora Subterrânea entenderia isso – N.S.S., a deusa da misericórdia e da fertilidade, entenderia mais do que ninguém isso que Julia só tinha compreendido agora.

Mas Julia nunca conseguiria explicar isso aos outros. E eles agora estavam em meio a energias titânicas, forças abissais, e seria impossível saber o que aconteceria se ela tentasse interromper o ritual. Julia sentiu arrepios pelo corpo inteiro. A voz de Gummidgy estava ficando mais alta, ganhando cada vez mais intensidade rumo ao grande final. Seus olhos estavam fechados, enquanto ela balançava de um lado para o outro, cantando – o que não fazia parte da invocação, aquela melodia devia estar vindo direto dos céus, do éter, por uma rede sem fio celestial. As janelas de um lado da sala estavam totalmente preenchidas pelo luar agora, como se a

lua tivesse descido de sua órbita e estivesse pairando bem do lado de fora, os espiando.

Era difícil tirar os olhos de Gummidgy, mas Julia arriscou uma olhada à esquerda, para Pouncy. Ele olhou de volta para ela e sorriu. Ele não estava nervoso. Ele parecia calmo. Ele parecia feliz. Por favor, pensou ela, deixe que Ela pelo menos lhe dê aquilo que ele quer. Julia se consolou com o seguinte fato: a N.S.S. nunca lhes pediria nada que eles não pudessem oferecer. Julia a conhecia, e Ela nunca faria isso.

Uma das velas sobre a mesa começou a soltar faíscas, estalos e clarões. Ela produziu uma língua de fogo, uma labareda enorme que despontou até a metade da altura da sala e fez um *wuuf* profundo e gutural, e depois cuspiu alguma coisa enorme e vermelha que caiu de pé em cima da mesa. Gummidgy tossiu, engasgada, e caiu como se tivesse levado um tiro – Julia pôde ouvir o estalo do osso se partindo quando a cabeça dela bateu no chão.

Em meio ao silêncio repentino, o deus se apresentou com uma pose triunfante, de braços abertos, e ficou parado assim. Era um gigante, com três metros e meio de altura, ágil e coberto de pelos vermelhos. Ele tinha o corpo de um homem e a cabeça de uma raposa. Não era a Nossa Senhora Subterrânea.

Era o Raposo Reynard. Eles haviam sido enganados.

— Merda!

Era a voz de Asmodeus. Asmo, sempre tão rápida. No mesmo instante, ecoou o baque de todas as janelas se fechando ao mesmo tempo, e da porta batendo, como se algo invisível tivesse acabado de sair da sala em um violento rompante de raiva. O luar sumiu como se alguém tivesse apagado as luzes.

Ai meu Deus, ai meu Deus, ai meu Deus. A onda de medo foi instantânea e elétrica, e ela quase teve espasmos pelo corpo todo. Eles tinham pedido carona e o carro errado parou. Eles tinham sido enganados, como a própria a N.S.S. em sua história, que foi enganada e enviada para submundo, se é que Ela sequer existia. Talvez Ela nem existisse. Talvez fosse tudo só uma piada. Julia jogou sua vela na criatura. O toco quicou em Sua perna e se apagou. Ela tinha imaginado o Raposo Reynard como uma figura brincalhona e alegre. Mas Ele não tinha nada a ver com isso. Ele era um monstro, e eles estavam trancados ali com Ele.

Reynard pulou com toda a graça para o chão, como um mestre de espetáculos. Agora que Ele havia se mexido, ela percebeu que tinha recobrado os movimentos também. Ela era um lixo com magias defensivas, mas dominava bem alguns encantos de proteção, além de alguns outros violentos feitiços de expulsão e banimento. Só para garantir, ela começou a preparar escudos e barreiras de energia entre ela e o deus, formando uma camada tão espessa que até deixou o ar ondulante e com uma cor de âmbar, como um vidro fumê sob ondas de calor. A seu lado, ela pôde ouvir Pouncy, ainda calmo, preparando um feitiço de banimento. Era uma situação contornável. Tudo bem, o ritual não tinha dado certo, então vamos nos livrar desse bosta e dar o fora daqui. Vamos para a Grécia.

Mal houve tempo para isso. A boca de Reynard era um ninho de dentes pontiagudos. Esse é o problema desses deuses zombeteiros, não é? Suas zombarias nunca são lá muito engraçadas. Julia sabia que se Ele avançasse contra ela, se Ele sequer olhasse em sua direção, ela largaria seja lá qual feitiço estivesse fazendo e sairia correndo, por mais que não tivesse para onde correr. Ela gaguejou duas vezes, sua voz falhou, e ela precisou recomeçar um encanto. Aquela história toda devia ter sido uma lorota desde o começo. Estava ficando claro agora. A Nossa Senhora Subterrânea era só uma invenção. Não era? Ela não existia. Essa ideia fez Julia querer chorar de horror e tristeza.

O raposo estava olhando a Sua volta, contando Seus prêmios. Failstaff – ah, Failstaff – deu o primeiro passo, avançando contra Ele por trás, de um modo sorrateiro para um homem tão grande. Ele tinha transformado sua vela em algo parecido com um lança-chamas e estava empunhando-a com as duas mãos. Mesmo sendo enorme como era, ele parecia minúsculo ao lado de um gigante de verdade. Ele mal tinha chegado perto para atacar quando Reynard se virou de repente, agarrou seu manto e o puxou para perto com uma de suas imensas mãos, e então o prendeu entre a dobra de seu braço, como se fosse dar um cascudo em sua cabeça. Mas Ele não lhe deu um cascudo. Ele destroncou o pescoço de Failstaff como um fazendeiro matando um frango e jogou-o no chão.

Ele caiu em cima de Gummidy, que ainda não tinha se mexido. Suas pernas se debatiam como se ele estivesse sendo eletrocutado. Todo o ar nos pulmões de Julia saiu e não voltou mais. Ela não conseguia respirar. Ela ia desmaiar. Na outra ponta da sala, um grupo de três pessoas já estava indo até a porta, tentando destrancá-la. Eles estavam trabalhando juntos, com Iris

no meio: era uma magia potente, feita a seis mãos. Enquanto se preparava para o Seu trabalho, entoando o que poderia ser uma alegre canção folclórica provençal, Reynard pegou o enorme bloco de pedra com Suas duas mãos e lançou-o contra eles. Dois foram esmagados. O terceiro – Fiberpunk, o metamago, o das formas quadridimensionais – continuou heroicamente, mantendo a calma sob o ataque e assumindo o papel dos três ao mesmo tempo sem hesitar. Julia sempre o viu meio que como uma farsa por falar tanta merda, mas ele tinha colhões. Ele estava recitando uma sequência de destrancamento autorreflexiva absurda de cabeça como se não fosse nada.

Reynard o pegou com Suas duas mãos imensas, em volta do peito, como uma boneca, e lançou-o contra o teto, a dez metros pelo ar. Ele se estatelou com tudo – talvez Reynard estivesse querendo fazê-lo grudar lá no alto –, mas provavelmente ainda estava vivo quando sua cabeça bateu na borda da mesa ao cair de volta. Seu crânio explodiu como um melão, espalhando uma gosma sangrenta pelo piso de madeira encerado. Julia pensou em todos os segredos metamágicos que deviam estar guardados dentro daquele cérebro tão metódico, que agora estava catastrófica e irreversivelmente desorganizado pelo chão.

Estava tudo acabado agora. Tudo arruinado. Julia estava pronta para morrer, ela só esperava que não fosse doer demais. Reynard se agachou e passou Suas mãos naquela mistura de sangue e sabe-se lá mais o que, e depois besuntou sensualmente Seu belo peito coberto de pelos de raposa, manchando-se todo. Era difícil dizer se Ele estava sorrindo feito um maluco, ou se era assim mesmo a boca de uma raposa gigante.

Dois minutos após a chegada do deus-raposa, Pouncy, Asmodeus e Julia eram os últimos dos magos de Murs, a nata de toda a cena mágica *underground*, ainda vivos no planeta. Por um instante, Julia sentiu seus pés saindo do chão – devia ter sido Pouncy, tentando ganhar tempo ao levá-los para perto do teto, mas Reynard cortou o feitiço enquanto eles ainda estavam a poucos palmos de altura, e eles caíram de volta com tudo no chão. Ele agarrou a imensa tigela de prata, esparramando a água da chuva, e a arremessou contra Pouncy como um disco. Na mesma hora, Asmodeus terminou um feitiço que vinha preparando desde que o deus apareceu, uma Expulsão Máxima talvez, com um toque a mais, alguma coisa forte que de fato chegou a chamar a atenção de Reynard.

Aquilo não o machucou, mas o afetou. Suas enormes orelhas pontudas se retorceram de irritação. A tigela acertou Pouncy com força, mas só de raspão. Ela esmagou a parte esquerda de sua bacia e voou para longe. Pouncy estava gemendo, encolhido no chão.

— Pare! — disse Julia. — Pare!

Medo: Julia já havia queimado todo seu estoque. Uma mulher morta não tinha do que ter medo. E ela havia queimado toda sua energia mágica também. Ela teria que usar apenas palavras comuns para variar, palavras não-mágicas. Ela teria que conversar com aquele cuzão.

— Você tomou nosso sacrifício — disse Julia. Ela engoliu seco. — Agora nos dê aquilo pelo que nós pagamos.

Era como respirar a dez mil metros de altitude. O raposo encarou Julia com Seu focinho estreito apontado para ela. Com aquela cabeça canina e Seu corpo humano, ele lembrava o deus egípcio da morte, Anúbis.

— Vamos, pode ir entregando! — gritou ela. — Você nos deve isso!

Asmo ficou só olhando do outro lado da sala, paralisada. Toda aquela sua postura pedante e espertinha havia desaparecido. Ela parecia uma menininha de dez anos agora.

Reynard soltou um latido alto antes de falar.

— Um sacrifício não pode ser tomado — disse Ele, com uma voz profunda e tranquila, sem o menor sotaque francês. — Um sacrifício deve ser oferecido por livre e espontânea vontade. Eu tomei a vida de cada um deles. Eles não as ofereceram a mim. — Era como se Ele não acreditasse na falta de cortesia de tudo aquilo. — Eu tive que tomá-las.

Pouncy havia conseguido se erguer e agora sentado contra a parede. A dor devia ser brutal demais. Seu rosto estava todo banhado de suor.

— Tome a minha vida. Estou oferecendo-a a você. Pode levar.

Reynard inclinou a cabeça de lado. O Fantástico Senhor Raposo. Ele passou os dedos pelos Seus bigodes.

— Você está morrendo. Logo já estará morto. Não é a mesma coisa.

— Você pode tomar a minha, então — disse Julia. — Estou oferecendo-a a você. Só deixe os outros irem embora.

Reynard se limpou, lambendo uma mancha de sangue e miolos nas costas de Sua pata.

— Vocês sabem o que fizeram aqui? — perguntou ele. — Eu sou só o começo. Quando você invoca um deus, todos os deuses escutam. Vocês

sabiam disso? E há dois mil anos nenhum ser humano invocava um deus. Os antigos deuses ouviram tudo também, sabe. É melhor vocês estarem mortos quando eles voltarem. Na verdade, seria melhor nunca ter nascido quando os antigos deuses voltarem.

— Tome a minha vida! — gemeu Pouncy. Ele arquejou quando alguma coisa dentro de seu peito se partiu, e sussurrou o resto: — Tome a minha vida. Eu estou oferecendo-a a você.

— Você está morrendo — repetiu Reynard com desdém.

Ele fez uma pausa. Pouncy não disse mais nada.

— Ele morreu — anunciou Reynard.

O deus-raposa se virou para Julia e ergueu Suas sobranceiras, analisando-a. Uma raposa de verdade não faria aquilo, pensou Julia, sem propósito algum.

— Eu aceito — disse Ele. — A outra pode ir embora, se você se entregar a mim. E vou te dar mais uma coisa. Vou te dar o que vocês queriam, aquilo pelo que vocês me invocaram.

— Nós não invocamos você — disse Asmo com a voz fraca. — Nós invocamos a Nossa Senhora. — Em seguida, ela mordeu o lábio e ficou calada.

Reynard encarou Julia com um ar sério e então avançou na direção dela. Ele passou pelos seus feitiços de defesa como se nem estivessem lá. Julia estava pronta para morrer – ela fechou os olhos e soltou sua cabeça para trás, expondo sua garganta para que Ele a rasgasse. Mas não foi isso o que ele fez. Agarrando-a com Suas mãos peludas, Ele a arrastou pela sala e a forçou a ficar arqueada com o peito em cima da mesa de madeira. Julia não entendeu por que, mas depois ficou claro, por mais que ela preferisse que não.

Ela lutou. Ele segurou o torso de Julia contra a madeira com uma de Suas mãos firmes e pesadas, e ela tentou atacar Seus dedos, mas eles eram duros feito pedra. Ela tinha se oferecido, mas não para aquilo. Ele que a matasse se assim quisesse. Doeu quando Ele rasgou seu manto – o tecido ardeu contra sua pele. Ela tentou olhar para trás e ver o que estava acontecendo, e viu – não, ela não viu aquilo, ela não viu nada – a enorme mão do deus balançando casualmente entre Suas pernas, enquanto Ele se posicionava atrás dela. Ele separou os pés descalços de Julia com um chute bem treinado. Não era a primeira vez que Ele dançava aquela valsa.

Em seguida, Ele a invadiu à força. Julia estava pensando se Ele seria grande demais, se Ele a arrombaria até ela ficar oca e se debatendo no chão feito um peixe. Ela tentou resistir. Exausta, ela apoiou sua testa quente sobre seu braço no que ela imaginou ser a postura de todas as vítimas de estupro desde o início dos tempos. Seus próprios gemidos roucos eram o único som na sala.

Demorou bastante. Não foi um período indeterminado; ela não desmaiou, nem perdeu a noção do tempo. Ela diria que o deus levou de uns sete a dez minutos para terminar de estuprá-la, e ela esteve consciente durante cada segundo. Do seu ponto de vista, ela podia ver as pernas grossas de Failstaff no chão, agora imóveis, por cima das longas pernas morenas de Gummidge, e também que, de onde os outros dois que haviam morrido perto da porta, um imenso continente de sangue havia escorrido de baixo da pedra até eles, formando uma única mancha vermelha.

Antes ela do que Asmo. Ela não podia ver Asmodeus, porque não tinha como olhar para ela, mas podia ouvi-la. Ela estava chorando alto, como a menininha que no fundo ainda era, uma menininha que havia perdido o caminho na vida. De onde ela tinha vindo? Quem eram seus pais? Julia nem sabia. Lágrimas quentes escorreram pelas bochechas de Julia também, molhando o seu braço e a madeira amarronzada.

Os únicos outros sons na sala vinham do Raposo Reynard, o deus zombeteiro, soltando grunhidos baixos e roucos atrás dela. Em certo momento, algumas terminações nervosas rebeldes tentaram enviar sinais de prazer ao cérebro de Julia, que então os queimou com um pulso elétrico neuroquímico para nunca mais sentirem nada de novo.

Antes de Reynard terminar com Julia, Asmodeus se curvou e vomitou com tudo no chão. Em seguida, ela saiu correndo, escorregando uma vez no próprio vômito, e outra em sangue. Ela chegou à porta, que se abriu para ela e só depois de um bom tempo se fechou. Através da porta, e de uma janela do outro lado do corredor, Julia pôde ver um de relance um pedaço do inocente mundo escuro e verde do lado de fora, agora tão distante.

O deus-raposa latiu alto quando gozou. Ela pôde sentir. A coisa mais terrível e repulsiva, que ela nunca admitiria a ninguém, nem a si mesma, foi que a sensação foi maravilhosa. Não de um jeito sexual – meu Deus, não. Mas aquilo a encheu de poder. Ela rangeu os dentes e fechou os olhos para tentar conter aquele fluxo, mas aquilo chegou até seu cérebro, iluminando-a por dentro com uma energia divina. Ela abriu os olhos e viu essa energia

inundar suas mãos. Quando aquilo chegou às pontas de seus dedos, suas unhas brilharam.

E então, Ele tirou uma coisa dela. Quando ele puxou Seu pênis para fora, uma coisa saiu junto, como se tivesse se enganchado ali – um filme transparente, ao que parecia, uma coisa de dentro de Julia, com a mesma forma que ela. Era uma coisa invisível que sempre esteve dentro dela, e que Reynard havia arrancado. Julia não sabia o que era essa coisa, mas sentiu quando saiu de dentro dela, e estremeceu com essa sensação. Sem aquilo, ela havia se transformado em outra coisa, algo diferente do que ela era antes. Reynard havia lhe dado poder, mas levado em troca uma coisa pela qual ela preferiria ter morrido a ter que abrir mão. Mas ela não teve escolha.

Finalmente, talvez uns dez minutos depois, ela ergueu a cabeça. A lua estava de volta no céu onde era seu lugar, como se fosse inocente e não tivesse feito parte de nada daquilo. Ela era apenas uma lua normal agora, uma rocha estéril, fria e sufocada no meio do vácuo, e nada mais.

Julia se levantou e virou de lado. Ela olhou para Pouncy. Ele ainda estava sentado contra a parede, com seus olhos cinzentos ainda abertos, mas claramente mortos. Talvez ele estivesse no paraíso agora. Ela sabia que deveria estar sentindo alguma coisa, mas não sentiu nada, o que por si só foi aterrorizante. Ela foi até a porta e a atravessou, pisando de leve com seus pés descalços no sangue frio. Ela não olhou para trás. Todas as luzes estavam apagadas. Tudo estava deserto. Não tinha ninguém em casa.

Sem pensar, nem sentir nada, porque não havia mais nada para pensar ou sentir ali a não ser a desagradável mistura grudenta de sangue e sabe-se lá Deus mais o que em seus pés e entre seus dedos, ela saiu para o jardim. *Uma coisa horrível aconteceu*, pensou ela, mas sem qualquer emoção ligada a essas palavras. Os animais trazidos para o sacrifício não estavam mais ali, tendo escapado e fugido de algum jeito, a não ser pelas duas ovelhas, que se recusaram a olhar para ela. Por algum motivo, o sol estava nascendo. Eles deviam ter passado a noite inteira lá dentro. Ela esfregou os pés no orvalho frio, e então se abaixou, molhando as mãos na grama para limpar o rosto.

Em seguida, ela pronunciou uma palavra que nunca tinha ouvido antes e saiu voando, nua e ensanguentada como um bebê recém-nascido, rumo ao céu iluminado pelo amanhecer.

CAPÍTULO 26

Os outros tinham ficado na praia até o amanhecer, esperando que Quentin e Julia voltassem do submundo. Por fim, eles acabaram desistindo e voltaram a suas cabines a bordo do *Muntjac*, mortos de frio e cansaço, para dormir. Quando acordaram, algumas horas depois, eles ficaram aliviados, e depois radiantes, ao verem Quentin e Julia a sua espera no convés.

No entanto, a cena que eles encontraram foi estranha. Julia estava transformada, bela e poderosa de um jeito novo. Ela irradiava um ar de paz e triunfo. Quentin não parecia transformado, mas alguma outra coisa estava acontecendo com ele: por algum motivo, ele estava de quatro no chão, só olhando para as tábuas de madeira no convés.

Eles haviam saído voando, cada vez mais e mais para o alto, até Quentin perceber pouco a pouco que aquela sensação de falta de peso que estava sentindo na verdade era por eles estarem descendo, mas não da mesma forma que haviam chegado ao submundo: eles desceram, passando por entre nuvens úmidas, e depois ele avistou uma lasquinha de madeira lá embaixo em meio ao oceano, que na verdade era o *Muntjac*, com a água a sua volta reluzindo sob a luz da alvorada. A deusa os deixou sobre o convés, deu um beijo na bochecha de Julia e depois desapareceu.

Quentin percebeu que não estava mais conseguindo ficar de pé sozinho; ou que talvez até conseguisse, mas não queria. Ele caiu de quatro e deixou a chave a sua frente. Ele olhou para as boas e velhas tábuas com as quais o

Muntjac era feito, olhou de verdade para elas: depois de uma noite no inferno, tudo parecia mais real, nítido e repleto de detalhes inéditos. As cores pareciam mais brilhantes, até mesmo os tons de cinza, marrom e preto, e outras não cores indistinguíveis e intermediárias pelas quais ele normalmente passaria batido e nem repararia. Ele seguiu as linhas, estrias e rajas da madeira, traçadas e dispostas com uma perfeição despreocupada, claro e escuro, ordem e caos, tudo amalgamado junto com farpinhas nas bordas das tábuas, todas desgastadas e empurradas para ângulos diferentes, uma a uma, pela passagem de pés descuidados.

Ele tinha plena noção do quanto estava parecendo estranho e patético, mas não ligou. Era como se ele pudesse ficar admirando a madeira para sempre. Só aquilo: a boa, resistente e nobre madeira. Quentin pensou que nunca iria perder aquilo. Ele iria apreciar tudo exatamente assim, átomo por átomo, como Benedict apreciaria se pudesse ter voltado do submundo também. Como Alice, e todos os outros. Era tudo o que ele poderia fazer por eles. Na Terra ou em Fillory, será que sequer fazia diferença? Qual era a grande questão? Para qualquer lugar que você olhava, sempre havia tanta riqueza, até não acabar mais. Talvez fosse tudo um jogo, que seria amassado e jogado fora no final, mas enquanto alguém estivesse ali, aquilo seria real.

Ele encostou a testa no convés, com força, como um peregrino penitente, e sentiu o ritmo das ondas chegando até ele lá de baixo, através da madeira, como um pulso, e o calor do sol. Ele foi invadido pelo forte aroma salgado da água do mar e ouviu os passos hesitantes das pessoas espantadas se reunindo a sua volta, sem saber o que fazer. Ele ouviu todos os outros ruídos sem sentido que a realidade vivia fazendo alegremente para si mesma, os chiados, rangidos, baques, zumbidos e outros infinitos mais.

Ele respirou fundo e se sentou. Longe do calor do corpo da deusa, ele agora tremia sob a brisa do mar no comecinho da manhã. Mas até sentir frio estava sendo ótimo. Ele não parava de repetir para si mesmo: *isto é a vida. Aquilo era estar morto, isto é estar vivo. Aquilo era a morte, isto é a vida. Nunca mais vou confundir essas coisas.*

Depois, as pessoas o ergueram e o levaram para baixo até sua cabine. Ele tinha certeza de que conseguiria andar sozinho, mas se deixou ser semicarregado – eles pareciam estar querendo fazer aquilo, e quem era ele para impedir? Em seguida, ele se viu estendido de lado em sua cama. Ele

estava morto de cansaço, mas não queria fechar os olhos, não com tudo aquilo acontecendo a sua volta.

Algun tempo depois, ele sentiu alguém se sentar na borda de sua cama. Julia.

— Obrigado, Julia — disse ele depois de algun tempo. Seus lábios e sua língua pareciam grossos e desajeitados. — Você me salvou. Você salvou tudo. Obrigado.

— A deusa nos salvou.

— Estou muito grato a Ela também.

— Vou dizer isso pra Ela.

— Como você está se sentindo?

— Que acabou — disse ela, simplesmente. — Estou sentindo que finalmente acabou. Eu me transformei naquilo em que estava me transformando.

— Ah — disse ele, e então precisou rir do quanto tinha soado feito um completo idiota. — Só estou feliz por ver que você está bem. Você está bem?

— Eu passei tanto tempo presa num limbo — disse ela, em vez de responder à pergunta. — Eu não tinha como voltar atrás... durante muito tempo, eu quis. Muito tempo. Eu queria voltar pra antes do que tinha acontecido, pra quando eu ainda era humana. Mas eu não tinha como, e eu não tinha como seguir adiante também. Mas então, no submundo, eu de algum jeito percebi pela primeira vez, eu realmente entendi, que nunca mais voltaria a ser o que era. Então só desisti. Foi então que tudo aconteceu.

Quentin ficou meio sem jeito. O que se diz para alguém que acabou de se transformar em um ser sobrenatural? Ele só queria ficar olhando para ela. Ele nunca tinha estado tão perto de um espírito antes.

— Você disse que virou uma dríade.

— Virei, sim. Nós somos as filhas da deusa. Então sou uma semideusa — completou ela, como esclarecimento. — Não sou literalmente filha dela, claro. É uma coisa mais espiritual.

Julia ainda era Julia, mas sua raiva, a sensação de que ela estava em uma ferrenha disputa contra o mundo por alguma questão crucial, havia sumido. E ela tinha voltado a usar contrações.

— Então vocês cuidam das árvores?

— Nós cuidamos das árvores, e a deusa cuida de nós. Eu até tenho uma árvore pra mim, só não sei bem onde ela fica. Mas posso sentir que ela está lá. Vou encontrá-la assim que a gente terminar aqui. — Ela deu risada. Era bom saber que ela ainda conseguia. — Eu sei tanta coisa sobre carvalhos. Eu poderia matar você de tédio de tanto falar sobre isso. Mas enfim, sabe que eu quase perdi a fé na deusa? Eu quase parei de acreditar Nela. Mas então percebi que eu precisava me transformar em alguma coisa. Eu precisava pegar o que tinha sido feito comigo e usar aquilo pra me transformar no que eu queria ser. E era isto aqui o que eu queria. E quando eu a chamei, a deusa apareceu. Eu me sinto tão poderosa, Quentin. É como se tivesse um sol dentro de mim, ou uma estrela, que vai queimar pra sempre.

— Então você... é imortal?

— Não sei. — E então, seu rosto ficou um tanto nublado. — De certa forma, eu já morri. A Julia está morta, Quentin. Eu estou viva, e talvez continue viva pra sempre, mas a menina que eu era morreu.

Sentado tão perto assim de Julia, ele podia ver o quanto ela era inumana agora. Sua pele era como uma madeira clara. A menina que ele tinha conhecido na escola, com suas sardas e seu oboé, havia se perdido para sempre – destruída e descartada durante a produção desse novo ser. Julia nunca mais voltaria a ser mortal. A Julia sentada a seu lado naquela cama era como um magnífico memorial à menina que ela havia sido.

Pelo menos essa nova Julia havia superado tudo aquilo. Ela estava fora do jogo, do jogo da vida e da morte, no qual o resto deles estava preso. Ela era diferente. Ela não era mais uma mistura fraca e desengonçada de carne e osso. Ela era mágica.

— Tem algumas coisas que você deveria saber — disse ela. — Eu posso contar pra você agora, como tudo isso começou. Por que eu mudei e por que os antigos deuses voltaram.

— Sério? — Quentin se ergueu, apoiando-se sobre um cotovelo. — Você sabe?

— Sei, sim — disse ela. — Vou contar tudo pra você.

— Eu quero saber.

— Não é uma história feliz.

— Acho que eu estou pronto — disse ele.

— Eu sei que você acha isso. Mas ela é mais triste do que você imagina.

Não havia mais ilhas. Elas tinham ficado para trás. O *Muntjac* abria caminho em meio ao calmo oceano, dia após dia, cada vez mais e mais ao leste, enquanto o sol nascia a sua frente, passava ardendo pelo céu e depois se apagava ao anoitecer entre as águas atrás deles. O sol, aliás, parecia visivelmente maior pelas manhãs – eles quase podiam ouvir o rugido abafado de suas labaredas, como uma fornalha distante.

Depois de uma semana, o vento parou, mas o céu estava aberto, e durante as manhãs e as tardes, o almirante Lacker erguia a vela de luz, e eles avançavam com a força de uma tempestade de raios de sol. Quentin já havia chegado ao extremo oeste de Fillory, enquanto caçava o Cervo Branco pelo mar Ocidental, mas o extremo leste era um lugar bem diferente. Aquela região tinha um quê polar. O sol brilhava claro e quente ali, mas o ar estava ficando mais frio. Mesmo pelas manhãs, quando o sol parecia perigosamente mais próximo, como se pudesse incendiar o mastro, a respiração de todos se condensava no ar. O azul do céu ali era profundo e brilhante. Era como se Quentin pudesse cair para cima se não tomasse cuidado.

A água era de um gélido azul-turquesa, que o *Muntjac* cruzava quase sem fricção alguma, mal formando qualquer marola. Aquela era uma substância diferente da água do mar comum – mais sedosa e menos densa, quase sem tensão superficial, mais como álcool de limpeza. Apenas um único tipo de peixe a habitava, uma espécie comprida e prateada que reluzia e dardejava sob a água em cardumes em formato de diamante. A tripulação chegou a pescar alguns, mas eles não pareceram ser comestíveis. Eles tinham olhos enormes, mas não havia sinal de boca, e sua carne era de um branco reluzente e fedia a amônia.

O mundo ao redor deles começou a parecer rarefeito. Não era nada que Quentin pudesse identificar com muita clareza, mas o material da realidade em si parecia estar ficando mais tênue e frágil, todo esticado e tenso sobre sua moldura. Era até possível sentir o ar frio da escuridão do outro lado. Todos começaram a andar mais devagar e com cuidado, como se pudessem rasgar o tecido do espaço-tempo por acidente com uma pisada desatenta.

O mar estava ficando mais raso também. Era possível ver o leito através da água vítrea e, toda manhã, quando Quentin saía para olhar, o fundo estava mais próximo. De um ponto de vista oceanográfico, esse era um fenômeno interessante, mas em termos práticos, era um problema. O

Muntjac não era um barco grande, mas ainda tinha seus quase seis metros de casco, e se as coisas continuassem naquele ritmo, acabaria encalhando muito antes de chegar a seja lá para onde eles estavam indo.

— Talvez Fillory não tenha um Fim — disse Quentin uma noite, enquanto eles comiam suas rações cada vez mais ralas e desinteressantes.

— O que, como se fosse infinita? — disse Josh. — Ou tipo uma esfera, como a Terra? Nossa, espero que não. Imagina se a gente só acabar voltando pra Whitespire? Cara, eu ficaria muito puto se tudo isso que a gente fez até agora tiver sido só pra encontrar uma rota marítima, tipo a Passagem do Noroeste ou coisa assim.

Ele lambeu os dedos, chupando o restinho de sal do seu biscoito. Ele era o único que não parecia intimidado com a situação.

— Estou pensando mais em alguma coisa tipo a fita de Möbius. E se este mundo for um contínuo, sem bordas?

— Acho que você está falando da garrafa de Klein, na verdade — disse Poppy. — A fita de Möbius tem bordas, sim. Ou pelo menos uma borda.

— Você está falando da garrafa de Klein — confirmou Julia.

Nada como ter uma semideusa por perto para encerrar uma discussão. Julia não comia mais, mas ainda se sentava com eles durante o jantar.

— Fillory é uma garrafa de Klein? Você sabe?

Julia balançou a cabeça.

— Eu não sei. Mas acho que não.

— Então você não é onisciente? — perguntou Eliot. — Não estou falando por mal. Mas enfim, você não tem certeza?

— Não — disse Julia. — Mas eu sei que este mundo tem um Fim.

Todos eles acordaram cedo na manhã seguinte quando o *Muntjac* encalhou.

Não foi como bater em uma parede. Foi mais gradual: começou com um rangido distante, suave a princípio, que de repente ficou mais intenso, feito osso raspando contra osso, que acabou com tudo a bordo, inclusive a tripulação toda, escorregando tranquila, mas decididamente contra a parede mais próxima enquanto o barco parava por completo. E em seguida, silêncio absoluto.

Todos subiram até o convés com seus roupões e pijamas para ver o que tinha acontecido.

A quietude era arrebatadora. Por toda parte em volta deles, o mar era plano e vítreo como uma camada fresca de verniz. O ar estava parado. Um peixe pulou para fora d'água, a talvez uns quatrocentos metros, mas o barulho ressoou tão alto quanto se tivesse sido bem ao lado deles. As velas pendiam frouxas nos mastros. Até a menor vibração criava uma série de marolas circulares que deslizavam rumo ao horizonte em todas as direções.

— Bom... — disse Eliot — Então é isso. O que a gente faz agora?

Passou pela cabeça de Quentin, assim como já devia ter passado pela de toda a tripulação, que eles já haviam consumido mais da metade de seus suprimentos. Se não tivessem como seguir em frente, eles morreriam no caminho de volta. Ou talvez morreriam ali mesmo, perdidos em um deserto de água.

— Vou falar com o barco — disse Julia.

Como sempre fez mesmo quando ainda era humana, Julia realmente queria dizer aquilo que falava, e só falava aquilo que realmente queria dizer. Ela desceu até o porão, até as entranhas do barco, onde ficava o relógio, e então se ajoelhou e começou a sussurrar, parando de tempos em tempos para ouvir. Não foi uma conversa longa. Depois de quatro ou cinco minutos, ela deu um tapinha na base grossa do mastro do *Muntjac* e se levantou.

— Está resolvido.

Não ficou muito claro de imediato o que estava resolvido, ou como, mas logo se tornou evidente. Eles se ergueram do fundo e começaram a seguir adiante de novo como se nada tivesse acontecido. Quentin só entendeu o que tinha acontecido quando olhou para trás por acaso e viu o rastro sendo deixado pelo barco. Enormes tábuas, vigas e outras várias partes antigas de madeira estavam boiando pela água atrás deles. O *Muntjac* estava se tornando menor, reconstruindo-se da quilha ao convés, e descartando seus restos no caminho. Ele estava se desfazendo de seu próprio corpo por eles.

Quentin sentiu até um ardor nos olhos. Ele não sabia que tipo de ser o *Muntjac* era, se ele tinha sentimentos ou se era apenas uma espécie de mecanismo, uma inteligência artificial feita de corda e madeira, mas sentiu uma onda de gratidão e tristeza. Eles já haviam exigido muita coisa daquele pobre barco.

— Obrigado, velho amigo — disse Quentin, caso ele, ou ela, pudesse ouvi-lo. Ele deu um tapinha em seu parapeito surrado. — Você nos salvou mais uma vez.

Quanto mais raso o oceano ficava, mais o *Muntjac* precisava se modificar. Quentin pediu à tripulação para trazer a preguiça para cima, que se deixou ser pendurada em uma verga, agora piscando e bocejando ao ar livre. Eles esvaziaram as cabines e o porão, e empilharam tudo o que havia restado em volta deles no convés.

Batidas e rangidos emanavam do porão, das profundas entranhas do barco. Quentin pôde ver enquanto primeiro a popa alta e imponente do *Muntjac* caía na água, e depois seu gurupés e todo o castelo de proa. Lá pelas quatro da tarde, o mastro de mezena tombou contra a água com um violento baque e ficou para trás. O mastro de proa foi perdido no final do dia. Eles dormiram no convés aquela noite, tremendo e enrolados em cobertores sob a brisa fria.

Pela manhã, quando eles acordaram, o mar estava raso o bastante para que fosse possível andar pela água, e o *Muntjac* havia se transformado em uma balsa simples de um mastro só. Seu casco inteiro tinha ficado para trás; apenas o convés havia sobrado. O oceano refletia o céu limpo da alvorada, criando uma planície infinita de um baço tom de rosa. Quando surgiu no horizonte, o sol estava imenso – foi possível ver sua coroa de luz ardendo em volta de sua face brilhante e insuportável aos olhos.

Ao meio-dia, eles encalharam de novo – a frente da balsa parou rangendo contra o leito arenoso. Era o fim; o *Muntjac* não teria como continuar. Ele não tinha mais nada a oferecer.

Mas àquela altura, eles já podiam ver que sua jornada de fato tinha sim um destino. Uma linha baixa e escura havia se materializado ao longe, pegando o horizonte de ponta a ponta. Seria impossível calcular a que distância aquilo estava.

— Acho que a gente vai ter que andar — disse Quentin.

Um a um, Eliot, Josh, Julia e Poppy pularam para fora da balsa e caíram na água, que era fria, mas rasa, não chegando nem aos joelhos.

Eles já estavam seguindo adiante quando ouviram um barulho na água atrás deles. Bingle havia pulado por cima do parapeito – ele iria junto também. Ele claramente ainda não se achava dispensado de suas funções como guarda-costas. E Abigail, a preguiça: ele estava trazendo-a nas costas, com seus longos braços em volta do pescoço como um cachecol de pele e suas garras enganchadas umas nas outras em frente ao peito.

A solidão emanada por aquela cena era desconcertante. Depois de uma hora, o barco já estava praticamente invisível ao longe, e o único som era o contínuo *slosh-slosh* de seus passos. Às vezes, peixes sem boca apareciam e resvalavam de leve contra seus tornozelos. Era mais fácil andar em meio àquela água rala do que seria entre a água de um mar comum; ela oferecia menos resistência. Julia caminhava pela superfície, como a semideusa que era. Ninguém dizia nada, nem Abigail, que quase nunca ficava sem palavras. O oceano se estendia liso como vidro até o horizonte.

O sol ardia sobre suas cabeças. Depois de um tempo, Quentin desistiu de olhar para a frente e só abaixou os olhos, contemplando suas botas pretas de sempre dando passo após passo. A cada passo, eles chegavam mais perto do final da história. Eles iriam pôr um fim naquilo. Algo ainda poderia dar errado, provavelmente, mas ele não imaginava o quê. Ele podia medir seu avanço com base no nível cada vez mais baixo da água, que desceu de sua panturrilha até seu calcanhar, até por fim se resumir a uma fina camada úmida sob seus pés. Tempos depois, o sol já estava baixo no céu atrás deles. Ao longe, a sua direita, uma única estrela havia surgido, com seu reflexo gêmeo reluzindo abaixo na água.

— Vamos logo — disse Julia. — Estou sentindo a magia se esvaír.

Àquela altura, a parede à frente deles já estava muito clara. Ela tinha talvez três metros de altura e era feita de tijolos antigos e estreitos — pareciam ser os mesmos tijolos usados na parede do inferno. As duas deviam ter sido feitas pela mesma empreiteira. A parede despontava atrás de uma praia estreita de areia cinzenta que se estendia até o horizonte para os dois lados. Havia uma enorme porta antiga de madeira instalada ali, já surrada pelo tempo e pelo clima. Chegando mais perto, eles puderam ver que a porta tinha sete fechaduras de tamanhos diferentes.

De cada lado da porta, havia duas cadeiras simples de madeira, daquelas que poderiam ter sido exiladas à varanda por estarem velhas demais para a sala de jantar, mas que ainda eram boas e fortes demais para se jogar fora. Elas não eram iguais; uma delas era de vime. Nessas cadeiras, estavam sentados um homem e uma mulher. O homem era alto e magro, com seus cinquenta e tantos anos, e um rosto sério e estreito. Ele usava um *smoking* preto, com cauda e tudo. Ele lembrava um pouco Abraham Lincoln a caminho do teatro onde seria assassinado.

A mulher era mais ou menos uma década mais jovem, de pele clara, extremamente bela. Assim que eles chegaram à margem seca, ela ergueu a

mão para cumprimentá-los. Aquela era Elaine, a agente alfandegária da Ilha Distante. Ela parecia estar muito mais séria do que da última vez em que eles a viram. Ela tinha algo no colo, a Lebre Vidente, e estava fazendo carinho nela.

Ela se levantou, e a lebre pulou para o chão e saiu correndo pela praia. Quentin a viu indo embora. Isso o lembrou da pequena Eleanor e de seus coelhinhos alados. Onde ela poderia estar? Quem estaria cuidando dela? Antes de pôr um ponto final naquela história, ele iria perguntar.

— Boa tarde — disse Elaine. — Sua majestade. Sua alteza. Boa tarde para todos vocês. Eu sou a agente alfandegária. Sou responsável pelas fronteiras de Fillory. Por todos os tipos de fronteiras — ressaltou ela, olhando para Quentin. — Creio que vocês já conheçam o meu pai. Espero que ele não tenha lhes causado muitos inconvenientes.

Então ele era o pai dela? Ah! De volta ao conto de fadas. Quentin achou que tudo aquilo se encaixava muito bem.

— Droga, já está quase na hora — disse o homem. — Os deuses estão quase acabando o serviço. A magia está quase no fim e, sem ela, Fillory irá se fechar como uma caixa com todos nós aqui dentro. Vocês estão com as chaves?

Quentin olhou para Eliot.

— Vá você — disse o Grande Rei. — Essa aventura deveria ter sido sua desde o começo.

Eliot estendeu a argola com as sete chaves, e Quentin a pegou e foi até a enorme porta de madeira. Ele endireitou as costas e encolheu a barriga enquanto andava. Chegou a grande hora, pensou ele. O momento de triunfo.

As pessoas recontariam aquela história para sempre. Embora talvez elas fossem deixar de fora o quanto aquela praia parecia melancólica ao anoitecer, como todas as praias no começo da noite, quando tudo aquilo acabasse. Hora de limpar a areia dos pés, entrar no carro e voltar para casa.

— Da menor para a maior — disse o homem de *smoking*, com um ar sério, mas não seco. — Pode começar. Deixando cada uma em sua fechadura.

Quentin tirou as chaves uma a uma da argola. A primeira fechadura, a menor, girou com facilidade – mal foi possível sentir o mecanismo de pequeninas engrenagens bem lubrificadas se engatando, interligando e girando dentro da porta. Mas a cada fechadura, a resistência parecia maior.

A quarta era tão alta que ele precisou se erguer na ponta dos pés. Ele mal conseguiu girar a sexta, e quando finalmente começou a sentir algum avanço, enquanto seus ossos se curvavam para trás e os nós de seus dedos ficavam esbranquiçados pelo esforço, uma luz explodiu dentro do buraco e cuspiu faíscas que queimaram seu pulso.

A última simplesmente não girava, e Quentin acabou tendo que pedir a espada de Bingle, que ele espetou através da parte vazada no cabo da chave para usar como alavanca. Ainda assim, o homem de *smoking* teve que se levantar de sua cadeira para ajudá-lo.

Quando ela finalmente começou a se mexer, foi como se ele tivesse encaixado uma chave em um buraco no centro do universo. Juntos, os dois deram tudo o que tinham – Quentin ficou com o rosto espremido contra o ombro do homem. Seu *smoking* tinha um leve cheiro de mofo. Conforme a chave girava, as estrelas no céu a acompanhavam. O cosmos inteiro estava rodando em volta deles, ou talvez fosse Fillory que estivesse girando, ou talvez não fizesse diferença. O céu escuro passou sobre eles até ser substituído por um céu claro. Eles continuaram girando, e então o céu claro afundou no horizonte de novo, e as estrelas voltaram a aparecer.

O círculo estava completo. Eles voltaram ao ponto onde tinham começado. Um clique profundo pareceu ecoar pela eternidade, reverberando nas paredes externas do mundo, como um cofre de banco sendo aberto em uma catedral. A porta se abriu devagar para dentro. Do outro lado, havia apenas espaço vazio, um céu escuro, estrelas. Quentin deu um passo involuntário para trás. Todos na praia, inclusive Bingle, inclusive a preguiça, soltaram uma respiração que eles nem imaginavam estar prendendo.

— Bom — disse Elaine, trêmula. Ela estava toda vermelha e até riu um pouco. — Tenho que admitir, eu não sabia se isso ia mesmo funcionar.

— Funcionou? — perguntou Quentin. Ele olhou para os lados, procurando algum sinal de que as coisas estavam diferentes.

— Funcionou.

— Funcionou — disse Julia.

Alguém agarrou Quentin por trás para um forte abraço de urso. Era Josh. Eles caíram na areia fria juntos, com Josh por cima.

— Cara! — gritou Josh. — Mandou bem! A gente acabou de salvar a magia!

— Parece que sim. — Quentin começou a rir, e depois não conseguiu mais parar. Aquilo tinha chegado ao fim. A magia não iria mais abandoná-los. Eles agora tinham sua própria magia, e ela estava a salvo. Não só em Fillory, mas em todos os lugares. Ninguém mais poderia tomá-la deles. Os Salvadores de Toda a Magia provavelmente deveriam agir com mais decoro, mas que o decoro fosse às favas. Poppy soltou um gritinho e pulou em cima deles.

— Seus tontos — disse Eliot, mas abrindo seu sorriso torto e bizarro. — A gente devia ter trazido champanhe.

Quentin se esparramou de costas na areia e olhou para o céu escuro. Ele poderia cair no sono bem ali na praia e dormir o caminho inteiro de volta até Whitespire. Ele fechou os olhos. E ouviu a voz de Elaine.

— Se você quiser — disse ela —, pode atravessar para o outro lado.

Quentin abriu os olhos de novo. Ele se sentou na areia.

— Calma aí — disse ele. — Sério? Atravessar a porta? O que tem do outro lado?

— O Outro Lado do Mundo — disse a agente alfandegária, simples e direta.

— O Outro Lado — disse Eliot. — Não sei o que isso quer dizer.

— Então vou explicar — disse ela, sentando-se de volta na cadeira. — Fillory não é uma esfera, como o mundo onde você nasceu. Fillory é plana.

— Então não é uma garrafa de Klein? — perguntou Josh.

— Eu tenho tantas dúvidas — disse Poppy. — Tipo, como funciona a gravidade?

— Assim sendo — continuou Elaine, ignorando os dois —, Fillory tem um outro lado. Um verso, por assim dizer.

— Como é isso? — perguntou Quentin. — O que tem lá?

— Nada. E tudo. — Quando tudo aquilo acabasse, o que Quentin mais queria era só tirar umas férias e passar um bom tempo longe de deuses, demônios e suas elucubrações enigmáticas. — Há outro mundo lá, esperando para nascer. Um mundo para o qual Fillory foi, de certa forma, apenas um mero esboço. Você pode até fazer a seguinte analogia: o Outro Lado está para Fillory como Fillory está para a Terra. Um lugar mais verde. Mais real, um lugar mais mágico.

Isso era novidade. Quentin, Poppy e Josh se levantaram da areia, sentindo-se meio bobos. Eles se limparam e ficaram ouvindo com atenção.

— Cada um de vocês tem a escolha de ir para lá ou ficar aqui. Depois de passar por essa porta, não posso garantir a ninguém que será possível voltar. Mas se vocês não forem agora, nunca mais terão outra chance.

— Mas o que tem lá? — perguntou Quentin. — Como é esse lugar?

Ela olhou para Quentin, com um ar calmo e direto.

— É o que você quer, Quentin. É tudo o que você está procurando. A maior aventura de todas as aventuras.

Então era isso. O verdadeiro fim da história, o final feliz. A única coisa que veio a sua mente foi: Alice. Ela poderia estar a sua espera lá. Elaine olhou para todos ali, espalhados quase em um semicírculo ali em volta. Ela parou seus olhos em Eliot primeiro. Ele balançou a cabeça devagar.

— Eu sou o Grande Rei. — Quentin nunca tinha ouvido sua voz tão séria antes. — Eu não posso ir. Não vou abandonar Fillory.

Ela se virou para Bingle, que ainda estava com a preguiça em suas costas, observando a cena por cima dos ombros do guerreiro como um filhotinho de coala. Bingle fechou seus olhos pesados.

— Voltar nunca estive no meu destino — disse ele. Bingle deu um passo à frente. Então ele estava certo mesmo no final das contas. Àquela altura, Quentin achou que Bingle merecia passe livre para ser dramático assim.

— Eu também irei — disse a preguiça por cima de seu ombro, caso alguém já tivesse se esquecido dela.

Elaine deu um passo ao lado e fez um gesto para que eles passassem. Sem hesitar, Bingle foi até a porta e a abriu por inteiro.

Ele ficou silhuetado contra aquele imenso vazio cintilante. Um cometa cruzou zunindo o céu escuro do outro lado, deixando um alegre rastro de centelhas e faíscas como um rojão barato. Aquilo devia ser o equivalente ao espaço sideral em Fillory, imaginou Quentin. Na parte inferior da porta, ele pôde ver apenas uma das pontas da lua prateada crescente. Ela estava subindo, rumo a seu lugar de sempre no céu noturno de Fillory.

A impressão era que você poderia ser sugado pela porta se chegasse perto demais, como em uma câmara pressurizada. Mas Bingle apenas ficou parado ali, olhando para os lados.

— Fica mais para baixo — disse Elaine. — Você vai ter que descer.

Devia ter uma escada ali. Bingle se virou para eles, ajoelhou no chão, sem pressa para não derrubar a preguiça, e bateu com o pé até claramente encontrar um apoio. Ele acenou em despedida para Quentin e começou a

descer, degrau por degrau. Seu estreito rosto cor de oliva desapareceu borda abaixo.

— Depois que você passar da metade, o sentido da gravidade se inverte — gritou Elaine para ele. — E você vai começar a subir. Não é tão complicado quanto parece — complementou ela para os outros.

Ela se virou para Quentin.

Quentin já tinha tomado essa mesma decisão duas vezes antes. Ele já tinha se visto diante de um novo mundo e decidido explorá-lo. Para ir a Brakebills, ele jogou sua vida inteira fora, todo o seu mundo e as pessoas que ele conhecia, em troca de um universo mágico novinho em folha. Foi fácil, afinal de contas, antes ele não tinha nada que valesse a pena mesmo. E ele fez o mesmo de novo quando veio para Fillory, e dessa segunda vez não foi muito mais difícil. Mas agora, na terceira, estava sendo difícil, muito difícil. Agora, ele tinha algo a perder.

Mas ele agora era mais forte também. Ele se conhecia melhor. Aquela jornada na verdade ainda não tinha acabado. Ele não iria voltar. Ele olhou para Eliot.

— Pode ir — disse Eliot. — Um de nós deveria ir mesmo.

Meu Deus, será que ele era tão transparente assim?

— Pode ir — disse Poppy. — Essas coisas são a sua cara, Quentin.

Ele a abraçou.

— Obrigado, Poppy — sussurrou ele, e depois disse o mesmo a todos. — Obrigado.

Sua voz falhou na segunda vez. Ele não ligou.

Parado em frente à porta, ele respirou fundo como se estivesse prestes a entrar em uma piscina. Ele podia ver tudo dali: ele estava nos bastidores do cosmos. Mas bem lá embaixo, ele pôde ver Bingle e a preguiça, minúsculos, ainda descendo pelo que parecia ser uma coluna sem fim de degraus de ferro. A lua inteira pendia bem a sua frente, gloriosa e reluzente em meio ao abismo, brilhando com sua própria luz. Era como se ele pudesse pular até ela, que era lisinha e branca, sem crateras. Ele nunca tinha notado como suas duas pontas eram finas.

Ele se ajoelhou para começar a descer.

— Que estranho. — A agente alfandegária franziu a testa. — Espere um pouco. Onde está o seu passaporte?

Quentin parou, com um joelho no chão.

— Meu passaporte? — rebateu ele. De novo aquilo. — Não está comigo. Eu o entreguei para aquele menino no inferno.

— No inferno? No submundo?

— Bom, sim. Eu tive que ir lá. Era onde a última chave estava.

— Ah — ela juntou os lábios. — Sinto muito, mas você não pode ir sem um passaporte.

Ela não podia estar falando sério.

— Então calma — disse Quentin. — Eu tenho um passaporte, sim. Foi Eleanor quem me fez. Só não está comigo. Ele ficou lá no submundo.

Elaine abriu um sorriso, um sorriso cansado não totalmente seco, mas também não muito cheio de compaixão.

— Ela só pode fazer um passaporte para você, Quentin. Você já usou o seu. Sinto muito. Não posso deixar você passar.

Aquilo não podia estar acontecendo. Ele se virou para os outros que estavam ali, olhando para ele com expressões vazias, como os passageiros de um carro olham para o motorista quando ele é parado por um policial na estrada por correr demais. Ele tentou dizer alguma coisa com seu rosto, alguma coisa como “dá pra acreditar nessa porra?”. Mas não foi fácil. Sim, era uma regra, mas não era só isso. O que estava em jogo ali era seu destino, e ela não podia acabar como o seu sonho por uma mera questão burocrática.

— Tem que ter alguma brecha. — Ele ainda estava ajoelhado na beirada, olhando para ela, já com a metade do corpo para fora da porta. Ele podia sentir o Outro Lado o puxando, reluzente e feliz, com sua própria gravidade. Era lá onde sua história continuava. — Algum jeito. Eu não tive escolha, eu precisei ir pro submundo. E não quero jogar isso na cara de ninguém, mas se eu não tivesse descido lá, nós nunca teríamos conseguido abrir esta porta. Nós nem estaríamos aqui. O mundo teria acabado...

— É por isso que esta situação é tão difícil.

— ...então, sabe... — Quentin continuou, erguendo a voz — ...se eu não tivesse ido pro submundo, ninguém nem teria como ir pro Outro Lado do Mundo. — Ele sabia que se pudesse se impor, tudo daria certo. — O Outro Lado já nem existiria mais. Tudo aqui já teria acabado.

A expressão no rosto de Elaine não se alterou. Aquela mulher era louca. Ela não iria mudar de ideia, independente do que ele dissesse.

— Tudo bem — disse Quentin. Ele esperou o máximo que pôde e então se levantou. Ele ergueu as mãos. — Tudo bem.

Se tinha uma coisa que ele havia aprendido naquela maldita jornada era a levar pancada. Ele abaixou as mãos. Dane-se, ele ainda era um rei. Esse já era um bom destino. Ele não tinha do que reclamar. Ele já havia vivido sua cota de aventuras. Sabia disso. Quentin foi até o lado de Poppy, a mulher que ele tinha acabado de tentar abandonar. Ela o pegou pela cintura e deu-lhe um beijo na bochecha.

— Vai ficar tudo bem — disse ela. Suas mãos estavam frias. Elaine começou a fechar a porta.

— Espere — disse Julia. — Eu quero ir. — A agente parou, mas não pareceu duvidar dela. — Eu quero passar — disse Julia. — Minha árvore está me esperando no Outro Lado. Eu posso sentir.

Elaine trocou alguns sussurros com seu parceiro, mas quando terminaram, os dois balançaram a cabeça.

— Julia, você precisa assumir parte da culpa pela catástrofe que quase aconteceu. Você e os seus amigos invocaram os deuses, atraíram a atenção deles para nós e os trouxeram de volta. Você traiu este mundo, ainda que de forma inconsciente, para aumentar seu próprio poder. Você precisa sofrer alguma consequência.

Por um longo instante, Julia ficou apenas imóvel, olhando não para a agente alfandegária, mas para a porta semiaberta. Depois, sua pele começou a brilhar, enquanto seus cabelos soltavam faíscas. Não foi difícil entender os sinais. Ela estava pronta para passar à força se fosse preciso.

— Calma — disse Quentin. — Espera aí. Acho que você não está levando em conta uma coisa. — Já era quase de noite agora, com o céu tomado por estrelas. — Você por acaso sabe pelo que ela passou? O que ela perdeu? E você ainda vem falar de consequências? Ela já sofreu mais consequências do que você imagina. E, ah, aliás, não que isso tenha muito valor, pelo visto, mas ela também salvou o mundo. Acho que o que ela merece é uma recompensa.

— Ela fez suas próprias escolhas — disse o homem na cadeira ao lado da porta. — Tudo isso está na balança.

— Sabe, eu reparei que vocês, seja lá quem vocês forem, gostam muito de delegar esse tipo de responsabilidade. Mas enfim, Julia não teria feito aquilo se eu a tivesse ajudado a estudar a magia.

— Quentin — disse Julia. — Pare. — Ela ainda estava faiscando, pronta para atacar.

— Se vocês querem entrar nesse tipo de joguinho, vamos jogar então. Julia só fez aquilo por causa de mim. Então, se vocês querem um culpado, o culpado sou eu. Ponham essa mancada na minha conta, onde ela devia estar, e deixem que ela vá pro Outro Lado. Onde ela devia estar.

O silêncio voltou a dominar a praia no fim do mundo. Eles agora estavam apenas sob a luz das estrelas, do luar, vazando pela porta semiaberta, e de Julia: que estava envolta por um leve brilho, uma intensa luz pálida que projetava as sombras de todos para trás sobre a areia e reluzia sobre a água.

Elaine e o homem bem-vestido voltaram a trocar sussurros por um longo instante. Pelo menos eles não estavam discutindo por causa de um passaporte. Julia provavelmente não havia precisado usar o dela para entrar no submundo. Ela havia passado por baixo do radar.

— Tudo bem — disse o homem, quando eles terminaram. — Nós concordamos. Você irá se responsabilizar pelo erro de Julia, e ela poderá passar.

— Tudo bem — disse Quentin. Às vezes, você acaba dando uma dentro quando menos espera. Ele sentiu uma estranha leveza. Como se estivesse flutuando. — Ótimo. Obrigado.

Julia virou sua cabeça e abriu um sorriso para ele, seu lindo sorriso etéreo. Ele se sentiu livre. Ele estava acostumado à ideia de ter que carregar sua parte da angústia de Julia pelo resto da vida. Agora, de repente, ele havia se livrado daquilo quando menos imaginava, e era como se ele pudesse sair voando pelo ar. Ele havia feito uma reparação, era essa a palavra.

Julia pegou as duas mãos de Quentin e deu-lhe um beijo na boca, um beijo longo, por fim cheio de alguma coisa parecida com o amor verdadeiro. Semideusa ou não, naquele instante Julia pareceu voltar a ser ela mesma de uma forma como ele não a via há anos, desde o último dia que eles passaram juntos no Brooklyn, quando suas vidas mudaram totalmente de rumo. Apesar de tudo o que ela havia perdido, aquela era Julia, por completo. E Quentin estava se sentindo bastante completo também.

Ela foi até a porta, mas não se ajoelhou. Ela endireitou as costas e se preparou como uma mergulhadora olímpica, e então, ignorando a escada,

saltou da borda, direto para baixo, e sumiu.

Depois que ela foi embora, a praia ficou um pouco mais escura.

Tudo finalmente estava feito e encerrado. Quentin estava pronto para ver a cortina cair. Ele não estava muito empolgado para a longa caminhada noite adentro até o *Muntjac*, e só Deus sabia como eles iriam voltar para casa depois. Com certeza deveria haver algum truque, um resto de magia por ali que pudesse fazer com que eles pulassem essa parte. Talvez Ember aparecesse.

— Onde está a droga daquele Cavalo Carinho quando a gente precisa, né? — Pelo visto, Josh estava pensando a mesma coisa.

— E como Quentin irá pagar? — disse a agente alfandegária. Ela estava falando com o homem de smoking preto.

De repente, Quentin se sentiu menos cansado.

— Como assim? — perguntou ele. Os dois voltaram a trocar sussurros.

— Esperem aí — disse Eliot. — Não é assim que as coisas funcionam.

— É sim — disse o homem. — É assim que as coisas funcionam. A dívida de Julia agora é de Quentin, e ele deverá pagá-la. Qual é a coisa mais preciosa do mundo para Quentin?

— Bom — disse Quentin. — Eu já não vou mais poder ir pro Outro Lado.

Genial. Ele teria dado um ótimo advogado. Mas um pensamento o deixou paralisado: eles iriam levar Poppy embora. Ou fazer alguma coisa com ela. Ele ficou com medo até de olhar para ela só para não dar a eles nenhuma ideia.

— A coroa dele — anunciou Elaine. — Sinto muito, Quentin. A partir de agora, você não é mais um rei de Fillory.

— Você está abusando da sua autoridade — esbravejou Eliot.

Quentin estava preparado para o pior, mas quando ouviu aquilo, nem sentiu nada. Era só aquilo o que eles iriam tirar dele, e tudo bem, poderiam tirar. Já tinham tirado. Ele nem se sentiu diferente. Tudo aquilo, a tal nobreza, era mesmo muito abstrato. Ele concluiu que só sentiria falta de seu quarto enorme e tranquilo no Castelo de Whitespire. Quentin se virou para os outros, mas nenhum deles estava olhando para ele de modo diferente. Ele respirou fundo.

— Bom — disse ele, meio bobo. — O que vem fácil, vai fácil.

Esse foi o fim de Quentin, o Rei Mago, simples assim. Ele era outra pessoa agora. Era uma coisa boba para se ficar triste, na verdade. Porque enfim, pelo amor de Deus, eles tinham acabado de salvar a magia, de salvar as vidas de todo mundo ali. Julia havia encontrado a paz. Eles tinham terminado a jornada. Aquilo não era uma derrota, era uma vitória.

Elaine e o homem de *smoking* voltaram a seus postos, em suas cadeiras, como um par de estátuas sentadas. Bom trabalho. Nossa, ele nem conseguia acreditar que tinha dado em cima dela na Ilha Distante. No final das contas, ela não era muito diferente do próprio pai.

Mas pelo menos ele ainda tinha boas esperanças para a filha dela.

— Mande um abraço pra Eleanor — disse ele.

— Ah, Eleanor — disse Elaine com o tom de desdém que reservava para sua filha. — Ela ainda fala o tempo todo de quando você a carregou nas costas, do quanto ela conseguia enxergar longe. Você deixou uma impressão e tanto nela.

— Ela é um amor de menina.

— Mas ainda não aprendeu a ler as horas. Sabia que ela agora está totalmente obcecada pela Terra? Ela me pediu para ir estudar lá, e fiquei bem tentada, vou ser sincera. Estou contando os dias.

Ótimo para Eleanor, pensou Quentin. Assim ela sairia da Ilha Distante. Ela ficaria bem.

— Veja só — disse ele. — Quando ela terminar a escola, me dê um toque. Talvez eu possa recomendar uma faculdade pra ela.

Era hora de ir embora.

O mar não estava mais vazio. Algo o atravessava na direção deles: era Ember, atrasado como sempre, trotando com elegância pela fina camada de água. Ele nunca perderia um bom destronamento mesmo.

— Bom — disse Quentin. — Vamos voltar pro *Muntjac* então? Ou o quê? — Talvez o carneiro mágico pudesse lhes oferecer uma carona para casa. Ele realmente esperava que sim. Ember parou ao lado de Eliot.

— Você não, Quentin — disse Ele.

E então, Eliot fez uma coisa que Quentin nunca tinha visto antes, mesmo depois de tudo pelo que eles já haviam passado juntos. Ele chorou. Ele se virou e deu alguns passos pela praia, de costas para eles, com os braços cruzados e a cabeça abaixada.

— Hoje é um dia negro para Fillory — disse Ember. — Mas você sempre será lembrado por aqui. E todas as coisas boas precisam acabar.

— Espera aí! — Quentin reconheceu aquele discursinho. Era a despedida genérica que Ember dava nos livros, sempre que fazia a Sua especialidade, que era chutar os visitantes para fora de Fillory no final. — Eu não entendo. Olha, agora já chega.

— Sim, Quentin, agora já chega. É exatamente isso.

— Sinto muito, Quentin. — Eliot nem conseguia encará-lo. Ele tomou um fôlego trêmulo. — Não tem nada que eu possa fazer. Essa sempre foi a regra.

Por sorte, Eliot tinha um belíssimo lenço bordado para enxugar os olhos. Provavelmente, ele nunca havia usado aquilo antes.

— Pelo amor de Deus! — Quentin bem que poderia se irritar, ele não tinha mais nada a fazer mesmo. — Você não pode me mandar de volta pra Terra, eu moro aqui agora! Eu não sou nenhum moleque que precisa voltar pra casa antes de escurecer ou a tempo de ir pra aula, eu sou um adulto, porra. Esta aqui é a minha casa! Eu não sou mais da Terra, eu sou um filloriano!

O rosto de Ember continuou impassivo sob Seus enormes chifres. Eles se curvavam para trás, saindo de Sua testa coberta de lã, e eram canelados como conchas antigas.

— Não.

— Não é assim que isso vai acabar! — disse Quentin. — Eu sou o herói da porra desta história, Ember! Lembra? E o herói ganha uma recompensa!

— Não, Quentin — disse o carneiro. — O herói paga o preço.

Eliot pôs a mão no ombro de Quentin.

— Você conhece o ditado — disse Eliot. — Uma vez rei de Fillory, sempre...

— Não comece — rebateu Quentin. — Não comece. Isso é baboseira e você sabe disso.

— Acho que sim — suspirou Eliot.

Eliot havia se recomposto agora. Ele estendeu algo para Quentin, alguma coisa pequena e perolada, entre seus dedos sobre o lenço.

— É um botão mágico. Ember o trouxe. Ele irá levar você pra Terra Nula. Você poderá voltar pra Terra de lá, ou ir para onde quiser. Você só não pode voltar pra cá.

— Eu posso te passar uns contatos, Quentin! — disse Josh, tentando parecer empolgado. — Sério, eu praticamente mando na Terra Nula agora. Você quer conhecer uns Teletubbies? Eu faço um mapa pra você!

— Ah, deixa pra lá. — Ele ainda estava irritado. — Bom, gente, vamos voltar pra porra do nosso planeta natal então.

Estava tudo acabado. Ele sempre odiou essa parte, mesmo quando era só em uma história, mesmo quanto não tinha a ver com ele. Quentin logo começaria a pensar no futuro. Não seria tão ruim. Ele e Josh poderiam viver em Veneza. E com Poppy. Não seria nada mau, na verdade. Era só que ele estava se sentindo como se tivesse acabado de perder um membro, e estivesse olhando para baixo, só esperando para começar a sangrar até a morte.

— Nós não vamos, Quentin — disse Poppy. Ela estava ao lado de Eliot.

— Nós vamos ficar — disse Josh. Mesmo no frio e em meio à escuridão, Quentin pôde ver Josh ficando todo vermelho. — Nós não vamos voltar.

— Ah, Quentin! — Ele nunca tinha visto Poppy tão angustiada, nem quando eles estavam quase morrendo de frio. — Nós não podemos ir! Fillory precisa da gente. Sem você e Julia, dois tronos vão ficar vazios. Um rei, uma rainha. Nós temos que assumir esses lugares.

Claro. Um rei e uma rainha. Rei Josh. Rainha Poppy. Longa vida aos dois. Ele iria voltar sozinho.

Isso sim o pegou mais fundo. Ele sabia que as aventuras sempre eram difíceis. Ele tinha entendido que precisaria se esforçar muito, resolver problemas complicados, enfrentar inimigos, ser valente e tudo mais. Mas aquilo estava sendo difícil de um jeito que ele não imaginava. Você não tinha como matar aquela situação com uma espada, ou resolvê-la usando um feitiço. Não era nada com que você pudesse lutar. Era só uma coisa que você precisava aceitar, e que não deixava ninguém parecendo mais honrado, nobre ou heroico. Você era o cara de quem as pessoas tinham pena, e só. Nada que rendesse uma boa história — aliás, ele agora estava vendo que as histórias passavam uma ideia muito errada, sobre o que você ganha e sobre as coisas de que você precisa abrir mão. Não era como se ele não aceitasse aquilo. Ele só não tinha entendido. Ele não estava preparado.

— Desculpa, estou me sentindo um bosta, Quentin — disse Josh.

— Não, olha, vocês têm razão. — Os lábios de Quentin estavam dormentes. Ele continuou falando: — Eu devia ter pensado nisso antes.

Sério, vocês vão adorar.

— Você pode ficar com o meu palácio.

— Legal, cara, valeu. Vai ser bacana.

— Desculpa, Quentin! — Poppy o abraçou. — Eu tive que aceitar!

— Tudo bem! Relaxa!

Não era bonito ver um adulto falando, “Ah, não é justo!”. Mas a verdade é que aquilo não parecia nada justo mesmo.

— Chegou a hora — disse Ember, parado ali sobre Seus pequenos cascos idiotas como se fosse uma bailarina.

— Olha, a gente precisa encerrar isso já — disse Eliot. Seu rosto estava pálido. Aquilo estava custando caro para ele também.

— Tá certo. Tudo bem. Me dê o botão.

Josh o abraçou com força, e depois Poppy. Ela o beijou também, mas ele mal sentiu. Ele sabia que iria se arrepender depois, mas já não estava aguentando mais. Ele precisava ir embora logo ou acabaria implodindo.

— Vou sentir sua falta — disse ele. — Seja uma boa rainha.

— Eu tenho uma coisa pra você — disse Eliot. — Eu estava guardando pra quando tudo acabasse, mas... bom, acho que tudo já acabou.

De dentro de sua jaqueta, Eliot sacou um relógio de bolso de prata. Quentin reconheceria aquilo em qualquer lugar: era da arvorezinha-relógio que estava crescendo na clareira mágica em Queenswood, onde tudo havia começado. Eliot devia tê-la colhido quando voltou lá. O relóginho estava fazendo um alegre tique-taque, como se estivesse feliz em revê-lo.

Ele o guardou no bolso. Ele não estava no clima para alegria. Era uma pena que o relógio não fosse de ouro: o presente clássico de aposentadoria.

— Obrigado. Ele é lindo. — E era mesmo.

A enorme lua crescente de Fillory estava subindo mais, passando pela parede na borda do mundo com um salto noturno. Ela não rugia, como o sol, mas de tão perto assim, emitia um leve zunido, como o de um diapasão ao ser tocado. Quentin deu uma longa e fixa olhada para ela. Ele provavelmente nunca mais a veria de novo.

Em seguida, Eliot o abraçou, um abraço demorado, e quando terminou, deu-lhe um beijo na boca. Isso, Quentin sentiu.

— Desculpa — disse Eliot. — Mas é que você estava beijando todo mundo.

Ele estendeu-lhe o botão. A mão de Quentin tremeu. Mesmo antes de pegá-lo, quase antes de tocar no botão, ele já estava flutuando para cima através de uma água fria.

Sempre foi frio na Terra Nula, mas ele não se lembrava de ser tão frio assim. A água ardia contra sua pele – era um frio ártico, como o que ele sentiu quando teve que correr até o polo, saindo de Brakebills do Sul, anos atrás. O corte em suas costelas voltou a doer. Lágrimas quentes escorreram por baixo de suas pálpebras e se misturaram à água gelada. Por um longo instante, ele ficou pairando no lugar, sem peso. Era como se ele estivesse parado, mas ele devia estar subindo pela água, porque de repente, alguma coisa o acertou em cheio na parte de cima da cabeça, com força o bastante para deixá-lo vendo estrelas prateadas.

Só para piorar: a fonte estava congelada. Quentin começou a raspar freneticamente o gelo sobre ele, e quase deixou o botão cair.

Ninguém tinha pensado naquilo? Será que ele podia se afogar em água mágica? Mas em seguida, seus dedos encontraram uma borda. Eles haviam deixado um buraco aberto no gelo, ele só não tinha percebido.

O buraco estava coberto por uma camada de gelo também, mas fina. Ele a quebrou com um delicioso soco. Foi bom meter a mão em alguma coisa e senti-la se quebrar. Ele quis quebrar aquilo de novo. Ele se espremeu para cima e para fora do buraco – teve que deitar meio sem jeito sobre o gelo escorregadio com a parte de cima do corpo, como uma foca, e então agarrar a borda de pedra da fonte e se puxar por inteiro para fora do buraco. Ele ficou estatelado lá por um instante, arfando e tremendo.

Por um segundo, ele até se esqueceu de tudo o que havia acabado de acontecer. Nada como uma esbarrada com a morte para espantar todos os problemas da sua cabeça. A água mágica já estava evaporando. Seu cabelo havia secado antes mesmo de ele tirar os pés da água.

Não havia ninguém ali. A praça de pedra estava em silêncio. Ele estava meio tonto, e não só por ter batido a cabeça. Tudo aquilo estava desabando sobre ele agora. Ele chegou a achar que sabia como seu futuro iria ser, mas havia se enganado. Sua vida seria muito diferente agora. Ele estava recomeçando sua vida, mas estava sem forças para recomeçar. Ele não sabia nem se iria conseguir se levantar.

Exausto como um velho, ele se jogou para fora da borda da fonte e encostou-se contra a pedra. Ele sempre tinha gostado da Terra Nula – havia

alguma coisa de reconfortante naquele espaço entre mundos. Na Terra Nula, você não estava em lugar nenhum, o que eliminava o fardo de se estar em qualquer lugar específico. Aquele era um lugar ótimo para ficar na fossa. Por mais que, ai meu Deus, Penny provavelmente fosse aparecer flutuando por ali a qualquer minuto.

A Terra Nula havia mudado desde a última vez que ele e Poppy tinham passado por ali. Os prédios continuavam destruídos, e ainda havia um pouco de neve nos cantos da praça, entre as sombras, mas não estava nevando mais. Não estava mais tão frio. A magia realmente havia voltado a fluir: isso estava muito claro ali. As ruínas estavam voltando à vida.

Mas não iriam voltar a ser como antes. Uma brisa morna soprava. Ele nunca tinha sentido aquilo na Terra Nula. Elas sempre estiveram dormindo, mas agora elas estavam acordando.

Quentin estava devastado também. Essa era uma coisa que ele tinha em comum com a Terra Nula. Ele estava se sentindo feito um campo de tundra congelado onde nada crescia e nada nunca voltaria a crescer. Ele havia chegado ao fim de sua jornada, mas isso havia lhe custado todas as coisas e pessoas pelas quais ele tinha feito tudo aquilo. Como em uma equação perfeitamente equilibrada: tudo havia se cancelado. E sem sua coroa, ou seu trono, ou Fillory, ou mesmo seus amigos, Quentin não tinha a mínima ideia de quem ele era.

Mas alguma coisa havia mudado dentro dele também. Ele ainda não tinha entendido bem o que, mas podia sentir isso. De alguma forma, mesmo tendo perdido tudo, ele estava se sentindo como um rei agora mais do que nunca na vida. Não como um rei de fantasia. Aquilo era real. Ele acenou para a praça vazia como costumava acenar para as pessoas da sacada em Fillory.

Lá no alto, as nuvens estavam se abrindo. Ele pôde ver um céu pálido, e o sol começando a sair. Ele nem imaginava que havia um sol ali. O relógio de prata que ele havia ganhado de Eliot estava fazendo seu tique-taque dentro de um bolso do seu melhor sobretudo – aquele com adornos de pérolas e fios de prata –, como um gato ronronando, ou um segundo coração. O ar era frio, mas começava a esquentar, e o chão estava coberto de poças de água derretida. Persistentes raminhos verdes brotavam entre os blocos nas calçadas das praças, abrindo caminho em meio à pedra antiga, apesar de tudo o mais.



© Elena Siebert

Lev Grossman formou-se em Harvard e é doutor em literatura comparada por Yale. Logo percebeu que a carreira de comparar literaturas não era para ele. Em vez disso, passou a escrever regularmente para veículos como *Village Voice*, *Entertainment Weekly*, *Time Out New York*, *Salon* e *The New York Times*. Atualmente, é jornalista e crítico de literatura da revista *Time*. Ele vive no Brooklyn, em Nova York.